



ZINALDO A. SANTOS

DE
CORACÃO
A CORACÃO

MEDITAÇÕES DIÁRIAS

DE
CORACÃO
A CORACÃO

MEDITAÇÕES DIÁRIAS

ZINALDO A. SANTOS

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP
2020

Agradecimentos

A Deus, pela graça a mim revelada, concedendo-me vida, salvação em Cristo Jesus e a vocação pastoral.

À Lenice, minha esposa, “ajudadora idônea” em todos os momentos, todas as circunstâncias e atividades, nestes 45 anos de vida e ministério em comum.

Às minhas filhas Denise, Aline e Évelyn. A feliz expectativa com que acompanharam cada passo deste trabalho foi grande incentivo para mim.

Aos amigos, colegas de ministério, que igualmente muito contribuíram com palavras incentivadoras e sugestões valiosas.



Direitos de tradução e publicação

em língua portuguesa reservados à

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900

Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888

www.cpb.com.br

1ª edição neste formato

Versão 1.0

2019

Coordenação Editorial: Diogo Cavalcanti

Editoração: Wellington Barbosa

Revisão: Adriana Serato e Luciana Gruber

Editor de Arte: Thiago Lobo

Projeto Gráfico: Alexandre Rocha

Capa: Eduardo Olszewski

Imagem Capa: Adobe Stock

Adaptação Digital: Taffarel Toso

Revisão Digital: Elza Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Zinaldo A.
Meditações diárias : de coração a coração [livro eletrônico] / Zinaldo A. Santos. -- Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2020.
4.6 Mb ; ePub

ISBN 978-85-345-2802-3

1. Literatura devocional 2. Meditações 3. Vida cristã 4. Vida espiritual I. Título.

19-29915

CDD-242.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Meditações diárias : Vida cristã : Cristianismo
242.2

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

40746 / 18762

Apresentação

Em um sermão a que assisti no sábado, 13 de janeiro de 2018, ouvi do pregador, pastor Márcio Dias Guarda, a seguinte citação: “Tudo o que começa com a graça leva à glória.” De modo resumido, essa frase nos leva de volta à reflexão sobre o ponto de partida da vida cristã, o meio pelo qual somos sustentados em seu transcurso e conduzidos ao ponto mais alto: a glória celestial.

Houve um momento na vida em que nos tornamos conscientes da graça divina disponível a nós. Por ela fomos alcançados e a ela nos rendemos, dando início a uma jornada rica em experiências. Não podemos dizer que seja uma caminhada fácil. Há desafios ao longo do caminho, propensões e tendências a serem mortificadas, renúncia de alguns planos e “prazeres”. Há disciplinas às quais devemos nos submeter, deveres a cumprir. Nem por isso precisa ser uma caminhada angustiante. É intensa, mas positiva, exercitadora de fé e confiança. Ellen White lembra que “a vida em Cristo é uma vida de descanso. Pode não haver êxtase de sentimentos, mas deve existir uma confiança constante e tranquila. Sua esperança não está em si mesmo, mas em Cristo. Sua fraqueza está ligada à Sua força; sua ignorância, à Sua sabedoria; sua fragilidade, ao Seu eterno poder. Por isso, não olhe para você mesmo. Não permita que seus pensamentos fiquem centralizados no próprio eu, mas olhe para Cristo. Pense em Seu amor, Sua beleza e na perfeição do Seu caráter” (*Caminho a Cristo*, p. 70).

Diante disso, como duvidar de que, pela graça de Deus, chegaremos vitoriosos à glória? Que seria de nós, não fosse a graça divina? Para onde iríamos? Quanto mais olho para mim, mais apaixonado e agradecido sou pela graça, e não conheço nenhum cristão que tenha razões para minimizar tal sentimento a respeito de si mesmo.

É essa bendita realidade, esperança que se transforma em certeza, que esta meditação diária se propõe a compartilhar e relembrar aos leitores. Trata-se de uma conversa pastoral, de coração a coração, na qual dividimos experiências, expectativas e certezas, e somos abençoados. Cada texto deste devocional foi acompanhado de uma

sincera prece no sentido de que seja um poderoso veículo para glorificação do nome de Deus e bênção para os leitores.

Enquanto, à sombra da graça, trilhamos a jornada cristã até à glória, que o Senhor cumpra Seus propósitos em nossa vida!

Zinaldo A. Santos

Janeiro

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sáb

1 2 3 4

5 6 7 8 9 10 11

12 13 14 15 16 17 18

19 20 21 22 23 24 25

26 27 28 29 30 31

Contagem para a eternidade

*Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio.
Salmo 90:12*

Pela graça de Deus, chegamos a mais um ano. Expectativas são refeitas, propósitos são restabelecidos. Ideais e sonhos ganham novo alento. A vida parece renascer. O que os dias que se seguirão a este têm para nós? Não sabemos, mas Deus sabe e tem tudo sob controle. Isso é suficiente para eliminarmos toda centelha de temor e ansiedade quanto ao amanhã.

Um texto bíblico muito importante para este dia é o Salmo 90. Nele, Moisés apresenta Deus como refúgio diante da instabilidade da vida, realçando a eternidade Dele em contraposição à brevidade da existência humana. Antes do passado mais remoto e além do futuro muito distante, Ele é. Povos e nações mudam. O tempo passa rapidamente, o ser humano envelhece e, como a chama que se apaga a um sopro, extingue-se. Mas Deus permanece imutável. Não pode haver abrigo mais seguro contra as tempestades que, certamente, enfrentaremos.

O transcorrer dos anos nos traz à lembrança a transitoriedade da vida. Para Deus, mil anos são como “a vigília da noite” (v. 4), ou seja, nada mais do que quatro horas. Os seres humanos “são breves como o sono; são como a relva que brota ao amanhecer; germina e brota pela manhã, mas, à tarde, murcha e seca” (v. 5, 6, NVI).

Para nós, isso nada mais é do que uma advertência para que procuremos crescer na graça da semelhança com Jesus, abrigados pela fé no refúgio que é o próprio Salvador. Devemos considerar o quanto nossa vida é curta, para que busquemos o conhecimento de Deus, antes que sejamos chamados ao descanso da morte. Senhor, “ensina-nos a contar os nossos dias”, para que possamos empregar sabiamente o tempo que, por Tua graça, nos concedes! Essa deve ser nossa constante oração. Foi em busca dessa experiência que Moisés orou.

Hoje, a graça divina abre-nos as portas para mais uma fase em nossa

contagem dos dias rumo à eternidade. Se pensarmos que estamos caminhando para o fim da vida, podemos imaginá-la como sendo regressiva. Se tivermos em mente que estamos um ano mais perto do encontro com o Senhor nos ares, podemos considerá-la em termos progressivos. Contar os dias é fundamental para que obtenhamos sabedoria divina a fim de viver cada dia do novo ano. Ela nos fará saltar da graça para a glória eterna. Você e eu precisamos dela.

Agradeça sempre

Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo. E sede agradecidos. Colossenses 3:15

Você pode ter ouvido e falado muito sobre gratidão nos últimos dias, mas refletir sobre essa virtude nunca é demais. Afinal, como afirmou o filósofo romano Cícero, “a gratidão não é apenas a maior das virtudes, mas a mãe de todas elas”. O teólogo Harold H. Rowley chegou a defini-la como o mais religioso dos sentimentos.

De fato, a gratidão nos remete a Deus, sempre incansável em inundar nossa vida com bênçãos preciosas. Não seria exagero afirmar que contribuímos para empobrecer nossa vida pela falta de reconhecimento a Ele. Entre as marcas da depravação do ser humano, relacionadas no primeiro capítulo da carta aos Romanos, Paulo mencionou a falta de reconhecimento (Rm 8:21). “A indisposição de dar graças a Deus por Seu amor e bondade para com os homens é uma das causas da corrupção e da idolatria. A ingratidão endurece o coração e leva as pessoas a se esquecerem Daquele a quem não estão dispostas a expressar gratidão” (*Comentário Bíblico Adventista*, v. 6, p. 522).

De acordo com especialistas da Medicina, a gratidão aprimora a saúde cardíaca, melhora o otimismo, o humor, a qualidade do sono, a autoestima e os relacionamentos.

Gratidão é um tema importante nos Salmos e em outras partes das Escrituras. Uma delas é o texto de hoje: “sede agradecidos” (do grego *eucharistos*, que significa “cheio de gratidão”). E mais: “Em tudo dai graças” (1Ts 5:18), indicando que a gratidão é uma virtude a ser mantida tanto nos dias bons como nas tempestades da vida. Nesse caso, devemos agradecer pelas lições e experiências então adquiridas.

Muitos têm experimentado a paz decorrente da gratidão. Depois de visitar pontos turísticos da ilha de Trinidad e Tobago, um grupo de cristãos norte-americanos foi a um leprosário para um culto. Depois de cantarem alguns hinos, ele ofereceu aos participantes a oportunidade de sugerir um cântico. Foi então que uma pessoa

sentada no último banco, de costas para a plataforma e com a cabeça coberta, virou-se e ergueu a mão. Era uma senhora que já não tinha nariz nem lábio superior. Com os dentes à mostra, balbuciou algumas palavras à enfermeira a seu lado, e esta anunciou: “Ela está pedindo que cantemos o hino ‘Conta as bênçãos’” (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 244). Mantendo essa atitude hoje, teremos um dia excelente!

Livres para avançar

Esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo. Filipenses 3:13, 14

Entre os personagens da mitologia grega, estavam Mnemosine e Lete. A primeira era a deusa da memória; a segunda, personificava o esquecimento. Enquanto Mnemosine era mãe das musas que inspiravam poetas, Lete era relacionada ao sono e à morte. Entretanto, esquecer faz parte da vida. Alguém já se referiu ao esquecimento como “um mecanismo de limpeza que ajuda a otimizar o trabalho do cérebro”, livrando-o de lembranças desagradáveis que geralmente nos tornam escravos da angústia. Por outro lado, excessivo apego ao passado de vitórias também pode nos prejudicar, impedindo-nos de avançar para maiores conquistas que ainda estão diante de nós.

Felizmente, Deus nos abençoou com a faculdade de esquecer. O apóstolo Paulo, por exemplo, tanto experimentou sucessos como fracassos. Mas se esqueceu de tudo e escolheu não permitir que isso se tornasse obstáculo ao progresso de sua caminhada cristã. De fato, podemos decidir que nenhuma lembrança que nos entristeça hoje, nada que detenha ou dificulte a jornada seja acariciado em nossa mente.

No livro *O Seu Problema É Você Mesmo*, Roy. Smith conta a experiência do bispo metodista Samuel Fallows que, certa noite, saiu desanimado da igreja. Uma reunião de comissão havia sido muito difícil. Ao chegar em casa, sua esposa percebeu que algo não estava bem. O bispo a cumprimentou carinhosamente, mas, recusando o costumeiro copo de leite quente com que ela sempre o recebia, contou-lhe o ocorrido e foi direto para o quarto. Preocupada, a Sra. Fallows não conseguiu dormir durante boa parte da noite. Ao amanhecer, vendo que ele não estava na cama, procurou-o pela casa a fim de aconselhá-lo e reanimá-lo. Ouviu, então, o barulho dos aparelhos de ginástica e o som de alguém cantarolando o hino “Manancial de Toda Bênção” (*Hinário Adventista Sétimo Dia*, nº 214).

“Samuel!”, ela questionou, “e a reunião da comissão?”

“Reunião da comissão? Que há com ela?”, respondeu o bispo Fallows, ao que a esposa replicou: “Deve ter sido terrível; pensei que fosse descansar mais um pouco hoje.” “Oh, querida”, disse o esposo, “isso foi ontem! Hoje é um novo dia!”

Então, livres e em paz, vamos à luta!

Tempo de adorar

“Adorai o SENHOR na beleza da Sua santidade.” 1 Crônicas 16:29

Ao ser interpelado pela mulher samaritana (Jo 4:19-24), Jesus deixou claro que a verdadeira adoração é um encontro do ser humano com Deus. Vai muito além dos locais e dos rituais construídos pelo homem. É uma experiência pessoal e direta. Não se trata de ritual nem de formalismo, mas de uma experiência vital, que implica relacionamento próximo. Por seu intermédio, a criatura e o Criador, o finito e o Infinito, se unem com laços fortes.

Adoração é reconhecimento. Por meio dela obtém-se um conceito correto de quem é Deus e do que Ele representa: santidade, dignidade, majestade e poder. Assim Ele é reverenciado, exaltado, honrado e enaltecido por ser “o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, O qual tem o nome de Santo” (Is 57:15). Desse modo, adquirimos a clara compreensão de que o Senhor é digno de “receber a glória, a honra e o poder”, porque criou “todas as coisas.” Por Sua vontade elas “vieram a existir e foram criadas” (Ap 4:11).

Adoração é também companheirismo com Deus. “Ele Se revela e Se comunica com o adorador. Esse exercício [...] tem duas vias, de endereçar e receber. Deus fala [...] e nós ouvimos. Deus age porque em Cristo tem agido decisivamente; nós aceitamos e damos” (Horne Silva, *Culto e Adoração*, p. 15). E, assim, Lhe respondemos tributando devoção e fervor, em uma combinação de respeito e amor. Deus como Criador inspira respeito. Como Redentor, inspira amor. É assim que O adoramos em espírito e em verdade.

Finalmente, a verdadeira adoração é serviço. Seu propósito principal não é apenas tornar o ser humano um receptor das bênçãos de Deus, mas levá-lo a prestar tributo a Ele, oferecendo seus dons ao Criador com fé sincera e total obediência. Devemos oferecer “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (1Pe 2:5). Por isso, oferecemos a Ele nossa vida. A expressão mais elevada do serviço como adoração é a entrega do próprio ser, a apresentação do

nosso corpo “por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12:1). No entanto, a verdadeira adoração não está completa com a entrega da nossa vida ao Senhor, a menos que sirvamos a nosso semelhante. Este é mais um dia em que podemos adorar ao Senhor, servir a Ele e a nosso próximo.

A teologia da renúncia

Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me. Marcos 8:34

Em 5 de janeiro de 1980, fui ordenado ao ministério pastoral. A cerimônia, realizada no Instituto Petropolitano Adventista de Ensino, em Petrópolis, RJ, teve como pregador o pastor José Cândido Bessa Filho, então secretário ministerial da Igreja Adventista na América do Sul. Seu sermão, sob o título dado à reflexão de hoje, foi emoldurado pelo quarteto Arautos do Rei, que cantou o hino “Na senda do Calvário” (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 66). Naquela ocasião, as mensagens cantada e falada invadiram e impregnaram cada fibra de meu ser. Deus me mostrou em cores nítidas o verdadeiro sentido do ministério pastoral e da vida cristã: serviço desinteressado, sem exigências ou expectativas de reconhecimento humano nem recompensas terrestres de qualquer natureza; renúncia ao eu com todos os seus caprichos. Ou seja, tomar a cruz de Cristo e seguir os passos Dele.

Independentemente de nossas origens, antecedentes familiares, idade, tempo de filiação à igreja, ocupação ou condição social, há um ponto no qual, como pecadores, todos nos igualamos: o anseio por primazia, fama, recompensa e reconhecimento humano. Isso está presente em muitas coisas realizadas no dia a dia, quando silenciosamente nos perguntamos, ao ser confrontados com algum dever: “Que recompensa terei?” Ou ainda: “Que dirão as pessoas a meu respeito?” Esse modo de pensar é perigoso. Ele implica motivação pela vaidade, pelo egoísmo e o orgulho, este descrito como “o que menos esperança incute, e o mais irremediável” (Ellen White, *Parábolas de Jesus*, p. 154). Por isso mesmo, pode nos custar a vida eterna. A única medida eficaz contra essa mentalidade é a crucifixão do eu. “Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue.”

É possível que hoje, diante de alguma provação, o inimigo nos apresente o mundo e suas glórias como sendo mais compensadores do

que o caminho de Cristo. Ou, tendo realizado alguma coisa em favor Dele, da igreja e do semelhante, esperemos recompensa e reconhecimento, sem que ninguém apareça para nos iluminar com holofotes. Nas duas situações, ouçamos Cristo dizer: “Deixei o trono e a glória, / deixei do Céu a luz, / e Minhas mãos pregaram sobre uma rude cruz; / Com tua mão na Minha, sigamos, pois, assim; / Ó, toma a cruz e segue junto a Mim.”

Graça

Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça. Romanos 5:20, NVI

Revelação redentora do amor de Deus, em Jesus Cristo, pela humanidade, a graça dispensa complementos. Pela graça, Deus aceita o inaceitável, toca o intocável. Leva-O a Se tornar amigo dos sem amigos, capacitar os fracos e preencher a vida vazia. Philip Yancey disse que ela é “nossa última palavra perfeita”, pois “contém uma essência do evangelho como uma gota de água pode conter a imagem do sol. O mundo tem sede de graça em situações que nem a reconhece [...]. Para uma sociedade que parece estar à deriva, sem amarras, não sei de lugar melhor para lançar uma âncora de fé” (*Maravilhosa Graça*, p. 11).

Escrevendo aos cristãos de Roma, Paulo expôs o fato de que a graça divina sempre excederá a força e a quantidade do pecado. Ao mesmo tempo em que mencionou a entrada do pecado no mundo e a condenação desse pecado pela lei, o apóstolo realçou a supremacia da graça com que Deus enfrenta o problema da iniquidade humana. Ela nos foi franqueada em Cristo Jesus.

Em nossos esforços humanos para descrever a excelência da graça não temos chegado nem mesmo a tocá-la com a ponta dos dedos. Ela brilhou nos olhos do Salvador sobre a cruz. Gotejou de Suas feridas. Foi ouvida de Seus lábios trementes enquanto orava: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34) e na certeza de que a missão estava cumprida: “Está consumado!” (Jo 19:30). A graça vai em busca do mais vil pecador e o conquista para o reino da glória! Graça que intercede por nós diante de Deus. Ela nos capacita para viver em santificação (Rm 6).

A graça é suficiente para tudo em nossa experiência cristã. Disse Paulo: “Pela graça de Deus, sou o que sou” (1Co 15:10). É por meio dela que somos perdoados e salvos, sustentados e fortalecidos na jornada cristã. A graça nos faz erguer a cabeça quando tudo nos parece perdido. À parte da graça, nada existe suficientemente capaz de nos fazer

suportar ou dissipar totalmente a dor causada pelas feridas que o pecado nos causou. Ninguém é tão indigno que esteja fora de seu alcance. De fato, o único obstáculo à graça não é o pecado, mas a atitude do pecador em não querer aceitá-la.

Com nossas carências espirituais, podemos nos aproximar livremente, buscar e receber graça, conforme disse alguém, “como se segurássemos uma xícara diante de uma cachoeira”.

Celebremos a graça! Ela será nosso cântico pelos séculos da eternidade.

Tempo de ser santo

Visto que todas essas coisas não de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade. 2 Pedro 3:11

Tendo como destinatários aqueles que “obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 1:1), a segunda carta de Pedro provavelmente tenha sido escrita em Roma, aproximadamente em 67 d.C., pouco antes do martírio do apóstolo. O tema, semelhante ao da primeira carta, é de cunho pastoral. Pedro exorta seus leitores a continuar crescendo na graça e no conhecimento espiritual, a fim de cumprirem o propósito de Deus por meio de seu chamado e vocação.

No primeiro capítulo, ele procura animá-los, mencionando sua experiência pessoal e a segurança da palavra profética. No segundo, adverte contra os falsos mestres. No último capítulo, depois de falar sobre a rejeição da promessa da segunda vinda por parte dos críticos de seu tempo, conclui reafirmando a certeza da concretização dessa promessa e o conselho para que os leitores estejam preparados.

Nosso texto de hoje é um convite à reflexão. Uma vez que o pecado será totalmente destruído, é necessário que os cristãos sejam diligentes em permitir que Cristo elimine todo rastro pecaminoso de sua vida. A expectativa da vinda do Senhor deve inspirar os fiéis a uma vida santa.

Como sábio pastor, Pedro conclama seus leitores a refletir sobre o fato de que o caráter é a única coisa a ser levada deste mundo. Moldá-lo segundo a vontade do Senhor deve ser nossa prioridade. Santidade de vida, glorificação a Deus e serviço ao semelhante são qualidades que devem caracterizar nossa experiência, em contraste com a vaidade pessoal, o descaso para com os assuntos sagrados e a indiferença em relação à proximidade do fim.

Se o conselho de Pedro era oportuno em seus dias, é muito mais válido agora, diante da iminência da vinda de Jesus. É nesse ponto que ouvimos o eco do pensamento de Paulo: “Portanto, vejam

prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus” (Ef 5:15, 16).

A expressão “remir o tempo” implica “aproveitar as oportunidades”. Não temos direito a um viver banal, conformando-nos com uma experiência cristã superficial. Nossa salvação está em jogo. Não podemos desperdiçar tempo nem negligenciar os recursos que a Onipotência coloca à nossa disposição a fim de que nos preparemos para estar com Cristo eternamente.

O discípulo amado

Então, Pedro, voltando-se, viu que também O ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus. João 21:20

A referência a João como “o discípulo a quem Jesus amava” ou “o discípulo amado” aparece quatro vezes no evangelho que leva seu nome (Jo 13:23; 19:26; 20:2; 21:20). Foi dessa maneira que o apóstolo escolheu identificar-se. Por quê? Acaso teria ele alguma indicação de que o Mestre o amava mais do que aos outros discípulos? Sabemos que em Jesus não há favoritismos. Contudo, João era mais propenso a maior proximidade com o Mestre, e isso o levava a sentir mais intensamente Seu amor. Segundo Ellen White, “João, o discípulo amado, mais que todos os seus companheiros, entregou-se à influência daquela maravilhosa existência” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 250).

A relação de cada discípulo com o Senhor foi resultado da escolha deles. O lugar de João, ao peito de Jesus, estava disponível a todos, assim como está disponível a qualquer pessoa que o desejar ardentemente. Isto devemos ter sempre em mente: Se O desejarmos e buscarmos como o bem infinitamente mais precioso da vida, nós O teremos. Se nada nem mais ninguém sobrepujá-Lo em nossas prioridades, Ele será nosso e nós seremos Dele. A intimidade com Jesus nos transmite a confiança de que Ele tem os melhores pensamentos a nosso respeito (Jr 29:11). Escolher viver perto de Cristo significa estar no ponto em que Ele pode transformar nosso caráter. Foi assim que João deixou de ser o explosivo “filho do trovão” para ser o apóstolo do amor.

“O próprio João, que conviveu mais próximo Daquele que é manso e humilde, não era naturalmente manso e submisso. [...] Gênio forte, vingança, espírito de crítica – tudo isso havia no discípulo amado. [...] Contudo, dia a dia, em contraste com seu temperamento impetuoso, contemplava a ternura e longanimidade de Jesus e aprendia Suas

lições de humildade e paciência. Abriu o coração à influência divina e tornou-se não somente ouvinte, mas também praticante das palavras do Mestre” (ibid., p. 295, 296).

Ser um discípulo amado é escolher andar com Deus, em comunhão ininterrupta, compartilhando com Ele os primeiros e os últimos pensamentos do dia, e também aqueles pensamentos que nos surpreendem no meio da noite. Ser um discípulo amado é escolher interagir com Alguém que, embora não possamos ver, sabemos que está a nosso lado. Essa experiência está a seu alcance.

Jesus Cristo é o Senhor

Pelo que Deus também O exaltou sobremaneira e Lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que [...] toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor. Filipenses 2:9-11

Jesus deixou a glória que tinha com o Pai, limitou-Se ao espaço do útero de uma virgem, nasceu em Belém, viveu perfeitamente e morreu vicariamente na cruz. Foi sepultado e ressuscitou vitorioso. Ascendeu ao Céu para ocupar Seu trono glorioso, onde “Deus O exaltou sobremaneira e Lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que [...] toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor”.

A mensagem de que Jesus é Senhor é uma das mais importantes em relação à experiência cristã, porque onde o senhorio de Cristo for realidade, todos os demais requerimentos da vida espiritual serão cumpridos espontaneamente. Professar tê-Lo aceito como Salvador e relutar em se entregar completamente a Ele como Senhor não condiz com o que a Bíblia chama de conversão, além de redundar em desânimo, desespero e fracasso na vida cristã.

Dizer que Jesus é o Senhor de nossa vida significa que Ele é soberano de tudo o que somos e temos. “A menos que Cristo seja Senhor de tudo, não será Senhor de nada”, disse alguém. Somos chamados a nos submeter inteiramente à Sua soberania. Jesus deseja, e precisa, ser Senhor dos aspectos particulares, íntimos, invisíveis, bem como dos aspectos exteriores, públicos e visíveis de nossa vida.

É em nossa mente que pensamos, sentimos, sonhamos, planejamos, escolhemos e decidimos. As grandes batalhas da vida são travadas nesse âmbito. Se Cristo reinar aí, Sua vontade será refletida na vida exterior, naquilo que vemos, ouvimos, falamos, fazemos, aonde vamos, como nos conduzimos e nos relacionamos no lar, na escola, no trabalho, na vizinhança, bem como no modo como administramos nossos recursos e tempo, cumprindo nossas responsabilidades.

Dizer que Jesus é o Senhor da nossa vida implica entrega total e absoluta. E junto a isso está a compreensão do Seu direito de

propriedade sobre nós (2Co 6:19, 20). Não somos de nós mesmos. Fomos comprados por preço, pertencemos a Cristo. Faremos o que Ele nos ordenar; daremos o que Ele nos pedir. Iremos aonde Ele nos mandar, lembrando que nosso crescimento espiritual é diretamente proporcional à obediência à Sua Palavra.

A vida plena que Cristo deseja para Seus filhos requer que morramos para nós mesmos e ressuscitemos para Ele a cada instante. Que essa seja nossa experiência neste dia.

Para viver mais

Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? Mateus 6:27

Peter Marshall (1902-1949) contava em um de seus sermões a história de um homem que costumava ir à cidade vender produtos que cultivava em suas terras. Um filho sempre o acompanhava. Certa manhã, carregaram o carro de boi e, com o filho exigindo pressa, começaram a viagem. Ele queria chegar com tempo suficiente para aproveitar melhor as oportunidades de venda. Pedindo calma, o velho esticou-se na carroça, protegeu o rosto com um chapéu e começou a cochilar.

Poucos quilômetros depois, pararam em uma casinha. “Vamos apenas dizer ‘bom-dia’ a seu tio. Moramos perto e raramente nos encontramos”, disse o pai. Depois de uma longa conversa, o homem tomou a direção da carroça, enquanto o filho descansava. Adiante, em uma encruzilhada, rumou em direção à esquerda. “Pai, você sabe que o caminho da direita é mais curto; já perdemos muito tempo”, disse o filho. O pai respondeu: “Mas o da esquerda é mais bonito.”

A noite os alcançou em um lugar que parecia um jardim. “Vamos dormir aqui”, sugeriu o pai. “Dormir?! Pai, estamos perdendo tempo, você parece mais interessado em olhar flores do que em ganhar dinheiro!”, protestou o rapaz. “Obrigado, filho. Esta é a coisa mais bela que você me disse hoje. Tenha calma, você viverá mais”, respondeu o pai. No dia seguinte, ao reiniciar a viagem, encontraram um fazendeiro tentando tirar o carro de um buraco. Sob protestos do filho, o homem disse: “Vamos ajudá-lo. Quem sabe, um dia poderemos estar na mesma situação.” Findo o trabalho, avançaram mais um pouco e, perto da cidade, ouviram um estrondo que pareceu ser um forte trovão. Seguiram-se um intenso clarão e uma imensa nuvem negra. “Chegaremos à cidade debaixo de chuva”, disse o pai, enquanto o filho retrucava: “Perdemos muito tempo.” Novamente o pai aconselhou: “Filho, tenha calma; você viverá mais.”

Finalmente, chegaram ao topo de um morro e, perplexos, olharam por alguns minutos a cidade. Depois, redirecionando a carroça, retomaram o caminho de casa, deixando para trás Hiroshima, devastada por uma bomba atômica. Então, o filho disse: “É verdade, pai. Viveremos mais.”

Ouçá o conselho de Jesus: “Não andeis ansiosos pela vossa vida” (Mt 6:25). A ansiedade não resolve problemas. Ao contrário, traz prejuízos mentais, emocionais e físicos. Para viver mais e melhor, deixe suas preocupações no lugar certo: “Lançando sobre Ele [Deus] toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós” (1Pe 5:7).

Garantia de vitória

Ora, Àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da Sua glória. Judas 24

Conheci o irmão Geovani em Salvador, BA. Assíduo e pontual aos cultos, parece-me ainda vê-lo sentado junto à esposa, no segundo banco, à direita do pregador. Tinha presença marcante nas atividades missionárias e conhecia muitas profecias bíblicas. Observador perspicaz, tinha sempre uma boa sugestão para melhorar detalhes das programações. Só não era membro batizado da igreja. “Não quero fazer como muitos fazem. Só darei esse passo quando me sentir cem por cento preparado”, dizia. Muito exigente consigo mesmo, desejava a perfeição e lutava por isso. O tímido e raro sorriso, embora tivesse conversa agradável, denunciava que a vida religiosa lhe parecia um fardo.

Certo dia, após o sermão, enquanto despedia os fiéis à porta, notei que Geovani permaneceu a meu lado. Esperou o último cumprimento. Virei-me em sua direção e, com os olhos lacrimosos, ele me perguntou: “Então a vida cristã é o que o senhor falou hoje?” Respondi-lhe: “Sim.” “Para ser um cristão, eu só preciso fazer o que foi ensinado hoje?” Novamente, respondi: “Sim”, e acrescentei: “Simplesmente se entregue. Confie. Ande com Deus em oração, e deixe que Ele, por Seu poder, o transforme.” Com lágrimas deslizando pela face robusta, voz entrecortada, ele disse: “Serei batizado em qualquer dia que lhe for possível.” E assim aconteceu, uma semana depois.

Naquele dia, preguei sobre o texto de hoje, que resume o ensinamento da justificação pela fé. Para nossa salvação, o que importa não é o que podemos fazer, mas o que Deus é capaz de realizar em nós e por nós. Esse é o segredo da vitória. Muitos não têm vivido a plenitude da vida cristã por não entenderem isso. Tentam vencer sozinhos por meio dos próprios méritos e colhem apenas frustrações.

A mensagem de Judas nos apresenta um Deus amoroso que

despende todo Seu ilimitado poder em favor de Seus filhos. Somos fracos, porém, Ele é poderoso para nos guardar de tropeços e nos apresentar imaculados, com exultação, na glória. Sim! Ele completará a boa obra que agora realiza em nós (Fp 1:6).

Tempos depois, trabalhando em outra região, vi na *Revista Adventista* uma nota que informava o falecimento do irmão Geovani. Pensei: Este verdadeiramente descansou em Jesus.

Há muitos “Geovanis” por aí. Em vez de olhar para si mesmos, fixem o olhar Naquele “que é poderoso para nos guardar de tropeços e apresentar-nos, com exultação, imaculados” em Sua glória.

Prova na floresta

Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com os que vão a cavalo? Se em terra de paz não te sentes seguro, que farás na floresta do Jordão? Jeremias 12:5

Reconhecendo que o Senhor é justo em todos os Seus atos, Jeremias inicia o capítulo 12 de seu livro apresentando a Deus uma queixa: “Por que prospera o caminho dos perversos, e vivem em paz todos os que procedem perfidamente?” (Jr 12:1). Essa aparente injustiça era experimentada pelo profeta em seu ministério, muitas vezes combatido pela malícia dos adversários. Muito provavelmente, ele tinha em mente inimigos pessoais que o observavam, desejando destruí-lo. Eram inimigos cuja vida estampava a hipocrisia (v. 2), em contraste com a sinceridade do profeta.

A preocupação do mensageiro de Deus não ficou sem resposta. Nela, Deus compara as provas de Jeremias a uma corrida com homens. Se encontrava dificuldades em tal competição, como seria ao ter de correr com cavalos, aqui simbolizando maiores desafios? Se temia uma situação relativamente tranquila do presente, que faria ele, caso tivesse de atravessar a floresta do Jordão, que era repleta de leões? A única coisa que o profeta deveria fazer era se preparar para as provas bem maiores que o aguardavam no futuro.

A lição continua atual: Se somos vencidos pelas menores provações diárias, se não resistimos firmemente às tentações cotidianas, como enfrentaremos os maiores desafios da vida e as grandes crises futuras? Se não temos forças para vencer as atuais tribulações, acaso permaneceremos de pé, em meio à grande tribulação qual nunca houve, profeticamente localizada no futuro? Se falhamos em encarar as situações de nossos dias com fé e confiança, como nos será possível atravessar o tempo de angústia?

Não deveríamos desperdiçar tempo em lamentar as pequenas e corriqueiras coisas da vida. Deus está no controle de todas as situações. Lamentos repetidos se tornam um vício. Então passamos a

ver apenas o lado negativo da vida, damos dimensão exagerada a seus males e desenvolvemos a tendência de julgar tudo desagradável. Não falemos em decepções, tristezas ou dificuldades. Falemos em força, não em fraqueza. Confiemos em Deus e vivamos a plenitude da vida!

O Senhor nos fala hoje, comunicando-nos a certeza de que podemos contar com Ele em qualquer ocasião, circunstância e lugar: “Não temas, porque Eu sou contigo; não te assombres, porque Eu sou o teu Deus; Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a Minha destra fiel” (Is 41:10).

O Deus que esquece

Eu, Eu mesmo, sou O que apago as tuas transgressões por amor de Mim, e dos teus pecados não Me lembro. Isaías 43:25

Parece que algumas pessoas têm uma forma no mínimo estranha de tratar o pecado. Primeiramente, são apanhadas em suas armadilhas e se tornam vítimas dele. Depois, mesmo tendo sido assegurado a elas o perdão, torturam-se com a lembrança da ofensa causada a Deus ou ao semelhante. Infelizmente, também existem pessoas que contribuem para essa condição, insistindo em tratar o transgressor perdoado conforme o pecado cometido. Não importa quanto tempo tenha passado, nenhuma referência a ele é feita sem que esteja acompanhada do estigma “caído” na lembrança ou em sutis comentários.

Para alguns, o texto de hoje é como uma joia cintilante do perdão, realçada sobre o fundo preto do mostruário das lembranças acusadoras. No livro *Passaporte Para a Vida*, Alejandro Bullón afirma: “A culpa torna você um ser solitário, escondido dentro de seus próprios pesadelos, condenado por si mesmo a perambular no cárcere dos seus próprios fantasmas. Em outros casos, o transforma num ser agressivo, incapaz de fazer amigos, egoísta, orgulhoso apenas para disfarçar e ocultar a criança tímida e amedrontada que tenta esconder-se no seu mundo interior” (p. 61).

Contudo, Deus promete: “Apago as tuas transgressões por amor de Mim, e dos teus pecados não Me lembro”. Inicialmente dirigida ao povo de Israel, na tentativa de reconquistá-lo em mais um de seus desvios, a garantia divina também é para mim e para você. Descansando nela, não precisamos sofrer sob as insinuações do acusador. Em Cristo, vivemos em segurança, sem hesitações. “Ao se entregar a Ele, [...] será considerado justo, não importa o quanto sua vida possa ter sido pecaminosa. O caráter de Cristo substituirá seu caráter, e você será aceito diante de Deus como se não tivesse pecado” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 62).

O profeta Miquéias afirmou: “Quem, ó Deus, é semelhante a Ti, que perdoas a iniquidade e Te esqueces da transgressão do restante da Tua herança? O SENHOR não retém a Sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia. Tornará a ter compaixão de nós; pisará aos pés as nossas iniquidades, e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar” (Mq 7:18, 19). Nada existe comparável à paz advinda dessa certeza. Experimentando-a, você e eu podemos desfrutar a plenitude da vida cristã.

Errou, arrependeu-se e confessou? O perdão está garantido.

Tentado como nós

Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-Se das nossas fraquezas; antes, Ele foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Hebreus 4:15

Como deveríamos entender o fato de que Cristo “foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança”? Tendo vivido em outro tempo, em uma cultura diferente, Ele não enfrentou tentações semelhantes às que encontramos hoje em cada esquina, ou que nos são acessíveis ao alcance dos dedos, por exemplo. Sendo uma figura masculina, também não foi assaltado por tentações próprias das mulheres. Para entendermos essa declaração bíblica, uma reflexão sobre Mateus 4:1 a 11 pode nos ajudar.

Esse texto expõe um quadro dos ataques satânicos que Cristo sofreu no deserto, logo após Seu batismo. Com base nesse trecho, entendemos o objetivo e a estratégia que o inimigo utiliza ao tentar todo filho de Deus. Seu objetivo é nos levar a agir à parte da vontade divina, afastando-nos do plano de salvação estabelecido para nós. A estratégia consiste em satisfazer desejos e necessidades legítimos, criados por Deus para proporcionar alegria e prazer à vida humana, de modo distorcido.

Na primeira tentação (v. 3), Cristo foi desafiado a transformar pedras em pães. Depois de jejuar 40 dias e 40 noites, Ele estava “fraco e emagrecido pela fome, cansado pela angústia mental” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 118). Faminto, necessitava de alimento. Porém, não ao arbítrio de Satanás.

Nesse texto, pão representa tudo o que nutre, é prazeroso e satisfaz as necessidades físicas. Pode ser comida, bebida, vida sexual, entre outras coisas. Cedemos a Satanás quando atendemos a seus apelos para satisfazer essas necessidades fora do plano de Deus. Caso Jesus tivesse atendido à proposta do inimigo, estaria pecando. Primeiro, por utilizar Seu poder divino em benefício próprio, o que era contrário à Sua missão. Em segundo lugar, por agir independentemente do plano

divino para Sua vida.

O propósito e a estratégia que Satanás empregou ao tentar Jesus continuam sendo os mesmos. É nesse sentido que o Mestre “foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança.” Entretanto, em Sua vida, Deus era prioridade absoluta, assim como deve ser na nossa. Hoje, o inimigo continuará generoso em nos oferecer oportunidades de satisfação pecaminosa. A exemplo de Jesus, devemos permanecer firmes em nossa lealdade ao Pai e à Sua Palavra. Deus é nosso refúgio. Nele podemos nos abrigar contra os ataques do maligno.

“Se és o Filho de Deus”

Então, o diabo O levou à Cidade Santa, colocou-O sobre o pináculo do templo e Lhe disse: Se és o Filho de Deus, atira-Te abaixo, porque está escrito: Aos Seus anjos ordenará a Teu respeito que Te guardem. Mateus 4:5, 6

É possível perceber que a segunda tentação de Cristo envolve um desafio relacionado com a preservação da dignidade pessoal. Todos os dias, de muitas formas, somos incentivados a provar que somos alguém ou alguma coisa; que podemos ter ou fazer coisas importantes. Tudo isso representa um apelo à satisfação do valor pessoal, comum a todos os seres humanos.

Então seria errado lutarmos pela preservação da nossa dignidade? Não totalmente. É verdade que, por falta de valorização pessoal, muitas pessoas se tornam emocionalmente desestruturadas, desenvolvendo uma personalidade marcada por insegurança e desequilíbrio. Afinal, quem é feliz se sentindo “um zero à esquerda”? Entretanto, precisamos ser vigilantes. O limite entre autoestima e presunção é muito tênue. Desconhecendo esse limite, muitas pessoas lançam mão de qualquer arma em sua tentativa de “ocupar espaço”, agindo sob a filosofia de que “os fins justificam os meios”.

Firmemente protegido pela Palavra, Cristo resistiu a mais essa investida diabólica. “O tentador pensava em se aproveitar da humanidade de Cristo e O instigou à soberba. Mas, embora Satanás possa incitar, não pode forçar ninguém a pecar. [...] Nem todo o poder da Terra ou do inferno conseguiria forçá-Lo no mínimo que fosse a Se afastar da vontade de Seu Pai” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 125).

É interessante notar que o inimigo citou parte de uma passagem bíblica para apoiar suas intenções: “Porque aos Seus anjos dará ordens a Teu respeito, para que Te guardem”, omitindo, porém, a conclusão do verso: “em todos os Teus caminhos” (Sl 91:11). Ou seja, estaremos guardados sempre que permanecermos em todos os caminhos traçados por Deus, não agindo presunçosamente em favor da

satisfação de interesses pessoais.

Este é o exemplo que nos é proposto seguir neste dia: Deus e Seus planos, como o padrão de nossa conduta. A suprema dignidade a ser buscada por um filho de Deus é a que foi experimentada por Paulo: “Não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20). Cristo é o verdadeiro valor que podemos adquirir; é a mais excelente dignidade que devemos ter, em favor da qual devemos argumentar e pela qual devemos dar a vida. Ele Se encarregará de cuidar de tudo o mais que diga respeito à nossa felicidade, afirmação e realização pessoal.

“Tudo Te darei”

Levou-O ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e Lhe disse: Tudo isto Te darei se, prostrado, me adorares. Mateus 4:8, 9

Quer estejamos envolvidos na corrida em busca de realizações materiais, sociais ou intelectuais, o anseio por conquistas reside no íntimo de todos nós. É algo natural, implantado por Deus, e não é pecado empregar o melhor de nossos talentos e habilidades em busca da satisfação desse desejo.

Há, porém, perigos em relação aos quais precisamos ficar atentos. Por exemplo: Qual é o propósito de nossas realizações materiais, sociais ou intelectuais? Que métodos estamos utilizando ao buscá-las? Quando empreendida com motivações egoístas, a correria por conquistas acaba levando o ser humano a atalhos perigosos, como o que Satanás propôs a Cristo na terceira tentação. Foi como se o inimigo Lhe dissesse: “Você veio conquistar o mundo. Está aqui com esse propósito. Mas o caminho será extremamente difícil. Haverá rejeição, sofrimento, dor, morte e cruz. Eu tenho um atalho que facilitará as coisas: prostre-Se diante de mim e me adore.” Contudo, esse não era o plano de Deus, e Cristo jamais faria isso. Enfrentou rejeição, sofrimento, dor, morte, cruz e sepultura, mas não cedeu.

É justamente no anseio por conquistas que muitos escolhem atalhos perigosos: corrompem ou se deixam corromper; fraudam exames, mentem, agem desonestamente, “puxam o tapete” de alguém, desviando-se do caminho árduo e trabalhoso que leva a conquistas dignas e abençoadas por Deus.

Dentro da submissão à Sua vontade e a Seu plano para nós, bem como da obediência aos princípios cristãos de conduta, o Senhor não impôs limites a nosso desejo de conquista. Oportunidades se abrirão para nós neste dia. Mas tenha cuidado! Em cada uma delas, Satanás estará à espreita.

“Essa luta se repete em cada coração. [...] As sedutoras sugestões a

que Cristo resistiu são as mesmas que achamos tão difícil vencer. [...] Cristo suportou a prova quanto ao apetite, amor ao mundo e à ostentação que induz à soberba” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 116). Com Sua ajuda, também podemos vencer. “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1Co 10:13).

Aroma salvador

Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida. 2 Coríntios 2:15, 16

Tendo origem com os egípcios, o perfume que, na Idade Média, chegou a ser produto inacessível ao povo comum, aparece nos escritos bíblicos como artigo de uso pessoal, litúrgico e até como expressão de romantismo. Rute se perfumou para o encontro com Boaz (Rt 3:3). O “óleo sagrado para a unção” sacerdotal era finamente perfumado (Êx 30:22-28). No livro de Cântico dos Cânticos, a esposa usa perfume para conquistar seu amado (Ct 5:5) e o chama de “mirra preciosa” (1:13). Jesus foi ungido com perfume (Mc 14:3-9).

No texto de hoje, o apóstolo tem em mente a imagem da marcha triunfal dos exércitos romanos após uma guerra. Ao voltar da batalha, o general vencedor recebia as boas-vindas de autoridades governamentais à entrada da cidade. Então, acontecia o pomposo desfile com os despojos da guerra, incluindo alguns capturados que eram executados na colina do Capitólio. Durante o trajeto, incenso era queimado nas casas e pelas ruas de Roma, inebriando o ambiente.

Há dois aspectos nesse texto dos quais podemos tirar lições preciosas para nossa vida espiritual. Primeiramente, Paulo se descreve como prisioneiro conquistado por Cristo. E não se lamenta. Ser conduzido “em triunfo” como troféu da graça divina é motivo de alegria. De fato, todos nós fomos conquistados por Jesus e Dele somos cativos. O perfume representa o conhecimento de Cristo, difundido por nosso testemunho. Em segundo lugar, Paulo se referiu à prática de queimar incenso para descrever como o Senhor propaga o evangelho por nosso intermédio.

Nesse sentido, somos “o bom perfume de Cristo”, cuja fragrância deve ser notada em todo lugar, por meio de nosso estilo de vida. Ninguém precisa dizer que está usando esse ou aquele perfume. O aroma é sentido, e, quanto mais natural e suave, mais atraente será.

Desse modo, o perfume do conhecimento de Cristo tanto pode ser espalhado por nossas palavras, como também de maneira silenciosa.

Assim como o incenso usado na parada militar romana, o evangelho também provoca reações opostas. Para o exército vencedor e para a multidão que lhe dava as boas-vindas era o perfume da vitória. Para os prisioneiros, porém, era o odor da escravidão e morte. De igual modo, o evangelho suscita vida para os que o aceitam e morte para quem o rejeita.

Que possamos, hoje, inebriar lugares e pessoas com o bom perfume de Cristo!

Espírito da boa convivência

Pareceu bem a Dario constituir sobre o reino a cento e vinte sátrapas, que estivessem por todo o reino; e sobre eles, três presidentes, dos quais Daniel era um, aos quais estes sátrapas dessem conta, para que o rei não sofresse dano. Daniel 6:1, 2

A julgar pelas notícias divulgadas diariamente, as dificuldades enfrentadas pelos governantes do mundo não são apenas causadas pelos opositores, mas explodem nos desvios éticos de seus aliados ou membros da própria equipe. Não é o caso nos aprofundarmos nessas questões aqui, mas é óbvio que governantes inteligentes devem escolher auxiliares que estejam acima de acusações. Dario pelo menos tentou, em Babilônia. Prevenindo-se contra a corrupção, nomeou um grupo de auxiliares confiáveis, entre os quais Daniel, constituindo assim um escalão superior. Eram os presidentes, responsáveis pelas ações dos 120 sátrapas, supervisores regionais com os quais o rei dividia autoridade.

Essa era uma posição de muita responsabilidade. Com quase 80 anos, Daniel não era apenas um ancião respeitado por seu passado. Era superior a todos: “Então, o mesmo Daniel se distinguiu destes presidentes e sátrapas, porque nele havia um espírito excelente; e o rei pensava em estabelecê-lo sobre todo o reino” (v. 3).

Para Deus, o que conta é o caráter. Devido à integridade de Daniel, o Senhor achou por bem tocar o coração do rei, e assim agraciar Seu servo com uma promoção. É interessante notar a referência ao fato de Daniel ser dotado de “um espírito excelente”.

Certamente, ele era movido pelo Espírito Santo, mas a observação aqui é sobre sua atitude para com os que o cercavam. Dotado de “espírito excelente”, era um homem de fácil convivência. Grosseria, autoritarismo, deslealdade, nariz empinado e peito estufado não o descreviam. Tinha caráter nobre.

É significativo que ele não tenha revelado o mínimo sinal de má vontade para com os outros dois homens, também designados

presidentes. Poderia ser tentado a vê-los como concorrentes e tramado a queda de ambos, limpando a estrada de sua ascensão profissional. Aconteceu o contrário: “Então os presidentes e os sátrapas procuravam ocasião para acusar a Daniel a respeito do reino; mas não puderam achá-la, nem culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa” (v. 4).

Foi acusado falsamente, em uma trama bajuladora que levou Dario a emitir o decreto que lançou Daniel na cova dos leões. Em nenhum momento ele se abalou. E Deus o recompensou por sua fidelidade. Como Ele sempre faz.

Palavra de honra

Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação do século. Mateus 28:20

Escocês de Glasgow, onde nasceu em 19 de março de 1813, David Livingstone sentiu, aos 21 anos, o chamado divino para ser missionário. Preparou-se, estudando grego, medicina e teologia, e foi para a África, em 1841. Casando-se quatro anos mais tarde com Mary Moffat, filha de missionários, ele se entregou com dedicação singular à missão de evangelizar aquele continente. Não se deixou intimidar pelos perigos que o rondavam constantemente nem pelo enfraquecimento da própria saúde.

Tempos atrás, em uma palestra impressa, li que na página de seu diário, escrita em 14 de janeiro de 1856, está revelado o segredo da força que o movia: “Senti muita perturbação de espírito, ao saber da possibilidade de ter todos os meus planos para o bem desta grande região e desta população imensa desfeitos pelos selvagens amanhã. Mas li que Jesus disse: ‘É-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Portanto, vão e ensinam todas as nações [...] e eis que estou com vocês todos os dias, até a consumação dos séculos.’ Essa é a palavra de um Cavalheiro da mais estrita e sagrada honra, e assim está o assunto encerrado. Eu não me retirarei furtivamente esta noite, como planejava. Deveria um homem como eu fugir?”

Por ocasião de uma homenagem recebida na Universidade de Glasgow, Livingstone se apresentou debilitado pelas diversas crises de malária e com o braço esquerdo pendendo do ombro sem controle – fruto do ataque de um leão. Então, disse: “Eu volto sem temor e com grande alegria. Querem saber o que me sustentou durante todos esses anos de exílio entre gente cuja língua eu não podia entender, e cuja atitude para comigo era sempre incerta e, com frequência, hostil? Foi isto: ‘estou com vocês, todos os dias’. Nessas palavras eu arrisquei tudo, e elas nunca falharam.”

Nossa lista de desafios é imensa. Alguns deles estão relacionados a

ideais e planos que estabelecemos; outros nos são impostos pela vida ou por consequência do pecado. Graças a Deus, podemos enfrentá-los com serenidade e confiança. Não estamos sozinhos. Ele mesmo prometeu estar conosco, haja o que houver, dosando provas, contrabalançando perdas e ganhos, fortalecendo, animando, ensinando lições que precisamos aprender de cada situação vivida, apontando caminhos seguros e, algumas vezes, soluções até milagrosas. Alguém cuja palavra tem a marca “da mais estrita e sagrada honra” jamais falhará. Confie!

Complexo de gafanhoto

Também vimos ali gigantes [...], e éramos, aos nossos próprios olhos, como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos. Números 13:33

Quando eu era criança, um joguinho bíblico desafiava a memória dos participantes. Alguém lançava o desafio: “Estou pensando em um personagem bíblico cujo nome tem como primeira letra...”, e dizia qualquer letra do alfabeto. O restante do grupo devia adivinhar quem estava no pensamento do desafiante. Às vezes, demorava encontrar a resposta certa. Contudo, não me lembro de ter sido desafiado com o nome destes personagens: Samua, Safate, Jigeal, Palti, Gadiel, Gadi, Amiel, Setur, Nabi e Guel. Você se lembraria de algum deles? Eram príncipes das tribos israelitas que, com outros dois, foram enviados por Moisés como espias à terra prometida. Cumprida a tarefa, eles retornaram, levando provas da excelência da região, mas com um relatório desastroso:

“O povo, porém, que habita nessa terra é poderoso, e as cidades, mui grandes e fortificadas; também vimos ali os filhos de Anaque. Os amalequitas habitam na terra do Neguebe; os heteus, os jebuseus e os amorreus habitam na montanha; os cananeus habitam ao pé do mar e pela ribeira do Jordão. [...] Também vimos ali gigantes (os filhos de Anaque são descendentes de gigantes), e éramos, aos nossos próprios olhos, como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos” (Nm 13:27-33).

Como podiam filhos de Deus se igualarem a gafanhotos diante das dificuldades? Havia obstáculos, mas a dimensão exagerada que lhes foi atribuída era incompreensível. De fato, aquela não era a primeira vez em que os israelitas se viram diante de desafios. Sempre que isso aconteceu, o Senhor estava lá, manifestando Seu poder, realizando milagres, defendendo Sua causa, garantindo a vitória. Não falharia agora.

No mencionado joguinho, as letras “J” de Josué e “C” de Calebe apareciam sempre. Não era difícil acertar. Eles foram duas vozes que

se ergueram em tons mais confiantes. “Então, Calebe fez calar o povo perante Moisés e disse: Eia! Subamos e possuamos a terra, porque, certamente, prevaleceremos contra ela” (Nm 13:30). “A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra muitíssimo boa. Se o SENHOR Se agradar de nós, então, nos fará entrar nessa terra e no-la dará” (Nm 14:7, 8).

A visão confiante faz diferença. Poucos se lembram dos medrosos e hesitantes. Permanecem na lembrança os corajosos e ousados. Existem muitos obstáculos no caminho que nos leva à vitória final. Porém, confiantes em Deus, “certamente prevaleceremos”.

Cidades de refúgio

Disse mais o SENHOR a Josué: “[...] Apartai para vós outros as cidades de refúgio de que vos falei por intermédio de Moisés; para que fuja para ali o homicida que, por engano, matar alguma pessoa sem o querer.” Josué 20:1-

3

Embora não seja raro que algumas pessoas apareçam em público para oferecer perdão a homicidas que tiraram a vida de algum parente, não parece ser tendência geral da sociedade manifestar compaixão para com eles. Talvez seja essa uma forma de expressar indignação com a violência crescente. Contudo, existem leis sob as quais eles devem ser julgados e pagar por seus atos; a saída é esperar que elas sejam aplicadas com justiça.

No Antigo Testamento, homicidas intencionais estavam sob a mira da Lei de Talião: “Olho por olho, dente por dente” (Êx 21:24; ver Nm 35:16-21). Homicidas acidentais tinham à disposição cidades de refúgio, onde eram protegidos “contra o vingador do sangue” (Nm 35:25). Não se tratava de criminosos habituais. Eram pessoas que estavam sob forte tensão, debilitadas emocionalmente pela-experiência vivida. Dariam tudo para voltar o tempo, se pudessem, para apagar o ato involuntariamente cometido. Essa é uma representação perfeita de alguém que comete erros trágicos e se torna escravizado pelo sentimento de culpa, vivendo esmagado por lembranças que precisa e quer apagar da memória.

As Escrituras informam que eram seis essas cidades. Três delas designadas por Moisés: Bezer, Ramote e Golã, do lado oriental do Jordão (Dt 4:41-43), e três estabelecidas por Josué: Quedes, Siquém e Hebrom (Js 20:7), no lado ocidental. A localização delas era parte da estratégia facilitadora do acesso a quem precisasse; estratégia que requeria pavimentação e sinalização das estradas. Depois que o caso fosse julgado na jurisdição do crime, sendo o réu perdoado e absolvido, voltava à proteção das cidades, “até à morte do sumo sacerdote” (Nm 35:25).

Nas cidades de refúgio, vemos um símbolo de Cristo em Seu trato com os pecadores. Por Sua graça, Jesus Se apresenta como suprema “Cidade de Refúgio” a todo transgressor. Nele, todos podem encontrar cura para os males da alma. Se nossa consciência nos acusa, Ele é maior do que a consciência, e nos acolhe, julga, perdoa e restaura. Já não precisamos viver sob a escravidão da culpa. Podemos ter paz.

Hoje, certamente, encontraremos alguém que está procurando a estrada para essa “Cidade de Refúgio” a fim de experimentar segurança e restauração. Um pequeno gesto de misericórdia e bondade, por meio de um sorriso, uma palavra, a mão no ombro, um e-mail, mensagem pelo WhatsApp ou ligação telefônica poderá ser tudo aquilo de que essa pessoa necessita.

A misericórdia de Deus

*As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos,
porque as Suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã.
Grande é a Tua fidelidade. Lamentações 3:22, 23*

Nasce um novo dia! Certamente, o Senhor tem um cálice de bênçãos para nós hoje, ainda que sejamos provados. É mais uma etapa em nossa caminhada para a eternidade que nos aguarda. A que devemos tudo isso?

Aiden Tozer, em seu livro *Mais Perto de Deus*, amplia essa pergunta, sob uma perspectiva futura: “Quando nós atravessarmos os portais da eternidade, qual terá sido a razão pela qual estaremos ali? Quando estivermos às margens do mar ‘como que de vidro’, cantando o cântico da vitória sobre o pecado, a morte e o mal, quem ou o que nos terá dado o direito de nos perfilarmos junto à multidão de salvos? Que credenciais apresentaremos ao nos tornarmos súditos do reino da glória de Deus?”

Tozer responde: “Quando nós, os filhos das trevas, mediante o sangue da eterna aliança, alcançarmos afinal o lar de luz, teremos mil cordas em nossas harpas, mas a mais doce será a que entoar com maior perfeição a misericórdia de Deus” (p. 106). É por causa dela que não somos consumidos.

A misericórdia é um atributo de Deus, fonte infinita e inesgotável de bondade, que O dispõe a nos olhar e aceitar, compadecido de nossa miséria. O Antigo e o Novo Testamentos proclamam a misericórdia divina. O salmista diz: “Muitas, SENHOR, são as Tuas misericórdias” (Sl 119:156). No Salmo 136, ele repete 26 vezes: “Sua misericórdia dura para sempre.”

Nosso texto assegura que as manifestações do amor de Deus são multiformes e jamais acabam. De fato, os versos 22 a 41 são o ápice não apenas do capítulo 3, mas de todo o livro. Neles é revelada a verdade sobre os propósitos e intenções de Deus para com Seu povo. Eles respondem às muitas interrogações que eventualmente surgem,

pois nos deparamos com um Deus que, embora possa castigar, “não aflige nem entristece de bom grado os filhos dos homens” (v. 33).

A experiência de Israel contém 70 anos de cativeiro babilônico, durante o qual a nação parecia abandonada e esquecida. Entretanto, o Senhor estava permitindo essa amarga experiência a fim de revelar a Seu povo a necessidade dele e convencê-lo de que ser fiel a Deus é uma atitude sábia. Nesse processo, garantiu ao povo de Israel o que nos garante hoje: “Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos; mas a Minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da Minha paz não será removida, diz o SENHOR, que Se compadece de ti” (Is 54:10).

O cântico do cativo

Às margens dos rios da Babilônia, nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros que lá havia, pendurávamos as nossas harpas, pois aqueles que nos levaram cativos nos pediam canções.
Salmo 137:1-3

Os sentimentos dos israelitas exilados em Babilônia são intensamente expressados no Salmo 137, chamado por alguns “o cântico do cativo”. Misturam-se sentimentos de tristeza, saudade e desejo de vingança. O fato, porém, é que eles colhiam o resultado de terem se afastado de Deus.

Alguns dos cativos são encontrados aqui, assentados às margens dos rios de Babilônia, remoendo um desgosto que parecia além do que era possível suportar. A dor pela perda de Sião e do templo era indescritível. E os babilônios reagiam à tristeza deles pedindo-lhes que cantassem. Esse era um modo de os captores tripudiarem sobre o sofrimento dos capturados. Nesse caso, a humilhação acentuava-se porque, do ponto de vista do inimigo, representava a ideia de que o Deus dos israelitas era inferior a seus deuses.

No entanto, os cativos se recusaram a cantar, preferindo mergulhar no saudosismo. Se cantassem, teriam mostrado que a presença de Deus não é limitada pela geografia e que nada pode nos separar do Seu amor. Teriam exaltado o verdadeiro Deus em uma terra estranha e hostil.

Peregrinando em uma pátria que não é a nossa, também somos desafiados a cantar o cântico de Sião quando somos confrontados com oportunidades de testemunhar diante de pessoas e situações difíceis. Ou quando precisamos ser otimistas em ocasiões de prova e revés. Sempre há os que preferem pendurar as harpas, mergulhando no silêncio angustiante, entregando-se ao pessimismo. Privam-se de desfrutar o melhor da vida.

Apesar de tudo, podemos cantar, especialmente, se nos lembramos de que outros peregrinos são também provados e encontram razão

para entoar os cânticos de Sião. Depois, precisamos ter em mente que o louvor liberta das tristezas e frustrações. Jesus cantou na noite em que foi traído, enquanto a sombra da cruz pairava mais densa sobre Seu caminho (Mt 26:30). Sim, Ele cantou quando estava prestes a experimentar as agonias do Getsêmani e do Calvário.

O inimigo espera que respondamos às adversidades da vida com queixas e desespero. Contudo, o louvor nos leva à presença de Deus; a recusa em pendurar a harpa produz ânimo e vigor. Cristo Se oferece para formar um dueto melodioso com cada um de nós em meio às lutas deste dia. Ele sabe o que é cantar em uma terra estranha e de sofrimento e nos dará forças para fazer isso.

Retrato de um cristão

Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê. Romanos 1:16

Após uma palestra na qual incentivou um grupo de cristãos a se dedicar às missões estrangeiras, certo pregador foi questionado por um dos ouvintes: “Não entendo por que temos que levar uma nova religião a lugares em que já existem muitas crenças exóticas. Isso não iria aumentar a confusão religiosa?” O missionário respondeu: “Não falei sobre implantar uma religião em algum lugar, mas em levar o evangelho. É pelo evangelho que dou minha vida.”

Esse diálogo traz implícita uma questão que tem se tornado a base do conflito espiritual para muitas pessoas que associam crescimento espiritual à mera prática de dogmas ou obediência a credos religiosos. Devemos estar cientes de que o desenvolvimento espiritual é mais que um esforço para ser bom religioso. Antes e acima de tudo, é uma experiência que se fundamenta numa relação amigável com Jesus Cristo através da fé, o que possibilitará uma vida em crescente santificação, frutífera em atos de amor ao próximo na construção de um caráter nobre.

Não é que a religião em si seja má. Contudo, problemas surgirão sempre que os religiosos a complicarem com ideias próprias. Ela só tem sentido quando vivida à luz do evangelho. Religião (do latim *religare*) pressupõe uma iniciativa humana em busca de Deus; ao passo que o evangelho é iniciativa de Deus para alcançar o homem. Se, por meio da religião, o homem tenta subir a escada da própria justiça, na esperança de se encontrar com Deus no topo; no evangelho, Deus desce a escada da encarnação em Jesus Cristo e Se encontra conosco.

A mera religiosidade tende a realçar a conduta exterior, enquanto o evangelho coloca em primeiro plano a transformação do caráter, que nos levará à prática das boas obras. Aqui, muitos falham em buscar apenas reforma exterior, quando a maior necessidade é de transformação do coração. Como seres humanos, nosso problema

principal é interno. Precisamos de um coração limpo. Precisamos nascer de novo. Precisamos nos tornar novas criaturas em Cristo Jesus, o evangelho personificado. Sem Ele, nada na vida, nem mesmo a própria vida, tem sentido. Com Ele entronizado em nosso coração, não haverá um dever ou requerimento cristão que não seja praticado prazerosamente. Nosso estilo de vida, em todos os seus aspectos, refletirá Seu amor, Sua simplicidade, pureza e santidade.

Que nossa experiência seja a mesma do apóstolo Paulo: “Não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20).

Carga dividida

Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. Gálatas 6:2

O contexto desse conselho é específico quanto ao dever dos cristãos amadurecidos de restaurar irmãos que foram vencidos pelo pecado, compartilhando a carga de sofrimento e vergonha que os esmaga. Afinal, eles mesmos não estão imunes a essa infeliz experiência. Poucas coisas existem mais enganosas do que alguém pensar o contrário. Para a igreja da Galácia, inclinada ao legalismo, o conselho era muito oportuno.

Apesar de a palavra “carga” ser usada nesse contexto específico, ela é a tradução do termo grego *barē*, que significa uma carga pesada, de qualquer tipo. Podemos, então, refletir sobre ela relacionando-a ao dever de ajudar nosso irmão a levar outras cargas, além do sofrimento resultante do fracasso espiritual.

O pecado imprimiu profundas marcas na natureza humana. Entre elas, está a limitação que as pessoas têm para lidar sozinhas com os altos e baixos da vida. Algumas reagem razoavelmente bem, outras nem tanto. Há sempre alguém enfrentando dificuldades envolvendo família, saúde, relacionamentos, necessidades materiais, planos fracassados, sentimento de rejeição, exigências do mundo competitivo em que vivemos, insegurança e temor. A nosso lado, alguém pode estar esperando uma palavra de ânimo e valorização. Deus quer nos usar como agentes que aliviem o peso dessas cargas. Não sejamos indiferentes.

No livro *Vivendo Sem Máscaras*, Charles Swindoll diz ter dialogado com um amigo recém-filiado a uma igreja. Tendo realçado aspectos positivos da nova experiência, o amigo fez esta ressalva: “A única coisa de que sinto falta é do velho companheirismo com os caras do grupo no barzinho da esquina. A gente ficava lá sentado, ria, contava casos, bebia e relaxava [...]. Era maravilhoso! Mas hoje não tenho ninguém para contar meus problemas, para falar de meus erros. Não encontro

ninguém na igreja que passe o braço no ombro da gente e pergunte: ‘Está tudo bem?’ Cara, a gente se sente muito sozinho ali” (p. 136).

Alguns detalhes da queixa são questionáveis, mas a essência é: Alguém pode estar sentindo falta de ajuda para levar suas cargas, justamente onde ela devia estar sobrando, ou seja, em qualquer lugar em que haja um discípulo de Cristo.

“Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo.” A lei de Cristo não é outra senão a lei do amor. Uma prova de que o amor de Deus flui através de nós é quando amorosamente ajudamos nosso irmão a levar suas cargas.

A fortaleza da fé

Vou subir a minha torre de vigia e vou esperar com atenção o que Deus vai dizer e como vai responder à minha queixa. Habacuque 2:1, NTLH

O profeta Habacuque viveu em um mundo que, em muitos aspectos, se parecia com o nosso. As perplexidades da vida ameaçavam deprimi-lo, a iniquidade em Judá não tinha limite. Violência, corrupção, degradação moral e espiritual reinavam na Terra. Oprimido pelo escárnio e desprezo dos descrentes, o profeta buscou a Deus e obteve a resposta de que os caldeus – pecadores, cruéis, tiranos – cumpririam o propósito de punir a transgressão do povo da aliança. Ficou perplexo, porém se dispôs a esperar a providência divina. Sabia que, em algum momento, suas perguntas seriam respondidas.

Deus quer que Seu povo, à semelhança de Habacuque, contemple de modo tranquilo e confiante, da “torre de vigia”, ou fortaleza da fé, o desenrolar dos acontecimentos, observando as evidências de Sua direção, seguro de Seus vitoriosos desígnios.

No momento oportuno, Deus pôs fim à inquietação do profeta, confrontando-o com duas formas de vida (v. 2-4), também verificáveis em nossos dias. De um lado, acham-se os que confiam em si mesmos, orgulhosos, seguros de sua sabedoria e do êxito de seus planos. Do outro lado, estão aqueles que vivem pela fé que lhes dá a certeza inabalável de que, apesar das aparências, Deus realiza Seus propósitos para o bem daqueles que O amam. O mundo não está sem um regente. O Senhor dirige todas as coisas. Consciente ou inconscientemente, homens e mulheres realizam os desígnios divinos. Depois de observar a atuação de Deus, inclusive contra os próprios caldeus, Habacuque pôde expressar segurança e louvor: “O SENHOR, porém, está no Seu santo templo; cale-se diante Dele toda a Terra” (Hc 2:20). Ou seja, do Seu trono, Ele tem tudo sob Seu controle.

Apesar das nuvens sombrias que possam escurecer o dia, apesar de o futuro se mostrar incerto, Deus está presente. Em Suas mãos, tudo marchará para um fim glorioso. Mesmo que nem todas as nossas

perguntas sejam esclarecidas nesta vida, haverá um momento em que todas as respostas ficarão claras para nós.

Tendo aprendido a lição de confiança na amorosa e sábia providência de Deus, em quaisquer circunstâncias, Habacuque celebrou: “Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no SENHOR, exulto no Deus da minha salvação” (Hc 3:17, 18). Isso é viver pela fé!

Pão da vida

Eu sou o Pão da Vida. João 6:48

Principal alimento dos hebreus desde os tempos mais remotos, o pão é muito apreciado em todo o mundo. Há cerca de mil tipos de pão. Desses, mais de 300 são servidos aos alemães. Sua origem está ligada ao início do cultivo do trigo na região da Mesopotâmia, onde atualmente está situado o Iraque. A Bíblia menciona 319 vezes o vocábulo pão, na versão Almeida Revista e Atualizada.

A palavra pão nos traz à mente a ideia de satisfação, sustento e saciedade. No corre-corre da vida, todos os esforços empreendidos pelo ser humano parecem centralizar-se em um objetivo: ganhar o pão, a fim de garantir a sobrevivência própria e a daqueles pelos quais é responsável. Por esse propósito, patrões e empregados, líderes e liderados, instrutores e aprendizes, homens e mulheres trabalham árdua e honestamente, de sol a sol. Alguns buscam o máximo aprimoramento intelectual; outros não o consideram necessário. Outros pretendem ganhar o pão utilizando meios censuráveis, e há quem pense que pode ser adquirido sem trabalho.

É justo e necessário que trabalhemos pela obtenção do pão material. Isso faz parte do plano de Deus para a existência humana. O trabalho honesto foi instituído e abençoado por Ele. A queda da humanidade alterou a dinâmica de execução do trabalho, mas não seu valor. Ao lado disso, desde a criação, Deus tomou providências para a sobrevivência humana. Durante a peregrinação do Seu povo, após a saída do Egito, providenciou-lhe o maná diário (Êx 16:4, 5, 14-35). Cristo alimentou multidões, multiplicando milagrosamente pães e peixes (Mc 8:1-9; Jo 6:1-13).

Apesar de sua importância, a luta pelo pão material não deve ofuscar a prioridade da busca pelo Pão da vida que nutre para a eternidade. Nos dias de Jesus, os habitantes da Galileia sabiam o que significava trabalhar com diligência, e isso eles faziam servindo aos ricos proprietários de terras de quem recebiam salários modestos. Mesmo

assim, não eram capazes de empregar esforços na busca espiritual. Por isso, o Mestre aconselhou: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que subsiste para a vida eterna” (Jo 6:27).

É Jesus quem dá sentido a tudo o que desejamos, pelo que trabalhamos e o que conquistamos. Nenhum tipo de pão existente no mundo, nem mesmo o maná que os israelitas receberam no deserto, satisfaz para a vida eterna. Só Jesus. Que Ele seja prioridade em sua agenda hoje!

A porta certa

Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem. João 10:9

Assim como faz em João 10:7, Jesus Se identifica como sendo a porta pela qual as ovelhas entram no aprisco. Esse simbolismo é usado no mesmo sentido em que Ele diz: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14:6). Ou seja, uma via absoluta para Deus. Da mesma forma que não existem verdades, fontes de vida eterna nem caminhos alternativos ao Pai, assim também não existem outras portas pelas quais possamos entrar no aprisco da salvação.

Certamente, esse é um conceito desafiador para a mentalidade pós-moderna, para a qual não existem absolutos, e o relativismo em todas as coisas é realçado. Com a ideia de que todos os caminhos levam ao Céu, muitas pessoas traçam seu próprio trajeto para chegar a Deus, ignorando a única via, a Porta – Jesus Cristo. Algumas parecem transitar por entre as gôndolas de um supermercado espiritual, onde escolhem os conceitos e valores que lhes convêm e descartam tudo que exige comprometimento, lealdade e as tire do comodismo religioso. A partir daí, elaboram receitas particulares de suas verdades. Às vezes, essa atitude é verificada entre professos cristãos que desejam viver uma religiosidade própria, sem ser incomodados com verdades que demandem mudanças.

Contudo, não chegamos a Deus por qualquer caminho, assim como não somos salvos por uma receita na qual vários ingredientes misturados resultem em uma verdade pessoal, relativa. A única porta de acesso à presença de Deus e à salvação que Ele nos oferece é Jesus. Nada nem ninguém pode substituí-la. Não existem portas emergenciais ou acessos alternativos. “Eu sou a porta”, Ele diz.

Não há rivais à pessoa de Cristo. Em Apocalipse 22:13, Ele afirma: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.” Nada existe antes da letra “Alfa” no alfabeto grego, correspondente à letra “A” de nosso alfabeto. Se voltarmos no tempo ao longo dos

séculos, a uma época em que nada existia, ali encontraríamos Jesus. Indo além do “Ômega” (ou “Z”), em um futuro imaginável, igualmente encontraremos Jesus. Nada existe antes nem depois Dele. Por isso, Ele pode Se identificar como a única porta de acesso ao Pai, o caminho exclusivo, a verdade absoluta. É a própria vida!

Jesus nos tira do labirinto da dúvida e da falta de direção. Ele é o tudo e o todo da nossa vida. Nas palavras de Mario Veloso, Ele “é nossa promessa, nossa realidade e nossa vida. Com Ele nada nos falta. Com Ele, somos vitoriosos. Com Ele, somos filhos de Deus. Com Ele vivemos seguros” (*Mateus*, p. 27).

Água da vida

No último dia, o grande dia da festa, levantou-Se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. João 7:37

Escrevo esse texto um dia depois de ter assistido a uma reportagem sobre a crônica falta de água na região Nordeste. Animais agonizando, carcaças espalhadas nos pastos ressequidos, leitos de rios secos, barragens vazias, pessoas tendo que pagar caro pelo “precioso líquido”. No âmbito mundial, as previsões sobre disponibilidade da água no futuro não são animadoras. A escassez já afeta, de acordo com a Organização das Nações Unidas, cerca de 1 bilhão de pessoas. Desperdício e alterações climáticas resultantes das agressões humanas à natureza agravam o problema.

Entretanto, há uma fonte inesgotável que transcende os limites materiais. Jesus Se identificou como sendo essa fonte. A declaração foi feita durante a Festa dos Tabernáculos, evento no qual era realizado o ritual de libação da água. Nesse ritual, um sacerdote à frente de uma procissão se dirigia ao tanque de Siloé, onde um cântaro de ouro era enchido com água. Então seguia até o templo, em cujo altar despejava o cântaro. O cortejo era realizado ao som do cântico do *Hallel* (Sl 113–118). A cerimônia era repetida durante sete dias e lembrava a provisão de águas que brotaram da rocha ferida por Moisés, para saciar a sede dos israelitas no deserto.

Passados sete dias, tudo era repetitivo, e o povo se mostrava cansado. O coração sedento desejava algo mais do que cerimonialismo vistoso. Então Jesus, que conhece os mais profundos anseios da alma, Se apresentou como a água que satisfaz a sede espiritual, assim como havia Se oferecido à mulher samaritana (Jo 4:13, 14).

O que a água é para o físico, Cristo é para a vida espiritual. Ele, por meio da atuação do Espírito Santo (v. 39), produz limpeza, saciedade, refrigério e crescimento espirituais. Se buscamos satisfação para nossa sede espiritual, é a Ele que devemos ir. Somente Jesus a satisfará, proporcionando alívio à mente cansada, descanso ao coração fatigado

e esperança para a vida sem perspectivas.

Não precisamos beber das cisternas contaminadas que o mundo oferece. Muito menos precisamos beber da água oferecida em forma de rituais, exigências e práticas legalistas. Devemos ir hoje mesmo à fonte que jamais se esgota e satisfazer nosso ser. “Se alguém tem sede, venha a Mim e beba.” “Aquele, porém, que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que Eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4:14).

Luz do mundo

De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem Me segue não andar  nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida. João 8:12

Provavelmente, Jesus tenha feito essa declara o ao entardecer do último dia da Festa dos Tabernáculos, a propósito da cerimônia das luzes, assim como a afirma o sobre a qual refletimos ontem estava relacionada com o ritual de liba o da  gua. A cerimônia das luzes lembrava a peregrina o dos israelitas pelo deserto, sob a coluna de nuvem durante o dia, ou de fogo durante a noite; ambas indicadoras da presença protetora de Deus. Já na primeira noite da festa, lâmpadas de ouro eram acesas no templo. Além dessas, em cada um dos oito dias seguintes, luzes eram acesas também na cidade, iluminando-a completamente. Ellen White descreve esse ritual:

“No centro desse pátio, erguiam-se dois altos pilares sustentando suportes de lâmpadas, de grandes dimensões. Depois do sacrifício da tarde, acendiam-se todas as lâmpadas, que derramavam luz sobre Jerusalém. Essa cerimônia comemorava a coluna luminosa que guiara Israel no deserto, e era também considerada como apontando para a vinda do Messias.   noite, quando se acendiam as lâmpadas, o pátio apresentava uma cena de grande regozijo. Homens de cabelos brancos, os sacerdotes do templo e os príncipes do povo, uniam-se em festivas danças ao som dos instrumentos e dos cantos dos levitas” (*O Desejado de Todas as Na es*, p. 463).

A cerimônia era deslumbrante, mas certamente não expulsava as trevas espirituais do cora o. Atento a isso, Jesus declarou ser Ele mesmo a verdadeira luz. Essa luz era tão necessária naquele tempo como   ainda hoje para o ser humano que tateia na escuridão moral e espiritual buscando saída segura para seus medos e incertezas.

Nos dias de Cristo, densas trevas de legalismo, rituais vazios e tentativas de manipula o por parte dos líderes circundavam o povo. Hoje, a humanidade   envolvida pelas trevas do temor, do sentimento de culpa, do orgulho intelectual, da violência em todas as suas formas,

do relativismo de valores, da instabilidade econômica, do secularismo, da indiferença e da incredulidade. As conquistas logo se demonstram efêmeras, e o que era celebrado como algo grandioso se perde na escuridão do vazio.

Somente sob o foco da luz divina – Cristo Jesus –, a vida vale a pena, e nossas conquistas do trabalho têm sentido. A fim de que desfrutemos a plenitude da vida, devemos viver e trabalhar sob o brilho da Luz celestial.

O bom Pastor

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. João 10:11

Uma das mais belas figuras de Cristo nas Escrituras Sagradas é a que O retrata como pastor. Tanto quanto podemos captar dessa imagem, a primeira e mais óbvia lição da metáfora é que todos nós somos Suas ovelhas, incapazes e dependentes em todas as coisas.

Vivemos dias terrivelmente perigosos e incertos, mas temos a garantia de que há um pastor cuidando de nós. Jesus disse: “Eu sou o bom pastor.” Não se trata apenas de um simpático pastor. O adjetivo “bom”, do grego *kalós*, nos remete a um pastor extraordinário!

A primeira característica notável desse pastor é Seu conhecimento pessoal das ovelhas. Ele não nos observa como um grupo. Olha-nos individualmente, conhece nosso íntimo e vê o coração magoado precisando de alívio. Observa a ovelha que caiu na armadilha do predador e não consegue se desvencilhar. Vê o rosto apreensivo, o pai decepcionado, a esposa perplexa, o filho revoltado, a moça desiludida, o desempregado ansioso, o enfermo sem esperança. Acima de tudo, providencia livramento, pastos verdejantes, sombra e água tranquila com vistas à restauração de todos.

Quando Ele diz: “conheço as Minhas ovelhas” (v. 14), de fato, está dizendo: “Conheço-as completamente, mais do que possam imaginar. Sei dos seus temores, sonhos, alegrias e tristezas. Percebo o suspiro imperceptível, vejo a lágrima que desliza escondida, ouço o grito de angústia não extravasado.” Nada disso é notado com indiferença ou sentimento de impotência. Nosso pastor é tudo!

E as ovelhas O conhecem (v. 14). Acaso, nós O conhecemos? Sabemos identificar Sua voz? Nos tempos antigos, pastores costumavam levar seus rebanhos para pastar juntos. Em meio a tantas ovelhas e diferentes pastores, cada animal conhecia a voz de seu pastor. Caso um deles imitasse outro, a ovelha pressentia a existência de perigo e se assustava. Entre as muitas vozes existentes no mundo, devemos saber distinguir a voz do Bom Pastor. Aprendemos a-

identificá-la em comunhão com Ele, por meio da oração e do estudo de Sua Palavra.

Finalmente, o bom pastor dá a vida pelas ovelhas. Lembre-se: Ele morreu por pecadores como você e eu. Custamos a Ele grande preço – Sua vida, Seu sangue derramado. Por isso, somos Suas ovelhas. Pertencemos a Ele. É somente sob a consciência dessa bendita realidade que a vida com tudo o que a envolve, trabalho, estudo, relacionamentos, ideais, projetos e realizações, tem significado.

Fevereiro

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sáb

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

A menina dos olhos

Pois assim diz o SENHOR dos Exércitos: Para obter Ele a glória, enviou-me às nações que vos despojaram; porque aquele que tocar em vós toca na menina do Seu olho. Zacarias 2:8

Com uma estrutura complexa, os olhos também se destacam como uma parte extremamente delicada do corpo. Deus assim os fez, colocando-os em proteção em uma cavidade óssea, como precioso tesouro guardado em caixa-forte. Complementando essa proteção idealizada pela sabedoria divina, há o que Charles Spurgeon definiu como o “cercado, que são as sobrancelhas, a cortina que são as pestanas e a cerca que são as pálpebras”.

Se todo o mecanismo da visão deve ser preservado com especial cuidado, não devemos nos esquecer de que a pupila, comumente chamada de “a menina dos olhos”, é a parte mais delicada e sensível de seus componentes. Intocável, qualquer avaria que lhe acometa pode significar perda irreparável, razão pela qual deve ser objeto de cuidado mais que especial.

Tendo isso em mente, podemos entender a comparação feita pelo profeta Zacarias, referindo-se primariamente a Israel. Ele assegura que o Senhor nos considera tão preciosos quanto consideramos preciosa a “menina dos olhos”. Nisso, encontramos conforto para as dores da vida, companhia para a solidão e substituto para o sentimento de perda. Deus nos tem em alta estima e não permitirá que sejamos atingidos por nada que represente uma tragédia absoluta. Podemos suportar tudo, na certeza de que somos guardados por Ele.

Não sabemos o que nos aguarda neste dia. Certamente, o Senhor reserva o melhor para nós, e isso não exclui dificuldades, experiências envolvendo pessoas, situações que talvez nos magoem e deixem algumas marcas. Afinal, não há na Bíblia um só texto que nos prometa uma vida isenta de lutas. Entretanto, anima-nos a certeza de que o Senhor trabalhará com as experiências amargas que vivenciamos, tendo em vista a formação do caráter que levaremos para a eternidade.

Ele deseja nos ensinar lições que enriquecerão nossa vida espiritual, porém nos manterá sob Sua proteção, será sempre um “socorro bem presente nas tribulações” (Sl 46:1), e reivindicará nossa causa. Ele nos trata com extremo cuidado, pois somos a “menina dos Seus olhos”. Somos o centro de Sua atenção e de Seu cuidado. Sabendo disso, podemos enfrentar mais um dia confiantes e em paz. Sob Sua proteção, não temos nada a temer.

Excelente enquanto durar

O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. João 10:10

Estudos feitos pelo IBGE apontaram que, em 2017, a expectativa de vida dos brasileiros era de 72,5 anos para os homens e 79,6 para as mulheres. Já foi menor, e as projeções preveem aumento nos próximos anos. No entanto, a julgar pelas conclusões a que chegaram pesquisadores da Escola de Medicina Albert Einstein, de Nova York, em 2016, ninguém vai superar a marca dos 115 anos. Esse é o teto da expectativa de vida, segundo eles. Se alguém viver 122 anos e 164 dias, à semelhança da francesa Jeanne Louise Clament, que morreu em 1997, terá sido uma exceção.

Apesar dos esforços, a definição dos limites da existência escapa ao controle humano. Por isso, o mais importante é viver intensamente cada momento, aproveitando as oportunidades para refletir a excelência de Cristo em nossa maneira de ser e agir. Jesus disse: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.” Isso significa vida plena, cheia de sentido, que nem sempre é avaliada pela extensão, mas pela qualidade. Cristo teve uma existência curta – apenas 33 anos e meio –, porém marcada por simplicidade, pureza de caráter e realizações: curou, ensinou, abençoou, perdoou, repreendeu, aceitou pobres e ricos e atraiu marginalizados pela sociedade. Paradoxalmente, sofreu rejeição e morreu.

Por sua vez, a natureza nos ensina que é a qualidade, não a extensão, que dignifica a vida. O espinho da roseira dura mais, porém não espalha o mesmo bem de uma pétala. Vida abundante também não é caracterizada pela ostentação ou vaidade, mas pela simplicidade e pelo serviço altruísta; às vezes, até anônimo. O orvalho cai enquanto todos dormem. Na escuridão da noite, ninguém o louva, mas ele faz seu trabalho abençoando a terra. Pouco se fala sobre o alicerce de uma construção, embora muito seja dito sobre sua fachada. Entretanto, uma parte não existiria sem a outra.

O segredo para viver plenamente é a submissão irrestrita à vontade de Deus. Ele não revela para nós todo o plano de uma vez, mas nos assegura que, diariamente, podemos nos deparar com o que nos é requerido. Faz isso para que nossa confiança esteja inteiramente Nele. Se viveremos muito ou pouco, tanto faz. O que realmente importa é que cada segundo e detalhe de nossa existência estão em Suas Mãos. Isso é tudo o que precisamos saber para viver de modo excelente.

Amor todo o tempo

Deus é amor. 1 João 4:8

Todas as maravilhas da natureza dão testemunho “do cuidado paternal do nosso Deus e do desejo que Ele tem de tornar os Seus filhos felizes” (*Caminho a Cristo*, p. 10). Apesar disso, não é difícil encontrar pessoas com dificuldade para entender e harmonizar a figura de Deus, conforme retratada no Novo Testamento, com a face revelada no Antigo Testamento.

Marcião de Sinope, por exemplo, um herege do 2º século, ensinava a distinção entre o Deus do Antigo Testamento – legalista, inconstante, autoritário e cruel – e o Deus amoroso do Novo Testamento, a quem Jesus veio revelar. Para ele, os dois eram absolutamente incompatíveis, e o propósito do Deus do Novo Testamento era destruir o do Antigo Testamento.

Nada mais enganoso do que isso! No Antigo Testamento, Deus nos fala no mesmo tom de amor e graça com que fala no Novo Testamento. Foi por amor que Ele escolheu Israel como Seu povo (Dt 6:10-12; 7:6-9). Amor e graça recheiam a biografia dos heróis bíblicos. Abraão, por exemplo, não foi chamado porque era perfeito, mas é apresentado como demonstração-chave da salvação pela graça (Rm 4; Gl 3; Tg 2:23). Deixando o assassinato de um egípcio no passado, a graça divina viu Moisés como um homem “mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra” (Nm 12:3). A respeito de Noé, está escrito que ele “achou graça diante do SENHOR” (Gn 6:8).

Mesmo as guerras relatadas no Antigo Testamento mostram um Deus defensor de Seu povo, misericordioso (Êx 34:6, 7; Is 54:10; Lm 3:22), redentor, perdoador (Mq 7:18,19) bondoso (Sl 146:7-9), fiel, salvador e pai (Dt 32:6; Is 63:16; 64:8). Os revezes sofridos pelos israelitas foram consequências naturais de seu envolvimento com a apostasia. Mas é bom lembrar que até mesmo atos punitivos são considerados “estranhos” à natureza divina (Is 28:21). Ele é amor.

Esse é o nosso Deus, misericordioso e compassivo. “Entregue a Ele

todas as coisas que perturbam sua mente. Coisa alguma é grande demais para que Ele não possa suportar [...]. Nenhuma calamidade poderá sobrevir ao mais humilde dos Seus filhos, ansiedade alguma que lhe perturbe o coração, nenhuma alegria que possa ter, nenhuma oração sincera que lhe saia dos lábios, sem que seja observada pelo Pai celestial ou sem que Lhe desperte imediato interesse” (*Caminho a Cristo*, p. 99, 100).



O Deus que tudo pode

Ó SENHOR, Deus dos Exércitos, quem é poderoso como Tu és, SENHOR, com a Tua fidelidade ao redor de Ti?! Salmo 89:8

Criar e manter, em perfeita ordem, todo o conjunto de sóis, planetas, satélites, astros, asteroides e mais de 100 bilhões de galáxias no Universo limitado é tarefa que excede a toda e qualquer engenhosidade científica. Somente um Deus onipotente é capaz de fazê-lo. Não sem razão, o salmista refletiu: “Quando contemplo os Teus céus, obra dos Teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele Te lembres? E o filho do homem, que o visites?” (Sl 8:3, 4). Paulo declarou que a própria natureza mostra evidências do poder eterno da Divindade (Rm 1:20).

No Gênesis, o Senhor Se apresentou a Abraão como “Todo-Poderoso” (Gn 17:1). No Apocalipse, João relatou: “Então, ouvi uma como voz de numerosa multidão [...], dizendo: Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso” (Ap 19:6).

Ele tem poder para fazer tudo o que desejar fazer. Nessa moldura, o Senhor tem todos os recursos e habilidades para realizar Seu querer em todas as circunstâncias no Universo. Nada, nem ninguém, pode limitá-Lo em nenhuma ocasião, para coisa alguma. Não precisa de ajuda; Ele Se basta. Nada Lhe falta; Ele é a própria completude. Não precisa acréscimos; Ele é o tudo e o todo para todos, em tudo.

A onipotência divina deve produzir em nós uma atitude de louvor, pelas maravilhas realizadas em nosso favor, no passado e no presente (2Rs 17:36). Confiança é outro resultado da ação do poder de Deus em nós. É em Seu poder que cumprimos o que Ele requer de nós (Fp 4:13). A onipotência de Deus também nos conforta. Ao enfrentar os desafios da vida, quando o temor assaltar, lembre-se de que nada é tão difícil que Deus não possa administrar. A onipotência divina é o fundamento de toda vitória espiritual. “Quanto ao mais, irmãos, sede fortalecidos no Senhor e na força do Seu poder” (Ef 6:10).

Não se limite apenas a admirar a onipotência de Deus. Ela não se

esvai enquanto Ele mantém o Universo. Também é empregada para nos livrar de nossos temores. Desfrute essa bendita realidade! Temos um Deus que põe e dispõe. Para Ele, nada é impossível. Nenhum indivíduo, nenhuma potestade, nem forças sobrenaturais podem vencê-Lo. Estamos seguros à sombra do Onipotente Pai (Sl 91:1).

O Deus que tudo sabe

SENHOR, Tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento e me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Salmo 139:1, 2

Dois garotos procuraram o pastor, com uma pergunta: De que maneira e com que recursos poderiam ajudar alguma pessoa na comunidade? O pastor lhes falou sobre um homem cego que procurava alguém que pudesse ler as Escrituras para ele. Com essa informação, os meninos foram à casa daquele homem, levando uma Bíblia. Depois de se apresentarem e dizerem o motivo da visita, perguntaram a ele: “Por onde devemos começar?” Ansioso pelo evangelho, o homem sugeriu o livro de Mateus. Contudo, ao verem a genealogia de Cristo logo no primeiro capítulo, os garotos sugeriram pular aquela parte, mas o homem insistiu que desejava ouvir tudo. No fim daquela lista de nomes, notaram que ele chorava. Ao ser questionado sobre o motivo de sua reação, o homem respondeu: “Deus conhecia todas essas pessoas pelo nome. Também me conhece inteiramente!”

A singeleza desse episódio nos relembra de que ter consciência de que Deus sabe tudo é muito confortador para nós. Ele conhece todo nosso passado, presente e futuro, ao mesmo tempo e com perfeição. Como afirmou Aiden Tozer, “não conhece melhor uma coisa do que outra, mas todas as coisas conhece igualmente bem. Ele nunca descobre nada. Nunca Se surpreende nem Se maravilha. Nunca Se pergunta nada nem procura informações ou faz perguntas, a não ser quando chama os homens para o próprio bem deles” (*Mais Perto de Deus*, p. 71).

No Salmo 139, Davi reflete a respeito de dois atributos do Senhor: Sua onisciência e onipresença. A onisciência divina alcança as regiões mais profundas do pensamento humano (v. 2). Diante dela, nossos caminhos são transparentes (v. 3). Nem bem formulamos uma ideia, e o Deus onisciente já sabe com que palavras a expressaremos (v. 4).

O salmista entendeu que Deus o conhecia melhor do que ele mesmo

se conhecia. Esse Deus programou nossos dias (v. 15-18), conhece o material com que foi tecida nossa personalidade e tem um propósito para que cada um de nós desfrute uma vida repleta de Sua presença e receba poder para andar segundo Sua vontade.

Diante dessa realidade, podemos aproveitar o melhor da vida, mantendo-nos confiantes de que o Senhor tem tomado todas as providências para nos ajudar a enfrentar e superar as consequências de reveses sofridos ou erros cometidos no passado. Ele vai à nossa frente aplainando caminhos, preparando situações e trabalhando em nosso favor, em qualquer situação.

O Deus que está perto

Para onde me ausentarei do Teu Espírito? Para onde fugirei da Tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também. Salmo 139:7

Transcendente que é, Deus está acima de tudo e de todos. É maior do que a criação e as criaturas; é Seu autor, em cuja dependência todos “vivemos, e nos movemos, e existimos” (At 17:28). Tão exaltado e supremo é Ele, que a mente humana não pode compreendê-Lo em Sua plenitude. Entretanto, Deus também é imanente, ou seja, está envolvido com a criação e as criaturas, que subsistem na dependência Dele. Nas palavras de Hildeberto de Lavardin, “Deus está sobre todas as coisas, sob todas as coisas, fora de todas as coisas, dentro, mas não enclausurado; fora, mas não excluído; acima, mas não levantado; embaixo, mas não deprimido; inteiramente acima, presidindo; totalmente abaixo, sustentando; totalmente por dentro, preenchendo” (A. Tozer, *Mais Perto de Deus*, p. 71).

É nesse ponto que nos deparamos com a onipresença de Deus. Assim como somente Ele “é”, somente Ele “está”. No tempo e no espaço, ao mesmo tempo, em todo lugar. No passado, no presente e no futuro. Não sabemos o que nos reserva o futuro nem precisamos temê-lo, porque Deus já está nele. Em Atenas, o apóstolo Paulo apelou aos intelectuais gregos para que buscassem a Deus, a fim de encontrá-Lo. E acrescentou: “Bem que não está longe de cada um de nós” (At 17:27).

Davi sentiu essa realidade em sua experiência descrita no Salmo 139:7 a 12: “Para onde me ausentarei do Teu Espírito? Para onde fugirei da Tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a Tua mão e a Tua destra me susterá. Se eu digo: as trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite, até as próprias trevas não Te serão escuras: as trevas e a luz são a mesma coisa.”

Que esplêndido conforto há nessas palavras! Quantas vezes você já ouviu ou disse que alguém “foi longe demais” para ser alcançado ou resgatado para Deus? Do ponto de vista Dele, isso não funciona. Adicionado a isso, saber que o Senhor está perto nos dá confiança nos momentos escuros de nossa jornada.

“Em todos os tempos e lugares, em todas as dores e aflições, quando tudo parece sombrio, e o futuro, cheio de perplexidade, e nos sentimos desamparados e sozinhos [...]. Onde quer que estejamos, aonde quer que vamos, Ele está sempre à nossa direita, para apoiar, sustentar, erguer e animar” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 669, 670).

A obra-prima de Deus

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos. Salmo 139:23

Tendo discorrido sobre a onisciência de Deus (Sl 139:1-6) e a respeito da Sua onipresença (v. 7-12), o salmista descreveu a maravilha do ilimitado poder divino na formação do ser humano (v. 13-18). E, com razão, admirou-se! Afinal, quem, acima de Deus, ou o que, à parte do Seu poder, poderia nos formar de “modo assombrosamente maravilhoso”? Nas palavras de Richard Swenson, “Deus criou cada um de nós com particularidades extraordinárias. Somos todos variações sobre um mesmo tema, e as combinações são infinitas. Ele inventou os cromossomos e a genética, e decidiu usá-los para dar vazão a toda Sua criatividade, trazendo à existência, Sua obra-prima: o ser humano.

“No núcleo de nossas células, há 23 pares de cromossomos. Se combinássemos todo o material genético encontrado em apenas uma delas, teríamos o que se chama de genoma humano. Nesse, encontram-se todas as informações sobre nossa natureza física, bem como boa parte da ‘programação’ de nossa personalidade e de nossas emoções. Em cada célula, nesse genoma, há 80 mil genes, codificados nas espirais densamente entrelaçadas que constituem o DNA, e contêm três bilhões de pares de aminoácidos. O código do DNA de cada indivíduo é diferente dos demais” (*Como Conviver Bem com as Pressões*, p. 35).

Entretanto, a conclusão do salmo é surpreendente. De modo repentino, Davi efetua uma transição, voltando-se para o mal e os malfeitores, expressando profunda indignação contra a maldade e pedindo a destruição dos inimigos de Deus. Evidentemente, no coração do cristão, não deve haver lugar para o ódio; mas, em sua humanidade, o salmista projeta nos pecadores a aversão que ele tinha ao mal. Sabia que Deus também odeia o pecado, embora ame incondicionalmente o pecador.

Além disso, Davi também sabia que era pecador à semelhança de todo ser humano. Contudo, desejava viver à altura das expectativas de Seu Senhor. Por isso, pediu que Deus sondasse seu coração e revelasse seus pensamentos mais secretos. Que todos os recantos de seu ser fossem verificados e, neles, identificados todos os indícios pecaminosos, que seriam confessados. E ele seria guiado “pelo caminho eterno”.

Esta é nossa necessidade hoje: Odiar o pecado, amar pecadores e orar por nós mesmos: “Sonda-me, ó Deus, vê meus sentimentos, minhas emoções, meus motivos, pensamentos, desejos e intenções. Feito o diagnóstico completo, põe meu coração a pulsar no ritmo do Teu!”

Exortações à fidelidade

Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Hebreus 10:23

A carta aos Hebreus foi escrita para os judeus que estavam sendo perseguidos, à beira do desânimo e pensando em retornar à religião de seus antepassados. O propósito de Paulo, seu autor, era animar seus compatriotas, realçando a superioridade de Cristo como revelação de Deus, maior que Moisés, os anjos e Josué, sendo eterno Sumo Sacerdote, superior a todos os sacerdotes terrestres. Entregando-Se como sacrifício, Jesus tornou possível a salvação de todos os que O aceitarem.

Boa parte do livro (Hb 1:1-10:18) argumenta sobre a superioridade do sacerdócio de Cristo e o caráter definitivo de Sua oferta na cruz. O restante contém exortações à perseverança na fé cristã. De Hebreus 10:19 a 25, podemos resumir alguns desses conselhos:

(1) Considerando a obra de Cristo como sacrifício e Sumo Sacerdote, não precisamos temer, mas podemos ter intrepidez para entrar pela fé no santuário celestial, onde Ele intercede por nós. Dependemos apenas Dele, não de outros intercessores nem de nós mesmos, para alcançarmos Seu favor. É o sangue vertido no Calvário que nos inspira tal confiança.

(2) Devemos nos aproximar de Cristo “com coração sincero”. Nada existe pior no caminho que leva alguém a Jesus do que a hipocrisia. O mínimo que Ele pode esperar dos que O buscam é que façam isso com sinceridade e em verdade, “em plena certeza de fé, tendo um coração purificado de má consciência” (Hb 10:22).

(3) A esperança em Cristo deve ser reafirmada cada dia, “sem vacilar” (v. 23). Somente aqueles que estão bem firmados em Jesus resistem aos ventos que sopram contra o crescimento espiritual. Por Sua vez, Ele não falhará em nada que nos prometeu. Toda esperança cristã repousa sobre a fidelidade divina.

(4) Tendo-se unido à igreja, o corpo de Cristo, o cristão passa a fazer

parte de uma coletividade, pela qual é sustentado e a qual ele sustenta ativamente por seus atos, suas orações e seu envolvimento. Todos precisam ser mutuamente estimulados ao amor e às boas obras.

(5) Nada prejudica tanto a experiência religiosa de uma pessoa como o fato de ela se isolar do grupo com o qual partilha a mesma fé e esperança. Os cristãos hebreus necessitavam de apoio moral e espiritual, e os encontros semanais eram poderoso esteio para sustentar a fé. “Não deixemos de congregar-nos” (v. 25). Essa advertência foi feita tendo em vista a suposta proximidade da vinda de Cristo naqueles dias. Quanto mais necessária ela se torna hoje!

Vitória da fé

Por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam bocas de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força. Hebreus 11:33-35

Depois de ter apresentado um resumo sobre a importância da fé para a vida cristã (Hb 10), Paulo ampliou seu discurso em Hebreus 11. Nesse capítulo, a fé é descrita como o alicerce sob o qual está firmada nossa esperança em relação a tudo o que esperamos, embora não vejamos (v. 1), e que nos foi prometido por Deus. Pela fé, as promessas divinas emergem como realidades presentes para nós. Pela fé, o futuro glorioso que nos aguarda pode ser experimentado aqui e agora. A fé habilita o cristão a pedir as bênçãos divinas, esperar recebê-las e desfrutá-las.

Esse capítulo é um palco no qual desfilam heróis motivados pela fé, que nos deixaram uma riquíssima herança espiritual por meio de seus feitos. A propósito, o relato, especialmente nos versos 32 a 40, nos remete ao fato de que a fé tem ação dupla na experiência humana: ela nos ajuda a celebrar as vitórias e superar as derrotas. Hoje vamos falar do primeiro ponto.

Paulo nos lembra de que, por meio da fé, os filhos de Deus são conduzidos a grandes vitórias. Todos aqueles heróis foram seres humanos “sujeitos às mesmas paixões” contra as quais lutamos hoje, mas foram vitoriosos. Então, no verso 32, o escritor sagrado apresenta seis nomes: Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi e Samuel. Um ponto comum a todos é que, em algum momento da vida, impulsionados pela fé, eles superaram grandes desafios. Com apenas 300 homens, Gideão derrotou os midianitas. Baraque comandou o exército israelita na vitória sobre os cananeus. Sansão, apesar de seus altos e baixos, no último instante de sua vida demoliu o templo de Dagom e destruiu os filisteus. Apesar de seu passado de rejeição pela família, Jefté não se deixou intimidar e se tornou líder em Israel. E as vitórias militares de Davi foram inumeráveis!

Além disso, a fé possibilitou vitórias, mesmo quando a morte era certa. Vítima de uma trama política, Daniel foi lançado na cova dos leões, mas escapou ileso. Seus três amigos, Sadraque, Mesaque e Abedenego, foram salvos da fornalha ardente. Pela fé, “mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos” (v. 35), como foram os casos da viúva de Sarepta e da mulher sunamita, que receberam seus filhos de volta.

Perdemos muito ao subestimarmos o uso que Deus pode fazer da fé. Conforme disse alguém, “a fé vê o invisível, crê no improvável, pede o impensável e celebra quando Deus transforma o impossível em realidade”.

A fé que vence

Alguns foram torturados [...]; outros passaram pela prova de escárnio e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos ao fio da espada; andaram peregrinos, [...] necessitados, afligidos e maltratados (homens dos quais o mundo não era digno). Hebreus 11:35-38

Caso nosso passeio pela galeria da fé terminasse ontem, poderíamos dizer que a visão contemplada era paradisíaca. Encontramos homens e mulheres que lutaram bastante, sofreram muito, mas venceram impulsionados pela fé. Entretanto, na metade do verso 35, Paulo segue outra direção. E menciona um grupo de fiéis torturados, aprisionados, extremamente necessitados, alguns dos quais depuseram a vida no altar do sacrifício. Como entender o papel da fé em tal experiência? Não seria justo esperar que cristãos fiéis estivessem imunes a tragédias?

Há ocasiões em que experimentamos a emoção de grandes vitórias, e momentos em que sofremos a agonia de aparentes fracassos. Contudo, aqui, nos deparamos com a segunda das duas ações da fé em nossa experiência: ela nos habilita a suportar derrotas. Algumas vezes, pela fé, somos protegidos de sofrimento, perdas e morte. Em outras, ela nos conduz firmes, confiantes e sem vacilar através da dor. Em qualquer situação, favorável ou não, devemos manter a fé. “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6).

Jesus Cristo mencionou que, como um grão de mostarda, a fé tem o potencial de crescer. Por isso, devemos exercitá-la sempre. A primeira razão para mantermos a fé nas vitórias ou derrotas é que essa atitude a aprofunda e a fortalece. A segunda é que, assim, desenvolvemos o preparo necessário a fim de experimentarmos a vitória final.

Os heróis de Hebreus 11 foram torturados, maltratados e mortos, mas não cederam. Eles demonstraram que eram corajosos diante de perigos e dificuldades por causa da fé nas promessas divinas. Sua fidelidade representou para eles grande auxílio em momentos de crise.

Embora não tenham desfrutado a herança prometida a Abraão, vão desfrutá-la conosco. A providência divina determinou que eles “não fossem aperfeiçoados sem nós”

Mantenhamos a fé. Por meio dela, “podemos olhar para o que ainda há de vir, e vislumbrar a promessa de Deus [...]. Podemos nos alegrar porque tudo aquilo que tenha restado confuso nas providências de Deus será esclarecido. As coisas difíceis de entender terão uma explicação. Onde nossa mente via apenas confusão e propósitos desconexos, veremos a harmonia mais perfeita e bela” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 112).

Vigor renovado

Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam. Isaías 40:31

Sofrendo os rigores do exílio babilônico, o povo escolhido de Deus estava angustiado. Para seu consolo, porém, o Senhor não havia Se esquecido dele. Muitos anos antes, por intermédio do profeta Isaías, Deus enviou a Seus filhos mensagens de conforto e esperança, reiterando a promessa de libertação do cativo e retorno à sua pátria (Is 40:1-11).

Mesmo assim, para alguns, não foi fácil conservar a fé na soberania divina. Siegfried Júlio Schwantes pondera que o esplendor de Babilônia, o contato com uma civilização materialmente mais avançada, a pompa de seus templos e a preconceituosa crença de que os deuses da nação vencedora eram mais fortes impressionaram muitos exilados. Então passaram a fazer comparações desfavoráveis ao Deus de Israel (*O Profeta Evangélico*, p. 83, 85).

Em resposta a essa condição, o profeta pôs em evidência a majestade e a sabedoria do Senhor (v. 12-31). Sim, Ele é absoluto, sem rivais. O Criador “nem Se cansa, nem Se fatiga” (v. 28). Seu conhecimento e Seus recursos são ilimitados. E tudo está posto à disposição de Seus filhos. Mesmo os mais fortes e sábios entre nós têm consigo grandes limitações, fraquezas e necessidades. No entanto, Deus é suficientemente bondoso e poderoso para suprir todas as nossas necessidades e fraquezas. Ele sempre ouve o clamor daqueles que se sentem insuficientes para suportar os rigores da caminhada em direção à Canaã celestial. Mesmo jovens e crianças, na plenitude de seu vigor, “se cansam e se fatigam” fisicamente. Isso também é verdade quanto à vida espiritual. Por isso, precisamos de algo mais que nossas forças para continuar a jornada. Precisamos de confiança, dependência e esperança no Senhor.

“Os que esperam no Senhor” recebem forças para se manter, como a

águia, sempre acima das preocupações, dos temores e das angústias da vida. Não se deixam intimidar por adversidades. Enfrentam infortúnios com coragem. Fixam o olhar no horizonte que se descortina quando são atingidas as alturas da confiança e da serenidade, certos de que “todos os que consagram a Deus o corpo, a mente e o coração estarão constantemente recebendo nova capacitação de poder físico e mental. As inesgotáveis provisões do Céu estão à sua disposição” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 827).

O espírito da letra

Então, falou Deus todas estas palavras: Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Êxodo 20:1, 2

Algumas vezes, todos nós nos encontramos diante de situações difíceis que requerem de nós uma decisão. Em momentos assim, desejaríamos ter uma resposta clara, audível ou mesmo um sinal da parte de Deus, que iluminasse o caminho que devemos seguir. De fato, muitas pessoas relatam experiências nas quais Deus Se pronunciou de forma audível ou extremamente clara. Porém, nem sempre podemos esperar que isso aconteça todas as vezes em que formos confrontados com questões fundamentais da vida espiritual. Afinal, para muitas questões fundamentais da vida espiritual já existem respostas claras na Palavra de Deus.

Você se lembra de que, durante a trajetória do povo israelita rumo à Terra Prometida, o Senhor os convocou para uma reunião especial. Naquele encontro ao pé do monte Sinai, entre relâmpagos e trovões, Ele Se apresentou e falou ao povo, expondo-lhe uma coletânea de normas básicas e abrangentes para a vida de cada um de Seus filhos, para o relacionamento destes com Ele e com os semelhantes (Êx 20:3-17). Sendo Deus criador, amoroso e onisciente, Ele sempre soube o que é melhor para Seus filhos. Deu-lhes, então, os Dez Mandamentos, os quais vão além da letra de um código frio, insensível, sem vida. São princípios fundamentados na graça divina. Isso está evidente no lembrete que Deus fez, ao reafirmar quem Ele era, o provedor da graça da libertação: “Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito e da casa da servidão.” Libertos do jugo da descrença egípcia, estavam livres para obedecer; assim como, libertos do pecado hoje, nós somos livres para obedecer.

Na vida, existe o que chamamos de relação de causa-efeito, uma sequência entre semeadura e colheita. Quando Paulo disse que “aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6:7), reafirmou esse princípio. A violação das leis divinas traz consequências inevitáveis, às

vezes, imediatas, tanto no Universo, onde nada existe ou funciona ao acaso, como na experiência humana. Desrespeito, violência e imoralidade crescentes, desamor e cobiça denunciam o caos em que se torna a vida sem lei. Por isso, devemos ser gratos porque Deus, em Seu amor e sabedoria, não nos deixa ao léu da nossa sorte. Temos um guia, a “lei da liberdade” (Tg 2:12), o GPS de Deus a fim de orientar nosso caminhar, nosso pensar, falar e agir neste dia, garantindo a tranquilidade de nossa consciência, a paz de espírito e a certeza de que não nos desviaremos do caminho que Ele traçou para nossa existência.

Primeiro, Deus

Não terás outros deuses diante de Mim. Êxodo 20:3

Se realmente desejamos ser felizes nesta vida, já antecipando as alegrias da eternidade, devemos colocar Deus em primeiro lugar. A receita de uma vida feliz e vitoriosa é reconhecer a prioridade do que, ou de quem, realmente é prioritário. De que modo Deus declarou isso? Na sentença introdutória do Decálogo: “Eu sou o SENHOR, teu Deus”, e no primeiro mandamento: “Não terás outros deuses diante de Mim.”

Esse é o ensinamento dos quatro primeiros mandamentos, todos diretamente sintonizados com a adoração e a comunhão que devemos alimentar em relação a Ele: rejeição de outros deuses, recusa em substituí-Lo por ídolos, reverência para com Seu nome e celebração do sábado como memorial de Seu poder criador. A grande lição aqui implícita é que devemos Lhe dar o primeiro lugar em todas as coisas, reconhecendo Sua primazia absoluta sobre nós.

Infelizmente, muitas pessoas invertem a ordem, colocando coisas e pessoas em primeiro plano. Somente depois, dedicam as sobras de seu tempo e amor a Deus. Uma das bases da existência do Universo é que Deus tem de ser sempre o primeiro. Toda tendência contrária a essa verdade descamba para a idolatria e, conforme disse Aiden Tozer, “entre os pecados para os quais se inclina o coração humano, nenhum é mais odioso para Deus do que a idolatria; pois no fundo, a idolatria difama o caráter divino. O coração idólatra entende Deus de maneira diferente do que Ele realmente é e substitui o Deus verdadeiro por um deus feito à sua imagem [...]. Sem dúvida essa é uma afronta ao Deus altíssimo perante o qual os querubins e serafins exclamam: ‘Santo, santo é o Senhor dos Exércitos’” (*Mais Perto de Deus*, p. 10).

Diante disso, é oportuno perguntarmos a nós mesmos: A quem ou o que temos colocado no trono do coração, que é o lugar que deve ser ocupado por Deus? Quanto de nosso tempo, de nossos talentos e recursos dedicamos ao Deus que nos tem abençoado com toda sorte de bênçãos espirituais (Ef 1:3)? Nossos ideais, projetos e planos estão

acima Dele ou na dependência Dele?

Aos que são tentados a priorizar qualquer outra pessoa ou coisa, acima de Deus, Jesus aconselhou: “Não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar o Seu reino e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:31-33).

Valorize as pessoas

Honra teu pai e tua mãe [...]. Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás [...] coisa alguma que pertença ao teu próximo. Êxodo 20:12-17

O texto para nossa reflexão podia ser qualquer um dos seis últimos mandamentos do Decálogo. Eles contêm a terceira grande lição implícita nessa lei: a valorização do relacionamento com nosso semelhante. Essa é uma verdade que nem sempre é absorvida facilmente em um mundo que nos empurra para uma corrida frenética pela aquisição de bens. De fato, é mais fácil manejar coisas do que se relacionar com pessoas cujas peculiaridades exigem de nós certa dose de paciência e graça. Assim, alguns tendem a atribuir às posses um valor muito acima do que se deve dar ao ser humano. Outros, porém, abraçam o legalismo, que leva a desconsiderar pessoas, em favor da letra de regras insensíveis e frias.

Por sua vez, os seis últimos mandamentos nos incentivam a tratar as pessoas da maneira como Deus as trata: como seres especiais, criados à Sua imagem e semelhança, dignos de consideração, respeito e proteção em todos os sentidos. Foi para salvar pessoas que o próprio Deus, na pessoa de Seu Filho, depôs a vida no Calvário. Porque Jesus valorizou pessoas, acercando-Se de pecadores e marginalizados da sociedade, Seus adversários o acusavam de transigente e indigno de crédito. “Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?” (Mt 9:11), questionavam. E Ele mesmo Se encarregou da resposta: “Não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento” (v. 13).

Sabidamente, o Senhor colocou as coisas em último lugar entre os mandamentos: “Não cobiçarás [...] coisa alguma que pertença ao teu próximo.” Foi por se deixar absorver unicamente pelas posses, que o rico insensato da parábola se perdeu (Lc 12:16-21).

Morris Venden, ao falar do modo como Cristo Se relacionava com as pessoas, escreveu: “As pessoas comuns O ouviam alegremente [...]. Ele

saudou os pecadores, os ladrões e as prostitutas. Tratava os grupos minoritários de Seus dias com dignidade. Ele tinha compaixão dos temerosos, angustiados e tristes, e, no entanto, condenava o orgulho e a autossuficiência” (*Como Jesus Tratava as Pessoas*, p. 4, 5).

Que o Senhor nos conceda graça suficiente para cumprir Sua lei, quanto à maneira como trataremos as pessoas com quem entrarmos em contato. Lembremo-nos de que toda pessoa a quem Cristo ama é digna do nosso amor.

A graça do perdão

Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas. Mateus 6:14, 15

O escritor belga Louis Évely afirmou: “que Deus tem tanto prazer em nos perdoar, que aqueles que Lhe proporcionam essa alegria não se sentem como pestinhas repulsivos e importunos, mas como crianças queridas, compreendidas e encorajadas, agradáveis e úteis para Ele, infinitamente melhores do que se consideravam. Se não fôssemos pecadores e não precisássemos do perdão mais do que de pão, não teríamos como saber quão profundo é o amor de Deus” (Citado em Brennan Manning, *O Evangelho Maltrapilho*, p. 188).

O que poderíamos dizer sobre o perdão divino que fosse mais confortador? Não há ser humano que não tenha sido beneficiado por ele. Mas precisamos nos lembrar de que, tendo-o recebido, devemos compartilhá-lo com nossos semelhantes, sempre que necessário. Cristo associou o perdão que recebemos de Deus ao que oferecemos a outros: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6:12). Em outras palavras, é como se pedíssemos: “Senhor, trata-me como tenho tratado as pessoas.” E mais: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (v. 14). Essa atitude liberta tanto o ofendido quanto o ofensor para que vivam de modo excelente.

Ray Pritchard, no livro *O Poder Terapêutico do Perdão*, conta um episódio marcante da vida de Martin Luther King. Desde muito cedo, ele conviveu com as humilhações resultantes da discriminação racial. Outros reveses marcaram a vida daquele homem. Seu filho, Martin Luther King Jr. abraçou a causa em favor dos direitos civis dos negros e foi assassinado por um branco em 1968. Um ano depois, outro filho

morreu afogado em uma piscina. Em 1974, novo golpe: enquanto tocava piano em um culto de sua igreja, sua esposa foi morta por um jovem ativista negro, inconformado com o discurso pacifista e agregador dos King.

Em 1984, perto de morrer, aos 84 anos, o patriarca refletiu sobre a própria vida, a causa pela qual lutou e as perdas que sofreu. Ele nos deixou uma preciosa lição: “Há dois homens que eu deveria odiar. Um deles é branco, o outro é negro, e os dois estão cumprindo pena por homicídio. Não odeio nenhum dos dois. Não há tempo para isso; também não há razão. Nada pode rebaixar tanto um homem quanto ele se permitir decair a ponto de odiar alguém” (p. 140).

Reverso de um desafio

Que é a verdade? João 18:38

A pergunta: “Que é a verdade?” (Jo 18:38), feita por Pilatos a Cristo, sempre ecoou na mente de homens e mulheres em busca de certeza e direção para a vida. Na Idade Média, quem desejasse conhecer a verdade deveria buscá-la junto ao clero. Com o advento da Reforma, a verdade passou a ser vista como bem acessível a qualquer pessoa que pesquisasse as Escrituras. Em seguida, as revoluções filosófica e científica rejeitaram a autoridade dessas fontes, atribuindo a possibilidade da descoberta da verdade à razão humana e à ciência.

Assim, o mundo entrava em uma fase na qual a ciência se tornou a medida de todas as coisas, estando pretensamente destinada a resolver todos os problemas. Desiludido pela falácia dessas propostas, o homem se empenhou em construir a própria verdade, divorciada de valores absolutos. Isso resultou no pensamento pós-moderno, cujos conceitos de verdade relativa, plural, ajustável a situações, conveniências e gostos pessoais nos desafiam, porque ameaçam a fé e geram incerteza.

Contudo, outras características da pós-modernidade nos levam à conclusão de que esse período representa uma grande oportunidade para a igreja em sua missão e para nosso cristianismo pessoal. A valorização pós-moderna da experiência religiosa pessoal autêntica e da vivência comunitária não deve ser minimizada. Nessa mentalidade, as pessoas não são impressionadas com a teoria da religião, mas por sua demonstração prática. De fato, não existem argumentos contra a evidente transformação efetuada por Deus na vida do crente.

Além disso, os pós-modernos valorizam relacionamentos. Pessoas com essa mentalidade não serão conquistadas pela visão da grandeza institucional de um grupo religioso, mas por membros desse grupo que desenvolvam relacionamento com elas. Em realidade, em meio a tantos rituais dos quais possamos nos gloriar, necessitamos atentar para o que a Bíblia aponta como verdadeira religião: “Visitar os órfãos e

as viúvas nas suas tribulações” (Tg 1:27). Não podemos ignorar as necessidades daqueles a quem pretendemos encaminhar para a eternidade.

Novos desafios abrem portas para novas oportunidades e não devem ser temidos. O Senhor da História pode revertê-los em instrumentos para reavaliação de nossas prioridades, em caminhos que nos levem a viver a verdade autêntica, em Cristo Jesus, tornando-nos efetivos no cumprimento da missão que Ele nos confiou.

Reação desafiadora

Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra. Mateus 5:38, 39

Essas palavras foram pronunciadas numa época em que havia muita revolta entre os judeus contra a dominação romana. Espalhadas por toda a Judeia e Galileia, as tropas imperiais intimidavam e mantinham a lembrança da própria degradação nacional.

Não raro, oficiais romanos obrigavam camponeses judeus a realizarem as mais penosas tarefas, o que estava perfeitamente de acordo com a lei e os costumes do império. A resistência a isso somente serviria para abrir as portas para a prática de mais crueldade. Por isso, o povo desejava se livrar daquele jugo. O espírito de revolta predominava, e todos esperavam que Cristo fosse Aquele que deveria humilhar o orgulho romano.

Ao observar nos semblantes o desejo de vingança, Jesus expôs a filosofia de Seu reino, superior ao pensamento e à filosofia dos homens. O ensinamento do Mestre nessa passagem é o ponto crucial e mais desafiador do Sermão do Monte. Isso porque a primeira reação humana diante da ofensa é o revide, na mesma medida ou em medida superior. Essa, porém, é uma atitude infeliz. Além de não resolver o problema, o agrava mais ainda. A atitude correta é ir além do mal sofrido e, com espírito cristão, virar a outra face.

Esse é o “princípio da resistência ativa.” Dar a outra face é encarar o inimigo com espírito superior, desprovido de ódio, é revestir-se de heroísmo, revelando disposição em perdoá-lo. O Mestre deu exemplo disso quando enfrentou as autoridades. Embora tivesse à Sua disposição toda a hoste angelical, reprovou o ato de Pedro, que lançou mão da espada contra o servo do sumo sacerdote.

“Toda a vida terrestre de Jesus foi uma manifestação deste princípio. Foi para trazer o pão da vida a Seus inimigos que nosso Salvador deixou Seu lar no Céu. Se bem que se amontoassem sobre Ele calúnias

e perseguições desde o berço até à sepultura, estas não Lhe provocaram senão expressões de um amor que perdoa [...].

“Aquele que estiver impregnado do Espírito de Cristo, habita em Cristo. O golpe que lhe é dirigido cai sobre o Salvador, que o circunda com Sua presença. O que quer que lhe aconteça vem de Cristo. Não precisa resistir ao mal, porque Cristo é sua defesa. Nada lhe pode tocar a não ser pela permissão de nosso Senhor” (Ellen White, *O Maior Discurso de Cristo*, p. 71).

Quem busca encontra

Sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que Se torna galardoador dos que O buscam. Hebreus 11:6

Hoje seria o aniversário de minha mãe. Mulher simples, viveu pela fé e na esperança. Das lembranças mais remotas que tenho dela estão os momentos em que, em minha infância, a via lendo diariamente a Bíblia, antes de qualquer tarefa doméstica, orando ajoelhada longamente no fim da tarde em seu quarto ou realizando o culto infantil conosco imediatamente após o lanche da noite. Em minha adolescência, também não deixava de responder a meus poucos questionamentos bíblicos. Costumo dizer que ela foi minha primeira professora de Teologia Sistemática, enquanto meu pai foi o primeiro de Teologia Aplicada, ao me fazer acompanhá-lo desde cedo em suas tarefas missionárias.

As lembranças dos últimos dias de minha mãe não são muito diferentes. O apego à Palavra permaneceu o mesmo. Em um de nossos últimos encontros, admirei-me ao vê-la “mergulhada” nas Escrituras. Pensando nas limitações que já lhe eram impostas pelo mal de Alzheimer, perguntei-lhe sobre o que estava lendo e acerca de seu entendimento do texto. A resposta foi segura, e o entendimento ainda estava razoavelmente claro.

Algumas vezes, quando eu era criança, pude vê-la abatida, lutando com pequenas dificuldades na saúde, e ansiosa quanto a questões financeiras da família. No fim de um desses dias escuros, ouvi seus comentários sobre o brilho da esperança que trouxe paz e certeza a seu coração. Cansada, em meio a um rápido cochilo no início da tarde, pareceu-lhe ouvir alguém recitando Hebreus 11:6. Os problemas não foram resolvidos em um estalar de dedos, mas a certeza de que ninguém que busque a Deus impulsionado pela fé voltará de mãos vazias a fortaleceu e tranquilizou em sua jornada perseverante.

Pela fé, Enoque buscou a Deus e O encontrou. Andaram juntos, e o

Senhor se agradou dele, recompensando-o com a trasladação. Em nossa caminhada com o Senhor, podemos receber os prêmios que Ele está disposto a nos dar diariamente. Nos vaivéns da vida, devemos buscá-Lo e ser premiados com Sua presença que a tudo satisfaz (Jr 29:13; Is 55:6; Pv 8:17).

A busca por Deus tem de ser intensa, diligente e constante, porque Ele é o Sol que nos aquece e ilumina, a esperança em meio ao desespero, enfim, a vida da nossa vida. Ao Se deixar encontrar, Ele traz Consigo todas as bênçãos de que necessitamos. Podemos receber hoje essa recompensa.

O espinho e a graça

E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, [...] a fim de que não me exalte. Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então, Ele me disse: A Minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. 2 Coríntios 12:7-9

É possível que, em algum momento da vida, você tenhaorado fervorosamente para se livrar de uma dificuldade, apenas para ver passarem os dias e tudo continuar como sempre. Que sentimentos alimentou, então? Contudo, veja só! Aqui está Paulo convivendo com uma provação, sem que isso significasse abandono ou castigo da parte do Senhor. Deus havia permitido a prova para mantê-lo humilde. Quanto maiores fossem seus privilégios, mais necessário era que percebesse sua absoluta dependência de Deus.

O que era esse espinho tem sido objeto de muita especulação. As sugestões incluem problemas como depressão, tentações, desejos sensuais, fraqueza física, aparência pessoal, epilepsia e problemas visuais. Qualquer que fosse a natureza desse espinho doloroso, ele orou intensamente para que lhe fosse retirado; mas a resposta divina foi: “Minha graça te basta.”

A graça é suficiente para tudo em nossa experiência cristã. Ela nos sustenta e fortalece. Por causa dela, somos aceitos, perdoados e salvos. Nossa inteligência não nos basta; nossos recursos financeiros também não. Nossos amigos ajudam, mas não resolvem tudo. Só a graça é suficiente.

Tendo recebido muitas vezes o conforto da graça, em momentos de profunda depressão, Charles Spurgeon chegou à seguinte conclusão: “Se nenhum dos santos de Deus fosse humilhado e sujeito às provações, não conheceríamos tão bem nem metade da consolação da graça divina. Quando encontramos um andarilho que não tem onde reclinar a cabeça, mas que pode dizer: ‘mesmo assim confiarei’, ou quando vemos um pobre necessitado de pão e água que ainda se gloria

em Jesus; quando vemos uma viúva enlutada assolada por aflições e ainda tendo fé em Cristo, que honra isso reflete no evangelho! A graça de Deus é exemplificada e engrandecida na pobreza e nas provações dos crentes” (*Manhã e Noite* [Devocional Diário, 4 de março]). Sim, é na fraqueza que o cristão sente a força do poder de Cristo e se agiganta. Por isso, aconselha Spurgeon, “se o teu [caminho] for um caminho atribulado, regozija-te Nele [Deus], pois mostrarás o teu melhor através da todo-suficiente graça de Deus. Quanto a Ele falhar contigo, jamais penses nisso – odeia esse pensamento. O Deus que foi suficiente até agora o será até o fim.”

Na dependência do Espírito

Esta é a palavra do SENHOR a Zorobabel: Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos. Zacarias 4:6

A expressão “por Seu Espírito” devia ser o lema de todas as realizações na vida cristã. Ela nos traduz a realidade de que devemos empregar o melhor do nosso esforço na conquista de alvos e objetivos propostos, sem ignorar o fato de que o que realmente importa é a dependência absoluta do poder do Espírito Santo. É somente por Ele que as conquistas pessoais e eclesíásticas são materializadas, e Zorobabel entendeu isso.

Governador encarregado de completar o projeto de reconstrução do templo de Jerusalém, ele enfrentava muitas dificuldades. Por um lado, a nova geração não demonstrava interesse no plano; por outro lado, a antiga imaginava já ter feito o que deveria fazer. Isso, além da oposição externa. Em meio a tudo isso, Zorobabel recebeu a orientação divina por intermédio do profeta Zacarias: “Esta é a palavra do SENHOR a Zorobabel: Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos.”

Nesse verso, os termos “força” e “poder” se referem à maneira humana de enfrentar os problemas relacionados com o avanço da Causa de Deus. É o ato de confiarmos demasiadamente nos métodos e méritos humanos, esquecidos de que eles não terão a menor eficácia, a menos que sejam submetidos ao Espírito e vitalizados pelo Seu poder. Como afirmou Theodore Laetsch, “a obra do Senhor, a construção do Seu templo, o crescimento interno e a expansão da Sua igreja não podem ser executados mediante simples meios externos. A força e sabedoria humanas, por si só, falharão. Cabe ao Seu Espírito a tarefa!”

A lembrança dessa verdade deve ser constantemente renovada em nossa experiência, quer estejamos empenhados em nosso crescimento pessoal quer estejamos de alguma forma envolvidos na missão da igreja. Em ambos os casos, corremos o risco de empregar estratégias discutíveis para alcançar ótimos resultados quando, de fato, o lema

supremo de tudo o que fizermos deve ser: “O amor de Cristo nos motiva.”

Vivemos e trabalhamos para glorificar a Deus, quer na vida quer na morte. Ele não olha apenas o exterior, mas avalia nosso interior, ou seja, nossa motivação. Isso é o mais importante. Sejam diligentes, perseverantes, vigilantes sobre nós mesmos. No entanto, não extingamos o Espírito. Buscá-Lo diariamente deve ser nossa primeira ocupação.

Prisioneiro de Cristo

Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios. Efésios 3:1

Ao escrever a carta aos Efésios, Paulo estava preso em Roma, aguardando ser entregue a Nero. Em prisão domiciliar, o apóstolo morava em uma casa alugada e não podia andar livremente pela cidade. Um soldado o vigiava dia e noite. Em Efésios 3:1 a 13, Paulo fala sobre como foi comissionado por Jesus Cristo e a respeito de seu trabalho entre os gentios.

No verso 1, ao identificar-se como “prisioneiro de Cristo Jesus”, o apóstolo destaca a soberania de Deus, pois nada acontece sem a permissão Dele. O Senhor que pisoteou a morte e rompeu os grilhões da sepultura, ressuscitando a Cristo, não podia ser limitado por qualquer poder terrestre, ainda que fosse o férreo Império Romano. Paulo sabia que se Jesus não tivesse algum propósito para ele em sua prisão, poderia libertá-lo quando e como desejasse. Em última instância, o apóstolo não era prisioneiro de Roma, mas de Cristo Jesus; e isso fazia toda diferença.

Ao lado da soberania de Deus está Sua bondosa providência. Ele sempre tem um bom propósito ao nos permitir passar por adversidades. Em uma ocasião em que Paulo e Silas estavam presos, louvaram ao Senhor, e um terremoto abriu as cadeias. O fato inusitado resultou na conversão do carcereiro (At 16:25, 26). Paulo sabia que nem todas as coisas são boas, mas que, por meio delas, Deus age bondosamente, tendo em vista um fim proveitoso (Rm 8:28).

O Senhor não apenas é soberano e bom, mas também é infinitamente sábio. Se Ele administra todas as circunstâncias da vida para nos levar a um fim proveitoso, pode ser que não mude algumas circunstâncias negativas para o nosso bem. Deus não removeu o amargo cálice do Getsêmani das mãos de Seu Filho (Mt 26:39) nem o “espinho na carne” do apóstolo Paulo (2Co 12:7-9). Mas, nos dois casos, ficou evidente a submissão de ambos à vontade divina.

É assim, submissos e confiantes no amor do Pai, que seremos capazes de desfrutar o privilégio de ser prisioneiros de Cristo Jesus, ou seja, a segurança de saber que, nas horas mais difíceis, Deus cumprirá Seus propósitos em nossa vida e a tornará frutífera. É o privilégio de partilhar dos sofrimentos de Cristo. É viver em absoluta e máxima segurança. É experimentar descanso, paz, calma, confiança e manter a esperança, independentemente de qualquer provação.

O alimento da mente

Portanto, meus irmãos, encham a mente de vocês com tudo o que é bom e merece elogios. Filipenses 4:8, NTLH

Em pleno século 21, parece que o cérebro humano permanece como um desafio à ciência. Pesquisas revelam que ele é muito mais avançado do que o computador, apesar dos constantes, rápidos e surpreendentes avanços tecnológicos. Em 2014, pesquisadores japoneses e alemães fizeram experimentos que ajudam a ter uma noção da complexidade do cérebro. Eles utilizaram o supercomputador K para simular um segundo de atividade cerebral. O equipamento poderia acomodar um modelo de rede de 1,73 bilhões de neurônios, ao passo que o cérebro humano tem aproximadamente 100 bilhões de neurônios. Por fim, ele alcançou o objetivo; mas, para simular um segundo de atividade cerebral, demorou 40 minutos.

Imagine quanta coisa o cérebro humano pode captar e gravar em pouquíssimo tempo! Atualmente, informação para ser captada e gravada é o que não falta, mas isso sobrecarrega a mente – centro de nossos pensamentos e decisões e também nosso canal de comunicação com Deus. As informações nos chegam por meio da literatura, da música, da internet, da televisão e dos filmes e programas a que assistimos diariamente. Diante da oferta de material fútil que inunda a sociedade atual, torna-se indispensável que saibamos filtrar e selecionar o que entrará por nossos olhos e ouvidos, as chamadas “janelas da alma”.

Ellen White afirmou: “Os nervos do cérebro, que se comunicam com todo o organismo, são os únicos instrumentos pelos quais o Céu pode comunicar-se com o homem e afetar sua vida mais íntima” (*Mente, Caráter e Personalidade*, v. 1, p. 230). Por isso, esse canal precisa estar desobstruído, livre de material que prejudique o desenvolvimento do caráter que herdará a eternidade.

Essa preocupação não é nova. Por volta do ano 63 d.C., Paulo a compartilhou com os cristãos da igreja de Filipos, exortando-os a

ocupar o pensamento com “tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama”, e com aquilo em que for encontrada “alguma virtude” ou em que houver “algum louvor” (Fp 4:8). A palavra original grega traduzida como “louvor” é *épainos*, que significa “aprovação”, “elogio”.

A pessoa cuja mente é alimentada com vulgaridades será sempre vulgar. Aquela que, submissa à graça de Deus, nutre a mente com as elevadas virtudes mencionadas por Paulo será cada vez mais nobre, habilitando-se para a vida que não tem fim.

Na contramão do mundo

Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente. Romanos 12:2, NVI

Os desafios para a vivência da fé cristã não são exclusividade da nossa época. Os primeiros cristãos também os enfrentaram na sociedade da qual faziam parte. De acordo com historiadores, Roma era uma espécie de capital do mundo, exibindo imponentes edifícios públicos e mansões residenciais, que contrastavam com desconfortáveis casas, nas quais grande parte da população morava. Havia teatros nos quais artistas atraíam multidões. A corrida pelas posses materiais era frenética. Oferecendo mercadorias provenientes de várias partes do mundo, seu comércio era exuberante e convidativo ao consumismo. Cidadãos romanos tinham direito a tratamento diferente daquele dispensado aos estrangeiros. Com foro privilegiado, teriam julgamento oficial, caso fossem envolvidos em algum crime. Em caso de condenação, era-lhes vedada a morte por crucifixão.

Quanto aos padrões morais, casos de imoralidade sexual eram comuns. Nesse sentido, o próprio Nero se envolveu em crimes extremamente vis. Por outro lado, ali também floresceu uma comunidade cristã, e Paulo se preocupou com ela. Escreveu-lhe a carta na qual destaca que o evangelho é o “poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1:16). Em Romanos, Lutero encontrou o instrumento que quebrou as cadeias que o prendiam ao legalismo: “O justo viverá pela fé” (Rm 1:17).

Tendo falado sobre o evangelho da graça, o apóstolo salientou o estilo de vida resultante da ação desse evangelho na vida de quem o aceita. Assim, chegamos a nosso texto no capítulo 12. Inicialmente, ele roga – não força nem impõe – a seus leitores para que se rendam como “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (v. 1). Uma entrega de todas as faculdades mentais, intelectuais, físicas, espirituais, sendo o verdadeiro “culto racional”. A consequência disso é a transformação (grego, *metamorphoō*) da mente, o que não significa apenas uma

conformação exterior, mas mudança a partir do íntimo do ser humano.

Essa é a experiência que somos chamados a buscar. Inconformismo com os padrões desta época, superação das tendências consumistas, rejeição dos valores relativos, resistência à pregação de uma tolerância ilimitada que pretende nos impor uma convivência passiva com todo tipo de prática e comportamento. Sem dúvida, a pressão é forte; mas a graça e o poder que Deus nos disponibiliza são invencíveis.

Simplemente Cristo

Considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Filipenses 3:8

Nascido em 1889, na Índia, Sadhu Sundar Singh cresceu odiando o cristianismo. Adepto do sikhismo, ele extravasou intensamente esse ódio, quando, aos 15 anos, queimou publicamente um exemplar do Evangelho. No entanto, três dias depois, teve uma visão de Cristo e se converteu. Então, mesmo sendo adolescente, resolveu se tornar *sadhu* (“pregador peregrino”). Certo dia, Sundar Singh visitou uma faculdade hindu e foi abordado por um professor descrente.

– O que você encontrou no cristianismo que não tinha em sua antiga religião? – perguntou o professor.

A resposta de Sundar Singh foi:

– Agora tenho Cristo!

– Sim, eu sei – continuou o cético – mas que princípios, ensinamentos ou doutrinas você encontrou no cristianismo, e que não conhecia anteriormente?

– Tudo o que encontrei foi Cristo! – foi a resposta.

De fato, Sundar Singh estava certo. O centro do cristianismo é Jesus Cristo. Para John Stott, Ele “é o centro da História, o eixo das Escrituras, o coração da missão” (*O Incomparável Cristo*, p. 11). Por tudo o que envolveu Sua vida, Seu ministério terrestre, o sacrifício no Calvário, o descanso na sepultura, a ressurreição vitoriosa e a ascensão ao Céu, Ele é o evangelho personificado; a boa-nova divina para o ser humano. É Senhor da nossa redenção, assim como é o Senhor da criação: “Todas as coisas foram feitas por intermédio Dele; sem Ele, nada do que existe teria sido feito” (Jo 1:3, NVI).

Paulo também experimentou a sublimidade de Cristo. Desde sua conversão, Cristo Se tornou o centro de sua vida. Então, sua ascendência terrena, erudição religiosa, bagagem cultural, seus ganhos materiais e até a própria morte (Fp 1:21) não mais lhe importavam. Ele tinha Cristo!

Sim, “Cristo é nossa promessa, nossa realidade e nossa vida. Com Ele, nada nos falta. Com Ele, somos vitoriosos. Com Ele, somos filhos de Deus. Sua obediência é nossa obediência. Somos Suas testemunhas, Seus colaboradores, Seus servos, Seus embaixadores. Sua propriedade [...] Sua justiça é nossa justiça. Ele é nossa consciência e a força de nossas ações. [...] Nossa vida é Ele, e Ele é tudo o que somos. Nada queremos que não seja Dele, nada que nos separe Dele. Nele vivemos e nos movemos e existimos. Ele é tudo para nós, em tudo” (Mario Veloso, *Mateus*, p. 27).

Desacelere!

Aquietai-vos e sabei que Eu sou Deus. Salmo 46:10

Um novo dia sempre traz novas esperanças e expectativas; às vezes, misturadas com a lembrança de problemas não resolvidos ontem e a certeza de novos desafios e dificuldades. O inimigo estará sempre à espreita, procurando uma oportunidade para atacar. A isso, acrescente-se os itens do cotidiano cardápio de adversidades: insegurança generalizada, instabilidade econômica, relacionamentos difíceis, exigências no trabalho, pressões da vida e tantas outras coisas. Para muitos, isso representa uma considerável carga de estresse. Mas não precisamos desanimar.

No Salmo 46, vemos que Deus é para nós um refúgio seguro contra os males da vida. Esse é conhecido como “o salmo de Lutero”, que, em momentos de dificuldades, costumava convidar seu amigo Phillip Melânchton para cantá-lo. A partir do salmo, o reformador foi inspirado a compor o hino “Castelo Forte” (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 33).

Muitos estudiosos acreditam que esse salmo foi escrito depois da intervenção divina contra Senaqueribe, rei da Assíria, em sua tentativa de destruir o povo de Deus nos dias de Ezequias. Pouquíssimo tempo antes de o ataque ser desferido, uma misteriosa praga dizimou 185 mil soldados no arraial inimigo (Is 37:36, 37). Debate teológico à parte, o evento pelo menos é uma oportuna ilustração do infalível socorro de Deus dispensado a Seu povo.

Diante do poder de Deus se dissipam os temores. O Senhor é aquele a quem podemos ir em busca de proteção e de quem podemos receber forças nas provações. Não há inimigo que prevaleça contra aquele que Nele se abriga. A certeza de que Deus conhece todas as nossas necessidades e os motivos pelos quais julgamos ter necessidade de alguma coisa nos leva a desacelerar na corrida cotidiana. É certo que Ele tem mil formas de suprir cada uma dessas necessidades, assim como pode nos sustentar contra quaisquer investidas de Satanás e

seus exércitos.

O convite do verso de hoje implica que devemos nos entregar, desistir de lutar sob desespero, irracionalmente, como se tudo dependesse apenas de nossos limitados esforços. Uma paráfrase do verso diz o seguinte: “Silêncio! Abandonem sua agitação e reconheçam que Eu sou Deus.” Então, desacelere! Confie e vá à luta!

Graça em terra seca

Não temas, porque usarei de bondade para contigo, por amor de Jônatas, teu pai. 2 Samuel 9:7

O rei Saul e seu filho Jônatas haviam morrido em uma batalha contra os filisteus. Temendo pela própria vida, os familiares de Saul fugiram. Na fuga, a babá do pequeno Mefibosete, filho de Jônatas, o deixou cair. Como resultado, a criança ficou aleijada de ambos os pés. Os anos se passaram, Mefibosete cresceu e viveu em Lo-Debar com sua deficiência física. Em hebraico, Lo-Debar significa “lugar árido”; “terra onde não há pasto”.

Enquanto isso, sob a liderança de Davi, o reino se expandiu em todos os aspectos. Certo dia, refletindo sobre a bondade divina para com ele, o rei perguntou: “Resta ainda, porventura, alguém da casa de Saul, para que eu use de bondade para com ele, por amor de Jônatas?” (2Sm 9:1). Ziba, um servo da casa de Saul, mencionou Mefibosete, sendo-lhe pedido que o trouxesse à presença do rei.

Certamente, Mefibosete temeu ao ser informado sobre o convite de Davi, que havia sido perseguido por seu avô. Assim, hesitante, apresentou-se ao rei: “Eis aqui teu servo”, disse, para depois ouvir com surpresa que teria restituída a propriedade de Saul e acesso permanente à mesa real. “Quem é teu servo, para teres olhado para um cão morto tal como eu?” (v. 8.), reagiu Mefibosete. Em seguida, Davi o acolheu como um membro da família, conduzindo-o até uma mesa que esconderia seus pés deformados. Então, “comeu, pois, Mefibosete à mesa de Davi, como um dos filhos do rei” (v. 11). Isso é graça! Aliás, a palavra traduzida como “bondade” (v. 1) aparece outras vezes como “graça” ou “misericórdia” no Antigo Testamento. Assim, podemos nos ver em Mefibosete; e, na atitude de Davi, contemplar uma demonstração da graça divina para conosco, por causa de Jesus Cristo.

A presença à mesa de Davi não foi por mérito de Mefibosete. Restaurado, tornou-se membro da família real, unicamente por causa da bondade do rei. Caso você tenha dificuldade para entender a

maravilha da graça, volte sempre a esse texto e dialogue com Mefibosete.

Durante algum tempo, estivemos anônimos, esquecidos, nada mais do que “cães mortos” com a carcaça exposta na terra seca de nossa Lo-Debar pessoal. Contudo, o Rei, por intermédio de Seu Filho, veio nos buscar. Tendo aceitado o convite, temos direito a um lugar à mesa da misericórdia divina, sob a qual para sempre estão escondidos nossos defeitos. Aleluia!

“Não te esqueças”

Tenham muito cuidado para que vocês nunca se esqueçam das coisas que os seus olhos viram. Deuteronômio 4:9, NVI

O teólogo Romano Guardini (1888-1968), surpreso e incomodado com a própria tendência de colocar Deus à margem de suas prioridades, à semelhança do que geralmente acontece conosco, questionou: “Por que será que Deus permeia o Universo, que tudo o que existe passa por Sua mão, que cada pensamento e emoção que temos tem significado apenas Nele, mas ainda assim não somos abalados nem inflamados pela realidade de Sua presença, mas capazes de viver como se Ele não existisse? Como esse artifício verdadeiramente satânico é possível?” (em Philip Yancey, *O Deus (In)visível*, p. 193).

É irônico que um Deus que jamais Se esquece de Seus filhos (Is 49:15) aparentemente seja muitas vezes esquecido por eles. Foi justamente para isso que Moisés, em Deuteronômio, chamou a atenção dos israelitas. Repetidas vezes, ele apelou para que não se esquecessem das promessas divinas e dos grandes feitos em favor deles (Dt 5:15; 7:18, 19; 8:2, 12-14, 18; 11:3-7; 15:15; 24:9, 18, 22). De fato, razões para que tivessem Deus sempre em mente não faltavam. Mesmo assim, a resposta do povo deixava a desejar.

Não foram poucas as vezes em que os escolhidos de Deus se afastaram Dele, seguindo em direção a outros deuses. Nos dias de Jeremias, o que parecia tão ilógico como a noiva se esquecer dos seus enfeites, “desaparecer a neve do Líbano” ou “parar de fluir suas águas frias vindas de lugares distantes” aconteceu: o povo se esqueceu. E o Senhor reagiu pesaroso: “O Meu povo se esqueceu de Mim” (Jr 2:32; 18:15).

Não incorramos no mesmo erro! Hoje, os deuses que nos fazem esquecer de Deus são o consumismo, a correria pela vida material, as maravilhas da internet e tantas outras distrações que nos roubam o tempo que deveríamos separar para estar com Ele. Além disso, na

supervalorização que atribuímos às coisas, ou em nosso desejo de ter sempre mais, apegamo-nos tão fortemente às dádivas que nos esquecemos do supremo doador. Faça um inventário das bênçãos que tem recebido. Desfrute-as, mas não se esqueça de quem as doou. Ele é maior do que as bênçãos. Sim, infinitamente maior que o alimento material, maior que o dinheiro, maior que estações da natureza, maior que astros e estrelas, maior que o dia e a noite, maior que o Universo, maior que o ar que respiramos, maior que a própria vida. Sem Ele, nada do que temos valerá a pena ser desfrutado.

Alívio para todos

Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Mateus 11:29

Jugo e descanso não parecem coisas que se combinam. O primeiro nos traz à mente a ideia de trabalho. Obviamente, não se pode trabalhar e descansar ao mesmo tempo. Na vida rural, o jugo é uma peça de madeira utilizada para unir dois animais a fim de que, no mesmo compasso, trabalhem puxando o arado ou uma carroça. Também é chamada canga ou junta de bois.

Isso implica disciplina, o que torna o jugo originalmente um equipamento útil; afinal, o trabalho é realizado em sincronia. Nesse caso, o propósito do jugo não era tornar o trabalho penoso e difícil, mas dividi-lo entre duas forças. No entanto, com o passar dos anos, ele foi transformado em um instrumento que traz à nossa mente a ideia de escravidão, trabalho forçado, submissão e opressão. Foi assim nos tempos do Império Romano. Em Roma, havia um lugar em que prisioneiros eram obrigados a passar por baixo de uma trave de madeira, enquanto o público ovacionava a prática, símbolo de humilhação. Alguns generais vencedores também costumavam humilhar os soldados derrotados, fazendo-os desfilar sob um jugo colocado sobre duas lanças.

Os ouvintes aos quais Jesus dirigiu o convite para descanso Nele e, ao mesmo tempo, para que recebessem Seu jugo viviam sob o jugo romano. Isso significava experimentar opressão econômica, social, política e religiosa. Além disso, líderes religiosos haviam corrompido a verdadeira fé com imposições doutrinárias legalistas. O povo sofria sob uma religiosidade formal que lhes impunha pesadas cargas sem que isso resultasse em alívio nem conforto.

Marginalizados, pecadores e publicanos tinham perdido a esperança. Leis pesadas, elevados impostos para o templo, formalismo religioso e rituais frios escravizavam mais que libertavam. O sentimento de culpa e indignidade permanecia. Foi nesse cenário que Jesus apareceu

oferecendo descanso, fardo leve e jugo suave. Não o jugo formal que lhes era imposto, muito menos um jugo que não significasse disciplina, mas um jugo personificado Nele mesmo. “Venham a Mim”, foi Seu convite.

À semelhança dos animais que trabalham juntos no mesmo jugo, sob o jugo de Cristo andamos juntos, Ele e nós. Em nossas lutas espirituais, não somos deixados a sós. “Meu jugo é suave, Meu fardo é leve”, diz Ele, porque nos ajuda a carregá-los.

Coração transformado

Eu lhes darei um coração novo e uma nova mente. Tirarei deles o coração de pedra, desobediente, e lhes darei um coração humano, obediente.

Ezequiel 11:19, NTLH

Síndrome do nódulo sinusal é o termo que identifica o conjunto de anomalias no funcionamento do marcapasso cardíaco natural. Dentro desse espectro, está a síndrome de bradicardia-taquicardia, na qual o ritmo do coração é alternado entre a aceleração e a lentidão. Perplexo, durante a realização de um *check-up* de rotina, recebi a informação de que era portador desse distúrbio. Como isso poderia ter acontecido se, no procedimento anterior, dois anos antes, ouvi elogios à minha condição cardíaca? Além disso, eu pelo menos não me lembrava de ter sentido nenhuma anormalidade durante minhas atividades físicas diárias!

Depois de uma bateria de exames, foi definido que o melhor caminho para correção do problema seria o implante de um marcapasso artificial. À perplexidade somei uma silenciosa resistência, imaginando que deveria haver alternativas, e me lancei à procura delas. Entre o aumento do uso de todos os alimentos que pude pesquisar serem benéficos ao coração e as idas e vindas a cardiologistas, passou-se um ano. Até que o cardiologista que primeiro diagnosticou o problema disparou: “Você corre o risco de ir dormir qualquer dia desses e não acordar.” Desisti. Exatamente hoje faz 12 anos que o implante foi realizado.

Ao usar a metáfora do coração para identificar a mente humana, a Bíblia é generosa em apresentá-lo como fonte de patologias espirituais. Jesus mesmo disse que dele “procedem os maus desígnios” (Mt 15:19). Jeremias o classificou como “mais enganoso que qualquer outra coisa” (Jr 17:9, NVI). Por isso, Salomão advertiu: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4:23).

Se a tecnologia da medicina tem criado os mais modernos recursos

para recuperar corações físicos, Deus faz ainda mais. Não Se limita a arranjos ou adendos, mas transforma-o radicalmente. A Seu povo, nos dias de Ezequiel, Ele prometeu realizar um transplante: substituir o coração espiritual de pedra por um de carne. Somente a graça divina faz essa operação. Era inútil a Israel tentar resolver o problema por meio de seus “métodos.” Permanecendo como estava ou maquiando o tratamento segundo sua própria vontade, o povo se colocava em perigo.

É somente entregando-nos aos cuidados do cardiologista divino que podemos ter o coração completamente transformado.

Março

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sáb

1 2 3 4 5 6 7

8 9 10 11 12 13 14

15 16 17 18 19 20 21

22 23 24 25 26 27 28

29 30 31

Envolva-se e brilhe!

*Vocês são o sal da Terra [...]. Vocês são a luz do mundo. Mateus 5:13, 14,
NVI*

No Sermão do Monte, após descrever as características das pessoas realmente felizes, Jesus Cristo mencionou duas ilustrações sugestivas, do cotidiano doméstico, para falar do estilo de vida cristão. “Vocês são o sal da Terra”; “Vocês são a luz do mundo”. Dois elementos que indicam duas tendências que se harmonizam e se complementam: preservação e difusão.

Na ilustração, o sal lembra nossa tarefa de livrar o mundo da decomposição resultante da podridão moral, vivendo e agindo de tal modo que a insipidez não nos torne inúteis. “Se o sal perder o seu sabor”, diz Ele, “não servirá para nada, exceto para ser jogado fora”. Assim, é nosso papel exercer influência positiva, misturando-nos com as massas, em uma sociedade que se corrompe de maneira acelerada.

Se a ação do sal é invisível, a da luz é perceptível. Não pode ser escondida, assim como não se pode ocultar uma cidade construída sobre um monte. Cidades construídas sobre montes são visíveis durante o dia, por causa da iluminação produzida pela luz do sol. Durante a noite, são visíveis por causa da luz que brilha do interior das casas. A luz é sempre colocada em uma posição onde pode irradiar. É um contrassenso acender uma lâmpada e deixá-la coberta. Ela deve ser instalada no lugar apropriado a fim de que irradie seu brilho.

É de suprema importância nos lembrarmos de que, antes de ser luz, o cristão é sal. Antes de se manifestar exteriormente, ele cultiva a vida interior. Então, a manifestação de seu brilho será algo simples e natural, assim como a natureza da luz é iluminar. Ela se gasta iluminando.

No livro *Os Cristãos e os Desafios do Mundo Contemporâneo*, John Stott fala da postura que os cristãos devem ter diante dos problemas e das questões que preocupam a sociedade em geral: educação, pobreza, moralidade, direitos humanos, racismo, saúde, meio ambiente, entre

outros. E arremata: “O mundo vai de mal a pior’, dizemos encolhendo os ombros. Mas, se a casa estiver escura ao anoitecer, não faz sentido culpar a casa, pois isso é o que acontece quando o sol se põe. A pergunta a ser feita é: ‘Onde está a luz?’ Da mesma forma, se a carne estragar e for impossível comê-la, não faz sentido culpar a carne, pois isso é o que acontece quando as bactérias são deixadas ao léu para se reproduzirem. A pergunta é: ‘Onde está o sal?’” (p. 89). Devemos responder a essas questões com a influência que hoje irradiaremos.

Além da dor

Mas, depois de sofrerem por um pouco de tempo, o Deus que tem por nós um amor sem limites e que chamou vocês para tomarem parte na Sua eterna glória [...], Ele mesmo os aperfeiçoará e dará firmeza, força e verdadeira segurança. 1 Pedro 5:10, NTLH

A primeira carta de Pedro teve como destinatários cristãos que viviam no território correspondente à atual Turquia. Eles enfrentavam dificuldades por causa da fé, e o apóstolo procurou animá-los a continuar firmes na dedicação a Jesus Cristo, exemplo também no sofrimento. É em meio à dor que o cristão prova a veracidade e tenacidade da própria fé.

Para alguns, nem sempre é fácil lidar com o sofrimento. Esse é o resultado da ideia de que as provações atestam o abandono de Deus ou castigo infligido por Ele a Seus filhos em virtude de pecados cometidos. Uma corrente popular de pregação tem afirmado que nenhum cristão deve enfrentar dificuldades.

Diferente disso, Pedro tinha uma visão clara sobre a questão do sofrimento do cristão. Para ele, seus destinatários já estavam no calor da batalha da fé. Desse modo, o sofrimento era inevitável. Isso é verdade enquanto estivermos peregrinando neste mundo. O Senhor não prometeu um caminho livre de desafios. “Quando passares pelas águas, Eu serei contigo” (Is 43:2). Essa é a promessa. O próprio Jesus garantiu: “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16:33).

Assim, Pedro não minimiza o sofrimento, mas apresenta os propósitos divinos implícitos nele.

Aperfeiçoar. Em meio ao sofrimento, Deus está aperfeiçoando Seus filhos. O verbo utilizado aqui tem o sentido de “pôr em ordem”, “restaurar” “completar”, consertar peças fracas ou quebradas. Ele restaurará no cristão Seu propósito eterno, apagando os sinais do sofrimento.

Firmar. Nas palavras de Norman Champlin, “Ele curará nosso ser de

todo dano que nos faz tender para a fraqueza. [...] As perseguições não perdurarão para sempre. Deus nos livrará delas e, finalmente, nos estabelecerá em paz e graça” (*O Novo Testamento Interpretado*, v. 6, p. 169).

Fortificar. Para sobreviver às provas, necessitamos mais do que força física; necessitamos de fortalecimento espiritual. Deus cuidará disso, se confiarmos Nele. Em Sua força, transporemos os obstáculos.

Fundamentar. Em Deus, jamais seremos abalados. Ele é o refúgio supremo no qual estaremos alicerçados, seguros contra quaisquer inimigos.

Os problemas nunca deixarão de existir, mas Deus está do nosso lado.

A regra de ouro

Façam aos outros o que quiserem que eles façam a vocês; pois isso é o que querem dizer a Lei de Moisés e os ensinamentos dos Profetas. Mateus 7:12, NTLH

Segundo uma lenda grega, ao criar as cidades, Zeus presenteou suas criaturas com duas virtudes: o senso de justiça e o senso de vergonha. Com isso, acreditava ser possível a boa convivência entre os homens. A justiça limitaria direitos e deveres do cidadão. A vergonha serviria para equilibrar a ambição, a vaidade e a fúria desmedidas entre as pessoas. O que sabemos é que Zeus nunca existiu, e esse relato está bem distante da realidade. As manchetes dos noticiários deixam claro que as duas virtudes estão muito reduzidas em todos os tipos de relacionamento. Valores e princípios parecem ideias ultrapassadas, e os conceitos de “salve-se quem puder” e “levar vantagem em tudo” não têm limites.

“Não será assim entre vocês”, disse o Mestre (Mt 20:26, NVI). A justiça estará presente no julgamento dos semelhantes e no momento de tomar qualquer decisão em relação a eles. O senso de pudor ajudará a nortear o comportamento diante do que é errôneo e indigno. A ética terá lugar prioritário. Nessa moldura, brilha novamente o ensinamento de Cristo: “Façam aos outros o que quiserem que eles façam a vocês.” Isso resume a ética cristã. É “a regra áurea”.

Como tornar prático o princípio dessa norma? Um sábio começo é atender ao conselho de Jesus: “Se o seu irmão pecar contra você, vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão” (Mt 18:15, NVI). Além disso, devemos nos lembrar de que “o Salvador nunca suprimiu a verdade, mas disse-a sempre com amor. Em Suas relações com outros, exercia o máximo tato, e era sempre bondoso e cheio de cuidado. Nunca foi rude, nunca proferiu desnecessariamente uma palavra severa, não ocasionou jamais uma dor desnecessária a uma pessoa sensível. [...] Toda pessoa era preciosa a Seus olhos. Conduzia-Se com divina dignidade” (*Obreiros Evangélicos*, p. 117).

De Benjamin Franklin é dito que, carente de tato em sua juventude, chegou a ser tão diplomático, tão capaz no trato com as pessoas, que foi nomeado embaixador norte-americano na França. O segredo de seu êxito estava em um lema pessoal, adotado depois de muitas experiências dolorosas: “Não falarei mal de ninguém, e de todos direi tudo de bom que souber.”

Ótima ideia! Que tal colocá-la em prática hoje? Em nossa limitação humana, podemos encontrar dificuldade para fazê-lo. Mas a graça divina pode nos ajudar a abençoar as pessoas com as quais nos relacionamos.

A força de um olhar

Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença. João 9:1

A criança maltrapilha, parada em um semáforo, não precisa fazer discurso. O olhar suplicante diz tudo o que ela espera receber naquele lugar. A mão estendida e o olhar da mãe de aparência frágil, sentada sob uma marquise e com um bebê no colo, falam por si mesmos. Quando olhares se cruzam, pode nascer o amor que une até à morte. Casais enamorados, mesmo marcados pelo transcurso dos anos, comunicam-se pelo olhar. Há olhares que acusam, condenam, reprovam ou advertem. Há uma força incrível em um olhar. Contudo, nada existe comparável ao olhar amoroso de Jesus.

Certa ocasião, em um sábado, provavelmente depois da Festa dos Tabernáculos, “Jesus viu um homem cego de nascença” e parou para atendê-lo. Muitos outros o viram, pois ele costumava mendigar naquele lugar. Os discípulos, observando-o de relance, viram-no sob a ótica da credence tradicional: “Mestre, quem pecou: este [homem] ou seus pais, para que ele nascesse cego?” (Jo 9:2). Jesus, porém, atentou para o pobre homem, vendo nele uma pessoa em grande necessidade. Percebeu claramente a oportunidade de revelar o poder de Deus. Ele sempre teve Sua atenção voltada para o ser humano, não importando a condição deste. Por isso, veio salvar perdidos, curar doentes, fazer cegos enxergarem, paráliticos andarem, ressuscitar mortos, aceitar, perdoar e salvar. Parou, aproximou-Se dele e o curou.

Aquele foi o olhar da compaixão, o mesmo que Ele direciona a mim e a você. Jesus Se identificou com as dores e necessidades do cego. Quando Sua misericórdia despertou uma resposta de fé, os olhos daquele homem foram abertos. Transbordando gratidão, não temeu dar glória a Deus e adorá-Lo.

Todo aquele que se rende ao olhar de Cristo é transformado. Pedro teve essa experiência. No pátio do Sinédrio, enquanto o Mestre enfrentava o julgamento, esse discípulo negou conhecê-Lo. Por um momento, os olhares de Cristo e Pedro se cruzaram. O de Cristo,

profundo, mas não de censura, fez com que Pedro visse a si mesmo tal como era. Ao cantar do galo, arrependeu-se e “chorou amargamente.” Nunca mais foi o mesmo.

Focalizados por Seu olhar, estamos na luz. Cristo pode nos ver em nosso pior estado, mas não nos discrimina, não rejeita nem condena. Nenhum bem deste mundo é mais precioso que a bênção desse olhar.

Maturidade passo a passo

Por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. 2 Pedro 1:5-7

Às vezes, alguns papais e mães parecem viver um paradoxo. Sonham ver seus bebês crescendo, indo para a escola, alcançando a adolescência e a juventude, formando-se, enamorados, casados e dando-lhes netos e bisnetos. Ao mesmo tempo, ao verem a realidade do crescimento físico, intelectual e emocional dos filhos e o distanciamento do tempo em que eles mal articulavam as primeiras sílabas e os divertiam com suas conquistas e gracinhas, pensam saudosos e entre suspiros: “Ah, se eles continuassem como bebezinhos!”

Impossível. A menos que haja alguma anormalidade, o caminho natural é o crescimento. Dos primeiros anos, restarão apenas as lembranças.

A vida cristã é progressiva. O recém-nascido espiritual deve crescer. Diz Pedro: “Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação” (1Pe 2:2). Os seguidores de Cristo nunca deixam de crescer espiritualmente, e de modo natural, quando se alimentam do Pão da Vida e bebem da Água que salta para a vida eterna.

Em nosso texto de hoje, o apóstolo Pedro nos apresenta a escalada desse crescimento, cujo primeiro degrau é a fé. Ela é a base, o fundamento de tudo. “O justo viverá pela sua fé” (Hc 2:4). “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6). A fé deve ser suplementada por virtude, excelência moral, dignidade e objetivos nobres e elevados. Conhecimento é o degrau seguinte e implica experiência pessoal com Deus, a compreensão prática de Seus planos, caminhos e propósitos para a vida. Ao conhecimento, soma-se o domínio próprio ou

paciência, a firmeza e constância espiritual. Piedade, afeto fraternal e amor culminam a escalada.

Caso você sinta falta de alguma dessas virtudes em sua vida, lembre-se: Deus, por Sua graça, tem colocado à nossa disposição todo o poder a fim de que cresçamos à semelhança de Jesus Cristo. Seu Espírito nos guiará pelos caminhos que nos levarão ao topo de Seus ideais para nós. Renovemos nossa entrega a Ele. Sintamos Sua presença a cada passo lado a lado conosco neste dia, enquanto Ele realiza em nós Seu querer e efetuar, de acordo com os sábios propósitos que tem para nós.

Saída eficaz

Espera pelo SENHOR, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo SENHOR. Salmo 27:14

A vida cristã é uma experiência feliz. Isaías disse: “Vós, com alegria, tirareis água das fontes da salvação” (Is 12:3). O próprio Jesus garantiu: “Tenho lhes dito estas palavras para que a Minha alegria esteja em vocês e a alegria de vocês seja completa” (Jo 15:11, NVI). Contudo, sabemos que, às vezes, o céu de nossa existência escurece, e nos deparamos com dificuldades insolúveis, sendo tentados a duvidar. Que saída podemos encontrar, quando todas as portas parecem fechadas? Onde podemos encontrar respostas para nossas indagações, quando temos a sensação de que nossas orações não passaram do teto? Quando parece não haver solução, a saída é esperar no Senhor. Isso significa ter consciência de que Ele age no presente e nos aguarda no futuro, disposto a fazer por nós todo o bem que nos fez no passado.

Saber que Deus tem um plano para cada um de nós ajuda-nos a esperar Nele. Nesse plano, pode ser que, em meio às provações, Ele queira nos tornar instrumentos pelos quais Seu nome será glorificado. Foi assim na experiência de Lázaro, a respeito da qual Jesus antecipou: “Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus” (Jo 11:4). De fato, isso aconteceu no milagre da ressurreição do Seu amigo, quando muitos judeus “creram Nele” (Jo 11:45). Também pode ser que Deus nos esteja preparando uma bênção maior do que imaginamos. José nunca imaginou governar o Egito. Sua jornada de provações o levou a esse posto para saciar a fome dos próprios irmãos que o venderam (Gn 45:5-8).

Tentar passar à frente de Deus é o caminho certo para se deparar com dificuldades. Foi assim com Abraão, ao tomar a serva Agar e com ela ter um filho, em vez de esperar o nascimento do prometido Isaque. Foi assim com Jacó, ao tentar atropelar o plano divino para a concessão da bênção da primogenitura. É oportuno lembrar que a fonte suprema de nossa esperança é Deus. Disse Davi: “Somente em Deus, ó minha

alma, espera silenciosa” (Sl 62:1). O Senhor dá mais do que pedimos ou pensamos.

Em que tipo de viela você está em sua vida? Caso ainda não tenha encontrado a saída, espere unicamente no Senhor. E cante, com segurança, no início deste dia: “Ó minh’alma, espera no teu Senhor! / Tudo a Ele entrega, sem nenhum temor. / Sempre avançar, não desanimar! / Vem após as trevas lúcido alvorear. / Nas tempestades ou grande dor, / Há de estar bem perto teu Salvador” (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 257).

Vamos cantar

Cantem salmos, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seu coração. Colossenses 3:16, NVI

Entre outros benefícios, pesquisas revelam que a música acalma, reduz o estresse, ameniza a dor física, espanta o desânimo e nos torna mais felizes. O cristão precisa do amparo poético dos hinos e de tantos benefícios proporcionados pela música, a fim de tornar a vida cada vez mais agradável e bela. Para Lutero, “a música é filha do Céu, e o homem que verdadeiramente a ama não pode ter senão bons sentimentos. [...] A música é uma forma de disciplina que torna o homem mais paciente e razoável. Vem de Deus e não dos homens. Por isso, não receio dizer: Depois da teologia, nenhuma arte lhe pode ser comparada” (*Música e Adoração*, p. 31).

A Bíblia está repleta de música e louvor. Quando ainda eram lançados os fundamentos da Terra, “as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus” (Jó 38:7). Ao enfrentar uma coalizão moabita, amonita e meunita, o povo de Deus, sob o reinado de Josafá, foi divinamente orientado a dar “graças ao SENHOR, porque a Sua misericórdia dura para sempre” (2Cr 20:21). Então, “tendo eles começado a cantar e a dar louvores, pôs o SENHOR emboscadas contra os filhos de Amom e de Moabe e os do monte Seir [...], e foram desbaratados” (v. 22). Há os cânticos de Maria, ao receber o anúncio de que em seu ventre geraria o Salvador (Lc 1:45-54), e de Zacarias, a propósito do nascimento de seu filho, João Batista (Lc 1:67-79). Semelhantemente, Simeão cantou, ao ter nas mãos o tão esperado bebê Jesus (Lc 2:29-32).

O próprio Cristo cantou, por ocasião da Ceia pascal com os discípulos (Mt 26:30). Os livros de Salmos e Apocalipse contêm significativos cânticos de louvor, agradecimento e celebração, como os cânticos de Moisés e do Cordeiro (Ap 15:3), esse último, o cântico exclusivo dos salvos, pois é aquele que traduz a experiência de pecadores resgatados.

Os cristãos colossenses receberam este conselho: “Ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda sabedoria, e cantem salmos, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seu coração.” O cântico coletivo e o individual têm preponderância em nossa edificação espiritual. Você não precisa ser especialista na arte musical para receber seus benefícios espirituais em quaisquer circunstâncias. Escolha um cântico hoje. Tenha-o sempre na mente e no coração. Seu dia será melhor.

O Ajudador e a ajudadora

Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio. Salmo 146:5

No contexto profissional, qualquer função acrescida da identificação “auxiliar” caracteriza uma pessoa que está associada a outra para ajudá-la em suas atribuições, exercendo assim um papel secundário em relação à atividade principal. Contudo, ao louvar a Deus pelas maravilhas que opera em favor de Seu povo, o salmista O identifica como “auxílio.” Toda pessoa que O tem como seu auxílio é feliz.

Acaso, seria Deus um auxílio ou ajudador secundário? Obviamente não! Sabemos quem é Ele. Testemunhamos as maravilhas do Seu poder e sabedoria. Além disso, o próprio salmista enumerou as razões pelas quais o Senhor é nosso auxílio: Fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e mantém para sempre a Sua fidelidade. Que faz justiça aos oprimidos e dá pão aos que têm fome. O SENHOR liberta os encarcerados. O SENHOR abre os olhos aos cegos, o SENHOR levanta os abatidos, o SENHOR ama os justos. O SENHOR guarda o peregrino, ampara o órfão e a viúva [...]. O SENHOR reina para sempre (Sl 146:6-10).

A palavra original hebraica aqui traduzida como auxílio é *ezer*. Ela nunca é usada na Bíblia para se referir a um auxiliar de posição secundária em relação a outra pessoa. O termo se refere a alguém que está em condições de prestar o auxílio necessário, realçando mais a capacidade em vez da condição subordinada de quem ajuda. É muito significativo o fato de que a palavra *ezer* aparece no livro de Gênesis, quando Deus expressou o plano de criar uma companheira para Adão: “Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2:18). A propósito, a palavra traduzida pela expressão “que lhe seja idônea” é *neged*, que significa “equivalente a”, “correspondente a”, “complemento”, “igual a”, “adequado a”.

Como se vê, a expressão “auxiliadora idônea”, aplicada à mulher,

expressa a ideia de um ser que tem capacidade de prestar auxílio, sem que seja inferior ao homem. Infelizmente, esse conceito parece ter se perdido em muitas culturas atuais, assim como no passado na cultura judaica. Em contraposição, a atitude de Jesus em relação às mulheres sempre foi positiva e singular.

Deus sabia não ser bom para o homem viver sem a graça, a ternura, a sensibilidade e a presença da mulher. Ela não foi criada para lhe ser uma serviçal, mas para tornar plena a vida humana. Parafraseando o sábio, quem tem uma mulher em sua vida encontrou uma joia de valor incalculável!

Amor eterno

Como amor eterno Eu te amei; por isso, com benignidade te atraí. Jeremias 31:3

Filho de um grande empresário, George Matheson nasceu em Glasgow, Escócia, em 1842. Ainda na infância, foi acometido de um distúrbio visual progressivo que o levou à cegueira total aos 18 anos. Ao receber a informação do diagnóstico, sua noiva o abandonou. Apesar disso, ele se destacou como aluno na Universidade de Glasgow e se tornou expressivo pastor presbiteriano, tendo liderado grandes igrejas durante anos. Em 1899, com a saúde fragilizada, renunciou ao ministério pastoral. Sete anos depois, em 1906, veio a falecer.

Além de livros teológicos e devocionais que escreveu, Matheson foi compositor. Entre suas mais belas composições, está o hino “Amor que por Amor Desceste” (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 120). A esse hino ele chamou “O Fruto da Dor”, e explica: “Meu hino foi composto na casa pastoral de Innellan, em 6 de junho de 1882. Eu estava sozinho. Era o dia do casamento da minha irmã, e o resto da família estava em Glasgow. Algo que apenas eu sabia me havia acontecido, e isso causava-me o mais tremendo sofrimento mental. O hino foi fruto desse sofrimento. Foi o trabalho que executei mais rapidamente em minha vida. Tinha a impressão de que uma voz interna ditava para mim, em vez de eu o estar fazendo por mim mesmo” (Tércio Sarli, *Posso Crer no Amanhã*, p. 126, 127).

A irmã havia sido uma grande apoiadora de Matheson, desde que ele havia perdido a visão. Inclusive o acompanhava nas visitas pastorais. Provavelmente, o casamento dela tenha feito com que ele se sentisse mais solitário, trazendo-lhe à lembrança a noiva que o havia abandonado.

Direcionar a mente para o amor de Deus é o caminho infalível para superarmos quaisquer sofrimentos. Esse amor possui tamanha força de atração que, nas palavras de Paulo, nada pode nos desligar dele: “Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia,

ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? [...] Porque estou bem certo de que nem morte nem vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8:35, 38, 39).

Caso você se encontre em um emaranhado de perguntas sem respostas, sentindo o vento gelado de intensa provação, ouça pela fé a voz de Deus lhe falando: “Amo você com amor eterno!” Receba a bem-aventurança que vem desse amor e prossiga em paz.

Nascimento ou morte?

O bom nome é melhor do que um perfume finíssimo, e o dia da morte é melhor do que o dia do nascimento. Eclesiastes 7:1

No “espaço da família”, na maternidade, reúnem-se alguns vovôs e vovós, titios e titias, um ou outro priminho ou irmãozinho e alguns amigos. *Laptops* e celulares estão a postos, pois a instituição disponibiliza a transmissão em tempo real do momento glorioso: o instante em que o bebê chorará pela primeira vez e viverá o ritual da passagem das mãos do médico para o colo da mãe, do pai e da enfermeira. Nem sempre a transmissão é perfeita, pois a tecnologia costuma pregar peças. Às vezes, quando alguns percebem, já aconteceu tudo, e nada puderam documentar. De todo modo, a vibração e a alegria são intensas e incontidas.

Em uma das ocasiões em que vivi essa experiência, pensei: “O que aconteceria caso Salomão aparecesse e falasse com seu tom sapiencial, enfatizando a última parte do texto de hoje?” Alguns desavisados não o entenderiam, embora nada haja de contraditório nem pessimista em suas palavras. Salomão não condena que familiares comemorem a vinda dos “Joãozinhos”, “Luísas”, “Lívias”, “Ana Júlias”, “Miguéis”, “Isabelas”, “Enzos”, “Benjamins”, “Samuéis” e tantos outros. O que o sábio faz é chamar atenção para o modelo de vida que eles e nós devemos viver.

Ao nascermos, não temos ideia dos erros e acertos, desafios e conquistas que experimentaremos na vida. Contudo, ao trilharmos o caminho da maturidade, eles aparecerão, e teremos que fazer escolhas, tomar decisões cuja influência perdurará depois que atravessarmos o oceano da existência e chegarmos à praia do descanso.

Muitos passam pela vida e deixam um rastro luminoso de influência positiva. A respeito desses, o apóstolo João recebeu a ordem para registrar: “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham” (Ap 14:13). Feitos comemorados;

exemplo a ser imitado.

No entanto, há aqueles que tendo sido normalmente celebrados no nascimento, passada a natural comoção do seu desaparecimento, as lembranças de uma vida pontilhada de más escolhas retornam ao lugar em que sempre estiveram. Provavelmente, pessoas discursarão em nosso funeral, porém o mais eloquente discurso será feito por nós mesmos, paradoxalmente, no silêncio de nosso sono mortal. O tema desse discurso será a lembrança que as pessoas alimentam na mente delas sobre o que revelamos em nosso modo de viver.

A cruz do Salvador

E obrigaram a Simão Cireneu, que passava, vindo do campo, pai de Alexandre e Rufo, a carregar-Lhe a cruz. Marcos 15:21

Não raramente ouvimos dizer sobre pessoas que acabaram vítimas de um grande prejuízo simplesmente por estarem onde não deveriam estar, em um momento impróprio. Algumas, inclusive, têm perdido a vida. Igualmente, temos ouvido falar sobre pessoas que, sem que esperassem, e até se sentissem limitadas para certas conquistas, receberam algum grande benefício, estando “no lugar certo e na hora certa.” Esse conceito poderia ser correto, não estivesse Deus no controle e na direção de todas as coisas. Simão de Cirene viveu essa experiência.

Casado, Simão era pai de dois filhos: Alexandre e Rufo. Certa manhã, ele voltava do campo, em um horário que não era comum. As pessoas normalmente trabalhavam no cultivo do solo fora da cidade durante o dia, voltando para casa à noite. Talvez, somente a providência divina explique o fato de Simão ter voltado para casa em uma ocasião atípica, e encontrado uma estranha procissão. Era a época da Páscoa. A cidade estava em rebuliço, uma multidão seguia três homens que seriam crucificados: dois ladrões e um inocente. Este último era o centro das atenções. Com rosto ferido, Sua aparência frágil denunciava a tortura impiedosa a que havia sido submetido. A multidão O injuriava!

Simão olhou e O viu desfalecido sob a cruz. Mal podia ficar em pé. O que o cirineu pode ter dito ou “pensado alto” em um compadecido protesto não está registrado na Bíblia, mas os guardas simplesmente o forçaram a carregar a cruz de Cristo. E ele a tomou. Ao carregá-la, seguindo em direção ao Calvário, ouviu o nome de Jesus. Lembrou-se do que já havia ouvido sobre Ele, deixando-se impregnar pelos mínimos detalhes do que passou a ver e ouvir em seguida, até o último gemido.

Encontrando Cristo, Simão foi por Ele encontrado e salvo. Além disso, a presença do Salvador a seu lado o fortaleceu naquela penosa

jornada. Aquele foi o maior fardo que Simão carregou. No entanto, isso se tornou uma ponte para seu verdadeiro encontro com Jesus.

Que tipo de cruz está sendo imposta a você? Coloque-se à sombra da graça divina, ao longo da jornada, e receba a força que vem do alto. O peso decorrente da cruz pode ser aliviado pela presença de Jesus a seu lado. Na hora certa, Simão foi guiado ao lugar certo para um encontro real com o Salvador. Que privilégio é partilhar o peso do sofrimento com Cristo!

O verdadeiro refúgio

Quem dera que eu tivesse asas como a pomba; voaria até encontrar repouso. Salmo 55:6, NVI

Em um internato, alguns alunos travessos desobedeceram ao regulamento e foram nadar em um rio próximo do colégio. Entre eles, estava um garoto que, pouco tempo antes, havia firmado seu compromisso com Cristo por meio do batismo. Era o único de sua família que tinha passado por essa experiência. Pouco tempo depois, a trágica notícia se espalhou pela escola: o garoto havia sido soterrado por um barranco que se desprendera. Estava morto. O dedicado e competente diretor da instituição ficou perplexo! Sentado entre o matagal que margeava o rio, ele parecia perdido no emaranhado de perguntas para as quais não tinha respostas. Quem sabe, desejou não estar ali, fugir para muito longe! Mas a realidade tinha o controle, impunha seu ritmo, e precisava ser enfrentada. É sempre assim.

Alguma vez você já viveu situação semelhante, embora por uma razão diferente? Quis se distanciar de tudo e de todos, sair de alguma grande adversidade, não ter que enfrentar um problema doloroso? Muitas pessoas vivem sobrecarregadas com dificuldades impostas por terceiros ou geradas por elas mesmas. Incapazes de gerenciá-las e, muitas vezes, temerosas pelos resultados, inutilmente veem na fuga a melhor saída.

Davi passou pela mesma experiência. Vivendo uma situação difícil, ameaçado por inimigos (v. 3-9), temendo a desordem social (v. 9-11) e traído por um amigo (v. 12, 13, 20, 21), orou pedindo a destruição dos inimigos e o próprio livramento. Entretanto, em meio à turbulência, desejou: “Quem dera que eu tivesse asas como a pomba; voaria até encontrar repouso.” Apesar da beleza poética desse verso, devemos nos lembrar de que a libertação das dificuldades que nos afligem pode não depender de geografia. É certo que elas nos acompanharão.

Contudo, há um lugar para onde podemos e devemos fugir, a fim de encontrar alívio para nossas dores ou em meio a elas. As Escrituras

muitas vezes relacionam o descanso a uma atitude, ou experiência, resultante do relacionamento com Deus. Esse descanso é paz, serenidade, confiança e esperança vivenciada no centro da batalha. Então o refúgio onde devemos buscar esse repouso não é outro senão o próprio Deus. É no descanso da comunhão com Ele que somos fortalecidos para as lutas da vida. Davi entendeu isso e nos deixou o conselho: “Confia os teus cuidados ao SENHOR, e Ele te susterá” (v. 22). Estaremos seguros se fizermos o mesmo.

A dupla face da riqueza

Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. 1 Timóteo 6:8

O conselho de Paulo a Timóteo ecoa, em nossos dias, como algo extremamente simplório. Esta é uma época em que acumular bens parece o objetivo de vida para muitas pessoas. De fato, elas não desejam ter apenas um pouco mais; querem sempre muito mais! Um apresentador norte-americano chegou a criar um trocadilho com as palavras *Influenza* (nome do vírus da gripe) e *afluente* (abundante, abastado), para dizer que as pessoas foram acometidas pelo vírus “*Afluenza*”, que ele atribuiu ser o vírus do consumismo.

Não que a riqueza em si seja ruim. A Bíblia apresenta pessoas a quem Deus abençoou com muitos bens. Abraão (Gn 13:2), Salomão (1Rs 3:13) e Jó (Jó 1:3; 42:12) surgem como exemplos notáveis. As grandes questões em pauta se resumem na prioridade que se dá às riquezas, os motivos pelos quais alguém corre atrás delas, os meios empregados para adquiri-las, a ansiedade em torno delas e o destino que lhes é dado quando adquiridas. Já faz tempo que a pauta dominante dos noticiários é a maneira desonesta pela qual homens influentes buscaram enriquecer.

Em seu comentário sobre as cartas de Paulo a Timóteo, Tito e Filemom, João Calvino escreveu: “Nossa cobiça é um abismo insaciável, a menos que seja ela restringida; e a melhor forma de mantê-la sob controle é não desejarmos nada além do necessário imposto pela presente vida [...]. Para assegurarmos que a suficiência divina nos satisfaça, aprendamos a controlar nossos desejos de modo a não querermos mais do que é necessário para a manutenção de nossa vida” (*As Pastorais*, p. 168, 169). Com nossa natureza tão marcada pelo egoísmo, essa luta não é fácil, mas a graça divina torna possível a superação.

Foi assim que o apóstolo aprendeu a se contentar em qualquer situação. Aliás, aos anciãos de Éfeso, ele disse: “De ninguém cobicei prata, nem o ouro, nem vestes; vós mesmos sabeis que estas mãos

serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo” (At 20:33, 34).

Se estiver no plano de Deus abençoar você com riquezas, Ele frutificará seu trabalho honesto, perseverante, fiel e equilibrado, sem prejuízos para a saúde ou comprometimento do tempo devido à família. Caso Ele não proporcione a você superabundância de bens, dará o que for preciso para suprir suas necessidades, o que resultará em paz e alegria em sua vida.

Ele sempre está perto

Verdadeiramente Tu és um Deus que Te escondes, ó Deus e Salvador de Israel. Isaías 45:15, NVI

Embora nosso texto de hoje mencione “um Deus que Se esconde”, na realidade, o sentido da expressão remete ao mistério que geralmente envolve os atos divinos. Israel ocupava um lugar especial nos planos do Senhor, mas as demais nações não estavam excluídas do plano da salvação. O propósito divino era que, influenciados pelas bênçãos concedidas a Israel, outros povos fossem atraídos ao Supremo Doador, reconhecendo-O como verdadeiro Deus. Maravilhado com a profundidade dos propósitos divinos, o profeta sentiu-se incapaz de entendê-los e exultou: “Verdadeiramente és um Deus que Te escondes, ó Deus e Salvador de Israel.” Pelas mesmas razões, e com o mesmo sentimento, Paulo exclamaria mais tarde: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos, e quão inescrutáveis, os Seus caminhos!” (Rm 11:33).

Contudo, diante das realidades da vida, talvez a sutil diferença de termos não mude a limitação humana em seu anseio pela clara intervenção de Deus nas horas escuras da existência. É certo que há ocasiões em que ficamos maravilhados diante do caráter das manifestações favoráveis a nós. Mas, quantas vezes ficamos sem entender Seus propósitos, tendo a impressão de que Ele não estava presente em momentos quando mais necessitávamos sentir Sua presença? Talvez, diante de alguma tragédia envolvendo terceiros. Quem sabe, ao ver a injustiça prevalecer. Ou quando, em meio a alguma forte tempestade existencial, oramos para que o Senhor pusesse fim à tormenta, mas pareceu-nos estar clamando em vão?

Esse é o momento em que a fé e a confiança precisam ser exercitadas, pois embora não entendamos o que esteja acontecendo, o inventário da nossa vida nos informa que Deus está presente, em toda e qualquer circunstância.

Em certa ocasião, Davi andava como fugitivo pelo deserto. Longe de Jerusalém, desejou sentir a presença de Deus: “Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por Ti, ó Deus. [...] Por que Te esqueceste de mim?” (Sl 42:1, 9, NVI). A calma que o envolveu, em seguida, foi a prova de que ele não estava só. O Senhor não estava oculto aos olhos da fé, muito menos havia Se esquecido dele: “Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda O louvarei, a Ele, meu auxílio e Deus meu” (v. 11). Se isso aconteceu com Davi, por que não aconteceria comigo e com você?

Uma mosca no perfume

*Assim como a mosca morta produz mau cheiro e estraga o perfume,
também um pouco de insensatez pesa mais do que a sabedoria e a honra.
Eclesiastes 10:1*

No dia 10 de abril de 1912, o navio Titanic partiu para sua viagem inaugural de Southampton, Inglaterra, para Nova York, Estados Unidos, com 2.228 passageiros. Quatro dias depois, às 23h40, a embarcação se chocou com um *iceberg* e submergiu nas águas do Atlântico Norte. Existem muitas hipóteses para explicar essa tragédia. Há, por exemplo, a que atribui a causa à qualidade inferior de algumas peças, adquiridas com base na economia e na pressa. Outro motivo teria sido um incêndio que atingiu o casco do navio, antes de ele zarpar, comprometendo sua resistência. Outra explicação é que, diante do *iceberg*, ao timoneiro foi ordenado desviar o navio para o lado direito, mas ele fez o contrário.

Em novembro de 2015, rompeu-se uma barragem em Mariana, Minas Gerais, causando o vazamento de 62 milhões de metros cúbicos de lama e rejeitos de minério. O desastre dizimou o povoado de Bento Rodrigues. Em janeiro do ano passado, nova tragédia no mesmo estado: o rompimento de uma barragem em Brumadinho. O rio de lama, deixou seu rastro de destruição. Ao que tudo indica, as empresas responsáveis subestimaram os riscos potenciais. Cuidados básicos de prevenção e manutenção poderiam ter evitado muita dor.

Apenas abastecer. Isso era tudo o que o piloto do avião que levava o time de futebol da Chapecoense para a Bolívia devia fazer. Não o fez, e o mundo viu o resultado.

Essas tragédias ocorreram por descuido em detalhes. O texto de hoje nos alerta para essa realidade.

Nos dias de Salomão, o processo de fabricação de perfumes era demorado, chegando a durar meses. O perfumista deixava a essência descansar em um vasilhame durante algum tempo. Muitas vezes, uma mosca entrava no recipiente, morria e estragava o produto. Ora,

grandes animais mortos chamam atenção. Mas, quem se importa com uma mosca morta? É nesse ponto que passamos a brincar com o perigo, condescender com pequenos hábitos e atitudes que revelam insensatez e causam sérios prejuízos espirituais a nós e a outros.

“Pensar que nossa influência pode ser um cheiro de morte para morte é algo pavoroso [...]. No entanto, uma atitude precipitada, uma palavra impensada de nossa parte, pode de tal forma influenciar outra pessoa a ponto de levá-la a se perder” (Ellen White, *Profetas e Reis*, p. 86). Que a graça divina nos ampare neste dia!

Impasse resolvido

*Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.
Romanos 7:19*

Não sei quantos sermões você já ouviu ao longo da vida. De quantas semanas de ênfase espiritual e cerimônias de Santa Ceia participou. Certamente, essas foram ocasiões, entre muitas outras, em que teve a oportunidade de atender a apelos e reafirmar votos de entrega e consagração a Deus. Decidiu abandonar práticas prejudiciais e se dispôs firmemente a ser melhor do que antes. Entretanto, no transcorrer dos dias, no primeiro teste, com tristeza percebeu que essa é uma grande batalha. Os erros pareciam estar no mesmo lugar, à semelhança do gigante Golias, dia após dia, vociferando bravatas em desafio ao povo de Deus (1Sm 17:8-16).

Devo lhe dizer, então, que você e eu temos algo em comum; pois essa luta é a mesma enfrentada por todo cristão. Mesmo os melhores a nossos olhos. Afinal, no íntimo de todos nós, trava-se um grande conflito entre nossas naturezas carnal e espiritual. Há um certo consolo em saber que não estamos sós. Estamos em companhia de ninguém menos do que o apóstolo Paulo.

Falando no contexto do domínio da lei, ele nos lembra de que nosso problema em cumprir seus requerimentos não está na lei, mas em nós mesmos. A lei desempenha papel importante em nossa vida, mas não nos ajuda em nosso dilema de lutar contra o pecado inerente a nós. Daí o conflito que ele exemplificou, empregando a primeira pessoa verbal, mas que é comum a todo cristão.

No entanto, ninguém precisa viver em desespero ou se deixar vencer pelo desânimo. Depois de haver expressado toda a força de sua frustração: “Desventurado homem que sou!”, Paulo sentiu ter encontrado a saída, e vibrou em gratidão: “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!” (Rm 7:24, 25).

Ouçá este conselho: “Ao ver a gravidade do pecado, ao perceber como você realmente é, não fique desesperado. Foi para salvar os pecadores

que Cristo veio. Não temos que reconciliar Deus conosco, mas – que amor maravilhoso! – Deus, em Cristo, está ‘reconciliando consigo o mundo!’” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 33). Então podemos cantar juntos:

“Pela fé, justificado sou, / Em Cristo meu Senhor e Salvador; / Posso assim santificado ser, / E sempre andar no bem por onde for. / Sei que minha força frágil é, / Clamo a Deus se fraca sinto a fé; / Sim, Jesus me diz que posso então / Justificado ser, por Seu perdão” (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 539).

Carta de liberdade

*Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.
Romanos 8:1*

As palavras libertadoras com que Paulo terminou Romanos 7 ecoam de maneira enfática na declaração de abertura do capítulo 8: “Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (v.1). Esse capítulo é considerado por muitos o ponto alto da experiência cristã. De fato, é como o núcleo de uma resposta ao clamor feito nos versos 15 a 25 do capítulo anterior.

Caso tivéssemos que resumir Romanos 8 em uma palavra, uma excelente sugestão seria “liberdade.” Ele nos diz que podemos ser livres do pecado, da morte, da ignorância, da solidão, da futilidade e do declínio espiritual. Não que nos tornemos totalmente imunes a essas coisas; porém, elas já não precisam dominar nossa vida.

Depois de mencionar a promessa libertadora, o apóstolo apresenta conceitos que esclarecem como essa promessa se torna real. Em primeiro lugar (v. 2-11), ele contrasta o estilo de vida carnal com o estilo de vida espiritual. Quem vive pela carne é inimigo de Deus, não Lhe obedece nem pode fazê-lo. Distanciando-se de Deus, caminha ao encontro da morte. A lei nada pode fazer para salvar alguém nessa condição.

Contudo, sob a lei do Espírito, Deus nos deu Seu Filho como oferta para condenar o pecado. Uma vez recebendo-O, Ele habita em nós e somos habilitados a cumprir os requerimentos da lei. Com Ele, recebemos uma nova orientação e um novo destino.

Nos versos 12 a 17, o relacionamento do cristão com Jesus é descrito em termos de adoção. O Espírito testifica em nossa consciência interior de que somos filhos de Deus, podendo nos dirigir a Ele como Pai. Ser filhos significa que somos herdeiros com Cristo; herdeiros das glórias bem como de Seus sofrimentos. De fato, toda a criação sofre, mas não será para sempre. Aguardamos a redenção física.

Outro privilégio do cristão é poder contar com a intercessão do

Espírito nas suas orações. Pelo fato de não sabermos orar “como convém”, Ele interpreta nossas preces de modo que sejam apresentadas a Deus da maneira que expressaríamos, se soubéssemos orar. E o Pai nos responde a partir de Seu conhecimento daquilo que é melhor para nós.

Finalmente (v. 31-39), temos a garantia de que nada nem ninguém pode nos separar do amor de Deus; não somos réus temerosos. Portanto, não estamos em um tribunal, mas na sala do Pai, que nada poupou a fim de nos redimir.

Cooperação para o bem

Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito. Romanos 8:28

Tanto quanto João 3:16, o verso para nossa reflexão hoje é um dos mais conhecidos e amados de toda a Bíblia. “Todas as coisas cooperam para o bem”, repetimos muitas vezes a pessoas que sofreram alguma perda. Mas de que maneira recebem essas palavras o pai e a mãe que perderam um filho jovem, assassinado por assaltantes, por causa de um tênis ou do smartphone? Ou que perderam a filha que, com seus ideais e sonhos da juventude, teve a vida ceifada por um motorista embriagado? Em momentos como esses, há o risco de que as palavras de Paulo soem como um clichê ou como conselho de um novo “amigo de Jó”.

Certamente, em Seus propósitos misteriosos, Deus pode nos conduzir pelos caminhos mais espinhosos rumo a experiências das quais nada sabemos, muito menos temos condições de imaginar, enquanto estamos no centro do furacão da dor. Entretanto, o apóstolo, ao escrever que “todas as coisas cooperam para o bem”, referia-se a um propósito divino mais amplo do que a aplicação que costumamos fazer. A promessa contida no verso é ainda melhor do que tentamos transmitir.

De acordo com John C. Brunt, em seu comentário de Romanos (Pacific Press, 1996), os manuscritos mais antigos e confiáveis do texto em consideração contêm a palavra “Deus” como sujeito da promessa. Por exemplo, a Nova Versão Internacional traz: “Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que O amam.” Não é difícil perceber a diferença que faz o nome “Deus”, estando no início do verso. Em todas as coisas, Ele trabalha para o bem daqueles que O amam, que aceitaram Seu convite para a salvação. Qual é esse bem? Nossa transformação à imagem de Cristo Jesus.

Os filhos de Deus não estão entregues à própria sorte, ao “azar” ou destino cego. Como disse Ray Pritchard, “Deus está pintando uma

obra-prima em sua vida e, até que ela seja concluída, Ele usará todas as cores de Sua paleta. Se você não vir o resultado final aqui na Terra, o verá claramente no Céu” (*O Poder Terapêutico do Perdão*, p. 85). Ele operará em meio a toda situação que nos faça orar mais, buscar maior dependência e nos leve para mais perto Dele.

Seguramente, aqui, não teremos respostas para todos os nossos porquês. Não entenderemos muitas coisas que nos ocorrem. Mas isto sabemos: Deus está trabalhando em nós. Ele não nos esqueceu.

Prova no monte

Acrescentou Deus: “Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que Eu te mostrarei. Gênesis 22:2

A trajetória de Abraão a partir do momento em que deixou Ur dos caldeus foi pontilhada de testes para a sua fé. O próprio chamado para que deixasse a parentela e fosse para um lugar desconhecido era um desafio. Deus tinha o propósito de afastá-lo da idolatria reinante e fazer dele um instrumento de preservação da verdadeira fé. Foi uma longa peregrinação. Aos testes, o patriarca reagiu com altos e baixos, realçando assim a graça divina presente no chamado a pessoas comuns, sujeitas às mesmas paixões que nós. Entretanto, em meio a essas provas, ele se manteve fiel Àquele que é “o Autor e Consumador da fé”. Os testes o prepararam para enfrentar a maior prova de sua vida.

Depois da experiência traumática com Agar e Ismael (Gn 21:8-14), o patriarca ouviu de Deus, pela segunda vez, a promessa de que teria um filho. Era o ponto de partida para o surgimento de uma nação inumerável como as estrelas. A idade avançada do casal tornava humanamente impossível a concretização do fato, mas o milagre aconteceu. Nasceu Isaque.

Passados 20 anos, Abraão foi provado com o estranho pedido divino: “Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto.” Perplexo, Abraão obedeceu. Afinal, a fé nunca olha para as circunstâncias nem considera os resultados. Simplesmente age e espera em Deus. Não intercedeu pelo filho, como já havia feito em relação à ímpia população de Sodoma. Disposto a salvar uma cidade, disposto a entregar o filho único. Esse fato unido à caminhada de pai e filho para o monte trazem à lembrança a disposição de Deus em salvar o mundo e a caminhada de Seu Filho para o Calvário.

A obediência de Abraão está acima de qualquer explicação. Era resultado de haver crido na promessa. Tamanha era sua fé que, em

todo o tempo, esteve seguro de que a promessa de fazer dele uma grande nação seria cumprida. Deus, por certo, ressuscitaria Isaque (Hb 11:19). Felizmente, não foi preciso tirar a vida do filho. O Deus da graça proveu o cordeiro que, naquele episódio, prefigurava o Cordeiro que Ele proveria no Calvário para nossa redenção. Essa era uma lição da qual Abraão jamais deveria se esquecer.

Novos sentimentos, convicções e nova visão da graça divina acompanharam o patriarca na volta para Berseba. Ninguém sai de uma provação do mesmo jeito que entrou nela.

O monte da resignação

Então, subiu Moisés das campinas de Moabe ao monte Nebo, ao cimo de Pisga, que está defronte de Jericó; e o SENHOR lhe mostrou a terra toda.
Deuteronômio 34:1

Arão e Moisés se notabilizaram como líderes do povo de Israel, graças às conquistas e realizações divinas operadas por intermédio deles. Moisés foi sempre um irmão bondoso e perdoador (Nm 12:11) e tornou-se líder exemplar (Êx 32:32), sendo visto, a exemplo de Abraão (Is 41:8), como amigo de Deus (Nm 12:7). Arão era seu porta-voz (Êx 4:16) e foi o primeiro sumo sacerdote do povo de Israel (Êx 28:1). Ambos presenciaram o derramamento das pragas, lideraram a libertação dos filhos de Israel e viram o Mar Vermelho se abrir e, depois, tragar o exército de Faraó. Mas nem eles nem a irmã deles, Miriã, que também esteve ao lado de ambos, puderam entrar na Terra Prometida.

Tudo começou com a chegada dos israelitas ao deserto de Zim. Acampados em Cades, viram a morte e o sepultamento de Miriã. Pouco depois, Arão também morreu (Nm 20:1, 28). Durante a permanência ali, não havia água suficiente (v. 2), o que suscitou muitas queixas do povo. O Senhor ordenou que Moisés falasse à rocha da qual jorraria água; porém, em um gesto precipitado, ele a feriu. A água fluíu, o povo saciou a sede, mas Deus sentenciou: “Não fareis entrar este povo na terra que lhe dei” (Nm 20:12).

Ellen White explica a razão para isso: “Por seu ato precipitado, Moisés tirou a força da lição que Deus queria ensinar. A rocha, sendo um símbolo de Cristo, havia sido ferida uma vez [40 anos antes, em Horebe], assim como Cristo uma vez seria oferecido. Na segunda vez, era necessário apenas falar à rocha, assim como temos apenas de pedir bênçãos em nome de Jesus. Ao ferir a rocha pela segunda vez, foi destruído o significado dessa bela figura de Cristo” (*Patriarcas e Profetas*, p. 418).

Chega a ser tocante o arrependimento e a insistência de Moisés

diante de Deus: “Naquela ocasião implorei ao SENHOR: [...] Deixa-me atravessar, eu Te suplico, e ver a boa terra do outro lado do Jordão [...]! ‘Basta’, Ele disse. ‘Não Me fale mais sobre isso. [...] Veja a terra com seus próprios olhos, pois você não atravessará o Jordão” (Dt 3:23-28).

O perdão concedido a Moisés não suprimiu a consequência de seu erro. Com resignação, “o servo do SENHOR, morreu ali, em Moabe, como o SENHOR dissera” (Dt 34:6, NVI). No entanto, Moisés também era objeto da graça divina; e ela resplandeceu no topo do Pisga, pois Deus o ressuscitou (Jd 9; Lc 9:28-31). É sempre assim. O Senhor sempre dará mais do que Lhe pedirmos.

Não deixe para depois

Apressa-te a vir antes do inverno. 2 Timóteo 4:21

Aparentemente, num misto de tristeza e segurança, o apóstolo Paulo aguardava encarcerado o momento em que seria executado, segundo a sentença do imperador Nero. Tristeza ao se lembrar de Demas, que o abandonara, e de Alexandre, o latoeiro, que lhe havia causado “muitos males”. Segurança, pela certeza de que não estava só. Deus estava com ele, assim como Lucas, a quem se referiu como “o médico amado” (Cl 4:14). Também desejou muito a presença de Timóteo, a quem chamava de “amado filho” (2Tm 1:2), e também de Marcos (2Tm 4:11).

A amizade entre Paulo e Timóteo era especial e tinha iniciado por ocasião da conversão de Timóteo. “O vínculo tinha-se fortalecido à medida em que eles partilhavam juntos as esperanças, perigos e labutas da vida missionária [...]. A diferença de idade e de caráter fez seu interesse e amor mútuo mais sincero e sagrado. O ardoroso, zeloso e indomável espírito de Paulo encontrava repouso e conforto no meigo, submisso e retraído caráter de Timóteo” (Ellen White, *Paulo, Apóstolo da Fé e da Coragem*, p. 329).

Agora, sabedor de que não viveria muito (2Tm 4:6), pediu ao jovem amigo que fosse vê-lo “depressa” (v. 9). Antes dele, Jesus Cristo expressou o mesmo sentimento ao cercar-se dos discípulos na escuridão do Getsêmani (Mt 26:38). Era importante que Timóteo não se demorasse. Assim, no fim da carta, o pedido foi repetido com o lembrete de que fosse “antes do inverno” (v. 21), levando a capa, os livros e pergaminhos. Era preciso manter o hábito da leitura, assim como precisava se proteger do frio que se aproximava.

No inverno, a navegação pelo Mediterrâneo ficava mais difícil, por isso Timóteo não perdeu tempo. Passou em Trôade, pegou a capa na casa de Carpo, livros e pergaminhos, dirigindo-se a Roma, onde encontrou o apóstolo. Que triste seria, caso se atrasasse e não mais pudesse ver seu discipulador!

A vida está cheia de “invernos”, aqueles tempos em que não é mais possível recuperar oportunidades ignoradas nos verões, outonos e primaveras – tempos iluminados, frutíferos e floridos. Portanto, não adie decisões vitais que precisa fazer. Não deixe para depois o bem que planeja fazer, uma palavra de afeto a ser dita, um sorriso ou ajuda material. Precisa de perdão? Peça-o hoje. Precisa perdoar? Perdoe hoje. Há um mau hábito que deve abandonar? Abandone-o hoje. Aproveite, antes que o inverno chegue e seja tarde demais.

Submissão

*Considerando cada um os outros superiores a si mesmos. Filipenses 2:3,
NVI*

Algumas palavras parecem nos assustar. Ambição, por exemplo, carrega a ideia de presunção ou cobiça; embora também implique desejo de obter sucesso e busca pela excelência. Crítica é outra palavra que, sendo maldosa, não deve existir entre cristãos; porém, feita com amor e tato pode ajudar. Uma palavra que define uma virtude cristã e que tem sido desvirtuada é submissão.

Pelo ensinamento bíblico, a ideia de submissão focaliza o espírito com que vemos outras pessoas. Ela não existe sobre a base do “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Ao contrário da maneira pela qual o mundo a entende, ela valoriza outras pessoas. Os sonhos do outro se tornam importantes para nós; alegremo-nos com seu sucesso. Sentimos tristeza por seus fracassos. Na medida do possível, doamos de nós mesmos para que ele seja feliz e bem-sucedido.

A submissão nos livra de alimentar ira e amargura quando sentimos que alguém não pensa da mesma forma que nós. Ela nos liberta para que tratemos todas as pessoas da maneira como queremos ser tratados: sem retaliações, autoritarismo, discriminação nem indiferença.

Justamente porque Deus nos valoriza, respondemos a Ele com nossa submissão, consagrando-Lhe nossos pensamentos, atos e palavras, permitindo que Ele cumpra em nós Seus planos. Se quiser nos humilhar ou exaltar, seja feito de acordo com Seu querer. Entendemos que o Senhor sabe o que é melhor para nós. Tem-se dito que fé não é apenas a crença de que Ele tudo pode, mas a aceitação submissa e confiante do que Ele deseja.

Devemos ser submissos em família. Nesse caso, o primeiro ato de submissão deve ser o compromisso de ouvir e a boa vontade para partilhar, compreender, perdoar, aceitar e amar. Também devemos ser submissos no relacionamento com os semelhantes, “tendo o mesmo

modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude. Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros” (Fp 2:3, 4, NVI).

Não é fácil ser submisso, mas é uma virtude necessária a todos os cristãos: homens e mulheres, pais e filhos, cônjuges, amigos, patrões e empregados, líderes e liderados. Existe apenas um limite à prática da submissão: quando ela for ameaça a nosso relacionamento com Jesus, que pode substituir um coração egoísta por um coração manso, disposto a amar.

Enfrentando a tentação

Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus. Tiago 1:13

Ao falar sobre as provações e o papel delas na experiência do cristão, Tiago declara feliz o homem que as suporta com perseverança, até o fim, sem pecar nem desanimar. É verdade que, às vezes, no redemoinho das dificuldades, esse cristão pode até se sentir infeliz; e até ser visto assim por outras pessoas. Mas Tiago corrige essa ideia. Inclusive menciona a coroa da vida eterna como recompensa do cristão paciente, esperançoso na providência divina.

Em seguida, ele apresenta o assunto “tentação”, ligando-o à provação. O significado original da palavra traduzida como “provação” abrange qualquer situação que teste a fé e o caráter, e também a ideia de insinuação direta ao pecado. Aqui, Tiago a utiliza para falar de tentação, deixando claro que a provação contribui para nosso amadurecimento espiritual, enquanto a tentação pode levar à falência espiritual.

Há três fatos referentes à tentação bem definidos por Tiago:

Deus não é seu autor. No 1º século, especialmente entre os gregos, circulava a ideia de que os deuses originavam as tentações e os pecados delas resultantes. Alguns cristãos foram influenciados por esse conceito. Era preciso dissuadi-los. Deus não nos induz a pecar.

Tentação é questão individual. “Cada um é tentado pela sua própria cobiça” (Tg 1:14). O gatilho que dispara o ato de ceder à tentação está em nossa natureza caída. Satanás sabe disso, razão pela qual todos os dias utiliza situações, coisas ou pessoas que fazem disparar o gatilho dos desejos pecaminosos.

Tentação segue um processo. Primeiramente, o ser humano é atraído e se deixa, seduzir pela própria cobiça. Então, o pecado acontece. Quando desejos impróprios, são alimentados, ou mesmo quando a satisfação de desejos lícitos é buscada fora dos planos de Deus, o pecado é “concebido”. A consequência é morte espiritual.

Contudo, não precisamos ceder. Paulo escreveu: “Não lhes sobreveio

tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças [...]. [Ele] vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1Co 10:13).

Se ainda assim falharmos, devemos nos lembrar de que: “Mesmo se formos vencidos pelo inimigo, não seremos rejeitados nem abandonados por Deus. [...] Aquele que começou em você a boa obra há de continuá-la até o dia de Jesus Cristo” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 64). Sim, por Sua graça, Ele nos reerguerá!

Do riacho para o monte

Então o fogo do SENHOR caiu e queimou completamente o holocausto, a lenha, as pedras e o chão, e também secou totalmente a água na valeta. 1 Reis 18:38, NVI

Aqueles eram dias escuros na terra de Israel, por causa da iniquidade patrocinada por Acabe, sob influência de sua ímpia e sanguinária esposa, Jezabel. O reino trocou o verdadeiro Deus por Baal e, como consequência, a fome e o prenúncio da morte eram sentidos em todos os lugares. Foi então que Elias, natural de Tisbe, apareceu anunciando os juízos divinos sobre a nação. Não caíria orvalho nem chuva durante anos. Advertência dada, o profeta saiu do cenário, sendo enviado para o esconderijo provido pelo Senhor às margens do ribeiro de Querite. O nome Querite é sugestivo na experiência de Elias. Em hebraico, o termo significa “cortar, colocar no tamanho certo”, mas também pode ser usado no sentido de “aparelhar”, “talhar” ou “ser separado”, “afastado”.

Certamente, Elias precisava ser moldado, talhado, treinado e provado a fim de cumprir os propósitos que Deus tinha para ele. No exílio, o profeta não ficou desamparado, tendo sido alimentado com pão e carne que lhe eram levados pelos corvos. A sede era saciada com as cristalinas águas do ribeiro que, surpreendentemente, secou.

O estágio seguinte foi em Sarepta, onde milagrosamente alimentou uma viúva, o filho dela e a ele mesmo, fazendo multiplicar “um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija” (1Rs 17:12). Coroando a ação divina na vida daquela viúva, posteriormente, o profeta ainda retirou o garoto dos braços da morte, restituindo-lhe a vida.

Então veio a ordem para que se apresentasse a Acabe, por quem foi saudado como “perturbador de Israel” (18:17). O homem de Deus não se deixou intimidar. A resposta foi a atribuição de culpa ao rei, seguida do desafio para que fossem reunidos no Carmelo, diante dos israelitas, 850 profetas de Baal e Aserá. Era preciso evidenciar quem era o

verdadeiro Deus, e todos deviam escolher de qual lado ficariam. No monte Carmelo, de nada adiantaram o clamor, as oferendas, o sacrifício dos adoradores de Baal. Mas o Senhor respondeu à oração do profeta, fazendo cair fogo que consumiu o holocausto. O povo se voltou para o verdadeiro Deus.

Muito tempo mais tarde, referindo-se ao episódio, Tiago falou de Elias como homem sujeito às mesmas paixões que nós (Tg 5:17). Isso soa confortador. Se Deus usou Elias para realizar tão extraordinário milagre, que proeza existe que Ele não possa fazer tendo como instrumentos você e eu?

Paz de verdade

Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em Mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; Eu venci o mundo. João 16:33

As palavras do texto de hoje fazem parte do discurso que Jesus proferiu ao Se despedir dos discípulos (Jo 13-17). Essa é uma fala recheada de promessas, orientações, apelos à unidade, à santificação e ao engajamento na missão. São palavras de um Pai e Pastor a filhos e ovelhas carentes e frágeis, que logo ficariam sem Sua presença física.

De fato, não é agradável nos despedirmos de pessoas queridas. Nessas ocasiões, duas coisas especialmente servem de conforto: a promessa de um reencontro e a garantia de que nem os que vão nem os que ficam se esquecerão mutuamente. Quem é pai ou mãe sabe muito bem o que é isso, quando se despede de filhos e filhas que vivem distantes.

Logo no início do discurso de despedida (Jo 14:1-3), Jesus prometeu que haverá reencontro. No fim dele (Jo 17:24), orou em favor disso. Também garantiu que a comunicação entre Ele e os discípulos seria mantida por meio do ministério do Consolador, o Espírito Santo. Este os guiaria, capacitaria para o cumprimento da missão, inspiraria e os tornaria sábios a fim de superarem obstáculos e desafios ao longo da caminhada.

Sufrimentos não estariam descartados; mas, em meio às aflições, Nele encontrariam paz. A paz de Cristo não significa apenas uma imitação de paz. Tudo o que tem origem Nele é pleno, elevado e abundante. Portanto, não se trata de paz semelhante à que o mundo oferece: “Deixo-vos a paz; a Minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo” (Jo 14:27).

Muitas vezes, a paz que o mundo oferece é enganosa, mais parecendo conformismo com o pecado. Considerando que nem sempre as consequências são colhidas imediatamente, o transgressor tende a pensar que a escolha feita foi a melhor. Isso parece implícito na errônea ideia de Oscar Wilde, segundo a qual “a melhor maneira de

vencer uma tentação é ceder a ela.” Ou seja, se a luta contra a tentação perturba, deixe de lutar, ceda e fique “em paz.” É um sentimento passageiro. Os resultados têm sido devastadores para quem segue por esse caminho.

Somente Jesus oferece paz que “excede todo entendimento” (Fp 4:7), acalma em meio às mais violentas provações e nos mantém olhando fixamente para a coroa, mesmo estando sob o peso da cruz de cada dia. Apesar das tempestades no oceano da existência, podemos ter a garantia de que a paz de Cristo trará a bonança em tempo oportuno.

Atenção, celebridades!

Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva. Mateus 20:26

O conceito de celebridade não é novo, existindo como fenômeno social desde o século 15, atrelado aos primeiros passos que a imprensa dava para se firmar. Dos 25 livros chamados de noticiosos publicados em 1616 na Inglaterra, 30% foram sobre pessoas famosas. No século 20, a ideia recebeu o impulso da indústria cultural, promotora do culto aos famosos.

Há celebridades por todos os lados: nas artes, nos esportes, na política, no empresariado, na comunicação, na religião, na ciência, e em outras áreas de atividade. As redes sociais também possibilitam que pessoas comuns tenham seu minuto de fama. Há quem tenha se tornado celebridade sem que jamais tenha se preocupado em viver sob holofotes. Simplesmente estudaram, pesquisaram e trabalharam corretamente, motivados por objetivos altruístas. Como resultado, alcançaram êxito, e hoje recebem o merecido reconhecimento daqueles que são beneficiados pelos resultados de seu esforço. Mas há também pessoas que têm trabalhado especificamente para se tornarem famosas a qualquer preço, chegando inclusive a sacrificar valores. Alcançar a fama pela fama é tudo o que desejam.

Nos dias de Cristo, houve celebridades segundo os dois modelos. Um exemplo foi João Batista, a respeito de quem o Mestre disse: “Entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista” (Mt 11:11). Por quê? A resposta está na humildade com que ele desempenhou sua missão. “Mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-Lhe as correias das sandálias”, disse, referindo-se ao Messias por ele anunciado (Lc 3:16, 17). “Convém que Ele cresça e que eu diminua” (Jo 3:30) foi a resposta dada a seus discípulos quando estes o informaram de que Jesus, de quem ele havia sido precursor, também atraía muitos discípulos.

No entanto, a mãe de Tiago e João quis articular para que os filhos

ocupassem lugares de destaque no suposto futuro governo de Jesus. A proposta incomodou os demais discípulos, que não estavam dispostos a abrir mão da mesma coisa. O Mestre respondeu: “Não sabeis o que pedis” (Mt 20:22). Explicou o marcante contraste entre Sua filosofia e a do mundo, e concluiu: “Quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo” (v. 26, NVI).

A grandeza verdadeira é a da humildade e do serviço. Isso vai na contramão do mundo, mas é o modelo real de vida célebre, que satisfaz os anseios de Deus.

Onde está Deus?

Então pensei: A razão da minha dor é que a mão direita do Altíssimo não age mais. Salmo 77:10, NVI

O Salmo 77, de autoria de Asafe, é a súplica de um israelita que, sentindo as dificuldades sob as quais vive, clama em busca de Deus. Em desespero, imagina que o Senhor abandonou Seu povo e tenta encontrar uma luz que ilumine o caminho escuro. Então expressa o profundo sentimento de desamparo nas palavras do verso para nossa reflexão neste dia: “A razão da minha dor é que a direita do Altíssimo não age mais.” Essa não é a única versão do texto.

Por exemplo, a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* traduz assim esse verso: “O pior de tudo é que o Deus Altíssimo não quer nos ajudar mais como antes.” Há outras referências no sentido de que Deus deteve Sua bondade ou fechou a mão. Seria totalmente fora de propósito imaginar que esse tenha sido o caso. São muitas as promessas que Ele nos faz, garantindo-nos exatamente o contrário: “Eu, o SENHOR, não mudo” (Ml 3:6); “Pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, Eu, todavia, não Me esquecerei de ti.”; “Porque Eu, o SENHOR, teu Deus, te tomo pela mão direita e te digo: Não temas, que Eu te ajudo” (Is 49:15; 41:13). “Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos; mas a Minha misericórdia não se apartará de ti” (Is 54:10).

Apesar disso, em nossa fraqueza humana, à semelhança de Asafe, também temos nossos momentos de hesitação e perplexidade. Pode ser que você esteja passando por isso agora. Qual é o motivo pelo qual lhe assalta a tentação de pensar que a mão do Senhor não mais age em seu favor? Não consegue emprego? O casamento está desmoronando? Algum filho se enveredou pelos descaminhos da vida? Está cansado de orar sem obter respostas? O resultado do exame médico foi devastador? Não se desespere! “Porque sou Eu que conheço os planos que tenho para vocês”, diz o SENHOR, ‘planos de fazê-los prosperar e

não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro” (Jr 29:11, NVI). A mão divina continua agindo, como sempre.

Foi a lembrança dos feitos de Deus no passado que tirou Asafe da crise. Assim, voltou a ter esperança e confiança no Senhor. O salmista descobriu que o que causa maior sofrimento a um filho de Deus é pensar que Ele tenha deixado de agir.

Plano único

Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas. Atos 1:8

De acordo com uma lenda, quando Jesus ascendeu ao Céu, alguns anjos se mostraram curiosos para saber algo mais a respeito da experiência Dele na Terra e foram interrogá-Lo a respeito. “O Senhor fundou um grande movimento? Quantos seguidores deixou?” Jesus teria respondido: “Geralmente Eu atraía grandes multidões, mas deixei apenas 11 discípulos, alguns poucos amigos e dedicados seguidores.”

“Bem”, continuaram os anjos, “sendo tão poucos, certamente devem ter sido seres humanos excepcionais, dotados de excelente caráter, pessoas influentes em suas comunidades e de sucesso profissional.” A resposta teria sido: “Realmente, eram fora do comum: alguns pescadores, um coletor de impostos, pessoas simples.” Os anjos continuaram: “Nesse caso, formavam um grupo extremamente leal e confiável!” Jesus: “Eles tinham uma vontade imensa de ser leais, mas, no momento mais crítico, um Me traiu, outro Me negou, e quase todos os outros fugiram.”

“E o Senhor ainda espera que esse grupo continue Seu trabalho? Tem algum plano alternativo?” Jesus teria respondido: “Não, não tenho plano alternativo. Esse é o grupo com que posso contar.”

À parte da lenda, o fato é que os discípulos aos quais o Mestre incumbiu a tarefa de pregar o evangelho e estabelecer Sua igreja eram repletos de limitações. Mas não foram limitados na esperança de que Ele cumpriria a promessa de enviar o Espírito Santo que os capacitaria com poder para testemunhar. Esperaram conforme a ordem (Lc 24:49), “unânimes em oração” (At 1:14), em profundas e sentidas confissões, conscientes de sua incapacidade, até que, no Pentecostes, foram cheios do Espírito.

O livro de Atos está cheio de fatos reveladores da ousadia com que pregavam, do poder com que realizavam milagres e da pureza de vida que os caracterizava. Somente no poder do Espírito foram capazes de

cumprir seu papel missionário, apesar da oposição. Para alguns, nem a vida era tão preciosa que não pudesse ser deposta no altar do sacrifício. A transformação foi radical. A igreja débil se tornou invencível!

Com aquele grupo, Jesus iniciou o trabalho. Com o grupo do qual fazemos parte, Ele planeja concluí-lo. Não há plano B. A promessa continua a mesma: “receberão poder.” A busca desse poder é uma experiência diária e individual. O Espírito Santo não será derramado sobre papéis, cofres, computadores, câmeras, edifícios, mas sobre pessoas como você e eu.

O papel do Consolador

E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco. João 14:16

Essa é apenas uma das passagens do Evangelho de João em que Jesus fez referência ao Espírito Santo, o “Consolador”. “Espírito da verdade” é outra forma de mencionar a terceira Pessoa da Divindade. Embora haja outros textos referentes ao Espírito Santo como agente divino de transformação do coração humano (Jo 3:3, 5, 6; 6:63; 7:37, 38), a ideia de “Consolador” nos remete a outros aspectos de Seu trabalho em nosso favor.

Devemos nos lembrar de que o texto faz parte das palavras de despedida proferidas por Jesus aos discípulos. Sabendo das limitações deles, o Mestre lhes deu a garantia de que, em Sua ausência física, eles não estariam entregues à própria sorte. Nos momentos mais difíceis de sua experiência nos poucos anos anteriores, os discípulos haviam enfrentado desafios incontáveis, diante dos quais foram sustentados somente pela ajuda presencial de Cristo. Agora, eles precisavam estar seguros de que poderiam continuar o trabalho iniciado. Teriam, portanto, o Consolador invisível, porém real, a fim de estar sempre com eles.

A palavra aqui traduzida como “Consolador” é o termo grego *Paraklētos*, relacionado ao verbo *parakaleō*, cujo significado é “chamado para estar ao lado de alguém”. Em latim, a palavra correspondente é *advocatus* (advogado). Daí o conceito do Espírito Santo como defensor, conselheiro, consolador, intercessor e mediador. Wilson Paroschi afirma que o Espírito Santo é “um Agente de Deus que veio como substituto de Jesus, o primeiro Paracleto (Jo 14:26), e continua o trabalho iniciado por Ele. [...] ‘o Paracleto é a presença de Jesus quando Jesus está ausente’” (“O Outro Paracleto”, *Ministério*, julho/agosto 2012, p. 15). Sempre que alguém luta para deixar o mundo e encontrar Jesus, o Espírito Santo está guiando essa pessoa. Se a consciência culpada nos acusa, é Ele quem nos convence do pecado e nos guia rumo à

confissão, ao arrependimento e ao perdão.

Que privilégio é saber que o mesmo Espírito Santo, que esteve presente na criação da Terra Se manifestou em forma de pomba no batismo de Cristo e, dotou a igreja apostólica com poder para o início da missão, está conosco! Ele Se agrada em trabalhar em favor dos crentes assim como dos descrentes, convencendo “do pecado, da justiça e do juízo”. Abafar Sua voz em nossa consciência é insistir em permanecer em um caminho que levará à perda da vida eterna.

Ajuda real

Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, regozijai-vos no SENHOR, vosso Deus, porque Ele vos dará em justa medida a chuva; fará descer, como outrora, a chuva temporã e a serôdia. Joel 2:23

Na década de 1960, Jan Paulsen, ex-presidente mundial da Igreja Adventista, dirigia o Colégio Adventista da África Ocidental, atualmente Universidade Babcock, na Nigéria. Cada manhã, duas vans levavam pães do colégio para abastecer o comércio de duas cidades vizinhas.

Como o país vivia um sanguinário conflito tribal, certo dia, temendo pelo que pudesse lhe acontecer, o motorista de uma das vans, membro da tribo igbo, da região leste, pediu a Paulsen que o acompanhasse, no que foi atendido. Na volta, a estrada estava bloqueada por soldados da tribo hauçás, do norte. Eles paravam os veículos e, se os ocupantes fossem de outra tribo, simplesmente os fuzilavam. Chegando a vez da van do colégio, o motorista, sabendo que seria reconhecido, saiu. O pastor Paulsen também saiu, orando silenciosamente, para conversar com aqueles homens. Como não sabia o idioma nativo, falou em inglês, língua que os soldados não entendiam. Ele diz nem se lembrar do que falou. Contudo, depois da conversa, os soldados os deixaram seguir em paz.

Ciente de que a presença do Espírito Santo pode ser desfrutada em tempo real, Paulsen afirma: “O que sei é que o Espírito Santo me alcançou inesperadamente e Se tornou real para mim. Ele agiu naquele momento para salvar a vida de um estudante igbo e a minha também.”

O derramamento do Espírito Santo sobre os crentes tem sido apresentado por meio do símbolo de duas espécies de chuva: a temporã, ou chuva de outono, e a serôdia, a chuva da primavera – simbolismo inspirado na vida agrária da Palestina (Dt 11:13-15; Jr 5:24; Zc 10:1). Entendemos que, historicamente, a chuva temporã foi derramada no Pentecostes, de acordo com a promessa feita por Jesus a

Seus discípulos (At 1:8). Falando por intermédio do profeta Joel, Deus prometeu para os últimos dias novo derramamento de chuva (Jl 2:28, 29). Essa é a chuva serôdia, a chuva da colheita final.

Não temos que pensar no Espírito Santo apenas em termos de passado ou futuro. Podemos contar com Ele em nosso dia a dia. O Espírito Santo nos levou a Cristo e continua ao nosso lado, protegendo-nos quando somos atacados pelo inimigo e redirecionando nosso caminhar quando damos passos errados. Sim, Ele está com você agora. Confie!

Doçura que vem do sal

Então, saiu ele ao manancial das águas e deitou sal nele; e disse: Assim diz o SENHOR: Tornei saudáveis estas águas; já não procederá daí morte nem esterilidade. 2 Reis 2:21

Depois da destruição de Jericó, o Senhor, por intermédio de Josué, amaldiçoou a cidade, proibindo sua reconstrução. Quem tentasse fazer isso, perderia seu filho primogênito e o caçula (Js 6:26). Entretanto, durante o degradante reinado de Acabe, um homem chamado Hiel se atreveu a ignorar a proibição, reedificou Jericó e, sob a maldição, perdeu seus filhos Abirão e Segube (1Rs 16:34). Quem se dispôs a habitar a cidade sofreu as consequências da água imprópria para consumo e que esterilizava o solo, impedindo que sementes geminassem e matando de fome os animais.

Em busca de uma solução para o problema, o povo recorreu ao profeta Eliseu, que não tardou em responder: “Trazei-me um prato novo e ponde nele sal” (2Rs 2:20). Em seguida, o profeta jogou sal na fonte, e as águas foram purificadas. De acordo com Ellen White, “lançando o sal na nascente de água amarga, Eliseu ensinava a mesma lição espiritual dada séculos mais tarde pelo Salvador aos Seus discípulos, quando declarou: ‘Vós sois o sal da Terra’ (Mt 5:13). O sal, misturando-se com a fonte poluída, purificou suas águas e levou vida e bênção aonde antes havia sequidão e morte” (*Profetas e Reis*, p. 231).

No livro *O Desejado de Todas as Nações*, Ellen White relacionou as ações do cristão no mundo à obra transformadora da graça divina no coração, que é manancial de todos os sentimentos e decisões. Assim, apresentou o “sal salvador” como sendo a “justiça de nosso Redentor” (p. 439). E acrescentou: “Sua energia e eficiência em edificar o Meu reino’, diz Jesus, ‘dependem de receberem de Meu Espírito.”

À semelhança do sal colocado por Eliseu na fonte, a graça do Espírito deve ser recebida em nosso íntimo e permear todo o ser. Somente a partir daí os objetivos e resultados de nossa vida estarão conforme a vontade divina. O “sal salvador” da graça do Espírito deve invadir

nossa personalidade e nossos pensamentos. Nenhum desejo, nenhum plano, nenhuma filosofia de vida deve ficar livre de sua influência vivificadora.

Desprovido dessa graça, o rio da nossa vida fluirá sempre amargo e estéril, semeando morte. Contudo, ao permitirmos que ela impregne nosso coração, experimentaremos a transformação, tão necessária, que fará brotar de nosso interior uma fonte de vida e doçura a todos quantos nos cercam.

Abril

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sáb

1 2 3 4

5 6 7 8 9 10 11

12 13 14 15 16 17 18

19 20 21 22 23 24 25

26 27 28 29 30

Quando Deus diz: Pare!

Disse Deus a Balaão: “Não irás com eles, nem amaldiçoarás o povo; porque é povo abençoado.” Números 22:12

No mundo jurídico, existem as chamadas “brechas da lei”, das quais competentes advogados fazem uso para adiar ao máximo a condenação de algum cliente ou conquistar as mais surpreendentes absolvições de indiciados. Na vida religiosa, também há quem queira encontrar alguma “brecha”, ou até as crie, na tentativa de justificar atitudes que relativizam princípios, visando ao ganho pessoal ou material. Muitos mascaram o apego ao poder e o interesse em viver sob os holofotes com o argumento da prestação de serviço altruísta. Associações indevidas, frequência a lugares impróprios e compartilhamento de interesses questionáveis, com motivos “politicamente corretos”, às vezes, são “fundamentados” no conceito de Paulo: “faço-me gentio, para ganhar gentios” (1Co 9:20-22), como se o apóstolo fosse dado a rebaixar normas.

Por causa desse modo de agir, o que, a princípio, soa insignificante pode se agigantar e, posteriormente, causar muito sofrimento à própria pessoa e a terceiros. Por isso, devemos estar atentos ao fato de que, quando Deus diz: “Pare!”, quer dizer exatamente isso. A história de Balaão comprova essa verdade.

Depois de terem derrotado os exércitos de Basã e dos amorreus, os israelitas se acamparam nas campinas de Moabe. Apavorado, Balaque propôs a Balaão que amaldiçoasse o povo de Deus, prometendo-lhe recompensas.

“No passado, Balaão tinha sido um bom homem e profeta de Deus; mas havia apostatado e se entregado à cobiça. No entanto, ainda professava ser servo do Altíssimo. Não ignorava a obra de Deus em favor de Israel; e, quando os enviados comunicaram sua mensagem, ele sabia muito bem que seu dever era recusar as recompensas de Balaque e dispensar os embaixadores. Mesmo assim, arriscou-se a brincar com a tentação e insistiu com os mensageiros para que

ficassem com ele aquela noite, declarando que não poderia dar a resposta decisiva antes que tivesse pedido conselho da parte do Senhor” (Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, p. 439).

Com insistência, Deus o advertiu para que não aceitasse o que lhe havia sido proposto, alertando-o inclusive por meio da mula que o carregava. Mas, Balaão ignorou, motivado pela cobiça que havia dominado seu coração. Essa foi a causa de sua queda.

Essa história nos ensina que só estaremos seguros permanecendo sob o “assim diz o Senhor.” Deus sempre nos dará sabedoria para agir.

Passará

Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã. Salmo 30:5

Conta-se que um rei tirano resolveu se livrar de um dos serviçais por quem não alimentava a menor simpatia. Contudo, sabia que precisava fazer isso de tal maneira que não deixasse a mínima impressão de ter sido arbitrário, sem ter dado àquele homem uma chance de escape. Depois de haver procurado uma razão que justificasse sua atitude, resolveu submetê-lo a um teste. O servo teria que lhe apresentar uma palavra que o fizesse retomar o equilíbrio emocional quando experimentasse grande euforia e, ao mesmo tempo, o ajudasse a recuperar o ânimo quando estivesse profundamente triste. Caso não encontrasse a palavra, o homem seria morto. Assim, o servo foi para casa e dividiu a preocupação com a esposa. Pensaram muito no assunto durante a noite, até que a esposa encontrou a palavra certa.

No dia seguinte, o homem estava no posto do dever, quando foi convocado pelo rei a se apresentar e dizer a palavra “mágica”. Confiante, ao ser interrogado sobre o assunto, respondeu:

– Achei a palavra, majestade!

Surpreso, o rei quis saber qual era. O homem disse:

– A palavra que o rei busca é: Passará!

Com isso, o servo foi absolvido.

Nesta vida, tudo é passageiro. Todos nós guardamos na mente a lembrança de momentos que desejaríamos que fossem eternizados; porém, fazem parte do passado. Outros virão e também vão passar. Devemos desfrutá-los intensamente, mas isso não impede que se tornem história. Por outro lado, assim como passam os bons momentos que vivemos, também passam as experiências amargas, provas, tristezas e frustrações. Felizmente!

Diz o ditado popular: “Não há bem que sempre dure, nem mal que não se cure”. Assim como a tormenta dá lugar à bonança, ao pranto segue-se o riso, à tristeza segue-se a alegria. O triunfo substitui o infortúnio. A angústia não é perene. A noite escura da culpa é

sucedida pela paz decorrente do perdão. As provações antecipam vitórias e compensações. Deus está no controle de tudo e nos conduz em segurança.

Um dia, o último inimigo será derrotado, a noite do pecado se desvanecerá para sempre, e o dia eterno raiará. Enquanto esse dia não chega, ao longo de nossa jornada terrestre, sempre experimentaremos noites de pranto e dias de riso. Mas o Senhor está atento a cada lágrima vertida. Sua providência está a nosso favor. Não desanimemos!

Instruções de guerra

Chamou Moisés a Josué e lhe disse na presença de todo o Israel: Sê forte e corajoso; porque, com este povo, entrarás na terra que o SENHOR, sob juramento, prometeu dar a teus pais; e tu o farás herdá-la. Deuteronômio 31:7

Às vezes fico pensando na intensidade da emoção vivida por Moisés e Josué diante dos eventos retratados no verso de hoje. Não se tratava de uma transferência de Moisés para outro cargo nem de sua aposentadoria. Moisés sabia que ia morrer. Morto o valoroso líder, o novo tomou posse. O Senhor então deu a ele as instruções de guerra que se aplicam para cada filho Seu, de todas as épocas e para qualquer desafio. São elas:

(1) Ouvir Deus (Js 1:1). O ato de falar pressupõe que alguém deve ouvir. Obviamente, Josué fez isso enquanto o Senhor falava. Podemos e devemos orar, abrir o coração diante de Deus. Na mesma medida, devemos estar prontos a ouvir Sua voz. Ele tem meios de nos dizer o que fazer.

(2) Seguir as instruções divinas (Js 1:2). “Passa este Jordão.” Avance! Há uma terra a ser conquistada. Seguindo as instruções de Deus, prossigamos, e o que Ele estabeleceu para nós será alcançado.

(3) Concentrar-se na vitória (Js 1:3, 5). Todo lugar que você pisar será seu. Nem homens nem demônios terão poder sobre nós, sempre que nossos planos e sonhos estiverem em harmonia com os do Senhor.

(4) Não desanimar (Js 1:6, 7, 9). Coragem! Deus está com você em toda e qualquer situação. Não temos que vacilar diante de coisa alguma.

(5) Consagrar-se a cada dia (Js 3:5). Nossa segurança está em andar conforme as instruções da Palavra de Deus. Ela nos garante que o Senhor é fiel no cumprimento de Suas promessas; mas, antes de tudo, precisamos nos consagrar a Ele.

(6) Investir alto. “Hoje, começarei a engrandecer-te perante os olhos

de todo o Israel” (Js 3:7). O Senhor diz a cada um de nós: Entregue-se a Mim! Confie em Mim! Arrisque-se Comigo e por Mim, e não tenha medo de sonhar alto. Tenho muito para você!

(7) Celebrar as bênçãos (Js 3:4-6, 22-24). Nenhuma conquista deveria ser atribuída à capacidade de Josué nem à destreza de seus auxiliares. Deus é sempre o grande conquistador dos negócios da igreja e de cada cristão. O que as gerações futuras deverão saber, e algo que nós devemos evitar que nossas conquistas ofusquem, é simples: Deus é tudo; sem Ele, nada somos.

Limites

Tudo posso Naquele que me fortalece. Filipenses 4:13

Competições esportivas pressupõem luta para quebra de recordes e superação de limites. Em quadras, pistas de corrida, piscinas e campos de futebol, atletas de todo o mundo competem com determinação, tendo como objetivo ser o melhor ou figurar entre os melhores, como Usain Bolt, Michael Phelps, Serena Williams, Arthur Zanetti, Novak Djokovic, para citar apenas alguns exemplos.

Entretanto, sempre há limites nos quais esbarram muitas pretensões, não apenas no esporte, mas em outras áreas da vida. Independentemente de condicionamento físico, preparo intelectual, visão econômica e de conquista, todos temos limites. Por ignorarem essa realidade, muitos têm sofrido grandes perdas. No livro *Como Conviver Bem com as Pressões*, Richard Swenson cita uma narrativa de Liev Tolstói a respeito de um homem chamado Pahóm, que trabalhava com compra e venda de propriedades. Informado sobre uma grande oportunidade de negócio em outro país, dirigiu-se à terra dos basquires, a fim de negociar.

Tendo chegado ao destino, o camponês proprietário lhe disse que venderia toda a área que o comprador conseguisse circundar em um dia pelo valor de mil rublos (moeda russa). Pahóm decidiu que percorreria o máximo e se lançou à desafiadora tarefa. No trajeto, enfrentando intempéries, chegou a temer a morte, mas recusava a ideia de desistir. O que as pessoas pensariam dele? Prosseguiu cada vez mais exausto, até que, no fim do dia, chegou ao ponto de partida. Só teve tempo de ouvir o elogio do proprietário pelo esforço empreendido. E morreu.

Mesmo no campo espiritual, do ponto de vista puramente humano, enfrentamos nossos limites. Moisés reconheceu sua dificuldade para falar. Deus proveu a solução. Quando os israelitas deixaram o Egito, o limite foi o Mar Vermelho. Deus o abriu. O limite da esterilidade de Ana foi superado pelo filho que o Senhor lhe deu. Nenhum herói da

Bíblia superou limites pela própria capacidade.

Os atuais gurus da autoajuda, assim como os estoicos da Grécia, pregam a existência de uma força interior no ser humano que o leva a resistir e vencer todas as pressões externas. Contudo, Paulo estava convicto de que nós, por nossas forças, nada podemos fazer. Mas, em Cristo, sim! Estando de acordo com a vontade e o plano Dele, em Sua força, tudo podemos.

A palavra certa

Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo. Provérbios 25:11

De acordo com um dito popular, há três coisas que são irrecuperáveis: a flecha atirada, a oportunidade perdida e a palavra falada. Blaise Pascal, filósofo e matemático francês, afirmava que “a maior parte dos problemas do ser humano é decorrente da incapacidade que ele tem de ficar calado”.

De fato, uma verdade incômoda para todos nós é que, muitas vezes, sabemos exatamente o que precisa ser dito em diversas situações, mas não dedicamos tempo suficiente para pensar na maneira como as coisas devem ser ditas. Quando se trata de controvérsias, ou quando há necessidade de falar contra algum pecado ou erro, sabemos o que deve ser dito, mas falhamos na forma como dizemos. Apresentamos a verdade; porém, muitas vezes, desprovida do óleo do amor. Dizemos o que precisa ser dito, mas com tanta arrogância que os ouvintes não conseguem ouvir a mensagem.

Muitos casamentos fracassaram por causa de agressões verbais e palavras precipitadas. Sabe-se que, durante a infância, uma pessoa começará a desenvolver uma personalidade complexada e recalcada ao ser estigmatizada com termos pejorativos. Amigos já foram separados por causa de palavras inoportunas. Conflitos teriam sido pacificados, caso fossem usadas palavras brandas por uma das partes. Transgressores poderiam ter sido recuperados, caso a verdade lhes tivesse sido dita com palavras amorosas que não os afastassem. Não haveria tantas reputações destruídas e caracteres manchados se a palavra maledicente não fosse dita. Há tanta gente que poderia ser curada de suas feridas emocionais e espirituais se tivesse encontrado alguém que lhe dissesse a palavra certa!

Por isso mesmo, o livro de Provérbios é repleto de conselhos a respeito da palavra oportuna: “No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os lábios é prudente” (Pv 10:19). “A resposta branda

desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira” (15:1). “A morte e a vida estão no poder da língua” (18:21). “Tens visto um homem precipitado nas suas palavras? Maior esperança há para o insensato do que para ele” (29:20).

Não sem razão, Paulo aconselhou os efésios: “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade” (Ef 4:29). Certamente, hoje, encontraremos muitos com essa necessidade. Que o Senhor nos dê língua sábia (Is 50:4) para edificar quem estiver a nosso redor.

Quem sou eu?

Que é o homem, que dele Te lembres? E o filho do homem, que o visites?
Salmo 8:4

O Salmo 8 é o primeiro salmo de louvor. Davi o inicia exclamando: “Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o Teu nome!” (v. 1), e o conclui repetindo a mesma expressão (v. 9). Entre as duas manifestações, estão as razões pelas quais Deus recebe o louvor do salmista: Sua grandeza (v. 1-3) e a elevada posição do ser humano na criação (v. 4-8).

Há quem pense que o salmo foi escrito no período em que Davi apascentava as ovelhas de seu pai. Para outros, quando fugia de Saul; ainda outros dizem que o salmo foi escrito já na velhice, ao Davi se lembrar das experiências vividas na juventude. O fato é que, em algum momento, ele contemplou silenciosamente o céu. As maravilhas descortinadas diante de seus olhos o deixaram admirado.

Astrônomos gregos, por exemplo, conseguiram contar apenas 1.002 estrelas. No fim do 6º século, astrônomos europeus acreditavam haver 7 mil estrelas. Com seu telescópio, em 1609, Galileu contou 100 mil estrelas. Mais tarde, com um telescópio duas polegadas maior, ele viu 300 mil. Hoje, o telescópio de cinco metros de diâmetro, do Monte Palomar, na Califórnia, identifica estrelas aos bilhões.

Como observa Lloyd John Ogilvie, “a expansão está além de nossa capacidade de compreender. Se viajássemos pelo espaço a uma velocidade de cerca de 30.576 quilômetros por hora, levaríamos 144 mil anos para chegar à estrela mais próxima. Medimos o Universo em anos-luz em vez de quilômetros. A velocidade da luz é de 300 mil quilômetros por segundo, de modo que em um ano, a luz viaja [aproximadamente] dez trilhões de quilômetros [...]. O Universo é tão vasto que para atravessá-lo à velocidade da luz seria preciso viajarmos quarenta bilhões de anos-luz” (*Caindo na Grandeza*, p. 29).

Não é de surpreender que Davi, fascinado, tenha refletido na estupenda grandeza divina, relacionando-a à Sua preocupação com o

“homem” (*ĕnosh* em hebraico), ou seja, homem frágil, débil, com o “filho do homem” (*ben-adam*, em hebraico), ser humano, feito do pó da terra. Por que deveria Se preocupar com seres tão finitos? No entanto, viu mais em sua reflexão: Deus nos fez um pouco menor do que Ele mesmo e nos honrou com o domínio sobre as outras criaturas (Gn 1:26, 28).

Estou certo de que, se ainda hoje somos especiais aos olhos divinos, devemos isso à vida e obra do “Filho do Homem” que veio nos resgatar, depois de nos havermos separado Dele. Maravilhosa graça!

Amigo

Em todo tempo ama o amigo, e na angústia se faz o irmão. Provérbios 17:17

A vida é feita de relacionamentos. Relacionamo-nos com a família, os vizinhos, colegas de trabalho e os amigos. Trazemos essa necessidade de relacionamento desde que nascemos. De fato, está em nosso DNA: não podemos viver isolados. Francis Bacon disse: “Não há solidão mais triste do que a do homem sem amizades. A falta de amigos faz com que o mundo pareça um deserto.” Cícero, o grande orador romano, chegou a refletir: “Existirá algo mais agradável do que ter alguém com quem falar de tudo como se estivéssemos falando conosco mesmos?”

Além de realçar a qualidade do amor de um verdadeiro amigo, Salomão afirmou: “Algumas amizades não duram nada, mas um verdadeiro amigo é mais chegado que um irmão” (Pv 18:24, NTLH). Há pessoas que têm facilidade para fazer amigos. Outras tomam poucas iniciativas nesse sentido, o que não significa que não apreciem tê-los. Embora sendo reservadas e tímidas, basta que se toque a campainha de seu coração e estarão prontas para escancarar as portas dele para novas amizades.

Pesquisas têm revelado o valor da amizade, mas não se impressione se seu perfil na rede social abriga números estratosféricos de amigos. De acordo com o antropólogo britânico Robin Dunhar, o máximo de amigos que podemos ter em mente é 150. Mesmo assim, dentro desse número, há uma variante entre cinco, 15 e 50, na qual estão os mais, os mais ou menos e os menos íntimos e próximos. Para mantê-los, será preciso pelo menos fazer uma ligação a cada 15 dias e nunca deixar de retornar os contatos recebidos quando for o caso.

A amizade também contribui para elevar a autoestima, melhorar o estado depressivo e a condição cardíaca, o otimismo, entre outros benefícios. “Não dispor de uma rede social de apoio é um fator de mortalidade mais potente que a obesidade ou uma vida sedentária”,

afirma a psicóloga Julianne Holt-Lunstad, da Universidade Brigham Young, nos Estados Unidos (“10 verdades que os cientistas dizem sobre a amizade”, Exame [on-line], 12/8/2014).

Davi e Jônatas, Paulo e seus colaboradores têm sido ótimos exemplos de amizade na Bíblia. Deus mesmo falava com Moisés como a um amigo (Êx 33:11). A Abraão Ele chamou de “Meu amigo” (Is 41:8). O amigo está presente em toda e qualquer situação. Na adversidade, ele surge como um irmão. Que privilégio ter amigos assim! E não é difícil consegui-los. De fato, é muito simples. É justamente como diz a bela composição de Valdecir Lima e Lineu Soares: “Seja um!”

A alegria da generosidade

Mais bem-aventurado é dar que receber. Atos 20:35

Os ensinamentos de Cristo são contrários a tudo o que pensa a mente humana distorcida pelo pecado. Ao incentivar o altruísmo e a generosidade entre pessoas, Ele disse: “Mais bem-aventurado é dar que receber.” Em uma sociedade ávida por ganhar sempre e quase nada partilhar, isso é estranho. No entanto, a vida amadurecida, útil e feliz é caracterizada pela disposição de dar-se.

Deus deu Seu Filho, que deu-Se a Si mesmo pela salvação do ser humano. Se realmente queremos desenvolver um estilo de vida mental e espiritualmente saudável, a prática do altruísmo é essencial, pois beneficia tanto a quem recebe como a quem dá. Assim como só amor suscita amor, pode-se dizer que só generosidade suscita generosidade. “Deem, e lhes será dado”, ensinou o Mestre (Lc 6:38, NVI).

Talvez, uma das razões pelas quais as pessoas resistem a isso seja o excessivo apego aos bens materiais. Mas Cristo não nos chama a dar unicamente dinheiro ou posses. Há coisas que o dinheiro não pode comprar e que devemos partilhar. Podemos dar, por exemplo, misericórdia aos que se sentem indignos, compreensão e tolerância àqueles de cujas ideias discordamos, reconhecimento e gratidão a quem nos favorece, inspiração e exemplo na prática de valores elevados para quem vive sob nossa influência, perdão e amor para quem nos maltrata e fere (Lc 6:27-38). “Deem” aos outros tudo isso, “e lhes será dado”.

Conta-se que certo jovem ganhou um automóvel novo de seu irmão mais velho. Em uma ocasião, enquanto admirava o presente, um garoto se aproximou e quis saber como ele o havia conseguido. “Ganhei do meu irmão”, respondeu o jovem. Surpreso, o menino acrescentou: “Puxa, como eu gostaria de ser um irmão como o seu!”

Pensando na observação do pobre menino, o jovem o convidou para dar um passeio de carro. Depois de algum tempo, o menino pediu para

ser levado para casa. Parando diante de um casebre, o garoto desceu, entrou correndo e trouxe nos braços o irmãozinho paralítico. Apontando para o carro, disse ao irmãozinho: “Aí está. Ele ganhou este carro do irmão dele. Algum dia, eu gostaria de lhe dar um carro como esse. Então, você poderia ver por si mesmo todas as belezas que tento lhe descrever.”

O jovem pôs os dois meninos no carro e fizeram um passeio inesquecível. Naquele dia, ele aprendeu o verdadeiro significado das palavras de Cristo: “Mais bem-aventurado é dar que receber.”

Olhe para Jesus

Fez Moisés uma serpente de bronze e a pôs sobre uma haste; sendo alguém mordido por alguma serpente, se olhava para a [serpente] de bronze, sarava. Números 21:9

Graças à intervenção divina, os israelitas haviam deixado o Egito; porém, com frequência, pareciam demonstrar que o Egito não os havia deixado. Qualquer desafio mais exigente os fazia esquecer do favor de Deus ao libertá-los da escravidão e das maravilhas operadas ao longo da caminhada pelo deserto. O reconhecimento de tais bênçãos era substituído pela lembrança da falsa estabilidade no Egito, e uma infinidade de queixas era desferida contra Deus e o líder por Ele escolhido, Moisés.

Foi assim depois de uma expressiva vitória sobre os cananeus (Nm 21:1-3). Em vez de a comemorarem intensamente, na etapa seguinte da jornada puseram-se a reclamar: “Por que nos fizestes subir do Egito, para que morramos neste deserto, onde não há pão nem água? E a nossa alma tem fastio deste pão vil” (v. 5). Quanta ingratidão! Quarenta anos sob a direção providencial de Deus foram esquecidos!

Em resposta, o Senhor retirou deles a proteção e, como consequência, serpentes “abrasadoras”, chamadas assim por causa dos terríveis efeitos de sua picada, infestaram o deserto. Isso levou muitos deles à morte. Reconhecendo o erro, arrependeram-se: “Havemos pecado, porque temos falado contra o SENHOR e contra ti; ora ao SENHOR que tire de nós as serpentes” (v. 7). Em resposta à oração de Moisés, Deus ordenou que ele fizesse uma serpente de bronze e a expusesse em uma haste. O ferido que a olhasse ficaria curado e viveria.

Mais tarde, Jesus Se referiu a esse episódio como símbolo de Sua expiação pelo pecado. Não é nos mantendo concentrados em nossas transgressões que viveremos, mas olhando para Jesus. Olhar o pecado nos leva à morte; somente olhando para Cristo teremos vida. Além disso, sendo diariamente abençoados com a preservação da vida,

proteção, alimento, vestuário, abrigo, e muito mais, não podemos deixar de ser agradecidos, entregando-nos a queixas e recriminações. Nisso os israelitas erraram. Esqueceram-se tanto das bênçãos, como do Autor delas.

Em toda e qualquer circunstância, devemos olhar exclusivamente para Jesus, levantado entre o céu e a Terra como o bálsamo da cura para nossas feridas morais, emocionais, espirituais e, estando de acordo com Seu plano para nossa vida, também para as feridas físicas. Olhando-O, seremos purificados de nossas manchas. Olhando-O, seremos iluminados e transformados.

Deus, o ofertante

Deus O ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo Seu sangue, demonstrando a Sua justiça. Romanos 3:25, NVI

Conforme diz a poesia de um antigo e belo cântico, “o tema da Bíblia é Cristo e como veio salvar”. De fato, todos os demais temas das Escrituras são derivações ou explicação do plano da salvação. Livrarias e bibliotecas religiosas estão repletas de literatura explicativa sobre esse tema. Contudo, apesar da enorme produção literária, do esforço e tempo empreendidos em pesquisar o assunto, apenas entreabrimos a porta do ilimitado depósito que armazena os mistérios do amor de Deus, revelado em Cristo Jesus.

O apóstolo Paulo apresentou o tema da seguinte maneira: “Pois todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por Sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus O ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo Seu sangue, demonstrando a Sua justiça. Em Sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos, mas, no presente, demonstrou a Sua justiça, a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3:23-26, NVI).

Um costume pagão levava os devotos a oferecer sacrifícios para aplacar a ira e obter o favor de seus deuses. Em vez disso, Paulo apresentou Deus não como o recebedor, mas como provedor do sacrifício. Assim, Ele mesmo tomou providências para resolver o problema de Sua repulsa contra o pecado: ofereceu Cristo como sacrifício substitutivo. Esse ato não foi elaborado na tentativa de torná-Lo gracioso e amoroso para conosco, mas como um evento por meio do qual expressou Seu amor e Sua graça.

Em outras palavras, “esse enorme sacrifício não foi feito para despertar no coração do Pai o amor pelo ser humano nem para fazer com que Ele Se dispusesse a salvá-lo. Não! ‘Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito’ (Jo 3:16). O Pai nos ama, não por causa da grande propiciação, mas Ele proveu a

propiciação porque nos ama. Cristo foi o meio pelo qual Ele pôde derramar Seu amor infinito sobre o mundo caído. ‘Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo’ (2Co 5:19). Deus sofreu junto com Seu Filho. Na agonia do Getsêmani, na morte no Calvário, o coração do Amor Infinito pagou o preço de nossa redenção” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 13, 14).

Você pode entender a plenitude desse amor? Não é sem razão que ele continuará sendo o tema do cântico e da reflexão dos remidos por toda eternidade!

Monumento à redenção

Tirando-O do madeiro, envolveu-O num lençol de linho, e O depositou num túmulo aberto em rocha, onde ainda ninguém havia sido sepultado. Era o dia da preparação, e começava o sábado. Lucas 23:53, 54

À semelhança do casamento, ambiente no qual desfrutamos o máximo de prazer e intimidade com nosso cônjuge, o sábado é um dia especial em que desfrutamos o máximo de alegria e comunhão com o Criador, sem interferências de outras atividades, em um nível de plenitude não vivenciado durante a semana. O sábado é vida, é alegria e é repouso. Nele se produz a união perfeita do prazer com a liberdade e a disciplina.

A partir de Gênesis 2:1 a 3, é possível afirmar que o sétimo dia se constitui em um memorial da criação. Assim, o sábado é revestido de significado cósmico, indo além das limitações temporais ou locais. Sua instituição é anterior à promulgação de todas as leis, inclusive do próprio Decálogo.

Para os israelitas, o sábado também seria um memorial de sua libertação do cativeiro egípcio: “Porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o SENHOR, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o SENHOR, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado” (Dt 5:15).

O Deus criador é o mesmo que nos libertou do cativeiro do pecado. Essa libertação foi consumada na cruz, em uma sexta-feira. Isso torna significativo o fato de que, no dia seguinte, Jesus Cristo tenha descansado na sepultura.

“No princípio, o Pai e o Filho repousaram no sábado após Sua obra de criação. [...] Agora Jesus descansava da obra de redenção e, embora houvesse dor entre os que O amavam na Terra, reinou alegria no Céu. A perspectiva do futuro era gloriosa aos olhos dos seres celestiais. Uma criação restaurada, a raça redimida que, havendo vencido o pecado, nunca mais poderia cair – esse era o resultado visto por Deus e os anjos, da obra concluída por Cristo. O dia em que Jesus descansou

está para sempre ligado a essa cena. [...] Quando ocorrer a ‘restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos Seus santos profetas desde a antiguidade’ (At 3:21), o sábado da criação, o dia em que Jesus repousou no sepulcro de José, será ainda um dia de descanso e regozijo” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 769, 770).

Aquele que descansou de Sua atividade criadora e redentora em um sábado não mede esforços para que nele descansemos na certeza da salvação provida em nosso favor. Desfrute mais este sábado na presença Daquele que, tendo criado o tempo, dedica tempo para nossa restauração final.

Ele vive!

Vocês estão procurando Jesus, o Nazareno, que foi crucificado. Ele ressuscitou! Não está aqui. Marcos 16:6, NVI

A cruz é central para nossa salvação. Mas que lembrança teríamos dela se não houvesse uma sepultura vazia? Afinal, muitos foram condenados a morrer em uma cruz. Quem e quantos foram eles? Não sabemos. Falamos dos ladrões crucificados, somente porque entre eles estava Jesus, que quebraria as cadeias do sepulcro horas depois. Houve também a cruz de Pedro, cuja vida estava ligada a Cristo e se tornou poderoso pregador da ressurreição. Assim, a sepultura vazia, de mãos dadas à cruz, configura o ápice daquele ato do plano da redenção.

Contudo, a ressurreição de Cristo foi uma surpresa para todos: para os apóstolos, para as mulheres da Galileia, para os líderes religiosos, para José de Arimateia e Nicodemos, para Pilatos e Herodes, para os dois discípulos a caminho de Emaús. Para toda essa gente, a morte de Jesus tinha sido o fim de Sua história. Mas não precisava ter sido surpresa para ninguém. O Mestre, por Seus ensinamentos e exemplo, havia provado ter o controle sobre a morte. Havia ressuscitado a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro. Havia afirmado ser “a ressurreição e a vida” (Jo 11:25), estando habilitado a dar a própria vida e reavê-la. A profecia por meio do salmista declarava: “Não deixarás Minha alma na morte” (Sl 16:10).

Finalmente, transcorrido aquele histórico sábado de pesar, as mulheres foram completar o trabalho de ungir o corpo do Mestre com aromas, e encontraram a sepultura vazia. Na sexta-feira, a Terra tremiera como que lamentando a morte do Filho de Deus. Na manhã do domingo seguinte, voltou a ser sacudida, como que manifestando a alegria de Seu retorno à vida, depois que Ele a entregara em nosso resgate.

A boa-nova do anjo foi infinitamente além de tudo quanto esperavam ouvir: “Ele ressuscitou! Não está aqui” (Mc 16:6, NVI). Hoje, porque Ele vive, não precisamos temer o amanhã. Porque Ele vive, a

esperança se transforma em certeza! Porque Ele vive, nem mesmo a morte precisa ser encarada como uma tragédia absoluta, pois também nós viveremos. Em um dia, que não está muito longe, nossos mortos viverão! Sim, Cristo está vivo, sempre conosco em todos os tempos e situações. Ele vive! Ascendeu ao Céu, onde intercede em nosso favor, e virá partilhar conosco Sua vitória sobre o pecado, a morte e o mal. Em breve, participaremos do esplendor da Sua glória pelos séculos da eternidade! Alegre-se! Pela graça de Deus, você e eu participaremos desse momento glorioso.

A pobreza que enriquece

Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus.

Mateus 5:3, NVI

Em nosso cotidiano, a expressão “pobres de espírito” geralmente tem sido usada com desdém, como referência a pessoas simplórias, superficiais, de inteligência limitada, carentes de visão ou profundidade intelectual. Mas não era esse o significado que Jesus tinha em mente ao proferir as palavras de nosso verso de hoje. O termo grego para “pobres” indica pobreza extrema. Assim, “pobres de espírito” são pessoas conscientes de sua miséria espiritual, extremamente necessitadas das coisas que o reino do Céu disponibiliza.

O auditório para o qual Jesus falou era composto de pessoas com essa característica. Elas viviam desanimadas, decepcionadas e espiritualmente frustradas. A religião representava apenas superstição e cerimônias que não preenchiam o vazio interior. O orgulho, a presunção e a soberba dos líderes religiosos contrastavam com os sentimentos delas, levando-as a pensar que jamais corresponderiam ao ideal de espiritualidade que lhes era apresentado.

O ensino de Jesus, porém, trouxe novas perspectivas. Suas palavras caíram no coração das pessoas como chuva em terra seca. Sentiram que havia Alguém capaz de ler os segredos do coração e que Se compadecia delas. O reino do Céu foi posto ao alcance de todos. Não seria obtido por aqueles que se consideravam merecedores, tendo como base os próprios méritos. Soava revolucionário ouvir que esvaziar-se de si mesmo, ter espírito de renúncia e reconhecer a profunda necessidade espiritual eram as condições para o ingresso no reino de Deus. Era possível ter felicidade e, ouvindo as palavras de Jesus, as pessoas começaram a senti-la.

Todo aquele que julga ter alcançado a plenitude espiritual e vive satisfeito com essa pretensa condição ignora a necessidade de buscar a graça e a justiça divinas. Desse modo, fecha o coração ao Senhor e às

bênçãos que Ele oferece. Essa é a trilha para a infelicidade, ao contrário daqueles que sentem a própria pequenez, abrem o coração a Cristo e se entregam para que Ele os transforme. Por isso, Jesus nos motiva a trocar a falsa riqueza espiritual pela verdadeira riqueza de Sua graça.

A pobreza espiritual que nos torna felizes é o reconhecimento de que, pensando ter tudo, sem Deus, nada temos. Imaginando nada ter, pela graça de Deus temos tudo.

A linguagem das lágrimas

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Mateus 5:4

Tudo o que fazemos na vida tem como objetivo a felicidade. Nada planejamos tendo em vista a tristeza. Podemos até chorar de alegria, mas o choro costuma expressar tristeza. No entanto, Jesus disse: “Bem-aventurados os que choram.”

Apesar de sabermos que a alegria é um componente do fruto do Espírito Santo, que na presença de Deus há “plenitude de alegria” (Sl 16:11), que “com alegria” tiraremos “águas das fontes de salvação” (Is 12:3), o Criador nos faz expressar sentimentos e emoções por meio da linguagem das lágrimas. Por exemplo, lágrimas por situações da vida: separação (2Tm 1:4; At 20:37), luto (Jo 11:35), arrependimento (Jo 12:3), compaixão (Rm 12:15) e, ainda, lágrimas por pecadores impenitentes (Jr 9:1; Lc 19:41).

Pesquisadores têm estudado os efeitos do choro e descoberto que ele faz bem. O bioquímico William Frey, da Universidade de Minnesota, por exemplo, estudou com sua equipe o sistema imunológico de muitas pessoas, o grau de estresse e raiva, e o humor daqueles que choram muito. Descobriram que o humor dessas pessoas melhorou em quase 90% após um período de pranto. As lágrimas derramadas por elas fortaleceram o organismo e reduziram o estresse.

Entretanto, não é esse tipo de alívio que caracteriza a felicidade mencionada por Jesus. Isso porque, embora Ele possa consolar todo tipo de pranto, e efetivamente o faça, o choro aqui referido não é causado por dor física, perda humana ou material, despedidas ou outras situações comuns.

Os ouvintes do Mestre tinham razões pelas quais chorar: insegurança, opressão política, solidão, discriminação, angústia, escassez econômica, mas Jesus falava de outro tipo de choro, ou seja, a aflição do coração pelo pecado cometido. É um pranto que abre um novo caminho, da escravidão para a plena liberdade espiritual em Cristo. O sentimento de culpa causa dor e abatimento; mas, no

momento em que se vai ao Salvador, a paz e a alegria são restauradas; o consolo é experimentado. Desse modo, a vida passa da tristeza ao prazer, do pesar à felicidade.

Ao olhar para dentro de si mesmo, talvez você se depare com um quadro que não é o ideal divino. Talvez sinta o coração quebrantar-se pela consciência da própria fraqueza e se entristeça profundamente. Chore. Leve esse coração ao trono de graça, sempre! Ali, o perdão divino o aquecerá, a tristeza será dissipada e o amparo do Salvador o envolverá.

Herdeiros da terra

Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra. Mateus 5:5

Pensando nas condições prevalecentes no mundo, o teólogo e escritor alemão Heinz Zahrnt, falecido em 2003, expôs o paradoxo de se falar sobre mansidão na seguinte frase: “Ai dos mansos, porque eles serão colocados contra a parede!” De fato, o mundo está cheio de pessoas que tudo medem em termos de força, poderio e agressividade como meio de conquista. Este é um mundo no qual a competitividade é desejada, incentivada e buscada a qualquer preço. Um mundo em que as coisas parecem funcionar segundo a lei do mais forte.

De acordo com essa mentalidade, quanto mais alguém se defende e luta por fazer valer seus direitos, tanto mais possibilidade terá para triunfar. Por isso, a afirmação de Cristo soa, no mínimo, singular. São os mansos que conquistarão o mundo e tomarão posse do Universo.

Mas o que é mansidão? Para alguns, mansidão pressupõe atitude servil. Os gregos não tinham respeito pela mansidão, justamente porque a consideravam servidão. Há quem a associe à timidez, a uma submissão incondicional ou passiva rendição a outras pessoas. Entretanto, mansidão não significa inércia. Os verdadeiros mansos são ativos, valentes e fortes. São diligentes e não contemporizam com o erro, agindo sempre como seu Mestre: com serenidade, disciplina e domínio próprio, desprovidos de ostentação. Kevin DeYoung disse: “Mansidão é aprender autocontrole em vez de querer estar no controle. É abrir o coração em vez de cerrar os punhos” (<http://reforma21.org/artigos/bem-aventurados-os-mansos.html>). É assim que ela se torna a força mais poderosa do mundo. A mansidão sempre triunfa, quando todos os argumentos e recursos falham.

A mansidão sobre a qual Jesus falou é uma resignação mansa e obediente; é aceitar sem murmurações os desígnios Dele, sejam eles quais forem. Quando a desgraça nos alcança, e a adversidade nos surpreende, não são palavras agressivas, muito menos força física, que nos capacitarão a superá-las. Necessitamos de mansidão, uma

paciente disposição de acatar Sua vontade.

Outro aspecto significativo da mansidão é aquele que se demonstra em nossas atitudes para com o semelhante. O coração manso transbordará amor. Mantém-se impassível, apesar da provocação inimiga, assim como no Calvário a paciência e a mansidão de Cristo colidiram com a máxima expressão da maldade humana. Por isso, Seu apelo ainda é: “Aprendam de Mim, que sou manso” (Mt 11:29). Somente os que absorverem esse aprendizado herdarão a Terra.

Fartura para famintos e sedentos

*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.
Mateus 5:6*

Os números da fome no mundo são assustadores, beirando 1 bilhão de pessoas, de acordo com pesquisas realizadas pelo Instituto Internacional de Investigação sobre Políticas Alimentares. Condições meteorológicas e conflitos civis figuram entre as causas do problema. Ao lado disso, a escassez de água afeta cerca de 40% da população mundial. E, de acordo com o mesmo Instituto, a perspectiva não é muito animadora: até 2050, 4,8 bilhões de pessoas terão acesso a menos do que a mínima quantidade segura para sobrevivência. É possível avaliar a intensidade do anseio com que adultos procuram um prato de alimento? Que dizer então de sedentos? Embora os dois itens sejam indispensáveis para a manutenção da vida, sabe-se que é possível viver mais tempo sem comer do que sem beber água.

Sabedor da força dos instintos de fome e sede, Jesus os utilizou para ilustrar a paixão com que devemos buscar a justiça e a felicidade resultantes da satisfação deles. Para os ouvintes de Cristo, a figura era pertinente, pois viviam em uma região caracterizada pela escassez de chuvas, o que afetava a agricultura. Em certa ocasião, Ele mesmo saciou a multidão, multiplicando pães e peixes.

Contudo, a fome e a sede aqui referidas estão acima do físico. Elas envolvem o desejo por uma justiça além do exterior, além da prática de ordenanças legais. É justiça gerada pela graça divina no íntimo, exteriorizada na conduta. Ela fará nascer em nós o anseio de liberdade do pecado em todas as suas formas. Por isso, devemos buscá-la como algo cuja falta resultará em morte.

Conta-se que um jovem se dirigiu a um sábio e lhe pediu orientação para encontrar o caminho da justiça. O mestre o levou a um rio e, ali, afundou a cabeça do moço na água. Depois de alguns segundos, assustado e ofegante, o rapaz conseguiu se desvencilhar. O sábio perguntou:

– O que mais você desejou quando sentiu que se afogaria?

A resposta foi:

– Ar!

Então, o mestre concluiu:

– Quando você desejar a salvação e a justiça com tanta intensidade, você encontrará.

Sentir superficialmente fome e sede não é tudo. Devemos estar quase a desfalecer para desejar a justiça salvadora. Somente o Pai satisfará nossa fome e sede espirituais.

Além da simpatia

*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
Mateus 5:7*

Pensando na condição do mundo, Fernando Pessoa escreveu: “A condição essencial para se ser um homem prático é a ausência de sensibilidade. [...] Quem simpatiza para” (*Livro do Desassossego*, p. 303). De fato, parece que vivemos em um mundo no qual a insensibilidade e a indiferença podem até matar. Há um clamor generalizado por justiça, mas também uma necessidade gigantesca de misericórdia. No entanto, prosseguimos nosso caminho, na maioria das vezes, demonstrando nada mais que uma simpatia superficial para com sofredores. Lembro-me de ter lido, tempos atrás, a história de Rafael, um garoto de nove anos.

Era manhã de um domingo frio de julho e, com os pais, ele voltava para casa depois do culto. A felicidade estampada no rosto deles logo foi transformada em perplexidade no pequeno Rafael, quando encontraram outro menino dormindo sob a marquise de um edifício, sem nada que o agasalhasse. Rafael não titubeou: “Pai, vamos levar este menino para casa; ele deve estar com fome e pode almoçar com a gente.” Gaguejando, os pais tentaram explicar porque não podiam levar o indigente para casa, apesar da insistência do filho. Sem alternativa, apressaram-se a tomar a mão dele e seguir em frente. Não sei se Rafael conseguia entender, mas ali estava ele diante da diferença entre a teoria do verdadeiro cristianismo e a prática revelada pelos pais.

O mundo precisa de misericórdia! Isso é o que Deus nos pede (Mq 6:8; Os 6:6). Foi o que Jesus pregou na contramão das ações dos líderes religiosos e governamentais de Seus dias. A misericórdia como sentimento ativo em relação à dor alheia, que nos leva a “calçar os sapatos” do sofredor e agir para minorar sua miséria, é apenas um dos significados.

Há também seu lado perdoador, conferindo a quem não merece uma nova chance de reerguimento. Não que isso signifique transigência

com faltas, mas, compreendendo nossa própria debilidade espiritual, somos habilitados a julgar à maneira de Deus: com justiça e graça. Recebemos o que damos. Se fomos tratados por Ele com misericórdia, isso é o que compartilharemos com outros. Nenhum de nós tem, por natureza, um espírito misericordioso. Esse modo de ser é experimentado apenas por meio da graça de Deus. Se ela estiver em nós, teremos o Espírito de Cristo; seremos misericordiosos e obteremos misericórdia. Afinal, necessitamos dela para viver aqui e agora, bem como diante do tribunal divino.

O desafio de ser puro

*Felizes as pessoas que têm o coração puro, pois verão a Deus. Mateus 5:8,
NTLH*

A virtude da pureza é atributo distintivo do cristão autêntico. A própria expressão “puros de coração” ou “limpos de coração” revela a origem dessa qualidade: o interior do cristão bem-aventurado, sua mente, seus sentimentos e motivações. É a partir daí que ela é vista em uma conduta isenta de subterfúgios hipócritas. Infelizmente, no emaranhado de contrastes que a sociedade atual experimenta e que confunde o mundo, o conceito de pureza é minimizado, quando não inexistente. Mas o ideal de Deus para Seus filhos não mudou: sejam puros de coração. Como sabemos, nas Escrituras o coração simboliza o centro da personalidade. Não apenas o centro dos afetos e emoções, mas a fonte da qual fluem todos os sentimentos. Inclui a mente, o intelecto, a consciência, enfim, o todo do ser humano.

A primeira ideia que vem à mente quando tratamos de pureza é o aspecto da vitória contra a concupiscência. É isso e muito mais. “Felizes as pessoas que têm o coração puro” expressa que são felizes os puros não somente na superfície do ser, mas no íntimo, na fonte de cada uma de suas ações. O Senhor deseja que Seus filhos sejam livres do orgulho e de interesses egoístas, fiéis nos mais profundos desígnios e motivos da alma, humildes, abnegados e sinceros.

Nos dias de Cristo, faltava pureza de coração àqueles que doutrinavam e lideravam o povo. Eram falsos, desprovidos de integridade interior, atores da religiosidade. O Mestre reprovou duramente sua hipocrisia (Mt 23). Em contraposição, exaltou a pureza do coração e a ausência de contaminação espiritual, corrupção ou mácula em qualquer sentido.

Os puros de coração têm a virtude da transparência. Não farão nenhum gesto misterioso, são honrados e honestos. Levam o Céu no coração. Contudo, somente a limpeza realizada pelo sangue de Cristo pode tirar as manchas do pecado humano e tornar o coração puro.

Uma vez submetidos a esse processo, estaremos habilitados a receber a recompensa prometida: “Verão a Deus.” Essa promessa de ver o Senhor face a face é a mais cativante para aqueles que O amam e têm experimentado o novo nascimento. O cristão se alegra agora em Sua companhia espiritual, mas anela ver o dia em que o véu que separa o Céu da Terra será finalmente tirado e poderá sentar-se aos pés de Jesus. Essa esperança deve nos levar a orar: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro” (Sl 51:10).

Nobel da eterna paz

*Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.
Mateus 5:9*

Ao analisar a bem-aventurança sobre a qual refletimos hoje, certo pregador destacou o fato de ela ser a sétima, ordinal do número relacionado à perfeição. Acaso, seria isso indicador de que os pacificadores estão mais perto da perfeição em Cristo? A posição do texto também foi lembrada. Seguindo-se à menção aos puros de coração, ser pacificadores não implica convivência com o mal. Apesar disso, não podemos nos esquecer de que, por mais pacíficos que possamos ser, não estaremos livres de incompreensão e até perseguição, à semelhança do Príncipe da Paz. Esse é o tema da próxima bem-aventurança.

O conceito de paz domina toda a Bíblia. No Éden, ela foi estabelecida no coração do ser humano. Com o pecado, deu lugar à inimizade contra Deus, mas foi restaurada pela morte de Cristo na cruz. A aceitação de Seu sacrifício e a decorrente justificação restabelecem a paz do ser humano com Deus (Rm 5:1). Haverá paz na eternidade, quando se completar o plano da redenção.

Considerando que Jesus enche de paz o coração de Seus filhos, declarou felizes aqueles que a promovem entre os semelhantes. Esse ministério pacificador vai muito além das ações desenvolvidas pelos governantes, diplomatas, juristas, pela ONU e pelos vencedores do Prêmio Nobel da Paz. Esses lutam por um modelo transitório de paz. Jesus aqui Se refere especialmente à tarefa de induzir os seres humanos a que estejam em paz com Deus. Portanto, os pacificadores mencionados por Cristo oferecem paz divina, real, eterna! É a paz à qual o Mestre Se referiu quando disse: “Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo” (Jo 14:27).

Estando em paz com Deus, o resultado natural na vida do cristão é ter paz com o semelhante. Paulo aconselhou: “Vivei em paz uns com os outros” (1Ts 5:13). E mais: “Façam todo o possível para viver em paz

com todos” (Rm 12:18, NVI). “Esforcem-se para viver em paz com todos” (Hb 12:14, NVI). O cristão orará e se empenhará pela existência de paz na família, na igreja e na sociedade. Não criará embaraços nem forjará retaliações. Sua disposição de ceder em nome da paz não implica passividade, mas atividade corajosa e persistente na busca do objetivo maior.

Ser filhos de Deus significa ter caráter semelhante ao do Pai. Eles cumprem o plano divino de paz entre eles, Deus e os semelhantes.

Perseguidos, mas felizes

Bem-aventurados sois quando, por Minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Mateus 5:10

A Seus discípulos, Jesus não deu nenhuma esperança de glória, riquezas terrestres, vida livre de tentações, perseguição ou rejeição. Ao contrário, mostrou-lhes o privilégio de trilhar com Ele o caminho da abnegação, renúncia própria, e suportar as calúnias do mundo.

Não podemos esperar ser populares como recompensa por uma vida de retidão e justiça, porque as trevas rejeitam a luz. Talvez, por algum tempo, possamos até exercer alguma influência; mas, normalmente, pessoas de mentalidade materialista e mundana erguem alguma forma de barreira entre elas e as de mentalidade espiritual. Os ventos da perseguição sempre sopram na turbulência que o cristianismo provoca com suas virtudes.

A entrada do pecado no mundo trouxe inimizade entre o reino do Céu e os reinos do mundo, entre os que servem a Deus e os que não O servem. A igreja apostólica, como se sabe, foi perseguida implacavelmente pelo Império Romano. Em nossos dias, países nos quais imperam o radicalismo político e o extremismo religioso têm seguido o exemplo. De acordo com o *Centro Para Estudos do Cristianismo Global*, em 2016 um cristão foi morto a cada seis minutos, em um processo que não será detido até a vinda de Cristo e o estabelecimento de Seu reino de glória.

Formas corriqueiras de perseguição são pequenas em comparação aos leões nas arenas públicas e às fogueiras nas praças de Roma, bem como aos métodos e recursos utilizados pelos extremistas de nossos dias. Entretanto, gestos de desprezo, preconceito, barreiras ao exercício profissional e ao crescimento educacional devem ser enfrentados com tanta firmeza e lealdade a Cristo quanto as formas antigas de perseguição foram confrontadas pelos cristãos ao longo do tempo.

“A justiça verdadeira e a pessoa de Cristo são duas causas pelas quais

os cidadãos do Reino dos Céus estão sempre dispostos a sofrer. A perseguição não os assusta porque os perseguidores podem lhes tirar a vida presente, mas a vida eterna, jamais. A calúnia não os espanta, porque os caluniadores podem manchar seu nome; mas o caráter, jamais. Seres malvados podem falsear e desfigurar o prestígio de um cidadão do reino, mas a sua pessoa está sob o amparo de Deus; e, com esse amparo, lhes está assegurada alegria aqui na Terra e uma grande recompensa no Reino dos Céus” (Mario Veloso, *Mateus*, p. 80).

A marca dos vencedores

*Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus.
Atos 16:25*

Tudo ia bem para o maratonista brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima na maratona de Atenas, em 2004. Faltavam pouco mais de sete quilômetros para a chegada, e ele liderava a prova 150 metros à frente dos concorrentes. A medalha de ouro parecia reluzir diante de seus olhos, quando o inesperado aconteceu: foi agarrado por um estranho que o tirou da pista. Ajudado por outro espectador, retornou e ainda se manteve por alguns minutos na liderança. O susto, porém, tirou-lhe a concentração, e ele terminou a prova em terceiro lugar. Ao entrar no estádio Panathinaikos, expectadores o aplaudiram em pé. Além da medalha de bronze, que ele considera a preferida, o atleta foi também condecorado com a medalha Pierre de Coubertin, concedida pelo Comitê Olímpico Internacional a atletas tidos como exemplo de espírito esportivo.

Apesar do susto, não se pode dizer que Vanderlei tenha sucumbido ao contratempo. Em vez disso, fez a parte que lhe cabia e manteve atitude positiva diante daquela incômoda ocorrência. Não pode ser considerado derrotado. Afinal, é a atitude que define se nos revelaremos vitoriosos ou nos arrastaremos pelas situações adversas a que estamos sujeitos todos os dias. Ter atitude é fundamental para nosso bem-estar, apesar das dificuldades. Depois de frustradas todas as tentativas para resolver uma circunstância difícil, resta-nos a atitude, ou seja, nossa maneira de encarar o infortúnio.

Ter atitude não é depender de técnicas mediante as quais se pretenda despertar alguma energia interior ou “o deus” que, na suposição de alguns, existiria em cada um de nós. Para o cristão, atitude é confiar no Deus que está no Céu, guiando nossa vida e preparando pessoas e situações das quais podemos extrair lições úteis para a construção de um caráter sólido.

Lembra-se de Paulo e Silas na prisão? Encarcerados, simplesmente

decidiram louvar. Isso é atitude. Ao mantê-la em ação, viram as cadeias se romperem, colocando-os em liberdade. Em seguida, testemunharam a conversão do carcereiro e de sua família.

As Escrituras nos incentivam a desenvolver uma atitude confiante que nos capacitará a superar os maiores obstáculos e atravessar os vales mais profundos da vida. Entre outras, temos esta garantia: “Sede fortes e corajosos, não temais, nem vos atemorizeis [...], porque o SENHOR, vosso Deus, é quem vai convosco; não vos deixará, nem vos abandonará” (Dt 31:6). Louvado seja Seu nome!

Nova chance no vale

Havia um vale entre eles e Ai. Josué 8:11

Na Bíblia, há várias referências a vales nos quais o povo de Deus enfrentou e venceu grandes batalhas. O vale mencionado no verso de hoje deveria ser atravessado pelos israelitas em direção à vitoriosa revanche contra os habitantes de Ai. A investida anterior não havia sido bem-sucedida. Depois de conquistar a fortificada cidade de Jericó, a vitória sobre Ai, segundo alvo do exército israelita, não parecia difícil. A cidade foi examinada e considerada fraca e pequena. Apenas 3 mil soldados foram enviados, mas a resistência dos inimigos os tomou de surpresa. Os soldados israelitas fugiram, e 36 foram mortos.

Contudo, havia uma explicação para a derrota. Quando Josué procurou o Senhor, foi informado sobre a existência de pecado entre o povo, responsável não apenas pela vergonha da derrota, mas pela blasfêmia ao próprio nome de Deus. Enquanto o mal não fosse eliminado, as perdas continuariam. O povo foi reunido, e o pecado foi descoberto. Acã, desobedecendo à ordem divina durante a batalha de Jericó (Js 6:18, 19), em vez de destruir as coisas proibidas e entregar os utensílios preciosos ao Senhor, escondeu uma capa babilônica, um pouco mais de dois quilos de prata e cerca de 500 gramas de ouro. Resultado: “Então, Josué e todo o Israel com ele tomaram Acã [...] e a prata, e a capa, e a barra de ouro, e seus filhos, e suas filhas, e seus bois, e seus jumentos, e suas ovelhas, e sua tenda, e tudo quanto tinha e levaram-nos ao Vale de Acor” (Js 7:24).

Triste é a vida de quem esconde e acaricia um pecado! Eliminado o mal, Deus transformou o Vale de Acor, cujo significado é “problema”, “desgraça” em “porta de esperança” (Os 2:15). Na investida seguinte, a cidade de Ai, com seus 12 mil moradores, foi vencida pelos israelitas. O Senhor está sempre disposto a dar uma nova chance a Seus filhos e transformar em bênçãos as derrotas por eles experimentadas, desde que estejam sempre submissos à vontade divina.

Como símbolo de um lugar de confronto, há sempre um vale entre

um filho de Deus e uma vitória memorável. A jornada cristã não tem atalhos por meios dos quais possamos evitar essa experiência. Felizmente, vales não seguem em uma linha reta indefinida, muito menos em declive perene. Há sempre o outro lado, mais alto, um topo para onde Deus deseja nos conduzir. Lá, no alto, veremos o brilho do Sol e teremos motivos para gratidão e alegria, sempre que seguirmos a estratégia estabelecida por Deus.

O vale do milagre

*E o sol se deteve, e a lua parou até que o povo se vingou de seus inimigos.
Josué 10:13*

No Vale de Aijalon, aconteceu um dos maiores milagres relatados nas Escrituras, e que resultou na derrota dos amorreus. Tudo começou quando os israelitas, acampados em Gilgal, receberam uma delegação de gibeonitas que afirmava ser de um país distante. Eles queriam propor uma aliança com Israel, pois tinham ouvido sobre as maravilhas realizadas por Deus em favor de Seu povo. Depois de alguma hesitação, e embora tivessem sido aconselhados a não fazer aliança com idólatras, diante das “provas” de sinceridade apresentadas pelos visitantes, os líderes israelitas concordaram com eles. Três dias depois, porém, descobriram que haviam sido enganados. Os proponentes eram vizinhos cananeus, habitantes de Gibeão, Cefira, Beerote e Quiriate-Jearim. Contudo, decidiram manter a palavra; afinal, os gibeonitas aceitaram as condições de submissão a eles: renunciar à idolatria e cultuar o verdadeiro Deus.

Tendo feito a aliança, os gibeonitas se tornaram alvo da ira dos cananeus e, vendo-se ameaçados, pediram socorro a Josué. Recebendo de Deus a garantia de que seria vitorioso, o líder partiu com seu exército para a guerra contra os amorreus. Travando-se a batalha, era necessário que todos os inimigos fossem dizimados, e o dia parecia curto para isso. Nesse ponto, o milagre aconteceu: “Então, Josué falou ao SENHOR [...] na presença dos israelitas: Sol, detém-te em Gibeon, e tu, lua, no vale de Aijalon! E o sol se deteve, e a lua parou até que o povo se vingou de seus inimigos” (Js 10:12).

Algumas lendas parecem ecoar o relato bíblico, como a de Phaethon, filho de Apolo, que teria detido o sol por um dia, e a do povo Mori, cujo herói, Maui, também teria retardado o amanhecer de um dia. À parte das lendas, a realidade é que, sob o comando de Deus, o milagre aconteceu na experiência dos israelitas. Aliás, para os cananeus, adoradores do Sol e da Lua, vê-los obedecer à ordem de Deus, Senhor

da criação, deve ter sido algo aterrador.

Sempre que você se deparar com um vale de impossibilidades, quaisquer que sejam, lembre-se: “Aqueles que conseguem os maiores resultados são os que confiam plenamente no braço do Todo-Poderoso. [...] As pessoas de oração são pessoas de poder” (Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, p. 509). O poder de Deus continua à disposição de Seus filhos hoje. Estando em Seus planos, que milagre existe que Ele não possa realizar para que seja glorificado em sua vida?

O vale da restauração

Assim diz o SENHOR Deus a estes ossos: Eis que farei entrar um espírito em vós, e vivereis. Ezequiel 37:5

Com o propósito de chamar a atenção de Seu povo, na repetida trajetória de quedas pelas quais este enveredava, Deus permitiu mais uma derrota. Transcorria o ano 597 a.C. O rei Nabucodonosor, de Babilônia, invadiu Jerusalém com seus exércitos e levou o povo para o cativeiro. A experiência da destruição da capital do reino, bem como o fato de se encontrarem fora de sua pátria e seu lar, sem rei e sem templo, parecia marcar o término da nação para os exilados. O sentimento de frustração e angústia resultante da derrota foi traduzido nas seguintes palavras: “Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo exterminados” (Ez 37:11).

Entre os capturados, estavam alguns cidadãos da elite judaica da qual fazia parte o jovem Ezequiel. Seu nome, cujo significado é “Deus fortalece” ou “Deus vai fortalecer”, parecia conter um paradoxo talvez expressado na indagação de algum cético: Se Deus fortalece, por que retirou a força de Seu povo? Entretanto, também carregava a promessa de que o Senhor usaria o ministério profético daquele jovem, a fim de restaurar a força que estaria por um tempo subjugada.

Foi assim que, em uma estranha visão condutora de esperança para os cativos, o profeta foi levado pelo Espírito e deixado em um vale de ossos secos. “Filho do homem, acaso poderão reviver estes ossos?”, perguntou o Senhor. Ao que o profeta respondeu: “SENHOR Deus, Tu o sabes” (Ez 37:3). Embora fosse uma visão, Ezequiel tinha diante de si restos de esqueletos, e lhe foi ordenado profetizar a ressurreição deles. Isso era tão impossível como a ressurreição de mortos literais, mas o que é impossível aos homens é sempre possível para Deus. E os ossos reviveram.

Por meio do simbolismo da visão, Deus anunciou a Ezequiel que o povo, sentindo-se sem perspectiva de futuro melhor, seria restaurado à condição de antes. Não se tratava de uma ressurreição literal de

mortos, mas o Senhor o faria retornar à terra de Israel.

Quantas vezes você já foi levado a um vale de ossos secos aparentemente irrecuperáveis de alguma crise? De sonhos pulverizados, ideais fracassados, ausência de sentido para a vida ou falta de esperança? A você foi permitido entrar nesse vale, com algum propósito especial da parte de Deus. O Senhor que pode ressuscitar esperanças perdidas, restaurar o sentido para a vida, pode fazer reviver qualquer coisa que esteja morta dentro de você: Acredite!

O ocaso da ira

“Quando vocês ficarem irados, não pequem.” Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha. Efésios 4:26, NVI

Conhecido por suas habilidades diplomáticas e conciliatórias no mundo político, Tancredo Neves, presidente eleito em 1985, mas que faleceu antes da posse, costumava criticar correligionários e também os adversários resistentes a renunciar posições radicais ou interesses pessoais em favor do todo. Sempre havia quem se recusasse a sentar à mesa de negociações, especialmente quando algum desafeto, contra o qual nutria intenso desejo de desforra, fazia parte dela. Esses, dizia Tancredo, gostavam de “guardar ressentimentos na geladeira”.

Histórias da política à parte, infelizmente esse é um sentimento comum a muitas pessoas. Não conseguem se libertar da ira e da mágoa. Se você conhece alguém assim, já percebeu como é vingativo e, por isso mesmo, angustiado e amargurado. Entretanto, sabemos que a ira é humana. Observe o conselho bíblico: “Quando vocês ficarem irados.” Está implícita a possibilidade de que, em algum momento, ela nos atinja. De fato, quem, neste mundo de pecado, esteve ou está imune a esse sentimento?

A ira justificável no comportamento cristão nada mais é do que uma indignação justa contra o mal prevalecente, em todas as suas manifestações. O conselheiro matrimonial Gary Chapman destaca que das 455 vezes em que a palavra “ira” é mencionada no Antigo Testamento, 375 delas se referem à ira de Deus (*Ira!*, p. 21). Não podemos imaginá-Lo nutrindo ódio contra o pecador, mas indignado contra o pecado.

Quanto a nós, não devemos permitir que a ira, mesmo justificável, cresça a tal ponto que nos faça pecar, abrigando sentimentos destrutivos em nosso coração, ressentimentos pessoais, levando-nos a desejar vingança e a perder o domínio próprio. Devemos nos esforçar para que ela tenha seu ocaso no mesmo instante que o Sol. Podemos até estabelecer limites. Conheci um casal de idosos que, entre outras

razões, atribuía a longevidade do casamento a um fato curioso: Quando uma nota dissonante ameaçava a harmonia de seu dueto conjugal, nenhum dos dois tomava qualquer refeição antes que tudo fosse resolvido. Sendo que nenhum dos dois queria passar muito tempo em jejum, logo resolviam o impasse.

Agindo dessa maneira, corrigimos os desacertos, preservamos os relacionamentos e contribuímos para clarear o ambiente em que vivemos. Temos paz. Sem dúvida, o perdão é o caminho mais curto para o ocaso da ira.

A oração de Jesus

Pai, a Minha vontade é que onde Eu estou, estejam também Comigo os que Me deste, para vejam a Minha glória. João 17:24

Um dos mais preciosos capítulos da Bíblia é João 17. Ele relata a oração de Jesus por Seus discípulos e por aqueles que viriam a crer Nele. Cristo vivia a expectativa da dramática conclusão de Seu ministério terrestre. Logo viveria a solidão do Getsêmani, o beijo traidor de Judas, sentiria a separação do Pai, enfrentaria o julgamento de Pilatos, a negação de Pedro, os açoites, a coroa de espinhos, o calvário, a cruz e a sepultura. No entanto, Ele olhou além de tudo isso e orou por você e por mim. Depois de falar da glória e do fim da missão, o Mestre pediu pelos discípulos e por todos os crentes.

No primeiro pedido, Ele rogou ao Pai que, em Seu nome, guardasse do mal os discípulos e os santificasse na verdade, em meio às pressões do mundo (v. 9-19). Embora estejamos no mundo, não pertencemos a ele. O mundo é o ambiente em que vivemos, mas não é nossa morada definitiva. É o objeto da nossa atividade missionária, mas não devemos adotar seu estilo de vida nem agir segundo seus princípios.

O outro pedido de Jesus está relacionado com os que creriam, por meio da palavra dos discípulos (v. 20-26). Ele orou por unidade entre os crentes. Unidade doutrinária, missionária, organizacional, de fé, de esperança e comunhão. Tudo com um propósito: “Para que o mundo creia que Tu Me enviaste” (v. 23). A maior evidência de que Cristo é o enviado de Deus é vista na transformação realizada em nosso coração, eliminando barreiras e preconceitos, aparando arestas e diferenças, motivando-nos ao amor e aceitação mútuos, como irmãos em Seu sangue.

No verso 24, Jesus chega ao ponto alto da oração. Ele sabia que além do sofrimento, da rejeição e morte na cruz, haveria a manhã da ressurreição. Sim, haveria a vitória, a gloriosa ascensão. Após beber do cálice amargo do Getsêmani e do Calvário, o Senhor vitorioso sobre o pecado e a morte entraria no glorioso esplendor do Céu.

É lá que Cristo espera nos receber. Enquanto isso não acontece, devemos continuar diligentes no cumprimento da tarefa que Jesus nos confiou, proclamando, pela palavra e pelo estilo de vida, a maravilha da salvação com que fomos alcançados, animados pelas palavras de Ellen White: “Seja paciente, soldado cristão. Ainda um pouco, e Aquele que há de vir virá. A noite de fatigante espera, de vigia e tristeza, está quase passada. Em breve será dada a recompensa; o dia eterno há de raiar” (*Serviço Cristão*, p. 275).

Vitória anunciada

O que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. 1 João 5:4

Estamos no centro de uma dura batalha contra “as forças espirituais do mal” (Ef 6:12). O inimigo é forte, incansável e ardiloso. Ataca-nos de todas as formas; algumas, quase imperceptíveis. Nessa guerra, reveses acidentais nos afligem. Então, o conflito entre nosso desejo de superação, a necessidade que temos de vencer e a consciência de nossas limitações diante dos ideais divinos acabam despertando em nós um sentimento de frustração quase insuperável. Mas não precisa ser assim. Mesmo sendo uma luta sem tréguas, Paulo a descreveu como sendo “o bom combate da fé” (1Tm 6:12).

Fé, esse é o segredo da vitória, de acordo com João. A experiência do novo nascimento não significa imunidade contra os perigos espirituais, muito menos faz com que vivamos isolados do mundo. É nesta arena que é travado “o bom combate”. A boa notícia é que “todo o que é nascido de Deus vence o mundo”. Portanto, ao entrar em combate, ninguém que tenha experimentado o novo nascimento necessita pensar em derrota. Com a atenção e o olhar em prêmios transitórios, atletas lutam com determinação, esperança e confiança (1Co 9:24-27). Muito mais devemos fazer tendo em vista uma recompensa de qualidade imperecível.

Para Russell Norman Champlin, a vitória do cristão renascido envolve aspectos como “a alegria sobre a infelicidade, a comunhão sobre a solidão, a honestidade sobre o orgulho moral e a autoilusão; a retidão e a santidade sobre o pecado, a pureza sobre as concupiscências mundanas, a verdade sobre o erro, a confiança sobre o temor, a dúvida e o desencorajamento, a confiança sobre o ódio, a vida eterna sobre o tempo e a morte” (*Novo Testamento Interpretado: Versículo por Versículo*, v. 6, p. 289).

Embora haja decisões que devemos tomar, coisas que devemos abandonar e propósitos a ser estabelecidos, o fundamento para a

vitória está além das nossas melhores intenções e nossos débeis esforços. Vencemos por meio de uma fé que implica entrega a Deus de tudo o que somos e temos. Fé que permite ao Espírito Santo controlar nosso ser. Fé ativa, que motiva nossa vontade e que inspira nossas prioridades. Sendo libertos do jugo do pecado, o poder regenerador de Deus toma posse de cada detalhe de nossa vida e nos habilita a fazer o que o Senhor espera de nós.

Na cruz, Cristo venceu por nós. Quando a Ele nos unimos, pela fé passamos a ter parte nessa vitória, visualizando a recompensa à nossa espera.

Moldados pelo Oleiro

Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. 2 Coríntios 4:7

Geralmente, as mais belas peças artísticas que arrebatam sentidos e dão asas à imaginação são moldadas a partir de algo que parecia desprovido de maior importância. Rabiscos são transformados em belíssimos quadros, notas inicialmente solitárias compõem as mais impressionantes peças musicais. Da matéria bruta, fundida em fogo ardente, o artesão cria delicadas figuras de cristal. Do barro, o oleiro fabrica objetos de cerâmica, vasos riquíssimos em todos os sentidos.

Tendo em mente o símbolo do vaso de barro, Paulo se refere ao privilégio concedido ao cristão de conduzir na vida o “conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4:6). Trata-se de mais uma bênção resultante da graça. Quem somos nós para merecer esse prêmio? Simples “vasos de barro”. Tanto quanto podemos imaginar, o barro é, em si mesmo, desprovido de valor; é matéria-prima frágil que depende da intervenção do oleiro. Assim, é ele quem determina a forma e utilidade do vaso, e o resultado contém a assinatura do artista.

Essa é nossa condição. No texto de Paulo, os vasos de barro contêm justamente esta ideia: utensílios frágeis, sujeitos a se despedaçar com facilidade, de pouca duração e de pouco valor. Mas Deus está sempre disposto a usar pessoas assim como condutoras das maravilhas de Sua graça, de Seu amor e de Seu reino. Fez isso em Corinto, continua fazendo em todos os lugares e faz comigo e com você.

Existem pessoas que, com o olhar voltado para elas mesmas, não conseguem ver nada além do que consideram irrecuperável. Corações despedaçados carregam profundas feridas resultantes de tantos tropeços e quedas. Perderam a esperança, os sonhos se evaporaram e o sentimento de fracasso é constante. Aparentemente, a voz da consciência lhes diz que algo quebrado não pode ser consertado e, por isso mesmo, deve ser jogado fora.

Contudo, o Oleiro pode tomar nas mãos o barro disforme, juntar os

cacos, e formar a partir dele um vaso precioso e útil. Jeremias escreveu aos israelitas: “Como o vaso que o oleiro fazia de barro se lhe estragou na mão, tornou a fazer dele outro vaso, segundo bem lhe pareceu” (Jr 18:4).

O Senhor pode criar vasos novos e recriar vasos estragados. Barro e cacos apenas precisam estar em Suas mãos. Toda pessoa que sofra com os resultados do pecado tem no Deus dos quebrantados o Oleiro que, por Sua infinita graça, a transformará dia após dia.

“Insista, persista”

*Bem sei que tudo podes, e nenhum dos Teus planos pode ser frustrado. Jó
42:2*

Seguramente você completou a frase que é título desta reflexão com as palavras: “e não desista”. De fato, trata-se de um ótimo lema com que tentamos impulsionar alguém, ou somos impulsionados, a perseverar em busca da realização de projetos pessoais. Sempre estamos sonhando e planejando ser, ter ou conquistar alguma coisa. Isso parece mover a vida. Mesmo já não havendo o mesmo vigor físico e intelectual dos “anos dourados” da existência, quando se costuma estabelecer metas ousadas, ainda assim o mínimo que se pode planejar é tornar cada dia da “fase de prata” o melhor possível. Nisso é sábio insistir, perseverar e não desistir.

No entanto, uma pergunta se impõe: Insistir, persistir e não desistir é tudo o que precisamos para realizar nossos planos? Quero sugerir que nossos ideais e o esforço empreendido para alcançá-los estejam sempre na dependência de um pressuposto: a vontade de Deus. De acordo com o sábio, “o coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR” (Pv 16:1). O caminho da submissão a Deus é a rota infalível que nos levará a experimentar o melhor da vida. “‘Porque sou Eu que conheço os planos que tenho para vocês’, diz o SENHOR, ‘planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, plano de dar-lhes esperança e um futuro’” (Jr 29:11, NVI).

É certo que nem sempre nossos planos coincidirão com os de Deus, mas os Dele serão sempre os melhores. Ainda que eles não sejam concretizados, isso faz parte do plano superior que Ele tem para nossa felicidade eterna.

Nenhum de nós andou, e jamais andarás, no caminho trilhado por Jó. Nos momentos de perda maior, o patriarca tinha nos lábios uma expressão de louvor: “Bendito seja o nome do SENHOR!” (Jó 1:21), e de lealdade inabalável: “Embora Ele me mate, ainda assim esperarei Nele” (13:15, NVI). Restaurada sua condição, Jó reconheceu a excelência do

plano divino: “Nenhum dos Teus planos pode ser frustrado” (Jó 42:2). Note que ele não disse “nenhum dos meus planos”, mas se referiu aos planos de Deus. É isso que devemos ter sempre em mente e, quem sabe, fazer nossas as palavras do belo cântico composto por Gilberto Apolinário e Ruth Theodora e interpretado por Iveline: “E dos meus sonhos, por fim eu desisti, quando Teus planos compreendi. Hoje, meu sonho, Senhor, meu maior sonho é que sonhes por mim.”

Deixe seus planos nas mãos de Deus. Melhor ainda: Que Ele sonhe e realize por você!

Todos por todos

Se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um membro é honrado, com ele todos se regozijam. 1 Coríntios 12:26

Poucas coisas na vida de uma igreja são tão tristes quanto alguém insinuar a disposição de deixar a congregação. Algumas vezes, o motivo apresentado é doutrinário. Em outras, é a falta de apoio e solidariedade quando a pessoa enfrentou momentos extremamente difíceis. Essa indiferença é sempre desoladora, e justificativas defensivas por parte da comunidade não ajudam. Afinal, somos todos irmãos em Cristo e devemos nos importar uns com os outros.

Charles Swindoll cita um pensamento profundo de John Donne, poeta e pregador inglês do século 17: “Nenhum homem é uma ilha, inteira em si mesmo; todo homem é uma parte do continente, um pedaço do território todo. [...] A morte de um homem me diminui um pouco, pois estou envolvido com toda a humanidade” (*Firme Seus Valores*, p. 26).

A declaração divina, antes da criação de Eva – “não é bom que o homem esteja só” (Gn 2:18) –, a oração de Cristo por Seus discípulos – “a fim de que todos sejam um” (Jo 17:21) – além dos símbolos utilizados no Novo Testamento para a igreja são apenas algumas das referências que indicam a pertinência do envolvimento pessoal, da comunhão entre os cristãos. Não parece haver dúvidas de que esse foi um dos grandes efeitos da conversão e do batismo pelo Espírito Santo por eles experimentados (At 2:42-47).

Paulo se referiu à necessidade de comunhão (Rm 12:9-21) e de seu fundamento no amor sincero. Ao falar sobre os dons espirituais, também comparou a igreja a um corpo (1Co 12:12-31) cujos membros, diferentes e com funções distintas, são tão interdependentes a ponto de um ser afetado pelo sofrimento do outro ou pela honra a esse outorgada: “Se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um membro é honrado, com ele todos se regozijam” (v. 26).

É plano de Deus que nos envolvamos mutuamente, alegrando-nos

com os que se alegram, chorando com os que choram, e não que vivamos como ilhas. O conselho do apóstolo é: “Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição. Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; [...] instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em sabedoria” (Cl 3:14-16).

Conforta saber que, em um mundo indiferente, alguém nos ama e se importa conosco. Sejam hoje esse alguém. Em algum lugar, outro alguém precisa sentir que fizemos diferença em sua vida.

Maio

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sáb

1 2

3 4 5 6 7 8 9

10 11 12 13 14 15 16

17 18 19 20 21 22 23

24 25 26 27 28 29 30

31

O valor do trabalho

Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e guardar. Gênesis 2:15

Hoje haverá festa, e deveria ser apenas isso. Contudo, o dia do trabalho tem se transformado em uma ocasião de protestos e confrontos. Por um lado, empregados exigem garantia de direitos supostamente ameaçados, melhores salários e compensações pelo esforço; por outro, desempregados protestam em busca de uma solução para um problema que os afeta muito.

Que bom seria se apenas pudéssemos celebrar, sem tensões, a preciosa dádiva do trabalho outorgada por Deus ao ser humano no início da criação. A perfeição com a qual o planeta saiu das mãos de Deus, bem como a felicidade eterna planejada para o ser humano não excluía a necessidade de trabalhar. O fato de que, após a entrada do pecado, o Senhor tivesse dito a Adão que ele comeria o pão “mediante o suor do rosto” (Gn 3:19) não significou maldição atribuída ao trabalho, assim como não o foi para a gravidez (Gn 3:16-19). Contudo, indica que a sobrevivência humana seria mais difícil sem o vigor que possuía antes da queda.

A entrada do pecado afetou o nível de dificuldade do trabalho, não seu valor. “Apesar de hoje ser realizado com ansiedade, cansaço e dor, [o trabalho] é ainda uma fonte de felicidade e desenvolvimento. É também uma salvaguarda contra a tentação. Sua disciplina coloca uma barreira à autossatisfação e promove habilidade, pureza e firmeza. Assim, torna-se parte do grande plano de Deus para que sejamos recuperados da queda” (Ellen White, *Educação*, p. 214).

Por causa da ambição e do egoísmo, trabalhadores são explorados e prejudicados. Em seu tempo, o apóstolo Tiago chamou a atenção de empregadores que amontoavam riquezas à custa de salário injusto, pago com atraso ou retido dos trabalhadores. Os exploradores não ficariam sem resposta (Tg 5:1-6). Em nossos dias, o quadro se repete. Insatisfeitas, há pessoas que apenas toleram o trabalho e outras que

reagem aos padrões, incentivadas por ideologias partidárias inúteis, enquanto o coração humano não se render à transformação que Cristo quer efetuar.

À parte das ações dos maus, trabalhe com o máximo de excelência; pois, como disse Ruy Barbosa, “oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem. A oração é o íntimo sublimar-se d’alma pelo contato com Deus. [...] Quem quer, pois, que trabalhe está em oração ao Senhor” (*Oração aos Moços*, p. 47). Desfrute seu trabalho e os resultados dele. Isso é presente de Deus (Ec 3:13).

“Para quem iremos?”

Respondeu-Lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna. João 6:68

Não sei se você já sentiu lhe faltar o chão diante de alguma perda. Talvez tenha convivido com pessoas que se encontraram no centro desse drama. Já vi e tentei ajudar muitas. Algumas vezes, a causa era a morte inesperada de um ente querido. Outras vezes, a questão envolvia relacionamentos rompidos ou problemas de saúde. Onde encontrar ajuda e forças para reagir e recomeçar? Acaso, estaria esse sentimento de impotência implícito na pergunta de Pedro?

O contexto é o milagre da multiplicação de pães e peixes para a multidão faminta. Impressionadas, as pessoas quiseram aclamar Jesus como rei, porém Ele saiu de cena, atravessou o lago e foi para Cafarnaum. O povo O encontrou novamente. Então, Ele aproveitou para fazer um duro discurso, na tentativa de levá-los a desejar o Pão da Vida, que é Ele mesmo. Isso realçava Sua origem divina. Para muitos daqueles ouvintes, as palavras de Cristo foram difíceis de aceitar; por isso, O abandonaram.

“Quereis também [...] retirar-vos?”, perguntou Jesus aos discípulos que permaneceram. Nesse ponto, Pedro respondeu com uma pergunta: “Para quem iremos?” E acrescentou: “Tu tens as palavras da vida eterna. Nós temos crido e conhecido que Tu és o Santo de Deus.”

Com sinceridade e fervorosa fé, o discípulo expressou em sua pergunta o profundo desejo de seu coração. Como viver sem Jesus? A mera sugestão, mesmo em pensamento, de que isso pudesse acontecer, era algo assustador. Não apenas para ele, mas também para os demais discípulos, daqueles dias e dos nossos – incluindo você e eu. Cristo é o tudo da existência. É Salvador, Senhor, mantenedor da vida, fonte de alegria e realização. Sem Ele, nada mais podemos esperar.

Carentes de salvação, para onde vão as pessoas em busca de paz: Às formas de religião? À degradação dos vícios? À transitoriedade da fama e dos bens materiais? Para quem iremos com nossos fardos de

problemas? Para aliviá-los, precisamos de Jesus.

Para onde iremos com nossos medos quando o mundo parece querer nos tragar? Quando Satanás ruge? Quando amigos fogem? Quando a doença destrói o vigor? Para onde iremos quando perdemos um ente querido? Quando o divórcio apaga o colorido, os sons, o brilho e as doces lembranças do casamento? Para quem iremos quando estivermos diante da morte? A solução é Jesus. Só Ele tem palavras de vida eterna. Em Suas promessas, encontramos refúgio invencível.

O despertar da graça

Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-Me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. João 21:15

Impulsivo, simplório, irrefletido, inconstante. Assim era Pedro em sua sinceridade. Parecia difícil vê-lo como alguém equilibrado. Ora estava em um lado, ora estava no outro. Em seus altos e baixos, nós o encontramos falando quando teria sido melhor permanecer calado, e também fazendo afirmações inspiradas, à semelhança da que vimos ontem, ou quando Jesus quis saber o que todos pensavam a Seu respeito: “Tu és o Cristo!” (Mc 8:29). Ao ouvir o Mestre falar da própria morte e do abandono de que seria vítima, Pedro falou: “Ainda que todos Te abandonem, eu nunca Te abandonarei!” (Mt 26:33, NVI). Esse era seu problema. Queria se mostrar forte, quando deveria expressar dependência. Então aconteceu o que Jesus previu (Mt 26:34). Pedro O negou. Tendo caído em si, arrependeu-se e ganhou uma nova chance (Jo 21:1).

Era noite, e a lua brilhava intensamente. No entanto, o ambiente estava pesado. O passado havia sido decepcionante, o presente parecia incerto, e o futuro, ameaçador. Pedro estava deprimido, moralmente caído. Se é verdade que a pescaria ajuda a relaxar, talvez tenha sido essa a intenção dele quando disse: “Vou pescar”, no que foi acompanhado pelos outros (Jo 21:3). A tentativa fracassou. Aqueles pescadores profissionais tentaram pescar a noite inteira sem apanhar nenhum peixe.

Contudo, a noite de fracasso chegou ao fim, e os raios do Sol trouxeram a Pedro mais do que um novo dia. Na casa de Caifás, ele havia negado conhecer Jesus, mas na praia, naquele alvorecer, o Mestre o esperava e orientou o método correto para o êxito na pescaria. João O reconheceu, Pedro se apressou a encontrá-Lo. Como precisava daquele momento! Sentiu que Jesus ainda o amava e se interessava por ele. E, quando os demais chegaram, o jejum já

estava pronto – preparado por Cristo – e foi desfrutado em um clima de comunhão e normalidade.

Foi naquele ambiente restaurador que Jesus fitou profundamente os olhos e o coração de Pedro e perguntou três vezes: “Você Me ama?” E tantas vezes quantas O havia negado, o discípulo respondeu: “O Senhor sabe que eu O amo, Senhor!” (NTLH). E recebeu a missão. Pedro ainda estava nos planos do Mestre, apesar de suas fraquezas.

Aquele encontro é animador para nós, porque nos identificamos com Pedro. Se em Jesus vemos nossas possibilidades, em Pedro vemos nossas fraquezas. Existe algo que a graça não possa superar?

Corra sem olhar para trás

Assim que os tiraram da cidade, um deles disse a Ló: “Fuja por amor à vida! Não olhe para trás e não pare em lugar nenhum da planície! Fuja para as montanhas, ou você será morto.” Gênesis 19:17, NVI

Um terremoto seguido de *tsunami* matou aproximadamente 20 mil pessoas no Japão em 11 de março de 2011. Houve sobreviventes, entre os quais o casal Yoki e Tatsuko. Yoki pressentiu a chegada do *tsunami* e não perdeu tempo. Correu, levando os pais para um abrigo, e tentou salvar vizinhos. Mas, ameaçado pelos escombros de um prédio, ouviu a esposa gritar: “Corra!” Com ela, chegou a salvo a um lugar mais elevado. Dali, viu o bairro ser devastado, e a maior parte de seus bens ser levada pelas águas. Religioso, ele encarou a perda com fé: “Por experiência própria, posso dizer que as coisas materiais não trazem segurança, em comparação com as bênçãos e o favor de Deus.”

No dia em que uma barragem se rompeu no município de Mariana, MG, Paula Geralda Alves estava em uma reunião com colegas de trabalho quando escutou um barulho muito forte, seguido dos gritos que vinham do rádio da empresa, anunciando o desastre. Imediatamente, ela montou em sua moto e, entre buzinas, pôs-se a gritar para os moradores: “Corram! A barragem rompeu!” Na escola da qual era diretora, Eliane dos Santos viu seu esposo chegar desesperado com a trágica notícia. Sem pensar duas vezes, gritou para os alunos: “É para sair agora, senão vamos morrer!” Apressadamente, acomodou as crianças em um ônibus e as viu seguir salvas, à semelhança dela.

Ninguém arriscaria perder a vida nessas emergências. Contudo, já separado de Abraão, Ló chegou a hesitar, ao receber o aviso de que a ímpia Sodoma seria destruída por um dilúvio de fogo. Estava encantado com os possíveis benefícios mundanos. O apego a esses bens quase o levou à morte com os impenitentes da cidade cuja impiedade ele conhecia de tal modo que se sentia atormentado (2Pe 2:8). Mesmo assim, temendo a morte no lugar para onde Deus misericordiosamente o mandava, acabou se estabelecendo na pequena

Zoar, tão insegura quanto Sodoma. Finalmente, tempos depois, fez por medo o que não quis fazer por ordem do mensageiro divino: foi morar nas montanhas.

“Fuja! Não olhe para trás! Não pare em nenhum lugar!”, esse é o grito de advertência divina para muitas pessoas, cujo apego aos bens terrestres pode lhes custar a eternidade. Fuja disso! As glórias do porvir são infinitamente mais valiosas do que as riquezas do mundo. Fuja do passado pecaminoso! Não olhe para os fracassos que ficaram para trás! Há refúgio no monte da graça! Há chance de recomeçar!

“Este é o dia”

*Este é o dia em que o SENHOR agiu; alegremo-nos e exultemos neste dia.
Salmo 118:24, NVI*

“Bom dia!” Talvez você tenha dito isso a alguém hoje, e já tenha ouvido isso também. Também desejo que você tenha um bom dia! Mais um que o Senhor nos dá, para que sonhemos, realizemos e amemos.

O Salmo 118 é um cântico de louvor pela vitória de Israel em batalha. Há um convite à adoração (v. 1-4), a fala do rei sobre a vitória (v. 5-21) e a resposta do povo (v. 22-27). Outras versões trazem a frase “dia que o SENHOR fez” (ARA, ARC) em vez de “o dia em que o SENHOR agiu” (NVI). Podemos refletir sobre uma coisa e outra. Ele agiu dando-nos o privilégio de ver um novo alvorecer, ter novas oportunidades, renovar e concretizar esperanças. Portanto, “alegremo-nos e exultemos”! Entretanto, necessitamos de algo mais além da alegria, a fim de tornar este um dia excelente. Devemos estar dispostos a viver submissos a Deus, a Ele obedecer e buscar Sua vontade. Haverá decisões que precisaremos tomar e planos a realizar. O que Deus pensa a respeito disso tudo? É na comunhão com Ele que teremos nossa visão e compreensão ampliadas, de modo que sejamos capazes de discernir Seu querer a cada passo.

Este é o dia que Deus nos dá a fim de que renovemos nossa entrega a Ele. Pode ser que não tenhamos amanhã para fazer isso. Este é o dia em que Ele nos convida a Lhe entregar o controle de tudo o que nos causa dúvidas, receios e perplexidade. Este é o dia de redirecionar a vida para Ele, a fim de que renovemos o vigor físico, emocional e espiritual, tirando-a da indiferença. Este é o dia de colocar em prática as lições aprendidas com os erros cometidos ontem, naquilo que sabemos ser Sua vontade em quaisquer áreas da vida. É assim que experimentaremos a vida plena e abundante que o Mestre veio trazer (Jo 10:10).

Caso você conheça a antiga música de Blanche Seaver, “Just for

today”, faz bem lembrar. Se não, você pode orar com as palavras dele: “Pai, pelas lutas do amanhã, não vou orar. Mas guarda, ó Deus, meus pés do mal, por hoje só. Oh! Dá-me mais fervor no orar e trabalhar. Que eu seja amável e cortês por hoje só. Que eu seja pronto em servir e obedecer. Que me proteja o Teu amor por hoje só. Pai, que eu não peque no falar, sem perceber. Põe uma guarda aos lábios meus por hoje só. Que, ao tempo certo, eu possa ser alegre, ou não; sempre na graça confiar. E se hoje, enfim, o meu viver chegar ao fim, dá-me, Senhor, certeza do perdão.”

Não se desespere

Regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes. Romanos 12:12

Recomendada por Paulo, presente na lista de virtudes que formam o fruto do Espírito (Gl 5:22, 23), característica distintiva dos fiéis nos últimos dias (Ap 14:12), a paciência é tudo de bom, menos uma virtude fácil de ser cultivada. No entanto, grandes heróis da fé tiveram-na como qualidade realçada ao longo da vida. Assim foi com Moisés, Jó, as personalidades cuja experiência é descrita em Hebreus 11, entre outros.

A limitação da natureza humana explica nossa dificuldade com essa disciplina da fé. Especialmente nestes dias de tanta velocidade, em que o acesso ao que desejamos obter, ver ou sentir é instantâneo. Queremos respostas em tempo real para nossas indagações. Saídas rápidas para os dilemas e o sofrimento que nos inquietam. Mas precisamos ser pacientes.

É significativo que Paulo coloque a paciência junto à esperança e à oração perseverante. Primeiramente, porque temores, amarguras, tristezas e dúvidas não resistem à esperança. Ela é maior do que tudo isso. Diante dos becos aparentemente sem saída que encontramos em nossa caminhada, não há nada melhor do que manter a esperança de que Deus está conosco, desenvolvendo em nós um caráter cada vez mais confiante em Sua amorável providência. A esperança mantida durante as provas de agora nos leva a maior apego à bendita esperança da vinda de Jesus, quando todos os males deixarão de existir.

Não resistindo à esperança, “a dor, desmancha-prazeres da vida, jamais convidada, sempre intrusa, com seu abraço de espinhos secos e sua dureza de rochas mortas, somente cede à paciência. Simples como uma pétala, persistente como a água, quieta e silenciosa como um sono sem inquietude, forte como a resistência metálica, a paciência nunca perde. Controla a dor, acalma a angústia. Vence” (Mario Veloso, *Romanos*, p. 214).

Esperança e paciência resultam da oração perseverante, essa comunhão ininterrupta que mantemos com Deus, que tudo pode. Comunhão que nos faz desejá-Lo sempre mais e acima de tudo, submete-nos à supremacia da vontade Dele e nos leva à prazerosa aceitação de Seus planos.

Caso este dia lhe reserve obstáculos incomuns, não se desespere. Seja protagonista da realidade expressada pelo profeta: “Tu, SENHOR, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em Ti. Confiai no SENHOR perpetuamente, porque o SENHOR Deus é uma rocha eterna” (Is 26:3, 4).

Cuidado com imitações

Acaso não há bálsamo em Gileade? Ou não há lá médico? Jeremias 8:22

Na Bíblia, o nome Gileade identifica um dos filhos de Maquir e neto de Manassés (Nm 26:29, 30; Js 17:1), o pai de Jefté (Jz 11:1) e também um dos descendentes de Gade (1Cr 5:14). Fazendo jus ao significado hebraico do nome (*Gil'ad*, “região montanhosa”), Gileade é um território pedregoso e montanhoso ao oriente do Jordão, rico em florestas, pastagens e goma aromática. Atualmente, compreende a parte Noroeste do reino da Jordânia.

Caravanas, comerciantes ricos, emissários reais e pessoas comuns iam a Gileade em busca do famoso bálsamo ali produzido. Dotado de propriedades medicinais, era um produto caro, adquirido por muitos com certo sacrifício. Mulheres, principalmente egípcias, o adquiriam para perfumar a casa e o corpo.

A região era rica, mas Judá estava espiritualmente pobre. A nação caíra em apostasia. O povo estava disperso e não se preocupava em adorar o verdadeiro Deus. Líderes e sacerdotes estavam contaminados pela prática da idolatria e desprezavam a lei divina, tornando inútil o trabalho dos escribas em copiá-la e reproduzi-la. Hipócritas e orgulhosos, proclamavam: “Paz! Paz!”, quando ela estava longe de existir naquele ambiente. Faziam grandes esforços para adquirir bálsamo a fim de honrar os deuses pagãos aos quais se voltaram, enquanto ignoravam o Deus verdadeiro.

Espiritualmente enfermos, encontravam cura para as doenças físicas, mas não buscavam cura espiritual porque, nesse sentido, não se reconheciam doentes. No entanto, a cura estava disponível na fonte correta, legítima, assim como está hoje em Jesus, o bálsamo para as feridas da alma.

Não aceite imitações! Medicamentos falsificados não raro levam à fatalidade. Para seus consumidores, perfumes ilegítimos significam prejuízo. Remédios falsos oferecidos pelo mundo geralmente causam efeitos colaterais que agravam as doenças espirituais. De igual modo,

produtos espúrios recomendados para maquiagem exterior podem fazer nada menos que ampliar a mancha do pecado. Em todos os casos, mergulhamos em um vazio sem fim, caso não seja buscada em tempo a solução provida pelo bálsamo legítimo – o da graça perdoadora e restauradora de Cristo Jesus.

Tudo o que Israel devia fazer era se arrepender e voltar para Deus. Nenhum tipo de rebelião era tão grave que o afastasse para longe do alcance da cura espiritual. Esse ainda é o mesmo caminho oferecido a mim e a você.

Aborrecido por causa da graça

A salvação vem do SENHOR! Jonas 2:9

Muitos de nós nos lembramos das ocasiões em que ouvimos, quando crianças, a história do profeta que foi engolido por um grande peixe. Essa é a história real de Jonas. Não se trata de mito, lenda, fábula ou parábola. O livro que leva seu nome é datado aproximadamente de 785 a.C., período do reinado de Jeroboão II, em Israel.

Filho de Amitai, Jonas viveu em Gate-Hefer, pequena vila ao norte de Israel, na Galileia, perto de Nazaré, onde Jesus cresceu. No entanto, o profeta é apenas o personagem de um relato cujo maior herói é o próprio Deus. Isso evidencia o fato de que a graça pontua toda a história.

Sendo a graça um favor divino, é curioso que o livro inicie com o chamado a Jonas, convidando-o a pregar contra Nínive (Jn 1:2), capital da Assíria, o mais poderoso império do mundo naqueles dias. Era uma mensagem de destruição. Os judeus odiavam os ninivitas, notórios pela crueldade. Ao capturarem os inimigos, os assírios costumavam decapitá-los, mutilá-los e lançá-los aos cães ferozes, entre outras atrocidades.

Você se lembra do esforço feito por Jonas para fugir do dever e de como a graça divina insistiu com ele? Finalmente o profeta cedeu, anunciou o juízo divino, e os ninivitas se arrependeram. Jonas deveria ter se alegrado, mas “ficou profundamente descontente” (Jn 4:1, NVI). Deveria a graça se deixar limitar pelo preconceito contra quem quer que seja? Aqui, ela parece tomar feições de escândalo para muitas pessoas, ao abrir-se ilimitadamente a todo e qualquer pecador.

É isso. A um mundo esmagado sob peso da própria culpa, Deus abriu indistintamente os braços da graça. Essa é uma boa-nova cheia de esperança para todas as pessoas, em todo lugar, não importando o quanto sua vida de pecado tenha sido extensa, vergonhosa e hedionda.

Não sei que limites a graça teve que transpor a fim de alcançar você. Fui alcançado no ventre materno; mas, ao longo da minha vida, entre

escorregões e tropeços próprios da natureza humana, a graça me sustém. Agradecido por isso, posso cantar com você, agora e pela eternidade, sobre a graça excelsa de Jesus.

Deus e nossas diferenças

Barnabé queria levar também a João, chamado Marcos. Mas Paulo não achava justo [...]. Houve entre eles tal desavença, que vieram a separar-se.
Atos 15:37-39

Cada pessoa é única, tem seu modo de pensar e expressar seus pensamentos. Mesmo nos empreendimentos espirituais e nos relacionamentos entre cristãos não existe a obrigação de se concordar com tudo e não se dizer nada. Isso às vezes tem algum preço, mas a maturidade e o afeto cristãos devem prevalecer, mesmo que haja dissociação de pessoas as quais Deus pode usar com o mesmo propósito de espalhar o bem em direções diferentes.

Paulo e Barnabé exemplificam esse tipo de discordância. Foi Barnabé quem apresentou Paulo aos apóstolos que estavam descrentes da conversão dele (At 9:27). Tornaram-se amigos e companheiros no campo missionário, embora nem sempre concordassem plenamente em todas as coisas.

Em uma viagem missionária, Barnabé quis levar seu parente João Marcos, com o que Paulo discordou. O jovem Marcos havia mostrado pouca firmeza diante dos desafios em uma experiência anterior. Barnabé queria lhe dar uma segunda chance. Paulo não cedeu. “Ele não estava inclinado a desculpar a fraqueza de Marcos ao desertar da obra em troca da segurança e do conforto do lar. Insistia em dizer que alguém de tão pouca fibra não estava habilitado para uma obra que exigia paciência, altruísmo, bravura, devoção, fé e disposição para sacrificar, se necessário, a própria vida” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, p. 202). Assim, a contenda se fortaleceu e houve a separação. Contudo, diferenças de pontos de vista não significam inimizade entre servos de Deus.

Aqui está uma lição da qual precisamos nos lembrar: deixar bem claro o limite entre o ponto de vista e a pessoa ao nos depararmos com opiniões diferentes das nossas ou opinar diferentemente de nossos irmãos e amigos. Exemplo disso foi a atitude de Paulo em relação a

Barnabé, a quem menciona em diversas epístolas (Gl 2:1, 9, 13; Cl 4:10). Em 1 Coríntios 9:6, Paulo falou dele como sendo um exemplo digno de alguém que trabalhava para o sustento próprio enquanto pregava o evangelho.

A coroação do bom senso de Barnabé bem como a coroação da humildade de Paulo aconteceu no fim da vida desse apóstolo. Em sua prisão, ele pediu a Timóteo: “Procura vir ter comigo depressa. [...] Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil” (2Tm 4:9-11).

Como você pode perceber, nossas diferenças são como as notas musicais: juntas, nas mãos de Deus, elas podem formar a mais harmoniosa e bela sinfonia.

O outro nome do amor

Honra teu pai e tua mãe. Êxodo 20:12

Amado Nervo, poeta mexicano, disse que a perpetuação da vida foi confiada “pelo Ser dos seres à mulher” (*Plenitud*, p. 13). Em essência, ela carrega em si uma vocação básica pela maternidade. Esse é seu privilégio maior, sua profissão primeira, sua missão sagrada. Seu instinto fundamental é sentir em profundidade, aceitar e superar desafios. Mais do que ninguém, ela sabe acolher e doar-se. É a rainha que pela força do desprendimento e pela graça da ternura se torna poderosa.

Se o amor de Deus encontra paralelo em algo no mundo, sem dúvida, essa semelhança é visível no amor de mãe. Amor incondicional, pois não leva em conta o merecimento do ser amado. Amor que se dá sem esperar nem exigir nada em troca. Amor capaz de sacrificar a vida pelo bem dos filhos. Amor grande, sublime, majestoso, virtuoso e puro. Amor humilde e perene. Amor que instrui, orienta, guia e protege, com ternura e sabedoria. Assim, o extraordinário amor de mãe nos ajuda a compreender, ainda que palidamente, a eloquente expressão do amor divino por nós.

É-nos dito que a mãe “tem em seu poder o modelar o caráter dos filhos para que estejam capacitados para a vida mais alta, imortal. Um anjo não desejaria missão mais elevada; pois em fazendo seu trabalho ela está realizando serviço para Deus. [...] Ela não tem, como o artista, de pintar na tela uma bela forma, nem, como o escultor, de cinzelá-la em mármore. Não tem, como o escritor, de expressar um nobre pensamento em eloquentes palavras, nem, como o músico, de exprimir em melodia um belo sentimento. Cumpre-lhe, com o auxílio divino, gravar na alma humana a imagem de Deus” (Ellen White, *O Lar Adventista*, p. 231, 237).

Por tudo isso, hoje é o dia de especialmente honrar esse amor, conforme o mandamento divino, e de expressar gratidão por ele. Hoje é o dia de renovar o propósito de fazer de todos os dias um dia das

mães. Em todos os dias, ser melhores filhos, demonstrar amor, carinho e gratidão. Em todos os dias, manifestar por elas o devido respeito.

Um dia, terminada a carreira terrestre, quando mães e filhos se apresentarem diante do trono de Deus com suas coroas de glória imortal, muitos filhos ali serão testemunhos vivos do amor e dedicação de mães que, pela graça de Deus, os encaminharam para a salvação eterna. Essa será a maior e mais significativa homenagem tributada às mães.

Graça para um cético

E logo disse a Tomé: Põe aqui o dedo e vê as Minhas mãos; chega também a mão e põe-na no Meu lado; não sejas incrédulo. João 20:27

Não sabemos muito a respeito das origens de Tomé. Ele foi um dos doze discípulos de Jesus, e o nome “Dídimo”, que talvez fosse seu apelido, indica que era gêmeo com outro irmão ou irmã. Embora apareça em todas as listas de discípulos nos evangelhos, o evangelho de João fala mais vezes a respeito dele.

A mais comentada característica desse discípulo é seu ceticismo, talvez resultado de uma personalidade arredia, pessimista, amuada, teimosa, tímida e melancólica. Apesar disso, como todo ser humano, tinha também suas virtudes. Embora tivesse permitido “que a desconfiança e a incredulidade tomassem posse da mente e do coração”, Tomé “amava ardentemente o Senhor” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 807). Nas várias referências de João a esse discípulo, ele é apresentado revelando determinação, anseio de conhecimento e lealdade para com o Mestre.

Certa ocasião, Jesus e os discípulos haviam passado pela Judeia, onde Cristo foi ameaçado de apedrejamento. Já estavam longe quando receberam a informação sobre a enfermidade e morte de Lázaro. A disposição de Jesus em voltar para a Judeia foi contestada pelo grupo temeroso de mais ameaças, menos por Tomé: “Vamos também nós para morrermos com Ele” (Jo 11:16), disse. “A ideia de viver sem Jesus não era nada agradável para Tomé. Morreria com seu Mestre, porque não poderia viver sem a companhia Dele.

Entretanto, seu comportamento diante da ressurreição de Cristo o estigmatizou como descrente. Ausente do reencontro do Senhor com o restante do grupo, foi informado disso e resolveu que não creria (Jo 20:24, 25). Na semana seguinte, Jesus reapareceu, e Tomé estava lá. Conhecedor do coração de Seu discípulo, o Senhor lhe ofereceu as provas que havia pedido. A melancolia, o pessimismo, a teimosia e o ceticismo cederam à crença: “Senhor meu e Deus meu!”, exclamou o

discípulo.

Tomé não foi descartado por Jesus. Foi alvo de Sua compaixão. No Pentecostes, lá estava recebendo a plenitude do Espírito Santo. Consta que ele levou o evangelho à Índia, e lá teria sido martirizado. Estou seguro de que o destaque da vida de Tomé não deve ser o ceticismo, mas a graça que o transformou.

Não duvide, essa graça também pode transformar sua vida neste dia.

Nos passos do bom samaritano

Jesus lhe disse: “Vá e faça o mesmo.” Lucas 10:37, NVI

Em uma autobiografia intitulada *Uma Criança Tratada como Coisa*, Dave Pelzer narra sua triste descoberta, bem cedo na infância, de que a família da qual era parte com mais dois irmãos não fazia justiça à imagem de perfeição que ele tinha em mente. Até seus primeiros cinco anos, seus pais, um bombeiro heroico e gentil, e a mãe, dedicada dona de casa, eram diligentes provedores do lar, afetuosos e atenciosos para com os filhos.

Entretanto, a partir de certo momento, não mais puderam esconder algo que transtornou a vida de Dave: eram alcoólatras. Com o tempo, os conflitos ficavam mais evidentes. O pai se mostrava distante, envolvido no trabalho, passivo e submisso diante dos caprichos da esposa e mãe dominadora e cada vez mais agressiva. Talvez por ser mais perceptivo, Dave se tornou o alvo de inomináveis abusos psicológicos, verbais e físicos por parte dela. A autoestima do garoto desceu ao nível mais baixo imaginável.

Certo dia, Dave passou por um exame de rotina realizado pela enfermeira da escola. Na sala dela, despido de seu uniforme escolar, ele foi meticulosamente examinado pela profissional que não escondia o assombro ao ver hematomas, feridas em processo de cicatrização e marcas de queimaduras em seu corpo. Deixando de lado a prancheta com o formulário, para espanto dele, ela apenas o abraçou longamente com ternura e emoção, tentando conter as lágrimas. Pela primeira vez, Dave se sentiu alguém, e diz ter pensado: “Meu Deus! Ela é tão calorosa! Não quero largá-la, quero ficar aqui para sempre.” E acrescenta: “Fechei os olhos, nada mais pareceu existir. Nunca mais me esqueci do seu perfume” (p. 6).

Enfermeiros, que são homenageados neste dia, podem fazer mais do que ajudar na cura física. Caso Jesus Cristo nos contasse hoje história semelhante, concluiria fazendo a todos nós o mesmo apelo que fez ao preconceituoso erudito observador da lei, depois de lhe contar a

parábola do bom samaritano: “Vá e faça [pelo semelhante] o mesmo” que o samaritano fez em favor de um homem assaltado, caído à beira da estrada.

O dever de acudir o próximo está acima dos muros religiosos, étnicos, culturais e sociais que costumamos erguer. Você e eu fomos chamados para fazer diferença, servindo em um mundo indiferente e egoísta. Restaurar o próximo, às vezes, pode custar apenas um abraço. Como o daquela enfermeira.

No tom do amor

Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne. Gênesis 2:24

Gosto de pensar no relacionamento conjugal à luz da dinâmica musical. As notas musicais, quando isoladas, têm seu valor e utilidade, porém revelam beleza mais intensa e despertam mais fortes emoções quando são reunidas e emitem harmoniosos acordes que arrebatam nossos sentidos e acalentam o coração. Um texto bíblico sempre me leva a esse pensamento: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.”

A primeira parte do verso chama atenção para o fato de que, ao se unirem em casamento, homem e mulher devem criar um círculo protetor contra interferências, priorizando a afeição mútua acima de qualquer outra. Em segundo lugar, expressa a profunda harmonia do matrimônio. Vale lembrar que o texto usa a palavra hebraica *echad* (unidade composta) para identificar a unidade formadora do casal, em contraste com *yachid*, unidade absoluta. Assim, duas pessoas distintas se tornam um todo harmonioso espiritual, sentimental, emocional e físico, à semelhança da música, onde duas ou mais pessoas reunidas com diferentes naipes de vozes formam um conjunto harmônico.

Na busca da harmonia musical, seria absurdo achar que um tom é mais importante do que outro ou tivesse que mudar suas características para poder se adaptar aos demais. Não se exige que vozes agudas, médias e graves mudem de tonalidade. O casamento é assim. Não deve haver exigências nem manipulações para mudanças conforme o molde pessoal de alguém. Cada cônjuge deve ser aceito e respeitado pelo que é. São justamente as diferenças sabiamente mescladas que produzem harmonia.

Não se consegue harmonia musical num estalar de dedos. São necessários treinamentos e ensaios, nos quais insiste-se em um acorde, repete-se, recomeça-se tantas vezes quantas forem necessárias até o ponto almejado. O fato de se unirem duas pessoas não significa

harmonia garantida. Há necessidade de investimento diário em forma de renúncia aos caprichos, paciência e recomeços.

No primeiro quarteto em que cantei, não tínhamos um especialista para nos orientar. Um antigo LP era colocado na vitrola, e cada um captava sua tonalidade, o que às vezes não era tão fácil. Certo dia, nosso pastor, Plácido da Rocha Pita, nos apresentou à pianista de uma igreja evangélica da cidade e tudo ficou mais fácil. No casamento, a orientação do Maestro supremo faz toda diferença.

Sobre a rocha

Todo aquele, pois, que ouve estas Minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha.
Mateus 7:24

Essas palavras de Cristo fazem parte da comparação que Ele fez entre o homem prudente e o insensato em relação à aceitação ou rejeição de Seus ensinamentos. O insensato ouve, mas não aceita nem pratica Suas palavras. É como alguém que constrói sobre a areia: vem a chuva e destrói a construção. O prudente ouve, aceita e pratica Suas palavras. É como quem edifica sobre a rocha. A casa resiste às tormentas.

Essa casa nos faz pensar na vida edificada com bom senso, fundamentada nos princípios da Palavra de Deus. Permanecerá inabalável durante as tempestades ameaçadoras da existência. Também pode ser o lar, construído sobre a Rocha dos séculos, Jesus Cristo. Esse é o fundamento seguro no qual a família deve ser instituída e desenvolvida. Estando firmada sobre a Rocha, ela prevalecerá contra o *tsunami* de conceitos ultraliberais que jorram do mundo.

Ao relatar essa declaração de Cristo, Lucas acrescentou uma expressão significativa: o homem prudente “cavou fundo” (Lc 6:48, NVI). Isso implica intencionalidade, perseverança, tempo e esforço no trabalho de edificação.

Construir a família sobre a Rocha é tornar Cristo o centro e a razão de tudo no relacionamento entre esposo, esposa e filhos. É não dar um passo sem Ele; não tomar decisões sem a certeza da aprovação Dele. É convidá-Lo pela manhã, em busca de proteção, orientação e guia; continuar com Ele em todas as atividades, e louvá-Lo em gratidão no fim de cada dia.

Construir a família sobre a Rocha é rejeitar usar o material mundano – valores e máximas, a sensualidade e a ideia de ajuntamento descartável.

Finalmente, construir a família sobre a Rocha é aprender a perdoar

com o perdão de Jesus, aceitar o outro como Ele aceita e amar com o amor divino. Esse tipo de amor simplesmente ama. Não está fundamentado em motivação egoísta nem depende de coisas que o passar do tempo leva consigo. Descobre valores infinitos em seres finitos. Não é sentimentalismo vazio, mas um princípio elevado e santo.

Lembre-se disto: “Só em Cristo é que se pode com segurança entrar para a aliança matrimonial. O amor humano deve fazer derivar do amor divino os seus laços mais íntimos. Só onde Cristo reina é que pode haver afeição profunda, verdadeira e altruísta” (Ellen White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 358).

Viva simplesmente!

Contentem-se com o que vocês têm. Hebreus 13:5, NVI

A simplicidade é uma virtude que anda de mãos dadas com outras. A ela estão ligadas a franqueza, naturalidade e transparência dos nossos atos. Nada de afetação. Mas isso parece trafegar na direção contrária ao pensamento contemporâneo que nos impõe a ideia de que o melhor da vida se resume no acúmulo de coisas e na sofisticação do comportamento, geralmente ao preço da falta de paz, excesso de ansiedade e prejuízos, inclusive relacionais. Esses são apenas alguns frutos pouco saborosos que podem ser colhidos. Essas pessoas necessitam reencontrar o caminho da simplicidade que liberta dessa pressão consumista e permite ter paz de espírito.

Contudo, há o risco de se levar a simplicidade ao extremo, associando-a à conduta ascética, de renúncia dos recursos que conferem relativa qualidade à vida. O Senhor sempre quis abençoar Seu povo, reservando para os israelitas o que de melhor eles poderiam ter desejado. Moisés descreveu: “Porque o SENHOR, teu Deus, te faz entrar numa boa terra, [...] em que comerás o pão sem escassez, e nada te faltará nela; [...]. Comerás, e te fartarás, e louvarás o SENHOR, teu Deus, pela boa terra que te deu” (Dt 8:7, 9, 10).

Jesus Cristo disse: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10:10). Nele encontramos vida de qualidade, espiritual e material. Ele nos ensina e ajuda a colocar as coisas materiais em sua verdadeira perspectiva, permitindo-nos possuí-las na medida em que sejam úteis para nosso bem-estar, sem deixarmos que elas nos possuam ou nos escravizem. Portanto, devemos exercer vigilância, a fim de que o interesse pelo material não seja um obstáculo em nossa corrida em busca do que nos satisfaz espiritualmente. Podemos ser libertos do labirinto das coisas e encontrar verdadeira alegria na simplicidade do que Deus, em Sua providência, nos conceder.

Depois de ter estado conosco durante alguns dias, justamente

quando me aposentei, minha neta Luísa, então com cinco anos, voltou para casa levando as notícias: “O vovô Zinho não vai mais trabalhar. E ele *tá* rico! Comprou um carro, me levou ao parquinho e comprou dois sacos de pipocas!” Quanta pureza nessa expressão de contentamento com coisas simples, na mente infantil! Nenhum adulto precisa estacionar especificamente nesse nível, mas precisamos aprender a viver contentes e agradecidos pelo que temos.

Disciplina cheia de graça

Caia eu, pois, nas mãos do SENHOR, porque são muitíssimas as Suas misericórdias, mas nas mãos dos homens não caia eu. 1 Crônicas 21:13

Davi sempre foi altamente favorecido por Deus. Enfrentou animais ferozes e um gigante e os venceu. Sobreviveu às artimanhas de Saul contra ele. Tendo assumido o trono de Israel, levou o reino a prosperar. Opositores internos e externos foram dominados, embora, à semelhança de todo mortal, o rei também tivesse cometido erros.

Um desses momentos nublados da vida de Davi foi quando ele ordenou que se realizasse um censo da nação israelita. Na primeira menção a esse fato, é dito que o Senhor permitiu que o fizesse (2Sm 24:1), considerando que a Bíblia, às vezes, atribui a Deus aquilo que Ele não impede. Na segunda, a intromissão de Satanás é claramente referida (1Cr 21:1).

Recenseamentos não eram incomuns aos israelitas. Deus mesmo ordenou que Moisés o fizesse (Êx 30:12; Nm 1:2, 3; 26:2-4). Entretanto, no caso de Davi, o gesto pareceu ter a motivação de se gloriar no poder humano, quando Deus já lhe havia concedido provas de Sua direção nos negócios do reino. Isso foi pecaminoso. Embora advertido por Joabe sobre o perigo que seu ato representava, o rei não recuou. A resposta do desagrado divino sobre a nação não tardou.

Humildemente, Davi reconheceu: “Pequei muito!” Foram dadas a ele três opções de castigo: duas por meio de inimigos humanos. E a terceira, diretamente do Senhor. Familiarizado com as guerras e a impiedade humana, o rei entendia que, mesmo castigando, Deus é infinitamente mais gracioso. Escolheu a última alternativa.

É sempre assim. Somos propensos a assumir o papel de juízes implacáveis em relação a nossos semelhantes, enquanto Deus mescla justiça e misericórdia em Seu trato com eles e conosco. Estamos sempre julgando e condenando pessoas, sem nos preocuparmos em calçar seus sapatos e, de seu ângulo, avaliar tudo quanto as afeta. Adultos se esquecem de que foram crianças, adolescentes e jovens.

Professores não se lembram de que foram alunos, patrões se esquecem de que foram empregados. Pais perdem de vista o tempo em que foram filhos. Em um conflito interpessoal, assumimos posição de um lado sem ouvir o outro.

Somos moldados pela disciplina de Deus, justamente porque nela sentimos o afago restaurador de Sua misericórdia. Não há um só ato da parte do Senhor que não seja motivado e conduzido com amor. Isso devemos imitar em todo trato com nosso semelhante.

O chiqueiro e o kezazah

Irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o Céu e contra ti.
Lucas 15:18

As três parábolas encontradas em Lucas 15 retratam o interesse de Deus por pessoas que não costumamos valorizar. Pessoas que se afastam do Senhor, perdem-se e, por isso mesmo, tornam-se alvo de Seu amoroso esforço para resgatá-las. O fato de serem achadas por seu verdadeiro Proprietário, bom Pastor e Pai se torna motivo de alegria no Céu. A última das três parábolas, a do “filho pródigo”, é uma das histórias bíblicas mais queridas e conhecidas. Embora o título da parábola chame atenção para um personagem, os outros dois também se mostraram pródigos: um em virtudes; o outro, defeitos.

O filho pródigo é um protótipo de todos quantos ainda hoje amargam consequências devastadoras resultantes de escolhas drásticas. Em sua derrocada moral, social, material e espiritual, ele jamais poderia culpar fatores externos por seu fracasso. Não poderia se dizer vítima de ambiente, pressões culturais, família mal estruturada, educação deficiente ou quaisquer outros aspectos. Ele mesmo escolheu seu caminho. Idealizou, determinou, refletiu, planejou e o buscou.

Ao ferir o coração do pai solicitando-lhe sua parte na herança, ele sabia o que queria: ser autossuficiente, descobrir na prática o que em sua mente significava ser livre para satisfazer desejos e viver sem restrições. E assim foi. O resultado disso é conhecido e visto se repetindo todos os dias.

Tendo a fome batido às portas, o encontrou sem dinheiro, esbanjado com amigos e amigas, gluttonaria e bebedice. Então, trabalhar e comer com porcos foi o que lhe restou. Não havia lugar mais baixo do que o chiqueiro. Dali, conseguiu ver apenas uma saída: voltar para os braços do pai. Mas teria que enfrentar a própria vergonha e a humilhação imposta pelo kezazah. Esse era um ritual por meio do qual a comunidade mostrava seu repúdio à pessoa que, tendo escolhido

deixá-la, desperdiçasse os bens entre os gentios. No eventual retorno de quem o fizesse, o povo reunido quebraria um vaso de barro diante dele, como símbolo do desprezo e indignação.

Entretanto, “miserável como era, o pródigo achou esperança na convicção do amor do pai.” De fato, ninguém espera em vão nesse amor. Não importando quem seja, o que faça ou até onde vá um pródigo pecador, “uma cadeia dourada, a graça e compaixão do amor divino, é atada” a seu redor (Ellen White, *Parábolas de Jesus*, p. 202).

Amor sem limites

Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou. Lucas 15:20

O segundo pródigo na parábola do filho pródigo é o pai. Pródigo em amor, misericórdia e graça. Enquanto o filho esbanjava os bens que deveria ter retido, aguardando a chance para melhor e mais recompensadora utilização, o pai represava no coração uma cachoeira de amor, esperando o momento de abrir as comportas e extravasá-la sem contenções. Esse momento chegou. Ele, que não se cansava de olhar no horizonte todos os dias, finalmente pôde enxergar ao longe a silhueta em farrapos do filho que voltava. Reconhecendo-o, correu a seu encontro, abraçou-o e o beijou.

A atitude do pai quebrou todo o protocolo cultural do Oriente Médio naqueles dias, ao fazê-lo se despojar de tudo, da própria dignidade, para expor seu amor e perdão, antes mesmo que o filho dissesse qualquer coisa. A iniciativa do retorno foi do filho necessitado; a disposição de reconciliar foi do pai. Pessoas de respeito, na posição dele, não corriam. Ele era um patriarca idoso, rico, que tinha autoridade, prestígio e trajava-se com roupas longas e especiais. Assim, o normal era caminhar com sobriedade e elegância.

Contudo, ele estava tão ansioso pelo regresso do filho que correu o mais rápido que pôde. Correndo, teria que levantar um pouco as vestes e mostrar as pernas. Algo inadmissível para um patriarca daquele nível! Mas ele o fez. Não há limites para o amor de um pai. Esse é um exemplo notável a pais em conflito com filhos rebeldes. Nada de impor condições, levar em conta convenções sociais, quando está em jogo a salvação deles. Justamente à semelhança do que o Pai Celestial faz em relação a nós.

O abraço e o beijo que selaram o reencontro foram seguidos da restauração completa: “Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés” (v. 22). Roupas e anel representam a reintegração à condição de antes, como se nada tivesse

acontecido. Não seria apenas mais um trabalhador, mas o filho que sempre foi. A vergonha foi escondida pela graça perdoadora. O pai a tinha assumido com seu despojamento.

Você se lembra de algo parecido e que envolveu o Senhor da glória, você e eu? Na cruz, Jesus Se expôs à situação vergonhosa por amor de nós. O benefício eterno é nosso. Estávamos mortos e recebemos nova vida; perdidos e fomos achados. Dele somos filhos e filhas. Pela graça, herdeiros de tudo o que Ele tem. A festa é nossa!

O “justo” carrancudo

Olha! Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu, serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Lucas 15:29, NVI

Certo homem muito influente na comunidade de fé caiu em pecado. O impacto foi tremendo! Os irmãos ficaram perplexos, mas expressavam o desejo de que logo ele fosse restaurado. Depois de alguns meses, a reação de alguns quando o pecador decidiu voltar foi surpreendente! Nem todos acreditavam na mudança e achavam que as provas de reconversão eram insuficientes. Felizmente, o homem foi reintegrado.

Sempre há pessoas com critérios particulares de justiça no trato com pecadores. Muitas vezes, sentindo-se superiores à luz dos próprios feitos, olham com desprezo aqueles que devem ser alvo do amor e da misericórdia. Na parábola, o filho mais velho personifica esse comportamento, semelhante ao que demonstravam os líderes religiosos daquele tempo para com as pessoas carentes de ver um raio de luz da graça perdoadora. É a carranca da justificação própria e do perfeccionismo legalista em contraste com o sorriso da graça em festa.

Se a reivindicação de sua parte na herança, feita pelo filho mais novo, era uma ofensa equivalente a dizer ao pai: “Eu desejava que você estivesse morto”, não menos cruel foi a atitude do filho mais velho, recusando-se a participar da festa para o irmão e discutindo com o pai diante dos convidados. Na cultura oriental, o respeito ao pai era fundamental. Além disso, segundo as regras de hospitalidade prevalecentes, talvez a aldeia inteira tivesse recebido convite. Ao filho mais velho cabia unir-se aos demais familiares nas boas-vindas aos convidados.

Contudo, tendo trabalhado esperando ganhar o favor do pai e da comunidade, se empenhado em obter o reconhecimento moral e se sentindo preterido, optou por desnudar seu lado egoísta e cheio de justiça própria. Ele não sabia apreciar a graça que busca, espera, recebe, abraça e restaura. Ao sair à sua procura, o pai ouviu a amarga

contestação. E explicou que ele também podia ter tudo o que era da família, “como concessões imerecidas do amor”, não como pagamento pelos serviços prestados (Ellen White, *Parábolas de Jesus*, p. 210).

Quem quer que tendo deixado o lar e para ele voltado arrependido é nosso irmão, filho do mesmo Pai. Parafraseando a escritora Carolyn Arends, ser motivo de uma festa promovida pela graça, para celebrar o retorno de alguém à casa do Pai, é um privilégio. Ser convidado a preparar e participar do banquete e do acolhimento ao pródigo é um presente de valor igual. Sob hipótese nenhuma o recuse!

Visão da glória

Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos! Isaías 6:5

Nestes dias em que recebemos incentivos para despertar a “energia interior que existe em cada um de nós”, muitas pessoas parecem ter perdido o senso das próprias limitações, nutrindo arrogância e orgulho. Na vida espiritual isso é trágico. Jesus repreendeu a presunção e vaidade dos líderes religiosos que não eram coerentes e sinceros na prática da teoria que impunham aos ouvintes.

Devemos viver sob a consciência de que fomos comprados pelo preço da vida de Cristo, deposta em sacrifício na cruz. Entretanto, nenhum bem existe em nós (Rm 7:18), e a constante dependência da graça divina é nossa segurança.

O profeta Isaías exemplificou o sentimento de indignidade pessoal diante da glória de Deus e experimentou a maneira pela qual o Senhor trata aqueles que se reconhecem na mesma situação. O rei Uzias governou durante 52 anos (2Rs 15:1, 2; 2Cr 26:1), em parte dos quais Isaías exerceu seu ministério profético. Durante a maior parte do tempo, ele foi um bom rei, seguindo os passos de seu antepassado Davi. Contudo, tendo-se fortalecido, sucumbiu ao orgulho, entrou no templo e ofereceu incenso, usurpando atribuição exclusiva dos sacerdotes. Como consequência de seu ato, ficou leproso e morreu no ano 740 a.C. (2Cr 26:16-23).

Preocupado com os rumos da nação, Isaías foi ao Templo em busca de orientação divina. Nesse contexto, teve uma revelação da glória de Deus. No entanto, a reação do profeta foi diferente da presunção de Uzias. Reconheceu-se indigno diante do esplendor descortinado diante dele. A visão do Senhor no trono e de serafins exaltando o Rei mortal o levou a entender a própria indignidade. “Ai de mim! Estou perdido!”, humildemente exclamou.

Ele sabia que era pecador e, sendo assim, não subsistiria na presença

do Santíssimo. Mas, nas palavras de Troy Fitzgerald, “na hora mais escura, Deus conduziu Isaías ante Seu trono e ofereceu uma visão de glória ao profeta. Porém, em vez de lhe dar um conjunto de ordens de marcha que sem dúvida o oprimiriam, Deus lhe ofertou uma abundância da graça que lhe permitiu ficar em pé” (*Perguntas de Deus Para Você*, p. 168).

Ninguém que tenha uma visão correta de si mesmo, diante da santidade de Deus, permanece a mesma pessoa. Em humilde confissão é aceito, perdoado e purificado. Essa experiência está sempre a nosso alcance.

Tempo de pausa

Então, foram a sós no barco para um lugar solitário. Marcos 6:32

Entre os mais de um bilhão de habitantes da China, país mais populoso do mundo, está Liu Shengjia. Ele vive sozinho na aldeia de Xuenshanshe, no norte do país, depois que as cerca de 20 famílias do lugar resolveram partir rumo a grandes centros em busca de melhores condições de vida. Liu preferiu ficar cuidando da mãe e de um irmão menor que morreram não muito tempo depois. Nem assim ele mudou de ideia. Sai apenas para comprar alimentos, diz ter superado o medo inicial do uivo noturno de cães selvagens e que está em paz com seu estilo de vida.

Faz alguns anos, uma equipe de geólogos encontrou em uma região da Sibéria o russo Karp Lykov e alguns remanescentes de sua família, seguidores da seita dos “velhos crentes”, ramificação da Igreja Ortodoxa Russa. Lykov foi “empurrado” para as matas pela perseguição aos membros da seita, que divergia da religião oficial. A família viveu 40 anos sem manter contato com mais ninguém, reinventando-se para atender às necessidades básicas de sobrevivência.

Esses são casos extremos que talvez não encontrem seguidores espontâneos nos dias de hoje, pois não parece comum alguém querer viver em solidão. Normalmente, ela é circunstancial. Por essa razão, quando somos por ela surpreendidos, sempre buscamos alguma companhia. Por outro lado, um sinônimo pouco empregado para a solidão expressa seu significado positivo, necessário, e que devemos buscar: *solitude*; isto é, o momento de afastar-se do burburinho e do corre-corre, para avaliar a vida, refletir e ter comunhão com Deus. Conforme afirmou Paul Tillich, “a solidão expressa a dor de estar sozinho. A *solitude* expressa a glória de estar sozinho” (*The Eternal Now*).

Jesus nos incentivou a ter essa experiência com Seu exemplo. Antes de iniciar Seu ministério, esteve por 40 dias a sós no deserto (Mt 4:1-11). Ao escolher os discípulos, orou a sós durante uma noite (Lc 6:12).

A sós orou demadrugada (Mc 1:35). Ao lado dos discípulos, tendo atendido multidões, de modo que “não tinham tempo nem para comer”, convidou-os para descansar à parte e “foram sós [...] para um lugar solitário” (Mc 6:31, 32).

Tão certo como fomos criados para os relacionamentos, não nos relacionaremos de modo benéfico com os semelhantes nem com nós mesmos, a menos que, a sós, realimentemos nosso relacionamento com Deus.

Apenas confie

Não temas, crê somente. Lucas 8:50

O capítulo 8 do evangelho de Lucas apresenta alguns episódios nos quais o medo transparece. O primeiro relata uma tempestade que apanhou Jesus e os discípulos no mar da Galileia. Calmamente, o Mestre dormia, enquanto os discípulos ficaram apavorados (v. 22-25). O segundo narra um milagre na terra dos gadarenos. Diante da libertadora presença de Jesus, os demônios que escravizavam um homem temeram e foram expulsos. A manifestação de poder e soberania de Cristo deixou as pessoas que assistiam à cena e os comerciantes de porcos, nos quais os agentes malignos encontraram morada, completamente assustados (v. 27-39).

Quem pode afirmar que jamais tenha temido coisa alguma? Embora a certeza da salvação pela graça de Jesus nos permita trilhar um caminho de brilhantes esperanças, ainda estamos no mundo. Isso nos expõe a perigos de todo tipo. Muitas pessoas nutrem algum nível de medo em relação à violência, instabilidade política e econômica, enfermidade, crise familiar, entre outras ameaças. Porém, conforme Franklin Roosevelt, “a única coisa que devemos temer é o próprio medo”.

Finalmente, temos Jairo que, angustiado, procurou em Jesus o socorro para a filhinha dele. Seu nome significa “quem Yahweh ilumina”. Era chefe da sinagoga, provavelmente líder dos anciãos, influente na comunidade, mas que trazia no peito o enorme temor da morte, uma necessidade além do que sua influência e religiosidade podiam suprir. Foi sob o peso desse fardo que ele, suplicante, atirou-se aos pés de Cristo. No trajeto para a casa do líder judaico, o Salvador ainda teve tempo de estancar a hemorragia de uma mulher sofredora (v. 43-48). Certamente apressado, temendo o passar do tempo, Jairo recebeu a pior notícia que poderia ter imaginado: “Tua filha já está morta, não incomodes mais o Mestre” (v. 49).

Contudo, acima dos temores e da própria morte está Jesus. Tendo-O

sempre acessível, nada precisamos temer; apenas crer Nele, conforme Sua resposta ao desespero de Jairo. Quando “terrores de morte” nos assaltarem (Sl 55:4), devemos nos voltar a Cristo, que nos diz serenamente: “Não temas, crê somente.”

Aqui na Terra nunca teremos uma vida sem perigos ou ameaças, mas Jesus é nossa garantia contra os temores. Ele dissipa as tempestades da vida, põe os demônios em fuga e já venceu a morte por mim e por você.

Frutos no deserto

*Plantou Abraão tamargueiras em Berseba e invocou ali o nome do SENHOR.
Gênesis 21:33*

Tamargueira é uma árvore ou arbusto pertencente à família das tamarináceas. Cresce lentamente, tem a madeira macia, tronco retorcido e pequenas folhas verdes em forma de escamas, comprimidas perto dos ramos. Por essa razão, não sofrem grande perda de umidade pela transpiração, o que possibilita seu crescimento em desertos e dunas de areia. Trata-se de uma árvore resistente, provedora de sombra e frutos. Há, inclusive, uma espécie de tamargueira que, perfurada pelo inseto cochonilha, libera gotas de uma seiva semelhante ao mel. Em alguns lugares, essa substância é extraída e vendida como maná, que não é o do milagre mencionado em Êxodo 16.

A Bíblia diz que Abraão, ao fazer aliança com Abimeleque, plantou um bosque com tamargueiras em Berseba e ali invocou o nome do Senhor. Em Gibeá, Saul também se sentou à sombra de uma tamargueira (1Sm 22:6, NVI), tendo posteriormente sido sepultado com seus filhos sob uma árvore semelhante, em Jabes-Gileade (1Sm 31:13, NVI).

Versões bíblicas como, por exemplo, a Almeida Revista e Corrigida, traduzem Jeremias 48:6 da seguinte maneira: “Fugi, salvai a vossa vida; sede como a tamargueira no deserto.” Era o apelo profético que anunciava os juízos de Deus sobre várias cidades cujos habitantes haviam caído na maldade e na incredulidade. Elas seriam desoladas. A tamargueira ou arbusto, conforme versões modernas, indicava simbolicamente a resistência incomum diante de adversidades. A planta consegue sobreviver por aprofundar suas raízes ao máximo em busca de água.

Nós também devemos fixar nossas raízes em Deus, manancial de água da vida, e confiar Nele, acima de qualquer ajuda humana ou bens materiais. Ele é nosso socorro, fonte de força e certeza de vitória sobre

as ameaças de inimigos, quaisquer que sejam eles. Somente em Deus superaremos a aridez que mina nossas energias espirituais.

A sequeidão e a temperatura causticante do deserto não impedem que as tamargueiras floresçam, deem sombra e fruto, devido à capacidade de captar água a longas distâncias e absorver a luz do Sol. De igual modo, os cristãos não devem encontrar nas adversidades um empecilho a que produzam frutos por meio dos quais honrem a Deus e abençoem pessoas necessitadas de refrigério e nutrição espiritual.

Maravilhas da graça

*Meditarei no glorioso esplendor da Tua majestade e nas Tuas maravilhas.
Salmo 145:5*

Pessoas sentadas, imóveis, com as pernas cruzadas em posição de lótus, deitadas ou em outras posições exóticas em espaços públicos já não despertam a curiosidade. Nós as vemos e sabemos que estão imersas na prática da meditação, segundo suas crenças orientais. Às posições, elas associam técnicas específicas a fim de alcançar objetivos como relaxar e obter alguma ligação espiritual mística.

A prática da meditação também está presente na Bíblia, mas com enfoque diferente. Essa foi uma conduta habitual na experiência de Davi. A respeito disso, ele faz várias referências no livro dos Salmos. Por exemplo, o rei desejou que sua meditação fosse agradável a Deus (Sl 104:34). A lei e os preceitos divinos eram tema constante nessa prática (Sl 119:105; 48, 78). Também mencionou que ter a lei como assunto de sua meditação, “de dia e de noite” é característica do homem que teme ao Senhor (Sl 1:2). Há outros exemplos de personagens das Escrituras que também meditavam: Isaque (Gn 24:63), Pedro (At 10:19) e o próprio Jesus, que tomava tempo para meditar e orar (Mt 14:13; Lc 5:16).

Na meditação cristã, nós nos desligamos de tudo a nosso redor e, pela fé, entramos na presença de Deus. Permitimos que Ele nos fale, ouvimos a Sua voz e a Ele nos dirigimos, em um diálogo que amplia nossa visão espiritual e nos transforma, inspirando em nós a disposição de obedecer à Sua Palavra. Nessa experiência, saímos da teoria e vivenciamos de maneira prática o que significa ser amigos de Jesus. Então não damos nem mesmo um passo sem a certeza de que Ele vai conosco e fala conosco. Precisamos dessa experiência.

Em nosso texto, Davi nos lembra de temas para meditação: a grandeza e os feitos de Deus. Certamente, isso envolve as maravilhas da criação, na terra e no espaço, as intervenções divinas contra os inimigos e a maravilha da graça com que ele foi agraciado. A esse

cenário somos levados pelo salmista. A imensidão do mesmo Deus, os sucessivos livramentos de que somos alvo e as maravilhas da graça que nos alcança devem capturar nossa mente, esvaziá-la de tudo o que é supérfluo e enchê-la de Deus.

Pensemos em Deus neste dia. Cantemos a Ele, relembremos e celebremos Seus feitos em nosso favor. Deliciemo-nos com as imagens do imenso quadro da natureza. Falemos a Ele, ouçamos Sua voz. Sejam-Lhe agradecidos pelas maravilhas da graça com que nos envolve.

Vingança

Não te vingará. Levítico 19:18

Característica da natureza humana desde que o pecado a maculou, a vingança tem sido muito discutida por estudiosos do comportamento humano. Para alguns, ela tem um lado positivo, quando a pessoa que se sentiu ofendida deixa de usar violência contra o suposto ofensor e prefere superar o problema, buscando o caminho da excelência. É o caso, por exemplo, de um empregado que se sentiu preterido em favor de outro diante de uma promoção no trabalho. Em vez de prejudicar o concorrente, trata de melhorar sua performance de olho em uma chance futura. Há também o exemplo de um atleta que, em algum momento, teve o desempenho questionado, mas decide dedicar-se ao máximo nos treinamentos, a fim de provar o contrário em ocasiões posteriores.

O aspecto negativo, de acordo com psicólogos, é que a vingança pode minar a capacidade de raciocínio e levar a pessoa ofendida à prática de ações impensadas contra o suposto ofensor, sob o impulso do ódio e do pessimismo. Ela vai se tornando mais insensível e fria, deixando de ver o lado bom das situações e das pessoas, passando a adotar o isolamento social. A isso, acrescentam-se males físicos, considerando que o desejo de vingança estimula a produção dos hormônios diretamente relacionados ao estresse e à ansiedade.

A Bíblia nos adverte contra o desejo e a prática da vingança, apresentando-nos a opção do amor, mesmo por quem nos ofende. Jesus foi claro quando ensinou: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5:43, 44). E Paulo acrescentou: “Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: ‘A Mim pertence a vingança, Eu é que retribuirei’, diz o Senhor” (Rm 12:19).

Somos ensinados a deixar todas as questões nas mãos de Deus; deixar que Ele seja o juiz de nossas causas. Pagar o mal com o mal

suscita o mal, como uma bola de neve. O Senhor, justo e amoroso juiz, sabe como administrar todas as questões interpessoais. A Ele pertence o direito de premiar ou castigar, condenar ou inocentar. Quando tomamos a vingança em nossas mãos, também tomamos um direito que a Ele pertence; agimos nós mesmos em Seu lugar, como semideuses.

Sendo irmãos pelo mesmo sangue que verteu no Calvário, seria demais pensar em deixar nas mãos do Pai tudo o que ameaça nossa paz?

Quiétude e confiança

Porque assim diz o SENHOR Deus, o Santo de Israel: Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação; na tranquilidade e na confiança, a vossa força, mas não o quisestes. Isaías 30:15

O comportamento de Judá sempre foi marcado pela inconstância. Muitas vezes o povo de Deus era encontrado estabelecendo alianças com potências do Norte e do Sul, aliando-se ora com a Assíria ora com o Egito. Em Isaías 30, o profeta denuncia mais um desses atos, que levou o reino a buscar ajuda no lugar errado. Isaías apelou para que os judeus rompessem a dependência do Egito e voltassem a confiar em Deus (v. 1, 2). Era inútil confiar em uma nação pagã, que rejeitava a palavra do Senhor, como garantia de segurança no futuro (v. 5-7).

Não há meio-termo quando o assunto é dependência de Deus. Ou confiamos inteiramente Nele ou confiamos na oposição a Ele. Nesse último caso, as dificuldades não tardarão em se avolumar, colocando-nos na trilha para o fracasso e a destruição, a menos que nos arrependamos e voltemos para a fonte de nossa força. Daí a advertência divina transmitida pelo profeta: conversão e sossego, tranquilidade e confiança em Deus, como segredo da vitória.

Conversão é retorno incondicional, sem reservas, a Deus. Nessa experiência, recebemos a paz e a serenidade que nos permitem esperar Nele, dissipando todo resquício de hesitação. Por ser gerador de confiança e força, o descanso, ou quietude, resultante da conversão a Deus nos liberta dos temores. Isso não significa eliminação automática dos obstáculos nem que devemos nos manter em passividade indolente. Significa dissipação da ansiedade, substituída pela certeza de que, no devido tempo, o socorro nos virá do lugar certo. O Senhor agirá favoravelmente à nossa causa.

Essa confiança abrange todos os aspectos da vida, é o segredo da paz e do poder. Desconfiar de Deus é se afastar Dele, é desviar-se da fé que tem Nele seu fundamento e seu alvo, para direcioná-la a recursos humanos frágeis.

O correto exercício do livre-arbítrio é fundamental nesse processo. Caso o povo se arrependesse e voltasse para Deus, descansando em Sua providência, confiando em Sua bondade e obedecendo às Suas ordens, a nação seria poupada. Infelizmente, eles não estavam dispostos. Mas o Deus que não desiste estava disposto a estender Sua misericórdia: “O SENHOR espera o momento de ser bondoso com vocês; Ele ainda Se levantará para mostrar-lhes compaixão” (v. 18, NVI).

Até quando nossa teimosia nos manterá travando o combate espiritual com nossas armas ou com armas oferecidas por outros senhores?

A avó da morte

Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado gera a morte. Tiago 1:15

Depois de haver dito ser “bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação” (Tg 1:12), o apóstolo Tiago esclarece seus leitores de que tentação e pecado não vêm de Deus. O inimigo é o tentador e tem se ocupado em colocar diante de nós estímulos que nos convidam a pecar. No entanto, é fato que, em última instância, por causa de nossa natureza pecaminosa, somos nós quem decidimos ceder ao pecado. Nossos desejos mal administrados, a cobiça interior, nos levam a esse ponto.

Precisamos nos lembrar de que desejo e cobiça não são a mesma coisa. Existem desejos legítimos que podem e devem ser satisfeitos nos limites dos planos de Deus para a felicidade de Seus filhos. Não há pecado no mero desejo pelo bem, pela alegria, pela comida, pelo dinheiro ganho honestamente ou pelo vestuário. Mas, quando cedemos a isso de maneira imprópria, passando a desejar além da satisfação experimentada, transpomos o limite do legítimo e avançamos para o excesso, o ilegítimo. Isso é cobiça. É o desejo de ter o que não está a nosso alcance. Insatisfeito com o que tem, o cobiçoso deseja o que não tem nem pode ter, violando a lei de Deus, cujo décimo mandamento nos ordena a não cobiçar coisa alguma (Êx 20:17). Agir ao contrário disso é pecar.

Comentando a situação com que nos deparamos diariamente, Ellen White escreveu: “Vivemos em meio a uma epidemia de crime, diante da qual ficam estupefatos os homens pensantes e tementes a Deus em toda parte. A corrupção que predomina está além da descrição humana. Cada dia traz novas revelações de conflitos políticos, de subornos e fraudes. Cada dia traz seu registro de violência e ilegalidade, de indiferença aos sofrimentos do próximo, de brutal e diabólica destruição de vidas humanas” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 142, 143).

Essa situação só pode ser explicada pela cobiça que impulsiona o ser humano sem Deus. Nas entranhas da nossa mente e do nosso coração, ela é a genitora do pecado em todas as suas expressões. O pecado por sua vez é o genitor da morte, em todas as suas formas. Todo ser humano que se entregue ao pecado deve refletir que, por esse caminho, será levado à morte moral, espiritual, temporal e, finalmente, eterna.

Precisamos de graça e sabedoria para que, exercitando corretamente nossa vontade, encontremos satisfação e felicidade plenas em Deus e em Suas provisões para nós. Assim, seremos libertos da cobiça.

De rejeitado a herói

Então, Jefté foi com os anciãos de Gileade, e o povo o pôs por cabeça e chefe sobre si; e Jefté proferiu todas as suas palavras perante o SENHOR em Mispa. Juízes 11:11

Tristes relatos de pessoas que sofrem discriminação são frequentes em nosso cotidiano. As queixas se repetem, de crianças e adolescentes sofrendo *bullying* a adultos vítimas de alguma humilhação. Etnia, posição econômica e social, aparência física, confissão religiosa; bem, a lista de causas é longa. Nos últimos anos, dispositivos judiciais foram elaborados para impor limites a muitas atitudes que, antigamente, eram consideradas apenas “brincadeiras inofensivas”.

Atualmente, existe forte cobrança da sociedade para que haja tolerância em relação a estilos de vida que contrariam os princípios bíblicos. Como cristãos, precisamos atentar para o fato de que a discordância em relação a esses comportamentos não nos isenta de cumprir o mandamento de amar todas as pessoas com o amor de Jesus (Jo 13:34). Devemos ser vigilantes sobre nós mesmos e depender da graça divina, a fim de que não sejamos traídos por nossa natureza pecaminosa sem amor.

A rejeição causa feridas emocionais profundas em suas vítimas, algumas das quais chegam ao extremo de tirar a própria vida. Jefté não chegou a esse ponto, embora inicialmente tivesse reagido muito negativamente à situação. Identificado como “valente”, valoroso, ele era filho de Gileade, homem rico e de nível social expressivo; porém, sua mãe era prostituta (Jz 11:1). Estigmatizado por isso, uma das consequências foi sua exclusão da herança da família paterna. Essa decisão o empurrou na direção de Tobe, para onde fugiu e se juntou a “um bando de vadios” (v. 3, NVI).

Deus tinha planos para Jefté. Em uma demonstração de que não existe situação desfavorável que não possa ser revertida pelo Senhor, Deus fez de Jefté um líder bem-sucedido. Levou-o de volta a Gileade, a convite dos líderes locais, como líder do povo israelita no confronto

contra os amonitas. Vencida a batalha, Jefté foi empossado como comandante em Israel (v. 4-11).

Acaso, hoje estarei escrevendo a alguém que se sente vítima de alguma forma de preconceito? Lembre-se desta frase atribuída a Jean Paul Sartre: “Não importa o que os outros fizeram com você, importa o que você fez com o que os outros fizeram de você.” Sugiro que leve isso a Deus e não minimize Seu poder transformador. Se esse não for o seu caso, mas conhece alguém afetado por essa situação, reacenda no coração dessa pessoa a chama da graça. Ame-a.

Mais de Deus

Rogo-Te que me mostres a Tua glória. Êxodo 33:18

Ao pé do monte Horebe, os israelitas esperavam pela volta de Moisés, que havia subido ao monte para conversar com Deus. Em um ímpeto de impaciência, esqueceram-se das maravilhas realizadas pelo Senhor em favor deles. Em um gesto extremamente ofensivo Àquele que os libertara do Egito, fizeram, com a inaceitável aprovação de Arão, um bezerro de ouro para adoração. Com um misto de indignação e misericórdia, Deus informou a Moisés que não mais acompanharia o povo. A decisão era a expressão de Sua indignação pelo pecado cometido e também a manifestação de Sua misericórdia, uma vez que o povo seria poupado da destruição, caso voltasse a violar a aliança.

Como resultado, Moisés colocou a tenda da congregação fora do acampamento, indicando que a presença de Deus havia se afastado de Israel. Sem Ele, não teria o menor sentido prosseguir. A presença divina era mais preciosa do que tudo o que pudessem desfrutar em Canaã; melhor seria que morressem todos no deserto do que tentar avançar sem ela. Na vida, não chegaremos a lugar algum sem a direção de Deus!

Consciente dessa realidade, Moisés buscou o Senhor e foi contemplado pela graça infinita. A graça jamais falha. Sempre a encontraremos, se Dele nos aproximarmos em humildade e disposição para fazer Sua vontade. Em resposta, o líder de Israel obteve a confirmação da bendita companhia do Altíssimo. Poderia ter se dado como satisfeito, mas ele quis mais. Aproveitando aquele favor de Deus, Moisés não economizou em seu pedido e rogou por uma revelação completa: “Rogo-Te que me mostres a Tua glória.” Não se mostrou como mendigo pedindo centavos, quando sabia que podia obter uma fortuna.

Deus tem sempre mais para nos dar Dele mesmo. Pode não nos dar tudo, porque somos limitados para receber, assim como, por misericórdia, não mostrou toda Sua glória a Moisés. Nenhum ser

humano sobreviveria a ela. Entretanto, colocando-se ao abrigo da rocha, Moisés teve um vislumbre daquela glória que, depois, foi completamente revelada a ele, ao ser ressuscitado e levado para o Céu.

A rocha em Horebe era símbolo de Cristo, nosso refúgio e salvação. Pela fé Nele, podemos ter uma visão pálida, “como em espelho” (1Co 13:12), da glória divina. Receberemos Dele cada vez mais ao buscá-Lo intensamente, em comunhão. Assim, “somos transformados de glória em glória, na Sua própria imagem” (2Co 3:18), até o momento em que O veremos face a face, em toda plenitude.

Identidade alterada

*Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos.
Atos 11:26*

Na peça “Romeu e Julieta”, de Shakespeare, dois jovens das famílias rivais Montéquio e Capuleto, acabaram se apaixonando. Em um diálogo com seu amado, disposta a romper com a identidade que os separava, a fim de viver o amor entre eles, Julieta argumentou: “O que há num nome? O que chamamos rosa teria o mesmo cheiro com outro nome.”

Em realidade, um nome pode conter muitas coisas em termos de história familiar, experiências vividas pelos pais ou ascendentes, homenagens a pessoas especiais ou tradição cultural. O que há, por exemplo, atrás do nome de God Knows Setordzi [Deus Sabe Setordzi], um africano nascido em Gana? O que teria motivado seus pais a escolher para o filho o nome “Deus Sabe”? Acaso, teria sido uma experiência especial tida com Deus? Não sei. Há pessoas que recorrem à justiça para trocar de nome; outras, para acrescentar sobrenome, e há quem continue com o mesmo nome do qual não gosta.

Na cultura bíblica, o nome de uma pessoa trazia consigo uma significativa história familiar, religiosa, ou estava relacionado com uma faceta do caráter, quando ocorria uma mudança em sua experiência espiritual de vida. Vários personagens tiveram o nome trocado pelo próprio Deus. Sarai, “minha princesa”, de acordo com o Talmud, teve o nome mudado para Sara, “princesa para todos”, porque dela nasceria uma grande nação, motivo pelo qual Abrão, “pai ilustre”, passou a ser Abraão, “pai de multidões”. Jacó, “aquele que segura pelo calcanhar”, “suplantador”, tornou-se Israel, “homem que luta com Deus”, “homem que vê Deus”. Ainda hoje, uma tribo indígena de Honduras, os misquitos, costuma mudar o nome entre seus nativos como indicação de morte para o passado e experiência de uma vida nova.

De acordo com o Apocalipse, os remidos receberão um novo nome

na eternidade: “Ao vencedor, lhe darei [...] um nome novo” (Ap 2:17); “na sua frente está escrito o nome Dele” (Ap 22:4). Isso está relacionado à experiência vitoriosa deles e ao fato de refletirem o caráter de Deus.

Na cidade de Antioquia, os discípulos passaram a ser conhecidos pelo nome de cristãos, diretamente ligado à experiência que tinham com Cristo, o que nos faz pensar no privilégio e na responsabilidade que temos. Ostentar o nome nada significa. Refletir o caráter Daquele de quem ele deriva é o que nos recomendará diante do mundo. Que a operação transformadora da Sua graça nos possibilite essa experiência.

O brilho da estrela

Quem sabe se para conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?

Ester 4:14

Uma das primeiras frases de que me lembro ter ouvido na primeira aula a que assisti no curso teológico, em 1972, foi proferida pelo pastor José Monteiro de Oliveira, que lecionava Ciência e Religião. Em suas palavras de saudação aos alunos, ele disse: “Vocês foram chamados para exercer o pastorado justamente na época mais difícil para alguém ser pastor.”

Passaram-se 48 anos. Alguns daquele grupo estão jubilados, outros já descansam no pó, e o mundo continua desafiando não apenas o exercício do pastorado, mas todo cristão. Entretanto, a trajetória do povo de Deus sempre foi marcada por desafios. Nessas ocasiões, Ele teve heróis para enaltecer Sua fidelidade, Seu poder e Sua graça em favor dos escolhidos.

Os dias do rei Assuero assinalaram um desses períodos turbulentos, em que brilharam a fé, a sensibilidade e a coragem de Ester. Seu nome hebraico era Hadassa, cujo significado é “murta” (uma planta). Órfã e criada pelo primo Mardoqueu, ela foi levada pela providência divina à corte medo-persa, sendo desposada por Assuero. No palácio, ela ficou conhecida como Ester. O Targum liga esse nome à palavra persa para “estrela”, explicando que ela era chamada assim por ser tão bela como “a estrela da manhã”.

Descoberta uma trama sórdida que ameaçava de destruição os judeus, Ester foi chamada a agir em defesa do povo diante do rei. Isso porque, “se você ficar calada”, advertiu Mardoqueu, “do Céu virão socorro e ajuda para os judeus, e eles serão salvos; porém você morrerá, e a família do seu pai desaparecerá” (Et 4:14, NTLH). Em resposta, a primeira atitude de Ester foi um chamado ao jejum e à oração (v. 16). Ela não podia se omitir. Confiante na ajuda divina, todo filho de Deus precisa ser proativo. Estamos empenhados em uma causa maior que nós mesmos, servindo a um Deus que não conhece

limites. Especialista em abrir portas fechadas, do ponto de vista humano.

Passado o período de reflexão e comunhão com Deus, Ester foi recebida pelo rei. E brilhou, deixando-se usar por Deus! O Senhor agiu e livrou Seu povo. É provável que você esteja diante de uma das encruzilhadas que a vida impõe. Não entende a razão pela qual chegou até aí nem sabe que direção deve tomar. Talvez o caminho lhe pareça escuro, e a confusão domine sua mente. Esse é o momento de orar, jejuar, entregar tudo a Deus e esperar em serena confiança a manifestação de Sua providência.

Junho

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sáb

1 2 3 4 5 6

7 8 9 10 11 12 13

14 15 16 17 18 19 20

21 22 23 24 25 26 27

28 29 30

A grande tragédia

Ele lhe respondeu: Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal? Jó 2:10

Harmonizar a existência do sofrimento com a realidade do amoroso caráter de Deus é o maior e, talvez, o mais antigo dilema da mente humana. Em busca de resposta, muitas pessoas mergulham em especulações insensatas que resultam em dúvida e descrença. Com o pensamento voltado à busca do prazer nascido da satisfação de alguma necessidade e da ausência do sofrimento, Epicuro, filósofo grego, não entendia o que lhe parecia ser a inércia de Deus diante do sofrimento humano. A ele é atribuída uma mostra de descrença e irreverência em uma argumentação na qual questiona o poder, a bondade e a existência de Deus.

De fato, não podemos entender plenamente todas as nuances do sofrimento, mas podemos ter um lampejo de compreensão a seu respeito, quando o observamos à luz do conflito entre Deus e Satanás. Desde que foi expulso do Céu, o arqui-inimigo tem se empenhado em ferir os filhos de Deus, na tentativa de denegrir o caráter do Criador, pintando-O como injusto, tirano e contraditório, acusando-O de ser um governante justiceiro. “Foi para remover essa sombra escura e revelar ao mundo o infinito amor de Deus que Jesus veio viver com a humanidade” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 10).

Se o sofrimento continua a magoar os filhos de Deus, não é por causa de inércia, conivência ou impotência da parte Dele. O Pai tolera, ou permite sem apoiar, as ações do adversário para que, observando seus feitos, livremente entendamos que Ele é amor, e Satanás é o grande facínora do Universo. Então podemos decidir livremente servir a Ele por amor, em qualquer circunstância, à semelhança de Jó. Como se não lhe bastassem as perdas sofridas, encontrou na vacilante esposa uma censura à integridade e confiança demonstradas. Entretanto, embora frágil, ferido de chagas, não podendo divisar uma reviravolta positiva naquela condição, ele manteve a confiança inabalável e

respondeu: “Falas como qualquer doida.”

Deus é real e está empenhado em nosso bem-estar. Por mais cruel que seja o sofrimento com todas as suas perdas, a maior tragédia é sempre deixar de confiar Nele e não crer em Seu amor. Levemos a Ele as cargas que nos oprimem, enquanto aguardamos o momento em que, “desde o minúsculo átomo até o maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeita alegria, declarar[ão] que Deus é amor” (Ellen White, *O Grande Conflito*, p. 678).

A segunda chance

Ele, antes, te foi inútil; atualmente, porém, é útil, a ti e a mim. Filemom 11

Quando criança, Albert Einstein tinha dificuldade com algumas matérias na escola. Sua família, inclusive, acreditava que ele pudesse ter dislexia. Após concluir os estudos na Escola Politécnica Federal, em Zurique, ele ficou um tempo desempregado, tendo que se manter ministrando ocasionalmente aulas particulares. Poucos anos depois, revolucionou a Física com sua teoria da relatividade.

Thomas Edison frequentou a escola por pouco tempo, sendo considerado um aluno inoportuno e indisciplinado. Até o fim da vida, foi responsável por 1.093 patentes, sendo um dos maiores inventores da história. Louis Pasteur não era um aluno brilhante na escola nem mesmo na universidade, mas suas descobertas influenciaram os rumos da Química e da Medicina.

Todos nós conhecemos histórias de rejeição seguida de êxito, graças a uma segunda chance. Isso não se limita à vida intelectual ou profissional. Nesse âmbito, há pessoas que lutam com todas as forças para alcançar a superação. Entretanto, no aspecto espiritual, quando ficamos desacreditados por causa de erros cometidos, precisamos de algo fora de nós mesmos: compaixão e graça. Quantos casos considerados perdidos já foram recuperados! Graças ao Deus que é especialista em nos dar a segunda, terceira, quarta, quinta, décima... infinitas chances, enquanto não bloqueamos a voz do Espírito Santo na consciência.

Jesus Cristo fez isso com Zaqueu, Pedro, João e todos os outros discípulos que tinham seus altos e baixos, mas que se deixaram alcançar. Ellen White afirmou: “Pode haver notáveis defeitos na vida de um indivíduo; contudo, quando ele se torna um verdadeiro discípulo de Cristo, o poder da graça divina o transforma e santifica. Contemplando como em um espelho a glória do Senhor, é transformado de glória em glória, até alcançar a semelhança Daquele a quem adora (2Co 3:18)” (*Atos dos Apóstolos*, p. 559).

Onésimo trabalhava para Filemom, mas, por alguma razão lhe causou sérios prejuízos e fugiu. Filemom estava magoado. Convertido pelo trabalho de Paulo, Onésimo teve nele um intercessor por uma nova chance que, certamente, abriria o caminho à reparação que precisava ser feita.

Em seus relacionamentos, há alguém que precise de uma nova chance? Está a seu alcance dá-la ou interceder em seu favor? Não se negue. É incalculável o bem que isso causa ao beneficiado e ao benfeitor.

Estamos em boas mãos

Vi, também, um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? Apocalipse 5:2

Em visão, o apóstolo João foi levado à sala do trono, o centro de controle do Universo. Ele conta o que viu: “Vi, na mão direita Daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos” (Ap 5:1). Naqueles dias, os livros eram rolos. Se estivessem selados à semelhança do que foi mostrado a João seriam um testamento, um mandato legal. Escrito por dentro e por fora, era uma base celestial de dados com toda informação necessária para executar o plano da redenção. João percebeu que a abertura daquele livro significava salvação, portanto deveria ser aberto. Mas por quem? Essa foi a pergunta do anjo.

A resposta veio de um dos anciãos: “Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e seus sete selos” (v. 5). Cristo foi achado digno de abrir o livro. Ele é o Leão da tribo de Judá. “O Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1:29). O Messias sofredor, que deu a própria vida como oferta pelo pecado de muitos, o único qualificado para aceitar o desafio de abrir aquele tratado sobre a redenção.

Como nosso Redentor, Jesus tomou nosso caso em Suas mãos como se fosse Dele mesmo. Viveu, sofreu, morreu, ressuscitou e venceu! Tirou-nos das garras do adversário. “Tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público triunfando sobre eles na cruz” (Cl 2:15, NVI). Seu propósito é nos levar ao Éden celestial. Soberano e régio, é um em poder e dignidade com Aquele que está sentado no trono. É o doador da vida, autor e consumidor da fé. Comprometeu-Se a cumprir Sua responsabilidade redentora até às últimas consequências. Salvador e Senhor de todos nós, continua ativo no processo de salvação, como mediador entre Deus e o homem.

Sua missão será consumada apenas quando abrir o sétimo selo. Esse é o objetivo final da História. Então, o drama do pecado estará

terminado. O mal não subsistirá para sempre. O paraíso restaurado será entregue de novo a Seu criador. Pela graça divina, nós o habitaremos conforme o plano de Deus. Não foi sem significado que o profeta presenciou a explosão de louvor “Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro” (Ap 5:13).

Alegre-se! Nosso passado, presente e futuro foram colocados nas mãos de Jesus. Se nos colocarmos nelas, estaremos no melhor lugar.

Motivos do coração

Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento. Marcos 12:44

Construída em um período que durou 182 anos (1163-1345), a catedral de Notre-Dame, em Paris, é um dos monumentos históricos, culturais e artísticos mais conhecidos do mundo. A cada ano, recebia cerca de 13 milhões de visitantes. A riqueza artística do templo, entretanto, foi seriamente danificada por um incêndio que durou 14 horas, em 15 de abril de 2019, enquanto passava por reformas em sua estrutura.

Ainda sob o impacto da fatalidade, empresários e celebridades se mobilizaram e ofereceram doações milionárias para a recuperação da igreja. Dois dias após o incêndio, já haviam sido garantidos mais de 3 bilhões de reais. Logo surgiram críticos usando as redes sociais para questionar a pronta generosidade, lembrando as muitas regiões e pessoas extremamente necessitadas no mundo que poderiam receber semelhante atenção. O que motivou tão grande generosidade por parte daqueles doadores? Podemos supor várias razões, mas unicamente Deus conhece os verdadeiros motivos do coração.

No âmbito espiritual, sabemos muito bem que “é a motivação que dá sentido às nossas ações, deixando uma marca de vergonha ou de elevado valor moral. Não são as grandes coisas que todos os olhos veem e toda língua louva que Deus considera mais preciosas. Os pequenos deveres cumpridos com alegria, as pequenas dádivas que não são vistas por ninguém e podem parecer sem valor aos olhos humanos possuem, muitas vezes, o mais alto valor para Deus. Um coração de fé e amor é mais precioso para o Senhor do que as maiores dádivas” (*Conselhos Sobre Mordomia*, p. 175, 176).

Ao doar “tudo quanto possuía”, a viúva mencionada por Jesus exemplificou essa realidade. Ninguém faria tanto, se o coração não transbordasse amor. Dedicar a Deus apenas as sobras da fartura que se possui não tem o mesmo significado do que Lhe entregar totalmente o

pouco que se tem. Podemos ter certeza de que a fé que acompanha o amor nesse ato será recompensada pelo Pai.

Contudo, não devemos pensar que a atitude de ofertar alguma coisa a Deus esteja limitada aos dons materiais. Ele também nos disponibiliza tempo e habilidades, a própria vida, que devemos render inteiramente a Seu serviço. Lembrando sempre que, conforme assinala o *Comentário Bíblico Adventista* (v. 5, p. 710, 711), “Deus está interessado na magnitude do amor e da consagração que a dádiva representa, não em seu valor monetário.”

Funeral sem choro

Ele era da idade de trinta e dois anos quando começou a reinar e reinou oito anos em Jerusalém. E se foi sem deixar de si saudades. 2 Crônicas 21:20

Não me lembro de ter ouvido falar nem de ter assistido a alguma cerimônia fúnebre em que as faltas da pessoa falecida tivessem sido destacadas pelos oradores. Elas podem até ser amplamente conhecidas, mas o bom senso manda que se realce aspectos positivos; afinal, todo mundo tem defeitos e também virtudes. Certamente, deixamos a marca do que fazemos positivamente ou do que fazemos e que não deve ser imitado. Entretanto, é certo que ninguém quer imaginar ser mencionado em nenhuma ocasião, muito menos depois que tiver morrido, por causa dos defeitos.

A Bíblia, porém, não esconde as falhas de nenhum de seus personagens, mesmo dos mais destacados heróis, entre os quais não está o rei mencionado em nosso verso de hoje. Jeorão era filho primogênito de Josafá, reinou pouco tempo, mas deixou um histórico lamentável. Para começar, embora fosse rei e tivesse a maior parte no espólio deixado pelo pai, tão logo assumiu o reinado, de olho na herança dos irmãos, matou-os à espada. Sua esposa, Atalia, filha dos ímpios Acabe e Jezabel, mais tarde tentou acabar com a linhagem de Davi (2Cr 22:10). Jeorão rejeitou as advertências de Deus e promoveu a decadência moral e espiritual dos moradores de Jerusalém e de Judá. Finalmente, morreu acometido de uma terrível enfermidade, que deixou suas entranhas expostas.

De acordo com um costume da época, os reis, ao morrerem, eram colocados em uma sepultura especial, em um local chamado “sepulcro dos reis”. Não foi esse o caso de Jeorão. Quando morreu, não recebeu nenhuma homenagem. O povo não lhe queimou incenso, ele não foi sepultado no sepulcro dos reis, e o cronista diz a respeito dele que “se foi sem deixar de si saudades” (2Cr 21:20). Em contraste, Ezequias “foi sepultado na colina onde estão os túmulos dos descendentes de Davi.

Todo Judá e o povo de Jerusalém prestaram-lhe homenagens” (2Cr 32:33, NVI).

Não é pecaminoso desejar ser estimado, mas isso é resultado do bem que a pessoa espalha, do amor e perdão que reparte, da acolhida que oferece e do serviço prestado, com altruísmo e lealdade. Acima de tudo, é importante que sejamos conhecidos e lembrados por nossa fidelidade a Deus.

Sempre alegres?

Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos. Filipenses 4:4

Ao refletirmos sobre esse conselho de Paulo, podem surgir algumas perguntas: O que de fato o apóstolo quis dizer? Em nossa condição humana, não devemos nos permitir ficar tristes nem por um momento? É pecado nos sentir deprimidos? Acaso estariam certos aqueles que ensinam que toda oscilação nos sentimentos do cristão é falta de fé ou submissão ao controle do inimigo? Que dizer de Elias? Davi? Jó? E Cristo, ao dizer com toda transparência no Getsêmani: “A Minha alma está profundamente triste até à morte” (Mt 26:38)? Por que teria Ele chorado junto ao túmulo de Lázaro (Jo 11:35)?

De fato, a alegria é um dos componentes do fruto do Espírito. Portanto, ela não é uma disposição natural do ser humano, mas dádiva de um poder sobrenatural; é alegria “no Senhor”, como afirmou Paulo. Não se trata do extravasamento de mero prazer segundo a visão popular: superficial, impulsivo, não raro associado à satisfação de algum desejo, mas um princípio que nos confere confiança, paz, bem-estar, serenidade, esperança, apesar das circunstâncias exteriores.

O escritor francês Henri Pradel realça a superioridade da alegria plena sobre o prazer terrestre. Para ele, “a alegria é tão diferente do prazer como a joia difere do estojo que a encerra [...]. O prazer é uma satisfação mais material, enquanto a alegria é mais espiritual; o prazer é mais tumultuoso, a alegria é mais profunda. O prazer é mais passageiro; a alegria, mais difusa; o prazer, mais localizado, a alegria é mais expansiva; o prazer é cansativo, extenuante às vezes; mas a alegria é sempre revigorante, reanimadora. A alegria é um estado, ela vem do interior; o prazer nos é oferecido de fora” (*Os Lazeres: Meios de Formação*, p. 147).

Contudo, há um tipo de prazer que todos devemos sentir, e que é resultante do princípio da alegria interior: o prazer que se sobrepõe à dor. Paulo, mesmo tendo se referido ao espinho na carne que o atormentava, disse: “Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias,

nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor a Cristo. Porque quando sou fraco, então, é que sou forte” (2Co 12:10).

A confortadora maravilha a ser lembrada neste dia é que o amor de Deus, Sua onipotência e Seu infinito interesse em nossa felicidade continuam inalteráveis em tempos de prosperidade ou de angústia. Assim, podemos enfrentá-los confiantes e com alegria.

Do desespero à felicidade

As mulheres disseram a Noemi: Seja o SENHOR bendito, que não deixou, hoje, de te dar um neto que será teu resgatador, e seja afamado em Israel o nome deste. Ele será restaurador da tua vida e consolador da tua velhice, pois tua nora, que te ama o deu à luz. Rute 4:14, 15

Em setembro de 2015, a foto do corpinho morto de Aylan Kurdi em uma praia da Turquia chocou o mundo. Procedente da cidade turca de Bodrum, o bote que levava outras pessoas, incluindo a família de Aylan, dirigia-se à ilha de Kos, mas não chegou ao destino. Da família Kurdi, morreram Aylan, de três anos, seu irmão, de cinco anos, e sua mãe, de 35 anos. O pai, Abdulá, foi resgatado pela guarda costeira turca. Os passageiros do bote tentavam fugir da perseguição de extremistas islâmicos e, certamente, ampliariam o número dos cerca de 70 milhões de refugiados que, segundo a Agência das Nações Unidas para Refugiados, espalham-se pelo mundo, tentando recomeçar a vida em outros países.

Há outras razões, além de conflitos bélicos, pelas quais pessoas deixam suas origens em busca de melhores condições de sobrevivência. Pobreza e calamidades naturais estão entre elas. No Brasil, o fenômeno da seca tem empurrado muitas pessoas para centros mais desenvolvidos. Há quem obtenha êxito; mas também há quem se dê mal e retorne à terra natal.

Esse lado amargo do êxodo em busca de melhores condições de vida foi experimentado pela israelita Noemi. Por causa de uma grande seca que se abateu sobre Israel, ela deixou Belém de Judá rumo às terras de Moabe junto ao esposo, Elimeleque, e os filhos, Malon e Quiliom. Lá ficou viúva, restando-lhe a companhia dos filhos e das noras moabitas, Rute e Orfa. No entanto, os filhos também morreram; e Noemi retornou a Belém na companhia de Rute, que aceitou servir ao Deus de Israel. As palavras com que reagiu aos comentários sobre sua chegada a Belém traduzem seu desespero: “Não me chameis Noemi; chamai-me Mara, porque grande amargura me tem dado o Todo-

Poderoso. Ditoso eu parti, porém o SENHOR me fez voltar pobre” (Rt 1:20, 21).

Graças à providência de Deus, Rute foi colher espigas nos campos de Boaz, um parente do esposo de Noemi. Ambos se apaixonaram, casaram-se e, desse relacionamento, nasceu Obede que se tornou pai de Jessé, portanto, avô de Davi e ancestral de Jesus Cristo. O que mais Noemi poderia ter desejado? A esperança e a realização pessoal foram resgatadas em seu coração, uma bênção do Deus que nos conduz, mesmo quando sentimos o peso do mundo desabando sobre nós.

O estrangeiro ungido

Eu sou o SENHOR, e não há nenhum outro; além de Mim não há Deus; Eu te cingirei, ainda que não me conheces. Isaías 45:5

A Bíblia está repleta de afirmações a respeito da soberania de Deus em relação a outros deuses e aos grandes da Terra. Muitas delas estão no livro de Isaías: “Quem pode conhecer a mente do SENHOR? Quem é capaz de Lhe dar conselhos? Quem Lhe deu lições ou ensinamentos? Quem Lhe ensinou a julgar com justiça ou quis fazê-Lo aprender mais coisas ou procurou Lhe mostrar como ser sábio? Para o SENHOR, todas as nações do mundo são como uma gota de água num balde, como um grão de poeira na balança [...]. É Ele quem rebaixa reis poderosos e tira altas autoridades do poder” (Is 40:13-15, 23, NTLH). “Antes de Mim deus nenhum se formou, e depois de Mim nenhum haverá. Eu, Eu sou o SENHOR, e fora de Mim não há Salvador” (Is 43:10, 11). Sendo também um Deus com senso de humor, diante das vãs pretensões de soberania dos governantes terrestres, “do Seu trono nos Céus o Senhor põe-Se a rir e caçoa deles” (Sl 2:4, NVI).

Assim, Ele tem o controle da História. Não um controle autoritário, mas exercido em amor, graça e misericórdia em favor de Seus filhos. Com esse propósito, utiliza meios inimagináveis pelo ser humano. Homens que se orgulham de sua esperteza política, inteligência administrativa, engenhosidade nos negócios, sem que o saibam, acabarão cumprindo os desígnios de Deus na história humana.

Em Isaías 45, o Senhor afirma que usaria Ciro, do império medopersa, como instrumento por meio do qual os israelitas seriam libertados do cativeiro babilônico. O monarca, embora estrangeiro, é referido como sendo “pastor” (Is 44:28) e “ungido” (45:1) do Senhor. Conferida a reis e sumo sacerdotes, separados para uma função sagrada de acordo com um propósito divino, a unção do Senhor levaria Ciro a executar a tarefa libertadora que lhe fora confiada. No centro da atenção de Deus estava Seu povo. Por amor a ele foi que o Senhor dirigiu a estratégia de libertação, dando ao estrangeiro escolhido um

“título de honra” (v. 4, NVI), mesmo que não houvesse reconhecimento disso. Não pela capacidade ou destreza militar de Ciro, mas por amor a Israel, Deus o fortaleceria na tarefa, embora isso não fosse admitido.

Não se surpreenda com os meios ou instrumentos humanos utilizados por Deus para tirar você das dificuldades da vida. Ele enviará socorro, mesmo que você não reconheça a origem dele ou sequer o perceba. Um dia, você e eu teremos situações desvendadas, hoje imperceptíveis, das quais fomos livrados.

A minoria que faz diferença

Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. Apocalipse 14:12

A incoerência na postura ideológica e a frouxidão moral que caracteriza muitos líderes de organizações seculares em todo o mundo têm produzido resultados negativos. Esse comportamento lamentável gera uma desconfiança generalizada nas instituições e respectivas lideranças, afetando, de certo modo, o mundo religioso.

Nesse ambiente, a crise de credibilidade fez surgir o que se convencionou chamar de pós-denominacionalismo. Esse termo identifica um tempo em que muitas pessoas já não parecem propensas a manifestar lealdade irrestrita a uma organização religiosa. Infelizmente, há em algumas denominações pessoas que não mantêm o discurso entre teoria e prática afinado, em meio à espantosa discrepância de suas crenças oficiais em relação ao que diz a Palavra de Deus. No entanto, o Senhor espera contar com um povo que faça diferença: um remanescente que se mantenha fiel a Cristo e aos mandamentos divinos.

Do ponto de vista bíblico, esse remanescente é constituído de herdeiros espirituais do conhecimento das verdades divinas e da responsabilidade missionária ligada a esse conhecimento. Ou seja, ele deve “[proclamar] as virtudes Daquele que” o chamou (1Pe 2:9). Sempre foi assim, desde os dias do Antigo Testamento, onde o remanescente é identificado como uma minoria que fez diferença, sobrevivendo a apostasias e calamidades (2Cr 30:6; Is 10:20-22; Ez 6:8, 9; 14:22; Jr 42:2), permanecendo leal a Deus. Esse é Seu povo escolhido, não por virtude ou méritos próprios, mas sob o fundamento da graça.

A diferença deve ser vista por todos, embora não devamos ter a ilusão de que o mundo a receba sem forte oposição. Anima-nos, porém, a certeza de que o povo de Deus não sucumbirá aos ataques do inimigo. Embora maltratado e combatido, seu triunfo é certo. A grande

pergunta que deve ser feita é: Venceremos, você e eu, com ele? A vitória da igreja é resultado da vitória de seus membros. Ela é composta de indivíduos. Não nascemos nem morremos coletivamente. A escolha e a entrega pessoal determinam a questão.

A multidão vitoriosa descrita pelo apóstolo João (Ap 7:9-15) é composta de pessoas que renunciaram a si mesmas, banharam-se na graça de Cristo e venceram o orgulho e os motivos obscuros. Sua vestidura branca revela pureza de caráter que, na Terra, fez diferença. Pela graça divina, devemos fazer parte dessa multidão.

Na rota do crescimento

Sabe, pois, no teu coração, que, como um homem disciplina a seu filho, assim te disciplina o Senhor, teu Deus. Deuteronômio 8:5

Não faz muito tempo, assisti a uma entrevista na qual um psicólogo comentava o comportamento de alguns pais. Tendo vencido na vida em meio a muitas lutas, privação de vontades e desejos materiais, preocupam-se em poupar os filhos de experiências difíceis. Apesar disso, reconhecem que o áspero caminho trilhado os amadureceu. Evidentemente, nenhum pai negará a um filho a satisfação de alguma necessidade básica que não lhe foi possível desfrutar; muito menos negará ajuda para facilitar o caminho do filho. Mas parece mesmo um paradoxo que justamente as experiências pelas quais adquiriram maturidade, e às quais eles atribuem grande parte da vitória, sejam o que desejam evitar para os filhos.

Onisciente e amoroso como é, Deus não poupa Seus filhos da aquisição de maturidade espiritual por meio da disciplina. Por isso, somos provados e não devemos desanimar, mas agradecer. As circunstâncias da vida são meios pelos quais Ele Se manifesta a cada um de nós, e precisamos nos tornar submissos para que tiremos delas o máximo aprendizado. Tanto quanto o desenvolvimento físico, a fé se fortalece e amadurece pelo exercício. “Deus [...] nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes de Sua santidade” (Hb 12:10).

A cultura de nossos dias tende, porém, a olhar com desconfiança a disciplina, incriminando-a como responsável pelos desvios na formação de uma personalidade sadia. Ao lado disso, sabendo que a utilização errônea da disciplina é muitas vezes associada a agressões insensíveis, algumas pessoas também aprenderam a rejeitá-la. Entretanto, a própria etimologia da palavra ilumina a abrangência de seu significado.

Tendo a mesma raiz da palavra “discípulo”, o termo “disciplina” contém a ideia de discipular, ensinar ou aprender a fazer alguma coisa

e como fazê-la. Quem é disciplinado aprende a fazer o que, por alguma razão, não fazia ou negligenciou fazer. Por essa razão, o caminho da graça não tem atalhos para a falta de disciplina.

Em direção à terra prometida, Moisés lembrou os israelitas das maravilhas realizadas em favor deles. Contudo, além das necessidades materiais atendidas, eles precisavam se lembrar de que o amor do Pai também seria revelado em Suas ações disciplinares. Resistir a essa verdade é desprezar si mesmo (Pv 15:32). Aceitá-la é ser feliz (Sl 94:12).

Encontro de mestres

Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. João 3:3

Geralmente, desenvolvemos a tendência de julgar com certa desconfiança pessoas que demoram a tomar decisões. Admiramos líderes e selecionamos auxiliares que são resolutos, característica fundamental em diferentes momentos da vida. No campo espiritual, talvez não devêssemos ser tão apressados em julgar os hesitantes. Há riscos para quem hesita: a consciência pode cauterizar, o primeiro amor pode ser perdido ou mesmo a morte pode surpreender. No entanto, o Senhor, conhecedor dos motivos do coração, não está alheio às lutas que o ser humano trava no íntimo contra variadas circunstâncias.

A experiência de Nicodemos exemplifica esses pensamentos. Mestre entre os judeus, estudioso das Escrituras e membro do Sinédrio, ele se sentiu atraído pelos ensinamentos de Jesus, a quem procurou escondido pelas sombras do preconceito, do receio e das tradições. Cristo foi claro: acima da cultura, do conhecimento da doutrina, da posição social e política, dos títulos e prestígio, ele necessitava nascer de novo, tornar-se nova criatura.

Desde então, nada ouvimos a respeito dele até que rompeu o silêncio em defesa de Jesus, cuja morte estava sendo tramada pelos membros do Sinédrio (Jo 7:50). Nicodemos acreditava em Jesus como o Messias, mas sobrava nele hesitação e faltava determinação para confessá-Lo publicamente. Um novo silêncio o envolveu até que o vemos no Calvário diante do Cristo crucificado. Não havia mais nenhuma razão para hesitar, e a decisão foi expressa no oferecimento de um túmulo para o Salvador.

Dispondo-se a cuidar do corpo morto de Jesus, Nicodemos revelou seu amor por Aquele cuja vida e ensinamentos arrebataram multidões (Jo 7:46). Paradoxalmente, quando tudo pareceu perdido, sob a sombra da natureza enlutada, a visão de Nicodemos ficou mais clara. Mais do que

simplesmente ver e ouvir, ele conheceu Jesus.

A vida de Nicodemos nos ensina que o caminho para a vida eterna é “dinâmico, um caminhar incessante de alguém com alguém, para alguém, no qual ambos vão se conhecendo cada vez mais, aceitando-se cada vez mais, entrosando-se cada vez mais, optando um pelo outro a tudo mais, onde aquele que não é amor vai alterando progressivamente sua vida, por amor Àquele que é amor, que veio do amor, e para o amor voltou” (João Mohana, *O Encontro*, p. 131). Essa é a trilha da salvação e da santificação pela fé em Cristo Jesus.

O desafio da integridade

A quem defraudei? A quem oprimi? Das mãos de quem aceitei suborno? [...] Então, responderam: Em nada nos defraudaste, nem nos oprimiste, nem tomaste coisa alguma das mãos de ninguém. 1 Samuel 12:3, 4

Último juiz de Israel, o profeta Samuel foi homem de profunda piedade e discernimento espiritual, identificado com os interesses de Deus, empenhando-se em promovê-los entre o povo escolhido. Não sendo da linhagem de Arão, substituiu Eli como sacerdote. Dirigiu Israel em momentos de crise, estabeleceu escolas de profetas e foi amado pelo povo, mas o mandato chegou ao fim. Não por desígnio de Deus, mas porque Ele permitiu que o povo experimentasse o que insistentemente pediu: “Dá-nos um rei, para que nos governe” (1Sm 8:6). Assim, Saul foi escolhido como primeiro rei da nação. Samuel, durante sua despedida, proferiu com autoridade incomum as palavras do verso de hoje.

Atualmente, quem poderia se dirigir à nação, repetindo as perguntas de Samuel? Acaso, poderiam os líderes religiosos e cristãos fazê-lo? Como o mundo está necessitado de líderes e pessoas assim! A virtude da integridade nos remete à coerência entre o interior e o exterior, a crença e a conduta, as palavras e as ações, a teoria e a prática. Nas palavras de Ellen White, “devemos ter fibra moral, uma integridade que não ceda à lisonja, nem à corrupção, nem às ameaças” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 498).

A integridade de Samuel podia ser vista em cada aspecto de sua vida. Seu compromisso com Deus determinava sua consideração pelos bens pessoais, negócios, bem como o tratamento dispensado ao próximo. Era responsável e transparente, o que lhe dava credenciais para se expor ao julgamento das pessoas.

Paulo incentivou Timóteo a imitar exemplo semelhante ao de Samuel: “torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza”; “segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância e a mansidão” (1Tm 4:12; 6:11). O mesmo princípio está

presente nas instruções aos tessalonicenses: “E o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 5:23).

Que nosso compromisso com a vida de integridade em Cristo seja visto pelas pessoas com as quais nos relacionamos! O mundo precisa disso. É no relacionamento com Ele, permitindo-Lhe viver em nós a vida Dele mesmo, que recebemos graça e poder para crescermos nessa experiência.

Permanência incondicional

Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu, nele, esse dará muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer. João 15:5

O símbolo da videira não era estranho aos ouvintes de Cristo. Escritores do Antigo Testamento fizeram várias referências a ele, relacionando-o com Israel. Como vinha plantada em uma “colina fértil”, Israel devia produzir bons frutos em favor Daquele que o escolheu como Seu povo. Entretanto, a nação falhou, e Deus, que “esperava justiça”, viu “derramamento de sangue; esperava retidão, mas ouviu gritos de aflição” (Is 5:1-7). E lamentou: “Eu mesmo te plantei como vide excelente [...]; como, pois, te tornaste para Mim uma planta degenerada, como de vide brava?” (Jr 2:21). O simbolismo também ecoa nos evangelhos, em parábolas (Mt 20:1-16; 21:28-31, 33-41; Mc 12:1-12; Lc 13:6-9). Além disso, está nas palavras de Paulo aos romanos, a respeito dos ramos enxertados em lugar dos que não produziram frutos (Rm 11).

Em João 15, Jesus é identificado como sendo a “videira verdadeira” (v. 1), da qual somos os ramos. Isso significa que somos parte Dele. O simbolismo da videira e dos ramos implica que estamos em Cristo, unidos a Ele. Entre Cristo e Seus filhos há um vínculo de comunhão, amor e vida. A figura também nos ensina que, estando Nele, somos o Israel espiritual de Deus e devemos produzir os frutos missionários e espirituais que aquela nação falhou em produzir.

Não podemos frutificar à parte de Cristo, assim como o ramo não frutifica nem sobrevive à parte do tronco do qual recebe a seiva que o mantém vivo. De fato, os frutos que produzimos são aqueles que Jesus produz por nosso intermédio. Foi isso que Paulo disse aos gálatas: “Cristo vive em mim” (Gl 2:20). A permanência em Cristo é essencial, pois envolve estar continuamente Nele.

O bispo anglicano Richard Trench mencionou que “é paupérrima e inadequada aquela interpretação que faz as palavras ‘sem Mim’ significarem ‘você não podem fazer coisa alguma, enquanto não

estiverem em Mim e não tiverem a Minha graça'. Pelo contrário, o sentido dessas palavras é: 'Mesmo depois de estarem em Mim, nada podem fazer a menos que extraiam de Mim a vida e a força. [...] Do princípio ao fim sou Eu quem deve operar em vocês e através de vocês" (Russell N. Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, v. 2, p. 541).

Permaneçamos em Jesus hoje, aonde formos, para o que quer que façamos ou deixemos de fazer. A consciência de Seu amor e de Sua graça em nós é o ingrediente indispensável à nossa força espiritual.

Idolatria ontem e hoje

Não terás outros deuses diante de Mim. Êxodo 20:3

Em sua essência, a questão primordial do grande conflito entre Deus e Satanás é adoração. A quem, afinal, renderemos culto? A qual soberania alegremente nos entregaremos? À de Deus? À dos homens? À da nossa vontade? Considerando que nessa guerra não existe neutralidade, a submissão a qualquer coisa que contrarie o querer de Deus coloca o ser humano no terreno contrário a Ele.

No primeiro mandamento do Decálogo, Deus estabelece o alicerce dos mandamentos seguintes, ao declarar Sua soberania e singularidade: “Não terás outros deuses diante de Mim.” Isso era tão necessário aos ouvintes daquele tempo como o é agora, quando deuses modernos em várias formas tentam disputar com Deus a primazia em nosso coração.

Sendo Ele o único e verdadeiro Deus, requer lealdade absoluta de todos quantos O aceitam como Senhor. A mera crença em Sua existência não basta; muito menos a afirmação de fé superficial. Devemos a Ele absoluta e total lealdade, entrega de todo nosso coração, sem reservas. Nossas perspectivas de vida, nossos pensamentos, sentimentos, projetos e ideais, nosso querer e efetuar, nossos valores e motivos devem nascer Dele e ser dirigidos por Ele. Honrá-Lo em todos os caminhos precisa ser nossa primeira ocupação.

Qualquer atitude ou modo de conduta que destoe disso, induzindo-nos à veneração do próprio eu por meio da satisfação egoísta da vontade, pode resultar em idolatria. Nenhum ser, nenhuma coisa deve ter espaço em nossa mente e em nosso coração rivalizando com o Deus criador. Por isso temos este lembrete: “[Deus] proíbe ao ser humano conferir a qualquer objeto o primeiro lugar em suas afeições ou serviço. Qualquer coisa que valorizemos, que tenda a minimizar nosso amor a Deus ou venha a interferir no culto que deve ser prestado somente a Ele, torna-se um deus para nós” (Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, p. 305). É perigoso depender de alguma coisa ou

pessoa. Deus deve estar sempre em primeiro lugar.

Para muitos de nós, nem sempre tem sido fácil lutar contra as seduições do mundo nesta era tão materialista. É mais fácil confiar no que é visível e temporal. Isso pode nos levar a quebrar o princípio do primeiro mandamento, em nome de alguma conveniência ou comodidade. Felizmente, não precisamos ser escravos da idolatria. Ela pode ser vencida mediante o poder de Cristo operando em nós.

Sob o sangue

Passem, então, um pouco do sangue nas laterais e nas vigas superiores das portas das casas nas quais vocês comerão o animal. Êxodo 12:7, NVI

A única solução para o pecado na vida do ser humano é a misericórdia divina manifestada em seu favor. A instituição da Páscoa ilustrou a realidade da graça, tendo como protagonista o cordeiro morto que imprimia na mente dos israelitas o ponto máximo do plano da redenção: a morte do Cordeiro de Deus, Cristo Jesus, cujo sangue libertaria plenamente da escravidão do pecado.

A aceitação, pela fé, do sangue de Cristo nos traz proteção ainda hoje. Foi assim na Páscoa. O anjo da morte passaria pelo Egito, mas poupava as casas marcadas pelo sangue. Isso envolve proteção, mesmo na hora do juízo divino. O anjo não levava nada mais em consideração, apenas a marca do sangue. Por sua vez, a casa que não estivesse marcada seria atingida com morte de seus primogênitos. Isso ilustra a realidade de que somos protegidos da condenação somente pelo sangue de Cristo. Por meio de Seu sacrifício, Ele pagou o preço de nossa redenção. Estamos protegidos sempre que clamamos o poder de Seu sangue.

Israel era salvo pelo sacrifício do cordeiro, o melhor e mais perfeito que houvesse. Atrás dos umbrais sinalizados pelo sangue, as famílias israelitas celebravam o cordeiro morto em substituição a cada membro. Isso transmitia o significado de que eu e você devíamos morrer, mas Jesus tomou nosso lugar, substituindo-nos individualmente no recebimento do castigo pelo pecado.

Além do cordeiro, a refeição pascal também era composta de ervas amargas (v. 8) e pão sem fermento (v. 8, 19, 20). As ervas amargas simbolizavam as tristes lembranças da escravidão. “O pão sem fermento representava a libertação do pecado por meio Daquele que é o pão da vida” (*Comentário Bíblico Adventista*, v. 1, p. 675). Portanto, alegre-se! Agradeça! Qualquer que tenha sido seu passado, ele é perdoado e esquecido, e um novo estilo de vida tem lugar em você.

Ninguém é tão vil que não possa ser lavado, nenhuma vida é tão degradada que não possa ser feita nova, graças ao poder do sangue de Jesus. Como nosso Mediador, Ele oferece o próprio sangue em nosso benefício, podendo nos restaurar completamente.

É-nos dito que “o sangue de Cristo [...] purificará a nossa consciência de atos que levam à morte, para que sirvamos ao Deus vivo” (Hb 9:14). Assim, o sangue de Jesus nos purifica, para que vivamos à altura de Seu reino.

Lições de uma tempestade

E, não aparecendo, havia já alguns dias, nem sol nem estrelas, caindo sobre nós grande tempestade, dissipou-se, afinal, toda a esperança de salvamento. Atos 27:20

Acusado de sedição e profanação, Paulo foi preso e, depois, enviado por navio para Roma, onde seria apresentado a César. Estava sob os cuidados do centurião Júlio e acompanhado de outros prisioneiros. Por causa da saúde debilitada do apóstolo, Lucas, o médico amado, também o acompanhava, assim como Aristarco, seu companheiro de prisão.

Essa não era a condição em que Paulo pretendia visitar Roma, porém Deus esteve com ele durante o trajeto, manifestando Seu poder diante de gentios e pagãos. O próprio apóstolo reconheceu isso em suas palavras de ânimo dirigidas aos companheiros de viagem: “Porque, esta mesma noite, um anjo de Deus, de quem eu sou e sirvo, esteve comigo, dizendo: ‘Paulo, não temas! [...] Deus, por Sua graça, te deu todos quantos navegam contigo’” (At 27:23, 24). Durante o trajeto, sobreveio uma grande tempestade narrada por Lucas com riqueza de detalhes. Tão forte, que Paulo sugeriu parar a viagem e aguardar o bom tempo, no que foi ignorado pelo comandante.

Mais tarde, esse conselho se provou sábio. Depois de algum tempo, amenizadas as condições adversas, desencadeou-se o tufão Euroaquilão, um vento oriental responsável por provocar ondas gigantescas, tão fortes que se tornou impossível manter a embarcação na rota pretendida. Sendo obrigados a cessar as manobras e deixar o barco navegar na direção sudeste, entraram no mar aberto.

Ao desespero reinante na viagem, o apóstolo contrapôs a certeza de que Deus preservaria a vida de todos, conforme prometera. Contudo, não faltaram novas dificuldades, incluindo ameaça de morte aos presos, forçando o desembarque dos 276 tripulantes e passageiros, que chegaram a salvo em terra firme. A atitude de oração geradora de paz interior dos servos de Deus contrastava com o desespero dos demais

viajantes. Esse testemunho alcançou alguns deles.

Haverá tempestades em nossa vida, e a sabedoria humana é insuficiente para operar livramento. Se Deus for ignorado, o escape será, no mínimo, sofrido; isso se não acabarmos à deriva ou afundarmos. Essas tempestades mandam avisos, ventos frios sopram em nossa direção. Quando elas rugirem, precisamos dar ouvidos à voz do Senhor. Deus nos livrará dos perigos e nos fará instrumentos para glorificação de Seu nome. Esse é o momento de aportarmos em algum lugar para ouvir o que Ele tem a nos dizer.

Perdoe-se

Tornará a ter compaixão de nós; pisará aos pés as nossas iniquidades e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar. Miquéias 7:19

Observando a mãe em seus últimos dias de vida, certa jovem disse com um suspiro e confortadora esperança: “Espero que ela finalmente tenha encontrado a paz. Afinal, ela nunca se perdoou pelos erros cometidos na juventude.” Isso, mesmo tendo aceitado Cristo como Salvador, firmado seu compromisso com Ele por meio do batismo e se dedicado com afincos à promoção do evangelho. Acredito que mais pessoas do que podemos imaginar enfrentam secretamente esse dilema. Teria ele contribuído para a grave enfermidade que acometera aquela cristã?

O fardo de não perdoar a si mesmo, que muitos se impõem, é demasiadamente pesado. De acordo com psicólogos, ele reserva em seu interior sentimentos de vergonha, humilhação, baixa autoestima e culpa, com suas consequências emocionais, espirituais e físicas. As sugestões para superar tal dilema variam entre a independência da aprovação alheia, conscientização da própria imperfeição, luta contra pensamentos de condenação e autopiedade, desenvolvimento da mentalidade de aprendizado com os erros, entre outras coisas.

À parte da psicologia, existe um atalho que leva à paz almejada pelo arrependido pecador. Aos que sofrem com a dificuldade em se perdoar, Ellen White sugeriu o seguinte caminho: “Não espere sentir que você está curado, mas diga: ‘Eu creio, e assim é, não porque eu o sinta, mas porque Deus prometeu.’ [...] É nesse ponto que milhares fracassam; não creem que Jesus lhes perdoa pessoalmente e de forma individual. Não põem à prova o que Deus diz. [...] Força e graça foram dadas por meio de Cristo para serem levadas por anjos ministradores a todo aquele que crê. Ninguém é tão pecador que não possa encontrar força, pureza e justiça em Jesus, que por todos morreu. Ele deseja livrar os pecadores de suas vestes manchadas e poluídas pelo pecado, e vestir neles as vestes brancas da justiça. Ele insiste para que vivam, e não

morram” (*Caminho a Cristo*, p. 51-53).

Nos dias de Miquéias, consciente de suas transgressões contra Deus, o povo as confessou na confiança de que Ele o perdoaria. É claro que o Senhor cumpriria Suas promessas, caso se arrependessem dos pecados cometidos e os abandonassem. E, quando Deus perdoa nosso pecado, o Senhor espera que o entreguemos totalmente para que Ele o lance figuradamente nas profundezas do mar, não mais o trazendo à tona e nos causando sofrimento. A graça não faz o trabalho pela metade. Fique em paz.

A viagem é longa

Voltou segunda vez o anjo do SENHOR, tocou-o e lhe disse: Levanta-te e come, porque o caminho te será sobremodo longo. 1 Reis 19:7

É possível que você tenha vivido situações nas quais pensou ter chegado ao limite de suas forças emocionais. Talvez, tenha-se imaginado trilhando um caminho ou fazendo uma viagem sem perspectivas de chegada a um destino seguro. Pensou em retroceder ou desistir, cansado de lutar e andar em círculos. Mas você se lembrou de que não é a única pessoa a lutar com esses sentimentos e que os heróis da Bíblia também os tiveram. Um desses heróis foi Elias.

Depois de desafiar e vencer pelo poder de Deus os profetas e adoradores de Baal no monte Carmelo, a chuva voltou a abençoar o solo israelita. Mas Elias mais uma vez foi alvo da ira de Jezabel. Conhecedora dos feitos do profeta, ela prometeu matá-lo em 24 horas. Temeroso, Elias deixou seu servo assistente, dirigiu-se ao deserto, caminhou solitário durante um dia e, finalmente, exausto e faminto, sentou-se à sombra de uma árvore, pedindo a morte. Precisamos ter em mente que, apesar de ser um homem de Deus, Elias era semelhante a cada um de nós (Tg 5:17). Isso nos diz que, diante das provas, não devemos nos sentir descartados dos planos do Senhor.

Aliás, a experiência de Charles Spurgeon sugere que não apenas diante das provas, mas diante de desafios positivos, podemos sentir nossa nulidade e ainda ser usados por Deus. Ele confessou: “Os momentos mais favoráveis aos ataques de depressão, até onde experimentei, podem ser resumidos em poucas linhas. O primeiro é o momento do grande sucesso. [...] Excesso de alegria ou excitação leva a uma subsequente depressão. Durante a prova, a força é igual à necessidade; mas quando ela termina, a fraqueza natural clama pelo direito de se mostrar. [...] Antes de qualquer grande feito, algum grau de depressão é bastante comum. Essa foi minha experiência em meu primeiro pastorado em Londres. [...] Quem era eu para liderar tamanha multidão?” (em Charles Swindoll, *Elias, Um Homem de*

Heroísmo e Humildade, p. 134, 135). Spurgeon, porém, foi grandemente usado por Deus.

Foi no ponto máximo de abatimento que o anjo do Senhor apareceu a Elias, mas não para recriminá-lo. Proveu suas necessidades e o animou a prosseguir. Ainda não era o fim. Havia mais a ser feito, e ele tinha lugar no plano divino. Caso sejamos surpreendidos hoje vivendo a mesma experiência de Elias, tenhamos em mente que isso não precisa representar o fim de nossa história. Deus ainda conta com você e comigo. Ele nos erguerá.

Em busca da Palavra

Jeremias foi trazido ao palácio. E, secretamente, o rei lhe perguntou: ‘Há alguma palavra do SENHOR?’” Jeremias 37:17, NVI

Neste fim de semana, pessoas se dirigirão aos locais de culto. Muitas, cansadas física e emocionalmente pelos embates diários. Outras tantas carregando individualmente seu fardo de problemas variados: saúde, crises familiares, desafios à fé, dúvidas, dificuldades financeiras, desvios morais, entre outros. Todas estão em busca de um encontro com Deus e desejosas de ouvir Sua voz; uma mensagem que satisfaça os profundos desejos e necessidades do ser.

Algumas serão plenamente satisfeitas ao receberem a porção certa da Palavra do Senhor, outras sairão vazias, e ainda outras receberão paliativos que parecerão preencher o vazio. Passado o efeito, porém, voltarão ao mesmo lugar onde estavam, lutando com as mesmas dificuldades. O problema é que algumas se deixam envolver de tal maneira com esses paliativos, que não percebem o perigo de se imaginarem satisfeitas com mensagens vazias, monótonas, recheadas de anedotas, filosofias humanas e repetição de notícias veiculadas pela mídia. Há necessidade de se buscar a palavra viva e eficaz, a exemplo dos antigos bereanos (At 17:11).

Caso seja você pregador ou pregadora, não se esqueça de que nesse ponto reside uma responsabilidade crucial. Como vaso do qual Deus transborda, você é um conduto através do qual o fluxo do Espírito Santo é percebido. Ao se colocar atrás do púlpito, deve se apresentar humilde, sem pretensões humanas, com prontidão para responder à pergunta silenciosa que é o pulsar dos corações à sua frente: “Há alguma palavra do Senhor?” Para o autor da pergunta, o rei Zedequias, havia sim. E não era uma palavra que o embalasse em sua zona de conforto. Jeremias, o profeta questionado, respondeu: “Há. [...] Nas mãos do rei da Babilônia serás entregue” (v. 18). Algumas vezes, receberemos mensagens que parecerão amargas a princípio; porém, depois revelarão sua doçura para a vida.

Se uma mensagem assim for entregue a você amanhã, não a rejeite. Deus repreende e disciplina a todos quantos Ele ama (Ap 3:19). Essa é uma forma de manter você cada vez mais perto Dele. Seja você, pregador ou pregadora, fiel ao dever de proclamar ânimo, esperança e paz, mas também de advertir e corrigir “com longanimidade e doutrina” (2Tm 4:2). Os ouvintes sinceros agradecerão. Assim, a palavra será para todos o que foi também para Jeremias: alegria e júbilo para o coração (Jr 15:16).

Do monte para a multidão

Então Pedro, tomando a palavra, disse: Mestre, bom é estarmos aqui e que façamos três tendas: uma será Tua, outra para Moisés, e outra, para Elias.
Marcos 9:5

A prioridade da adoração na experiência do crente e nas atividades da igreja é incontestável. Sem ela, deixamos de receber a inspiração necessária para a vida. Mas isso não significa que seus membros devam se fechar entre quatro paredes e ignorar a necessidade que o mundo a seu redor tem, conscientemente ou não, da presença e atuação deles. A igreja não deve ser imaginada como uma comunidade que se limita a louvar, orar e meditar. Afinal, “Deus não espera que nos tornemos eremitas ou monges e que nos isolemos do mundo a fim de nos tornar interessados em atos de adoração. Nossa vida deve ser igual à de Cristo, nos dividindo entre o monte da oração e o contato com as multidões. Aquele que nada faz além de orar em breve abandonará essa prática” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 100).

Na experiência de adoração, o crente humilde, agradecido, disposto a obedecer e servir se inclina diante do Altíssimo e Supremo Deus. Nessa interação, somos inspirados, motivados e capacitados a agir, de onde concluímos que a adoração genuína é o grande propulsor do envolvimento missionário dos cristãos na comunidade ao redor. A congregação genuinamente adoradora se lança ao mar da humanidade, dividida entre o monte e o contato com as multidões, buscando por todos os meios atraí-las para o reino de Cristo. Somente o verdadeiro encontro com Deus nos fará sair do templo e causar impacto transformador nas pessoas com as quais interagimos.

Necessitamos ter em mente essa realidade, assim como Pedro, no monte da Transfiguração, necessitou entender os resultados de haver contemplado literalmente a glória de Cristo. Maravilhado, sem saber o que dizer, sugeriu que todos os participantes daquele memorável instante permanecessem acampados em tendas. Nada mais fácil de se compreender humanamente do que o desejo de ficar para sempre

junto a Jesus com toda a manifestação de Sua glória. Entretanto, descer do monte e anunciar ao povo o que foi contemplado estava mais de acordo com a missão de Cristo.

Jesus crucificado, ressurreto e em Sua glória vindoura precisa ser anunciado. Acaso, existe no cristianismo algo mais atraente do que o próprio Cristo e a esperança que Ele é para nós? Nele, seremos o que pretendemos ser e o que Ele deseja que sejamos. Fomos criados e redimidos por Ele. A Ele pertencemos agora e sempre. Multidões precisam ouvir essa boa-nova.

“Orei por você”

Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça. Lucas 22:31, 32

Depois de haver exemplificado pessoalmente, na Ceia, o espírito de humildade e serviço que deveria caracterizar Seus discípulos, Jesus continuou aconselhando-os e advertindo-os sobre a maneira como reagiriam aos acontecimentos que culminariam com Sua morte na cruz. Judas havia sido envolvido pela trama do grande adversário e estava a caminho de consumir a traição. Contudo, os demais não ficariam isentos da tentação de seguir o mesmo caminho. Afinal, traição e negação andam perto uma da outra. Não por falta de advertência, Pedro negaria o Mestre, e Jesus Se dirigiu a ele. A repetição de seu nome indica a ênfase dada à declaração. A referência a “vocês” destaca que Pedro não seria o único tentado a agir covardemente.

A palavra “peneirar”, joeirar ou cirandar lembra a prática do mundo agrícola de se peneirar grãos, separando os bons dos inutilizáveis. Geralmente temos aplicado a palavra ao conceito de sacudidura, processo que passará a fé dos cristãos pelo crivo, em uma seleção que separará os genuínos dos falsos (Am 9:9). Mas a palavra, também traduzida como “cirandar”, andar de um lado para outro, implica a imagem pintada por Pedro sobre o inimigo, que “anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5:8).

As duas figuras evidenciam que a fé professada pelos discípulos seria provada e que, em torno deles, Satanás trabalhava à espreita, esperando o momento certo de atacar. Pedro prometeu lealdade, dizendo: “Estou pronto a ir Contigo, tanto para a prisão como para a morte” (Lc 22:33). Mas ele não tinha ideia do que aconteceria. Não podia ver o cirandar do inimigo, ouvir seu rugido nem perceber sua sutileza. Caiu, embora tenha se arrependido profundamente.

O *modus operandi* do adversário ainda é o mesmo. Continua à nossa espreita. Sabendo que o rugido pode ser detectado com menor

dificuldade, age também com sutilezas, mascarando motivos censuráveis com ações de bela fachada, inspirando racionalizações e desculpas para o pecado, agredindo violentamente suas vítimas. Seu arsenal é incontável. Com isso, seu objetivo maior é nos destruir. Daí a necessidade de vigilância e oração constantes.

Felizmente, temos Cristo como refúgio e fortaleza. O que Ele garantiu a Pedro naquela ocasião reafirma hoje para nós: “Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça.”

Uma pedra no caminho

Visto que dizes: Os dois povos e as duas terras serão meus, e os possuirei, ainda que o SENHOR Se achava ali [...] Ezequiel 35:10

Considerado genial por alguns críticos, e monótono e sem sentido para outros, o poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, repete sete vezes nos dez versos esta expressão: “No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho.” Nessa poesia, a menção às pedras remete aos obstáculos com que todos nos deparamos no caminho da existência. São desafios que devem ser superados ou podem se tornar empecilhos às conquistas.

Quantas pedras tivemos que contornar, lutando com especial esforço para concretizar sonhos e atingir metas? Ou quantos inimigos nos ameaçaram, fazendo-nos sentir à beira da destruição, mas foram impedidos de concretizar seus intentos, graças a uma “pedra” no caminho deles e que nos serviu de proteção? A experiência do povo de Deus em sua trajetória relatada no Antigo Testamento esteve bem relacionada com esses pensamentos. Nos dias do profeta Ezequiel, ela se repetiu nos embates contra os edomitas, embora também a causa divina tenha sido reivindicada contra os amonitas, filisteus e moabitas. Isso, apesar dos deslizes cometidos pelo próprio povo de Deus. Seu amorável propósito para com Seus filhos é imutável!

Sendo os edomitas descendentes de Esaú, bem que poderiam ter tido uma relação fraterna com os israelitas. Mas ocorreu o contrário. Com a queda do reino de Judá diante de Babilônia, eles viram a chance de conquistar toda a Palestina, mas havia uma “pedra”, uma Rocha, no caminho de suas pretensões: “O SENHOR Se achava ali.” O preço da ousadia seria caro para os inimigos: “Tão certo como Eu vivo, diz o SENHOR Deus, procederei segundo a tua ira e segundo a tua inveja, com que, no teu ódio, os trataste; [...] desolado serás” (Ez 35:11, 15). Assim será com quem se levantar contra um filho de Deus. O inimigo usará agentes diferenciados para nos surpreender, mas não vencerá, pois haverá sempre uma “Pedra”, o Senhor, entre nós.

Em outra situação difícil vivida por Israel, contra Senaqueribe, o Senhor garantiu: “Sede fortes e corajosos, não temais, nem vos assusteis por causa do rei da Assíria, nem por causa de toda a multidão que está com ele; porque um há conosco maior do que o que está com ele. Com ele está o braço da carne, mas conosco, o SENHOR, nosso Deus, para nos ajudar e para guerrear nossas guerras” (2Cr 32:7, 8). Será sempre assim. Creia!

Notável sem holofotes

Então, Rispa, filha de Aiá, tomou um pano de saco e o estendeu para si sobre uma penha, desde o princípio da ceifa até que sobre eles caiu água do céu; e não deixou que as aves do céu se aproximassem deles. 2 Samuel 21:10

Pela história bíblica desfilam heróis cujos feitos os colocam sob o brilho intenso de holofotes. Contudo, existem aqueles que, se notabilizaram nos bastidores. Entre esses está Rispa. Nunca apresentei um sermão nem escrevi algo que a tivesse como tema. Também não me lembro de ter ouvido muitas referências a seu respeito. Mas ela se destaca por um ato sutil que teve consequências marcantes na história de Israel e no reinado de Davi.

Rispa era concubina do rei Saul, com quem teve dois filhos, Armoni e Mefibosete. Foi acusada de envolvimento ilícito com um general do rei, mas o ato com que escreveu seu nome na história bíblica começou em um episódio violento relatado em 2 Samuel 21. Em resumo, Deus enviou uma fome como punição a Israel pela tentativa de Saul em destruir os gibeonitas, ignorando o pacto de proteção que a nação havia firmado por engano com aquele povo (Js 9). Em resposta à intenção de Davi em reparar o erro, os gibeonitas exigiram a morte de sete descendentes de Saul. Nisso, foram estranhamente atendidos, e entre os que foram executados estavam os dois filhos de Rispa.

Foi nesse ponto que, sem marido nem filhos que lhe garantissem o sustento, ela preferiu agir com prudência. Em vez de queixas e recriminações, acampou sobre uma rocha velando pelos corpos, impedindo que animais os devorassem. Não ficou apenas alguns dias; aparentemente, velou os mortos durante várias semanas, até o tempo das chuvas outonais.

Finalmente, tocado pelo gesto, Davi ordenou que os restos mortais daqueles homens e também os de Saul e Jônatas fossem recolhidos para um sepultamento digno. Embora não tenhamos como responder às perguntas sobre o meio e os motivos utilizados por Davi nesse

episódio, não se pode questionar o exemplo de Rispa e as consequências dele. Em meio à carnificina que lhe dilacerou o coração materno, ela manteve a serenidade proveniente da fé. Sofreu, sem mostrar desespero nem ódio contra os que tiraram a vida dos filhos.

O resultado foi compensador. Aquele funeral deu início a um período de paz entre as tribos que lutavam entre si e lançou as bases para um Israel unido. Ainda que não possamos avaliar as consequências de nossas boas ações que não recebem aplausos, em algum momento nos depararemos com seus resultados. Se não aqui, na eternidade.

Além das aparências

Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos. Oseias 6:6

O ministério profético de Oseias foi desenvolvido entre os anos 750 a.C. e 730 a.C. Teve seu início cerca de cinco anos antes do fim do reinado de Jeroboão II, em Israel, e terminou aproximadamente cinco anos antes da conquista de Samaria pelos assírios, em 722 a.C.

O livro começa com a surpreendente história do casamento de Oseias com a adúltera Gômer, cuja aceitação e perdão do profeta refletia o trato amoroso de Deus com Seu povo rebelde. Seguem-se denúncias e advertências relacionadas ao comportamento infiel do povo de Israel e anúncios de castigos. Em Oseias 6, uma mensagem contra o falso arrependimento e a religiosidade hipócrita contém uma significativa definição do verdadeiro culto e da legítima experiência espiritual. Acima dos rituais áridos e cerimônias pomposas está a prática do amor e da misericórdia e o conhecimento experimental de Deus. Sem isso, tudo o que a fachada de espiritualidade consegue é desagradá-Lo. No evangelho de Mateus, estão registradas duas referências de Jesus à verdade proclamada por Oseias.

Na primeira (Mt 9:13), o Mestre confrontou os que O acusavam de conivência com o mal, depois de Ele haver chamado Mateus, um publicano, para segui-Lo. Com todo o estigma de desonestidade que essa atividade possuía na época, os judeus encontraram argumentos para tentar desacreditar Jesus, que não hesitou em ressaltar o valor da misericórdia e ensinar que a suficiência própria e o fanatismo nutrido por eles eram tão espiritualmente doentios quanto os erros que condenavam nos publicanos.

A segunda referência foi feita em um confronto sobre o sentido espiritual da guarda do sábado (Mt 12:7). Isso não envolve formas e rituais cansativos e sem vida, mas relacionamento com o Criador. Nos dois casos, prevalece o princípio da experiência religiosa que realmente agrada a Deus: a prática irrestrita da misericórdia, virtude

por meio da qual são alcançadas pessoas que nada merecem, além de compaixão pela triste condição moral e espiritual em que se encontram.

Conhecimento meramente teórico das doutrinas, posse de títulos acadêmicos ou funcionais não bastam. É a comunhão com Deus que faz fluir Sua misericórdia através de nossa vida. Com isso, nosso semelhante é abençoado, aceito e resgatado para o reino de Deus. Da mesma forma e na mesma condição em que fomos alcançados: sem nada merecermos.

Alcançado pela graça

E respondendo ele [o eunuco], disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Atos 8:37

Por mais difíceis que sejam as circunstâncias para a proclamação do evangelho, Deus encontrará meios de torná-lo conhecido, estejam as dificuldades relacionadas às limitações humanas dos Seus mensageiros ou à perseguição que tenta abafar sua voz. Foi assim nos dias da igreja apostólica. A dispersão resultante da perseguição contra os primeiros cristãos facilitou a divulgação da mensagem nos lugares para onde eles se dirigiam. Em Samaria, muitos se converteram graças à pregação de Filipe (At 8:4-8), mas Deus tinha ainda outros propósitos. “Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Dispõe-te e vai para o lado do Sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza” (v. 26). Não lhe foi dito o motivo da viagem nem ele perguntou isso ao anjo. A comunicação chegara da parte de Deus. Isso lhe bastava.

Durante a jornada, aconteceu o encontro providencial de Filipe com um eunuco, etíope, funcionário responsável pelos tesouros de Candace, rainha da Etiópia. Depois de adorar a Deus, ele voltava para casa por um caminho deserto na região de Gaza. Provavelmente se tratasse de um prosélito judeu que, por sua condição física, era impedido de entrar no santuário, de acordo com as leis prevalecentes (Dt 23:1). Entretanto, não era descartado pela graça. Por intermédio do profeta Isaías, Deus prometeu que os eunucos poderiam ser admitidos como membros da aliança (Is 56:4-8). À procura disso, ele foi encontrado por Filipe. “Anjos de Deus estavam auxiliando esse homem que buscava luz, e ele estava sendo atraído para o Salvador. Pelo ministério do Espírito Santo, o Senhor o pôs em contato com quem poderia guiá-lo à luz” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, p. 107).

Em obediência à nova ordem, o servo de Deus se aproximou dele e o viu lendo a respeito do Messias, no livro de Isaías (At 8:28, 29). Então teve início o diálogo que levou o eunuco à decisão. Alcançado pela graça que desconhece preconceitos e barreiras, convencido da

realidade de Cristo como Messias divino e a Ele convertido, o etíope foi batizado. Qualquer pessoa, independente de sua origem étnica, posição cultural, econômica ou social pode vivenciar essa experiência.

Uma dessas pessoas poderá cruzar seu caminho hoje. Mantenha-se alerta à voz de Deus e deixe-se usar por Ele.

Arrisque-se e vença!

*Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás.
Eclesiastes 11:1*

Estudiosos têm basicamente duas maneiras de entender esse verso. Uma delas é que a ordem de lançar o pão sobre as águas está simbolicamente relacionada ao comércio por via marítima nos dias do autor do Eclesiastes. Negociantes tomavam o barco, o carregavam com os bens que haviam produzido e zarpavam para comercializar em outras terras. Depois de alguns dias em viagem e envolvidos na comercialização no destino escolhido, voltavam com os resultados do trabalho.

Há também a interpretação que remonta à prática agrícola na Palestina. O trigo e a cevada, ingredientes básicos do pão, tinham suas sementes lançadas sobre a água na época da cheia dos rios. Depois que as águas baixassem, as sementes floresciam, possibilitando a colheita. Evidentemente, havia no processo um componente de fé, considerando que, mesmo sem saberem qual semente germinaria, os agricultores mantinham a confiança de que a colheita seria abundante.

A partir dessas interpretações, há o tradicional entendimento de que a indiscriminada prática da bondade será recompensada. Mas também parece evidente o princípio de proatividade e planejamento em tudo o que fizermos. Toda realização tem início na semeadura de uma ideia que, tendo germinado, é cultivada e regada por trabalho diligente, tornando-se assim um sonho acariciado até se concretizar.

A lei da semeadura e colheita é infalível em todas as áreas da vida, razão pela qual devemos trabalhar confiantemente, sem nos deixarmos esmorecer por causa de eventuais obstáculos à realização de nossos sonhos. Correr riscos faz parte da vida e, embora isso tenha sua cota de incerteza, a falta de ousadia e coragem para enfrentá-los representa garantia de fracasso.

Se você é jovem, amplie seus horizontes. Pense alto! Já passou dessa fase? Lembre-se da garantia feita aos fiéis: “Na velhice darão ainda

frutos, serão cheios de seiva e de verdor” (Sl 92:14). Entregue seus planos e sonhos ao Senhor. Semeie o bem, abençoando os semelhantes de modo desinteressado. No tempo certo, a recompensa virá.

Uma ótima sugestão é seguir este conselho: “Consagre-se a Deus pela manhã; faça disso a sua primeira atividade. Que a sua oração seja: ‘Toma-me, ó Senhor, para ser Teu inteiramente. Deponho todos os meus planos a Teus pés. [...] E que tudo o que eu fizer seja efetuado por Ti’” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 69)

Que Deus abençoe seus projetos para este dia!

Um profeta em chamas

Quando pensei: não me lembrarei Dele e já não falarei no Seu nome, então, isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais. Jeremias 20:9

Eu ainda era um adolescente sonhando com o momento em que daria início a meu preparo pastoral, quando me deparei com esse verso pela primeira vez. Tão intenso e profundo foi o impacto que ele exerceu em mim, que ficou gravado em minha mente e em meu coração com as mesmas palavras da versão bíblica a que tive acesso na ocasião: “Quando pensei: não me lembrarei Dele e já não falarei no Seu nome, então, a Sua Palavra me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; fiquei cansado de suportar e não consegui deter-me.”

Essa declaração está incluída em um lamento, no qual o profeta Jeremias, conhecido como pessoa sensível, expressou sentimentos próprios da humanidade, embora a história de sua vida e seu ministério profético deixe evidente que esses sentimentos não abafaram nele a convicção do dever.

Aqui nós o encontramos lutando com alguma dose de frustração. Considerando que a maior parte de suas mensagens era constituída de advertências sobre destruição, ele havia se tornado alvo de “insulto e censura o tempo todo” (v. 8, NVI). Diante disso, foi tentado a imaginar que a única saída que lhe restava era renunciar à missão de ser porta-voz de Deus. Decidiu, então, calar-se e jamais mencionar o nome do Altíssimo para qualquer pessoa. Mas isso não funcionou. Para ele, a convicção do chamado divino era irresistível, por isso o sentiu como “fogo ardente”, queimando-lhe o mais profundo recanto do ser, impulsionando-o para o cumprimento da missão. Mesmo sob o ataque dos inimigos, sentiu que recuar seria ainda mais difícil do que avançar contra eles. Então o Senhor Se tornou para ele aquilo que deseja ser para nós: “um forte guerreiro” (v. 11), capaz de livrar das mãos dos ímpios.

Entregues nas mãos de Deus e submissos a Seu querer, é certo que Ele fará uso de nossas habilidades para levar Seu amor e perdão a muitas pessoas que estão sem rumo. Ele deseja fazer muito por nosso intermédio. Podemos esperar desafios, aliás, não somente em ações missionárias, mas em qualquer nobre tarefa a que nos propusermos realizar. Mas o forte guerreiro lutará por nós. “Todos quantos se entregam a Deus num serviço desinteressado pela humanidade estão cooperando com o Senhor da glória. Esse pensamento adoça toda fadiga, retempera a vontade, revigora o espírito para qualquer coisa que possa nos sobrevir” (Ellen White, *Obreiros Evangélicos*, p. 513).

Das trevas para a luz

Perguntou-lhe Jesus: Que queres que Eu te faça? Respondeu o cego: Mestre, que eu torne a ver! Marcos 10:51

Teria Jesus curado um cego, conforme diz Marcos? Ou dois, segundo o relato de Mateus? Teria feito o milagre ao sair de Jericó, segundo Mateus e Marcos, ou ao aproximar-se da cidade, conforme Lucas? Contradizem-se esses evangelistas? Certamente não! No primeiro caso, muitos eruditos creem ter havido dois cegos; mas, provavelmente, Bartimeu fosse mais conhecido e chamasse mais atenção, razão pela qual Marcos omitiu o nome do outro. Quanto à segunda questão, entre várias explicações, o *Comentário Bíblico Adventista* (v. 5, p. 700) apresenta como talvez mais aceitável a de que Jesus passava por Jericó quando viu Zaqueu. Foi para a casa dele e, ao entrar de volta à cidade, viu os dois cegos. De todo modo, importa o fato de que o milagre foi realizado. Ter fé nisso é suficiente para aceitar a harmonia das Escrituras.

Em seu mundo de escuridão, Bartimeu, filho de Timeu, vivia estigmatizado pela pobreza e pelo preconceito. Seguramente, cresceu ouvindo profecias que apontavam a vinda do Messias. Tomou conhecimento do ministério de Cristo, dos milagres efetuados por Ele e de Sua misericórdia em favor dos marginalizados pela religião. Finalmente, viu-se frente a frente com a oportunidade que nada no mundo o faria desperdiçar. “Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim!” (Mc 10:47, NVI), clamou com toda a força do ser.

A resposta da multidão foi a tentativa de detê-lo em seu propósito. A de Jesus foi o acolhimento cheio de graça. A pergunta que se seguiu foi, no mínimo, curiosa. “O que você quer que Eu lhe faça?” O Mestre desejava ouvir do suplicante o reconhecimento da necessidade e a expressão de sua fé. Por sua vez, os espectadores deviam ter bem claro o que testemunhariam.

Em se tratando da cura da cegueira espiritual, porém, há algo mais na pergunta. Primeiramente, o exercício do livre-arbítrio. Por mais

empenhado que esteja em nos tirar das trevas, a decisão final de aceitar ou não a graça transformadora é nossa. Além disso, precisamos estar seguros de que queremos vivenciar o incômodo radicalismo de uma mudança que nos tira da escuridão para o foco de um holofote que nos faz ver como de fato somos: orgulhosos, arrogantes e preconceituosos.

Como Bartimeu, precisamos querer ter os olhos abertos e ver nossa real condição. Então o toque da graça pode nos curar da cegueira e nos redirecionar para o brilho de uma vida espiritualmente digna, cheia de sentido.

Joio e trigo

O reino dos Céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo; mas, enquanto todos dormiam, veio o inimigo dele, semeou joio no meio do trigo e retirou-se. Mateus 13:24, 25

Trigo e joio, plantas da família das gramíneas, podem crescer juntas na mesma plantação, dificultando a identificação por parte de quem não esteja familiarizado com elas. Segundo especialistas, as diferenças não são notadas até a frutificação. Elas se tornam acentuadas, à medida que as duas plantas vão amadurecendo. Das palavras de Cristo, ao enunciar a parábola, podemos concluir que um agricultor inteligente ou bem-intencionado não lançaria no solo as duas sementes juntas. À pergunta dos servos: “Donde vem, pois, o joio?”, o senhor da parábola respondeu: “Um inimigo fez isso” (Mt 13:27, 28).

A cor do trigo assume tons amarelos, ao passo que o joio continua verde. O trigo se forma em pendão, enquanto o joio se esparrama, desfigurando-se. A raiz do trigo cresce para baixo; a do joio se espalha entre as outras raízes. Os frutos do trigo surgem de dentro para fora, em cachos ordenados. O joio frutifica bolotas inúteis que caem dos ramos antes de amadurecer. Embora não se saiba ao certo a utilidade do joio, conhecemos o valor do trigo: rico em nutrientes na sua condição integral, é a base do mais conhecido alimento: o pão. Se o joio tem algum propósito, esse é o de confundir para destruir. Não é sem razão que foi semeado por um inimigo. Misturado às plantações de trigo, tem os grãos invadidos pelo fungo *Chaetomium kunzeanum*, que o torna venenoso.

Simbolizados na parábola como “a boa semente”, os cristãos genuínos são nascidos da Palavra de Deus. Jesus é o Semeador, a quem foram convertidos pelo Espírito Santo. Nele enraizados, germinam e crescem sob o orvalho da graça, amadurecem e produzem frutos ou virtudes cristãs que se multiplicam e abençoam os semelhantes. Em contraste, está o joio, cristãos nominais, escravos das formas, desprovidos de conteúdo aproveitável. Personificam falsos princípios,

escondem enganos e espalham o parasita da discórdia.

Cristo deixou claro que, enquanto durar o tempo de oportunidade oferecido pela graça, trigo e joio coexistirão. Julgá-los e separá-los, porém, não nos compete, pois em nossa limitação corremos o perigo de arrancar os dois. Esse trabalho pertence unicamente a Deus, que conhece os verdadeiros motivos do coração. Muitos que, em nossa avaliação parcial, consideramos casos perdidos estarão no Reino. Na botânica é impossível. Mas, na seara espiritual, quem disse que a graça não pode transformar joio em trigo?

Serenidade na provação

É bom esperar tranquilo pela salvação do Senhor. Lamentações 3:26, NVI

Conforme o próprio nome indica, Lamentações compõe-se de cinco poemas nos quais se evidenciam lamentos pela destruição de Jerusalém pelos babilônios em 586 a.C. Com essa conquista, deixaram de existir o reino, o templo e o sacerdócio. O povo foi levado cativo. Embora a tristeza esteja presente nas páginas desse livro, há também manifestações de confiança e esperança. A misericórdia de Deus não havia sido dissipada pelo ataque babilônico. Pelo contrário, renascia a cada manhã. A fidelidade divina às promessas feitas permanecia (Lm 3:23). Jeremias tinha plena consciência de que o Senhor era fiel a essas promessas ao preservar a nação da destruição completa. Cada alvorecer era para ele a reafirmação do amor, da misericórdia e graça de Deus em favor de Seu povo. A libertação viria. Nessa certeza, todos deviam perseverar. A noite não duraria para sempre.

Foi em meio à turbulência do cativo que o profeta ressaltou a sabedoria de se esperar serenamente pela providência divina em favor de Seus filhos. Para todos quantos estão ansiosos diante de algum problema, o conselho é mais do que oportuno; é terapêutico. “É bom esperar”, disse Jeremias. Isso porque a ansiedade é inútil, pois não resolve nenhuma das dificuldades. Quantas vezes, em nossa experiência, depois de dias de suspense, durante os quais imaginamos os piores cenários possíveis para nossas crises, descobrimos que nossos pressentimentos eram infundados! É bom esperar, tranquilamente, na salvação do Senhor. É bom porque temos um Deus bondoso, colocando em nosso favor todos os recursos da onipotência, trabalhando nos bastidores, preparando sempre o melhor para nós. É bom aguardar a salvação do Senhor porque um espírito calmo inspira confiança em nós e nas pessoas que nos observam.

Os benefícios desse conselho não se restringem às lutas que enfrentamos diariamente em nosso círculo pessoal. A salvação que os cativos israelitas deviam esperar dizia respeito à libertação nacional.

Daí podermos concluir que, além das crises do mundo como um todo e da nação onde vivemos, emerge a esperança da intervenção divina dentro em breve, por ocasião da vinda do Salvador. Nela podemos fundamentar a confiança de que viveremos dias melhores, uma nova ordem mundial impossível de ser estabelecida pela filosofia, diplomacia humana ou por sistemas políticos.

Julho

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sáb

1 2 3 4

5 6 7 8 9 10 11

12 13 14 15 16 17 18

19 20 21 22 23 24 25

26 27 28 29 30 31

Tudo para a glória de Deus

Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus. 1 Coríntios 10:31

Houve tempo em que falar sobre comida ou bebida, dieta equilibrada e cuidados com a saúde soava como extremismo. Infelizmente, ainda hoje, alguns confirmam essa impressão, apresentando o tema como se o reino de Deus fosse limitado à comida ou bebida. Praticados e ensinados com o equilíbrio característico do cristianismo saudável, os princípios de saúde disseminados pela Igreja Adventista têm sua eficácia cada vez mais comprovada por numerosas pesquisas, como indica a vasta literatura especializada no assunto. Celebridades do mundo todo têm adotado esse estilo de vida. Há quem o faça pela conservação do corpo, culto à beleza e até sob a inspiração do misticismo. Embora a boa saúde física, emocional e espiritual seja consequência natural da prática, não é o ser humano que deve ser o centro dela, mas Deus. “Fazei tudo para a glória de Deus” (1Co 10:31), disse o apóstolo.

O conselho de Paulo vai além de questões dietéticas, relacionadas à liberdade ou não do uso de comidas sacrificadas a ídolos, conforme o contexto do verso. Suas palavras têm aplicação mais ampla e atual. Glorificar a Deus deve ser o motivo primário de todas as nossas ações como cristãos. Em todas as coisas, a glória de Deus deve dominar as intenções e ações. Como seres indivisíveis, no sentido físico, mental e espiritual, também nossos pensamentos, sentimentos, atos e palavras devem ser nutridos e expressados de tal maneira que honrem ao Senhor, não a nós.

A vida que glorifica a Deus não é vivida sob os impulsos, desejos e motivos do coração egoísta ou de um corpo não regenerado. Na vida que glorifica a Deus, Ele é a razão de tudo. Essa atitude é fruto do amor para com Deus, do reconhecimento Dele como soberano criador e redentor.

Essa conduta, porém, está fora do alcance do ser humano, a menos

que ele seja transformado pela graça divina. Podemos desejar, decidir e planejar concretizá-la; porém, sem o motor da graça, nada feito. “Trata-se de uma operação íntima, divinamente impulsionada e nutrida [...]. É a manifestação mesma da imagem de Cristo no interior do crente. Para tanto, é mister que o discípulo de Cristo seja transformado segundo a imagem moral de Jesus Cristo” (Russell Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, v. 4, p. 165).

Que nos entreguemos a essa operação transformadora!

O estranho seguidor

*Um jovem, vestindo apenas um lençol de linho, estava seguindo Jesus.
Quando tentaram prendê-lo, ele fugiu nu, deixando o lençol para trás.
Marcos 14:51, 52, NVI*

A identidade do jovem mencionado no texto está envolvida em conjecturas. A tradição cristã e alguns eruditos têm identificado o rapaz como o próprio João Marcos, tido como autor desse evangelho. Um dos argumentos é o fato de que, em outra situação de perigo, ele abandonou Paulo e Barnabé na primeira viagem missionária feita por eles (At 13:13). Há também a tradicional especulação de que a última ceia teria ocorrido em sua casa, razão pela qual os soldados se dirigiram para lá em busca de Jesus. Estando dormindo, ele teria acordado e, assustado, correu sem se vestir devidamente. De acordo com o costume antigo de se expressar, o jovem não estaria totalmente despido, mas envolvido por um lençol e vestido com roupas íntimas.

Contrariando a crença de que o jovem era Marcos, há o argumento de que, no momento da prisão de Cristo, todos os discípulos haviam fugido (Mc 14:50), o que torna inviável a presença dele. Além disso, embora a narrativa pareça ter sido feita por uma testemunha, esse não seria o caso desse evangelho. Marcos foi um narrador que relatou fatos que chegaram a seu conhecimento. Papias de Hierápolis, escritor do 2º século, afirmava que Marcos apenas reproduziu as lembranças de Pedro.

À parte dessas opiniões, tudo indica que Jesus era tão especial para aquele moço que pouca importância deu ele à sua condição, a fim de estar perto do Mestre. Embora tenha fugido, aparentemente depois de ter resistido ao ataque da turba, permanece o fato de que nenhuma barreira de constrangimento por não estar devidamente vestido foi tão forte para impedi-lo de se aproximar de Cristo. A veste material não lhe parecia mais importante que a veste espiritual do amor, da graça e aceitação de Jesus.

Séculos antes dessa ocorrência, no Éden, Adão e Eva se viram

despidos de sua pureza e santidade (Gn 3:7). Então, “sentiam temor pelo futuro, a falta de alguma coisa, uma nudez de alma. [...] Sentiram uma carência que nunca tinham experimentado antes” e tomaram eles mesmos providência para cobrir a nudez (Ellen White, *História da Redenção*, p. 38). No Apocalipse, a igreja de Laodiceia esconde a própria nudez, sob as vestes tecidas dos próprios méritos (Ap 3:18). Entretanto, nem folhas de figueiras de um cristianismo superficial nem as finas vestes laodiceanas de nossos melhores feitos cobrem a nudez espiritual. A graça de Cristo é a única cobertura a que devemos recorrer.

Traje de gala

Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu. Mateus 22:11, 12

Ninguém discute o fato de que a utilização de roupas é parte do bom senso, da ética humana e dos valores sociais, sendo indispensável a todas as pessoas. Algumas se esmeram no fator atratividade, outras se limitam ao aspecto protetor ou à simplicidade. Essa diferença tem suscitado, às vezes, tratamento discriminador entre os dois grupos, ao ser atribuída condição superior de importância às pessoas que se vestem sofisticadamente em detrimento das outras.

Embora devamos condenar essa aceção (Tg 2:2-4), é verdade que ocasião, tempo, lugar, aspectos culturais, simbolismos religiosos, equilíbrio, bom gosto e recato são alguns fatores que definem a pertinência ou não de uma vestimenta. Há sempre uma razão de ser no uso de vestes. Elas podem servir como cartão de apresentação de uma empresa, quando uniformemente usadas por servidores, ou como fator de igualdade social nas escolas. Profissionais de saúde usam vestes brancas. No Antigo Testamento, as vestes sacerdotais eram carregadas de significado. Em nossos dias, clérigos costumam vestir roupas solenes e cores sóbrias.

Na Bíblia, cobrir-se com pano de saco era expressão de grande humilhação. O impacto da tristeza pela morte dos filhos levou o patriarca Jó a rasgar o manto (Jó 1:20). Jesus chamou atenção para a veste da pretensão dos mestres da lei (Lc 20:46). Despojado de Suas vestes, Ele mesmo recebeu um “manto vermelho” da zombaria (Mt 27:28). O filho pródigo, ao voltar para casa, foi agraciado com roupas de justiça e perdão (Lc 15:22). No clímax da história da redenção, os remidos estarão enfileirados, usando vestes brancas de pureza e santidade (Ap 7:9, 14).

Nosso verso bíblico, é parte da parábola na qual Jesus falou do convite para as bodas, o qual foi rejeitado pelos judeus. Diante disso, o

chamado foi estendido a todos quantos fossem encontrados nas ruas. Contudo, sendo um banquete de casamento, o traje deveria ser a rigor. Uma investigação foi realizada, sendo descoberto alguém que não estava devidamente vestido para a ocasião. O resultado de trajar-se com vestes de sua escolha, compra ou confecção foi trágico para o intruso.

Há um banquete celestial à nossa espera. Vivemos no período em que o Rei faz a revista dos convidados encontrados no livro da vida. Nessa investigação, espera-se que ao serem encontrados eles tenham sido banhados no sangue do Cordeiro e estejam trajando as vestes da justiça de Cristo.

Lembrados para sempre

Eis que nas palmas das Minhas mãos te gravei. Isaías 49:16

Memória Autobiográfica Altamente Superior (HSAM, sigla em inglês), hipertimesia ou síndrome da supermemória são nomes que identificam um distúrbio raríssimo que leva seus portadores a se lembrar, com riqueza de detalhes, de quase tudo o que ocorreu na vida deles. O norte-americano Robert Petrella, por exemplo, consegue fixar na mente todos os números de telefones gravados no celular. Se olhar a fotografia de apenas um lance de uma partida disputada por seu time de futebol americano favorito, Petrella consegue precisar a data em que o jogo foi realizado e o placar, mesmo depois de muito tempo. Desde 1980, Jill Price, a primeira pessoa diagnosticada com essa síndrome, conseguia se lembrar do que lhe aconteceu todos os dias.

Evidentemente não se trata de algo normal, e os portadores da síndrome têm sua cota de sofrimento. O comum é nos esquecermos de alguns fatos, pessoas, experiências e situações que ficaram para trás em nossa jornada. Esquecer é humano; porém, temos à nossa disposição os benefícios de uma supermemória, absolutamente infalível, que não é a nossa nem é distúrbio. Trata-se da memória de Deus, na qual o aplicativo da graça deleta nossa maldade (Is 45:23) e, ao mesmo tempo, grava para sempre nossa identidade.

Podemos ser esquecidos pelas pessoas, assim como também podemos nos esquecer delas, mas não existe nada capaz de fazer com que Deus Se esqueça de nós. Quando cai o pano, fechando o palco de nossa vida, ou mesmo antes disso, amigos, colegas de trabalho e até familiares podem se esquecer de nós. Deus não. Assim como fez ao povo de Israel nos dias de Isaías, O Senhor nos assegura hoje: “Eis que nas palmas das Minhas mãos te gravei” (Is 49:16). Nas palavras de Siegfried Schwantes, “as marcas dos cravos nas mãos de Cristo constituem uma garantia perene de que nenhum crente que depositou sua esperança em Deus será esquecido” (*Revista Adventista*, abr/2000, p. 10).

Sentindo a vida esvair-se, agarrando-se à última chance de salvação, o ladrão na cruz suplicou: “Jesus, lembra-Te de mim quando vieres no Teu reino” (Lc 23:42). De fato, esse pedido traduz o desejo de todos nós. Não existe nada mais confortador do que a certeza de estarmos presentes na memória do Cristo glorificado. A promessa feita ao ladrão convertido chega a cada um de nós: “Estarás Comigo no paraíso” (Lc 23:43). Podemos ter certeza disso. Agora e em Sua glória, Ele não Se esquece de nós.

Pedras nas mãos de Deus

O que aqueles frágeis judeus estão fazendo? Será que vão restaurar o seu muro? [...] Será que vão conseguir ressuscitar pedras de construção daqueles montes de entulho e de pedras queimadas? Neemias 4:2, NVI

Contemporâneo de Esdras, Neemias serviu como copeiro na corte de Artaxerxes. Homem de confiança, ele recebeu permissão do rei para retornar a Jerusalém e reconstruir a cidade e seus muros em 444 a.C. O luxo da vida palaciana não seduziu Neemias, que sabia da difícil situação de seus compatriotas. Assim, ele renunciou ao conforto e, tendo o coração transbordando de fé e confiança no Altíssimo, entregou-se à desafiadora missão: “Vinde, pois, reedifiquemos os muros de Jerusalém e deixemos de ser opróbrio” (Ne 2:17). A importância da tarefa transcendia a reestruturação física da cidade. Também envolvia a autoestima e segurança de seus moradores.

Era óbvio que tamanha ousadia e coragem não ficariam sem a oposição dos inimigos. Havia Sambalate e os samaritanos, que moravam ao norte, e os povos da Arábia, residentes a sudeste. Neemias tomou providências quanto a eles, mas tinha certeza de que Deus estaria do lado de Seu povo (Ne 4:20). Sambalate ofendeu os judeus com palavras depreciativas, na tentativa de desanimar os envolvidos na tarefa. “O que aqueles frágeis judeus estão fazendo? Será que vão restaurar o seu muro? [...] Será que vão conseguir ressuscitar pedras de construção daqueles montes de entulho e de pedras queimadas?”

As pedras aqui referidas, utilizadas na antiga construção de Jerusalém, eram pedras calcárias que perdiam a durabilidade no fogo. Tornando-se assim pouco mais do que poeira, acabavam inúteis para novas construções. Sambalate fixou sua atenção nesse detalhe, mas Neemias viu além; viu o que elas poderiam voltar a ser sob a direção e aprovação divinas. Por isso mesmo, não se ocupou em responder aos inimigos segundo a tolice deles, mas buscou a Deus em oração (Ne 4:4, 5).

Em algum momento da vida, podemos enfrentar o desafio de realizar grandes feitos, tendo à disposição apenas “pedras queimadas”, recursos limitados, restando-nos a fé como única alternativa. Surgirão questionamentos quanto ao que faremos com tão pouco. Esse é o momento de orar e, em vez de nos fazer desistir do dever, precisamos cumpri-lo fielmente.

Pode até ser que sejamos nós mesmos vistos como “pedras queimadas”, inúteis. Alguns questionarão se Deus pode realizar grandes coisas a partir de seres tão limitados como nós. Sim, Ele pode. E muito! Somente espera que nos entreguemos à Sua direção.

Militantes da fé

As suas mãos estão sobre o mal e o fazem diligentemente; o príncipe exige condenação, o juiz aceita suborno, o grande fala dos maus desejos de sua alma, e, assim, todos eles juntamente urdem a trama. Miquéias 7:3

Em um ano de eleições municipais, a política está novamente no ar. Em si, ela não é má. Teve origem quando a Grécia estava organizada em cidades-estados, chamadas *polis*, palavra da qual são derivados os termos *politiké* (“política”) e *politikós* (“dos cidadãos”, “pertencentes aos cidadãos”). Tinha que ver com a bem ordenada administração das cidades. Depois de tanto tempo, essa ideia, como se vê, está desvirtuada a tal ponto que, anos atrás, um cronista brasileiro chegou a dizer que a política “é a única paixão sem grandeza.” Você pode considerá-lo sarcástico, mas, diante do quadro geral no mundo, só o fanatismo e sectarismo ideológicos permitem alimentar ilusões.

Como cristãos, somos portadores de dupla cidadania – celestial e terrestre. Enquanto exercemos a cidadania terrestre, não podemos ser indiferentes às mazelas do mundo. A diferença marcante na visão dos cidadãos celestiais é o fato de saberem que, humanamente falando, não há solução definitiva para os intrincados problemas políticos mundiais e nacionais. Filosofias e ideologias partidárias são impotentes para oferecer uma solução plena. Isso porque a questão fundamental é o coração humano, intrínseca e continuamente mau, egoísta, orgulhoso, avarento, insensível e faminto de poder.

Por causa dessa condição, mazelas políticas, assim como em todas as demais áreas da vida, nada têm de novidade. Nos dias do Antigo Testamento, a grande mídia de Deus, por intermédio de Seus jornalistas/profetos, já denunciava, como vemos no verso de hoje, o comportamento de reis e sacerdotes (ver também Pv 29:2, por exemplo). Não se limitando a denunciar ações malignas, aqueles mensageiros também anunciavam a devida punição e, melhor ainda, proclamavam esperança, ao apontarem a vinda do Messias.

Considerando que, nesse ponto, a história parece se repetir,

precisamos ter em mente que não fomos chamados a ser militantes em favor de nenhum viés político-partidário. Não somos de direita nem de esquerda; somos do Alto. Somos correligionários de Jesus Cristo. É por Ele que devemos lutar, militando pela implantação de Seu reino de graça em cada coração, na certeza de que, tornando-se adeptos Dele, todos indistintamente podem ser súditos de Seu reino de glória a ser estabelecido em breve. Nossa bandeira é a do amor de Cristo e tem a insígnia de Sua cruz.

As boas-novas do quarteto

Este é um dia de boas notícias, e não podemos ficar calados. 2 Reis 7:9, NVI

Sitiada por tropas inimigas, Samaria vivia sob desespero. A fome era intensa e cruel. A situação era tão difícil que, mesmo sendo imundos, alguns dos piores produtos alimentícios podiam ser adquiridos somente a preços exorbitantes. Pior que isso, a fome impulsionava algumas mulheres à irracionalidade de comerem os próprios filhos (2Rs 6:25-29).

Desesperado ante tal selvageria, o rei de Israel planejou executar o profeta Eliseu, como se as denúncias contra a maldade e suas consequências fossem a razão da tragédia. Confrontado, o profeta anunciou a volta da fartura. Alimento abundante e barato estaria disponível a preço acessível para todos em 24 horas (2Rs 7:1). A dúvida do capitão do rei quanto ao anúncio não faria a menor diferença, sendo contraposta pela reafirmação positiva de Eliseu.

Enquanto isso, desolado e em condição terminal, um estranho quarteto se encontrava às portas da cidade. Eram quatro leprosos remanescentes de muitos que haviam sido vitimados pela própria condição da doença, acrescida do rigor da fome. Procurar o acampamento dos siros em busca de algo para comer parecia ser a última alternativa. Deveriam fazê-lo, sob o risco de serem mortos, ou seria melhor permanecer onde estavam e morrerem à míngua? Isso faria alguma diferença? Resolveram arriscar. Ao chegarem, viram o acampamento vazio. O Senhor “fizera ouvir no arraial dos siros ruído de carros e de cavalos e o ruído de um grande exército” (2Rs 7:6). Com medo do ataque, os soldados inimigos simplesmente fugiram.

O quarteto aproveitou a oportunidade, fartou-se de pão, recobrou as forças e sobreviveu. Contudo, um detalhe despertou a consciência daqueles leprosos: “Não estamos agindo certo. Este é um dia de boas notícias, e não podemos ficar calados. [...] Vamos imediatamente contar tudo no palácio do rei” (v. 9, NVI). Dentro da cidade, havia homens, mulheres e crianças com fome. Se os deixassem morrer,

tendo eles encontrado abundância de alimento, seriam culpados daquele sangue. Compreenderam que o recebimento da bênção significava tanto uma oportunidade como grande responsabilidade.

Essa é a condição dos leprosos espirituais que foram alimentados pelo Pão da Vida. Estamos cercados de pessoas que morrem com fome de algumas migalhas dele. Assim como o Senhor usou os mais fracos para levar a boa notícia a uma cidade faminta, pode nos usar também com o mesmo propósito.

Não perca o rumo

Desse modo, saberão que caminho seguir, pois vocês nunca passaram por lá. Josué 3:4, NVI

Sob a liderança de Josué, o povo de Deus prosseguia em sua jornada rumo à terra prometida. Passados três dias no acampamento à margem oriental do Jordão, era preciso atravessá-lo e continuar a marcha. Sem a coluna de nuvem e de fogo como seu guia, os israelitas contavam com a arca, símbolo da presença de Deus, mediante a qual deviam prosseguir. A arca era o ponto de referência, e o novo líder deu as orientações: “Mantenham a distância de cerca de novecentos metros entre vocês e a arca; não se aproximem! Desse modo, saberão que caminho seguir, pois vocês nunca passaram por lá.” A ordem fazia sentido pelo fato de que, se houvesse aglomeração perto da arca, ela não estaria tão à vista de todos como precisava estar. Além disso, havia a reverência que devia ser tributada a ela; não era necessário que outras pessoas, além dos sacerdotes, a conduzissem.

Esse é um exemplo de nossa experiência rumo à Canaã celestial. Imaginemos que, ao entrarmos na vida, começamos a empreender uma grande viagem durante a qual encontraremos vários pontos de parada, ou fases – juventude, vida adulta, velhice – com seus desafios e objetivos familiares, vocacionais, espirituais, intelectuais e pessoais, suas aventuras, emoções e comoções. Não há dúvida de que, nessa jornada, Deus nos conduzirá por novos caminhos e novas experiências. Nem sempre serão caminhos fáceis. Seguir as sinalizações de Sua Palavra e de Sua presença em nossa vida é a suprema garantia de que, apesar disso, tudo terminará bem. O grande perigo, e diante do qual muitos têm sucumbido, são os atalhos alternativos, oferecidos pelo adversário e seus agentes. Foi justamente contra esse perigo que Salomão advertiu: “Há caminho que parece direito ao homem, mas afinal são caminhos de morte” (Pv 16:25).

De todo modo, lembre-se: a fim de progredir na vida e na caminhada cristã é preciso enveredar por novos caminhos, estabelecendo novos

propósitos e tomando decisões, a cada dia, sem perder de vista a presença de Deus, simbolizada pela arca da aliança nos dias de Israel. Hoje, Cristo é a realidade dessa presença a nos dirigir. Seu sangue é a marca da aliança. Ele personifica a lei guardada naquela arca. Portanto, é o motivo e a inspiração de todas as nossas ações, da nossa conduta em toda e qualquer circunstância. Ele é o caminho e, Nele, por Ele, para Ele e com Ele devemos prosseguir.

Senhor, Justiça Nossa

*Será este o Seu nome, com que será chamado: O SENHOR, Justiça Nossa.
Jeremias 23:6*

No livro *Justiça Generosa*, Timothy Keller apresenta a graça de Deus e a justiça social de mãos dadas. Referindo-se ao público para o qual escreve, ele especifica quatro grupos de pessoas com diferentes visões a respeito dessa parceria. Jovens dispostos a se dedicar ao cuidado dos necessitados, embora sejam escravos do consumismo. Pessoas desconfiadas a respeito da ideia de justiça por acharem que, enfatizando demais esse tema, a igreja se afastará da pureza doutrinária. Cristãos envolvidos com o evangelismo e a justiça social, mas que abandonaram ensinamentos como o do sacrifício de Cristo e a justificação pela fé. Finalmente, o grupo que considera a religião como fonte de violência e injustiça na Terra.

Contrapondo-se a essas ideias e práticas, Keller une os dois temas, afirmando que “a Bíblia não nos chama para simplesmente fazermos justiça e nada mais. [...] O evangelho de Jesus cria, necessária e poderosamente, uma paixão pela justiça no mundo. A preocupação com a justiça em todos os aspectos da vida não é acréscimo artificial nem contradição à mensagem bíblica” (p. 15). Sabemos que o tema da justiça para com os necessitados permeia as Escrituras. Os israelitas foram orientados a cuidar de pobres, viúvas e estrangeiros (Dt 10:17, 18; 27:19). Cristo mencionou essa prática como sendo feita a Ele mesmo (Mt 25:40).

O Antigo Testamento contém muitos episódios que mostram o fracasso dos reis de Judá e as consequências na vida do povo. Referindo-se a isso, Jeremias ressaltou a esperança de melhores dias, centralizada no “Renovo justo”, procedente da linhagem de Davi (Jr 23:5). O novo Rei governaria com justiça e sabedoria, em contraste ao rei Zedequias, cujo nome significa “Yahweh é justiça.” Por sua vez, o Messias seria chamado de “SENHOR, Justiça Nossa.”

É fato que esse título atribuído a Jesus implicava mais do que justiça

social. A amplitude de seu significado só pode ser compreendida à luz do Calvário, iluminada pela afirmação do apóstolo Paulo: “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual Se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1Co 1:30). Nessa condição, torna-se impossível para nós ignorarmos a mão e o prato vazio de nosso semelhante.

Acusação superada

Se o nosso coração nos acusar, certamente, Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas. 1 João 3:20

Embora a cultura atual minimize o conceito de pecado e seus efeitos, ele continua danoso como sempre foi. O sentimento de culpa causado por ele é um dos conflitos emocionais mais difíceis de serem superados. Problemas de relacionamento, tendências acusatórias, isolamento e depressão são algumas de suas consequências. Corpo definhando e ossos esmagados (Sl 31:9; 51:8) são expressões figuradas, utilizadas por Davi, que parecem demonstrar “um reconhecimento mínimo da inter-relação entre a mente e o corpo. Essa percepção incipiente se desenvolveu na ênfase contemporânea no aspecto psicossomático para o diagnóstico e tratamento de doenças físicas bem como psíquicas” (*Comentário Bíblico Adventista*, v. 3, p. 793).

Para muitas pessoas, a lembrança das faltas e dos pecados cometidos é um fardo que penosamente carregam ao longo da vida, como se estivessem obrigadas a viver sob um céu carregado de nuvens escuras e densas, sem que pudessem vislumbrar um raio de sol. Felizmente, a Palavra de Deus contém muitos exemplos de pessoas cuja vida foi iluminada e aquecida pelo brilho do perdão divino, solução disponível para todos em todo tempo.

Na opinião de diferentes intérpretes, o verso de hoje dá a entender que nosso coração pode nos condenar com razão, o que é confirmado pela onisciência divina, que escancara nossa hipocrisia. Contudo, há outros que enfatizam a graça de Deus em nosso favor. Ainda que nosso coração nos acuse ou condene por causa dos males cometidos, uma vez que nos arrependamos, podemos confiantemente permanecer na presença de Deus, que é maior que nosso coração, sabe tudo a nosso respeito, nos ama, perdoa e aceita. Ele sabe que somos pecadores e vê o pecado em nosso coração. Não o trata com indulgência e, a menos que a ele renunciemos, só nos restará a condenação. Entretanto, Ele também sabe que nosso pecado confessado e abandonado foi apagado

pelo sangue de Cristo.

Ter consciência do pecado, tentar escondê-lo empurrando-o para o inconsciente é garantia de sofrimento. Confessá-lo e abandoná-lo é garantia de misericórdia e paz (Pv 28:13). Aquele que é maior do que o pecado, maior do que nosso coração ou nossa consciência, não nos rejeitará. Aquele cuja misericórdia e graça sobrepujam nossos temores, dúvidas e sentimentos de indignidade em Sua presença nos vê por intermédio de Cristo. Nele escondidos, pela fé, encontramos plena certeza e a paz de espírito que almejamos.

No tempo certo

Acaso, para o SENHOR há coisa demasiadamente difícil? Daqui a um ano, neste mesmo tempo, voltarei a ti, e Sara terá um filho. Gênesis 18:14

A Bíblia contém várias palavras para identificar o tempo. Algumas delas são os termos hebraicos *'et*, que especifica épocas (juventude, velhice, tempo de oportunidades), e *mo'ed*, que indica tempo previsível, delimitado, estabelecido, designado (dia e noite, ocasião de festas). Também emprega as palavras gregas *kronos*, que se refere à extensão ou quantidade do tempo, e *kairos*, que especifica a qualidade do tempo, o momento em que algo especial acontece. O *kairos* já foi definido por alguém como sendo a atuação de Deus no *kronos*, na História, ou seja, Deus realizando o que prometeu no momento certo. Foi assim que na “plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho” (Gl 4:4). Nesse modo divino de agir, as profecias se cumprem sem adiantamento nem tardança.

Assim, Deus anunciou a Abraão e a Sara o nascimento de Isaque. Em vista da condição física do casal, ninguém poderia supor que isso se tornaria possível. Sara já havia chegado à idade da menopausa, e Abraão tinha 99 anos. Mais tarde, Paulo descreveu sua condição como a de corpos mortos, infrutíferos. Contudo, a promessa havia sido feita pelo “Deus que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4:17). Para Ele, nada é impossível de ser concretizado (Gn 18:14). Mesmo onde a multiplicação da vida já não é possível o Senhor pode fazer com que haja o renascimento de energias físicas em cumprimento de Seus propósitos e de Sua vontade. Permite o surgimento de barreiras humanamente intransponíveis para que Sua onipotência seja ressaltada.

Foi assim que, na primavera (ver Gn 18:14, NVI), a contar de quando a promessa foi feita, o casal se alegrou com o nascimento de Isaque (Gn 21:1-3).

As impossibilidades do homem e as possibilidades divinas vão além do campo físico. A vida terrestre está pontilhada delas. Um inventário

dos arquivos de nossa experiência de vida nos revelará inumeráveis situações envolvendo saúde, finanças, relacionamentos e sonhos, diante dos quais não podíamos enxergar um palmo além das impossibilidades de restauração, conquista e realização. No entanto, o Senhor dos impossíveis lá estava, no mesmo lugar onde está agora: esperando que simplesmente creiamos no invisível e, pela fé, vejamos o raiar de um tempo em que nossos sonhos florescerão, colorindo e perfumando a vida.

Estamos em obras

Estou plenamente certo de que Aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus. Filipenses 1:6

Ele era excelente colaborador. Talentoso, dedicado, diligente, organizado, pontual, confiável para a realização de qualquer tarefa que lhe fosse confiada. Apenas um detalhe fundamental havia contra ele: o temperamento impaciente. Com alguma frequência, palavras e atitudes intempestivas feriam pessoas as quais, registre-se, recebiam constantes pedidos de perdão. Certo dia, ele mesmo procurou o pastor. Conhecedor de si mesmo e cansado de lutar, teve consciência do tamanho do estrago que tinha feito. Havia falado rudemente a uma irmã que, no canto congregacional, simplesmente desafinara perto dele. Em lágrimas, o irmão desabafou: “Não sei mais o que fazer, pastor! Não quero ser assim, sei que tenho magoado muitos irmãos. Luto para não fazer isso, mas, quando percebo, as palavras já saíram!”

Depois de ser aconselhado, orientado e de ter orado com o pastor, ele firmou novos propósitos. Compreendeu a necessidade de andar mais perto de Cristo e ser a Ele submisso, permitindo-se ser moldado por Aquele que já havia começado nele a boa obra de transformação. Entretanto, por experiência própria, sabemos que esse não é um trabalho que se completa num piscar de olhos, mesmo que sejam os olhos do Pai. “A santificação é obra de uma vida toda” (Morris Venden, *Como Jesus Tratava as Pessoas*, p. 49). E não é por limitação do poder de Deus. Nossas escolhas e vontade obstinada dificultam as coisas.

Por essa causa, aquele homem, você e eu não somos produtos acabados. Cada um de nós conhece seus pontos fracos, e Deus ainda está realizando “obras” em cada um de nós. Está trabalhando em nós e por nós, aparando arestas, eliminando escórias, nivelando as superfícies tortuosas, conformando-nos ao Modelo. A salvação é uma experiência demasiadamente elevada para ser obtida por méritos e esforços humanos. A intervenção divina é necessária do começo ao fim.

Nesse sentido, Paulo tinha no Senhor a fonte de sua confiança no que dizia respeito a ele mesmo e aos convertidos por seu trabalho. Isso é verdade em relação a nós. Para vencer nossas fraquezas, este é o segredo: “Nosso crescimento na graça, nossa alegria, nossa utilidade – tudo depende de nossa união com Cristo. É pela comunhão com Ele, todo dia, toda hora, permanecendo Nele, que crescemos na graça. Ele não é somente o Autor, mas também o Consumador de nossa fé. Cristo deve ser o primeiro e o último” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 69).

Alvo supremo

Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês. Mateus 5:48, NVI

Alcançar a excelência é o objetivo pretendido em todas as áreas da vida. No mundo da tecnologia, os equipamentos que hoje nos ajudam a realizar quaisquer tarefas, interagir com pessoas e andar pelo mundo sem sair de casa, amanhã serão substituídos por outros que disponibilizam facilidades impensáveis. A medicina aperfeiçoa seus métodos, a indústria e o comércio disponibilizam cada vez mais produtos melhores. Nos esportes, o título de campeão parece ter valor somente se não for antecedido da expressão “vice.” A medalha que realmente se busca é a de ouro; o lugar no pódio tem que ser o primeiro. Nos relacionamentos, não é diferente. Ser melhores pais, melhores filhos, melhores cônjuges, melhores colegas de trabalho e melhores amigos é o que todos desejamos.

Não existe erro em alguém buscar a excelência no cotidiano. No mundo em que vivemos, crescimento pessoal tem valor inestimável. Entretanto, há sempre quem “exagere na dose” e, esquecendo-se de que é apenas um ser humano com limitações, dá um toque neurótico a essa busca. É nesse ponto que nos deparamos com o perfeccionismo, onde não são admitidos erros. Quando ocasionalmente estes são cometidos, o sofrimento é grande. Por não tolerar erros nas demais pessoas, o perfeccionista se apressa em fazer julgamentos questionáveis e em condenar injustamente. Por isso, o perfeccionismo impõe às pessoas uma preocupação doentia com o próprio desempenho, além da sofrida expectativa quanto ao que outros estão pensando a seu respeito.

Infelizmente, a vida religiosa tem sido um campo propício ao desenvolvimento do perfeccionismo, traduzido em uma espiritualidade exterior caracterizada por austeridade, moralismo e formalidade legalista. No verso de hoje, as palavras de Cristo são por vezes interpretadas com uma conotação legalista relacionada à

salvação; mas, em seu contexto, elas nos incentivam a tratar com amor e graça todas as pessoas, indistintamente, mesmo aquelas consideradas indignas.

A graça é o único remédio que cura o perfeccionismo legalista. Somente a presença de Cristo na vida capacita o cristão a agir com amor, misericórdia e bondade para com o semelhante. Sendo Cristo o Caminho, estaremos na rota da perfeição se permanecermos Nele. Sendo Cristo um ser divino, o cristão em cujo coração Ele vive poderá alcançar plenamente a perfeição no grande dia de Deus.

Como imitar Deus?

Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados. Efésios 5:1

Deus é único, sem rival, onipotente, onipresente, onisciente, eterno e está acima de tudo e de todos. Como, então, o inimitável pode ser imitado? Ser como Deus, em conhecimento, grandeza e poder foi a astuta insinuação que Satanás fez a Eva (Gn 3:4), e o trágico resultado dessa proposta que seduziu o primeiro casal é conhecido. Costumamos receber com desconfiança e crítica o esforço e o fruto do trabalho de alguns cientistas, dizendo que eles estão “brincando de ser Deus”, indicando assim nosso reconhecimento da impossibilidade de alguém imitá-Lo. Como, pois, Paulo poderia ter aconselhado os efésios a serem imitadores de Deus?

A palavra “imitadores”, nesse verso, é derivada de um verbo grego cujo significado é “seguir”, “copiar”. O incentivo de Paulo foi, então, para que seus leitores se tornassem “seguidores” de Deus. Seguidores em quê? A conjunção “pois”, no início do verso, remete-nos ao capítulo anterior, no qual o apóstolo descreve o estilo de vida do cristão, culminando no trato com os semelhantes: “Longe de vós de toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria e blasfêmias, e bem assim toda malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoadando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou” (Ef 4:31, 32).

Assim, a ideia de imitar Deus contém a necessidade de segui-Lo em Suas virtudes morais e espirituais, no espírito e na disposição para perdoar, na vivência da lei do amor. Ao amarmos o próximo, damos a ele nosso melhor e verdadeiramente somos imitadores de Deus no amor que revela bondade, compaixão, perdão, aceitação, entrega e sacrifício. Fomos chamados a amar como Cristo nos amou. Ele disse: “Como Eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros!” (Jo 13:34). Isso significa nada menos que amar com o amor de Jesus, altruísta, disposto a aceitar, restaurar e afirmar seu objeto.

Entretanto, a pergunta permanece: De que maneira podemos ser

imitadores de Deus? O ponto de partida é abrir nosso coração à entrada do amor revelado na cruz, receber Cristo diariamente em nossa vida e permitir que Ele viva em nós (Gl 2:20). Então, Ele amará com Seu amor por nosso intermédio, jorrando às torrentes como águas de uma cachoeira, refrigerando almas sedentas, regando vidas carentes de sentido. Assim, o mundo verá e será convencido de que somos Seus imitadores (Jo 13:35). De fato, não existe maior argumento do que esse.

Restauração possível

Nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, que estão assoladas, sem homens, sem moradores e sem animais, ainda se ouvirá a voz de júbilo e de alegria. Jeremias 33:10, 11

Estando ainda preso no pátio da guarda, no ano 587 a.C., o décimo do reinado de Zedequias, Jeremias recebeu as mensagens registradas no capítulo 33 de seu livro. São duas: a primeira (v. 4-13) contém uma promessa de restauração para Israel e Judá, passado o cativo babilônico. A segunda aponta o surgimento do Renovo, um descendente de Davi, e a continuidade do sacerdócio levítico (v. 14-26).

A preocupação daquele momento estava centralizada nas casas que estavam sendo destruídas para reparar as brechas nas muralhas atacadas pelos caldeus. A investida babilônica era resultado de Deus ter permitido o ataque pois os habitantes haviam cometido maldades. Contudo, Jerusalém seria restaurada e voltaria a ser um lugar de paz e segurança. A restauração iria além dos aspectos materiais, e envolveria a purificação das iniquidades e o perdão (v. 8). Os laços desfeitos com Deus, devido ao afastamento do povo dos caminhos Dele, seriam reatados.

No plano original, o Senhor idealizara que Israel fosse uma fonte da qual jorrassem alegria, louvor e glória. A bênção divina acompanharia seus habitantes, atraindo a atenção de outros povos para o Altíssimo. Porém, os israelitas se afastaram do ideal. Colheram amargas consequências, mas Deus os contemplaria com Sua graça, dando a eles uma nova chance. Novamente, reinariam entre eles bênçãos, prosperidade e paz, diante do que as outras nações tremeriam de admiração (v. 9).

Os versos 10 a 14 contêm a garantia de que, nas cidades de Judá e Jerusalém seriam ouvidas novamente “vozes de júbilo e de alegria”. Ofertas de gratidão seriam levadas à casa do Senhor, a beleza voltaria a encher os olhos de todos. Passado o período em que a cidade seria

como deserto, reverdeceriam as pastagens, e os rebanhos teriam alimento em abundância. Nas palavras de Ellen White, “aparentemente Satanás havia triunfado em seus esforços para destruir Israel; mas o Senhor estava no comando dos acontecimentos [...] Seu povo deveria ter a oportunidade de redimir o passado” (*Profetas e Reis*, p. 474).

Essa é a experiência humana. Se nos afastamos de Deus e Lhe somos infiéis, Ele Se encarrega de nos restaurar, muitas vezes, por meio da disciplina. Isso nos faz entender que, longe Dele, nada somos. Apenas sob Sua graça somos livres da condenação eterna.

Deus é quem sabe

Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo. Tiago 4:15

Sempre há pessoas queixando-se de que “a vida não é justa.” Mas sob que critérios o julgamento que leva a essa conclusão é feito? Os critérios humanos? Os divinos? No primeiro caso, há sempre a motivação da vontade própria, de ideais particulares, das más escolhas e de outros aspectos que não raramente dão aos nossos projetos um leve colorido egoísta e certa tendência ao esquecimento de Deus. Se uma pessoa se fecha em si para elaborar seus planos e alimentar sonhos, se utiliza erradamente o livre-arbítrio nas escolhas que faz e colhe maus resultados como consequência natural, é o caso de se perguntar: “Onde está a injustiça da vida?” Afinal, a toda sementeira segue-se a colheita correspondente.

No segundo caso, o dos critérios de Deus, será que a declaração de que a vida não é justa não questionaria Sua justiça? Ele sabe o que faz, mesmo quando o que desejamos não é exatamente o que recebemos. Todos os feitos de Deus na natureza, assim como em nossa vida, dão “testemunho do cuidado paternal de nosso Deus e do desejo que Ele tem de tornar Seus filhos felizes” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 10). Infelizmente, porém, muitas vezes nos esquecemos disso e tomamos a vida nas próprias mãos. Refletindo sobre isso, Elizeu Lira escreveu: “Estamos sempre fazendo planos e mais planos, sem levar em conta o preenchimento de nossos mais fortes clamores interiores por Deus, mas a Bíblia é clara e precisa como um ‘feixe’ de raio laser: Nada sabemos do futuro” (*A Ilusão de Avatar e a Realidade do Céu*, p. 31).

Por isso, Tiago dirigiu o conselho de hoje a seus leitores, incluindo nele a advertência quanto ao caráter imprevisível da vida: “Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa” (v. 14). Mais inesperadamente do que imaginamos, tudo pode mudar. Mesmo

assim, não precisamos viver aterrorizados por essa possibilidade. Para nossa segurança presente e futura, precisamos nos curvar à soberania do Pai, único meio de verdadeiramente desfrutar a vida, seja celebrando a conquista de nossos ideais, seja conservando a paz, a confiança e a esperança Nele quando tudo for escuridão. Ele sempre tem preparado uma farta mesa de bênçãos. Em algum momento, nos aproximaremos dela para nos fartarmos. Com Ele, sempre teremos razões para louvar, hoje e amanhã, assim como foi no passado.

A estratégia que não falha

Assim que você ouvir um som de passos por cima das amoreiras, saia rapidamente, pois será esse o sinal de que o SENHOR saiu à sua frente para ferir o exército filisteu. 2 Samuel 5:24

Davi acabara de ser ungido rei de Israel (v. 1-5). Essa foi a terceira unção recebida por ele. A primeira havia ocorrido diante de seus irmãos (1Sm 16:12, 13), e a segunda, à vista dos homens de Judá, como rei dessa tribo (2Sm 2:4). De fato, a história de Davi assumindo o trono de Israel e Judá retrata a manifestação da graça divina para com ele, em mais uma demonstração de que, apesar dos altos e baixos da vida, o Senhor trata misericordiosamente todos os que se dispõem a depender Dele. À unção de Davi como rei de Israel, seguiram-se a conquista de Jerusalém, “a fortaleza de Sião” (2Sm 5:7), o reconhecimento de sua realeza por parte de Hirão, rei de Tiro (v. 11, 12), a ampliação da família (v. 13-16) e o confronto com os filisteus que, ao tomarem conhecimento de que havia um novo rei sobre Israel, redobram seus esforços e se organizaram para atacá-lo (v. 17-25).

Sem deixar que a vitória anterior lhe “subisse à cabeça”, levando-o a confiar em suas habilidades militares, Davi se recolheu em busca da orientação divina: “Devo atacar os filisteus? Tu os entregarás nas minhas mãos?” A resposta do General Supremo foi: “Vá, Eu os entregarei nas tuas mãos” (v. 19, NVI). Como resultado da irrestrita obediência à estratégia de Deus, por duas vezes seguidas Davi foi vencedor sobre seus opositores.

A experiência vivida por Davi e o exército sob seu comando naquela empreitada é um modelo da maneira pela qual devemos enfrentar nossas batalhas espirituais no âmbito individual. Exércitos e equipes esportivas podem ter os melhores combatentes ou notáveis atletas, mas estão sempre dependendo das orientações de generais e técnicos para o melhor desempenho em busca da vitória. Muito mais devemos agir na dependência de Deus.

Em toda circunstância, o Senhor nos fará saber o que fazer. Às vezes,

a orientação será para que esperemos a manifestação do Seu poder, a exemplo da experiência israelita diante do mar Vermelho (Êx 14:13, 14). Em outras ocasiões, a tática será atacar no momento certo, como no texto de hoje. Não nos precipitemos. A batalha em que estamos envolvidos é Dele, que conhece o inimigo mais do que nós conhecemos. Ele sabe os caminhos, os meios e os instrumentos por meio dos quais nos levará à vitória sobre quaisquer inimigos, alguns dos quais enfrentaremos hoje. No momento certo, Ele agirá.

Ação entre amigos

Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vos tenho dado a conhecer. João 15:15

No livro *Choice Theory* [Teoria da Escolha], William Glasser escreveu: “Mal temos conseguido tocar a superfície da prosperidade que poderíamos experimentar, se mudássemos do conceito de chefiar para o de liderar no ambiente de trabalho. Não sou ingênuo para dizer que as pessoas não trabalharão duro para os chefes. Muitas o farão porque se veem como trabalhadores dedicados, independentemente do tratamento recebido. Essas pessoas darão suas mãos e até o cérebro ao chefe. Mas entregarão o coração apenas a um líder, e o sentimento que experimentamos quando isso acontece é algo que um chefe jamais conhecerá” (p. 289). No trato de Jesus com Seus discípulos, encontramos o exemplo máximo desse conceito de liderança.

Entre alguém servir sob a motivação do medo ou do mero recebimento de salário, e servir motivado pelo amor que responde ao amor de um líder, há uma grande diferença. O Mestre exemplificou um modelo radical de liderança em que Ele e Seus liderados eram, antes de tudo, amigos. A expressão “servos” do texto em consideração é “escravo” em grego, alguém que trabalhava sob um regime estrito. Esse tipo de servo nunca seria informado a respeito dos negócios do respectivo senhor, não receberia nenhuma satisfação de seus feitos, muito menos informação confidencial. “Tais escravos estariam por demais afastados do seu senhor que não reconheceriam qual o processo dos seus pensamentos, e, por isso mesmo, não gozariam de qualquer indício da vontade dele, nem mesmo as razões de suas determinações” (Russell Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, v. 2, p. 545).

Por outro lado, ao escolher, capacitar e comissionar Seus liderados, Jesus os declarou “amigos”, aos quais Ele havia revelado todos os desígnios do Pai e com os quais estava intimamente associado na

missão. Ainda havia muitas coisas que entenderiam além do que até então lhes havia sido revelado. Logo estariam sem a presença física do Líder, e a garantia de que eram amigos transmitiria a segurança necessária para continuar. O sentimento de quem trabalha para um amigo não é o mesmo de quem trabalha para um desconhecido. Pode haver dedicação e ainda faltar a motivação suprema. O senhor amigo terá naturalmente algo mais: o amor de quem serve, em resposta ao amor que recebe. Com Jesus, estamos numa ação entre amigos. Não se exclua dessa parceria, ela sempre dá certo.

Absoluto e singular

Tendo-Se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles. Hebreus 1:4

A carta aos Hebreus foi escrita a um grupo de cristãos judeus que vivia sob pressão e sofrimento. Tendo deixado as práticas do judaísmo, sofriam escárnio e rejeição da parte de seus antigos irmãos de fé. De fato, aqueles novos cristãos haviam se lançado a uma aventura de fé, trocando a relativa segurança de uma comunidade religiosa reconhecida no mundo greco-romano pelas incertezas de uma nova religião bastante questionada. Por isso, tendo-se tornado alvo de zombaria, necessitavam de conforto e ânimo a fim de prosseguir na nova jornada.

Entre aqueles cristãos, havia alguns que foram presos e despojados de suas propriedades (Hb 10:32-34). Alguns foram ameaçados de morte (Hb 12:3, 4). Outros cogitaram abandonar a fé (Hb 2:1; 10:35, 38, 39), negligenciaram a congregação (Hb 10:25) e corriam o risco de rejeitar Cristo (Hb 6:6).

Diante desse quadro, Paulo, seu pastor e conselheiro, lhes enviou palavras de encorajamento e certeza. Eles precisavam estar seguros de que não haviam aceitado uma fé qualquer, alicerçada em fábulas, rituais, símbolos e cerimônias, mas uma fé superior em Jesus Cristo, realidade para a qual todo o sistema de culto judaico apontava: o Filho de Deus, por meio de quem o Pai havia falado (Hb 1:2, 3). Sem rivais no Céu ou na Terra, era o Messias prometido anunciado pelos profetas do Antigo Testamento. Havia deposto a própria vida em resgate do ser humano e em cumprimento de tudo o que a Seu respeito foi dito. No Céu, continuava Seu ministério de intercessão.

Assim, os hebreus tiveram reafirmada a garantia de que tinham Jesus, o líder superior, a esperança superior (Hb 6:9; 7:19), a personificação de promessas superiores (Hb 7:22; 8:6), a garantia de ressurreição e um futuro superior (Hb 11:16, 40). À semelhança do descanso sabático, podiam descansar Nele com a certeza da salvação

(Hb 4). Do que mais eles precisavam, do que mais nós precisamos, além de Cristo?

Jesus Cristo é tudo! Nada deixamos que Ele não possa suprir. Nada nos pode ser tirado que Ele não substitua. Se amigos nos abandonam, Nele encontramos amigo mais chegado que um irmão. As riquezas da Sua graça são infinitamente superiores a tudo o mais.

Os cristãos hebreus necessitavam ter sempre em mente essas coisas, assim como nós hoje. A mensagem da cruz ainda é loucura e escândalo para muitas pessoas (1Co 1:18), mas Cristo ainda é absoluto e singular.

O exemplo da oliveira

Quanto a Mim, porém, sou como uma oliveira verdejante, na Casa de Deus; confio na misericórdia de Deus para todo o sempre. Salmo 52:8

Sentindo-se traído pelo edomita Doegue, homem de confiança de Saul, Davi escreveu o Salmo 52. Na tentativa de se promover, Doegue astutamente vigiou, fugiu de Nobe e foi informar Saul sobre a visita feita por Davi ao sacerdote Abimeleque, em busca de proteção contra a perseguição empreendida pelo rei. Em seguida, uma terrível matança dizimou os sacerdotes daquela cidade (1Sm 21:1-9; 22:11-19). Nesse salmo, o poeta de Israel reafirma a justiça de Deus contra os perversos, difamadores inescrupulosos, vaidosos, os que se utilizam da própria habilidade a fim de prejudicar o semelhante, e se vangloriam da maldade praticada. Tanto a pessoa que se sente vítima da famigerada “puxada de tapete” como quem planeja algo contra o semelhante precisam atentar para as lições dessa reflexão. Tão certo como o dia segue-se à noite, o Senhor reivindicará a causa de todo filho fiel que é injustiçado. Se isso não causa temor ou representa chance de retrocesso por parte do malfeitor, é motivo de consolo e esperança para a vítima.

Na situação em que estava, Davi decidiu permanecer no melhor lugar, ou seja, do lado de Deus. Assim, transformou a situação adversa em oportunidade para o crescimento espiritual: “Quanto a Mim, porém, sou como uma oliveira verdejante, na Casa de Deus”, com todo o vigor. Estando escondido, porém seguro e feliz na casa de Deus, ele havia sido protegido contra o inimigo destruidor, e isso requeria dele o humilde reconhecimento à bondade do Supremo benfeitor.

Então, Davi decidiu viver em adoração e gratidão a Deus. Ungido como rei, alimentaria e iluminaria espiritualmente seus súditos. Isso dá sentido ao simbolismo da oliveira utilizado no salmo. O azeite produzido pelo fruto dessa planta tinha uso litúrgico, na adoração e unção. Somadas ao uso alimentício e na iluminação, essas propriedades lembram também os genuínos cristãos. Espiritualmente

vigorosos e frutíferos, eles florescem nos átrios do Senhor. Ungidos pela graça divina, não se deixando intimidar pela oposição e pelas provações, alimentam e iluminam um mundo faminto e mergulhado em trevas. São filhos da paz e exibem a beleza de Cristo.

Ao sermos tentados a usar os mesmos recursos tortuosos daqueles que nos perseguem, a única saída eficaz para acalmar o espírito e nos manter no caminho do dever é nos voltarmos para Deus. Essa é uma decisão altamente compensadora.

Consolados para consolar

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É Ele que nos conforta [...] para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia. 2 Coríntios 1:3,

4

Quem quer que sejamos, não importando nossa experiência religiosa, temos os mesmos sentimentos humanos. Lutamos com nossos medos, ficamos abatidos, angustiados, perplexos. Nos vales escuros da vida, parece-nos difícil ver o outro lado; fazemos perguntas sem respostas. Em algum momento da caminhada terrestre, todos necessitamos de consolo. Felizmente, servimos ao “Deus de toda consolação”. Não precisamos sucumbir ao desânimo, à dúvida nem à descrença.

A palavra grega traduzida como “consolação”, em nosso texto de hoje, é *paraklēsis*. Ela nos remete ao Espírito Santo, o *paraklētos*, Consolador divino. Ele é o agente por meio do qual Deus consola Seus filhos, seja usando instrumentos humanos que simpatizem conosco, seja relembrando-nos das incontáveis promessas do cuidado de Deus, seja Ele mesmo reacendendo a fé e a esperança em nosso coração.

De acordo com o *Comentário Bíblico Adventista*, a consolação aqui referida vai além do conforto recebido em momentos de angústia e tristeza. Inclui todo o trabalho de Deus em favor de Seus filhos, moldando e santificando o caráter deles. A respeito de Cristo foi dito: “Porque convinha que Aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos à glória, aperfeiçoasse, por meio do sofrimentos, o Autor da salvação deles” (Hb 2:10). Sim, Jesus Cristo assumiu nossa humanidade e experimentou nossos sofrimentos e aflições. Isso Lhe permite simpatizar-Se conosco, como fiel e misericordioso Sumo Sacerdote.

O conforto que recebemos da Fonte não deve ser represado em nós. Há outras pessoas na jornada da vida que enfrentam dilemas. Como afirmou Matthew Henry: “Somos encorajados a entrar corajosamente

no trono da graça para que possamos obter misericórdia e encontrar a graça para ajudar em tempo de necessidade. O Senhor é capaz de dar paz à consciência perturbada e acalmar as paixões furiosas da alma. Ele fala de paz às pessoas, concedendo a remissão gratuita dos pecados. Conforta pelas influências vivificantes do Espírito Santo e pelas riquezas de Sua graça. É capaz de restaurar o coração partido, curar as feridas mais dolorosas, dar esperança e alegria sob as dores mais profundas. Os favores divinos não são apenas para nos tornar alegres, mas também para que possamos ser úteis a outros” (*Matthew Henry’s Concise Commentary on the Whole Bible*, 2Co 1:1-11).

Inflexíveis como cedro

*O justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro no Líbano.
Salmo 92:12*

Embora nada houvesse de sobrenatural em sua natureza ou personalidade, os heróis que desfilaram no palco da história bíblica foram homens e mulheres especiais pela firmeza de caráter que possuíam. Eram servos e servas de Deus, que se destacaram pelo que acreditavam e pelo que estavam dispostos a fazer e sofrer em defesa disso. Diante da morte certa, “não amaram a própria vida” (Ap 12:11), atitude tão necessária no mundo atual, repleto de impiedade e pecado.

Hoje, assim como no passado, a sociedade necessita ser impregnada pela presença de cristãos cuja fidelidade ao Senhor e firmeza aos princípios e valores espirituais seja tão inflexível como o cedro do Líbano, expressão do salmista usada para simbolizar os justos de Deus.

O cedro do Líbano tem sua utilidade atestada por diversas civilizações. Os fenícios empregavam sua madeira na construção de embarcações, e sua resina era utilizada pelos egípcios na mumificação. Conforme o Talmude, os judeus queimavam sua madeira no monte das Oliveiras em anúncio do início do novo ano. Cedros foram usados na construção dos palácios de Davi e Salomão, bem como do Templo de Jerusalém. Babilônios, gregos, assírios e romanos também utilizavam sua madeira.

Símbolo do cristão legítimo, o cedro aprofunda suas raízes entre pedras, montanhas, e cresce lentamente, chegando a 40 metros de altura. Ergue-se imponente em desafio às intempéries. As folhas conservam o verdor, mesmo durante o inverno. Acima de todas as outras árvores, ele se distingue pela firmeza inerente e vigor à prova de tudo. De igual modo, nossa firmeza aos princípios deve exemplificar a inflexibilidade do cedro. Em um mundo que oscila entre o engano e a corrupção, devemos ser conhecidos pela estabilidade do caráter.

Evidentemente, o cedro não cresce à parte da ação de Deus, mas

como fruto de Seu poder. Lembrarmo-nos dessa realidade é fundamental para o crescimento espiritual firme e acima de todo contratempo. Sabe-se que, ao atingir uma rocha, muitas raízes têm seu crescimento interrompido. No caso do cedro do Líbano, porém, a raiz continua crescendo, envolvendo a rocha. Quanto mais ligada à rocha, mais firme permanecerá. Na vida cristã, somente enraizados em Cristo, nossa Rocha, poderemos nos manter firmes diante das tempestades que ameaçam o crescimento espiritual.

Sob a luz de Deus

Pois em Ti está a fonte de vida; graças à Tua luz, vemos a luz. Salmo 36:9

Apreciar, interpretar e entender o significado de obras de arte nem sempre é uma tarefa simples. Às vezes, é preciso que se tenha conhecimento da perspectiva, ideias e ponto de vista do autor, a fim de entender o que ele quis expressar em um quadro, por exemplo. Lembro-me de ter lido, tempos atrás, um relato sobre um grupo de estudantes que foi levado por uma professora a um museu de arte. A certa altura da visita, algumas alunas pararam interessadas em analisar detalhadamente um belo quadro pintado a óleo. Pareciam confusas e sem entender a beleza da obra. Percebendo a perplexidade delas, a professora chamou-as, levou-as a um lugar específico da sala e explicou: “Meninas, este é o ponto a partir do qual o pintor deseja que olhemos aquele quadro.” Dali, as alunas puderam captar toda a beleza da pintura que não tinham conseguido ver quando estavam bem perto dela.

Muitas vezes, o quadro da vida se torna obscuro, tornando-se difícil de ser entendido e apreciado por observadores limitados como nós. Isso acontece quando em meio a dificuldades e problemas não conseguimos ver a mão do supremo Artista aplainando vales, nivelando planícies, contornando obstáculos, harmonizando contrastes, gravando na tela uma história possível de ser entendida somente do ponto de vista da eternidade. É a partir de Seu plano para nós que Deus espera que apreciemos a tela da existência.

A vida inteira deve ser orientada e observada do ponto de vista de Deus. Desse ângulo é possível ver e entender muito do que nos afeta aqui e agora. Davi captou essa percepção quando, em meio à maldade que o cercava, sentiu a bondade de Deus e entendeu que Ele tem tudo sob controle, protegendo os fiéis e punindo os ímpios.

Sendo Deus a Fonte de luz, sob Seu brilho podemos ver a luz da verdade, da esperança, da confiança e da certeza quando tudo nos parece confuso e escuro. Não é sob a ótica embaçada de nosso

entendimento ou de nossas filosofias humanas, mas apenas sob o reflexo da luz divina que podemos ter iluminados todos os detalhes que nos deixam perplexos diante da vida.

Na luz de Deus, pela fé, mesmo hoje podemos antever o acabamento do quadro que Ele está recriando em nós, graças à Sua ação redentora, com retoques às vezes dolorosos, mas necessários. Em oração, busquemos essa luz, enquanto nos submetemos às mãos modeladoras do grande artista.

Rumo ao pódio

Corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta. Hebreus 12:1

A partir de hoje, até o dia 9 de agosto, as atenções do mundo esportivo estarão direcionadas para Tóquio, onde será realizada a 32ª edição dos Jogos Olímpicos. Dela participarão cerca de 13 mil atletas de vários países, que disputarão mais de 30 modalidades esportivas em busca do primeiro lugar. Tudo por uma glória pessoal, que o tempo se encarregará de ofuscar. Oposta a isso está a jornada cristã, cujo pódio não está limitado a pouquíssimos privilegiados, mas a todos quantos desejarem.

Em Hebreus 12, Paulo faz referência a ela. A conjunção “portanto”, que inicia o capítulo, chama atenção dos leitores para o exemplo de fidelidade, compromisso, perseverança e coragem diante da própria morte, deixado pela “nuvem de testemunhas” mencionadas no capítulo 11. Tendo-as como exemplo, “desembaraçando-nos de todo peso e do pecado [...], corramos, com perseverança a carreira que nos está proposta” (Hb 12:1). A metáfora da “corrida” foi utilizada pelo apóstolo ao se referir a seu ministério e sua vida cristã (1Co 9:24-27; Gl 2:2; Fp 2:16; 2Tm 4:7).

Atletas que têm como objetivo o primeiro lugar no pódio não podem negligenciar o condicionamento físico. Naqueles dias, eles costumavam usar pesos no treinamento. Isso ajuda a fortalecer a musculatura, mas carregá-los durante a corrida é insensatez. Assim, o “atleta” cristão deve descartar tudo o que dificulte seu desempenho na corrida cristã.

“Corramos com perseverança!” A pista não é lugar para hesitações. Na corrida cristã, não há intervalos ou parada técnica. Desistência, nem pensar! O som do apito que anuncia o fim é paradoxalmente um toque de silêncio – o da morte. Quando Paulo disse ter acabado a carreira, só lhe restava a execução pela espada de Nero (2Tm 4:6-8).

“Corramos [...] olhando [...] para Jesus” (Hb 12:1, 2). Nessas palavras

está o segredo da vitória. O atleta não tem que prestar atenção nos espectadores. Se ele faz firulas, esperando a aclamação deles ou se preocupa com as vaias, isso pode ser fatal a suas pretensões. Não podemos nos distrair. Olhemos para Jesus, que é, ao mesmo tempo, motivador, impulsionador, capacitador e supremo alvo da corrida cristã.

Estamos na pista. Corramos com perseverança, olhando para Jesus durante todo o tempo e desviando o olhar de tudo o mais, até à linha de chegada – a eternidade feliz com Ele.

Não deixe de olhar

Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus. Hebreus 12:2

Na sintonia do pensamento de ontem, lembrei-me de Adolphe Theodore Monod. Falecido em 1856, aos 64 anos, foi considerado o principal pregador protestante da França no século 19. Filho de pastor, também trabalhou na Itália e nos Estados Unidos, tendo sido também editor.

Um de seus sermões, publicado em 1890, contém um chamado pertinente a todos nós, em todos os tempos. Transcrevo hoje alguns poucos itens daquele sermão, de acordo com o qual só estaremos seguros “olhando para Jesus, e não para nós mesmos, nossos pensamentos, desejos e planos. Para Jesus, e não para o mundo, com suas atrações, seus exemplos, suas ideias e opiniões. Para Jesus, nunca para Satanás, quer procure nos afugentar com sua ira ou nos seduzir com bajulações. [...]”

“Olhando para Jesus, e não para nossos irmãos. Nem mesmo para os melhores e mais amados entre eles. Se seguirmos um homem, corremos o risco de perder o caminho, mas se seguirmos a Jesus, nunca nos extraviaremos.

“Olhando para Jesus, a fim de que possamos receber Dele o trabalho e a cruz de cada dia, com aquela graça que é suficiente para podermos levar a cruz e realizar o trabalho; pacientes, por meio de Sua paciência; ativos por Sua atividade; amoráveis, por Seu amor. Não indagando: ‘o que queres que eu faça’, mas: ‘o que há que Ele não pode fazer através de mim?’ [...]”

“Olhando para Jesus, e não para as profundezas do pesar que sentimos por nossos pecados, nem para o grau de humilhação que eles produzem em nós. Se esse pesar nos humilha, de modo que não mais temos prazer em nós mesmos; se nos lança no abatimento, de modo que olhemos para Jesus como único libertador, isso é tudo o que Ele requer de nós. É olhando-O que teremos suprimido o nosso orgulho.

“Olhando para Jesus, e não para a nossa fé. O último ardil de Satanás,

quando não pode nos afastar do caminho por outras tentativas, é desviar nosso olhar de Jesus para que olhemos a nossa fé e fiquemos desanimados, se ela é fraca. Ou envaidecidos, se ela é forte. Nos dois casos, ela será enfraquecida. Não somos fortalecidos por contemplar a nossa fé, mas por olhar a Jesus.

“Olhando para Jesus, de modo que a bendita esperança de Sua vinda nos dê ânimo para viver sem murmurações e morrer sem queixas, quando chegar o dia em que tivermos de enfrentar o último inimigo a quem Ele já venceu por nós e a quem venceremos por meio Dele” (*Ministry*, jul/1979, p. 6, 7).

Além da rotina

Realmente este homem era o filho de Deus! Marcos 15:39

Aquele não seria um dia qualquer de trabalho. A tensão estava no ar, a agitação tomava conta do povo. Mas a ordem do dia que lhe havia sido comunicada, depois de um julgamento ilegal que havia tomado a noite inteira, talvez não fosse novidade para o centurião. De fato, muitos outros condenados já haviam recebido a mesma sentença. Com sua companhia de cem soldados, ele deveria executar um jovem agitador que Se declarava o Messias. Isso ele realizou friamente, como rotina. Executada a ordem, ali estava ele ao pé da cruz, frio e calculista, enquanto o Filho de Deus, erguido entre o Céu e a Terra entregava a vida pelo resgate do mundo.

Contudo, algo diferente do que havia sido planejado aconteceu, e o atingiu em cheio. O sinal do cumprimento do anúncio da morte do Cordeiro de Deus foi visto no véu rasgado no interior do templo. A Terra sacudiu, o sol reteve seu brilho. Envolvido pela rotina de executar tantos criminosos à morte de cruz, aquele comandante jamais pensou em ver uma manifestação da natureza em reação à morte deles. Mas ele não estava diante de um condenado comum, e O reconheceu: “Verdadeiramente este era o Filho de Deus!”

Para alguns eruditos, essa pode não ter sido a expressão de um coração imediatamente convertido a Cristo. Entre os argumentos, o fato de o comandante ser pagão. Isso o teria levado, diante do que tinha visto, a atribuir tudo a um milagre no contexto de seu mundo sobrenatural. Nesse caso, “Filho de Deus” poderia ser apenas “filho de um deus”. Entretanto, Ellen White afirmou: “A paciência divina do Salvador e Sua súbita morte, com o grito de vitória nos lábios, haviam impressionado esse pagão. No corpo ferido e quebrantado, suspenso na cruz, o oficial reconheceu a figura do Filho de Deus. Não pôde deixar de confessar sua fé” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 770).

Precisamos contemplar pessoalmente a Cristo. Todos corremos o risco de perdê-Lo de vista em meio a nossas atividades habituais,

mesmo que sejam práticas e rituais da religião. Não é por intermédio delas que O vemos; mas, antes delas O contemplamos, reconhecemos e O aceitamos como nosso Salvador. Ele quebra a rotina, quebranta o coração e entenece o ser. Não podemos deixar que o importante encubra o essencial nem que o comum esconda o sublime. Cristo deve ser nosso companheiro de jornada em cada passo do caminho. Isso é que é viver.

Ele está nas nuvens

Disse o SENHOR a Moisés: Eis que virei a ti numa nuvem escura. Êxodo 19:9

De acordo com o imaginário popular, “anda nas nuvens” quem devaneia, sonha com o impossível ou se permite embalar no auge de uma experiência feliz. Está sob “céu de brigadeiro” (sem nuvens) quem vive momentos sem dificuldades, em que tudo dá certo. As duas coisas fazem parte da vida, assim como em nosso dia a dia, ora desejamos o sol ora queremos as nuvens. Cedo pela manhã, minha primeira providência ao acordar é abrir a janela do quarto, deixando o ambiente iluminado. À tarde, pelo menos no verão, quero que as nuvens estejam no céu, amenizando o calor produzido pelo Sol, no lado oposto da casa.

Nuvens são objeto de inspiração para artistas e fotógrafos. Demoramo-nos admirando seus diversos formatos, sua brancura e seu deslocamento no espaço. Sem nuvens, não há neve, relâmpago nem arco-íris. Elas realçam a beleza do pôr do sol e estão presentes nas mais belas paisagens. Apesar disso, quando trazem fortes tempestades, colhemos graves prejuízos. As nuvens são muito importantes para o equilíbrio da vida no planeta, sendo responsáveis pelo ciclo da água e pelo clima; portanto, fundamentais na meteorologia.

Há muitas referências bíblicas às nuvens. Citando apenas algumas: Cristo virá sobre nuvens (Mt 26:64; Ap 14:14). Comparadas à grandeza de Deus, as nuvens são como “pó dos Seus pés” (Na 1:3). Durante a peregrinação israelita pelo deserto, durante o dia, uma nuvem na qual estava o Senhor amenizava os rigores do sol (Êx 13:21). Entre as orientações que deu a Moisés, antes da promulgação do Decálogo, Deus lhe garantiu estar a seu lado, “numa nuvem escura”, a fim de que seu discurso tivesse credibilidade diante do povo (Êx 19:9).

Há outros textos nos quais a glória divina aparece velada por uma nuvem, em benefício do povo pecador. Essa é uma lembrança apropriada do que há em meio às nuvens que, figuradamente, às vezes nos impedem de ser aquecidos e iluminados pelo sol da existência.

Essas nuvens são comuns em um mundo imperfeito. Elas parecem esconder de nós o semblante de Deus, porém, lá está Ele, assim como o Sol continua brilhando atrás das nuvens naturais. Atrás das nuvens, o Senhor trabalha em nosso benefício. Por mais longo que seja o tempo de aridez desértica ou de escura peregrinação, há sempre um oásis para o qual seremos guiados sob a nuvem de amor da presença de Deus.

Gerentes de um planeta

Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden, para o cultivar e o guardar. Gênesis 2:15

São recorrentes os avisos de que o descuido com o meio ambiente pode levar nosso planeta ao caos. Eles são veiculados pela mídia, em campanhas educativas promovidas por instituições governamentais e não governamentais. Já nos anos 1960, livros e artigos em revistas advertiam contra os danos naturais causados pelo uso de pesticidas químicos. No início dos anos 2000, pesquisadores norte-americanos do Fundo Mundial para a Natureza esboçaram um cenário caótico para o planeta até o ano 2100: extinção de espécies de aves e animais, inundações, nevascas, furacões, ciclones e outros fenômenos ceifarão milhares de vidas.

Há cerca de quatro anos, Stephen Hawking, falecido em 2018, falando a estudantes da Universidade de Oxford, fez previsões sombrias para a Terra também para os próximos 100 anos. Como solução, sugeriu que o ser humano precisa encontrar outro lugar no espaço para sobreviver.

Cristãos adventistas sabem muito bem onde podem estar daqui a 100 anos, e não será por causa da engenhosidade humana. Mas também sabemos que “toda a criação, a um só tempo geme e suporta angústias até agora” (Rm 8:22), por causa do egoísmo prevalecente. Em meio a discursos em favor da preservação ambiental, ouvidos com reservas por desenvolvimentistas, ou enfatizados com forte colorido ecumênico por grupos religiosos, precisamos lembrar nosso papel na qualidade de gerentes do planeta. Nosso verso de hoje nos lembra dessa condição. O Senhor confiou ao ser humano a tarefa de cuidar da natureza e preservá-la, não agindo como destruidores dela em benefício próprio.

O filósofo Douglas Groothuis afirmou: “A visão cristã nem deifica a natureza nem denigre seu valor. De acordo com a Bíblia, a criação é divina e não deve ser cultuada. Porém, ela não é intrinsecamente má

nem ilusória. Portanto deve ser tratada com respeito” (citado por Humberto Rasi, *Ministério*, nov/dez, 2013, p. 25).

Felizmente, não vai demorar muito, virá o fim, e tudo o que foi estragado pela desobediência e rebeldia dos maus gerentes será renovado de acordo com o plano original do Criador. A plena harmonia entre seres humanos, animais e o restante da natureza será então restaurada, estabelecendo-se a Nova Terra, onde habitaremos pela eternidade. Essa é a esperança que dá sentido à vida em um mundo vítima do egoísmo humano.

Pets de Deus

*Ele dá alimento aos animais e aos filhos dos corvos, quando clamam.
Salmo 147:9*

Ao agredir um cachorro que perambulava em seu local de trabalho, causando-lhe a morte, um segurança atraiu sobre si um turbilhão de protestos, ação do Ministério Público, afastamento do trabalho, e teve que dar explicações à polícia. Parece-me que, como em nenhuma outra época, os animais estão no centro das atenções. Eles estão na pauta de noticiários, que denunciam qualquer irregularidade no trato dispensado a eles. Há uma ampla variedade de serviços prestados e lojas de produtos exclusivos para eles no comércio.

Não tendo sido feitos à imagem e semelhança do Criador, mas cada qual “segundo a sua espécie”, confesso que acho curioso que eles sejam tratados quase como se fossem seres humanos. Há muita gente necessitada de carinho e atenção, mas que não os recebe em medida igual ao que recebem os animais.

Por favor, não me entenda mal! Em casa, já convivemos com três cachorrinhos, presenteados às nossas filhas. Com eles, tivemos muitas chances de refletir sobre sensibilidade, afeto, dedicação e lealdade. Mesmo repreendidos, não se afastavam, mas se aproximavam de nós. Eles têm sua maneira de sentir. Em 2018, o mundo viu o labrador Sully deitado junto ao caixão em que estava o corpo do ex-presidente George Bush, seu dono ilustre.

Deus criou os animais e Se preocupou em preservar cada espécie durante o dilúvio. Proveu diretrizes para o cuidado de animais de carga (Dt 22:6, 7; 25:4). Um jumentinho foi utilizado por Jesus em Sua entrada triunfal em Jerusalém. “Cabe ao homem procurar aliviar o peso do sofrimento que sua transgressão acarretou sobre as criaturas de Deus, em vez de aumentá-lo. Aquele que maltrata os animais porque os tem em seu poder é covarde e tirano. A disposição para causar dor, quer seja a nosso semelhante quer aos seres irracionais, é satânica” (Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, p. 443).

A Nova Terra recriada por Deus terá a convivência harmônica de diversas espécies animais (Is 11:6, 7; 65:25) “No entanto, não podemos estar certos de que isso se dará pela ressurreição dos animais que antes existiram na Terra. Pode ser que Deus decida criar novos animais para essa finalidade” (Milton Torres, *Ministério*, jan/fev, 2008, p. 29). O certo é que eles não serão excluídos do plano divino para a eterna felicidade dos remidos. Isso justifica o fiel exercício de nossa mordomia com essa parcela da criação.

Sem perder tempo

Exercite-se na piedade. 1 Timóteo 4:7, NVI

À semelhança do que às vezes fazia em seus escritos, ao se dirigir a Timóteo, Paulo também utilizou uma metáfora do mundo esportivo a fim de se referir ao progresso da experiência cristã. Em nosso texto, o verbo “exercitar” é derivado do termo grego *gymnos*, “despido”, que era como os atletas treinavam nos ginásios gregos. Aqui, a expressão é usada como símbolo de exercício e disciplina intelectual e espiritual.

Depois de haver aconselhado o pastor Timóteo a não desperdiçar tempo com especulações, superstições e enganos doutrinários, o apóstolo o incentivou a investir tempo e esforço no estudo e na apresentação positiva das verdades cristãs que levam à genuína experiência espiritual. Ele deveria fazer isso não apenas tendo em vista o crescimento do rebanho, mas em favor de si mesmo. Se deveria ensinar e mostrar a seus ouvintes o caminho da santidade, quanto mais deveria ser ele mesmo exemplo disso!

O empenho pessoal em favor da santidade não contradiz a oferta da graça. É consequência dela. A vida cristã requer autovigilância, decisões a cada instante, renúncia e muito mais, o que implica esforço mental e espiritual. Esse empenho também não significa isolamento. Em meio a desafios e armadilhas, cada passo dado para mais perto de Deus é dado em meio a conflitos contra as tendências de nossa natureza humana pecaminosa. Há poder e graça à nossa disposição, mas não somos passivos no processo. Fazemos escolhas, tomamos decisões em direção a Deus, enquanto Ele trabalha em nós e por nós.

“Pela fé, você passou a ser de Cristo, e pela fé, deve Nele crescer – dando e recebendo. Você tem de entregar-Lhe tudo – o coração, a vontade, a disposição de servir. Deve se entregar a Ele para então obedecer a todos os Seus mandamentos. Você receberá tudo – Cristo, a plenitude de todas as bênçãos, para habitar em seu coração, ser sua força, justiça e esperança eterna – para que tenha o poder necessário para obedecer” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 70).

Assim, somos dependentes da graça de Cristo que atua em nós, realizando a “boa obra” de santificação que Ele mesmo começou. Mas somos responsáveis pela decisão de nos submeter, a fim de que, “até ao dia de Cristo Jesus”, Ele a complete (Fp 1:6). Essa obra tem continuidade neste dia. Cristo deseja nos tornar, hoje, melhores do que ontem. Ele fará isso, se o permitirmos.

Entre riscos e sofrimentos

Trabalhei arduamente; muitas vezes fiquei sem dormir, passei fome e sede, e muitas vezes fiquei em jejum; suportei frio e nudez. 2 Coríntios 11:27,
NVI

A realidade vivida pelos fiéis do Altíssimo contradiz frontalmente o discurso de alguns pregadores que propagam uma série de conceitos supostamente destinados a manter sofrimento, doença e pobreza longe do cristão. Sendo que essas coisas, na visão desses pregadores, são manifestações do desfavor de Deus, o que poderia ser dito de personagens como João Batista, Tiago e Pedro, servos de Deus que sofreram perseguição e morte por não negarem a fé? E quanto a Paulo? Seria ele um desventurado, abandonado por Deus às consequências da própria pecaminosidade, ou um exemplo de fidelidade, perseverança e esperança em meio às dificuldades naturais da vida cristã?

Em 2 Coríntios 11, Paulo responde, de modo contundente, aos críticos que tentavam minar sua influência entre os membros da igreja de Corinto. Com santa ousadia e em “tom elevado”, mas tendo em vista a glória de Deus, ele não economizou fatos para mostrar a superioridade de seu ministério. Paradoxalmente, foram as dificuldades sofridas que rechearam o argumento do apóstolo direcionado àqueles pretensos mestres.

O belíssimo relato de perigos e sofrimentos apresentado por Paulo-chama-nos a refletir sobre sua paciência, perseverança, coragem, firme confiança em Deus e alegria mantidas em meio às provações, sem desviar-nos da conscientização de que elas são inevitáveis. A essas virtudes o apóstolo acrescentou o sentimento de utilidade: “Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas. Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?” (v. 28, 29).

Quando sacudidos pelo vendaval das provas, faz-nos bem não nos esquecermos de que outros também sofrem e precisam de nossa solidariedade. Tenhamos sempre em mente que “a fé cristã não nos

livra de muitas de nossas preocupações; mas, antes, modifica-lhes a natureza. Elas se tornam a carga do amor. Também não remove nossas ansiedades e temores: antes, enobrece-os. Nossa ansiedade acerca de nós mesmos é suplantada pela ansiedade acerca de outros, e a ansiedade acerca de outros se torna a ansiedade acerca do bem espiritual deles” (Russel Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, v. 4, p. 408).

Além Dele mesmo, nosso Senhor nos proveu um exemplo admirável a ser imitado no sofrimento, como enfrentá-lo e redirecioná-lo: a experiência do apóstolo Paulo.

Agosto

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sáb

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

“Nada a ver”

Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. João 17:15

Faz algum tempo, ouvi um irmão expressar preocupação com respeito à existência do que chamou de “igreja do nada a ver”; segundo ele, existente de modo informal dentro da igreja real. Para aquele irmão, os adeptos desse “movimento” se destacam por minimizar princípios e normas de conduta cristã. Sempre que são confrontados com a necessidade de observá-los, rejeitam a ideia com a expressão “nada a ver”, julgando-os irrelevantes e descontextualizados.

Essa forma de conduta é fruto da influência cultural de nossos dias, sempre em mudanças rápidas e tendentes ao liberalismo. Ao contrário do que muitos talvez imaginem, a expressão dessa cultura não é posse exclusiva de segmentos privilegiados da sociedade. Ela tem alcançado todo grupo social que tenha acesso a meios de comunicação, ainda que sejam os mais simples e menos custosos. Assim, por meio deles, pouco a pouco a pessoa vai absorvendo as mudanças, expressando-as em seu ambiente, e o choque resultante de pensamentos conservadores e liberais, na igreja, torna inevitáveis as tensões.

Felizmente, há um meio seguro de harmonizar os pensamentos e conceitos: o retorno à Bíblia, colocando-a no lugar que lhe pertence, ou seja, acima de toda e qualquer ideia humana, como crivo de avaliação da cultura. Somente estando firmados nas Escrituras é que nos encontraremos plenamente protegidos contra “os dardos inflamados do Maligno” (Ef 6:16). Nesse sentido, Jesus orou: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal” (Jo 17:15). Estamos no mundo e permaneceremos nele até à vinda do Salvador. Enquanto isso, devemos exemplificar o poder transformador do evangelho.

No entanto, é verdade que, entre o ideal divino e a realidade da natureza humana, há uma luta sem trégua em cada coração. Ao tratarmos com alguns entre nós que eventualmente lutam com maiores dificuldades, é oportuno lembrar que o amor cristão não nos

permite estigmatizar nem marginalizar quem quer que seja. Afinal, não é a igreja uma comunidade de amor e graça, que aceita, abraça, ergue e restaura?

Devemos alimentar a disposição de nos aceitarmos mutuamente, ouvir uns aos outros e continuar buscando, juntos, em oração e no estudo da Bíblia, respostas para nossos questionamentos. Ao fazermos isso com mente aberta e dirigida pelo Espírito Santo, à sombra da graça de Deus, construiremos uma igreja em amor que avança para o encontro com Jesus. Essa atitude tem tudo a ver com Ele.

Propriedade do Rei

Se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor. Romanos 14:8

O desejo de pertencer pressupõe aceitação mútua. Assim como queremos ser aceitos em um grupo social, como é o caso de uma igreja, precisamos estar prontos a aceitar as demais pessoas com toda sua herança cultural e étnica, seu modo diferente de ser, pensar, sentir e agir. Sobretudo, devemos estar dispostos a ajudá-las em suas limitações, qualquer que seja a natureza delas. Tendo em mente o respeito à individualidade, debatemos e confrontamos ideias e conceitos, mas abraçamos as pessoas, acolhendo-as com amor em nosso coração.

Temos que reconhecer, porém, que nem sempre conseguimos ajustar com facilidade teoria e prática. Sempre que isso acontece, estabelecemos o fundamento para um ambiente de desconfiança e discórdia, somente restaurado pela vivência dos princípios da graça divina.

De fato, esse não é um problema novo. Paulo o enfrentou, empenhando-se por dissipá-lo em algumas das igrejas de seu tempo, como na Galácia, em Corinto e em Roma. Em Romanos 14, o apóstolo se dirigiu àqueles cristãos, insistindo em que, todos deveriam aceitar-se como irmãos e irmãs em Cristo Jesus, embora a igreja estivesse composta de pessoas com variados antecedentes. Buscando evitar incompreensões, ele defendeu a tolerância entre os cristãos. Conforme Matthew Henry, Cristo “é o Senhor daqueles que estão vivos, para governá-los; daqueles que estão mortos, para ressuscitá-los. Os cristãos não devem julgar nem desprezar uns aos outros, porque uns e outros devem prestar contas ao Senhor” (*Comentário Conciso*; Bible/hub.com).

Contudo, há algo mais no texto, e que devemos levar conosco sempre: somos de Cristo! Nada que nos ocorra será tão forte para nos arrebatarmos de Suas mãos. A cada passo, a cada pulsar de nosso coração,

estaremos sob Seu cuidado e proteção. Nada nos acontecerá fora dos planos que Ele tem para nossa vida.

Acaso, sente você o desprezo de outros por causa de seu modo de ser? Sente-se em solidão? Cristo preenche esse vazio. Problemas de saúde, finanças e relacionamentos incomodam? Nada pode nos tirar das mãos do Senhor.

Levante a cabeça, solte a voz do coração e cante, durante todo este dia: “Eu pertenço ao meu Rei, / é por mim Seu amor; / Sua paz e descanso terei. / Seu conforto me vem mitigar qualquer dor [...]. / Com os salvos um dia estarei” (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 350).

O melhor está por vir

Mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que O amam. 1 Coríntios 2:9

Cidade portuária e cosmopolita, Corinto era notável em várias áreas. Era uma das principais rotas de comércio do mundo. Além disso, se destacava nos esportes com seus jogos ístmicos, realizados a cada dois anos. Competidores de todo o mundo eram atraídos por esse torneio, somente superado pelas olimpíadas atenienses. Estando perto de Atenas, capital intelectual do mundo de então, Corinto também transpirava cultura. Seus moradores tinham como diversão ir às praças, a fim de ouvir a exposição de ideias feita por notáveis pensadores e filósofos.

O compromisso de Paulo com a pregação do evangelho o levou àquela cidade. A igreja foi estabelecida, mas por causa de questões morais e relacionais se tornou problemática. A supervalorização da cultura humana também exercia forte influência. Nesse contexto intelectual, que considerava “loucura” a mensagem da cruz (1Co 1:18), o apóstolo não tinha outra mensagem para apresentar como solução, senão esta: “Pois decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1Co 2:2).

Então ele se referiu à impossibilidade que o ser humano tem de compreender, por si mesmo, todos os aspectos da história da redenção. Poderão fazê-lo somente aqueles que amam o Autor da história, aos quais Ele Se revela. Tem-se dito que não há limites à mente humana em sua busca pelo conhecimento das realidades terrestres que nos cercam. Entretanto, para conhecer os mistérios da redenção, precisamos mais do que pesquisas ou reflexão profunda. Precisamos da sabedoria do Espírito Santo (v. 10).

Como ponto alto desse conhecimento das realidades do reino da graça, está implícita a referência geralmente feita ao texto sobre o reino da glória e as maravilhas que nele serão descortinadas.

Nenhuma imagem que nossos sentidos possam elaborar corresponde ao que nos aguarda. Na descrição que fizeram delas, os escritores bíblicos apenas usaram as palavras limitadas do vocabulário humano, e “a linguagem humana não é adequada para descrever a recompensa dos justos. [...] Nenhum espírito finito pode compreender a glória do Paraíso de Deus” (Ellen White, *O Grande Conflito*, p. 675).

Diante de tudo “o que Deus tem preparado para aqueles que O amam”, nossos sentidos também ainda não podem captar a grandeza do privilégio de termos sido alcançados pela graça e de podermos andar com Jesus.

Ande com Deus

Enoque andou com Deus e já não era, porque Deus o tomou para Si.
Gênesis 5:24

Conheço muitas pessoas que apreciam memorizar e recitar genealogias bíblicas. Outras, porém, não se entusiasmam com a repetição de nomes e fatos. Talvez você esteja entre esses leitores da Bíblia. Em Gênesis 5, por exemplo, há nove referências às formas verbais “viveu” e “morreu”. Ao mencionar Enoque, pai de Matusalém, o relato parece fazer cair uma gota de chuva na aridez, ao afirmar que ele “viveu”. Não morreu. “Foi trasladado para não ver a morte” (Hb 11:5). Deus fez dele um troféu de Sua vitória sobre o poder da morte.

A afirmação de que “Enoque andou com Deus” evidencia uma experiência singular de vida. Não se tratava de algo místico, teórico ou forçoso. Andar com Deus é algo sublime. Trata-se de relacionamento pessoal entre amigos. A carta aos Hebreus associa a essa experiência a frase “pela fé”. É nessa interação de fé que compreendemos o caráter divino, nossa dependência da graça, e nela nos abrigamos sempre, exatamente como já foi dito a respeito do próprio Enoque: “Quanto mais íntima era sua ligação com Deus, mais profunda era a percepção da própria fraqueza e imperfeição” (Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, p. 85).

Apesar da iniquidade que o cercava, Enoque não se isolou das pessoas. Era entre elas que deveria fazer diferença, sendo um testemunho da graça e do juízo divinos. “O infinito e insondável amor de Deus mediante Cristo se tornou o assunto de suas meditações dia e noite; e, com todo o fervor de seu coração, procurou revelar aquele amor ao povo entre o qual vivia” (*ibid.*, p. 84).

De modo semelhante, precisamos sair do círculo privativo da nossa experiência com Deus e revelá-Lo, por preceito e exemplo, às pessoas necessitadas Dele a nosso redor. A própria realidade de nosso relacionamento com Jesus fala por si mesma, ao nos tornarmos reflexos de Sua imagem e de Seu amor. Que todos O vejam em nós!

A menos que haja anormalidade, andar é uma prática habitual, presente conosco desde a infância. Não é dito que Enoque tentou nem que se esforçou, foi forçado por outros ou lutou para fazer isso. Simplesmente “andou com Deus”. De igual modo, pela fé, recebendo Seu poder e sob o impulso da graça, andamos com Deus, até o momento em que Ele nos tomará para Si, levando-nos para a glória celestial.

“Onde foi que eu errei?”

*Como pode um homem reclamar quando é punido por seus pecados?
Lamentações 3:39, NVI*

Esquecidas de que tudo “aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6:7), muitas pessoas vão seguidamente de uma má escolha a outra em busca de satisfação, prosperidade e realização pessoal. Isso ocorre tanto no âmbito do cotidiano, nas decisões aparentemente mais simples, como naquelas relacionadas às questões eternas. Se há descaso para com os princípios que norteiam a saúde, o preço a ser pago será debilidade física. Caso se flerte com relacionamentos impróprios, os legítimos ruirão. Se alguém não dispensa ao cônjuge amor, respeito, atenção, paciência, entre outras virtudes, ou não responde devidamente a elas, como esperar que o relacionamento cresça sólido? A escolha de caminhos pecaminosos levará à morte. Entretanto, muitos se queixam, como se nada tivessem que ver com isso, deixando escapar a interrogação quando se deparam com os resultados de sua conduta: “Onde foi que eu errei?”

Em última instância, cabe ao ser humano a escolha dos caminhos que seguirá. Caso os tenha escolhido mal, de que deveria se queixar, senão de si mesmo? Se as consequências são colhidas como resultado natural dos atos ou imposta como punição, podemos até nos queixar a Deus, derramando perante Ele nosso coração; porém, nunca nos queixando de Deus. É por amor que Ele repreende e castiga (Ap 3:19) tendo em vista nosso crescimento integral. Se analisarmos nossas aflições sob o foco dessa luz, renunciaremos aos impacientes murmúrios contra a providência divina, sendo agradecidos por Sua direção que, por meio dos sofrimentos, conduz-nos ao arrependimento.

O livro de Lamentações trata de acontecimentos trágicos que levaram o povo de Israel à profunda tristeza. Nada que não fosse resultado de seu deliberado afastamento de Deus, ocorrido pela débil atuação de seus líderes. Contudo, a restauração viria quando o povo

deixasse de culpar Deus pela situação, confessasse seu pecado e se voltasse para Ele (Lm 3:40-42). Deus o atenderia, porque “o Senhor não rejeitará para sempre” (v. 31).

Nenhuma punição é maior do que o merecimento de nossos pecados. Voltemo-nos então para Sua vontade cheia de graça. Sim, a graça! Enquanto ela existir, a esperança não morre. Apesar de nós mesmos, Deus é sempre o mesmo. “Levantemos o coração e as mãos para Deus” (v. 41, NVI) em confissão. Ao enfrentarmos os desafios que este dia nos reserva, sejamos sensíveis à Sua direção.

Sob a mão de Deus

Então, o Espírito me levantou e me levou; eu fui amargurado na excitação do meu espírito; mas a mão do SENHOR se fez muito forte sobre mim.

Ezequiel 3:14

Desafios, responsabilidades e planos fazem parte da vida. Há aqueles cujo enfrentamento e realização não exigem muito esforço. Entretanto, outros revelam tão grande impossibilidade de transposição ou cumprimento que nos fazem sentir pequenos, deixando-nos perplexos e, às vezes, indignados.

Com nosso anseio natural por conquistas ou movidos pelas necessidades de sobrevivência, costumamos traçar planos e sonhos pessoais. É certo que o selo da aprovação divina é impresso em todo projeto individual cujo objetivo seja glorificá-Lo e, com isso, promover o bem-estar de Seus filhos. Mas, considerando que nossa visão cristã não se limita ao que é terrestre, também temos sido chamados por Deus ao cumprimento de responsabilidades espirituais de execução nada fácil. Foi assim com Seus servos no passado. Também é assim no presente.

Ezequiel sentiu a doçura do chamado para profetizar entre o povo de Israel, sendo-lhe claramente dito que a tarefa seria amarga. Seu êxito, porém, estava condicionado à fiel perseverança na execução dela. Ao profeta caberia apresentar a Palavra de Deus a um povo rebelde, mas ao Deus da Palavra caberia cuidar dos resultados. Depois de ter um vislumbre da glória divina, amparado pelo Espírito, Ezequiel, “cheio de amargura e de ira” (NVI), em parte pela rebeldia do povo, mas também temendo pelo insucesso da missão, finalmente a enfrentou, impulsionado pela “mão do Senhor”.

Quais desafios você precisa enfrentar hoje? Pregadores e líderes da igreja os encontram diariamente. Há decisões difíceis a serem tomadas, às vezes envolvendo pessoas, e sabem que, nem sempre, há respostas favoráveis a suas orientações. Mesmo assim, a mão do Senhor os impulsiona, sustenta e aponta o melhor caminho. De igual

modo, os demais filhos de Deus enfrentam desafios em uma sociedade indiferente às realidades espirituais, onde cada um está voltado para si. Contudo, “quer ouçam quer deixem de ouvir”, todas as pessoas devem receber a mensagem da graça divina (v. 11) pelo nosso testemunho.

Quais são os sonhos que você alimenta para sua vida pessoal e familiar? Creia, a graciosa mão do Senhor não lhe será retirada, sejam esses desafios de concretização fácil ou aparentemente impossível. O que não foi possível ontem pode ser hoje. Enfrente-os, sob a mão do Senhor. O resultado será o melhor do ponto de vista Dele; e isso é tudo o que importa para o verdadeiro êxito na vida.

Tesouro bem guardado

Porque eu sei em quem tenho crido e estou bem certo de que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia. 2 Timóteo 1:12

Muitos milionários tiveram o desprazer de ver escoar sua fortuna, às vezes, por terem sido lesados. Líderes e mentores, cuja influência era monumental, já não mais a exercem porque a lei natural da vida lhes impôs a retirada do cenário ou por outras razões. Personagens do mundo das artes e dos esportes, que conheceram o auge da fama, também a viram se perder com o tempo. Já não são procurados nem enaltecidos; antigos “amigos” passam ao largo, suas opiniões não mais interessam. Aplausos não são mais ouvidos. Nem todos eles encaram com naturalidade a nova condição. Sentindo o peso do ostracismo, alguns têm mergulhado em sérios problemas de saúde, tendo até mesmo a vida abreviada.

Em contraste, destaca-se a atitude do apóstolo Paulo. Tendo sido chamado por Deus de modo incomum durante uma missão perseguidora aos cristãos, o celebrado erudito do alto escalão judaico se tornou o “bandeirante da fé cristã”. Evangelizou gentios, combateu o radicalismo judaizante, incomodou poderosos, desafiou intelectuais e falsos líderes, depôs diante de reis e imperadores, tudo a serviço da exaltação do Cristo crucificado e ressurreto. Finalmente, foi confinado à escuridão e frieza de um cárcere enquanto aguardava a morte. Entretanto, ao jovem colaborador Timóteo, ele deixou claro que não estava nem um pouco abalado.

Ciente de que ele passaria, mas não Cristo, incentivou Timóteo a se empenhar na pregação destemida do evangelho: “Não te envergonhes, portanto, do testemunho do nosso Senhor, nem do Seu encarcerado, que sou eu” (2Tm 1:8). Não há cadeia no mundo tão forte para subjugar uma consciência limpa diante de Deus. Acusações e condenações jamais abalam a confiança daqueles aos quais são atribuídas, quando eles estão empenhados na promoção e defesa da verdade.

Para o apóstolo, estar onde estava não fazia a menor diferença: “Porque sei em quem tenho crido e estou certo de que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia” (v. 12). Ele havia confiado sua vida Àquele que lhe confiou as riquezas da graça, para sua salvação e para a salvação de multidões. Que mais importava?

Da próxima vez em que você se sentir sob fogo inimigo ou “fogo amigo”, entregue à solidão, assediado por desânimo e desespero, lembre-se: o Deus de Paulo é também seu Deus. A diferença essencial da vida está em crer Nele.

Encontro com a vida

Pois vocês morreram, e agora a sua vida está escondida com Cristo em Deus. Colossenses 3:3, NVI

Para viver plenamente, dizem estudiosos, o ser humano necessita satisfazer necessidades básicas como, por exemplo, necessidade de pertencimento, significado e segurança. Abraham H. Maslow elaborou uma lista de necessidades em forma de pirâmide, a conhecida “Pirâmide de Maslow”, em cuja base estão as necessidades fisiológicas, sobrepostas pelas necessidades de segurança, pertencimento, estima e, no topo, autorrealização.

Para sua frustração, na busca dessa tão almejada plenitude de vida, o ser humano tem andado por todos esses caminhos, muitas vezes limitando-se ao âmbito terreno. Ao sentir aflorar a necessidade de desenvolvimento espiritual e de preencher o vazio do coração, ele costuma se desviar, optando por produtos místicos, de autoajuda, ou por aqueles cujo rótulo estampa a garantia de prosperidade material fácil. Entretanto, nenhuma plenitude será alcançada à parte Daquele que disse: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14:6). Aliás, Dele foi dito: “Quem tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1Jo 5:12).

Paradoxalmente, a fim de que obtenhamos a verdadeira vida, somos ensinados que devemos experimentar a morte: “Quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por Minha causa, a encontrará” (Mt 16:25, NVI). Para viver é preciso morrer para todos os outros senhores e ressuscitar inteiramente para o verdadeiro Senhor. “Certamente a união com Ele em Sua morte nos levará a morrer para o mundo que é estranho a nós, e a viver em aspiração, pensamento, desejo, amor e obediência com Ele em Sua morada calma, donde Ele governa e abençoa as pessoas que, por meio de sua fé, Ele fez para viver a nova vida do Céu na Terra” (Alexander McLaren, *Expositions of Holy Scripture*, v. 15, p. 318).

À parte de Cristo, nenhum sacrifício existe que valha a pena ser

feito; bem nenhum se torna digno de ser desfrutado, nenhuma conquista produz verdadeira satisfação pessoal. Somente com Ele, Nele e para Ele é que a vida tem sentido pleno. Ter a vida escondida com Cristo em Deus é desfrutá-la com o pensamento nas coisas do alto. É experimentar tão íntima identificação com Ele que somos habilitados a enfrentar de modo confiante e sereno as preocupações do dia a dia. É ter a certeza de que, depois da morte virá a ressurreição e a vida refluirá sem fim junto a Deus.

Hoje, desfrute Cristo. Ele é a própria vida!

Nosso Pai

Vós orareis assim: Pai nosso que estás nos Céus. Mateus 6:9

Soberano, Senhor, Altíssimo, Todo-Poderoso, Criador, Eterno, Santíssimo... A relação de títulos identificadores do Deus verdadeiro é vasta. São títulos pertinentes à Sua grandeza, autoridade e absoluta santidade, mas que parecem distanciá-Lo de nós, tornando-O quase inatingível. Entretanto, Jesus mudou essa imagem ao Se referir a Deus como Abba, “paizinho”, expressão que denota intimidade, aproximando-O de nós. Desse modo, ensinou como podemos nos dirigir a Ele.

Embora um judeu nos dias de Cristo jamais fizesse menção a Deus de modo tão informal, o pensamento da paternidade divina não era totalmente novo. A respeito de Israel, Deus disse: “Ê Meu primeiro filho”; “sou Pai para Israel, e Efraim é o Meu primogênito (Êx 4:22; Jr 31:9). Nessa condição, o povo israelita foi amado (Os 11:1). A ideia de uma paternidade ofendida está implícita na censura feita por intermédio do profeta Isaías: “Criei filhos e os engrandeci, mas eles estão revoltados contra Mim” (Is 1:2). No evangelho de João, há mais de uma centena de passagens nas quais Cristo Se refere a Deus como Pai.

O primeiro atributo que podemos captar de Deus como Pai é o amor por Seus filhos; superior ao de qualquer pai humano. Disse o salmista: “Se meu pai e minha mãe me desampararem, o SENHOR me acolherá” (Sl 27:10). É o amor que acolhe, perdoa, protege, provê e afirma.

Em segundo lugar, a expressão “que estás nos Céus”, ao contrário de prendê-Lo num lugar restrito do Universo, descreve a abrangência de Sua glória celestial e majestade, tornando-O, pela onipresença, acessível a Seus filhos. Não precisamos agendar audiências com Ele. Em todo tempo, lugar e circunstância, está pronto a nos receber e ouvir. A disponibilidade de ouvir pressupõe empatia por nós, ao derramarmos perante Ele nosso pranto e nossos lamentos. Diferentemente dos pais terrestres, que ouvem mas têm limites para

solucionar os problemas dos filhos, o Pai celestial tem uma saída para cada desafio da vida. Ele sente nossa dor, compreende-nos, chora conosco, mas também nos devolve o sorriso.

Neste dia, a paternidade divina é tema oportuno para reflexão por parte de pais e filhos. Na figura do pai deve convergir tudo o que Deus é para nós, Seus filhos: autoridade e amor, justiça e graça, entrega e aceitação. A isso, os filhos devem responder com amor, gratidão, submissão e reconhecimento.

Oração pelos filhos

Que nossos filhos sejam, na sua mocidade, como plantas viçosas, e nossas filhas, como pedras angulares, lavradas como colunas de palácio. Salmo 144:12

De acordo com John Pollock, Dwight Moody, considerado o mais notável pregador inglês do século 19, era um ótimo pai. Descontraído com os filhos, Moody também se empenhava em guiá-los na experiência cristã, sempre cuidadoso em apresentar uma religião equilibrada, evitando o fanatismo e tudo que pudesse ser interpretado como pressão. Apesar disso, Will, seu filho, viveu uma adolescência espiritualmente turbulenta, embora, em algum momento, tenha dado sinais de querer firmar compromisso com Jesus.

Frustrando as expectativas dos pais, certo dia, o jovem escreveu uma carta na qual extravasava sua rejeição à religião deles, o que motivou uma resposta de Moody. Nela, o pai deixou clara sua tristeza e apelou ao coração do filho: “Não consigo entender por que você sente tanta antipatia por Cristo [...] Espero que nenhum pecado esteja afastando você Dele, mas, às vezes, tenho receio de que exista alguma coisa em sua vida que não sei, mas oro a Deus para mostrar isso a você e, se houver, que Deus o ajude a confessar e afastar-se disso. Nunca orei tanto por você como agora” (*Moody: Uma Biografia*, p. 354-356).

A perseverança de Moody e sua esposa, Emma, foi abençoada. Aos 25 anos, Will se entregou completamente a Cristo. Na ocasião, escreveu o pregador: “Tenho orado por você há 25 anos e penso que, no ano passado, você me deu mais alegrias do que em qualquer época de sua vida. Meu desejo sempre foi que você se envolvesse em algum trabalho cristão. Agora chegou o tempo, e minha oração foi respondida” (*ibid.*, p. 358). Will renunciou ao desejo de ser médico e se uniu ao pai no trabalho evangelístico. Ambos estavam juntos e sobreviveram ao naufrágio de um navio que os levava de Londres aos Estados Unidos, depois de uma jornada de pregações.

Enquanto houver vida e graça divina disponíveis, ninguém deve ser

considerado um caso perdido. Aliás, quem de nós é autorizado a dar esse veredito? Caso sua experiência seja semelhante à de Moody, lembre-se: “Porque há esperança para a árvore, pois mesmo cortada, ainda se renovará” (Jó 14:7). Sim, e voltará a ser viçosa, frutífera! Deus pode fazer nossos filhos tal qual “robustos carvalhos” (*A Mensagem*). E nossas filhas como “pedras angulares” esculpidas, belíssimas e úteis “como colunas de palácio”.

Queridos filhos e filhas, onde quer que estejam, o que quer que façam hoje, continuamos orando por vocês. Orando e amando-os, amando-os e orando...

Se Ele quiser

Ó Nabucodonosor, [...] o Deus a quem prestamos culto pode livrar-nos, e Ele nos livrará das tuas mãos, ó rei. Mas, se Ele não nos livrar, saiba, ó rei, que não prestaremos culto aos teus deuses. Daniel 3:16-18

Com todas as maravilhas do século 21, relatos mirabolantes e surreais sobre revelações sobrenaturais e milagres ainda chamam a atenção das pessoas. Esses relatos fazem parte do cotidiano, tendo mesmo se tornado a grande jogada de *marketing* de muitos grupos religiosos. As reações variam: devotos os recebem como combustível para a própria crença, promotores se aproveitam com propósitos questionáveis; há os que torcem o nariz, e há os cuidadosos, que procuram avaliá-los à luz dos critérios bíblicos. Esse é um terreno suscetível a enganos do inimigo que pode até mesmo se disfarçar “em anjo de luz” (2Co 11:14) e levar seus agentes a “fazer descer fogo do céu” (Ap 13:13).

Esse tema tem suscitado discussão ao longo dos anos. “Ideia absurda”, sentenciou Baruch Spinoza a respeito dos milagres; “mitos que transmitem verdades espirituais”, definiu Rudolf Bultmann. Para os materialistas e humanistas da atualidade, “milagres não existem à parte da imaginação”. Contudo, a Bíblia está repleta de milagres. Deus não mudou e continua agindo como sempre, mas jamais aprovará nada que contradiga as verdades de Sua Palavra.

Finalmente, precisamos estar submissos à Sua vontade suprema. Não somos nós quem determinamos que Deus realize qualquer milagre. Nenhum dos heróis da Bíblia considerou os milagres como direito a ser reivindicado, mesmo tendo muitos deles enfrentado o martírio, depondo resignadamente a vida.

“A realidade é que Deus é soberano, e Sua liberdade de agir não depende de algo que um ser humano faz. A razão pela qual Deus parece fazer milagres em favor de alguns e não de outros é um mistério para nós, escondido na Sua vontade inescrutável” (Larry Richards, *Todos os Milagres da Bíblia*, p. 331). A coragem com que João

Batista, Tiago e Paulo (Mt 14:1-12; At 12:1, 2; 2Tm 4:6-8), por exemplo, enfrentaram o martírio nos fala como devemos encarar esse mistério da Providência: com absoluta confiança. Serenidade resultante da certeza de que a morte não é o ponto final, mas um parêntese, na vida do cristão.

Já no Antigo Testamento, os três amigos de Daniel não se intimidaram com a ameaça de Nabucodonosor de lançá-los na fornalha ardente. Sabiam que Deus podia livrá-los milagrosamente. Porém, “se Ele não nos livrar”, disseram, a fé não vacilaria.

Milagres podem acontecer na sua vida e na minha. O impossível que você espera pode ser concretizado hoje. Isso se Ele quiser!

O maior milagre

Então, Jesus disse: Se, porventura, não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis. João 4:48

Pensando nos grandes feitos de Deus no passado podemos ter segurança e paz, na certeza de que Ele não mudou (Ml 3:6). O tempo não exauriu Seu poder e Sua disposição de fazer o melhor em nosso favor. Quem quer que tenha caído nas malhas da enfermidade, do desprezo, da solidão, tristeza e angústia, dos sonhos frustrados, ou tenha mergulhado fundo no lamaçal do pecado pode esperar Naquele que é especialista em tornar possíveis as impossibilidades da vida. Mesmo enlutados não perdem por esperar o milagre da ressurreição, no glorioso dia da vinda de Jesus. O Senhor continua sendo o Deus milagroso, pronto a utilizar todo Seu poder tendo em vista o bem-estar de Seus filhos.

Entretanto, muitas pessoas têm revelado a propensão de substituir o fundamento em que devem firmar a fé, colocando-a nos milagres em vez de alicerçá-la no Autor deles. A verdadeira fé no Deus criador, mantenedor e redentor não deve estar firmada apenas no fato de que Ele realize maravilhas ou não. A fé que depende de sinais e milagres, em realidade, está fundamentada na areia movediça da mera curiosidade e desconfiança. Foi essa imitação de crença que Jesus Cristo denunciou: “Se não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis.” A condição daquela gente era a mesma implícita na afirmação de Nancy Gibbs: “Para os verdadeiros crentes, nenhum milagre é necessário. Para os incrédulos, nenhum milagre é suficiente” (“The Message of Miracles”, *Time*, 24/6/2001).

Pelo fato de que Deus é o mesmo, ontem, hoje e eternamente, milagres ainda existem. O Senhor a quem servimos pode fazer toda e qualquer coisa em nosso favor; se Ele quiser (Dn 3:16-18), conforme vimos ontem. Mas não importa o que aconteça, nossa fé não deve sofrer abalos. Afinal, o próprio Autor das maravilhas Se dá a nós a cada pulsar de nosso coração. Isso nos basta porque, Nele, temos tudo de

que necessitamos. Além do mais, que maior milagre existe do que a transformação do coração humano obstinado, rebelde, com suas inclinações carnis? Esse é o maior dos milagres.

“Meu Deus é onipotente Rei, / Não posso duvidar, / Pois tantas maravilhas pôs / no céu, na Terra e mar! / Mas um maior milagre me comove o ser; / tão insondável é, não posso compreender: / Que o meu eterno Deus, em Seu grande amor / A mim salvasse, pobre pecador!”
(*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 198).

Nova chance

Não quebrará o caniço rachado, e não apagará o pavio fumegante. Isaías 42:3, NVI

Talvez você conheça ou tenha ouvido falar de pessoas que hoje são bem-sucedidas, depois de terem sentido o sabor amargo de uma derrota. Provavelmente tenham cometido erros, mas disso ninguém se lembra. É possível também que você conheça indivíduos fracassados, que jamais conseguiram se desvencilhar dos erros que, de maneira impiedosa, outras pessoas insistem em lembrar. Essa é a diferença básica entre um grupo e outro. Uns foram agraciados com perdão, nova chance, palavras de incentivo e mão estendida. A outros tudo isso foi negado, por alguma razão. Um grupo era composto de caniços rachados que foram refeitos; pavios fumegantes que receberam o sopro que os fez brilhar novamente, e até mesmo com maior intensidade. Outro grupo de caniços rachados e pavios fumegantes foi pisoteado, descartado e jogado fora.

A simbologia empregada por Isaías traz ânimo e esperança aos fracassados, feridos e carentes de uma nova chance. Caniços quebrados não configuram o material do qual plantadores de cana poderiam esperar alguma vantagem financeira, mas Deus não os descarta. Seu poder restaurador supera o da destruição. Pavios fumegantes trazem à nossa mente forças que se esgotam, vidas que uma vez transmitiram o brilho da fé, da esperança, dos sonhos mais agradáveis, mas que em algum momento começaram a se apagar. Poderiam ter recebido um sopro de renascimento, mas não o receberam.

Apesar de tudo, existe esperança para quem quer que esteja nessas situações. Nas palavras do profeta, Jesus, o Servo messiânico, viria não para esmagar o “caniço quebrado” nem apagar o “pavio fumegante”. Durante Seu ministério, foi essa a maneira pela qual Ele agiu com todas as pessoas. Ao contrário da acusação dos hipócritas, o Mestre procurou reerguer os pecadores curvados sob o peso da culpa por

haverem ofendido a Deus. Nenhuma palavra de condenação foi dita à mulher surpreendida em adultério, ao publicano Mateus, ao explorador Zaqueu e a tantos outros, tidos como indignos das bênçãos divinas. De todas as “acusações” com que tentavam desacreditá-Lo como enviado de Deus, a uma Ele fez jus: “Este recebe pecadores e come com eles” (Lc 15:2). Nem podia ser diferente. Ele não esmagaria jamais!

Acaso, no seu íntimo, você se sente um caniço quebrado ou um pavio fumegante? O milagre e o combustível da graça podem mudar sua história.

Razão para louvar

Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. 1 Timóteo 1:15

Ao nos olharmos no espelho, pela manhã, a primeira imagem que vemos é a da imperfeição. Ainda não nos livramos dela, e a luta por superá-la é constante. Ela explica nossos passos errantes, tece pensamentos, alimenta sentimentos e articula a expressão deles. Está presente em nossos motivos; enfim, serve como fundamento para nossos maus atos e também mancha nossas melhores realizações.

Quem de nós, muitas vezes, não tem motivos para se achar o pior dos pecadores, à semelhança do apóstolo Paulo? Ao se identificar dessa maneira, ele ofereceu a razão pela qual não precisamos sucumbir ao desespero e desânimo. Ele mesmo não o fez. O próprio Deus, que é o maior ofendido pelo pecado, enviou Seu Filho a fim de resolver o impasse, justamente em favor dos ofensores – você e eu.

Paulo também não estava sendo parcialmente modesto nem se valendo da força de expressão a fim de impressionar seus leitores. Expressava, sim, o sentimento real que brotava diante das lembranças de seu passado como “blasfemo, e perseguidor, e insolente” (v. 13) contra o evangelho e a igreja de Cristo. Embora não tenhamos seguido exatamente a mesma trilha de obstinada crueldade percorrida por ele, de alguma forma nosso passado nos deixou lembranças que eventualmente vêm à tona. É nesse ponto que somos tentados a nos abater, diminuir a confiança e sentir o incômodo sopro do desespero.

Sentir e reconhecer a própria indignidade é algo perfeitamente natural. De fato, resulta de nosso olhar a Cristo: “Ao contemplarmos Sua [de Cristo] pureza e excelência, veremos nossa fraqueza, pobreza e defeitos, como realmente são. Veremos a nós mesmos como perdidos e sem esperança, vestidos com o manto da justiça própria, como qualquer pecador. Veremos que, se afinal formos salvos, não será por nossa própria bondade, mas pela graça infinita de Deus” (Ellen White, *Parábolas de Jesus*, p. 159).

A “graça infinita de Deus”, que alcançou tantos outros indignos no passado, não nos ignora hoje. Assim, o exemplo de Paulo coloca em nosso coração e em nossos lábios um cântico de louvor a Deus por Sua graça indescritível. A graça toma uma pessoa desprovida de qualquer valor e a transforma em herdeira das riquezas do Céu. Apesar de todas as más lembranças, de todas as acusações com que o inimigo tenta nos infundir desânimo, somos completos em Cristo Jesus!

Não subestime o inimigo

Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia. 1 Coríntios 10:12

A notícia de que um irmão de fé se deixou seduzir pelos encantos transitórios do pecado nunca é agradável. De fato, a influência de tal incidente pode ser tão vasta e difícil de ser reparada quanto mais ampla e sólida tenha sido a influência exercida anteriormente por essa pessoa na comunidade. Entretanto, com essa reação de perplexidade, acaso estaríamos pressupondo que a pessoa envolvida nessa experiência seria imune aos ataques do grande adversário? Ou, ainda, estaríamos deixando transparecer certo tipo de pensamento que diz: “Comigo isso não aconteceria; sou forte o bastante para resistir à tentação”? Não necessariamente; afinal, “todos [...] carecem da glória de Deus” (Rm 3:23).

Somos possuidores de uma natureza com inclinação para o mal, que não nos dá margem para superestimar nossa força espiritual nem a de nossos semelhantes. Nada temos ou somos que justifique a eventual vanglória. Ainda estamos expostos a um inimigo incansável, sempre à espreita, buscando o momento certo de abater suas vítimas. Isso nos impõe a necessidade de viver em constante vigilância e dependência de Jesus Cristo. Em nenhum momento, sob circunstância nenhuma deveríamos ceder ao perigo de permitir interferências entre Ele e nós. Para que haja luz, a corrente elétrica não pode ser interrompida em seu fluxo contínuo, da fonte à lâmpada. Nossa dependência da fonte de poder e graça é vital para a sobrevivência espiritual. Não são nossas virtudes que nos mantêm em pé, mas Cristo e Seu poder.

Ao lembrar os cristãos de Corinto dos erros cometidos pelos israelitas, Paulo os advertiu contra o perigo de seguirem pelo mesmo caminho tortuoso da autoconfiante exposição à idolatria e às formas de alimentá-la: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia.” Essa advertência também serve para nós. Assim como outros caíram e ainda caem, também estamos sujeitos à mesma experiência. Felizmente, não precisamos sucumbir ao perigo. A Bíblia nos diz que

há Alguém que é poderoso para impedir nossa queda (Jd 24). Além disso, temos a promessa: “Deus é fiel; Ele não permitirá que sejais tentados além das vossas forças. Pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1Co 10:13).

Este é o segredo: a única segurança contra o pecado é a desconfiança de nós mesmos e o apego inseparável a Cristo Jesus.

Paisagem transformada

Junto ao rio, às ribanceiras, de um e de outro lado, nascerá toda sorte de árvore que dá fruto para se comer; não fenecerá a sua folha, nem faltará o seu fruto; nos seus meses, produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; o seu fruto servirá de alimento, e a sua folha, de remédio. Ezequiel 47:12

Na longa visão do templo dada ao profeta Ezequiel, a partir do capítulo 40 de seu livro, foi-lhe possível contemplar de um alto monte, em Israel, um novo templo. De acordo com Siegfried Júlio Schwantes, as características desse templo não correspondem “aos dados que se encontram no Pentateuco para o antigo santuário” (*Ezequiel*, p. 185), diferindo também do templo de Jerusalém, reconstruído depois do exílio. Diante disso, eruditos afirmam que essa visão é uma descrição do estado ideal de Israel no retorno do exílio, na Terra Prometida, caso a nação tivesse vivido à altura dos ideais divinos.

Mencionando a divisão da terra em 12 tribos, Ezequiel 47 começa descrevendo o templo como uma nascente de águas purificadoras, inicialmente referidas como um filete que aumenta à medida que flui até se transformar em um rio caudaloso. Ele muda a paisagem do deserto, convertendo-o num jardim; em suas margens crescem árvores frutíferas. A imagem comunica a lembrança da abundância de bênçãos físicas e espirituais inesgotáveis que deviam fluir do templo para o povo, em sua condição idealizada por Deus.

A figura de águas abundantes como símbolo de bênçãos para os filhos de Deus é comum na Bíblia. Cristo Se identificou como fonte da qual fluiriam “rios de água viva” (Jo 7:37-39). Ao apóstolo João foi dada a visão na qual pôde contemplar “o rio da água da vida” (Ap 22:1, 2). Comentaristas bíblicos consideram as árvores como símbolo de cristãos verdadeiros e espirituais, “árvores que o SENHOR plantou” (Is 61:3), que brotaram graças às águas do santuário (Sl 1:3). Matthew Henry opina que as águas significam o evangelho de Cristo que saíria de Jerusalém para o mundo, no poder do Espírito Santo. Ellen White

também associa a missão da igreja e seus membros, individualmente, à visão das águas purificadoras (*Atos dos Apóstolos*, p. 13; *Testemunhos Seletos*, v. 2, p. 485).

Nada produz tanta segurança ao cristão do que saber que, no templo celestial está Jesus, a fonte inesgotável que jorra para vida eterna (Jo 4:14). Nessa fonte, todos podem encontrar nutrição e sustento, refrigério e vigor, cura e salvação. Quem se abeberar dessa água se torna um afluente pelo qual ela jorra alcançando outros famintos e sedentos, transformando-lhes a aridez num jardim. É nosso privilégio ser canais de bênçãos para as pessoas hoje.

Divinamente iluminados

O SENHOR é Deus, Ele é a nossa luz. Salmo 118:27

Se a vida eterna implica o conhecimento de Deus e de Seu Filho Jesus Cristo (Jo 17:3), não deveríamos nos contentar com um relacionamento superficial. Receberemos mais benefícios espirituais conforme mais profundamente buscarmos obter familiaridade com Sua pessoa e as virtudes de Seu caráter. Entretanto, as boas intenções esbarram nas limitações que nos foram impostas pelo pecado. Por maior que seja nosso anelo por Deus, jamais O alcançaremos plenamente enquanto estivermos aqui. Não importa o quanto o intelecto seja sofisticado, nenhum esforço será o bastante para alcançar toda a luz a respeito de Deus, até que Ele Se mostre pelo brilho de Sua revelação. Para conhecê-Lo, precisamos Dele mesmo em nós. Nele, e por intermédio Dele, é que conseguimos ver a luz que Ele é.

Não há idioma em que a imensidão do amor de Deus possa ser descrita em toda sua plenitude. “Se em tinta o mar se transformasse, / Em papel o céu também, / E a pena ágil deslizesse, / Dizendo o que esse amor contém, / Daria fim ao grande mar, / Ao esse amor descrever, / E o céu seria mui pequeno / Pra tal relato conter”, costumamos cantar (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 31). Ele “excede todo o entendimento” (Ef 3:19). Os pensamentos mais profundos, mesmo brotando do mais elevado intelecto humano, não podem alcançar a imensidão de Deus e de Seu amor.

O salmista refletiu sobre como a conformidade com o pecado mantém os homens nas trevas da impiedade, longe de Deus: “Ele [o ímpio] se acha tão importante, que não percebe nem rejeita o seu pecado. [...] Abandonou o bom senso e não quer fazer o bem. Até na sua cama planeja maldade; nada há de bom no caminho a que se entregou, e ele nunca rejeita o mal” (Sl 36:2-4). Em contraste a isso, o poeta bíblico destacou a misericórdia de um Deus sempre à espera da decisão do ser humano em querer se colocar sob o foco da luz que

torna possível ver a “Luz”.

Parafraseando Albert Barnes, não é olhando para nós mesmos nem sob a ótica de nossa tremulante luz que teremos a correta visão de Deus e de tudo que Lhe diz respeito. Não apenas pela busca intelectual de informações a respeito Dele. Há um único caminho que torna isso possível: nossa permanência sob o foco de Sua luz. À parte Dele, não há outra fonte de luz ou verdade sobre Ele. Longe Dele, tudo são trevas. Perto Dele, tudo se ilumina.

Hoje e sempre, vivamos sob o foco da verdadeira Luz que ilumina a todos.

Em nome do Rei

Somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. 2 Coríntios 5:20

Quando eu era um pré-adolescente, nunca tinha ouvido falar do Clube de Desbravadores. Embora ele existisse no Brasil, ainda não havia sido estabelecido na região em que eu morava. Entretanto, fui convidado a fazer parte da agremiação similar chamada os “Embaixadores do Rei”, na igreja batista de minha cidade. Por alguma razão, da qual não me lembro, a experiência não durou muito tempo, mas foi suficiente para que, ainda hoje, eu me lembre da empolgação com que recitávamos o que parecia ser o lema do clube: “O amor de Cristo nos constrange; somos embaixadores em nome de Cristo!” (2Co 5:14, 20). Parecíamos sentir um “cheiro de autoridade” em nossa vibrante expressão.

De fato, um embaixador é uma autoridade. Ele representa um governo em uma terra estrangeira. Nessa condição, a atitude básica e mais elementar que se espera dele é lealdade irrestrita a seu país. É um construtor de pontes entre sua nação e aquela a qual é enviado, tendo a missão de tornar os anfitriões simpáticos aos interesses da pátria que o enviou. Não é livre para estabelecer a própria agenda nem para disseminar ideias pessoais: é representante de outro governo, fala em nome deste.

É assim que somos “embaixadores de Cristo”. A palavra utilizada pelo apóstolo para “embaixadores” designava, “o legado de um imperador, o que empresta prestígio ao emprego dessa palavra aqui, como designação dos mensageiros especiais de Cristo” (Russell Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, v. 4, p. 349). Falamos em nome do Rei do Universo, a quem devemos lealdade irrestrita. Não temos um recado pessoal a transmitir, mas uma mensagem divina, cuja nobreza demanda conduta igual de nossa parte. Essa é uma mensagem de reconciliação do ser humano com Deus. A salvação ou morte eterna

depende da aceitação ou rejeição da proposta divina. A missão é solene.

Porque “o amor de Cristo nos constrange”, não podemos pensar em retroceder. A mensagem deve ser dada com autoridade e coragem temperadas com amor, paciência e equilíbrio próprios da conduta de embaixadores. Somos servos, representantes do Céu. Defendemos interesses infinitamente mais importantes que as mais graves questões governamentais terrestres. Que a graça divina nos habilite a viver à altura desse privilégio.

O agora e o depois

Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque haveremos de vê-Lo como Ele é. 1 João 3:2

Esse é um dos textos mais preciosos das Escrituras! Se temos consciência da real condição em que nos encontrávamos antes de irmos a Jesus Cristo, encontramos Nele motivos para incontida alegria e gratidão. O convite a essa atitude parece estar implícito no verso anterior: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus.” Nos relacionamentos humanos, nenhum filho toma a iniciativa de ser achado nessa condição. De igual modo, a iniciativa de nos tornar filhos de Deus não é nossa, mas Dele. O novo nascimento é ação divina, por meio de Sua graça. Não se trata de ação humana. Assim, não podemos promover nosso novo nascimento nem nossa adoção como filhos de Deus. O relacionamento entre pais e filhos é caracterizado pelo amor e pela dependência. Amor do pai, que aceita, protege e provê, e dependência do filho, que se entrega e se submete, muito natural e espontaneamente, por amor e com amor.

O apóstolo deixa claro que, desde que esse relacionamento continue se desenvolvendo sobre o fundamento do amor, de modo cada vez mais sólido e próximo, podemos viver com segurança no presente. Dessa maneira, é impossível ao filho renascido viver em uma condição permanente de rebelião contra o Pai (1Jo 3:4, 6, 9), algo que os filhos das trevas não podem entender, porque não O conhecem (v. 1). Contudo, nós escolhemos viver o privilégio de conhecê-Lo, andar com Ele em todos os caminhos, nas pegadas de Jesus Cristo.

A presente segurança de sermos filhos de Deus projeta a certeza de nosso futuro. Alguém já lembrou que o presente é profeta do futuro, a criança é protótipo do adulto, e o botão, nascedouro da flor. Assim, é-nos dada a certeza de que “ainda não se manifestou o que haveremos de ser”, mas, “seremos semelhantes” a Deus. Estamos crescendo rumo

“à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo” (Ef 4:13, NVI). Isso significa chegar a ser participantes da natureza do Pai, assim como o Filho. Reconhecemos que ainda estamos aquém, mas estamos progredindo passo a passo até a eternidade. Pela graça de Deus, chegaremos lá, “quando Ele Se manifestar”!

Ainda não sabemos “o que haveremos de ser”, em sua plenitude. Não importa que não saibamos; o mais importante é manter viva a esperança em Jesus. Não se desespere consigo mesmo. Cristo completará Sua obra em nós, então “seremos semelhantes a Ele, porque haveremos de vê-Lo como Ele é”.

Ebenézer!

Tomou, então, Samuel uma pedra, e a pôs entre Mispa e Sem, e lhe chamou Ebenézer, e disse: Até aqui nos ajudou o SENHOR. 1 Samuel 7:12

Longânimo e misericordioso como somente Ele é, em dois confrontos entre israelitas e filisteus o Senhor é visto dando a Seu povo mais uma chance de arrependimento. Isso não os livrou de sofrer anteriormente grandes perdas. Nos dois combates disputados nas proximidades de Ebenézer, lugar cujo nome significa “a pedra de ajuda”, a rebeldia do povo bloqueou a ajuda de Deus. O resultado foi a matança de 34 mil israelitas, incluindo os dois filhos do sacerdote Eli, e o sequestro da arca – símbolo da presença divina entre eles. Posteriormente, ela foi devolvida por causa dos juízos de Deus sobre os inimigos. Apesar disso, Israel não se voltou completamente para o Senhor.

A resposta do povo de Deus ao chamado para o reavivamento convocado pelo novo líder Samuel atíçou os filisteus. Enquanto os israelitas estavam reunidos em Mispa, os filisteus decidiram atacá-los; porém, naquela ocasião, o episódio teve outro desfecho. “Tomou, então, Samuel uma pedra, e a pôs entre Mispa e Sem, e lhe chamou Ebenézer, e disse: Até aqui nos ajudou o SENHOR.” Aquela havia sido uma ocasião especial e jamais poderia ser esquecida, razão pela qual o memorial foi erigido. Ele remetia a lembrança ao passado. Em nenhum momento o Senhor havia abandonado Seu povo escolhido.

Na experiência dos israelitas no Antigo Testamento, a frase “Deus não desiste de você”, frequentemente repetida entre nós, estava impressa em vívidos tons de realidade. Não foi por falha nem indiferença da parte de Deus que as batalhas anteriores foram perdidas. O Senhor estava lá, ensinando-lhes as lições que precisavam aprender, despertando neles o profundo anseio de maior dependência e consagração a Ele. O memorial implicava também certeza para o futuro, desde que não recuassem de sua entrega total ao Senhor. A história não terminava ali, e Deus continuaria sempre a postos para

intervir em favor deles.

Essa é nossa experiência. Apesar do que nos tenha acontecido nos altos e baixos da vida, o fato de que estamos vivos proclama: “Até aqui nos ajudou o Senhor!” Quanta segurança isso nos transmite! Nossa história continua sendo escrita. Haverá mais razões para sorrir e chorar, mais lutas e triunfos, tentações a serem vencidas e provas a suportar, mas o monumento de gratidão que erguemos em nosso coração pelas conquistas do passado nos aponta que Aquele que nos ajudou até aqui é o mesmo Deus de sempre.

Mudança gloriosa

Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Efésios 2:13

Um hino que toca meu coração, entre muitos outros, não importando quantas vezes seja cantado, tem como título “Com Cristo no Meu Coração” (*Hinário Adventista do Sétimo dia*, nº 233). Em 1914, Rufus Henry McDaniel escreveu a poesia em uma demonstração de fé na preciosidade que Cristo significava para ele, após a dolorosa perda do filho Herschel. Logo em seguida, Charles H. Gabriel ornamentou o poema com a vibrante melodia. Recentemente, ao cantá-lo mais uma vez no culto familiar com minha esposa, atentei para o texto bíblico ao qual, no hinário, ele remete: Efésios 2:12 e 13.

Paulo inicia esse capítulo lembrando o passado obscuro de seus ouvintes: perdidos, sem Cristo. Essa condição não apenas dizia respeito aos gentios, segundo o ponto de vista dos judeus, mas também inclui toda a humanidade, em todos os tempos. Graças à misericórdia do Pai, eles e nós recebemos a salvação somente em Cristo, que desfez o abismo de separação. Agora, pelo sangue de Jesus, todos pertencemos a Ele e somos irmãos uns dos outros. Ele Se constitui o elo de nosso relacionamento vertical com o Céu, e também o elo horizontal com os semelhantes. “Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”, escreveu o apóstolo (Gl 3:28).

Pela fé no sangue de Cristo, somos reconciliados, salvos, vivificados e ressuscitados Nele. Com Cristo, pela fé nos assentamos nas regiões celestiais (Ef 2:3-7). Não mais estamos longe e separados de Cristo, mas unidos a Ele, que é nossa paz (v. 14). Já não somos estrangeiros à família celestial, mas “concidadãos dos santos” e participantes dessa família (v. 19). Isso significa viver, mesmo aqui, sob os princípios do reino celestial, na feliz expectativa de em breve recebermos as glórias desse reino.

A cruz foi o instrumento pelo qual Cristo colocou por terra a parede

divisória entre gentios e judeus. Em lugar dessa parede, um novo templo foi construído. Não um lugar onde nos reunimos, mas onde o Espírito habita, nosso coração, e um grupo ao qual pertencemos, a família de Deus na Terra, extensão da família do Céu.

Pensando no que éramos antes do encontro com Jesus, e no que somos depois disso, cada um de nós pode celebrar em gratidão: “Que mudança gloriosa em mim se operou, / Com Cristo no meu coração!” Esse cântico deve ecoar pela eternidade. Graças a Deus!

Soli Deo Gloria

Também me deste o escudo da Tua salvação, a Tua direita me susteve, e a Tua clemência me engrandeceu. Salmo 18:35

Embora tivesse a orientação de que lhe seria indicado quem deveria ser o futuro rei, o entrevistador analisou sete possíveis ocupantes do trono, mas nenhum deles estava na agenda do Supremo Líder. Até que fez a pergunta decisiva a Jessé, o pai deles: “Você não tem mais nenhum filho?” “Ah, sim!”, foi a resposta. “Tenho o caçula, mas ele está cuidando das ovelhas.” Tendo diante de si o garoto Davi, Samuel ouviu a manifestação do Céu: “É este!” Ali teve início a história de Davi (1Sm 16:11, 12). Primeiramente, como habilidoso harpista a serviço de Saul. Antes de se revelar poeta, com as credenciais de ter dominado, à mão, animais ferozes, acabou convencendo o rei a deixá-lo enfrentar o vitorioso Golias, diante de quem mostrou ser ele o verdadeiro vencedor, “em nome do Senhor”.

Seguiram-se memoráveis vitórias contra inimigos do reino, mas o monarca, apostatado e frágil, reagiu invejoso contra ele. Fugindo às repetidas ameaças de morte, Davi continuava humilde, fiel, dotado de visão espiritual, ao ponto de se recusar a destruir o potencial algoz, que desonrava a unção recebida. Mesmo assim, o jovem conquistador lembrou que o rei era intocável (1Sm 24).

Com a morte de Saul, Davi assumiu o trono, dando início a tempos de prosperidade, recuperação do respeito e força, diante das outras nações. É verdade que sua história não foi isenta de tropeços. Contudo, arrependeu-se (Sl 51) e recebeu condecoração máxima da graça: “Achei a Davi, [...] homem segundo o Meu coração”, disse o próprio Deus (At 13:22), dando-lhe razões de sobra para celebrá-la.

Foi o escudo da graça que o protegeu dos perigos e o tornou vencedor sobre os inimigos. Sob esse refúgio, obteve o favor de Deus. Não foi outra coisa senão a clemência divina que o tornou grande. Sim, ele reconhecia humildemente tudo isso. Aqui está uma lição para muitos que, hoje, imaginam-se com direitos a favores celestiais ou que

se veem como únicos autores das conquistas pessoais ou do serviço prestado à causa de Deus.

É dito que, depois de haver composto o oratório “O Messias”, do qual o 42º movimento, “Aleluia”, tem maravilhado as pessoas em todo o mundo, Georg Händel escreveu as iniciais SDG – *Soli Deo Gloria* (glória somente a Deus) – no fim do manuscrito. Esse foi o sentimento que marcou a existência de Davi. Qualquer percepção além disso, diante do que Deus tem feito de nós e por nós, chega a ser pecaminosa.

Nem mais nem menos

Não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Romanos 12:3

A filosofia competitiva prevalecente no mundo tem deixado marcas em muitas pessoas. Sendo preteridas, muitas acabam tendo a autoestima reduzida. Preferidas, algumas desequilibram para o alto o conceito que têm delas mesmas, alimentando o sentimento de presunção e orgulho. Diariamente, empresas e organizações precisam selecionar candidatos a vagas disponíveis. Essas empresas têm o direito de optar por aqueles avaliados como melhores. Isso não significa que esses candidatos sejam únicos em todas as coisas; e os outros, incapazes para tudo o mais. Os papéis podem se inverter: quem perde hoje pode, com isso, dar o primeiro passo rumo ao ganho de amanhã. O preferido de hoje para uma função pode ser o preterido de amanhã na concorrência para outra função. Tudo depende de se encarar o fato com a perspectiva certa. Essa perspectiva está diretamente relacionada à consideração das habilidades de cada um. Nenhum de nós é tudo para todas as coisas.

Uma das marcas das obras divinas é a diversidade mutuamente complementar de coisas e pessoas. Por exemplo, isso pode ser visto na natureza, na harmonia das cores e das notas musicais, no funcionamento do corpo humano e na criação do homem e da mulher. Foi nessa moldura que Paulo pintou o quadro dos dons espirituais concedidos aos crentes (Rm 12:3-8; 1Co 12:4-31). É por causa dessa pluralidade, e por meio dela, que todos podem contribuir para o bem e crescimento do todo: a igreja.

Sendo os dons espirituais concessões da graça divina, nenhuma pessoa deve pensar “de si mesmo além do que convém.” Não temos individualmente todos os dons, mas todos os membros e ministérios da igreja são indispensáveis. É desejo de Deus que, no valor a nós atribuído por Ele, sejamos e nos sintamos plenamente integrados ao corpo e alegremente prestemos o melhor serviço. Assim, não cairemos

na tentação de nos achar superiores a nosso irmão, muito menos ele precisa se encolher sob o manto da baixa autoestima. Não somos concorrentes, mas colaboradores uns dos outros. Assim deve ser no campo profissional.

O padrão pelo qual as pessoas em geral se avaliam é o da presunção. A medida pela qual o cristão se avalia é a fé, “pois quanto maior a medida da fé, mais elevada será a percepção da dependência de Deus” (*Comentário Bíblico Adventista*, v. 6, p. 679). Essa é a regra que deve moldar nossos relacionamentos na igreja e fora dela.

Sem falta nem atraso

Então, lhe disse Jesus: Ó Mulher, grande é a tua fé. Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã. Mateus 15:28

Meses atrás, recebi por meio de uma rede social esta frase: “Senhor, eu sei que nunca Te atrasas. Mas, por favor, lembra-Te de que sou humano.” Em sua simplicidade, ela me pareceu traduzir a ansiedade natural com que costumamos esperar a resposta de Deus para os pedidos que Lhe fazemos. Também está implícita na frase a sugestão de que Ele compreende o caráter humano de nossos sentimentos, algo que faz em toda e qualquer situação. Entretanto, há ocasiões em que a compreensão limitada que temos da Providência divina nos leva a imaginar que Deus esteja reagindo com indiferente silêncio ao nosso clamor. Nunca, porém, perdemos por esperar Nele. Não há dúvida de que o Senhor agirá, não importa quanto tempo esperemos. A resposta Dele será sempre a melhor para nós.

O que teria sido da mulher cananeaia, caso tivesse cedido à pressa com que desejava ver a filha libertada do poder das trevas? A primeira resposta de Jesus à sua súplica foi um aparente silêncio: “Mas Jesus não lhe respondeu palavra”, ao que se seguiu a sugestão dos discípulos para que o Mestre a despedisse de coração vazio (Mt 15:23, NVI). Depois, mostrando aos discípulos como o preconceito nacional deles a trataria, e dando a ela oportunidade de testar a própria fé, Cristo enfatizou a prioridade das bênçãos ao povo israelita. A analogia foi potencialmente desanimadora: “Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.” Contudo, ela transformou essa resposta em um humilde argumento para sustentar seu pedido; estaria satisfeita e contente em receber apenas migalhas desse pão: “Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos” (v. 26, 27). O mínimo que Jesus dá, migalhas que sejam, é infinitamente precioso para todo aquele que crê.

Cristo honrou a paciente fé nutrida por aquela mulher: “Grande é a tua fé!” (v. 28). Ele continua honrando-a em nós, que com nossa fé

também O honramos.

Ao se dirigir a Cristo, a mulher cananeia sabia que não tinha direitos. Era estrangeira, e apelou à graça e à misericórdia do Senhor. Nada mais nem menos do que isso O move a atender às nossas necessidades. Não temos direitos a exigir, assim como também não temos razão para descrer. Se nada temos, Ele tem tudo para satisfação de nossos anseios. Isso ocorre no tempo Dele, que é o tempo certo.

Atitude radical

E, se o teu pé te faz tropeçar, corta-o; é melhor entrares na vida aleijado do que, tendo os dois pés, seres lançado no inferno. Marcos 9:45

De vez em quando, ouço pessoas, adultas ou jovens, anunciarem seu desligamento das redes sociais. Algumas descobriram que o tempo gasto na internet roubou delas porção ainda mais preciosa, que deviam empregar em comunhão com Deus ou em atividades mais frutíferas para si mesmas, para os semelhantes e para a eternidade. Ninguém nega o valor das plataformas virtuais para interação entre amigos e familiares, comunicação em tempo real à distância, e mesmo pregação do evangelho. Ocorre, porém, que o inimigo sempre vai encontrar uma brecha para sugerir distrações ociosas, conversação vazia, desperdício de tempo e armadilhas pecaminosas. Sei de pessoas que caíram nas malhas do adversário, bem como de relacionamentos familiares que foram abalados ou mesmo partidos por causa de comportamentos pecaminosos que ele ofereceu, inicialmente com a promessa de falsa segurança, sigilo e anonimato que somente ele sabe forjar.

No entanto, as redes sociais não são os únicos perigos que se interpõem entre nós e Deus. Há os perigos dos relacionamentos impróprios, pecados acariciados, entre muitos outros. Para nosso bem, Jesus Cristo recomendou que nos submetamos a uma cirurgia radical: mutilação de qualquer coisa que tenha o potencial de impedir nossa salvação.

Em seu quarto discurso no evangelho de Mateus, inicialmente Ele adverte contra o perigo de se causar escândalo a quem quer que seja, pois os resultados podem ser eternamente fatais. Isso o mundo faz com naturalidade; não quem é nascido de novo e vive no reino espiritual da graça. E, caso ainda haja consciente ligação com qualquer causa indutora ao pecado e escândalo, este é o momento de renovação. Sejam radicalmente descartadas, pessoas ou coisas que se interponham entre o cristão renascido e seu Deus.

Sendo assim, é melhor seguir preventivamente o conselho de Charles Spurgeon: “Não manche seus dedos que logo tocarão as cordas celestiais. Não permita que seus olhos, que em breve verão o Rei, cheguem a ser janelas da concupiscência. Não permita que seus pés, que brevemente andarão pelas ruas de ouro, sujeem-se em lugares lamacentos. Não permita que seu coração, que dentro em pouco se encherá do Céu e explodirá de alegria, encha-se de orgulho e amargura” (*Dia a Dia com Spurgeon*, 11 de setembro de 2016).

Além da justiça

Deem, e lhes será dado: uma boa medida, calcada, sacudida e transbordante será dada a vocês. Pois a medida que usarem também será usada para medir vocês. Lucas 6:38, NVI

A expressão “dois pesos e duas medidas”, frequentemente mencionada no contexto dos negócios e relacionamentos do dia a dia, atesta que as pessoas em geral estão muito distantes do princípio enunciado por Moisés no Antigo Testamento: “Useм balanças de pesos honestos, tanto para cereais quanto para líquidos. Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês, que os tirei da terra do Egito” (Lv 19:36, NVI). O capítulo trata de leis que visavam proteger os direitos dos pobres, trabalhadores, surdos, cegos e estrangeiros. Nenhum privilégio concedido à nação justificaria o tratamento discriminatório. A missão salvadora de Deus incluía todos. Pessoas de qualquer origem deveriam ser amadas e acolhidas pelos israelitas a fim de que fossem atraídas ao verdadeiro Deus. Havia uma razão pela qual os israelitas deveriam ser honestos no trato com o semelhante: “Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês.” Isso era tudo para um povo que desejavam fazer diferença e honrar o nome do Senhor que os havia libertado.

Os cristãos não podem se esquecer desse princípio. Se entre eles não puderem ser encontradas justiça e integridade, onde mais poderiam estar, considerando as condições atuais do mundo? Tempos mais tarde, Jesus ampliou o entendimento sobre o mandamento, acrescentando à ideia de justiça a generosidade em doar: “Deem, e lhes será dado: uma boa medida, calcada, sacudida e transbordante será dada a vocês. Pois a medida que usarem também será usada para medir vocês.”

Expressão comum no comércio oriental, “medida calcada, sacudida e transbordante” indicava que aquilo que fosse pesado ou medido deveria ser prensado, sacudido, de modo que transbordasse do recipiente para benefício de quem receberia. O retorno é garantido: “A medida que usarem também será usada para medir vocês.”

Normalmente, associamos esse princípio apenas às questões materiais. De fato, isso está incluído na imagem, especialmente se nos lembrarmos de que a verdadeira religião está relacionada ao cuidado para com os necessitados (Tg 1:27). Além de negociar, trocar, comprar e vender coisas, há virtudes e valores espirituais e fraternos que o filho de Deus pode compartilhar com justiça e generosidade.

Podemos dar reconhecimento aos que servem a Deus com fidelidade, ânimo a quem enfrenta dificuldades e lutas, inspiração aos que vivem sob nossa influência, gratidão aos generosos. Não vamos economizar nisso.

Saúde, salvação e vida

Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma. 3 João 2

Como é maravilhoso poder desejar que a bênção da boa saúde física envolva nossos irmãos e irmãs, tendo a certeza de que eles desfrutam plenamente a saúde espiritual! Como é maravilhoso saber que eles oram no mesmo sentido e com a mesma certeza em relação a nós! Muitos parecem estar empenhados na conquista da saúde física, sem que manifestem igual interesse pela saúde espiritual. No entanto, a busca unilateral da saúde em algum aspecto da vida desequilibra o bem-estar integral que precisamos experimentar. Tão intensamente como buscamos aprimorar a saúde física devemos estar interessados em crescer espiritualmente.

Com esse pressuposto, revelando o amor e a ternura característicos de sua personalidade e pregação, foi que João se dirigiu ao colaborador Gaio. Possivelmente, esse obreiro tivesse condição física limitada pelos ardorosos esforços missionários, razão pela qual o apóstolo orava. Afinal, o vigor espiritual é a maior bênção que podemos obter, considerando que ele tem o potencial de nos ajudar a suportar as adversidades da vida física, com fé, esperança e serenidade. Contudo, jamais devemos perder de vista o fato de que a vida espiritual próspera tem seu fundamento e razão de ser somente em Cristo. Somente o coração que se abre ao toque do Mestre e O acolhe como Senhor absoluto de todos os anelos que nele são gerados descobrirá que, onde está Jesus, haverá crescimento e toda sorte de bênçãos.

Graça e saúde são personificadas no próprio Cristo. Ao profetizar a vinda do Messias por meio de Malaquias, o Senhor disse: “Mas para vós outros que temeis o Meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas” (Ml 4:2). A palavra aqui traduzida como “salvação” significa também “restauração”, “cura”, no sentido integral. Essas bênçãos estavam personificadas em Jesus, a partir de Seu nome: “E Lhe porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o Seu povo dos

pecados deles”, anunciou o anjo a Maria (Mt 1:21). Essa foi a marca de Seu ministério terrestre, enquanto passava por vilas e cidades como uma corrente vivificadora difundindo saúde, salvação e vida. Mudança de hábitos e atitudes sem Jesus é ilusão, e não raro acaba em fanatismo e hipocrisia. Somente Ele é a vitória sobre todas as ofertas do mundo que causam doença e morte.

Oro neste dia para que você tenha boa saúde, “assim como é próspera a tua alma.”

Deus entre nós

Porquanto o SENHOR, teu Deus, anda no meio do teu acampamento para te livrar e para entregar-te os teus inimigos; portanto, o teu acampamento será santo, para que Ele não veja em ti coisa indecente e Se aparte de ti.
Deuteronômio 23:14

O ideal de Deus para Seu povo no Antigo Testamento foi estabelecido de maneira clara, conforme Moisés: “O SENHOR te porá por cabeça e não por cauda; e só estarás em cima e não debaixo, se obedeceres aos mandamentos do SENHOR, teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e cumprir” (Dt 28:13). Assim, não faltaram instruções relacionadas tanto à vida espiritual quanto às práticas diárias mais elementares. De fato, o nível de espiritualidade se expressa no cotidiano.

Deus estava interessado e cuidava de tudo quanto se relacionava com Seu povo. Nada escapava à Sua graciosa atenção. Nada era tão insignificante que não merecesse Seu terno cuidado. Vestuário, alimento, construção de moradas, relacionamento interpessoal em todos os aspectos e negócios da vida, a porção de terra cabível a cada pessoa e família, a maneira como deveria ser cultivada, práticas de higiene pessoal, tudo era objeto de atenção do Criador do Universo.

Havia, porém, uma razão pela qual os israelitas deveriam seguir aquelas minuciosas orientações: a presença divina no acampamento, o que lhes dava garantia de proteção e vitória contra os inimigos. A expressão “anda”, no texto, sugere Deus movendo-Se, passeando entre o povo. Essa presença ali estava simbolizada pela arca. Por causa disso, o arraial deveria ser santo, limpo em todos os sentidos, de modo que nenhuma “coisa indecente”, “feia”, “desagradável”, “nudez vergonhosa”, conforme as várias traduções, fosse encontrada.

Os israelitas deveriam sentir-se privilegiados com a realidade de ter passeando entre eles Alguém que não podia tolerar nada indecoroso, impuro ou indigno. Sem essa presença, o fracasso era certo. Assim é com o Israel espiritual. O ideal divino para nós não mudou. Deus

continua tendo interesse em cuidar de nosso linguajar, nossa alimentação, o trato com o próximo, todos os nossos hábitos e costumes públicos e domésticos. Isso, por uma razão: Ele anda entre nós, guiando-nos, protegendo-nos, suprindo-nos em tudo. Essa presença é o maior motivo para uma conduta refinada em todos os atos cotidianos. Ela faz diferença entre o povo que O serve e o que não O serve de coração.

A menos que queiramos, jamais seremos afastados Dele. Seu amor jamais nos faltará. Em gratidão, nunca deveríamos nos contentar em Lhe dar o mínimo, quando podemos oferecer nosso máximo.

Provados, mas...

Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos. 2 Coríntios 4:8, 9

Quem escolher enfrentar a vida sob o prisma do negativismo seguramente não vai tirar da mente a descrição da crua realidade contida em uma frase que ouvi, em uma palestra sobre saúde. De acordo com o orador, começamos a morrer no dia em que nascemos, considerando que cada dia vivido nos leva para a velhice e o fim.

Caso alguém mantenha o pensamento girando em torno disso e ainda ache que deve desperdiçar tempo se lembrando das lutas e provas que unem os limites do nascimento e morte, ficará em total desânimo. Por que alguém deveria viver sob essa atmosfera nublada? A vida tem seus caminhos tortuosos e difíceis, marcados por vales profundos e despenhadeiros perigosos. Há pontos escuros e vielas. Há períodos de inverno e outono; mas também há planícies, belas paisagens, períodos de primavera e verão. Cristo, no contexto do Sermão do Monte, ensinou: “Não vos inquieteis com o dia de amanhã [...]. Basta ao dia o seu próprio mal” (Mt 6:34).

Em dois versos de 2 Coríntios 4, Paulo repetiu quatro vezes a conjunção “porém”, para contrapor as realidades da existência humana com a atitude correta a ser mantida diante delas. Para isso, citou seu exemplo. Em boa parte dessa carta, ele defende com entusiasmo incomum seu ministério e credibilidade apostólica que estavam sendo postos em dúvida por críticos mordazes. Como “vaso de barro”, portanto, não estava imune aos choques desferidos por adversidades de toda espécie, porém sempre soube em quem havia depositado sua fé. E prosseguia confiante! Cada um dos perigos enfrentados pelo apóstolo poderia deter o avanço da pregação do evangelho ou abatê-lo pessoalmente, tirando-o do cenário. Felizmente, todos eles foram suplantados por sua firme e determinada confiança em Deus.

Vivendo em um campo de guerra espiritual, vivenciando o

evangelho em nosso cotidiano, continuamos a nos deparar com dificuldades. O inimigo age diretamente ou por meio de agentes com diferentes armas. Às vezes, isso nos deixa perplexos e abatidos. Longe, porém, o desespero e desânimo! O Deus a quem servimos neutralizará quaisquer ataques. Ele não nos abandonará muito menos nos deixará à mercê da destruição. “Em tudo somos atribulados [...], porém não destruídos.” Então, por que desanimar?

Confissão

Temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente e fomos rebeldes, apartando-nos dos Teus mandamentos e dos Teus juízos. Daniel 9:5

Faz algum tempo, fui solicitado que visitasse um homem que lutava com severos traumas emocionais. Dispus-me a ouvi-lo, e ele relatou, com riqueza de detalhes, toda história de sua vida. Falou dos ideais que alimentou de servir integralmente à causa de Deus, mas lamentou que no trajeto para a concretização deles tivesse cometido muitos deslizes. Disse que, embora tivesse recebido “inúmeras chances” de restauração, desperdiçou todas elas. E sentenciou: “Além de mim mesmo, não posso culpar ninguém pela condição em que me encontro.” Elogiei-o pela sinceridade em não tentar maquiagem o quadro que me foi descrito. Ressaltei que aquela atitude era o primeiro passo rumo à restauração, animei-o a se entregar à graça de Deus e descansar no Seu perdão. Com a ajuda divina, da família e de especialistas, ele foi restaurado e serve com alegria ao Senhor, voluntariamente.

Não é a expressão de autopiedade que nos coloca no caminho da vitória sobre nossos erros e suas consequências, mas o reconhecimento da própria indignidade e carência diante de Deus. Esse foi o espírito com que Daniel buscou o Senhor em oração. Homem íntegro, descrito como sendo “muito amado” pelo Céu (Dn 10:11, 19), nada em sua vida foi encontrado que o reprovasse na investigação feita pelos adversários. Em um ponto do exílio sob o qual a nação israelita estava, apenas um desejo o levou a buscar o Senhor: Quando se cumpriram as 70 semanas restantes para o fim do cativeiro?

Então, orou com profunda humildade e sinceridade, intercedendo por ele mesmo e pelo povo, sem maquiagens, pretextos ou retoques reconhecendo o pecado e a culpa. “Fomos rebeldes”, admitiu. Em profunda contrição, lamentando o ridículo a que tinham se exposto

diante de outros povos, ele suplicou que Deus mudasse a situação (Dn 9:14-19). A súplica não ficou sem resposta, e o anjo Gabriel apareceu, encarregado de ajudá-lo a compreender a visão da purificação do santuário (Dn 8).

Os ouvidos do Pai sempre estão abertos ao clamor do “contrito e abatido de espírito” (Is 57:15). Ele almeja Se revelar a quem O buscar sinceramente, reconhecendo os próprios erros e indignidade. Com a mão da graça, liberta os cativos do pecado e os restaura para uma nova vida. Daniel tinha perfeito conhecimento do Deus a quem orou: “Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão” (Dn 9:9). Foi isso que o fez abrir o coração a Alguém que continua o mesmo, para você e para mim.

Aventura de fé

Pela fé, Moisés, quando homem feito, recusou ser chamado filho da filha do Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado. Hebreus 11:24, 25

A presença de Moisés no Monte da Transfiguração é o ponto alto de uma decisão tomada por ele no Egito. Tendo sido criado e educado nessa corte, com o objetivo de futuramente assumir o trono, causou transtorno ao recusar “ser chamado filho da filha do Faraó” (Hb 11:24). Naquele tempo, além de Moisés, havia poucos homens que pudessem assumir o comando da nação. Com a morte do faraó de então, Tutmés II, seis anos depois da saída de Moisés, a própria filha do faraó teria assumido o trono como se fosse homem, inclusive trajando-se como rei e usando barba artificial. Imediatamente, ela promoveu Tutmés III como seu coadjuvante, forçando-o a assumir um papel secundário. Depois da morte dela, ele se tornou o faraó (Richard Litke, *Ministério*, mar/abr, 2014, p. 14).

Do ponto de vista humano, nenhuma decisão poderia ser mais ilusória do que a que foi tomada por Moisés. O povo israelita estava cruelmente escravizado pelos egípcios. Como poderia alguém da corte renunciar a todas as honras dessa posição e assumir livremente a causa daquela gente? Porém, Moisés viu, pela fé, maiores glórias e honras resultantes da confiança no cumprimento das promessas divinas. Pouco importava que isso envolvesse algum sofrimento. A ele não interessava o poder humano. Além disso, tornando-se faraó, também deveria ser sacerdote da religião egípcia, e havia um sacerdócio superior ao qual ele preferiu servir.

Todos nós podemos em algum momento nos encontrar em uma bifurcação na qual temos de escolher entre um caminho inicialmente cheio de vantagens e outro que exige sacrifício e renúncia. Esse pode nos levar a ganhos que somente podem ser imaginados pela fé. Então, precisamos exercitá-la e buscar sabedoria celestial a fim de seguirmos o caminho certo. Ao chegar a esse ponto de decisão, Moisés não

hesitou e fez a escolha certa. Da experiência vivida por ele aprendemos que a fé nos mostra que tudo em nossa vida deve dar lugar à vontade de Deus. Ela faz com que desviemos o olhar que tendemos a colocar na glória e no prestígio terrestres, fixando-o na eternidade por vir.

O ganho do pecado é curto. Geralmente termina em arrependimento rápido e doloroso ou, pior, em rápida ruína. Decidir ficar com Deus é altamente compensador, e a presença de Moisés no Monte da Transfiguração o comprova. A menos que alguém queira ser lembrado apenas como se fosse uma múmia.

Setembro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

Campo arado

Semeiem a retidão para si, colham o fruto da lealdade, e façam sulcos no solo não arado; pois é hora de buscar o Senhor, até que Ele venha e faça chover justiça sobre vocês. Oseias 10:12, NVI

No livro de Oseias, podemos ver o amor de Deus sendo representado pelo marido dedicado e perdoador que não mede esforços nem sente constrangimento em buscar manter consigo a esposa adúltera, que simboliza a conduta de Israel (Os 2:14-23). Também vemos o fluir abundante do amor divino na figura dos pais que, apesar de toda rebeldia manifestada pelo filho, não desistem dele nem o rejeitam (Os 11:1-4, 8, 9). Outras representações no livro, também ricas em significado, são empregadas para denunciar o comportamento idólatra do povo de Deus. São metáforas que evidenciam os terríveis resultados de alguém escolher se afastar do Senhor.

Assim, vemos a terra de luto por causa da transgressão do povo (Os 4:3); a sementeira de ventos que frutificam tempestades, a ausência de colheita ou a usurpação dela por estrangeiros (Os 8:7); e a destruição nacional, à semelhança da neblina que se esvai, do orvalho que seca com o nascer do sol ou da fumaça perdida de vista depois de sair pela chaminé (Os 13:3). Há outros simbolismos, todos relacionados ao triste fruto do pecado contra Deus e ao Seu amor paciente, insistente, misericordioso e inalterável. Ele não deseja a destruição de nenhum de Seus filhos. Por amor, anuncia as consequências da desobediência a fim de livrá-los; por amor, as permite, caso não Lhe deem ouvidos. Castigos e repreensões oferecem aos filhos de Deus, em todo tempo e lugar, oportunidade para reflexão e aperfeiçoamento espiritual.

Anunciado o juízo tão amargo “como erva venenosa nos sulcos dos campos” (Os 10:4), e o pranto pelo bezerro de ouro diante do qual se curvavam (v. 5), Deus continuava a manifestar Seu amor e Sua misericórdia. Era a última chance para que buscassem o Senhor, antes da destruição diante dos assírios.

Caso mudassem a maneira de pensar e agir em relação a Deus,

receberiam a salvação como chuvas torrenciais. O terreno do coração deveria ser preparado, ou seja, tornado maleável, isento de ervas daninhas. A lição ainda é atual, considerando que vivemos numa época em que, independentemente das formas, não nos faltam ídolos lutando ou sendo utilizados para nos seduzir. Lembrando que fazemos um ídolo de tudo o que se interpõe entre nós e Deus, o apelo do Senhor ainda é o mesmo. É tempo de preparar nosso coração para recebê-Lo na proporção de Sua infinita misericórdia e na medida em que O buscarmos.

O compassivo Jesus

Jesus, ouvindo isto, retirou-Se dali num barco, para um lugar deserto.

Mateus 14:13

Tivesse apenas Se limitado a ensinar princípios, defender uma causa e atrair adeptos, Jesus nada mais teria sido do que um grande mestre, filósofo e líder, a exemplo de muitos que o mundo conheceu. Se fosse assim, após Sua morte, o que teria restado então? Nada mais que uma honrosa lembrança de Sua sabedoria, dos pensamentos ou legado de referencial humano. Considerando que Ele não era um mestre, filósofo, militante nem líder comum, isso é muito pouco.

Jesus Cristo é Emanuel, Deus conosco, e esteve na Terra em missão salvadora, que tinha como ponto central o ser humano. Na caminhada para o ápice desse projeto divino, no trato com as pessoas, Ele Se revelou diferente dos rabinos e líderes religiosos de Seu tempo. Nada de cobranças descabidas, fardos espirituais impossíveis de serem carregados nem imposições legalistas. O cumprimento da missão requeria a vida Dele mesmo, e Ele prontamente a compartilhou a cada passo, a cada toque e palavra. Diante das multidões que O procuravam, sentia profunda compaixão (Mt 14:14; Mc 8:2). Não apenas tinha o bálsamo para as feridas físicas, morais, emocionais e espirituais de Seus filhos, mas também sentia a dor que eles sentiam.

Ao receber a notícia da morte de João Batista, “retirou-Se [...] para um lugar deserto.” Há várias razões pelas quais teria feito isso, mas não imagino que insensibilidade fosse uma delas. Seu precursor, colega de ministério e primo havia sido cruelmente assassinado. O Jesus que Se compadecia das multidões não daria de ombros àquela notícia, pensando simplesmente: “Bem, a vida continua.” É certo que também necessitava atender os discípulos de João que, consternados, buscaram Nele alívio para sua dor. Assim, foram todos a um lugar nas cercanias de Betsaida, a fim de descansar (Mc 6:31; Lc 9:10). Contudo, o sossego durou pouco. A multidão necessitada, faminta, encontrou o grupo. O Mestre “teve compaixão.” Comoveu-Se no íntimo e Se moveu para

satisfazer as necessidades de cura e alimento.

Não há situação diante da qual Jesus reaja com indiferença. É-nos dito que “nenhum suspiro é dado, nenhuma dor é sentida, desgosto algum fere a alma, sem que faça também palpitar o coração do Pai” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 356). Nos desertos da vida, podemos encontrá-Lo, e Sua presença compassiva os tornará mais do que toleráveis. Vão se tornar lugares de restauração.

Certeza na provação

*Porque eu sei que meu Redentor vive, e por fim Se levantará sobre a Terra.
Jó 19:25*

Quando nos encontramos no auge do sofrimento, nem sempre parecemos dispostos a ouvir argumentações de aconselhamento bem elaboradas. Na maioria das vezes, tudo o que precisamos é de um abraço ou de alguém em silêncio a nosso lado. Um sorriso acolhedor tem força para erguer do pó o coração abatido. Tivessem isso em mente, Elifaz, Bildade e Zofar poderiam ter feito melhor na tentativa de ajudar o amigo Jó durante o tempo em que ele estava esmagado por inigualável provação.

Cansado de ouvir os conselhos dos amigos, o angustiado patriarca resolveu responder: “Vocês já me repreenderam dez vezes, não se envergonham de agredir-me!” (Jó 19:3, NVI). Depois disso, desabafou: “O meu caminho Ele fechou, e não posso passar; e nas minhas veredas pôs trevas. [...] Arruinou-me de todos os lados” (v. 8, 10). Ali estava um filho de Deus, solitário, ignorado e humilhado em sua dor (v. 13-20). Em meio a esse turbilhão de sentimentos, desejou que fosse gravado para a posteridade seu clamor por misericórdia: “Compadecei-vos de mim, meus amigos [...]. Por que me perseguis [...]? Quem me dera fossem agora escritas as minhas palavras! Quem me dera fossem gravadas em livro!” (v. 21-24).

Havia muitas coisas das quais Jó nada sabia nem podia captar nem mesmo um vislumbre de entendimento. Não tinha expectativa de restaurar o que havia sido e tido na vida. Tinha, porém, certeza de algo muito mais digno de consideração, porque lhe produzia conforto e alegria em sua desesperadora condição: “Meu Redentor vive!” Jó não alimentava apenas uma esperança superficial. Tinha absoluta certeza de que pertencia a Ele! Era seu Redentor! Nele, fazia repousar sua esperança, seguro de que jamais seria abandonado. Era o Redentor poderoso para reivindicar sua causa e sua pessoa, diante de todas as censuras e, finalmente, abençoá-lo com o veredito da restauração. É

como se tivesse dito: “Sei que meu Redentor está vivo! Eu O conheço! Ele me redime! Sei que não falhará, afinal!”

Então, “depois que o meu corpo estiver destruído e sem carne, verei a Deus. Eu O verei com meus próprios olhos; eu mesmo, não outro!” (v. 26, 27, NVI). Por que deveria se render totalmente ao desespero? Um Redentor vivo, a quem contemplaremos face a face, tem que ser a razão de nossa esperança e nossa paz. Ele é nossa maior alegria.

Um novo eu

Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. Gálatas 2:19, 20

Esta bela composição de Jader Santos tem abençoado todos os que a ouvem na interpretação do quarteto Arautos do Rei:

“Eu vivi tão longe de Jesus! Desprezei esta luz que um dia recebi. O Senhor de mim teve compaixão. Foi o Seu amor que inundou meu ser; e uma nova vida começou.

“Eu não sou mais eu, Cristo vive em mim! Eu não sou mais eu, tudo em mim mudou! Quando encontrei a Jesus meu Rei, um milagre aconteceu. Vivo não mais eu, Cristo vive em mim!

“Do Meu Deus completamente sou; me escondi em Sua graça e Seu querer. Hoje sei quem sou e também quem fui. Vivo do amor que me resgatou, e Lhe rendo Glórias, oh Jesus!

“Quem eu era já não sou, o passado já se foi. Vivo agora na alegria do Senhor! Se o pecado me chamar, insistindo em convidar, eu direi: Morri pro mundo, Cristo vive em meu lugar!” (“Eu não sou mais eu”).

Imagino que o apóstolo Paulo, caso vivesse hoje, iria cantarolar essa canção. Também estou certo de que o compositor tinha em mente nosso verso de hoje, transformando-o em poesia e nela colocando o tom da graça transformadora.

Assim como não se cura um câncer com procedimentos paliativos, Paulo insistiu que o problema do pecado na vida humana não é solucionado com medicamentos legalistas de efeito externo. Em vez disso, deve haver uma intervenção radical e humanamente impossível de ser realizada. Durante boa parte da vida, ele mesmo tentou inutilmente, até que se rendeu à prescrição divina em Jesus.

Quando encontrou Jesus, o apóstolo entendeu que era preciso morrer com Ele. Essa morte espiritual envolve a cruz. Charles Ellicott sugere: “É por meio do poder da cruz, da contemplação da cruz e de tudo o que está associado a ela, que o cristão é capaz de mortificar os impulsos do pecado dentro dele e reduzi-los a um estado de

passividade como o da morte” (*Ellicott’s Commentary*, v. 4, p. 439).

Entretanto, em um bendito paradoxo, ao experimentarmos esse tipo de morte é que entramos no mais verdadeiro sentido da vida. Unicamente morrendo para o eu, o pecado e o mundo é que passamos a verdadeiramente ser, no sentido mais pleno da palavra. Cristo, por Sua graça e mediante nossa fé, vive em nós e age por nós. Aleluia!

Absolutamente, não!

Não beberemos vinho porque o nosso antepassado Jonadabe, filho de Recabe, nos deu esta ordem: “Nem vocês nem os seus descendentes beberão vinho.” Jeremias 35:6

A disponibilização da graça divina e do poder do Espírito Santo a um filho de Deus pode não ser suficiente para livrá-lo das armadilhas do inimigo. Contudo, acaso os recursos providos pelo Céu a fim de nos socorrer seriam limitados? Evidentemente, não! A questão é que Deus não trabalha com robôs, mas com seres humanos inteligentes, dotados de vontade, livres para tomar decisões.

Podemos escolher permanecer na trilha da graça que nos possibilitou perdão e aceitação da parte de Deus e continuar dependentes do Espírito Santo ou ceder às insinuações que o inimigo faz para nos afastar de tudo isso. Já se disse que o livre-arbítrio é o grande risco a que está sujeito o amor do Pai. Entretanto, Seu imenso coração preferiu nos tratar com amor, como seres criados à Sua imagem e semelhança, não importando o preço a ser pago. Isso deve nos inspirar a fazer escolhas corretas.

O grande desafio do cristão é se contrapor à avalanche de conceitos e valores pluralistas prevalecentes em nossos dias. Ela atinge em cheio a religião e exige de nós ousadia e firmeza para dizer “sim” a Deus, mantendo-nos na contramão do mundo.

Tem sido assim ao longo da história. Durante o reinado de Jeoaquim, Jeremias foi induzido a usar uma ilustração viva de fidelidade absoluta para o povo de Judá, oferecendo vinho aos recabitas. Descendentes de Recabe, eles receberam as instruções deixadas pelo antepassado Jonadabe: abster-se de vinho, não construir casas, não cultivar a terra e adotar um estilo de vida nômade. A oferta do profeta foi respondida com um sonoro “não!” Nada de racionalizações, alternativas nem concessões. “Nosso antepassado [...] nos deu esta ordem” (Jr 35:6). Esse exemplo de fidelidade deveria ser visto no comportamento dos judeus em relação a Deus. Não menos é esperado de você e de mim

hoje.

Os tempos mudaram, a cultura mudou. Não precisamos seguir cada detalhe do estilo de vida recabita, mas as mudanças culturais e o passar do tempo não alteram princípios. O princípio de fidelidade absoluta a Deus transcende os limites de tempo, geografia e cultura. Portanto, o melhor que devemos fazer é não subestimar a sutileza do tentador e suas tentações. Muitas vezes, em nosso tempo, seremos considerados fora do ritmo em que o mundo se move. Que seja assim! Os prazeres dessa postura são avaliados em termos de eternidade com o Senhor.

Mãos

Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes. Mateus 25:40

Versáteis, as mãos contam muitas histórias. Ásperas ou suaves, rudes ou delicadas, elas podem falar de operosidade, embora também existam mãos ociosas. Referindo-se à mão maternal, William Wallace afirmou que “a mão que embala o berço governa o mundo.” É certo que a mão do pai também conta uma história de força amorosamente protetora e diligente provisão. Mãos ajudam a trazer vidas à luz e também a sepultá-las. Elas ferem e curam. Constroem e destroem. São estendidas para a alegria de receber ou a bênção de dar. Há mãos que são servidas; outras servem-se a si mesmas ou servem ao próximo.

Numa belíssima música sobre as mãos de Jesus, gravada pelo Quarteto Ministry, os compositores José Newton da Silva Júnior e Eddie Henrique lembram: “Em Suas mãos, eu encontro poder, em Suas mãos eu encontro a paz. Nessas mãos posso, pois, descansar, afinal. Nessas mãos posso força encontrar.”

Devemos nos lembrar de que a notável qualidade das mãos do Mestre que devemos imitar é o serviço. Durante todo Seu ministério terrestre, Jesus Cristo revelou o mesmo interesse que o Pai demonstrou ter nas pessoas, pobres ou ricas. A salvação sempre foi o bem maior oferecido a todas indistintamente. Contudo, Ele deixou claro que ninguém que necessite de algo material, social ou religioso deve ser ignorado. Por isso, foi acessível aos marginalizados (Mt 9:13) e favoreceu os pobres com grandes milagres. Um dos “ais” de advertência proferido contra os líderes religiosos chama atenção para a hipocrisia das orações dos exploradores das viúvas (Mt 23:14).

Em contraste ao espanto dos que retiveram as mãos para ajudar, o veredito do juízo final àqueles cujas mãos foram estendidas para servir é claro: “Vinde, benditos de Meu Pai! Entrai na posse do reino [...]. Porque tive fome, e Me destes de comer; tive sede, e Me destes de beber; era forasteiro, e Me hospedastes, estava nu, e Me vestistes;

enfermo, e Me visitastes; preso, e fostes ver-Me” (Mt 25:34-36).

Ignorar os necessitados é ignorar o próprio Jesus. Por isso, mãos interesseiras e egoístas são reprovadas. Quando acumulamos bens e os tornamos inacessíveis aos carentes, algo está errado conosco. Afinal, para vestir o nu, mitigar a dor do ferido, alimentar o faminto, dessedentar o sedento e acolher o excluído, Deus conta com as minhas e as com suas mãos.

Dependência e vida

Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres. João 8:36

Vontade popular, desgaste do sistema econômico, elevados impostos, tentativas de recolonização e a desobediência de D. Pedro I à corte portuguesa, que exigia seu retorno definitivo à Europa, foram alguns dos ingredientes que resultaram na proclamação da independência do Brasil. As tensões dos bastidores, porém, não têm sido suficientes para embaçar o brilho do romantismo patriótico ainda hoje visto nas celebrações da conquista de 198 anos atrás.

Não há dúvida de que a liberdade, por si, é encantadora. Ironicamente, na luta por conquistá-la, muitas pessoas perdem a noção de quais caminhos devem percorrer e como devem percorrê-los. Tem sido assim desde que, no Éden, nossos primeiros pais trocaram a fórmula de Deus, liberdade e vida na dependência Dele, pela oferta feita por Satanás, de suposta liberdade na independência do Criador.

Entre os muitos exemplos dessa atitude, oferecidos pela História, desponta a Revolução Francesa (1789-1799). Ela rompeu as estruturas políticas, sociais e religiosas da França, com a suposta garantia de que todos os indivíduos e classes estariam abrigados sob o manto do lema “liberdade, igualdade e fraternidade”. O movimento transpôs os limites nacionais, mas degenerou em incredulidade e libertinagem totais, descartando com mão de ferro a crença em Deus. Nesse contexto, Jeanne Marie Roland, ou Madame Roland, destacada ativista condenada e morta à guilhotina em 1793, teria dito: “Oh, liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome!” Hoje, nenhum observador precisa ser obrigado a ir tão longe para entender os terríveis desatinos cometidos em nome da liberdade, tanto na política como na sociedade e mesmo na religião.

A descrença em Deus ainda ecoa nas elaborações científicas e nas ideologias humanistas. A licenciosidade reverbera em nossos dias, amplificada ao longo do transcurso de aproximadamente três séculos dos assim chamados avanços e conquistas culturais e sociais.

Entretanto, à parte de Jesus Cristo, que é a verdade personificada no coração, toda liberdade é falsa. A Seus ouvintes Ele apontou o caminho: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. [...] Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8:32, 36). Não existem atalhos ideológicos, políticos e sociais. Muito menos podem eles ser encontrados por meio da servidão do legalismo religioso. Somente Jesus nos torna verdadeiramente livres.

Um cântico de segurança

O que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente diz ao SENHOR: “Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio.” Salmo 91:1, 2

Enfrentando gravíssima enfermidade, uma querida irmã enviou aos amigos, por meio de uma rede social, a seguinte mensagem: “A gratidão em dias difíceis revela quem você se torna.’ [...] Estou em um campo de batalha com uma torcida espetacular. Contudo, o meu grande Juiz e Capitão decidirá a vitória. Só sei que nada poderá me separar do amor de Deus.” Por motivos e em circunstâncias diferentes, todos nós temos razões para agradecer e manter a esperança. E um novo dia é sempre uma chance renovada para reviver essas atitudes, amar e servir, sonhar e realizar.

Em nossa agenda ontem ficaram tarefas inacabadas; há outras esperando para serem iniciadas. Encontraremos pessoas que necessitarão de nossa ajuda e outras a quem precisaremos recorrer. Haverá surpresas agradáveis; outras, nem tanto. Cada minuto à nossa frente é incerto. Notícias sobre calamidades, oscilações econômicas, fatos políticos e outros temas nos causarão espanto. Tentações farão necessário buscar proximidade mais intensa de Alguém infinitamente poderoso e sábio para nos tornar vencedores. Teremos chances de exercitar a fé no confronto com desafios. Assim é nosso mundo.

Apesar de tudo, em meio a tantas incertezas, desponta uma convicção: não precisamos temer. As promessas bíblicas nos dão tranquilidade e confiança para enfrentar a vida. Várias delas estão no Salmo 91. Toda pessoa que o conserva na mente e no coração permanece destemida, serena e esperançosa em toda e qualquer situação.

Em nosso desejo por segurança, podemos estar certos de que a encontraremos em Deus. Em comunhão com o Senhor Onipotente, refugiamo-nos e encontramos paz. Nenhum abrigo é comparável à sombra que Ele provê para nosso descanso; nenhum refúgio é tão

inconquistável quanto Ele durante a tempestade. Por isso, o salmista afirma: “Meu refúgio e meu baluarte, Deus Meu, em quem confio.” Assim como somos prontos em levar a Ele temores, dúvidas e ansiedades, precisamos fazer desse testemunho nosso lema de vida, em reconhecimento e gratidão.

Entre outras promessas desse salmo, podemos enfrentar este dia certos de que não cairemos na armadilha do inimigo peçonhento nem seremos atingidos por seu veneno (v. 3). Nenhum mal irreversível nos atingirá, pois estamos cercados pelos invisíveis agentes celestiais (v. 11).

Coração agradecido

Que darei ao SENHOR por todos os Seus benefícios para comigo? Salmo 116:12

Ao ser dada a oportunidade para quem desejasse expressar gratidão por alguma bênção recebida, a única das minhas tias a romper a barreira dos 100 anos de vida levantou-se de seu lugar e foi à frente. Eram momentos especiais, antigamente reservados para isso, na Escola Sabatina. Eu era criança, mas a cena ficou gravada em minha memória. Com voz pausada e semblante sereno, como se estivesse desfrutando cada palavra, ela recitou o Salmo 116. Não sei se esse era seu salmo predileto, mas a intensidade do sentimento em sua expressão me marcou fortemente e me fez entender que deveria haver um motivo muito especial para aquele gesto.

Fico pensando no que o salmista sentia ao compor esse poema. Nele, o autor se derrama em ações de graças por alguma experiência na qual foi alvo da mão libertadora do Pai celestial. Ao fazer essa declaração de amor ao Senhor, ele tão somente revela o profundo sentimento de um coração agradecido que responde ao amor divino, provedor de cuidados enumerados nos versos 1 a 8. A isso seguem-se ações práticas, como entrega e confiança no poder divino (v. 9-11) e compromisso com o serviço (v. 16-19).

Os versos 12 a 15 contêm afirmações especiais da gratidão exteriorizada. “Que darei ao SENHOR por todos os Seus benefícios para comigo?” Essa é a pergunta da mente humana limitada para avaliar a grandeza das bênçãos recebidas. Paradoxalmente ao ato de dar, ele se dispõe a tomar “o cálice da salvação”. Estudiosos consideram essa uma referência ao cálice usado para derramar vinho como oferta no sacrifício do ritual judaico (Êx 29:40; Nm 15:1-14). Também pode ser uma alusão à experiência de vida com seus altos e baixos; pode conter bênçãos ou sofrimentos (Sl 16:5, 6; Lc 22:42, por exemplo).

No livro dos Salmos, a palavra “salvação” geralmente aparece como símbolo de libertação, proteção, provisão e bênçãos. Na mesa do

Supremo Pastor há um cálice transbordando bênçãos para nós (Sl 23:5). Pela fé, podemos tomá-lo, desfrutá-lo e, em gratidão, adorar e servir. Nada temos que Lhe possamos oferecer, honrando-O na devida medida. Tudo o que podemos Lhe dar é nosso humilde reconhecimento, ao recebermos Dele o todo que Ele é e tem para suprir nosso nada. Recebemos e agradecemos, louvamos e nos entregamos a Ele, que nos encherá de misericórdia e graça, a cada dia. Não conheço experiência mais rica para ser vivida hoje.

Mais de Cristo

*Porque todos nós temos recebido da Sua plenitude e graça sobre graça.
João 1:16*

A decadência do primeiro amor (Ap 2:4) e a sutileza com que a heresia do gnosticismo se apresentava constituíam ameaças perigosas nos primeiros anos da igreja cristã. Além de pregar a dependência do conhecimento (*gnosis*, em grego) para se obter a salvação, a filosofia gnóstica colocava em dúvida a encarnação de Cristo. Para confrontar esse pensamento, converter judeus e conquistar os discípulos de João Batista que não tinham aceitado Jesus, João escreveu seu evangelho, entre os anos 85 e 90 d.C. Nele, em palavras simples, o autor expõe verdades profundas a respeito de Cristo e Sua divindade plena, proclamando-O como a personificação do caráter e da vontade do Pai, a Palavra encarnada, o Criador de todas as coisas.

A respeito desse Jesus, escreveu-nos o evangelista: “Recebemos Sua plenitude.” A palavra “plenitude” aqui se refere à natureza divina pela qual Ele – “Emanuel” – trouxe o Pai para junto de nós, seres humanos. Essa é uma experiência de vida dada a todos. É tão abundante e infinita quanto abundante e infinita é a graça que nos é dispensada: “Graça sobre graça.” “Dia a dia todo verdadeiro crente vai ao armazém celestial em busca de graça divina suficiente para as necessidades do dia. Diariamente ele cresce em graça e em compreensão do propósito de Deus para sua vida” (*Comentário Bíblico Adventista*, v. 5, p. 997). É assim que a plenitude divina transborda para nós em Cristo Jesus, dando-nos tudo o que Ele é e tem.

Pela fé, sempre receberemos mais de Cristo, mais de Deus, quanto mais O desejarmos e O buscarmos. Então não mais nos arrastaremos à míngua, abaixo da linha da indigência espiritual, mas em plenitude crescente. Por que nos contentarmos com menos do que isso?

“Cada medida recebida de Cristo nos torna capazes de ter mais de Cristo. As paredes do nosso coração são elásticas, o vaso se expande ao ser preenchido. O ideal da vida cristã e a intenção de Deus a nosso

respeito não significam apenas que devamos ter uma posse ininterrupta, mas crescente, de Cristo e de Sua graça” (Alexander MacLaren, *Expositions of Holy Scriptures*, v. 10, p. 21).

Em Cristo, o vazio da alma pode ser preenchido, a fome satisfeita, saciada a sede, o frio pode ser aquecido, as trevas podem ser iluminadas. Nele há plenitude de perdão e purificação para o coração pecaminoso, paz à consciência culpada, bênçãos espirituais e materiais.

Sem ressentimentos

Atentando diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados. Hebreus 12:15

Observando-se a literatura sobre saúde, vemos que especialistas concordam com Cláudio Galeno, médico e filósofo nos tempos do Império Romano, em sua argumentação de que a maioria das doenças tem origem emocional. Especialistas já indicaram que o estado de espírito de uma pessoa pode contribuir para o desenvolvimento de neuroses, depressão e câncer. No entanto, para muitas, não é muito largo o fosso que separa afeto e fraternidade de ressentimento e amargura. Às vezes, para que o gatilho seja disparado, basta um empurrãozinho dado pela má interpretação de atitudes, palavras ditas sem o devido cuidado, expectativas não atendidas ou pretensões profissionais diante das quais alguém se sentiu preterido. Uma vez contraídos, ressentimento e amargura causam muito mal à fé individual e coletiva, bem como à saúde dos relacionamentos.

Uma história de ressentimento e amargura, no Antigo Testamento, lembramos a nocividade fatal resultante do hábito de nutrir sentimentos como esses. Coré, Datã e Abirão costumavam se reunir para mexericos e críticas contra a liderança de Moisés. O fogo da amargura se espalhou incendiando a comunidade, e eles, com as respectivas famílias, foram destruídos. No dia seguinte, outras pessoas culpavam o líder por aquelas mortes, e a tragédia somou 14.700 mortos (Nm 16:24-35).

Nos dias apostólicos, Paulo preveniu os cristãos hebreus contra esse mal. Sua referência à “raiz de amargura” remete a Deuteronômio 29:18, onde se registra o conselho para que os israelitas evitassem a idolatria. Caso contrário, a germinação dessa “raiz” frutificaria em descontentamento, ceticismo, apostasia e impureza na comunidade. Entre os cristãos hebreus, havia aqueles para os quais a jornada cristã se afigurava muito penosa. Nesse clima, dúvidas, desconfiança e

tendências desagregadoras teriam efeito negativo sobre todos. Com nossa natureza pecaminosa, sabemos que não estamos imunes.

Por isso, o conselho também é um lembrete a não permitirmos qualquer disposição para o mal, como ambição, cobiça, ira, malícia, inveja, desejo de retaliação contra qualquer pessoa. Disposição de perdoar o ofensor, amar o inimigo, vivenciar e promover a paz com todos (Rm 12:18) são marcas de quem aprendeu Daquela que é “manso e humilde de coração” (Mt 11:29). A permanência na graça nos possibilitará exemplificar isso hoje.

As escolhas de Jesus

Não fostes vós que Me escolhestes a Mim; pelo contrário, Eu vos escolhi.
João 15:16

Sendo Deus, Ele optou por abrigar-Se no ventre de uma virgem e nascer como um de nós. Era o Criador assumindo a identidade da criatura. Rei do Universo e mantenedor dos mundos, viveu sem ostentação. Senhor, tornou-Se servo. Mestre dos mestres, “aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5:8). Ele é a vida, contudo, morreu para dar vida a quem devia morrer. Esse é Jesus! Se nós estivéssemos em Seu lugar, faríamos tudo diferente, em nome da manutenção do status, poder e autopreservação.

Não há dúvida de que a singularidade Dele se destaca como razão pela qual foi rejeitado pelos líderes religiosos de Seu tempo. Lembremo-nos de que eles “esperavam pelo Messias por vir como um conquistador, para neutralizar a força daqueles que os oprimiam e exaltar Israel ao domínio universal. Desse modo, o caminho para a rejeição do Salvador foi preparado. [...] O orgulho obscurecia a visão deles. Interpretavam a profecia segundo seus desejos egoístas” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 30). Diante disso, ao iniciar Sua igreja na Terra, Jesus escolheu homens simples para formar Seu núcleo de discípulos.

Conforme descreveu John MacArthur, “nenhum deles era conhecido por ser um grande estudioso ou erudito. Não tinham o currículo de grandes oradores e teólogos. Na verdade, eles viviam à margem das instituições religiosas da época de Jesus. Não se destacavam por seus talentos naturais nem aptidões intelectuais. Pelo contrário, todos eles estavam sujeitos a cometer erros, ter atitudes equivocadas, lapsos na fé e terríveis fracassos” (*12 Homens Extraordinariamente Comuns*, p. 12).

Por iniciativa de Jesus, não foram escolhidos como meros auxiliares, porém amigos (Jo 15:13-15), com os quais compartilhou os mistérios do Pai e pelos quais deu a vida. Não há um só aspecto num relacionamento entre líderes e liderados cristãos que dispense o amor. Esse foi o princípio com que Cristo conquistou aquele grupo de

homens, cuja resposta foi a entrega sem reservas, apesar deles mesmos. Eles foram objeto do amor que cria valores para os desvalorizados, e torna amáveis os sem amor. É o mesmo amor que jorra na direção dos discípulos modernos, tão iguais aos primeiros nos altos e baixos da natureza humana. Assim, também fomos escolhidos para ocupar um lugar especial no coração do Mestre, onde sempre cabe mais um frágil pecador para ser restaurado.

O melhor tesouro

Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida. Tiago 1:5, NVI

Existe uma qualidade pela qual identificamos as pessoas verdadeiramente sábias, tornando-as merecedoras de nosso reconhecimento e admiração: a sincera convicção de que não sabem todas as coisas. O efetivo e contínuo esforço empreendido em aprender sempre mais as torna especialmente distintas daquelas que apenas supõem ou pretendem saber tudo. O maravilhoso livro da Natureza, a vastidão das ciências, os mistérios da vida e da eternidade nos são apresentados como o mar profundo e sem fim, à espera de que nele mergulhemos e nos deliciemos.

Nesse contexto, o Antigo Testamento relata a experiência do rei Salomão. Ao lhe ser dada, pelo próprio Deus, a oportunidade de pedir o que bem quisesse, ele não titubeou e pediu sabedoria para liderar o povo sobre o qual foi estabelecido como rei (1Rs 3:5-9). As escolhas desastradas que fez posteriormente nada tiveram que ver com a resposta de Deus, ao torná-lo o homem mais sábio de seu tempo (1Rs 4:29-34), mas com o mau uso que ele fez do riquíssimo tesouro recebido.

As Escrituras atribuem valor inestimável à sabedoria: “Porque melhor é o lucro que ela dá do que a prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino. Mais preciosa é do que pérolas, e tudo o que podeis desejar não é comparável a ela” (Pv 3:14, 15). “Melhor é a sabedoria do que a força, ainda que a sabedoria do pobre é desprezada” (Ec 9:16). As questões cada vez mais difíceis exigem de nós sabedoria. É certo que vivemos em uma época de grande conhecimento que avança, em todas as áreas, parecendo não ter limites. Descobertas que hoje nos emudecem, como observadores, amanhã podem se tornar obsoletas. Contudo, necessitamos da “sabedoria do Alto”, que nos possibilita a graça de viver sem ambição egoísta, amargura, inveja, conflitos e dissensões (Tg 3:13-16).

“A sabedoria que vem do Céu é antes de tudo pura; e é também pacífica, bondosa e amigável. Ela é cheia de misericórdia, produz uma colheita de boas ações” (Tg 3:17, NTLH).

Admitir que ainda nem tocamos com a ponta dos dedos o tesouro da sabedoria é o primeiro passo para adquiri-la. Em seguida, devemos pedi-la Àquele “que [tudo] a todos dá livremente e de boa vontade.” Assim mesmo, teremos que exercer a sabedoria da fé diante de mistérios insondáveis da natureza e das questões eternas. Abrindo nosso coração e nossa mente às graciosas revelações de Deus, Ele nos ensinará como viver.

Profundo e simples

Pois decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. *1 Coríntios 2:2*

Ao ser abordado com questões bíblicas razoavelmente difíceis, um homem costumava se esquivar com esta resposta: “Só sei que somos salvos pela fé”. Sendo assim tão simples, o evangelho não é compreendido totalmente pelo ser humano. É simples porque tudo se resume neste fato: Um Deus Se fez homem, veio viver entre os homens e Se entregou em sacrifício, morrendo numa cruz, para salvar os pecadores. Aceitando Seu sacrifício substitutivo, pela fé, o ser humano é perdoado, recebe salvação e tem a chance de vida eterna com Deus. Então “já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8:1).

Entretanto, não sendo simplório, o evangelho tem na simplicidade sua profundidade. Jesus Cristo é o Verbo divino, Criador (Jo 1:3), possuidor de “toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9), a respeito de quem é dito ser “antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste” (Cl 1:16, 17). Diante disso, quem há que possa entender o fato de que Ele tenha Se esvaziado a Si mesmo, “vindo a ser servo, tornando-Se semelhante aos homens”, humilhando-Se a Si mesmo, sendo “obediente até a morte, e morte de cruz” (Fp 2:7, 8)? O princípio motivador de tudo isso, o amor de Deus, será tema de estudo para os remidos por toda a eternidade.

Nos dias de Paulo, os intelectuais gregos, buscando sabedoria, se interessavam apenas em filosofar, teorizar e especular. Para eles, o evangelho era nada mais que loucura. Por sua vez, os judeus, em busca de sinais, se escandalizavam diante da história da cruz (1Co 1:22, 23). No entanto, o apóstolo tinha em Cristo, “e este crucificado”, o centro de sua pregação.

No mundo atual, reações idênticas àquelas não são raras. A sofisticada mentalidade humana em nossos dias não entende a mensagem do evangelho. Suas esperanças de vida melhor estão

concentradas no conhecimento, progresso científico, riqueza, fama, prazer e relativismo. E mais: talvez alguns, mais familiarizados com o evangelho, ainda se perguntem: Sublime como é a salvação, acaso não exige que nos esforcemos na tentativa de praticar e acumular boas obras, a fim de que possamos merecê-la ou conquistá-la? Não, não existem alternativas ao evangelho puro, simples e profundo da graça de Deus, personificado em Jesus. Ele é o centro e a razão de nossa fé. Nosso esforço deve estar em buscá-Lo cada dia.

Muralha de fogo

Pois Eu lhe serei, diz o SENHOR, um muro de fogo em redor e Eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória. Zacarias 2:5

Referindo-nos aos relacionamentos, costumamos dizer que devemos construir pontes e destruir muros. As primeiras unem, aproximam; os últimos obviamente separam, distanciam, embora também protejam contra perigos.

O mundo conheceu muros famosos. Um deles foi o de Berlim, construído em agosto de 1961, nos tempos da Guerra Fria. Esse muro separava a porção da cidade sob o controle comunista (Berlim Oriental) da parte sob o regime capitalista (Berlim Ocidental). Com 66,5 km, 302 torres de vigilância, 127 redes eletrificadas com alarme e 255 pistas para cães ferozes, a estrutura era vigiada por militares comunistas autorizados a atirar para matar quem se atrevesse a fugir. Dezenas de pessoas foram mortas, feridas ou detidas. Familiares e amigos viveram separados sem nenhuma notícia, até que uma abertura política o fez ruir a partir do dia 9 de novembro de 1989.

Há também a Muralha da China, com 21.196 km de extensão, oito metros de altura e quatro de largura. Construída ao longo de quatro dinastias, a Grande Muralha, além de consolidar o império de Qin Shi Huang, teve várias finalidades, como proteger o país de invasores, controlar o comércio e regular o fluxo migratório. Em 2007, foi considerada uma das sete maravilhas do mundo moderno, sendo visitada anualmente por mais de 4 milhões de turistas.

Lugar sagrado para o judaísmo, o Muro das Lamentações é parte remanescente do muro de arrimo do templo de Herodes. Ali, pessoas do mundo todo costumam orar e apresentar seus pedidos ao Altíssimo. Entre 1948 e 1967, o local ficou sob o domínio da Jordânia. Entretanto, após a Guerra dos Seis Dias, o controle da região passou para o estado de Israel.

Há outras muralhas famosas no mundo. Nos tempos bíblicos, cercar cidades com muros era também estratégia defensiva. Contudo, muitas

foram atacadas e destruídas. Intransponível mesmo é o muro de proteção que Deus prometeu ser para Seu povo. Direcionada a Israel, a promessa era a garantia de Sua fidelidade ao propósito de fazer daquela nação o centro de Sua obra redentora para o mundo. Qual muro de fogo, Ele abrigaria Jerusalém contra inimigos. O que prometeu ser para Israel, promete ser hoje para nós: proteção contra os inimigos, quaisquer que sejam eles, e contra os males que planejem nos causar. Estando em nosso coração, Ele será a glória de nossa vida.

O eixo da vida

Contudo, não quereis vir a Mim para terdes vida. João 5:40

A divisão da contagem dos anos em antes e depois de Cristo é a mais simples indicação de que tudo gira em torno Dele. Sendo prometido como a suprema esperança de redenção para Adão e Eva (Gn 3:15), foi anunciado pelos profetas do Antigo Testamento e entrou para a História como Messias divino. Desse modo, apresentou-Se como o tema das Escrituras (Jo 5:39). Que outra razão além de Seu evangelho salvador e de Sua vinda poderia existir para a missão da igreja?

“Cristo é o emancipador da História, que não apenas nos liberta da servidão de nossa natureza caída, mas de nossos medos, superstições e receios; libertanos das dependências bizarras. Ele nos liberta das tiranias e máscaras humanas, de nossas idolatrias, do governo de nossas alegrias incompletas. Cristo nos liberta da cultura, cheia de ídolos e modismos ridículos. Ajuda-nos a ver o que está por trás de toda sorte de aparências. Perdê-Lo significa ser reduzido ao nível do nada absoluto!” (Amin Rodor, *Ministério*, nov/dez, 2012, p. 7).

Contudo, os religiosos do tempo Dele não O reconheceram. Tendo as Escrituras nas mãos, consideravam-se possuidores da vida eterna revelada nelas, embora rejeitassem seu principal personagem: Jesus Cristo. Então, foram exortados a buscar com mais diligência e atenção, com visão direcionada para além dos preconceitos e da soberba. Entretanto, a arrogância da erudição religiosa, da vaidade do poder e da justificação própria os manteve cegos.

Ainda existem religiosos que, de alguma forma, revelam ter postura idêntica. São pessoas que, nas palavras de Johann Lange, “conhecem a casca da Bíblia, mas ignoram a amêndoa que ela contém. Perscrutam as Escrituras minuciosa, pedante e supersticiosamente na letra, sem que sintam simpatia alguma pela vida que nelas habita” (Russell Champlin, *Novo Testamento Interpretado*, v. 2, p. 351). A esses é dirigido o lamento: “Não quereis vir a Mim para terdes vida.”

Havia quem se aproximasse de Jesus para ouvir a exposição das

Escrituras e admirasse o conhecimento demonstrado por ele. Alguns ficaram satisfeitos apenas com pães e peixes. Outros foram beneficiados ou se deixaram impressionar pelos milagres. No entanto, sem que Ele seja pessoalmente aceito e entronizado no coração como Senhor, não haverá vida em qualquer dimensão, transitória ou eterna. Pense nisso!

O custo da salvação

Não há salvação em nenhum outro; porque, abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos. Atos 4:12

Religiões não cristãs em geral fundamentam a ideia de salvação no que o homem pode ser ou fazer. Mesmo alguns grupos cristãos defendem o acréscimo de algo, ou alguém mais, a Jesus Cristo. Contudo, Hans LaRondelle lembra que a “salvação é uma experiência de fé que redime nosso passado, enche de alegria nosso presente e aguarda com esperança um futuro glorioso. Alguns alimentam a ideia de que a salvação é uma recompensa por aceitar certas doutrinas da igreja; outros, por observar, da melhor maneira possível, as leis de Deus, especialmente os Dez Mandamentos” (*O Que é Salvação*, p. 9). Ele acrescenta: “A salvação é dom de Deus! Esse dom é Deus mesmo, manifestado em Seu Filho, Jesus Cristo. A Fonte da salvação é uma Pessoa” (p. 10).

Certa ocasião, depois de haverem curado um mendigo aleijado e direcionado a atenção do povo para Jesus, a fonte do poder operador do milagre, Pedro e João foram levados ao Sinédrio. Em seu depoimento, Pedro afirmou que Cristo, “a Pedra angular” rejeitada por aquelas autoridades, pode salvar não apenas das deformações físicas, mas especialmente das espirituais. Essa declaração é o fundamento da mensagem cristã; ou seja, Cristo é o único Salvador e Redentor prometido nas Escrituras. Não há nada nem ninguém senão Cristo, Seu nome, Sua Pessoa, Seu sacrifício, Sua justiça em que devemos buscar salvação. Nem homens nem anjos. Nem esforços pessoais nem tradições religiosas.

Mas o que torna Jesus tão singular para nossa salvação? No anúncio de Seu nascimento a Maria, encontramos Suas credenciais únicas: “O Ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1:35). O nascimento envolve o mistério da encarnação. O Salvador teria que ser humano. Assim, Ele Se tornou nosso substituto no cumprimento de

todos os requerimentos divinos. Fez isso na condição de “Santo” e inocente. Somente um ser humano impoluto satisfaria os desígnios divinos. Além disso, somente Se tornando humano Ele poderia Se entregar para morrer em nosso lugar.

Finalmente, é “Filho de Deus”; portanto, divino. Como tal, podia obedecer em lugar de outros, morrer livremente e ressuscitar. Assim, humanidade, santidade e divindade são as credenciais de Cristo. A salvação nos chega de graça, mas nunca poderemos avaliar plenamente o altíssimo preço em renúncia e amoroso sacrifício que ela custou ao Salvador. Podemos apenas viver para agradecer.

No caminho da fé

Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: “O justo viverá pela fé.” Romanos 1:17

Certa ocasião, um homem perguntou a uma senhora, membro da igreja: “Como Deus julgará uma pessoa que quer ter fé, mas não consegue?” Ele havia nascido e crescido em um lar cristão; porém, na adolescência, começou a perder o pouco entusiasmo que tinha pelos assuntos espirituais. Enveredou-se pelos descaminhos da vida em busca de prazer e preenchimento do vazio da alma. Com inclinação racionalista, acostumou-se a considerar as coisas na base de “ver para crer”.

Casou-se, e a vida com a esposa e os filhos ofereceu-lhe a oportunidade para lembrar os ensinamentos recebidos na infância e refletir sobre eles. Contudo, dizia não conseguir ter fé. Sob orientação daquela senhora cristã, foi animado a buscar a fé como um dom de Deus. Estou seguro de que o Senhor o atendeu. Com o passar do tempo, o interesse espiritual voltou a florescer naquele coração, até que uma grave enfermidade o acometeu. Felizmente, quatro dias antes de ele morrer, tive a chance de entrar no cenário dessa história para ouvi-lo confessar, no leito e com voz debilitada, sua aceitação de Cristo como Salvador.

É preciso ter fé. “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6). O justo vive “pela fé”, diz nosso verso de hoje. Somos salvos “mediante a fé”, como um “dom de Deus” (Ef 2:8), escreveu Paulo. De acordo com o apóstolo, a única maneira pela qual o cristão que foi salvo “mediante a fé” pode viver a justiça do evangelho é também pela mesma fé, “do princípio ao fim”; “de fé em fé”, passo a passo, conforme outra tradução. Isso implica entrega completa e constante de si mesmo aos cuidados do Senhor. Pela fé, encontraremos Nele motivação e sabedoria para tomar decisões relacionadas com a eternidade. Pela fé, receberemos Dele o poder necessário para lutar contra as forças do mal e vencê-las.

Entretanto, relacionando fé a explosões emotivas, alguns cristãos chegam a duvidar da autenticidade da própria experiência com a salvação. É claro que essa não é uma experiência fria e árida. Há lugar para emoções, mas a fé não depende delas. “É nesse ponto que milhares fracassam”, escreveu Ellen White. “Não põem à prova o que Deus diz. [...] A vida em Cristo é uma vida de descanso. Pode não haver êxtase de sentimentos, mas deve existir uma confiança constante e tranquila. Sua esperança não está em si mesmo, mas em Cristo” (*Caminho a Cristo*, p. 52, 70). Ponha nisso a sua fé e viva em paz.

Prioridades invertidas

Pois o amor de Cristo nos constrange. 2 Coríntios 5:14

Em nosso cotidiano, costumamos alongar caminhos e postergar o cumprimento de tarefas. Isso acontece porque temos a tendência de nos preocupar com coisas importantes, deixando de nos concentrar naquilo que é essencial. Essa mesma experiência ocorre na vida espiritual de muitas pessoas presas a formas, ritos e aparência. Inicialmente pode soar chocante a declaração, mas há muitos cristãos professos que são impedidos de ver a beleza de Cristo porque colocam a igreja entre eles e o próprio Cristo.

Claro, a igreja é muito importante. Seus ensinamentos e suas normas não podem ser desprezados. O problema é fazer ou deixar de fazer coisas *por causa* da igreja. Algumas pessoas se comprometem como membros da igreja, sabem o que ela ordena e procuram cumprir à risca. Contudo, se norteiam a conduta ética, moral e espiritual apenas por causa dos requisitos da igreja, colocam-se em um terreno arriscado. Esquecem-se de que, em nossa humanidade tão vulnerável, pressionados por circunstâncias adversas, corremos o perigo de, em algum momento, cair em transgressão. Assim, fica óbvio que precisamos de uma motivação superior: Cristo, cuja visão não deve, jamais, ser obscurecida diante de nós.

“Sem Mim, nada podeis fazer” (Jo 15:5), disse o Mestre. No entanto, com Ele, constrangidos e impulsionados por Seu amor, tudo é possível; os sábios requerimentos, doutrinas e normas encontrados na Bíblia e ensinados pela igreja serão prazerosamente colocados em prática, sem questionamentos.

No verso de hoje, o verbo “constranger” significa “impelir”, “impulsionar” e também “controlar”. Foi assim que Paulo viveu e agiu. Também foi priorizando o essencial que José se manteve obediente às normas de pureza moral, quando foi tentado (Gn 39:11-13). A propósito, o pastor e escritor Clarence Macartney contou uma história segundo a qual, “quando José começou a falar de Deus com a

tentadora, ela jogou a roupa sobre a estátua de um deus que estava no quarto e disse: ‘Agora ele não verá’, ao que ele respondeu: ‘O meu Deus vê!’” (Charles Swindoll, *José*, p. 47, 48). Esse é o ponto. Não é o medo das consequências, mas o prazer em ser fiel a Deus. Não é a regra da igreja; mas Cristo e Seu amor em primeiro lugar. Nossa resposta amorosa a esse amor nos constrange à lealdade a Ele e a Sua igreja.

Imprima isto na mente e no coração: “Tudo depende de nossa união com Cristo.”

Sobre as águas

Respondendo-Lhe Pedro, disse: Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter Contigo, por sobre as águas. Mateus 14:28

O que não fazem os seres vivos, mesmos os irracionais, pela própria sobrevivência? Com o passar do tempo, cabras que habitam áreas desérticas no Marrocos tiveram que aprender a subir em grupos na árvore de argan, em busca do fruto para alimentação. Na Itália, cabras selvagens foram vistas tentando subir 50 metros de um paredão em busca de alimento. Como seres humanos, também não nos rendemos à possibilidade de morte. Enquanto houver chance de viver, não a descartaremos.

Em 2003, Fernando Ivan Ostrowski tinha 18 anos e estudava na Rússia. Em certa madrugada de novembro, ele foi acordado pelo som da sirene e pelos gritos que anunciavam um incêndio no residencial da universidade onde morava com colegas estrangeiros. Foi o último a acordar, mas, com muita serenidade e acalmando os demais, ele não hesitou em pular do quinto andar. Tendo a queda amortecida pela neve, mesmo assim sofreu alguns ferimentos. Com essa atitude, escapou da morte, que ceifou 36 estudantes na ocasião.

Acostumado com os desafios da vida de pescador, certa noite, Pedro temeu a fúria da ventania que, durante uma tempestade, ameaçava o barco no qual estava com os demais discípulos. A visão de Jesus andando sobre as águas na direção deles inicialmente os assustou; em seguida, porém, trouxe esperança ao apóstolo. “Senhor, se és Tu, manda-me ir ter Contigo, por sobre as águas!” Esse era um clamor, não apenas um teste. É certo que havia o risco de naufrágio no caminho proposto, mas Pedro sabia que, no fim, Cristo o esperava. Ao convite do Mestre, começou a andar como em terra firme, até que o erro de desviar o olhar para a força do vento por pouco não o destruiu. Sem o olhar da fé posto unicamente no Salvador, morreremos afogados no mar do medo e da dúvida.

Foi em um barco prestes a ser tragado pela tempestade que John

Newton se libertou da vida imoral em que havia mergulhado. Na ocasião, clamou a Deus por socorro e foi ouvido. Tempos mais tarde, solicitado a falar sobre sua experiência, debilitado, o autor do hino “Graça excelsa” (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 208) respondeu: “Minha memória praticamente se foi; mas ainda me lembro de duas coisas: sou um grande pecador, mas Cristo é um grande Salvador” (John Gillespie, *Ideas Matter*, p. 72). Devemos nos lembrar sempre dessa verdade.

Contrastes

O que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado.
Lucas 18:14

“Dois homens”, disse Jesus, “subiram ao templo com o propósito de orar” (Lc 18:10). Um era fariseu, e o outro era publicano. O primeiro era um religioso instruído, fiel dizimista e praticante das doutrinas. Orava diariamente, jejuava com regularidade e frequentava assiduamente os cultos. Vivia com aparente dignidade. Entretanto, na oração feita ao chegar ao templo, com soberba, não economizou expressões descritivas de seus feitos diante de Deus. Entendia que nada precisava pedir, porém tinha muito a mostrar: “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens [...], nem ainda como este publicano” (v. 11). Com isso, usurpou vaidosamente a função de julgar os seres humanos.

O publicano, cobrador de impostos, fazia parte de uma classe com alto índice de rejeição. Muitos deles eram corruptos e desonestos. Aquele homem era consciente disso. O espírito e a atitude com que proferiu sua prece refletiam seu senso de indignidade e desvalorização. Certamente, vivia sob a constante lembrança de suas práticas censuráveis, atormentado pelo sentimento de culpa. Sabendo que era rejeitado, entendeu que nada podia esperar, além da misericórdia divina. Isso ele buscou de todo o coração, e recebeu graça e perdão.

O fariseu, ao contrário, imaginou-se acima da graça, embora devesse estar ciente de que nossos atos de justiça praticados fora de um relacionamento de fé com Deus, e para exaltação própria, são apenas “trapo de imundícia” (Is 64:6). Disso também devemos estar cientes, sempre.

“O próprio eu nada parecia ao publicano senão vergonha”, escreveu Ellen White. “Assim precisa ser considerado por todos os que buscam a Deus. Pela fé – fé que renuncia a toda confiança própria – precisa o necessitado suplicante apropriar-se do poder infinito. Nenhuma

cerimônia exterior pode substituir a simples fé e renúncia completa do eu. Todavia, ninguém se pode esvaziar a si mesmo do eu. Somente pode consentir em que Cristo execute a obra. Então a linguagem da alma será: Senhor, toma meu coração; pois não o posso dar. É Tua propriedade. [...] Salva-me a despeito de mim mesmo, tão fraco e tão dessemelhante de Cristo” (*Parábolas de Jesus*, p. 159).

Somente em humilhação e sincero reconhecimento de nossa necessidade somos exaltados, pela graça de Deus.

Vida em um olhar

Eles se aproximaram de Felipe [...], com um pedido: “Senhor, queremos ver Jesus.” João 12:21, NVI

Com sua fantástica estrutura, o olho foi definido pelo neurocientista Mark Bear, em seu livro *Neurociências: Desvendando o Sistema Nervoso*, como um “órgão especializado para a detecção, localização e análise da luz” (p. 297). Ele é o início do caminho pelo qual as imagens captadas chegam ao cérebro. Nessa interação olho-cérebro, somos capacitados a ver todas as coisas. Porém, há riscos. Que tipo de imagens, das incontáveis entre as captadas, permitimos ser gravadas no excepcional computador que é nosso cérebro? Em quais nos demoramos em admiração? Certa ocasião, Antônio Vieira disse que “a maior graça da natureza, e o maior perigo da graça, são os olhos. São duas luzes do corpo, são dois laços da alma.” Por uma fresta apenas dessas duas “janelas da alma”, pode entrar o brilho embaçado convidativo ao pecado, ou a graça da luz divina, cabendo-nos a decisão de apagar um e aceitar o outro.

“Travamos um combate incessante contra os poderes das trevas. [...] A mente é o campo onde a batalha será decidida, para o bem ou para o mal. Nela, todos os dias se processam milhares de pensamentos e pequenas decisões que determinarão a grande decisão que, no final da História, todas as pessoas terão que tomar. Através de mecanismos intrincados, tudo o que os sentidos captam (odores, sons, imagens) causa impressões indeléveis na mente. Essas impressões comandam os sentimentos, ditam as escolhas e direcionam as decisões” (Elizeu Lira, *Intoxicação Digital*, p. 163).

Acima de tudo o que o mundo pode expor diante de nossos olhos, acima de todos os mais exaltados seres da Terra, há Alguém a quem podemos e devemos procurar ver, ainda que não seja literalmente agora. Foi o que Davi decidiu fazer: “Pois em Ti, SENHOR Deus, estão fitos os meus olhos” (Sl 141:8). Contemplando pela fé a Sua glória, somos transformados (2Co 3:18), e libertados da “vontade de ter o que

agrada aos olhos” (1Jo 2:16; NTLH).

O pedido feito pelos gregos deve ser renovado a cada pulsar do nosso coração pois, em contemplá-Lo, está o segredo da vida cristã vitoriosa. Devemos fazê-lo, cada vez com maior atenção, sem desvios e fixamente, a cada segundo da nossa existência, como disse Theodore Monod, “até o momento em que passarmos do tempo para a eternidade, da Terra ao Céu.” Ali, nossos olhos experimentarão, sem lágrimas, o encanto de vê-Lo eternamente em toda a Sua glória.

Sob pressão

*Fiel é esta palavra: Se já morremos com Ele, também viveremos com Ele. 2
Timóteo 2:11*

Romeno de ascendência judaica, Richard Wurmbrand (1909-2001), depois de um período como agente comunista, aceitou Cristo como o Messias em 1938, tornando-se pastor. Dez anos depois, foi preso por causa de sua fé. Durante 14 anos, sobreviveu em uma das piores cadeias de seu país, longe da esposa, Sabina, e do filho, Mihai, de apenas nove anos. O relato que ele fez do tratamento desumano e torturante dispensado aos presos é simplesmente espantoso. Mesmo diante da morte, Richard ainda encontrava forças para manter a fé, pregar e levar detentos a Jesus. Certa ocasião, tentando animar outro cristão presidiário, disse: “Você pode pensar que agora não há razão para esperança. Todavia, o momento mais escuro da noite é o que se avizinha do nascer do sol. Os cristãos creem que a aurora há de raiar. A fé pode ser declarada em duas locuções: ‘ainda que o’ e ‘mesmo assim’, como disse Jó: ‘Ainda que o Senhor me mate, mesmo assim Nele esperarei.’ Elas nos ensinam a ter fé nos momentos mais tenebrosos” (*Nos Subterrâneos de Deus*, p. 90).

Em 1950, a esposa também foi encarcerada, torturada e submetida a trabalho forçado durante três anos. Finalmente em liberdade, o pastor Richard escreveu no prefácio de seu livro: “Os anos de prisão não me pareceram demasiado longos, porque descobri, sozinho em minha cela, que, além da fé e do amor, há em Deus um deleite: um profundo e extraordinário êxtase de felicidade, a que nada no mundo se pode comparar” (p. vii).

É certo que nem todos vivenciaremos experiência igual. O mundo nem sempre dá boas-vindas aos que são fiéis a Deus e à Sua verdade. Há um preço a pagar. Morrendo com Cristo (Rm 6:4), temos o privilégio de viver e andar com Ele, pisando as marcas deixadas por Ele ao longo das subidas íngremes e dos vales do caminho de provas e sofrimentos. Usando possivelmente as palavras de um cântico

litúrgico dos cristãos de seu tempo, Paulo enfatizou para Timóteo as vantagens dessa experiência (2Tm 2:11-13). “Se perseveramos, também com Ele reinaremos” (v. 12). Não existe chance de falha na promessa feita por Deus.

“Seja paciente, soldado cristão. Ainda um pouco, e Aquele que há de vir virá. A noite fatigante está quase passada. Em breve será dada a recompensa; o dia eterno há de raiar. [...] Não há tempo para se desperdiçar em inúteis lamentos” (Ellen White, *Serviço Cristão*, p. 275). Por isso, persevere até o fim.

Nem tanto nem tão pouco

“Meu filho, guarde consigo a sensatez e o equilíbrio, nunca os perca de vista.” Provérbios 3:21, NVI

No mundo profissional e dos negócios, pessoas muito exigentes consigo mesmas e com as demais formam duas faces da moeda do perfeccionismo. Uma das faces é positiva e pode abrir as portas do sucesso profissional a alguém. Que empresa não olha com bons olhos alguém sempre disposto a andar uma segunda milha no trabalho, começar cedo e sair tarde, e que desenvolve a criatividade, procurando realizar mais que o comum? O que dizer de pessoas que investem no próprio crescimento, tendo em vista ser cada vez mais excelentes em tudo o que lhes vem às mãos, atentas a todos os detalhes de um projeto e cuidando para que nada escape ao melhor julgamento?

O lado negativo da moeda reluz quando as virtudes demonstradas no caminho da excelência se tornam obsessão, imprimindo hábitos de intransigência e intolerância. Aí o comportamento se torna doentio. Distanciando-se da percepção da realidade de que é apenas ser humano, com limitações, vulnerável a imprevistos e traições, às vezes, da própria superdimensionada capacidade, o perfeccionista acaba sofrendo terrivelmente por não aceitar erros até insignificantes e que podem ser facilmente reparados. Não menos piores são as consequências quando outras pessoas estão envolvidas no processo. Geralmente se tornam alvos de críticas ferozes. Os prejuízos emocionais e relacionais desse comportamento são altamente destrutivos.

Se é assim no âmbito material, esse quadro apenas esboça o que pode ser visto no contexto espiritual. É um fato estabelecido que devemos buscar a excelência em nosso desenvolvimento cristão, assim como é certo que a única manifestação de caráter absolutamente perfeito, inerentemente sem erros, somente foi vista na vida de Cristo. Somos todos pecadores. Cada um de nós, em sua esfera, tem lutas a vencer. Sabedores disso, precisamos recorrer ininterruptamente ao

auxílio da graça celestial a fim de sermos conduzidos às vitórias da fé. Não ignoremos que outros companheiros de jornada precisam ser beneficiados pela fluência dessa graça em nossas atitudes para com eles.

Conhecedor dessa realidade, o sábio Salomão realçou em nosso texto a importância do equilíbrio que deve caracterizar a vida saudável em todos os aspectos. Assim, longe dos extremos, prosseguimos na esperança e no temor do Senhor, aguardando ativamente (1Jo 3:3) a consumação da obra de Cristo em nós, em Sua vinda.

O salmo da fé

O SENHOR é a minha luz e a minha salvação; de quem terei temor? O SENHOR é a fortaleza da minha vida; a quem temerei? Salmo 27:1

A força religiosa do século 16 podia ser vista no prevalecente conceito de Deus como criador e mantenedor de todas as coisas. Naquele período, surgiu a Reforma Protestante, rompendo tradições e apontando um caminho de fé para a salvação oferecida por Deus. Nesse contexto, a Universidade de Oxford, na Inglaterra, passou a ostentar em seu escudo o lema *Dominus illuminatio mea*, expressão latina das primeiras palavras do Salmo 27: “O SENHOR é a minha luz.” A mesma frase também é lema de outras instituições educacionais ao redor do mundo.

Não existe nada que transmita maior segurança do que a realidade realçada por essas palavras de confiança em Deus. Fugindo sob intensa pressão, escondendo-se em cavernas e buscando abrigo nas rochas, Davi recebeu inspiração para escrever o salmo que tem sido chamado “o salmo da fé.” Não deixou que os perigos e as ameaças lhe atormentassem. Para ele, a suficiência de Deus era tudo de que precisava. Estava seguro de que a iluminadora presença do Senhor espantaria as trevas que o envolviam. Na salvação divina, ele poderia descansar e encontrar serenidade para viver aquela experiência. Nas palavras de Lloyd John Ogilvie, Deus “não apenas concede luz, ou mera ideia luminosa sobre como encontrar saída para alguma dificuldade. Ele é a luz. Em Sua presença, conheceremos Sua vontade para qualquer situação” (*Caindo na Grandeza*, p. 62).

Estando protegido por Deus, por que haveria de temer? Permanecer na presença do Altíssimo foi tudo o que o poeta desejou (v. 4), a fim de ser abençoado pela reflexão em Sua bondade e pelo recebimento de Suas orientações, “todos os dias”, disse ele. Aliás, no íntimo, Davi sentia que o Senhor o convidava: “Busque a Minha face!” Ele não tinha alternativa senão atendê-Lo. Assim, podia enfrentar o futuro, cheio de confiança, esperança e ânimo (v. 13, 14).

Matthew Henry afirmou: “O Senhor, que é a luz do crente, é também a salvação e a força de sua vida; não só por quem, mas em quem ele mora e se move. A graciosa presença de Deus, Seu poder, Sua promessa, Sua prontidão para ouvir a oração, o testemunho do Espírito Santo no coração de Seus filhos; esses são os segredos de Seu tabernáculo. Nesses segredos, os santos encontram a razão daquela santa segurança e paz de espírito que podem desfrutar à vontade” (*Matthew Henry’s Concise Commentary on the Whole Bible*, Sl 27:1-6).

Deus ciumento?

Ou vocês acham que é sem razão que a Escritura diz que o Espírito que Ele fez habitar em nós tem forte ciúmes? Tiago 4:5, NVI

Insegurança, demonstração de cuidado, egoísmo, prova de amor são apenas algumas das definições para um sentimento controverso e potencialmente destruidor de relacionamentos como é o ciúme. Por causa dele, lares são desfeitos e amizades são abaladas. Embora, no primeiro caso, seja justificável uma reação defensiva equilibrada a uma ameaça real à exclusividade do afeto, há também exageros motivados por desconfiança infundada. No segundo caso, o problema tende mais à inveja, irmã gêmea do ciúme. Em ambos, é preciso haver oração, autocrítica e comunicação.

Na monumental descrição que fez do amor, Paulo disse: “O amor [...] não arde em ciúmes” (1Co 13:4). Embora tenha princípios que fundamentam o amor conjugal, esse capítulo trata do amor em sua abrangência maior, além dos limites familiares. Ele está entre dois capítulos sobre a controvérsia dos dons espirituais na igreja de Corinto. O amor se sobrepõe a todos os dons, como dom maior, solução divina para os atritos interpessoais. Ele não comporta ideais que visam à satisfação egoísta de uma pessoa em detrimento das outras.

Então, por que, ou de que maneira, Deus teria “fortes ciúmes”? Não encontrando em nenhuma outra parte da Bíblia essa expressão, eruditos apresentam uma série de possíveis razões literárias para seu aparecimento ali. Uma delas é a seguinte: “Nossa lealdade a Deus e ao mundo eterno é um tema do ciúme de Deus [...]. O uso de tais termos como ‘ciúme’, ‘ira’, ‘prazer’, referindo-se às atitudes divinas, expressa as realidades divinas como a linguagem humana inexata” (Russel Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, v. 6, p. 65).

Há outros textos bíblicos nos quais o próprio Deus Se apresenta como zeloso (Êx 20:5; Dt 32:16; Js 24:19; Sl 78:58; Ez 39:25; entre outros). Com tal sentimento, Ele anseia por nós e deseja ter-nos cada

vez mais perto Dele. Deve reinar absoluto, sem rivais ameaçadores à Sua primazia em nossas afeições. O que Tiago diz a você e a mim é que nosso Criador e Redentor, por meio do Espírito em nós, deseja nos fazer totalmente, exclusivamente e para sempre Dele. Acaso, precisaríamos de algo além da cruz para termos uma ideia da intensidade dessa demonstração de “fortes ciúmes”? O ciúme humano pressupõe exigência; o de Deus, entrega.

O desaforo e a glória

*A sabedoria do homem lhe dá paciência; sua glória é ignorar as ofensas.
Provérbios 19:11, NVI*

Você e eu conhecemos muitas pessoas admiráveis. Se tomarmos tempo para enumerar as qualidades que revelam em sua conduta, seguramente entre elas estará a habilidade em ignorar e superar insultos. À semelhança de um riacho contornando pedras em seu curso, elas vão neutralizando a intemperividade dos agressores verbais. Entretanto, isso não parece natural à natureza humana. Sujeitos a um turbilhão de pressões em nosso dia a dia, facilmente nos tornamos inflamáveis, a ponto de explodir diante de qualquer fagulha.

Desse modo, geralmente quando nos sentimos ofendidos, o primeiro impulso é devolver a provocação com a mesma moeda. Quantas vezes temos nos precipitado em avaliações de atitudes, palavras e mesmo de pessoas! Então cedemos ao descontrole verbal, magoamos e somos magoados por algo insignificante. Pequenas incompreensões podem causar, às vezes, conflitos intensos e quase intermináveis, porque alguém não foi sábio e paciente para digerir com espírito manso e humilde a questão envolvida.

Certamente você já ouviu a expressão “não levar desaforo para casa”. Com ela, algumas pessoas autopromovidas a fortes e invencíveis costumam se vangloriar de ter dado uma resposta “no mesmo nível” a uma provocação ou ofensa. Isso não é sábio. Os estragos podem ser imensos, e o reparo, penoso. Decididamente, não vale a pena. Salomão chama atenção para a importância da “resposta branda” (Pv 15:1), e compara a “maças de ouro em salvas de prata” a palavra certa dita no momento certo (Pv 25:11). Paulo confrontou os coríntios com esta questão: “Por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o prejuízo” em nome da paz? (1Co 6:7, NVI). Cristo ensinou: “A qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra” (Mt 5:39). Evidentemente, não é fácil para o ser humano. Contudo, tendo sido vítima de dolorosas ofensas, Ele está disposto a nos conceder

graça e força para fazê-lo.

Você percebeu que essa atitude significa “glória” para seu autor? Deus a promete para quem perdoa. O perdão oferecido pode restaurar o ofensor. Que o Senhor nos ajude!

Tudo tem limite

Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam. 1 Coríntios 10:23

Em 1 Coríntios, por duas vezes o apóstolo Paulo faz a afirmação de nosso verso de hoje. Na primeira (1Co 6:12), o lembrete foi transmitido após advertências que chamavam atenção contra o litígio entre irmãos de fé e o liberalismo sexual promovido por alguns membros daquela igreja. Seguramente, havia uma interpretação distorcida do conceito de liberdade cristã, como se ela fosse aval para uma conduta libertina. A expressão “todas as coisas me são lícitas” parecia haver se tornado o lema no qual se fundamentava o comportamento indecente.

Na segunda referência (1Co 10:23), Paulo começa a concluir a discussão iniciada no capítulo 8, sobre comida sacrificada aos ídolos e os limites da liberdade cristã. Comer ou não comer, para o apóstolo, era indiferente; afinal, entre outras razões, não existe outro deus igual ou superior ao Senhor, o único Deus verdadeiro (1Co 8:4). Entretanto, se essa atitude fosse abalar a fé dos cristãos menos experientes, deveria ser contida em benefício deles.

Nos dois casos, não devemos nos esquecer do pressuposto de que “todas as coisas” não incluem restrições expressamente condenadas pelas Escrituras como, por exemplo, a promiscuidade moral mencionada pelo apóstolo. Contudo, há práticas que nada significam para alguns cristãos, mas causam reações negativas em outros. Nem por isso, devemos nos esquecer do fato de que nenhum de nós é uma ilha. O que fazemos pode afetar espiritualmente, de modo positivo ou negativo, nosso irmão ou irmã. No convívio conosco, ele deve ser ajudado a crescer em sua experiência espiritual. “Ninguém busque o seu próprio interesse, e sim o de outrem” (1Co 10:24).

“Este verso [1Co 10:23] coloca uma faca no egoísmo”, opina Grant Richison. “O princípio do amor motiva o crente a agir de uma forma que beneficie ou edifique os outros. A vida cristã transcende o ego.

Essa vida é mais do que autoindulgência. Os cristãos têm a oportunidade de usar sua liberdade para a glória de Deus. Viver nossa vida para o benefício de outros é uma indicação de maturidade espiritual. Os cristãos precisam viver um com o outro graciosamente, especialmente quando se trata das áreas cinzentas do cristianismo” (*Verse-by-verse Commentary*, 1Co 10:23).

O conselho de Paulo permanece tão oportuno para nós quanto foi naqueles dias. É uma das expressões de nosso amor ao próximo.

Deus de todos

Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Êxodo 3:6

No tempo em que ouviu essa declaração feita pelo próprio Deus, Moisés tinha 80 anos e estava em Midiã, para onde havia fugido depois de haver matado um egípcio. Cuidava das ovelhas de Jetro, seu sogro. Em seu anonimato, foi chamado pelo Senhor para libertar Seu povo do cativeiro egípcio. Para que não tivesse nenhuma dúvida sobre quem dialogava com ele, num cenário incomum diante de uma sarça ardente, o Senhor Se apresentou como o Deus de seus antepassados.

Na expressão “Deus de teu pai”, estão incluídos os três patriarcas mencionados em seguida, em virtude da relação deles com Deus, Sua aliança e as promessas que a fundamentaram. Com a vida cheia de altos e baixos, à semelhança de todo ser humano, aqueles homens creram nas promessas feitas por um Deus fiel e, Nele, arriscaram tudo. Abraão deixou a própria terra “sem saber aonde ia” (Gn 12:1-3; Hb 11:8). Tempos depois, não hesitou em atender o pedido para que Isaque fosse oferecido em sacrifício (Gn 22:2). Entretanto, Abraão não foi perfeito (Gn 16; 20).

Isaque foi obediente a Deus e aos pais; porém, tinha fraquezas (Gn 26:6-9). O que diríamos de Jacó e sua convivência com a fraude tramada pela mãe, Rebeca? Anos depois de sua fuga, abençoado com descendentes e bens, Jacó se encontrou com Deus, lutou com Ele e venceu. Apesar de si mesmo, o Senhor lhe dissera: “Eu serei contigo” (Gn 31:3).

O Senhor foi o Deus desses homens não por causa de algum merecimento deles mesmos, mas por Sua graça e fidelidade à aliança estabelecida. Foi o Deus deles, assim como foi de Moisés e de Anrão, seu pai. Além da firmeza de fé e da linhagem sacerdotal desse homem, nenhum feito grandioso é atribuído a ele. Pelos critérios atuais de avaliação das pessoas, talvez ele não fosse notado em sua simplicidade e discrição. Mas Deus também era seu Deus, de sua esposa, Joquebede,

e de tantos outros antes e depois deles. É meu Deus e seu Deus!

Quer você seja um obediente e fervoroso “Abraão” ou um “Isaque”, descrito por alguns como tendo temperamento passivo, alegre-se! Deus é seu Deus. Caso se perceba igual a Jacó com seus erros e acertos, Anrão, Joquebede ou Moisés, agradeça! Deus é seu Deus. É tendo como base quem Ele é, não o que somos, que o Senhor nos trata. O “Eu sou” garante ser todas as coisas para aqueles que O buscam como Seus filhos.

A carta e o Autor

Vocês demonstram que são uma carta de Cristo, resultado do nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações humanos. 2 Coríntios 3:3, NVI

Apesar da facilidade das redes sociais na comunicação moderna, um britânico chamado Shaun Usher ainda se mantém ligado a cartas. Pelo menos com o objetivo de preservar lembranças de fatos e pessoas que ele julga importantes na História. No livro *Cartas Extraordinárias*, ele reuniu 125 cartas, entre as quais uma que Mahatma Gandhi escreveu a Hitler, em 1939, apelando para que o sanguinário ditador evitasse conflitos armados. Outra, de Albert Einstein para Franklin Roosevelt, no mesmo ano, incentivava o presidente norte-americano a avançar nas pesquisas que resultaram na fabricação da bomba atômica. A rainha Elizabeth II, após perceber que se esquecera de dar ao presidente Eisenhower, dos Estados Unidos, uma prometida receita de bolinhos que lhe servira com chá durante uma visita, escreveu uma carta se desculpando e enviando-a cinco meses depois do encontro em Londres.

Se o uso de cartas não é mais um recurso utilizado com a mesma frequência do passado, parece ainda haver lugar para cartas de recomendação de pessoas. Isso já era comum nos dias de Paulo para apresentar missionários entre as igrejas. Em Corinto, os críticos do apóstolo tentaram desautorizá-lo, argumentando que ele não levava carta de recomendação. A isso, ele respondeu ter a recomendação viva de seus conversos: “Vocês mesmos são a nossa carta” (2Co 3:2); e ampliou a abrangência da afirmação: “Vocês demonstram que são uma carta de Cristo” (v. 3).

A vida deles era o texto pelo qual o mundo podia identificá-los como cristãos leais. Assim é conosco. Somos cartas de Cristo que, mediante o Espírito Santo, imprime Sua vida em nós. Ao se depararem conosco, todas as pessoas entenderão facilmente a linguagem desse modelo de vida. Jesus é o texto limpo, em condições de ser entendido em nosso

testemunho.

Aliás, Alexander MacLaren realçou que o trabalho de Cristo é duplo: Ele apaga o rascunho imprestável (Is 43:25) e escreve um novo texto: “Ele morreu para que você possa ser perdoado. Ele vive para que você possa ser purificado. Entregue-se a Ele, deixe que Sua expiação e Seu poder santificador lidem com toda a sua pecaminosidade, e as palavras sujas e maus pensamentos que foram marcados tão profundamente em sua natureza serão apagados. A mão Dele traçará na página, pobre e fina quanto seja, embranquecida pelo Seu sangue, belas letras e formas de Sua semelhança” (*Expositions of Holy Scripture*, 2Co 3:3).

Outubro

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sáb

1 2 3

4 5 6 7 8 9 10

11 12 13 14 15 16 17

18 19 20 21 22 23 24

25 26 27 28 29 30 31

“Este é o dia”

Então, Disse Débora a Baraque: Dispõe-te, porque este é o dia em que o SENHOR entregou a Sísera nas tuas mãos; porventura, o SENHOR não saiu adiante de ti? Juízes 4:14

Em Juízes 4, novamente encontramos os israelitas em grande dificuldade. Em virtude de sua apostasia, eles estavam havia 20 anos sob a opressão de Jabim, rei cananeu. Débora liderava Israel, cujo povo vivia acuado e humilhado sob o temor dos carros de ferro do exército inimigo, comandado pelo general Sísera. Esses carros, puxados por dois cavalos e com lâminas pontiagudas em suas rodas, eram armas poderosas. Por onde passavam, deixavam terrível destruição.

Essa situação exigia um basta, e Débora chamou Baraque, comandante das tropas israelitas, ao enfrentamento do dever: “Porventura, o SENHOR, Deus de Israel, não deu ordem, dizendo: Vai, e leva gente ao monte Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom? E farei ir a ti para o ribeiro de Quisom a Sísera, comandante do exército de Jabim, com seus carros e as suas tropas; e o darei nas tuas mãos” (v. 6, 7). Garantida a companhia de Débora (v. 8, 9), Baraque corajosamente marchou para o vale, onde aconteceria o confronto. É importante destacar que, acima da companhia da juíza/profetisa, estava a certeza de que Deus os precedia como Supremo general e comandante: “Porventura, o SENHOR não saiu adiante de ti?” (Jz 4:14). Assim, não havia razão para recuos.

Travado o embate, os inimigos foram derrotados, e seu comandante fugiu a pé (v. 15). Em seu cântico, Débora celebrou: “Saindo, Tu, ó SENHOR, de Seir, marchando desde o campo de Edom, a terra se estremeceu; os céus gotejaram, sim, até as nuvens gotejaram águas” (Jz 5:4). Uma forte tempestade, provavelmente fora da estação das chuvas, foi o instrumento do Senhor para levar Seu povo à vitória (Jz 5:20, 21).

Quando chega o dia de Deus, nada pode detê-Lo. Nem o maior ajuntamento de tropas nem o mais sofisticado arsenal adversário. O

Senhor é maior que tudo e todos. Quando chega o dia Dele, os que O amam e O servem se tornam invencíveis. Por mais limitados e frágeis que se imaginem, a vitória é certa.

Sísera confiou em seus 900 carros de ferro. Baraque confiou em Deus. Renove a confiança Nele neste dia. Não se deixe desanimar diante das dificuldades. Acaso não vai o Senhor adiante de você? Siga-O sem hesitar. Somente Ele é nossa força e salvação. As aparentes desvantagens vão ser administradas por Ele em benefício de Seus filhos. Acredite!

Mistérios da Providência

Então Pedro caiu em si e disse: Agora sei, verdadeiramente, que o Senhor enviou o Seu anjo e me livrou da mão de Herodes. Atos 12:11

Em 1994, certo missionário, aproveitando um período de férias em seu país, lançou uma campanha de oração em favor de quatro colegas que haviam sido sequestrados na África. Eles trabalhavam numa região conflituosa e acabaram sendo vítimas das guerras tribais. O apelo foi aceito, e as igrejas oraram em favor da libertação daqueles missionários. Passados 810 dias, um deles foi liberto, mas os outros três estavam mortos. Na vida, muitas vezes somos confrontados com situações para cujo desfecho, contrário ao que esperávamos, não encontramos explicação. A Bíblia traz vários exemplos disso.

O verso de hoje realça o final feliz do encarceramento de Pedro. Preso sob as ordens de Herodes (At 12:3), o apóstolo aguardava o julgamento a ser realizado depois da Páscoa, quando receberia a sentença fatal. No entanto, foi milagrosamente liberto (v. 6-11). Ao lermos essa história, geralmente saímos do sofrimento da prisão para a alegria da manifestação do poder divino; mas, na trajetória, há uma intrigante questão, às vezes passada por alto. Antes de Pedro, o rei prendeu e “mandou matar à espada Tiago” (v. 2, NVI).

Por que Pedro e Tiago tiveram destinos diferentes? Ambos estavam a serviço de Deus. A igreja que orou em favor do primeiro também intercedeu pelo segundo. É nesse ponto de perguntas sem respostas que o inimigo aproveita para semear dúvidas quanto à validade da oração, e céticos identificam suposta falta de lógica na providência divina. Contudo, na história bíblica e em nossa vida, temos incontáveis demonstrações da sabedoria e do amor do Pai. Não é porque algumas orações não são respondidas como imaginávamos que devemos deixar de orar. Afinal, o mais importante da oração é a comunhão com Deus. Nessa comunhão, aprendemos a confiar e esperar Nele, aceitando Seus desígnios. Não podemos avaliar a lógica divina tendo como base a lógica humana. Os pensamentos de Deus

são infinitamente mais elevados que os nossos (Is 55:9) e têm em vista o nosso bem (Jr 29:11).

Por isso, não devemos permitir que nossa fé desfaleça. Além do mais, a verdadeira fé não é cega para o fato de que estamos sujeitos aos ataques de Satanás. Haverá um dia, porém, no qual entenderemos plenamente todas as coisas e teremos razões suficientes não apenas para agradecer, mas também para louvar a Deus pela maneira como conduziu nossa vida.

O veredito da graça

Disse Natã a Davi: Também o SENHOR te perdoou o teu pecado; não morrerás. 2 Samuel 12:13

Cristãos de todas as épocas têm aprendido muito com a experiência de Davi. Cansados de se arrastarem sob o peso da culpa, encontram forças para erguer o olhar e se deixar iluminar pelo brilho da esperança que brota da graça divina derramada sobre o famoso rei, após ele ter cometido um grave pecado, arrepender-se e ser perdoado.

Entretanto, se tivesse tido a humilde prontidão de tomar a iniciativa para reconhecer e confessar seu erro, não teria experimentado sofrimento emocional profundo (Sl 32:3). Os atalhos pelos quais perambulou tentando driblar a própria culpa foram inúteis, e ele acabou sendo confrontado pelo profeta Natã. O veredito não poderia ter sido mais contundente: “Tu és o homem”, adúltero, assassino e dissimulado (2Sm 12:7). Não menos contundente foi a admissão da culpa: “Pequei contra o Senhor” (v. 13). E o mensageiro divino trouxe esperança para o culpado: “Também o Senhor te perdoou o teu pecado. Não morrerás.”

Contudo, a implacável lei da sementeira e colheita não dispensa as consequências do mal. O prazer sentido no lançamento das sementes do pecado não é perdurável (Hb 11:25). Cedo ou tarde será substituído pelo sabor amargo dos frutos (Gl 6:7). O cônjuge infiel conviverá com as consequências de sua infidelidade. É provável que o viciado não venha a ter restaurados os órgãos lesados. O perdão concedido ao assassino não trará a vítima de volta à família enlutada.

Assim, Davi foi advertido dos males que teria na própria família, além da morte do filho nascido do adultério (2Sm 12:10, 11, 14). Amnon, Tamar e Absalão, seus filhos, são icônicos na história. Amnon estuprou a meia-irmã Tamar, sendo por isso assassinado por Absalão. Com o nome significando “pai da paz”, Absalão foi tudo, menos pacificador. Possuiu algumas das concubinas do rei, rebelou-se, conspirou contra o trono real e acabou morto.

As consequências do pecado são dolorosas, mas não significam limitação da graça. Em vez disso, elas parecem exercer um papel em nossa experiência, uma vez que nos mantêm despertos contra a vil natureza da transgressão. Desse modo, nós nos tornamos cada vez mais conscientes de nossa dependência de Deus e do refúgio que achamos Nele contra as artimanhas do inimigo. É pela mesma graça que o Senhor nos concede força para suportar as consequências dos erros com os quais O ofendemos. Assim, devemos louvar e agradecer a Deus por Sua misericórdia.

Graça levada a sério

Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? Romanos 6:1

Philip Yancey conta a história de um homem que foi sentenciado à prisão perpétua e posto a cumprir a pena em uma ilha na costa australiana. Os dias transcorriam normais na vida prisional, quando, certo dia, o condenado agrediu mortalmente o companheiro de cela. Enviado de volta ao continente para novo julgamento, foi interrogado durante o processo sobre a razão de seu ato. Explicou ter atingido elevado grau de tédio e desespero na prisão, perdendo assim a motivação para viver.

Surpreso, o juiz perguntou ao réu por que, diante da percepção de sua própria condição, ele havia tirado a vida do outro, em vez da própria. O prisioneiro então respondeu que se cometesse suicídio, estaria eternamente perdido. Entretanto, matando outra pessoa, seria condenado à pena de morte, tendo direito a se confessar a um sacerdote pouco antes da execução, ser perdoado e morrer salvo (*Maravilhosa Graça*, p. 183).

Essa lógica enganosa já estava presente no pensamento e na conduta do controvertido monge russo Grigori Rasputin (1869-1916). Ele se declarou santo, tornou-se confidente da esposa do czar russo Nicolau II e difundiu a aberração de que experiências voluntariamente repetidas de pecado e arrependimento possibilitariam a salvação. Sua conduta altamente devassa se alicerçava-se numa clara distorção do ensino de Paulo sobre o aumento do pecado e transbordamento da graça divina sobre o pecador (Rm 5:20).

A toda pessoa que revele simpatia para com esse conceito, o apóstolo alertou: “Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?” (Rm 6:1, 2). Para nossa tranquilidade, é certo que todo pecador terá que se entender com o Deus que disponibiliza abundante graça para todos. Contudo, o cristão que,

imaginando-se amparado por ela, livremente escolhe pecar, apenas tripudia sobre essa dádiva divina, ofende o Doador e a desvaloriza.

A graça nos possibilita muito mais do que temos ouvido, cantado, falado e escrito sobre ela. De fato, desde nossa concepção, temos recebido mais graça do que merecemos. Tendo aberto as portas do favor de Deus em relação a nós, ela ilumina o novo caminho a ser trilhado em santificação, de mãos dadas com Jesus. É infinitamente valiosa para que seja tratada como algo sem valor.

Estrada para a glória

Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam. 1 Pedro 2:10, NVI

Desde o início, por intermédio de Moisés, o Deus de toda graça havia deixado bem clara para Israel a razão de Sua escolha para representá-Lo diante das outras nações: “Não teve o Senhor afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o Senhor vos amava e, para guardar o juramento que fizera a vossos pais” (Dt 7:7, 8). Esse era um lembrete oportuno e necessário.

Os israelitas deveriam se lembrar de que todo privilégio e dignidade que lhes fora atribuído não eram devidos a méritos inerentes a eles mesmos, mas ao fato de o Senhor Se haver identificado com Israel em Sua infinita graça, bem como à fidelidade divina à aliança firmada com seus antepassados. A escolha tinha propósito missionário diante de outros povos.

Por intermédio de Isaías, Ele os lembrou de onde foram tirados: “Olhem para a rocha de onde foram cortados e para a caverna do poço de que foram cavados” (Is 51:1, NVI). Estes dois símbolos, “rocha” e “caverna”, apontavam para a origem da nação: “Pensem no seu antepassado Abraão e em Sara, de quem vocês são descendentes” (v. 2; NTLH). Impossibilitados de gerar filhos, o marido e a mulher idosos dependiam da interferência divina para o cumprimento da promessa feita ao patriarca: “Farei de você um grande povo” (Gn 12:2, NVI). E assim foi.

Ao se dirigir ao novo Israel espiritual de Deus, agora acrescido dos cristãos gentios, o apóstolo Pedro ressaltou o lembrete: “Antes vocês nem sequer eram povo” (1Pe 2:10, NVI); mas, agora, por haverem se deixado alcançar pela graça e misericórdia do Pai, tornaram-se povo Dele. Não havia nenhuma razão especial, nenhum merecimento inerente aos escolhidos, a não ser a indignidade dos alcançados.

A verdade implícita nesses textos não se limita ao âmbito

corporativo da igreja, mas de cada cristão individualmente. Parafraseando Albert Barnes, Deus nos encontra como pedras brutas, blocos ásperos tirados da pedreira, escolhe-nos, molda-nos e nos instala em Seu templo espiritual, a fim de chamarmos atenção do mundo para Suas maravilhas (1Pe 2:9). Foi assim com Moisés, Jacó, Elias, Raabe, Tomé, Paulo e Pedro. É assim comigo e com você! Esqueça seus títulos, sua condição socioeconômica e acadêmica, seu status na igreja ou fora dela. Considere simplesmente a graça! Afinal, ela é o caminho pelo qual Deus nos conduz à verdadeira glória.

Pela graça de Deus

Mas, pela graça de Deus, sou o que sou. 1 Coríntios 15:10

O bispo anglicano Festo Kivengere escreveu: “Isto pode ser um choque para o leitor, mas não importa quem seja você, na cruz não poderá conservar sua posição. Ali o terreno é nivelado” (*Amor Ilimitado*, p. 105). Sim, o envolvimento na pregação da mensagem da cruz não dá margem a sentimentos de superioridade. O teólogo suíço Karl Barth viveu e trabalhou consciente desse fato.

Em 1966, na semana em que completou 80 anos, ele ficou no mínimo espantado pelas referências que lhe foram feitas em grandes jornais de todo o mundo. Chegou a ser mencionado como o maior teólogo do século 20. No dia do aniversário, durante uma cerimônia realizada em sua homenagem, Barth mal conseguia esconder o incômodo diante das muitas homenagens que recebeu.

Ao terminar seu discurso de agradecimento, declarou: “A Bíblia menciona um jumentinho de verdade; um ao qual foi permitido carregar Jesus para Jerusalém. Se eu tiver feito alguma coisa nesta vida, fiz isso como parente daquele jumento que trilhou seu caminho levando uma importante carga. [...]. Parece-me que Deus Se agradou de me usar neste tempo, apesar de mim mesmo, apesar de todas as coisas desagradáveis que possam ser ditas corretamente a meu respeito. Assim fui usado. [...] Foi-me permitido ser o jumento da preciosa carga” (*Ministério*, mai/jun, 2014, p. 16).

Esse reconhecimento da própria pequenez não é expressão de baixa autoestima. Ao contrário disso, é um passo rumo à exaltação (Mt 23:12). Antes que fiquemos extasiados com a nossa “grande” importância, é bom nos lembrarmos de onde e como fomos encontrados por Cristo, sem que nada merecêssemos. É Nele, unicamente, que reside nossa dignidade.

Paulo não tinha dúvidas quanto a isso e não escondia ter sido agraciado com muitos privilégios espirituais, intelectuais e vocacionais. Entretanto, conhecia a origem de tudo: “Pela graça de

Deus.” Nada provinha dele mesmo. O chamado apostólico, os esforços missionários, os conversos e as igrejas estabelecidas, sua firme experiência espiritual e a esperança do Céu, nada foi atribuído a seus méritos. O Senhor tem maravilhas além de nossa imaginação a operar em nós e por nós. Quando as vivenciarmos e as celebrarmos, não ignoremos a quem pertence a glória: a nosso maravilhoso Deus.

Além dos montes

Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a Terra. Salmo 121:1, 2

Temendo as ações de Saul contra ele, depois da morte de Samuel, Davi fugiu para o deserto de Parã, onde imaginava estar seguro. Lá, compôs o Salmo 121. Esse é um maravilhoso cântico de confiança em Deus, um dos mais apreciados poemas da literatura hebraica. Além disso, tem sido grande bênção a milhares de pessoas que enfrentam dificuldades.

Alguns comentaristas interpretam os montes aqui mencionados como os que rodeiam a cidade de Jerusalém. Estando ali o santuário, a cidade era considerada a morada de Deus; conseqüentemente, a fonte do auxílio divino. De acordo com outra interpretação, os montes seriam símbolo das montanhas da Palestina, no topo das quais os pagãos levantavam santuários a seus ídolos.

Seja como for, o salmista rejeitou a ideia de que o socorro pelo qual ansiava pudesse vir dos montes e, nisso, encontrou conforto e segurança: “O meu socorro vem do Senhor.” Nossa força vem de Deus e do conhecimento de que somos preservados por um Guarda que não descansa, mas nos protege continuamente. Ele nunca está longe. Sempre está perto. Ele nos conhece, cuida de nós e está pronto a nos ajudar nos altos e baixos da vida.

“Não permitirá que teus pés vacilem” (v. 3), ou seja, Deus está pronto a nos proteger de tropeços e quedas espirituais. Também “não dormita, nem dorme o guarda de Israel” (v. 4). Está operando todo tempo. Quando o sono não vem abençoar a mente cansada e o corpo fatigado, quando as tensões não resolvidas nos acordam no meio da noite, precisamos nos lembrar dessa verdade.

A promessa de que “de dia não te molestará o sol, nem de noite, a lua” (v. 6) revela que nada, nenhum inimigo, de dia ou à noite, pode nos derrotar. Talvez o Senhor não nos livre das dificuldades, mas podemos estar certos de que Ele vai enfrentá-las conosco e as usará

para nosso crescimento.

Finalmente, Deus vai nos preservar contra todo o mal em nossas entradas e saídas. Isso compreende todos os nossos empreendimentos, do início ao fim do dia. O mesmo poder que trouxe o mundo à existência, que lançou os corpos celestes em sua rota através do cosmos; o mesmo poder que deu vida a todos os seres vivos está pronto a intervir em nosso favor. Somos chamados a confiar Nele para superação dos problemas do dia e proteção no descanso da noite. De fato, somente precisamos olhar além dos montes das dificuldades para encontrá-Lo.

Um pouquinho mais

Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Mateus 5:41

Se você já ouviu palestras destinadas a motivar a busca do sucesso pessoal e profissional, certamente gravou na mente que uma das atitudes importantes quanto a esse propósito é estar disposto a andar a segunda milha. Isso significa que devemos trabalhar mais, com melhor qualidade, buscando a excelência, e fazer mais do que nos é solicitado, mantendo atitude mental positiva.

Muito antes de os estudiosos elaborarem esse princípio no âmbito pessoal e profissional, Jesus Cristo o fez em outro contexto e em condições nem um pouco favoráveis aos ouvintes. Pela lei romana então vigente, um soldado tinha o direito de recrutar cidadãos civis que carregassem a bagagem dele por cerca de um quilômetro e meio. Sendo o solicitante um opressor, inimigo mais forte, quem fosse obrigado a fazer isso não via essa imposição com a menor simpatia.

Assim, o conselho de Jesus para que se fizesse o dobro da exigência era revolucionário, como o é Seu evangelho. Mencionado numa ocasião em que o Mestre abordou temas como a vingança e o relacionamento entre inimigos, o princípio nos lembra da necessidade de superarmos o ressentimento e o desejo de retaliação a quem nos fere. Ao contrário de denunciar fraqueza, essa atitude caracteriza os verdadeiros vencedores sobre os próprios sentimentos. Andar uma milha é a medida da obrigação, e isso é escravidão aos valores terrestres. Andar a segunda é desprendimento, renúncia, doação, entrega – valores celestiais. Isso é liberdade. Se esse deve ser nosso modo de agir para com opressores de qualquer natureza, muito mais devemos fazê-lo alegremente no cumprimento de deveres e para com pessoas que necessitam de ajuda para dissipar toda sombra que lhes roube a paz.

Com isso em mente, jamais devemos nos contentar com o que é apenas mediano, mas ter como alvo a excelência em tudo o que fazemos, agindo de maneira voluntária, apesar de circunstâncias

eventualmente desfavoráveis. Nenhuma proposta feita por Jesus a Seus filhos os coloca num caminho fácil. Mas é um convite a dependermos de Sua graça. Um dia, veremos que Ele anda infinitas milhas conosco; pois, sendo fiéis “no pouco”, receberemos “muito” na eternidade (Mt 25:21).

Critério para julgar

Não julgueis, para que não sejais julgados. Mateus 7:1

Como seria possível alguém viver em comunidade, mesmo na igreja, sem que pudesse exercer julgamento? Diariamente, somos informados de situações nas quais pessoas são denunciadas, acusadas e condenadas por atitudes incorretas, o que requer julgamento por parte de autoridades constituídas para esse fim. Acaso as cortes judiciais não poderiam sentenciar criminosos? No contexto da comunidade de fé, diante da necessidade de se pronunciar sobre o comportamento pecaminoso de alguém, os líderes religiosos deveriam permanecer omissos? Não deveríamos desenvolver discernimento para distinguir o bem e o mal?

A neutralidade assumida diante de erros é sempre o caminho mais fácil e cômodo para muitas pessoas. Seria o correto? No caso de podermos julgar, quais as bases em que o julgamento deve ser feito? O próprio Jesus estabeleceu o critério da justiça como alicerce para julgamento de pessoas (Jo 7:24). Também deixou claro que os frutos de uma vida revelam a legitimidade espiritual dela (Mt 7:16).

A grande questão envolvida no ensinamento de Cristo, em nosso verso de hoje, diz respeito ao julgamento leviano, malicioso, precipitado, desumano, hipócrita, contraditório e desprovido de justiça. Ele pode nascer do próprio desejo por “novidades” relacionadas com a vida alheia. Também pode ser fruto do desejo de exaltação própria. Esse foi o caso dos fariseus que não perdiam chance de chamar atenção para a própria bondade exteriormente demonstrada. Há ainda a velada intenção de justificar as próprias faltas.

Ao exercer julgamento, precisamos da graça divina a fim de não fazê-lo, primeiramente, com base nas aparências. Em segundo lugar, não devemos julgar pelos critérios da má vontade para com o próximo ou pela tendência de ressaltar os erros dele minimizando os nossos. O amor é o critério maior para todas as coisas. Ele nos leva a calçar os sapatos de nosso semelhante e entender, de sua perspectiva, tudo

quanto o afeta. Na encarnação, Cristo Se tornou humano para nos entender, compreender e julgar com justiça e misericórdia. Ninguém que não tenha mergulhado na graça divina está habilitado a compreender seu irmão, muito menos a julgá-lo. Demonstrar em atitudes práticas mais amor, simpatia, paciência e sincero interesse pelo bem-estar dos semelhantes é marca do cristão. A deposição da própria vida na cruz representou o ápice desse caminho trilhado por nosso Mestre Jesus Cristo.

Oferta preciosa

Pedro, porém, disse: Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isto te dou: em nome de Jesus, o Nazareno, anda! Atos 3:6

Cheios do Espírito Santo, Pedro e João estavam transformados. A timidez havia cedido lugar à coragem, e o evangelho era proclamado por eles com poder. Em seu sermão no dia de Pentecostes, Pedro denunciara destemidamente os líderes judaicos de haverem matado Jesus Cristo. Enquanto isso, no templo, junto à porta Formosa, um aleijado de nascença seguia sua rotina de pedir esmolas aos frequentadores do local. Alguns eram generosos, acreditando que, com isso, atrairiam para si o favor de Deus; outros o ignoravam. Foi ali que os dois apóstolos encontraram aquele homem, e Pedro teve a atenção chamada para seu clamor.

Ao contrário dos que se mostravam indiferentes, compadecidos, Pedro e João o miraram e lhe deram a ordem que talvez implicasse a necessidade de desviar o olhar de suas limitações, focalizando-o em quem o poderia socorrer: “Olha para nós!” (v. 4). Em lugar de uma esmola, porém, ele ouviu: “Não possuo prata nem ouro”, seguindo-se a ordem para andar. Que presente seria superior a esse? Jamais andara antes. Entretanto, num piscar de olhos, pareceu esquecer-se disso. Nova energia invadiu aquele corpo debilitado, levando vida aos músculos e nervos. “De um salto”, firmou-se em pé e andou, louvando a Deus, celebrando o poder e o nome de Jesus.

Quantos aleijados espirituais temos encontrado em nosso caminho? Quantos olhares pedintes cruzam com o nosso, todos os dias? Quantos nos estendem a mão na tentativa de obter alguma dádiva que lhes dê nova perspectiva? O que temos para essas pessoas? Recursos que eventualmente tenhamos para repartir não representam o bastante para elas. O que as pessoas a nosso redor precisam para curar as feridas da alma é Daquele em cujo nome o milagre foi operado: Cristo, o centro da pregação e do testemunho dos primeiros cristãos.

Pedro e João deram do que tinham: poder em nome de Jesus. Quanto

a nós, convém atentarmos para as palavras de Leighton Ford: “Quando o Cristo do trono final e o Cristo da cruz Se tornam o Cristo do coração, torna-se impossível olhar para os outros, senão através de novos olhos – os olhos de Cristo – e partilhar com eles Aquele que significa tanto para nós” (*A Igreja Viva*, p. 40). Se temos que compartilhar Jesus Cristo em uma sociedade espiritualmente indigente, onde pessoas estão carentes de verdadeiro sentido para a vida, precisamos ser repletos Dele e de Seu amor que satisfaz, cura e restaura.

Ore sempre!

Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer. Lucas 18:1

Indiscutível em sua eficácia, a oração já foi definida como “o abrir do coração a Deus como a um amigo. [...] A chave nas mãos da fé para abrir os depósitos do Céu, onde estão armazenados os ilimitados recursos da Onipotência” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 93, 94). Essas definições nos apresentam a medida infinita de possibilidades da oração, além do interesse e da prontidão do Senhor em torná-las reais para Seus filhos. Todos nós temos desfrutado essa experiência, inclusive sendo informados de que os benefícios dela são observáveis além do contexto religioso, conforme o entendemos.

Pesquisas médicas têm demonstrado, por exemplo, que a oração ajuda a aumentar a atividade nos lobos frontais, área da linguagem no cérebro, facilitando a comunicação. Alguns outros benefícios são a manutenção da estabilidade do sistema de defesa do organismo, o ânimo e a força para suportar e superar os rigores de graves doenças, o controle do estresse e a redução da ansiedade, entre outros.

No entanto, por mais preciosas que sejam as bênçãos tangíveis da oração, fundamental mesmo é a manutenção do contato com o Doador delas. Se a vida cristã é relacionamento com Deus, o cristão tem que ser uma pessoa de oração. Não é coerente dizer que nos relacionamos com uma pessoa com a qual não nos comunicamos. Não é suficiente que tenhamos momentos de oração. Precisamos de uma vida de oração. Homens e mulheres que se destacaram na história pelos grandes feitos em favor da causa de Deus e deixaram seu exemplo de fé foram pessoas de oração. Diante disso, pode-se afirmar que nossa condição espiritual, em qualquer momento, é reflexo direto de nossa vida de oração.

O ensino do Mestre no sentido de “orar sempre e nunca esmorecer” não implica vencer Deus pelo cansaço nem provar diante Dele a força de nossa fé, reivindicando por isso o “direito” de ser atendidos. Deus

nos conhece por completo. Seu desejo é interagir conosco em nosso benefício. Ao perseverarmos na oração, entendemos a vontade Dele para nós quanto ao que Lhe pedimos. Então, reagiremos como Cristo no Getsêmani: “Todavia, não seja como Eu quero, e sim como Tu queres” (Mt 26:39).

Perseverar na oração é andar continuamente com Deus. Acaso, alguém tem algo melhor para pedir em oração?

“No passo das crianças”

Meu senhor, vai à frente de teu servo, e eu sigo atrás, devagar, no passo dos rebanhos e das crianças. Gênesis 33:14, NVI

O bem-estar das crianças é tema recorrente em reportagens e documentários na mídia. Contudo, em boa parte dos casos, a solução dos problemas relacionados a elas esbarra no egoísmo e no ódio prevalentes no coração humano, que não dão espaço para que se pense nas crianças. Assim, os pequeninos inocentes acabam se tornando as grandes vítimas, deixando estampar o intenso sofrimento no semblante apavorado pela guerra, nos olhinhos que expressam o abatimento pela fome ou nos corpinhos seminus que tremem de frio. Muitas fogem com os pais em busca de lugares seguros onde possam recomeçar a vida. O trajeto é sofrido e, às vezes, interrompido pela morte.

Mais perto de nós, crianças também sofrem algum descaso e devem ser objeto de atenção especial por parte de toda a sociedade. Em 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves, recém-eleito presidente do Brasil, proferiu o discurso no qual disse: “Enquanto houver neste país um só homem sem pão, sem teto e sem letra, toda prosperidade será falsa.” Não erraríamos nem estaríamos exagerando se substituíssemos a expressão “um só homem” por “uma só criança”.

Um episódio no Antigo Testamento deixa-nos uma lição preciosa. Anos após sair de casa ameaçado por Esaú, Jacó foi orientado a voltar para seu antigo lar. Suas emoções eram intensas e temperadas pelo temor da vingança prometida pelo irmão. Providências foram tomadas para aplacar a ira e, depois de longa jornada, um abraço emocionado selou a reconciliação. Jacó chegou a dizer: “Ver a tua face é como contemplar a face de Deus” (Gn 33:10, NVI). Que lição para os desafetos de hoje!

Certamente, havia muito o que conversar e explicar, mas não o suficiente para que as crianças fossem esquecidas: “Meu senhor vai à frente, e eu vou atrás, no passo das crianças”, propôs Jacó. Primeiro

elas; depois, nós.

Jesus Cristo exemplificou a priorização das crianças, ao tomá-las nos braços e abençoá-las (Mt 19:13, 14), contrariando os discípulos, esquecidos de que elas estavam incluídas no alcance da missão. Em outra ocasião, o Mestre apresentou a criança como modelo para os candidatos a súditos em Seu reino (Mt 18:1-3). Seria exagero dizer que os herdeiros do reino serão aqueles que andarem no passo da sinceridade, pureza, confiança, autenticidade, disposição para perdoar e humildade das crianças?

O milagre da recriação

E assim, se alguém está em Cristo, é nova criação; as coisas antigas já passaram, eis que se fizeram novas. 2 Coríntios 5:17

Esse texto é um sopro de esperança que atinge a todos nós que temos consciência da impossibilidade de nos tornarmos melhores tendo como base nossos esforços. Dirigindo-se ao povo de Judá, o Senhor disse: “Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas? Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal” (Jr 13:23). Essa é a realidade comum a todas as pessoas, em todos os tempos e lugares. O pecado enraizou-se em nossa natureza e nela produz seus frutos venenosos que afetam nossa vida pessoal, nosso relacionamento com Deus e com o semelhante, comprometendo o ideal de vivermos a eternidade com Ele.

Graças a Deus, tudo pode ser feito de novo! De início, convém lembrar que as palavras do verso de hoje foram proferidas por alguém com autoridade para fazê-lo: o apóstolo Paulo. Por experiência própria, ele conheceu a maravilha do poder capaz de revolucionar a vida, o poder de Cristo, que o fez amar tudo o que antes odiava, odiar tudo o que antes amava e renunciar a tudo a que ele, anteriormente, se apegava. Em certa ocasião, Paulo disse: “Considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo” (Fp 3:8).

A expressão “se alguém está em Cristo” é seu modo de se referir à ligação pessoal, ao elo mais íntimo entre Cristo e quem O aceita como Salvador e Senhor. Somente nessa interação é que podemos nos tornar “nova criação” ou “novas criaturas”. O poder de Cristo não atua para melhorar o que somos. Seu objetivo é nos recriar, refazer-nos espiritualmente. A mudança é radical em nosso estilo de pensar, sentir, falar, fazer e viver.

Estando em Cristo, a velha maneira de ser e agir não faz mais sentido. Trataremos as pessoas com a mentalidade Dele,

indistintamente, não importando o que elas sejam nem o que tenham feito. Desse modo, devemos amar até os inimigos com o amor redentor, assim como Jesus nos reconciliou com Ele quando éramos Seus inimigos (Rm 5:10). Estar em Cristo e ter recebido a novidade de vida que Ele produz é ser e agir à semelhança Dele.

Além das aparências

Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes talaes e das saudações nas praças; e das primeiras cadeiras nas sinagogas e dos primeiros lugares nos banquetes; os quais devoram as casas das viúvas e, para o justificar, fazem longas orações; estes sofrerão juízo muito mais severo. Marcos 12:38-40

Entre a dissimulada aparência de piedade e a escancarada vaidade ostentada pelos líderes religiosos nos Seus dias, o contraponto era o brilho da autenticidade de Jesus, em tudo o que Ele ensinava e fazia. Por isso, podia convidar: “Aprendam de Mim, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11:29). Ele ia na contramão daqueles que eram motivados apenas pelo desejo de conquistar a simpatia do povo e mantê-lo submisso às tradições. Para isso, buscavam impressionar as pessoas pelas aparências e pelo autoritarismo, recursos utilizados por pessoas que nada têm com que chamar a atenção, além do mero barulho que fazem, semelhante ao de uma lata vazia. A propósito, o termo “vaidade” tem origem nas palavras latinas *vanitas*, *vanitatis*, significando vacuidade, vazio. “Como espuma de sabão”, escreveu Mario Veloso, que, “quando circula pelo ar, mostra-se preciosa, a luz externa lhe imprime brilhos fantasiosos, atrativos e bonitos; mas dentro, nada tem. Em um instante, ‘plaf’, arrebenta, desaparece. Converteu-se no que era: nada” (Mateus, p. 291).

Desse modo, rejeitando Cristo e tendo estilo de vida tão diferente do Dele como a luz o é das trevas, e tão distante quanto o céu se acha da Terra, aqueles homens agiam segundo os princípios do reino terrestre: valorização exagerada dos títulos e uso de vestes que evidenciavam a condição religiosa e social. Assim, desejavam ocupar os primeiros lugares em eventos honoríficos. Queriam receber saudações que, indo além de um gesto de cortesia cristã, os abordavam e publicamente os reconheciam por meio de sonoros títulos de “pai”, “rabino” e “mestre”.

Além disso, de modo contrário à verdadeira religião (Tg 1:27), exploravam as viúvas, das quais se apoderavam dos bens. Depois,

oravam longamente, acobertando a própria impiedade. Jesus Cristo Se dirigiu a eles, lamentando por oito vezes: “Ai de vocês!” (Mt 23). Assim como avisou os discípulos, hoje Ele nos adverte: “Cuidado! Não imitem esse comportamento. Não sigam aqueles que o adotam.” Contudo, tão enganoso é o coração, que precisamos atentar para os reais motivos de nossos atos, de modo que não escorram por entre os dedos motivações secretas, impróprias, que tentamos esconder. É bem verdade que nossas tendências dificultam a luta; porém, nada existe, além de nossa vontade, que resista ao poder da graça divina.

Que imagem!

Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Gênesis 1:27

O título desta reflexão pode soar em três tons diferentes. O primeiro expressa a sensação de encanto que temos diante de um belo quadro da natureza ou ao admirar o trabalho irretocável de um grande artista. Esse é o sentimento que, de acordo com alguns estudiosos das artes, teria envolvido Michelangelo depois de concluir a escultura “Moisés”. Extasiado com a perfeição da obra, ele teria batido com o cinzel no joelho da escultura e ordenado: “Fala!” Da mesma forma, numa viagem às nossas origens, imagino o Artista supremo expressando Seu sentimento de satisfação: “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gn 1:31). Não que ficasse surpreso com a própria capacidade criadora, mas, sendo Ele o Criador da beleza e perfeição, é também seu admirador maior.

Criado à imagem de Deus, o ser humano deveria espelhá-la “tanto na aparência exterior quanto no caráter” (Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, p. 45). De acordo com Joseph Benson, “na imagem natural, mas especialmente na imagem moral, na conformidade de todos os seus poderes com a vontade de Deus; seu entendimento claramente discernido, julgamento correto, suas afeições e escolhas abraçando seu principal bem; sem erro no conhecimento, sem desordem nas paixões nem irregularidade ou descontrole de seus apetites. Todas as faculdades do corpo e da mente postas a serviço da glória de Deus e da própria felicidade” (*Commentary of the Old and New Testaments*, Gn 1:27).

Assim, o ser humano foi criado como uma cópia da santidade e da qualidade de vida divina. Todavia, com a essência dessa semelhança tendo sido manchada pelo pecado, hoje imaginamos o que éramos, o que deveríamos ser, mas não somos. Então, em tons de lamento, expressamos: “Que imagem desfigurada!” Ela está extremamente distorcida por meio de um destruidor processo do mal que parece só

aumentar no transcurso dos séculos.

Entretanto, imagens estragadas e sem valor algum podem ser restauradas. Não somos irrecuperáveis, desde que nos entreguemos aos cuidados do Autor e Restaurador da imagem: o próprio Deus. Ele está trabalhando, e não temos a menor condição de dar a Ele opiniões quanto ao que deva ser transformado. Ele sabe, tem como fazê-lo e fará. Isso nos remete ao momento em que, com a imagem divina refeita em nós, vamos dizer entre suspiros: “Que imagem!” Não dá para descrever isso agora, mas nada perdemos por esperar com fé.

Lugar de integração

*Porque a Minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos.
Isaías 56:7*

Na sociedade fragmentada em que vivemos, “aceitação” é o clamor insistente dos diversos grupos que a compõem. São núcleos muitas vezes discriminados por causa da etnia, aparência, condição sociocultural e econômica. Todos eles buscam aceitação. Alguns conseguem superar as barreiras e limitações. Outros sofrem sem enxergar perspectivas.

Esse problema não é exclusivo da sociedade atual. A grande ironia da nação israelita era justamente o fato de que um povo chamado a ser inclusivo, devendo atrair todos os outros povos à salvação de Deus, tomasse o caminho oposto a esse objetivo. Assim mesmo, durante o cativeiro babilônico, houve gentios que, impressionados com a beleza da fé e a superioridade da religião israelita, aceitaram o verdadeiro Deus. Passaram então a adorar nas comunidades judaicas; mas, com o fim do cativeiro e o restabelecimento do templo, a pergunta era: Continuariam incluídos?

A garantia divina lhes foi transmitida pelo profeta: “Não fale o estrangeiro que se houver chegado ao SENHOR, dizendo: O SENHOR, com efeito, me separará do Seu povo”; “porque a Minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos” (Is 56:3, 7). Não haveria mais excluídos. Haveria lugar para todos aqueles que, mesmo com suas limitações, tinham se rendido ao Senhor. E mais: daria a eles, em suprema compensação, muito mais do que haviam perdido ou não conseguiram ser, ter nem fazer, por causa de sua incapacidade natural (v. 3-6). Deus é assim: “zera” o passado; refaz tudo e todos.

Considerando que Seus propósitos não mudam, é esse amor inclusivo que Ele deseja ver refletido por Seus filhos hoje, como igreja e como indivíduos, para iluminação de “todos os povos.” A igreja é um organismo ao qual Jesus dá vida espiritual. Existe centralizada Nele, mas voltada para as pessoas. A visão bíblica não a limita a uma

estrutura insensível de concreto. Não se trata de um lugar aonde uma pessoa vai e de onde volta para casa com a sensação de que ninguém se importou com ela. Igreja é um coração onde somos amados e aceitos. Você e eu somos igrejas edificadas para amar pessoas, apesar de si mesmas.

Alívio na peregrinação

Felizes são aqueles que de Ti recebem forças e que desejam andar pelas estradas que levam ao monte Sião! Salmo 84:5, NTLH

De modo geral, as inconveniências de uma longa viagem são amenizadas pela lembrança do que e, especialmente, de quem vamos encontrar quando ela terminar. A expectativa de ver coisas ou encontrar pessoas especiais faz com que todo desconforto do trajeto seja esquecido. Então, prosseguimos animados pelo colorido das imagens mentais e dos sonhos nutridos a respeito das novas experiências que serão vividas. Sim, é possível sublimar o tédio de uma peregrinação.

No Salmo 84, Davi nos lembra muito dessa experiência. Nele, o poeta de Israel ressalta a felicidade dos sacerdotes e levitas que residiam no templo, dos peregrinos que a ele se dirigiam, bem como daqueles que, sem o poderem fazer, conservavam a confiança em Deus.

Para os que peregrinavam à casa do Senhor, a jornada era percorrida com alegria, esperança e ansiedade pelo retorno ao lugar que fazia palpar mais forte o coração do próprio salmista (v. 2). No trajeto para Sião, os peregrinos deviam atravessar o Vale de Baca, nome de uma árvore cuja resina formava cristalizações iguais a lágrimas. Por isso, foi identificado como Vale de Lágrimas ou Vale Árido. A região tinha solo pedregoso, e os peregrinos precisavam cavar poços a fim de obter água. Havia razões para que o povo chegasse ali sob o peso do pessimismo, entregando-se então a murmurações. Contudo, apesar das dificuldades, os peregrinos transformavam o vale em manancial que o Senhor Se encarregava de encher com abundante chuva. Então a caminhada se tornava oportunidade para louvor e adoração. A razão da felicidade deles era clara: “Em Ti encontram sua força” (v. 5, NVI).

Era preciso se lembrar sempre do destino da peregrinação: o templo, a casa de Deus, lugar de Sua habitação. E o que de mais sublime havia nesse encontro: a consciência da presença Dele. Não havia barreiras

suficientes para impedir que os peregrinos desfrutassem a alegria de se sentir junto à Fonte de sua força. Ter e sentir a presença de Deus, pela fé, significa vida, força e paz. Corações necessitados, tristes, solitários e feridos serão curados por Ele. Lágrimas secarão. A Seu toque, vidas áridas e ressequidas se transformam em mananciais inesgotáveis.

Estamos a caminho da Sião celestial, peregrinamos em direção à presença do Deus vivo! Mesmo passando pelo “vale de lágrimas” que nos separa daquele momento, podemos desfrutar bênçãos inesperadas. Alegremo-nos na força que emana da Fonte!

Nos passos do Cordeiro

Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com Ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na fronte escrito o Seu nome e o nome de Seu Pai. Apocalipse 14:1

Em dois capítulos do Apocalipse (7; 14), João descreve a visão em que contemplou os 144 mil, cuja vida é a expressão do caráter de Deus. Sendo “primícias” (v. 4), foram um grupo especial. Evidentemente simbólico, o número representa o Israel espiritual, a verdadeira igreja de Deus. O número 144 mil tem como base o quadrado de 12, o que lembra algo completo, indicativo de que o povo de Deus dos últimos dias incluirá todos os que O buscam pela fé, e que, juntos, comporão a gloriosa igreja de Cristo. As marcas de sua conduta piedosa foram enumeradas pelo profeta (Ap 14:4, 5). Todas elas adquiridas e desenvolvidas por meio do relacionamento com o Cordeiro. Eles O seguem “por onde quer que [Ele] vá”: em Sua humilhação, Seu sofrimento, morte, ressurreição, missão, em qualquer circunstância. Desse modo, são contagiados pela beleza de Sua vida. Esse é um fato do qual não podemos nos esquecer.

Sabendo quem éramos, devemos unicamente ao Cordeiro tudo o que nos tornamos e ainda seremos. Não é sem razão que Ele é visto a emoldurar todos os quadros que retratam a vitória dos remidos no Apocalipse. Desde muito antes de João Batista O apresentar a seus seguidores (Jo 1:29), Ele é a mais bela contemplação de nossa fé. Se nosso alvo é ser *o que são* os 144 mil, independente das discussões a respeito de *quem são* eles, não podemos deixar de contemplá-Lo e segui-Lo.

Não vai demorar muito e, por Sua graça, estaremos perfilados ao lado Dele, diante do trono do Pai. O Universo inteiro testemunhará para sempre a impressão do caráter divino em nosso ser. Então, por tudo o que fez para nos levar a essa condição, nada será para nós mais encantador que a figura do Cordeiro de Deus. Afinal, “Ele não é um super-herói que deixa a desejar: Ele é o Salvador que resgata. Ele não é

uma lenda: Ele é o Senhor. Ele não é um ícone: Ele é o intercessor. Ele não é imaginário: Ele é infalível. Ele não desaparece no exílio: Ele redime até o fim. Ele não é um vencedor virtual. Ele é vitorioso. Ele não parece esperança: Ele é a ressurreição da Esperança. Ele não é um cavaleiro escondido: Ele é o Rei vindouro” (Billy Graham, *A Razão da Minha Esperança*, p. 216).

A bênção de andar em comunhão com o Cordeiro de Deus é a maior que podemos receber. Vivenciar isso pela fé é *flash* antecipado da eternidade sobre nós. Entretanto, será a diferença decisiva em nosso cotidiano.

Ao som do “rouxinol”

O SENHOR é o meu pastor; de nada terei falta. Salmo 23:1, NVI

O Salmo 23 nada tem de complicado. Nele, o pensamento flui como um rio. As experiências e as emoções de que trata são simples e familiares. Por isso, crianças o declamam embaladas pela segurança e serenidade que ele inspira, tendo os olhinhos brilhando de alegria. Idosos à beira da morte também o repetem sob a luz da esperança, quando o sol da existência vai se pondo sobre eles. Quem sabe, foi por isso que Henry Beecher a ele se referiu como sendo “o rouxinol dos Salmos” (Charles Allen, *A Psiquiatria de Deus*, p. 28).

Mesmo em sua simplicidade, nada é mais atual e necessário para nós do que a mensagem do Salmo 23, especialmente quando pensamos nas características de nossa época: repleta de insegurança, caminhos desconhecidos, estresse e inimigos de todo tipo. Então, no emaranhado em que nos encontramos, podemos ouvir Davi, por inspiração divina e pela própria experiência, convidando-nos a desacelerar, jogar fora o estresse, o medo, a insegurança e incerteza, e descansar no cuidado e na provisão do Pastor.

“O SENHOR é o meu pastor; de nada terei falta” (NVI). Em realidade, essa frase é tudo no salmo. Todas as demais garantias que ele nos dá resultam do fato de que o Pastor é Deus, que conhece nossas reais necessidades emocionais, físicas, materiais e espirituais. Ele nunca nos faltará. Somos objetos de Seu amor e cuidado constantes. Somos ovelhas Dele. Deus é nosso proprietário e nosso guia, nada precisamos recear.

A afirmação “de nada terei falta” implica também nossa satisfação com os cuidados dispensados pelo bom Pastor. Conhecendo Seu caráter infalível, tornamo-nos indiferentes às necessidades que apenas imaginamos ter ou aquelas que a mídia trabalha para nos convencer de que possuímos, na certeza de que o Pastor suprirá tudo o que for para nosso bem. Investimos tempo e energia no trabalho, e Ele frutificará nossos esforços com as maravilhas que nos tem preparado

cada dia. Então estaremos em paz, com o sentimento de que, sendo Ele nosso Pastor, sabe do que necessitamos e tem a fórmula para suprir cada uma de nossas carências.

Como pastor, Davi sabia que o destino de uma ovelha dependia do tipo de pessoa que cuidasse dela, assim como por experiência própria conhecia o Pastor que cuidava dele. O Senhor continua cuidando de mim e de você.

Na casa do Pai

Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do Senhor para todo o sempre. Salmo 23:6

Tendo em mente a garantia de que, graças a nosso divino Pastor, de nada teremos falta, não deveríamos nos permitir abalar pelos temporais que nos atingem ao longo da vida. Refrigério, suprimento de necessidades, restauração de forças físicas, emocionais e espirituais, proteção, tudo isso configura o desdobramento da garantia: “nada me faltará” (v. 1). Nem mesmo “o vale da sombra da morte” (v. 4) precisa ser temido. O Pastor estará conosco.

Concluindo o que foi dito anteriormente, e em linguagem que transborda gratidão pela experiência do passado, confiança pelo que vive no presente, alegria e esperança que olham com segurança para o futuro, o coração do salmista se derrama: “Certamente a Tua bondade e o Teu amor ficarão comigo enquanto eu viver” (v. 6, NTLH). Bondade, amor, misericórdia e graça vão nos sustentar enquanto houver vida, em todas as suas mudanças e situações variadas. Ao escrever esse salmo, Davi já tinha enfrentado grandes dificuldades e testemunhado muitas tragédias. Diante de tudo isso, conheceu pessoalmente um Deus empenhado em restaurar Seus filhos e dissipar seus temores.

“A bondade do Senhor inclui Sua fidelidade. Ele não pode deixar de ser quem é – o Amigo perdoador, aceitador e cuidadoso que conhece nossas necessidades, que vem a nós e nos segue a despeito de nossa rejeição e usa de todos os recursos a fim de conservar-nos próximos Dele e de Seu rebanho. Sua misericórdia e graça são expressões do perdão que nos é dado antes mesmo de o pedirmos. Ungindo as feridas do nosso coração com ternura, o Senhor troca nossas emoções conturbadas e medrosas pela certeza de que, aconteça o que acontecer, Ele estará sempre conosco” (Lloyd J. Ogilvie, *Caindo na Grandeza*, p. 55).

Finalmente, o ápice da chegada à casa do Pastor: “Habitarei na casa

do Senhor para todo o sempre” (v. 6, NAA), longe dos perigos e predadores.

Estamos indo em direção à casa do Pastor, onde Ele nos prepara lugar (Jo 14:3). Ainda existem passagens difíceis no caminho. Mas o que isso importa? Vivemos em Sua presença, amparados por Suas mãos. Ele está ciente de tudo a nosso respeito. Ajuda-nos com singular cuidado e interesse. A Ele pertencemos. E assim será pelos séculos eternos. De fato, há um vale de morte entre nós e nosso destino final. Contudo, será apenas uma pausa para descanso. A certeza do que nos aguarda em seguida nos faz sentir alegria celestial ainda estando aqui na Terra.

Amigo dos pecadores

Então, Jesus lhe disse: Hoje, houve salvação nesta casa. Lucas 19:9

As queixas que atualmente são feitas contra a corrupção desenfreada, extorsão e outras artimanhas financeiras que têm enriquecido ilicitamente muitas pessoas também existiam nos dias de Jesus. Pela forma com que atuavam como cobradores de impostos nas províncias do Império Romano, os publicanos davam lugar à insatisfação popular. Entre eles, havia “um acordo, de modo que podiam oprimir o povo e apoiar uns aos outros em suas práticas fraudulentas” e, assim, enriqueciam espantosamente. Contagiados pela avareza, “os próprios sacerdotes e rabinos que os desprezavam eram culpados de se enriquecer por meios desonestos, sob a aparência de seu trabalho sagrado” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 555).

Entretanto, os braços da graça divina estão abertos a todos os pecadores, indistintamente, e Jesus não os marginalizou. De fato, a censura mais justa contra Ele O identificava como “amigo de publicanos e pecadores” (Lc 7:34). Houve, por exemplo, Mateus, a quem Cristo chamou para o grupo de discípulos, estando ele no local de trabalho (Mt 9:9); e Zaqueu, outra figura emblemática do divino poder transformador.

Extremamente rico, Zaqueu era o “chefe dos publicanos” (Lc 19:2, NVI). Tendo concentrado seus esforços apenas em acumular bens materiais, ele não era feliz. Se o patrimônio acumulado por meios lícitos não garante felicidade, que poderíamos esperar da riqueza cujos meios ilícitos de aquisição golpeiam secretamente a consciência? Assim era Zaqueu, até que se deixasse encontrar por Jesus. De fato, ele O buscou; mas, quando Cristo ordenou que descesse da árvore e “Se convidou” para ser hóspede do pequenino pecador, deixou claro que o tinha na mente e no coração.

Na casa do anfitrião, diante da atitude crítica da oposição farisaica, Jesus ouviu a confissão de Zaqueu e decretou: “Hoje, houve salvação

nesta casa.” Para as demais pessoas, a vida continuou na mesma rotina. Mas a vida e o coração de Zaqueu foram transformados. Ele já não era o mesmo de antes, e seus atos comprovaram isso. Tudo resultante do encontro com Jesus. Conforme disse João Mohana, “o núcleo, o âmago, o miolo, a semente, o motor de tudo”, toda mudança operada na vida do ser humano, “é o coração de Cristo no meu, o amor de Cristo em mim” (*O Encontro*, p. 85). Somente à luz desse amor descobrimos quem realmente somos, e nos abrimos à transformação que Ele opera em nós.

O tribunal da graça

Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias Se assentou; [...] assentou-se o tribunal, e se abriram os livros. Daniel 7:9, 10

Embora a história registre muitos julgamentos famosos que foram questionados, parece que poucas vezes as pessoas estiveram tão impacientes quanto à prática de justiça como nos dias atuais. O aumento da violência junto à repetida exposição de personagens de destaque envolvidos em crimes geram nos observadores a expectativa de investigação, julgamento e sentença justos. Nem sempre essa expectativa tem sido satisfeita, graças aos atalhos judiciais que favorecem a impunidade. No entanto, é certo que haverá um julgamento do qual ninguém escapará (2Co 5:10).

Esse é um julgamento universal, que a interpretação adventista das profecias bíblicas divide em quatro fases: Juízo investigativo pré-advento, de 1844 à segunda vinda de Cristo (Dn 7); juízo executivo, na segunda vinda de Cristo (Mt 25); juízo comprobatório, durante o milênio (Ap 20:4-6); e juízo executivo, após o milênio (Ap 20:11-15). Gerhard Pfandl aponta o objetivo de cada uma das fases: “No juízo pré-advento, Deus mostra porque os justos são salvos. No primeiro juízo executivo, os justos mortos e os santos vivos são salvos. No juízo durante o milênio, Deus mostra porque os ímpios estão perdidos. No segundo juízo executivo, Satanás e os ímpios são destruídos” (*Ministério*, nov/dez, 2014, p. 23).

Houve tempo em que o conceito de juízo pré-advento não era exclusividade dos adventistas. No século 19, teólogos de outras confissões religiosas o aceitavam, embora hoje o rejeitem. A validade dele, porém, é óbvia sob o ponto de vista jurídico, ao considerarmos que a promulgação de sentenças acontece depois de um processo investigativo anterior. Também há fundamento bíblico para ele em vários relatos (Gn 3:9-13, 14-19; 4:9, 10; 18, 19; 1Pe 2:6; Jd 7).

A maravilha a ser lembrada é que nenhum filho de Deus precisa temer o juízo em andamento. Ele é o instrumento usado pelo Senhor

para fazer justiça “aos santos do Altíssimo” (Dn 7:22), que contam com a defesa do Supremo Intercessor (1Jo 2:1). Assim, o tribunal divino se torna o centro de nossa esperança. A morte de Cristo na cruz e Sua presente intercessão credenciam para a liberdade quem O aceita como Salvador. Afinal, “é somente a vida do Senhor Jesus – a Sua atividade, vestida de você e exibida através de você que, em última análise, merece a aprovação de Deus” (W. Ian Thomas, *Salvos Pela Vida de Cristo*, p. 27).

Para dormir em paz

Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens. Atos 24:16

A consciência costuma ser comparada à voz de Deus. Ela é vista como um ponto de referência para escolhas relativas a valores e princípios de vida ou decisões cujas consequências estão relacionadas com a eternidade. Assim, ela tem sido autoridade competente para nos julgar, advertir, orientar e apelar, todas as vezes em que nos encontremos perto de tomar uma decisão, seja ela certa ou errada.

Atualmente, porém, parece que a consciência tem sofrido sérias tentativas de manipulação. Apesar de sempre acender sua luz de advertência na mente, muitas pessoas não parecem dispostas a atendê-la, não raro decidindo pelo que lhes proporcione vantagens ou prazeres imediatos.

Embora seja o inviolável tribunal de nosso ser, no qual somos julgados, absolvidos ou condenados, é também verdade que a consciência está longe da perfeição, porque também somos imperfeitos. Ainda assim, ela é indispensável, ao nos falar o que somos ou não na realidade, bem como ao tratar imparcialmente com nossos acertos e erros. Às vezes, é incentivadora; outras vezes, atua nos confrontando.

A Bíblia nos adverte quanto à necessidade de termos sempre consciência limpa. Esse foi o desejo que Paulo expressou quanto a ele mesmo, ao se defender diante de Félix. Também falou a respeito disso a seu jovem amigo Timóteo (1Tm 1:5, 19), além de se referir ao tema quando escreveu aos cristãos romanos e coríntios. Em suas mensagens, procurou lembrar seus leitores da necessidade de os seres humanos darem ouvidos à voz da consciência. Evidentemente, ela será digna e eficaz, na medida em que for submetida ao “assim diz o Senhor”. O Espírito Santo e a Bíblia são fundamentais para a autenticidade e autoridade com que a consciência nos fala. Nessa condição, nem ela nem as ordens de Deus serão violadas.

Por mais incômoda que seja a voz da consciência, ela é o canal por meio do qual o Espírito Santo nos transmite as impressões divinas. Na obediência a essas impressões, encontraremos paz com Deus, com nós mesmos e nossos semelhantes. Assim como é insensato ignorar os avisos com que as dores nos alertam para a existência de algum distúrbio físico, pode ser fatal ignorar as dores psicológicas com que a consciência, iluminada pelo Espírito, chama a nossa atenção para as anormalidades espirituais.

Glamour ou sacrifício?

*Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. [...] Orem por nós.
Hebreus 13:17, 18*

Eu poderia escrever sobre riquíssimas experiências nas quais recebi inspiração, ensinamentos preciosos e incentivo dos pastores com quem convivi na minha infância. A convivência com eles foi uma grande bênção de Deus para mim. Tive a graça de ser pastoreado por grandes homens de Deus, incluídos aqui todos aqueles sob cujos cuidados tenho vivido atualmente.

Lembro-me, porém, de um fato que me impressionou, numa época em que eu não tinha mais que dez anos. Certo dia, recebemos a visita do pastor Gileno Francisco de Oliveira. À semelhança dos outros, era visitador diligente e sempre esteve conosco em momentos nos quais era necessária sua presença. Aquela era a primeira visita que nos fazia e, no diálogo mantido com meus pais, as crianças não foram ignoradas, tendo ele interagido atenciosamente conosco. Foi então informado de que eu desejava ser pastor. Com o afetuoso abraço de congratulações, a pergunta veio direta e objetiva, cheia de sabedoria: “Você quer ser pastor porque acha isso bonito ou porque deseja trabalhar para Deus?”

Apesar da pouca idade, eu tinha muito bem claro o caminho vocacional aberto diante de mim. Com tal certeza, Deus me fez entender na minha esfera infantil que, entre o glamour e as responsabilidades do chamado, eu deveria distinguir a motivação certa. A pergunta ficou gravada em minha mente e aflorava sempre que eu refletia no chamado de Deus para mim. Durante os 40 anos de meu ministério, experimentei o fato de que as duas coisas podem andar juntas. A beleza de trabalhar para Deus é inexplicável, mas não dispensa sacrifícios e a entrega total de si mesmo. Pouco importam essas coisas, desde que o pastor viva a beleza de servir como Cristo serviu.

A recompensa maior do pastorado, bem como de todo cristão fiel,

ainda está por vir. “Transportados para o reino de nosso Pai, vamos nos banhar no resplendor de Seu eterno trono; sóis, estrelas e sistemas brilhando à distância como se fossem o piscar de vaga-lumes no verão, e tudo o que nos fez pulsar na Terra o coração, apenas serão lembrados como passatempos de nossas alegrias infantis” (Roy Anderson, *O Pastor Evangelista*, p. 591). Todos nós temos o prazeroso dever de promover esse momento. Juntos e orando uns pelos outros.

O poder da Palavra

Assim será a palavra que sair da Minha boca: ela não voltará para Mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei.
Isaías 55:11

Cativo na Babilônia, o povo de Deus necessitava ser despertado para que se voltasse para Ele, confiando em Suas repetidas garantias de libertação. Embora o Senhor Se dedicasse a remover os empecilhos ao cumprimento de Seus planos, o povo se rendia ao cativoiro do pecado. Ainda assim, Ele insistia em apelar para que O buscassem e confiassem em Sua direção. Sua Palavra empenhada não falharia, Suas promessas não se perderiam no vazio. Essa é a mensagem primária de nosso verso. Ao se referir à Palavra, o profeta tinha em mente a promessa da libertação do cativoiro e a volta à Terra Prometida. O propósito de Deus nesse sentido seria cumprido. Mas, esse é apenas um aspecto do texto a ser considerado.

O outro aspecto nos leva ao poder da Palavra no coração humano. Ela pode cair como chuva que escorre sobre rochas em corações estéreis, áridos e empedernidos ou pode ser derramada como torrentes em corações férteis, fecundando-os e produzindo frutos. Nos dois casos, o propósito de Deus é cumprido, em Seu oferecimento de graça, misericórdia, libertação e oportunidade de salvação para todos. Os que a rejeitarem serão assim indesculpáveis.

A Palavra escrita, bem como encarnada em Jesus Cristo, contém a vida de Deus. Conforme disse Siegfried Júlio Schwantes, “como a chuva e a neve que regam a terra, a fecundam e a fazem brotar, assim a Palavra de Deus, qual chuva silenciosa e fecunda, não deixaria de produzir o efeito desejado. Essa mesma Palavra que pronunciada na criação trouxera os céus e a Terra à existência (Sl 33:6, 9), não seria menos eficaz agora para efetuar os desígnios divinos” (*O Profeta do Evangelho*, p. 143). Devemos permitir que ela opere a partir do âmago de nosso ser, com eficácia maior “que qualquer espada de dois gumes” atingindo “até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas”,

identificando “pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4:12). E que realize o trabalho de podar, redirecionar e limpar tudo o que for necessário, preparando o terreno para o plantio de sementes do bem, que frutifiquem para a eternidade.

Com tantas vantagens e facilidades a nos oferecer, com promessas de felicidade aqui e agora, o mundo pode se mostrar muito sedutor. É tempo de nos voltarmos à Palavra pela qual o Deus infalível nos garante o melhor, segundo Seus propósitos para nós.

A grife da mentira

Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno. Mateus 5:37

Conta-se em uma parábola judaica que, em certa ocasião, a mentira se encontrou com a verdade. Nesse encontro, depois de se cumprimentarem gentilmente e comentarem sobre a beleza daquele dia, a convite da mentira, as duas foram se banhar numa fonte cristalina próxima. Estando despidas, a mentira aproveitou e roubou a roupa da verdade. Vestiu-se e fugiu. Recusando-se a vestir a roupa da mentira, a verdade saiu a procurá-la na tentativa de recuperar suas vestes. Não a encontrando, desapareceu. Na conclusão da parábola, a verdade nua constrange e choca as pessoas. A mentira com a roupa da verdade atrai.

O lado irônico desse pensamento é o fato de que ele tem sido materializado nas atitudes de pessoas que, por força da função e da influência exercida sobre milhares de cidadãos, deveriam exemplificar justamente a verdade nua, sem justificativas ou disfarces. Tendo-se vestido, na parábola, com a roupa da verdade, pode-se dizer que atualmente a mentira criou uma grife pirateada e a nomeou de *fake news*. Fenômeno das mídias sociais, a expressão foi popularizada e se espalhou em nosso cotidiano. Na definição de Anna Carolina Rodrigues, “nas *fake news* não cabem relativismos nem discussões filosóficas sobre o conceito de ‘verdade’ – trata-se, pura e simplesmente, de informações deliberadamente enganosas [...] destinadas a ludibriar os incautos, ou os nem tão incautos assim, ávidos por pendurar seus argumentos em fatos que não podem ser comprovados” (Veja, 28/09/2018).

Se há pessoas que tiram alguma vantagem disso, entre elas não deve ser encontrado um cristão fiel. Desde sempre, a orientação de Deus é clara: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êx 20:16). “Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não”, disse Jesus. Quem quer que esteja consciente de viver na presença de Deus não será fonte

nem divulgador da mentira. Ao falar, deve ser absolutamente verdadeiro. Com a etiqueta *fake news* ou qualquer outra menos charmosa, a mentira continua tão prejudicial quanto foi no Éden. Sua paternidade satânica não deixa dúvidas (Jo 8:44).

Ao contrário disso, sobre o grupo especial de salvos mostrado a ele, em visão, João escreveu: “Não se achou mentira na sua boca” (Ap 14:5; ver Ap 22:15). Que essa seja nossa condição!

O sorriso do Pai

Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no Céu por um pecador que se arrepende. Lucas 15:7

No sábado, 26 de outubro de 1963, ocorreu em minha cidade natal um congresso de jovens adventistas. Em casa, depois da programação da manhã, meu pai propôs a mim e às minhas duas irmãs que nos batizássemos no dia seguinte. Disse-nos ser esse o desejo do pastor Edward Kanna, diretor de Jovens para os estados da Bahia e Sergipe. Não nos opusemos, embora hoje eu reconheça que meu entusiasmo poderia ter sido maior. No domingo pela manhã, após a programação, fui informado pelo meu pai de que a comissão da igreja se reuniria para avaliar os candidatos ao batismo. Era costume voltarmos juntos para casa. Então resolvi esperar por ele.

Na pequena sala do departamento infantil, onde fiquei sozinho, meus pensamentos voaram. Demorei-me pensando nas coisas que deveria fazer ou deixar de fazer: pequenos divertimentos, especialmente futebolísticos, e outras peraltices comuns a um garoto de 14 anos daquele tempo. Mas, o que diriam meus amigos? Pareceu que o inimigo me sussurrou: “Bem, se a comissão não aprovar, talvez não seja totalmente ruim.” Contudo, em meio àqueles pensamentos, meu pai surgiu no topo do pequeno degrau que dava acesso à sala onde eu estava. Nada falou. Apenas abriu o largo e belo sorriso que ele tinha, emoldurado pelo farto bigode bem cuidado. Tranquilei-me e fui contagiado pela alegria dele. Eu não podia apagar aquele sorriso. À noite, naquele domingo, 27 de outubro de 1963, fui batizado com minhas duas irmãs e outras duas pessoas.

Nunca me arrependi daquela decisão, especialmente ao compreender que além de meu pai terrestre, o Pai celestial também sorria. Saber que Ele continua sorrindo para mim motiva-me na luta contra mim mesmo. Acredite, é assim comigo e com você. É o sorriso do Pai que nos anima, sustenta, renova a esperança, cura nossas feridas e nos agiganta frente aos desafios da fé.

O desfecho das três parábolas relatadas em Lucas 15 retrata a alegria sentida “no Céu”, quando o pecador se arrepende. Mas, o sorriso Dele não se limita a esse momento. É como diz a canção “Ele é fiel”, na versão de Júnia Mesquita: “Toda vez que eu clamo a Jesus, Ele, amável e sorrindo, me espera outra vez.” É assim durante toda nossa jornada terrestre, até o dia em que, sorridente, Ele abrirá os braços em boas-vindas para nós na glória celestial.

Autor da vitória

Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. 1 Coríntios 15:57

Faz algum tempo, recebi uma mensagem de um jovem amigo virtual para encontrar um verso bíblico que fundamentasse a ideia de que somente conseguimos vencer a luta contra o pecado porque Cristo venceu. Ele justificou que isso facilitaria o diálogo com pessoas que enfatizam o aspecto de que somos habilitados a vencer como Cristo venceu.

Penso que, em oração e humildade, podemos buscar a compreensão sobre esse tema, seguindo o caminho do equilíbrio apontado pelas Escrituras. Na Primeira Carta aos Coríntios (capítulo 15), por exemplo, Paulo esclareceu que, assim como Cristo ressuscitou, também ressuscitarão todos quantos O aceitaram como Salvador. Sem essa certeza, nada temos para crer, nada a anunciar. Um dia, por ocasião da vinda de Cristo, a morte perderá o domínio que o pecado lhe possibilitou. Também por haver possibilitado à morte esse domínio, devemos abominar o pecado e mortificá-lo em nossa vida diariamente. Isso podemos fazer somente por Jesus Cristo.

Ellen White também nos ajuda a compreender a questão. “É unicamente por meio da obediência e de contínuo esforço que havemos de vencer como Cristo venceu” (Testemunhos Para a Igreja, v. 3, p. 491). De fato, Cristo venceu as tentações porque foi inteiramente dependente do Pai. Nosso esforço também deve estar em depender unicamente Dele para uma vida de obediência. Do contrário, tudo será em vão.

“Muitos pensam que devem fazer sozinhos uma parte do trabalho. Confiaram em Cristo para o perdão de seus pecados, mas agora procuram viver retamente através dos próprios esforços. Mas esse esforço é em vão” (*Caminho a Cristo*, p. 69). A mesma graça pela qual Ele nos salvou nos acompanha na experiência de um relacionamento cada vez mais estreito com Ele, o que implica a transformação de

nosso caráter, cuja plenitude se dará na glorificação final. Somente então seremos sem pecado e para sempre vencedores, assim como Ele é.

Entre os versos que enviei para meu amigo estava este: “Se alguém permanecer em Mim e Eu nele, esse dará muito fruto; pois sem Mim vocês não podem fazer coisa alguma” (Jo 15:5, NVI). É assim que o Senhor partilha conosco Sua vitória. Sem a graça divina não podemos dar um único passo na caminhada cristã.

Força!

Não fui Eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Josué 1:9, NVI

Apesar da morte de Moisés, a missão e os propósitos divinos continuavam vivos. O Senhor mantinha Sua mão estendida para guiar e sustentar Seu povo na peregrinação à Terra Prometida. Josué, o novo líder, andara muito próximo de Moisés, havia sido treinado por ele e nomeado sob a ordem divina. De fato, mudou o líder, mas o projeto divino continuava: “Como prometi a Moisés, [...] Eu darei a vocês”; “Assim como estive com Moisés, estarei com você”; “Tenha o cuidado de obedecer a toda a lei que o Meu servo Moisés ordenou” (Js 1:3, 5, 7, NVI).

Um homem havia sido substituído, mas o insubstituível e absoluto Senhor, o Deus de Israel, continuava no mesmo lugar. Haveria desafios a enfrentar, como a travessia do Jordão, as muralhas de Jericó, a instabilidade do próprio povo e os inimigos ao redor. Por isso, era preciso ter coragem, confiança e fé. A Fonte dessas virtudes estava bem ao lado de Josué e dos peregrinos.

Nós também precisamos de coragem; pois em nossa peregrinação rumo à Pátria celestial há obstáculos incontáveis, conhecidos e desconhecidos. Além das provas comuns do dia a dia, há os desafios para se viver a vida cristã em um mundo no qual parecemos transitar na contramão. Ao estabelecermos objetivos elevados ou sermos chamados a desempenhar uma grande tarefa, precisamos estar dispostos a pagar o preço. Isso requer coragem. Sempre haverá situações, ou mesmo pessoas, que tentarão nos fazer fugir do dever. Permanecer firmes no posto e cumprir nosso dever até o fim é uma atitude que exige coragem. A alegria das conquistas e a paz da consciência da missão cumprida estão reservadas somente aos corajosos.

Precisamos de coragem para contrapor com o “assim diz o Senhor” a onda de descaso aos princípios que hoje se vê. Deus é nossa fonte de coragem, afinal, a coragem que não resulta da certeza da presença Dele

conosco não passa de atrevimento e presunção. Esvai-se como o ar de uma bexiga tocada com um alfinete.

Se pararmos para considerar nossas limitações diante dos adversários e obstáculos, certamente entraremos em desvantagem na luta. Mas, com a certeza de que Deus está conosco, até o medo eventual se torna um aliado, pois realça nosso sentimento de dependência e nos leva a buscar a ajuda do alto. Nesse momento, encontraremos a mão do Senhor estendida para nos socorrer.

Promessa e certeza

*Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm Nele o “sim”;
porquanto também por Ele é o “amém” para a glória de Deus, por nosso
intermédio. 2 Coríntios 1:20*

Provavelmente, todos nós já tenhamos vivido a experiência de não poder ou demorar a cumprir uma promessa feita, forçados por alguma situação além de nosso controle. Em ocasiões assim, tanto podemos ser compreendidos como podemos nos tornar alvo de interpretações maliciosas, havendo sempre quem duvide de nossa integridade. Paulo foi vítima dessa situação. Tendo planejado visitar Corinto, num roteiro que incluiria a Macedônia e Judeia (1Co 1:15, 16), ele acabou não podendo ir (2Co 1:23; 2:1-4). Seus críticos aproveitaram a oportunidade para acusá-lo de ambiguidade na palavra empenhada, ao que ele contestou (2Co 1:17).

Em sua defesa, Paulo disse que não tinha sido por causa de duplicidade ou incoerência em sua palavra que não a havia cumprido. Reafirmou-se como estando a serviço de Deus, cujas promessas não oscilam entre “sim” e “não”. Sua Palavra é sempre “sim”. Além disso, Ele tem o direito de alterar ou nos inspirar a mudar nossos planos, para nosso bem e o de outras pessoas envolvidas, conforme Sua amorosa, sábia e soberana providência. O apóstolo não seria incoerente ao prometer algo e depois recuar de maneira proposital.

Entretanto, na explicação apresentada, ele usou palavras de força e beleza incomuns, realçando diante de seus leitores a certeza que podemos encontrar em Cristo. As promessas divinas encontram “em Cristo o ‘sim’”, a confirmação e o cumprimento. “Porquanto também por Ele é o ‘amém’ para glória de Deus” (2Co 2:20). Jesus é a personificação de todas as promessas de Deus feitas aos antepassados, desde os dias do Antigo Testamento. Ele é o cumprimento de todas elas. Conforme Russell Champlin afirmou, “o significado dessa declaração é que quantas sejam as promessas de Deus, em Cristo existe o ‘sim’ à pergunta: ‘Serão elas cumpridas?’” (*O Novo Testamento*

Interpretado, v. 4, p. 300). O “amém”, justamente como nós o pronunciamos no fim de nossas orações, expressando aprovação ao que é dito bem como o desejo de que tudo aconteça conforme o solicitado, aqui também é representado por Cristo. Ele é a garantia de que não haverá recuos nem falhas. Deus é absolutamente fiel.

Desse modo, Jesus é o “sim” e o “amém”, a certeza que pronunciamos diante das promessas que Ele nos faz de satisfação de nossas necessidades espirituais, materiais, emocionais, sociais e físicas. Por Sua vida, morte e ressurreição, Ele é a certeza de vida plena e eterna.

Mãos intercessoras

Ora, as mãos de Moisés eram pesadas; por isso, tomaram uma pedra e a puseram por baixo dele, e ele nela se assentou; Arão e Hur sustentavam-lhe as mãos, um, de um lado, e o outro, do outro; assim lhe ficaram as mãos firmes até ao pôr do sol. Êxodo 17:12

Ainda no início de sua peregrinação rumo à Terra Prometida, e tendo já visto alguns milagres divinos, os israelitas enfrentaram novo desafio. Amaleque, neto de Esaú, havia se afastado de seus compatriotas e formando seu grupo, passando a perseguir os antigos irmãos. C. H. Mackintosh afirmou que, se o faraó egípcio representava “o impedimento à libertação de Israel do Egito”, Amaleque representava “o estorvo à sua caminhada com Deus pelo deserto” (*Estudos Sobre o Livro do Êxodo*, p. 188).

Em Refidim, aconteceu o confronto que foi vencido pelo povo de Deus, e a estratégia seguida no transcorrer da batalha é rica em lições para nós ainda hoje: “Quando Moisés levantava a mão, Israel prevalecia; quando, porém, ele abaixava a mão, prevalecia Amaleque” (Êx 17:11). “O ato de levantar as mãos tem sido em geral considerado [...] como sinal ou atitude de oração. Nos tempos bíblicos, o costume de levantar as mãos em oração era praticado por adoradores piedosos e fervorosos”, esclarece o *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (v. 1, p. 627).

Assim, com braços levantados e cajado na mão, Moisés orava pelo exército israelita. Dessa maneira, ajudou Josué, comandante dos guerreiros de Israel. No entanto, suas mãos ficavam exaustas. Era preciso perseverar, e os auxiliares Arão e Hur tomaram providências para mantê-las firmes até a consumação da vitória.

Da batalha em Refidim podemos extrair alguns preciosos lembretes:

- Nas batalhas da vida e da igreja, nossas mãos podem se cansar, mas nunca as mãos do Onipotente. Ele sabe o que fazer para nos restaurar.
- Diante do Mar Vermelho, o recado foi: “O Senhor pelejará por vós” (Êx 14:14). Contra os amalequitas, Moisés ordenou: “Escolhe-nos

homens, e sai, e peleja” (Êx 17:9). Nos impossíveis absolutos, Deus lutará por nós, mas haverá ocasiões em que lutaremos em parceria com Ele.

- Em nossa peregrinação terrestre, tanto podemos ser ajudados, como podemos ajudar alguém a recobrar as forças espirituais para prosseguir. Hoje teremos oportunidades para fazer isso.

Temos em Cristo nosso Josué e nosso Moisés; Alguém que “luta nossas batalhas” e também intercede em nosso favor (Matthew Henry, *Complete Commentary on the Whole Bible*, p. 120). Ele, sim, é o Agente maior de todas as nossas vitórias.

Novembro

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sáb

1 2 3 4 5 6 7

8 9 10 11 12 13 14

15 16 17 18 19 20 21

22 23 24 25 26 27 28

29 30

Getsêmani

*A Minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai
Comigo. Mateus 26:38*

Estudos feitos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam para uma estimativa mundial superior a 300 milhões de pessoas, de todas as idades, com depressão. De acordo com as estatísticas, no Brasil, cerca de 6% da população sofre desse distúrbio. Considerada como “o mal do século”, ainda de acordo com a OMS, a depressão se tornaria em 2020 a doença mais incapacitante no mundo, conforme dados de 2018.

Na Bíblia, identificamos o profeta Elias num momento depressivo, logo após a vitória no Carmelo. Envolvido por angústia, desânimo e dúvidas, e temendo as ameaças da ímpia Jezabel, ele fugiu, escondeu-se sob uma árvore e pediu a morte (1Rs 19:4). No Getsêmani, Jesus Se declarou “profundamente triste até à morte.” Mas isso não indica que Ele teve depressão. Certa ocasião, em uma entrevista que fiz com o psiquiatra Cesar Vasconcellos, ele explicou: “Quando Cristo disse que estava triste até à morte, creio que Ele queria quantificar Sua tristeza; queria deixar clara a profundidade de Sua dor. Teve momentos de tristeza e angústia fortes. Mas não permaneceu com essa tristeza nos momentos seguintes; continuou com Sua missão. Essa tristeza emocional não travou a vida Dele. Não foi uma patologia, mas uma reação normal diante de uma luta espiritual que pesava sobre Ele de uma forma que nunca saberemos como é.”

Ellen White afirma: “Sobre Aquele que não conheceu pecado, devia ser colocada a iniquidade da raça decaída. O pecado Lhe parecia tão terrível, e tão grande o peso da culpa que devia levar sobre Si, que foi tentado a temer que ele O separasse para sempre do amor do Pai. Sentindo quão terrível é a ira de Deus contra a transgressão, exclamou: ‘A Minha alma está profundamente triste até à morte’” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 681).

Em Sua condição divino-humana, Jesus experimentou emoções

semelhantes às que experimentamos. Ficou alegre, chorou junto à sepultura de Lázaro, sentiu tristeza diante da incredulidade dos ouvintes e diante do amargo cálice que provaria. Desejando simpatia humana, buscou-a junto aos discípulos. Em angústia, pediu que fosse poupado do cálice, mas foi fortalecido por um poderoso anjo de Deus (Lc 22:43).

Lembremo-nos sempre de que Aquele que experimentou intenso sofrimento emocional e clamou em angústia antes de nós continua a nosso lado na escuridão de nosso Getsêmani particular. Ele sabe como nos fortalecer.

Viva a vida!

Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão. 1 Coríntios 15:58

Morte não é um assunto sobre o qual escolhemos conversar. Ela é repulsiva, triste e pavorosa. Entretanto, à semelhança de alguém indiferente ao que se pensa e diz a seu respeito, a morte continua sua marcha, apagando sorrisos, silenciando vozes, interrompendo sonhos, separando amigos e familiares. Ela escolhe suas vítimas sem levar em consideração a idade, a raça ou a condição social. Às vezes, é previsível; outras vezes, não. Na prevalecente banalização da violência, ela chega pelos caminhos mais estranhos. Mas seu reinado cruel não será para sempre.

O apóstolo Paulo enfatizou essa certeza em sua primeira carta aos cristãos de Corinto. Eles precisavam ter a segurança da ressurreição dos mortos, garantida pela ressurreição do próprio Cristo (1Co 15:20-22). Sem isso, nossa pregação e nossa esperança futura perdem seu significado (v. 14, 17). Virá o dia em que “por entre as oscilações da terra, o clarão do relâmpago e o estrondo do trovão, a voz do Filho de Deus [chamará] os santos que dormem. [...] Os mortos ouvirão aquela voz, e os que ouvirem viverão. [...] Pessoas de toda nação, tribo, língua e povo [...] vêm do cárcere da morte, revestidas de glória imortal e clamando: ‘Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?’ (1Co 15:55; *O Grande Conflito*, p. 644).

É assim que a morte deixa de significar uma tragédia absoluta. Um dia, será cumprida “a palavra que está escrita”: “[O Senhor] destruirá a morte para sempre. O Soberano, o SENHOR, enxugará a lágrima de todo rosto” (Is 25:8).

Em vista dessa confortadora verdade, não precisamos deixar de planejar e executar, sonhar e realizar. A realidade da vida futura requer que a vida no presente seja digna dela. Longe de nós a ideia de que tudo o que cremos, pregamos, cantamos, ensinamos e fazemos venha

a ser desperdício por causa da morte! No Senhor, não trabalhamos inutilmente. João viu que as realizações daqueles que morrem no Senhor “os acompanham” (Ap 14:13).

Pela graça de Deus, continuemos firmes, estáveis e dedicados. Celebremos a vida; não a morte! Ela não nos tornará seus prisioneiros para sempre. Nossas ações para o Senhor frutificarão sempre, pois a influência delas ultrapassa os limites de nossa existência. Além dos frutos dessa influência, a certeza de que não trabalhamos inutilmente pressupõe a existência do galardão que receberemos quando Ele Se manifestar.

Mantenha a chama acesa

Não apagueis o Espírito. 1 Tessalonicenses 5:19

Que dia você considera especialmente marcante em sua história? O dia da formatura? O encontro com o amor da sua vida? O casamento? Nascimento dos filhos? Batismo? Seja qual for, apesar das gratas lembranças, esse dia ficou no passado. Talvez, você ainda o espere no futuro. Sem querer ser pessimista, pode não acontecer. A vida tem surpresas. Contudo, isso não impede que você continue investindo em uma grande conquista e sonhando com ela.

O certo mesmo é que o dia especialmente marcante é hoje, o presente. Hoje podemos redirecionar o curso de uma caminhada. Hoje devemos tomar decisões que se projetam na eternidade (2Co 6:1, 2). A procrastinação nesse ponto nos coloca no limite do endurecimento da consciência. “Absorvido em aspirações egoístas e condescendência pecaminosa, o coração se endurece ‘pelo engano do pecado’ (Hb 3:13). As faculdades espirituais são enfraquecidas. O homem ouve, sim, a Palavra, mas não a entende. Não discerne que ela se aplica a ele próprio. Não reconhece suas necessidades, nenhum perigo. Não percebe o amor de Cristo, e passa pela mensagem de Sua graça como alguma coisa que não lhe diz respeito” (Ellen White, *Parábolas de Jesus*, p. 44).

Tendo em vista o papel fundamental do Espírito Santo nesse processo, convencendo, apelando, produzindo impressões na consciência, somos advertidos a não deixar que a influência Dele se apague em nossa vida. O ser humano pode, assim, tornar-se tão insensível que se acomode a uma convivência pacífica e deliberada com o mal. Não se deixando convencer do pecado, não buscará perdão. Sem reconhecer sua necessidade, não buscará satisfazê-la.

O verbo “apagar” em grego estava ligado à ideia de “apagar fogo”, “ressecar coisas molhadas” e torná-las ressequidas, inúteis. Esse é o perigo do qual devemos fugir. Precisamos que o fogo do Espírito com Sua exuberância e Seu poder nos ilumine, aqueça, vivifique e

purifique. Esse fogo divino “ardará no amor santo, na alegria, na oração, nas ações de graça. Não o apague, não o abafe em você ou nos outros, dando lugar a qualquer luxúria ou paixão, qualquer afeto ou disposição contrariamente à busca da santificação, seja negligenciando o bem ou fazendo o mal” (Joseph Benson, *Commentary of the Old and New Testaments*, 1Ts 5:19).

Enquanto houver vida, continuaremos sendo objeto do trabalho do Espírito Santo. Sem Ele, não haverá arrependimento nem vitória sobre maus hábitos enraizados na alma.

O pecado contra o Espírito Santo

Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Mateus 12:31

Inquieto com a preocupação de ter ou não cometido o pecado contra o Espírito Santo, certo homem procurou seu pastor. “O que é o pecado contra o Espírito Santo?”, perguntou. “Trabalhei contra a causa de Deus, neguei a Jesus Cristo e duvidei de Seu poder”, disse, entre outras coisas. Ressaltando a suficiência da graça de Deus, o pastor tentou animá-lo e respondeu: “Paulo também trabalhou contra a causa de Deus, Pedro negou a Jesus e Tomé duvidou do poder do Mestre.” O pastor ainda lembrou que o fato de que ele estivesse preocupado quanto a isso indicava que não havia pecado contra o Espírito Santo. Ainda estava sensível à voz Dele.

Blasfemar contra o Espírito Santo é um ato ligado à prática de apagar a chama de Sua influência, conforme foi visto ontem. Ao sentenciar a impossibilidade de perdão para essa ofensa, Jesus falava a um grupo de fariseus que atribuía ao poder de Satanás as ações que Ele realizava (Mt 12:24), quando elas eram executadas pelo poder do Espírito Santo (v. 28).

Até chegar a esse ponto, aqueles oponentes haviam trilhado um caminho descendente em sua rejeição a Cristo, apesar de todas as evidências de Sua divindade. “Estavam convencidos de que Cristo era assistido por um poder divino, mas, a fim de resistir à verdade, atribuía a obra do Espírito Santo a Satanás. Procedendo desse modo, escolheram deliberadamente o engano; renderam-se a Satanás, e daí em diante foram dominados por seu poder” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 322, 323). A disposição divina em perdoar é inesgotável. Mas, de rejeição em rejeição, o pecador chega a um momento em que corta a linha de comunicação com o Céu, incomodado com os apelos do Espírito. Desse modo, tendo a consciência dopada pela insensibilidade, ele sela o próprio destino.

O incômodo causado pelo pecado é benéfico. O grande e fatal perigo

é alguém se sentir indiferente a ele, confortável com sua presença. Contudo, enquanto não nos sentimos à vontade com o pecado, caminhamos para a fonte de graça e perdão. A confortadora realidade é que ninguém que tenha experimentado o arrependimento e aceitado as bênçãos do evangelho pecou contra o Espírito Santo. A preocupação ou medo que uma pessoa tem por ter cometido esse pecado indica que não o fez. É uma forte evidência de que é sensível a Ele; ainda ouve Sua voz e não a rejeita.

Ouçá hoje a voz do Espírito Santo falando a você.

O Libertador

O Espírito do SENHOR está sobre Mim, porque o SENHOR Me ungiu. Isaías 61:1

Em Isaías 61, o profeta apresenta uma das mais belas descrições da missão a ser desempenhada pelo Messias. O próprio Jesus leu publicamente as palavras do profeta e reconheceu o cumprimento delas Nele mesmo (Lc 4:16-19). De fato, Cristo é incomparável. Entre as infindáveis razões que poderíamos enumerar para justificar essa realidade, está a unção do Espírito Santo sobre Ele. O que deveria realizar a partir disso é descrito em detalhes no texto.

Ele foi ungido “para pregar boas-novas aos quebrantados” (Is 61:1) ou “evangelizar os pobres” (Lc 4:18). Não apenas os pobres no sentido material, mas aos pobres espirituais, aquelas pessoas conscientes de sua dependência da graça divina. Pessoas que, desprovidas da acomodação laodiceana à suposta riqueza espiritual (Ap 3:17), sentem que são nada sem a misericórdia divina.

Ele foi ungido “para proclamar libertação aos cativos” do pecado (Lc 4:18). Seus ouvintes desejavam ser libertos do jugo romano. Os evangelhos estão repletos de exemplos de pessoas que se apropriaram da libertação proporcionada por Jesus e romperam as cadeias dos temores, angústias, dúvidas, pecado, culpa, frustrações, fracasso, desespero e muito mais.

Ele foi ungido “para restauração da vista aos cegos” (Lc 4:18). Fez isso ao longo de Seu ministério terrestre em benefício daqueles que eram cegos fisicamente. Continua a fazê-lo a cegos espirituais que a Ele se dirigem, clamando, por misericórdia, uma nova visão à semelhança de Bartimeu: “Mestre, que eu torne a ver!” (Mc 10:47, 51).

Ele foi ungido para “apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4:19) ou “o ano do favor [de Deus ao ser humano]” (*Comentário Bíblico Adventista*, v. 4, p. 338). Esse é o tempo da graça salvadora disponível a todos os homens (Tt 2:11). Tempo de oportunidade para que todos se reconciliem com Deus. Se a livre aceitação da liberdade em Cristo

significa vida, a livre rejeição implica morte. Embora Ele seja gracioso e longânimo, Sua misericordiosa longanimidade não significa conivência com o mal.

Ele foi ungido “para consolar.” Aquele que levou sobre Si nossas enfermidades se compadeceu das multidões necessitadas e chorou junto à sepultura de Lázaro antes de trazê-lo de volta à vida. Foi ungido também para curar nossos males e angústias, trocar nosso desespero pela esperança e nossas lágrimas pelo sorriso. Ele sabe como fazer isso. Que precioso libertador nós temos!

O trabalho do semeador

O semeador saiu a semear. Lucas 8:5

Guardo no coração lembranças felizes do tempo em que servi à causa de Deus como evangelista nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Com gratidão ao Senhor, sempre me recordo das igrejas em que se multiplicaram os pequenos e médios núcleos estabelecidos e dos irmãos que, batizados na época, permanecem como colunas vivas no templo de Deus.

Na primeira experiência, em Jacobina, Bahia, o Senhor me mostrou vividamente a diversidade de solos nos quais a semente do evangelho é lançada. Aprendi que algumas sementes surpreendem pela rapidez com que frutificam. Esse foi o caso da irmã que me procurou no dia do primeiro batismo no auditório móvel, instalado naquela cidade. Sorridente, disse-me: “Também vou ser batizada!” Olhei-a, vi que carregava uma sacola, mas não me lembrei de tê-la visto em alguma reunião anterior. Como que prevendo minha pergunta seguinte, informou: “Vim hoje aqui pela primeira vez.”

Acrescentou ter recebido uma carta de uma cunhada recém-batizada numa cidade no extremo sul do estado, na qual era orientada a aceitar a Cristo, procurar uma igreja e ser batizada. À minha sugestão de que aguardasse o próximo batismo, ela respondeu: “Vim e somente voltarei batizada.” Assim foi. Cerca de 20 anos depois, descansou firme em Jesus.

Infelizmente, há solos ressequidos e pedregosos, nos quais a semente não prospera. Em outros, a germinação segue o curso normal de desenvolvimento até à maturidade, assim como há aqueles em que o tempo da frutificação surpreende. Em 2006, voltei àquela cidade para realizar o batismo da irmã Lúcia. Seu esposo, saudoso irmão Almir, havia inaugurado o batistério do templo ainda inacabado. Os filhos seguiram o mesmo caminho. Contudo, abraçada às suas crenças anteriores, somente 24 anos depois ela se rendeu completamente ao Salvador. Atualmente, a cidade conta com um grande colégio e 11

igrejas, distribuídas em três distritos pastorais.

O tempo passa, o mundo se transforma, e o solo do coração humano continua diversificado. Os métodos mudaram, e você tem várias opções para semear e colher, de acordo com seus dons espirituais e com as exigências do mundo atual. Escolha seu lugar, lance a semente e não se impressione com as reações dos solos. Sucesso ou revés não são atribuídos ao semeador. A perda é do solo pedregoso. A glória pertence Àquele que “fez crescer” a semente (1Co 3:6, NVI). Viva essa emoção.

Razões para amar

Com toda razão você é amado! Cântico dos Cânticos 1:4, NVI

O livro de Cantares também é chamado Cântico dos Cânticos ou “o Cântico por excelência”, uma forma de referência ao “melhor dos cânticos”. É uma coletânea de canções que expressam o diálogo romântico entre dois jovens noivos. Geralmente eram cantadas em festas de casamento nos dias do Antigo Testamento.

Tudo no livro evidencia Salomão como autor. As comparações com as belezas do mundo natural, a semelhança com algumas porções do livro de Provérbios e a própria linguagem indicam o conhecimento e a sabedoria literária daquele rei. Embora tenha amado muitas mulheres (1Rs11:1, 3), ele o teria escrito para uma jovem especial, Sulamita ou Sunamita, procedente de Suném. Se for esse o caso, ela era muito jovem, devendo ter se casado exclusivamente por amor, à parte de quaisquer outros interesses.

O livro também tem sido considerado uma ilustração que expressa o amor entre Cristo (o noivo) e a igreja (a noiva). Falando sobre a prática da oração, Ellen White a comparou a esse relacionamento de amor: “Não é suficiente uma parada momentânea em Sua presença, mas nossa necessidade é um contato pessoal com Cristo, sentando-nos em Sua companhia. Felizes serão os filhos de nossos lares e estudantes de nossas escolas quando pais e professores aprenderem a preciosa experiência descrita nestas palavras do Cântico dos Cânticos: ‘Como uma macieira entre as árvores da floresta é o meu Amado entre os jovens. Tenho prazer em sentar-me à Sua sombra; o Seu fruto é doce ao meu paladar. Ele me levou ao salão de banquetes, e o Seu estandarte em mim é o amor’” (Ct 2:3, 4, NVI; *Educação*, p. 261).

O verso de hoje apresenta as palavras da noiva que está encantada pelo amor do noivo, certa de que todas as pessoas têm razões para sentirem-se atraídas a ele. É maravilhoso ter razões para celebrar o amor entre casais. Entretanto, nada supera as razões que temos para festejar o amor de Cristo.

“É o amor de Cristo que faz o nosso Céu. Mas quando procuramos falar desse amor, a linguagem nos falha. Pensamos em Sua vida na Terra, Seu sacrifício por nós; pensamos em Sua atuação no Céu como Advogado nosso; nas mansões que está preparando para os que O amam; e só podemos exclamar: ‘Oh, as alturas e profundidades do amor de Cristo!’” (*Mente Caráter e Personalidade*, v. 1, p. 251). Temos razões de sobra para amarmos Jesus em gratidão pelo Seu cuidado por nós. Vamos recontá-las hoje e celebrar.

A porta do coração

Se alguém Me ama, guardará a Minha palavra; e Meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada. João 14:23

Tendo incluído em Suas palavras de despedida aos discípulos a promessa de Sua vinda, o Mestre continuou consolando-os com a garantia de lhes enviar o Espírito Santo, o “outro Consolador”, a fim de que estivesse para sempre com eles (v. 16). Reafirmou a promessa de Sua vinda e falou de Sua manifestação, por intermédio do Espírito Santo, na vida de todos quantos O amarem e aceitarem. Nesse ponto do discurso, tendo ainda em mente a esperada manifestação do Messias para aqueles dias, quando supostamente destruiria o poder governamental que dominava sobre a nação judaica, Judas, “não o Iscariotes” (v. 22), quis entender melhor o que Jesus havia acabado de dizer. O Mestre deixou claro que não seria o evento aguardado pela nação, mas ocorreria individualmente na vida do cristão.

“Se alguém Me ama, guardará a Minha Palavra, e Meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada” (Jo 14:23). Evidentemente, isso requer nossa disposição em abrir à Divindade a porta de nosso coração, diariamente. Então, “o encanto de uma mente mais forte e mais perfeita pairará sobre nós, pois temos ligação viva com a fonte de poder duradouro. Em nossa vida religiosa seremos levados em cativo a Jesus Cristo. Não mais viveremos a comum vida de egoísmo, mas Cristo viverá em nós” (Ellen White, *Parábolas de Jesus*, p. 61). Essa experiência caracteriza nosso crescimento em santificação.

É preciso ter em mente que Cristo não deseja ser apenas um visitante em nossa vida. Ele quer ter a chave de nosso coração, entrar, e nele fazer morada. Deseja se apossar dele, limpar cada recanto, remover o lixo e reeducar hábitos e gostos. “Se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei” (Ap 3:20).

Lembre-se de que a imagem bíblica do coração refere-se à mente, que é onde acontecem as batalhas espirituais. É o centro da consciência. Usando-a, refletimos, percebemos, pensamos,

aprendemos, amamos, odiamos, memorizamos, comunicamo-nos com Deus, analisamos e decidimos. Por isso, o inimigo vale-se de suas estratégias para assumir o controle da mente, que deve estar inteiramente nas mãos de Deus.

A fim de vivermos a beleza do cristianismo, o que mais necessitamos é o pulsar da vida de Cristo em nosso coração, o pensar e agir Dele em nós. Cada novo dia é uma graciosa oportunidade para abrirmos a porta do coração e recebê-Lo.

Milagre no Jordão

Tomara o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restauraria da sua lepra. 2 Reis 5:3

As lições dessa história começam com uma menina israelita que tinha tudo para viver infeliz e sob traumas. Levada cativa por soldados sírios, ela foi obrigada a trabalhar como escrava na casa de Naamã, comandante do exército real. Apesar disso, não perdeu a fé e se colocou em condições de ser usada por Deus. Acometido de lepra, Naamã visitou os melhores médicos e curandeiros em busca de restauração, porém não teve êxito. Ao saber da condição de seu senhor, a menina falou à sua patroa sobre Eliseu, o profeta que podia ajudá-lo.

Impressionado por aquele testemunho, o comandante, devidamente recomendado pelo rei, cheio de esperança e levando consigo presentes caríssimos como pagamento pela cura, foi até Eliseu. No encontro, ouviu a estranha receita do profeta: “Vai, lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será restaurada, e ficarás limpo” (v. 10). Ele esperava conseguir muito mais, além do que, em sua avaliação, havia na Síria rios “melhores do que todas as águas de Israel” (v. 12).

Aconselhado por seus servos, Naamã atendeu a orientação e foi curado. Entretanto, ao tentar efetuar o pagamento pela bênção recebida, teve nova decepção: Eliseu recusou a oferta, apesar da insistência dele. Atento aos fatos, Geazi, o servo do profeta, protagonizou mais uma lição. Tendo Naamã partido de volta, Geazi o alcançou e, inventando uma história, pediu para si parte dos presentes (v. 22, 23). Confrontado por Eliseu na volta para casa, ele se desculpou mentindo. Seu oportunismo foi castigado com a lepra (v. 27).

O primeiro ato da história nos lembra de que não existem pessoas insignificantes no plano de Deus. Ele usa todos os que se colocam a Seu dispor. Não apenas a inocente menina que falou sobre Eliseu, mas também os anônimos oficiais que incentivaram Naamã a deixar o vaidoso constrangimento e obedecer ao profeta fizeram a diferença.

No segundo ato, somos lembrados de que compartilhar bênçãos espirituais não é meio de obter ganho material, conforto ou benefício pessoal de qualquer espécie. Somos servos do Deus Altíssimo, condutores de Suas bênçãos para todas as pessoas. Ele Se encarregará de nos recompensar ao modo Dele.

Finalmente, o Senhor tem mil soluções simples para nossos problemas. Nós é que muitas vezes complicamos as coisas. Se não nos intrometermos, mas obedecermos sem questionamentos às Suas orientações, veremos que tudo acabará bem.

Cegueira fatal

A soberba do teu coração te enganou. Obadias 1:3

Em apenas 21 versos, o livro de Obadias contém uma mensagem a ser lembrada. Ela é dirigida aos edomitas, povo descendente de Esaú. Eles haviam se tornado oponentes dos israelitas e, nessa condição, se enriqueceram ao roubarem os bens dos moradores de Jerusalém (v. 13). Os edomitas se orgulhavam dessa atitude, somada às habilidades militares, coragem e aos aliados que possuíam. Outra razão de seu orgulho eram as fortalezas naturais e artificiais, habitações nas rochas onde enganosamente se sentiam seguros contra os ataques dos inimigos.

“Tu que habitas nas fendas das rochas, na tua alta morada, e dizes no teu coração: Quem me deitará por terra? Se te remontares como águia e puseres o teu ninho entre as estrelas, de lá te derribarei” (v. 3, 4), advertiu o Senhor. Mesmo com essa sentença, contra a qual nem um ser pode resistir, eles não pareciam preocupados. É sempre assim. O soberbo e arrogante não enxerga o caminho descendente pelo qual envereda. Por isso somos advertidos de que “nada é tão ofensivo a Deus nem tão perigoso para o espírito humano como o orgulho e a presunção. De todos os pecados é o que menos esperança incute, e o mais irremediável” (Ellen White, *Parábolas de Jesus*, p. 154).

Apesar de tudo, o Senhor não tinha o propósito de destruir os edomitas, mas salvá-los. O orgulho, porém, não abriu caminho para que entendessem o amor divino e se arrependessem (v. 7). Entre tantas oportunidades que lhes foram dadas, poderiam ter agido de modo contrário aos estrangeiros opressores do povo de Deus, mas fizeram “exatamente como eles” (v. 11, NVI). A cegueira era total.

Somente nos escondendo em Cristo, aprendendo de Sua mansidão e humildade de coração (Mt 11:29), podemos estar livres da cegueira do orgulho. Isso torna oportuno que façamos nossa esta oração de Mildred Hill: “Senhor, faze de mim um prego bem preso na parede. E nessa coisa tão comum e tão pequena, pendura um quadro de Tua

face, para que os viajantes cansados da jornada possam fazer uma pausa a fim de contemplá-Lo. Então, em cada face radiante, fique gravada de tal modo que nada consiga apagar a imagem de Tua glória e Tua graça. Senhor, não permitas que ninguém pense em mim. Que eu seja, apenas, um prego na parede, mostrando a Tua face” (Glenn Coon, *The ABC's of Bible Prayer*, p. 1).

Lembre-se Dele

Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho. 2 Timóteo 2:8

Um grupo costumava se reunir uma noite por semana, para aprender mais a respeito da Bíblia, segundo afirmavam. Quando um jovem passou a frequentar a igreja, a primeira coisa que lhe propuseram foi participar daquele grupo, em que alguns irmãos reconhecidos como especialistas nas Escrituras expunham seus conhecimentos. Isso pareceu ser exatamente o que o moço procurava. Entretanto, ao terminar o primeiro encontro do qual participou, o sentimento era de frustração. A maior parte do tempo foi gasta num diálogo árido a respeito de datas, fatos históricos e genealogias. O vazio do coração daquele rapaz pareceu ampliar-se até que, por outras vias, ele finalmente encontrou o que mais desejava: a pessoa maravilhosa de Jesus Cristo.

Certa ocasião, Paulo aconselhou Tito a não investir tempo em assuntos que “não têm utilidade e são fúteis”. Conforme suas palavras, “discussões insensatas, genealogias, contendas e debates sobre a lei” (Tt 3:9). Referia-se primariamente a debates sobre questões mosaicas e tradições farisaicas, cujo resultado prático seria a divisão (1Tm 1:4).

A Timóteo, ele aconselhou que se lembrasse de Cristo, o centro da mensagem cristã, a quem o jovem colaborador deveria ter constantemente diante de si. Provavelmente fosse uma forma de se contrapor às ideias filosóficas que negavam a realidade da existência humana de Jesus. “Lembra-te de Jesus Cristo.” Esse é um conselho para reflexão sobre a pessoa do Salvador, Seu amor por nós, Sua vida, morte, ressurreição. “Faria muito bem para nós passar diariamente uma hora refletindo sobre a vida de Cristo. Devemos considerá-la ponto por ponto e deixar que a imaginação tome conta de cada cena, especialmente as finais” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 83).

Precisamos desse conselho. Se a vida parecer desprovida de sentido,

lembre-se de Cristo, único suficientemente capaz de preenchê-la com significado e propósito. Diante de filosofias e verdades ao gosto de cada um, pense em Jesus, “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14:6). Nada é mais forte e tranquilizador do que a lembrança Dele ao enfrentarmos provações. Em Sua ressurreição, Ele venceu o sofrimento e a morte. Prestes a cair na armadilha da tentação, “lembre-se de Jesus Cristo” e clame Seu nome em busca de socorro. Nada mais é necessário para que a vitória aconteça.

Não desista!

Se perseveramos, também com Ele reinaremos; se O negamos, Ele, por sua vez, nos negará. 2 Timóteo 2:12

Praticando hipismo, Claire Lomas e o cavalo se chocaram contra uma árvore. Costelas quebradas, perfurações no pulmão, fraturas múltiplas no pescoço e uma lesão na medula deixaram-na paralisada do tronco para baixo em 2007. Em meio ao sofrimento, ela encontrou motivação para se tornar a primeira pessoa a terminar uma maratona com ajuda de um exoesqueleto. Ela completou o percurso da maratona de Londres em 16 dias. Geralmente, nas histórias de perseverança com final feliz, o esforço humano é sempre o grande destaque, seja no âmbito financeiro, acadêmico, profissional ou esportivo.

De fato, se estabelecemos projetos de vida e temos a certeza da aprovação divina sobre eles, podemos estar certos de poder enfrentar as dificuldades e concretizá-los. Mas a corrida espiritual é de significado e valor infinitamente superiores a quaisquer planos que façamos. Trata-se de uma corrida para a eternidade que também não dispensa desafios. Nos versos anteriores, o apóstolo relembra as perseguições que sofreu. O inimigo de Deus e de todo o bem não se manterá passivo, sem causar algum distúrbio à vida de um fiel cristão. No entanto, na Bíblia, somos repetidamente incentivados a perseverar. Paulo escreveu: “Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa” (Hb 10:36). E o apóstolo Tiago disse: “Eis que temos por felizes os que perseveram firmes” (Tg 5:11). Tendo em mente o perigo de alguém renunciar à fé diante de perseguições, Jesus condicionou à perseverança o recebimento do galardão eterno: “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 24:13).

O verso de hoje é apenas mais um em que Paulo ecoou essa condição. Contudo, ao contrário do que ocorre no campo das conquistas materiais, apenas esforço humano não garante o sonhado final feliz. É necessário haver entrega a quem pode restaurar o que foi

perdido ou possibilitar o que nunca foi conseguido. Necessitamos de Cristo. “Onde Cristo Se faz presente, também presente está a vida e a bem-aventurança. Devemos manter-nos firmes a esta comunhão que temos com Cristo, para que não morramos em nós mesmos, mas com Ele, para que sejamos companheiros de Sua glória” (João Calvino, *As Pastorais*, p. 230). Por isso, Paulo fala de perseverarmos “com Ele”, não com nossos limitados recursos espirituais. O segredo está nesta afirmação de Cristo: “Permaneçam em Mim” (Jo 15:4, NVI).

Selados para a salvação

Depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa. Efésios 1:13.

A utilização de selos vem dos tempos em que a distância geográfica entre as pessoas passou a requerer o envio de documentos e correspondências. Entre as formas existentes de selo, havia os símbolos impressos em objetos que selavam documentos, autenticando assinaturas e identificando a autoridade delas. Selos de metal e cera lacravam as correspondências e apenas seus destinatários podiam abri-las. A criação do primeiro selo postal data de 1840, na Inglaterra, com o objetivo de comprovar o pagamento da tarifa pelo remetente, em substituição à prática anterior de pagamento feito pelo destinatário. Três anos depois, o Brasil criou seu primeiro selo.

No mundo religioso, a ideia de selamento não é estranha. Pagãos costumavam tatuar na pele de um adepto a divindade à qual pertenciam. Para os judeus, a circuncisão era como o selo do pacto feito por Deus com Abraão, que os identificava como pertencentes a Ele.

O processo de selamento mencionado por Paulo não significa distintivo ou marca exterior, de caráter material, para identificação de quem o possui, embora seja verdade que isso será percebido pelos frutos produzidos na vida. Nessa experiência, inicialmente, a luz do evangelho brilha sobre o cristão que, em seguida, abre a mente e o coração para aceitá-la e nela crer. Então o selamento é realizado pelo “Espírito Santo da promessa.” Essa marcação envolve a impressão, em nossa consciência, de que somos filhos de Deus (1Jo 5:10). A Ele pertencemos. O Espírito nos dá a certeza de que estamos sob o domínio do Pai. Em consequência, exceto nossa vontade, nada existe que nos possa tirar de Suas mãos. Diante de tão sublime verdade, não há justificativas para a insegurança na vida cristã.

O apóstolo nos assegura que isso “é a garantia da nossa herança até a

redenção daqueles que pertencem a Deus, para o louvor da Sua glória” (Ef 1:14, NVI), ou seja, até que todos nós, remidos pelo sangue de Jesus, sejamos libertos completamente do pecado. Essa marca de filiação divina atesta a influência santificadora que Ele produz, habilitando-nos para o Céu. E, pela fé, faz-nos desfrutar a felicidade eterna.

Essa influência sela cada cristão como filho de Deus e herdeiro do Reino celestial. Para isso fomos criados, para isso fomos resgatados. Os propósitos de Deus serão cumpridos na vida “daqueles que pertencem a [Ele], para o louvor de Sua glória.”

O selo de Deus

Santificai os Meus sábados, pois servirão de sinal entre Mim e vós, para que saibais que Eu sou o SENHOR, vosso Deus. Ezequiel 20:20

Se o senso de pertencimento a Deus que o Espírito imprime na consciência do cristão traz a marca da influência que Ele produz, habilitando-nos para o Céu, como vimos ontem, obviamente isso terá sua expressão natural no estilo de vida. A vida cristã não é uma experiência passiva, mas ativa de crescimento em Cristo. Esse desenvolvimento é evidenciado pela obediência a todos os princípios enunciados em Sua lei, cujo quarto mandamento se destaca como o distintivo da autoridade divina sobre toda a criação: “Porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há” (Êx 20:11). Então, o Senhor descansou nesse dia, “abençoou o dia de sábado e o santificou.” Estabeleceu-o como memorial da criação e da própria vida (Gn 2:1-3).

Ao ser ligado à atividade criadora de Deus, o sábado ganha um significado que não se limita à questão do tempo. É sob esse ângulo que ele deve ser observado. Muito além de ser um dia em que as atividades materiais devem ser suspensas, o sábado é um dia cuja aceitação é nosso testemunho de submissão à soberania de Deus, Sua autoridade e direito de propriedade sobre nós. “Deus não queria um mundo que se apartasse Dele, queria-o dedicado a Ele. O sábado seria a marca dessa santidade e a expressão de que a vida do ser humano estava dedicada a Deus. Foi estabelecido para que o homem, liberado de todas as coisas que não concedem santidade, possa relacionar-se com Deus” (Mario Veloso, *O Homem: Uma Pessoa Vivente*, p. 46).

Ao realçar diante dos israelitas a importância de honrar o sábado, Deus deixou claro que essa seria a marca de lealdade e de que O reconheciam como Senhor. O fato de que Ele o tenha distinguido dessa maneira é extremamente importante para sua permanência e observância entre Seus filhos, em todos os tempos da História. Para o Israel espiritual, o sábado continua sendo o sinal, o distintivo externo

que o mundo descrente pode ver naqueles que “ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou” (Ef 1:13, NVI).

Jesus Cristo é a inspiração maior para vivermos essa verdade. Ele, a Palavra encarnada, o Autor da lei, veio ao mundo por Ele criado, viveu entre homens, observando tudo o que a lei requeria. Da mesma forma, dá-nos graça e poder para fazer o mesmo.

Vislumbre da glória

Olhando ao redor, a ninguém mais viram com eles, senão Jesus. Marcos 9:8

Ao cair de uma tarde, depois de um dia cansativo em que Jesus Cristo, tendo a Seu lado os discípulos, havia curado física e espiritualmente muitas pessoas, ainda havia algo a fazer. Algo infinitamente mais restaurador do que o descanso físico estava reservado para três discípulos. Que pensamentos ocupavam a mente deles? Não sabemos. Provavelmente tivessem grande curiosidade para saber o motivo do convite do Mestre. Quaisquer que tenham sido as interrogações, elas foram interrompidas por um chamado à oração. Eles o atenderam, mas logo adormeceram.

Jesus continuou orando, preocupado com os discípulos, consciente da proximidade do fim de Seu ministério terrestre. Conhecia o coração deles, sabia que poderiam desanimar diante dos acontecimentos que logo teriam lugar. Então, pediu que o Pai lhes desse um vislumbre de Seu reino glorioso. Precisariam de algo a que se apegar para que a fé não vacilasse naquele momento que seria tão difícil. Ainda hoje, Ele sempre providencia mais do que suficientes evidências de Si mesmo para que não desanimemos em nenhuma situação.

Então transfigurou-Se, revelando na face a glória divina. “As Suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar” (Mc 9:3). Ao lado Dele, Moisés e Elias. O primeiro, “um testemunho da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte”, representando “os que sairão do sepulcro na ressurreição dos justos” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 442). O segundo representando “os que estarão vivos na Terra por ocasião da segunda vinda de Cristo” e serão transformados (ibid.). Petrificados diante do que viam, os discípulos nada disseram, exceto Pedro, que sugeriu a permanência deles ali (v. 5). Então a voz do Pai, entre nuvens, lhes falou: “Este é o Meu Filho amado. Ouçam-No!” (v. 7, NVI).

Ao som dessa voz, os discípulos caíram por terra (Mt 17:6). Despertados, “a ninguém mais viram, senão Jesus” (Mc 9:8). Essa é a visão que sempre deve prevalecer: a visão de Jesus, como “Filho amado” de Deus, em Sua vida, morte e ressurreição; poderoso para salvar e socorrer em todos os momentos e situações; Jesus intercessor; Jesus vitorioso. Pela graça divina, um dia O veremos no esplendor da glória que tem junto ao Pai, desde antes da criação do mundo (Jo 17:24). Acaso, há outro alguém tão precioso cuja visão devemos manter diante de nós ao longo da vida?

O privilégio de ser filho

Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no Seu nome. João 1:12

Ações reivindicatórias de reconhecimento de paternidade não são incomuns no cotidiano judiciário. Nem sempre o processo transcorre em paz. Às vezes há fortunas envolvidas na questão e, na eventualidade de se acrescentar mais um herdeiro, a avareza pode falar mais alto. De fato, quem busca esse reconhecimento nem sempre está de olho em dinheiro. Muitas vezes, tudo o que deseja é resgatar ou ter uma identidade, a fim de preencher um vazio na própria história. Para muitas pessoas, não conseguir isso tem sido tragicamente frustrante.

Felizmente, no âmbito espiritual, Aquele a quem pertencem a prata e o ouro (Ag 2:8), as incalculáveis riquezas eternas, e cujo nome está “acima de todo nome” (Fp 2:9) não se constrange em tomar a iniciativa de nos aceitar como filhos e filhas. Indigentes e errantes, não precisamos recorrer a nenhuma corte judicial na Terra ou no Céu, a fim de obter esse privilégio. Em realidade, talvez nem estivéssemos interessados em tomar a iniciativa, mas Ele o fez. Disponibilizou-nos “a suprema riqueza da Sua graça” (Ef 2:7). Simplesmente espera que O recebamos e creiamos “no Seu nome.” João, o apóstolo do amor, extravasou sua alegria como que nos convidando a experimentá-la igualmente: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus” (1Jo 3:1). Direito pelo qual muitos lutam no âmbito material nos é concedido espiritualmente como privilégio da graça e do amor do Pai. Por iniciativa Dele!

Na condição de filhos do Altíssimo, tornamo-nos herdeiros de tudo quanto Ele é e tem. Um dia, veremos a plenitude do que Ele é; mas a graça nos dá, aqui e agora, tudo o que Ele tem. Dele recebemos perdão, salvação e segurança de vida eterna, entre outros bens de valor imperecível. Logicamente, eles pertencem a quem O aceita e crê em

Seu nome, experiência que vai além do mero conhecimento teórico. Crer “no Seu nome” é ter a garantia dos recursos da salvação de Deus disponibilizados mediante Jesus Cristo. É aceitá-Lo, nascer de novo (Jo 1:13; 3:3) e viver num relacionamento cada vez mais próximo, a ponto de nos parecermos com Ele, assim como é natural que um filho se pareça com o pai.

Oração por um pecador

Se alguém vir a seu irmão cometer pecado que não para morte, pedirá, e Deus lhe dará vida aos que não pecam para a morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que rogue. 1 João 5:16

Incômodo por sua natureza, o confronto com o transgressor e seu erro não precisaria ser ainda mais complicado, caso fossem seguidos os passos bíblicos. O gosto (péssimo) por certas novidades faz com que muitos “cristãos” se limitem a cochichos a respeito do assunto, às vezes ansiosos pelos “próximos capítulos”, em vez de colocar os pés sobre as pegadas do Mestre e agir à semelhança do que Ele faria e ensinou: “Vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão. Mas, se ele não o ouvir, leve consigo mais um ou dois outros [...]. Se ele recusar a ouvi-los conte à igreja; e se ele se recusar a ouvir também a igreja, trate-o como pagão ou publicano” (Mt 18:15-17, NVI). Simples assim.

Em 1 João 5, depois de apresentar argumentos favoráveis à divindade de Cristo e discutir sobre a ligação entre o amor e os mandamentos de Deus, o apóstolo fala do pecado e de suas implicações na vida de um cristão. Ao abordar o assunto, João expõe o modo pelo qual os cristãos devem tratar o irmão transgressor: orar em favor daquele que cometeu “pecado que não para morte”. Que tipo de pecado é esse? Certamente, o pecado cometido, reconhecido, confessado e abandonado (1Jo 1:9). “Pecados cometidos por aqueles que realmente desejam servir a Deus, mas que sofrem de uma vontade débil e com hábitos fortes são muito diferentes dos pecados deliberadamente cometidos em desafio aberto e intencional contra Deus. [...] O pecado menor, que passa rapidamente pelo arrependimento e é perdoado, não é um pecado para morte” (Comentário Bíblico Adventista, v. 7, p. 750). Evidentemente, arrependimento e confissão de pecado considerado “grave” deixam livre da morte o culpado.

Contudo, “há pecado que leva à morte”, diz o apóstolo, ao mesmo

tempo em que não proíbe nem incentiva a oração em favor de quem o comete. Esse é o pecado intencional, obstinado, conhecido, admitido, mas não confessado nem abandonado. De fato, é uma negação voluntária da verdade do evangelho e de Jesus Cristo. No entanto, uma vez que João não proíbe nem incentiva a oração em favor desses casos, sabendo que somente Deus conhece os corações, nós sabemos perfeitamente o que fazer à parte de criticar, julgar e condenar. “Enquanto há vida, há esperança”, costumamos repetir. Conhecendo as maravilhas da oração intercessória, temos sempre a chance de praticá-la. Os resultados estão nas mãos de Deus.

Refúgio seguro

Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom; bem-aventurado o homem que Nele se refugia. Salmo 34:8

O cuidado que lhe fora dispensado, o perdão recebido, a proteção contra inimigos e uma infinidade de outros favores levaram Davi a celebrar repetidamente a bondade do Pai celestial. “Como é grande a Tua bondade, que reservaste aos que Te temem!” (Sl 31:19); “Pois a bondade de Deus dura para sempre” (Sl 52:1); “Rendam graças aos SENHOR por Sua bondade” (Sl 107:8); “A Terra, SENHOR, está cheia da Tua bondade” (Sl 119:64). São apenas alguns exemplos que encontramos ao longo do livro. Em nosso texto, Davi convida seus leitores a fim de que provem e vejam, conheçam por experiência própria, que “o SENHOR é bom.” Isso ele mesmo tinha feito.

“Como Deus é imutável, a intensidade de Sua benignidade não sofre variação”, diz Aiden Tozer. “Ele nunca foi mais bondoso do que é agora, nem será jamais menos bom. Ele não faz acepção de pessoas, mas envia a chuva sobre justos e injustos, e faz o Sol brilhar sobre os maus e os bons. A causa de Sua bondade está Nele mesmo; os que recebem a Sua bondade são Seus beneficiários sem que tenham méritos próprios ou mereçam recompensa!” (*Mais Perto de Deus*, p. 99).

Provar e ver a bondade do Senhor não se limita a alimentar pensamentos superficiais a respeito dela. Devemos apreciar a realidade de que Ele é bom e celebrá-la com todo nosso ser. Dessa maneira, seremos animados a confiar Nele, entregar-Lhe nossos anseios e medos, descansando no refúgio de Seu amor. Feliz o homem que faz isso! Milhares de outros filhos de Deus já desfrutaram essa experiência.

Em 1740, enquanto pregava na Irlanda, Charles Wesley foi vítima de acirrada oposição que o obrigou a fugir, encontrando abrigo em uma fazenda. A esposa do proprietário o escondeu na leiteria, mas a turba enfurecida chegou exigindo que ela o entregasse. Sabiamente, a mulher ofereceu lanche àquelas pessoas e, enquanto comiam, ela

orientou Wesley para que se abrigasse em um cercado formado por arbustos. Ali, ele compôs o hino “Ó Amante de minh’alma” (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 380), que lhe trouxe paz ao coração. A letra começa com esta estrofe:

“Ó Amante de minh’alma, deixa-me em Teu peito estar, / quando o vento rouba a calma, quando brame irado o mar. / Guarda-me, bom Salvador, té o temporal passar; / Guia-me em Teu terno amor, quero em Ti me refugiar.”

Tenha certeza de que Deus não nos deixará sem abrigo. Ele nos protegerá nos temporais da vida.

Nas mãos do Senhor

Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, Comigo. Apocalipse 3:20

As cartas que no livro do Apocalipse são dirigidas às sete igrejas da Ásia Menor descrevem a condição espiritual do cristianismo em diferentes fases de sua trajetória. Entretanto, nós que temos nos ocupado tanto com os detalhes históricos, fracassos, sucessos, exemplos de fidelidade e missão relacionados a cada caso, devemos estar atentos ao que essas mensagens nos dizem ainda hoje, pois “tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar” (Rm 15:4, NVI), não apenas no sentido informativo.

Acredito que o fato mais relevante em todas as fases do cristianismo é a presença de Cristo Jesus, “o Primeiro e o Último”, “o Filho de Deus”, “o Santo, o Verdadeiro”, o “Amém, a Testemunha fiel e verdadeira” (Ap 1:17; 2:18; 3:7, 14). Ele está presente em todos os momentos da igreja, cuidando dela, aconselhando, advertindo Seu povo com amor ou recompensando-o com bênçãos no presente e promessas preciosas relacionadas ao futuro. A presença de Cristo é a garantia de que Seus filhos serão vitoriosos, desde que não Lhe fechem a porta do coração, mas permitam que Ele execute Sua obra transformadora.

Nada existe em nossa vida que escape ao exame da “espada afiada de dois gumes” que é Sua Palavra, nem de Seu olhar aguçado “como chama de fogo” (Ap 1:16; 2:16). Jesus sente o esfriamento do amor com que inicialmente O aceitamos. Então, Ele nos reconquista. Conhece a extensão e a eventual hesitação de nossa fé diante do elevado preço do discipulado. Ele nos anima, reafirmando o galardão a nós preparado: “a coroa da vida” (Ap 2:10). A respeito dela, Ele diz: “Conservas o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Ap 3:11). O Senhor da igreja ainda condena a tolerância que ela tende a manter diante da influência do mundo e seus conceitos, a exemplo do que ocorreu com as igrejas de Sardes e Pérgamo.

Além disso, agrada-Se do zelo missionário dos tempos de Filadélfia e

reprova a autoconfiança de Laodiceia. A essa última oferece as riquezas de Sua graça, a fim de que reconheça sua nulidade e reencontre Nele seu real significado. Há o risco de rejeição, caso não o faça; mas, acima desse risco, destaca-se a Sua figura batendo à porta de nosso coração, em graciosa insistência para que O deixemos estar conosco, bem à vontade, sem barreiras de formalidades, como amigos que desfrutam alegremente o aconchego de uma refeição. Mais do que nós mesmos podemos desejar, Ele anseia por esse momento.

Pacificadores em guerra

*Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada.
Mateus 10:34*

Aqui está mais um aparente paradoxo do evangelho. Cristo, o “Príncipe da Paz” (Is 9:6), “a nossa paz” (Ef 2:14), Aquele que declarou “bem-aventurados os pacificadores” (Mt 5:9), apresenta-Se nesse verso como Aquele que veio trazer espada à Terra. E, nos versos seguintes, ainda menciona a divisão entre familiares, resultante de eventual compromisso firmado com Ele.

Os judeus geralmente relacionavam a existência de paz e prosperidade à presença do Messias, e os discípulos alimentavam o mesmo sonho. Jesus deixou claro que não seria necessariamente dessa maneira. A aceitação Dele nem sempre seria unanimidade, nem mesmo entre familiares ou amigos. Os discípulos receberam a missão de pregar às “ovelhas perdidas de Israel” (Mt 10:6), e esse era um campo de trabalho caracterizado pela incredulidade em Cristo. Essa atitude tornaria difícil a tarefa e, para eles, as reações seriam surpreendentes. Assim, o discurso do Mestre foi um choque de realidade para aquele grupo.

Mesmo sendo Jesus o pacificador entre Deus e o ser humano, autor e doador da paz para Seus filhos, o evangelho que Ele personificou e que deveria levar paz entre as pessoas pode se tornar motivo de separação entre elas. Não porque o evangelho torne seus adeptos hostis e promotores da discórdia; mas, porque ele derruba tradições e oferece um modelo radical de vida fundamentado na entrega pela fé. O evangelho requer lealdade incondicional. A transformação decorrente disso chamará atenção e suscitará reações. Os incrédulos certamente não aceitarão e, de algum modo, expressarão seu desgosto.

Verdade e mentira jamais conviverão pacificamente. Onde a luz chega, a treva se vai. Nossa época, na qual prevalecem conceitos que minam a influência da fé, provavelmente seja a mais difícil para vivermos o evangelho e colocarmos em prática o discipulado, mas não

precisamos temer. Por Sua graça e no poder do Espírito Santo, devemos viver o evangelho e torná-lo conhecido. Nosso Mestre andou por essa mesma estrada, e em Suas pegadas devemos prosseguir. Ao preparar nosso coração para a guerra a ser enfrentada, Ele nos animou: “Não temais” (v. 31), e assegurou a recompensa: “Todo aquele que Me confessar diante dos homens, também Eu o confessarei diante de meu Pai” (v. 32). Mesmo as ameaças que vierem a surgir contra nossa vida terrestre não atingirão a vida eterna que nos está prometida e assegurada Nele.

Quando falta o vinho

Então, ela falou aos serventes: Fazei tudo o que Ele vos disser. João 2:5

Tenho a impressão de que um dos itens mais preocupantes na elaboração de uma festa de casamento é a lista de convidados. Sempre há o desejo de convidar mais pessoas do que é possível. Manuais de orientação aos noivos dão a eles ampla liberdade de fazerem tudo levando em conta o grau de proximidade que têm com os eventuais convidados e as próprias possibilidades. É certo que nem tudo será perfeito. Alguém ficará de fora. Embaraço maior talvez seja o de que, durante a recepção, aconteça a surpresa de um atendimento inadequado, a exemplo do que ocorreu na vila de Caná, na Galileia, em uma cerimônia da qual Jesus e Seus discípulos faziam parte.

A festa de casamento em Israel era uma ocasião cheia de felicidade. Estendia-se por vários dias, e o momento culminante era quando a noiva entrava na casa do noivo. Amigos que morassem na cidade eram convidados, assim como os familiares, mesmo que morassem distantes. Tudo transcorria bem em Caná, quando o pior aconteceu: faltou vinho, uma situação que poderia gerar uma crise. Esse vexame poderia dar motivo para que os convidados tivessem o direito de iniciar um julgamento contra a família do noivo, o que poderia resultar em uma pesada indenização financeira.

Ressalte-se, inicialmente, a empatia demonstrada por Maria, ao recorrer a seu Filho, quem realmente podia solucionar o problema: “Eles não têm mais vinho” (Jo 2:3). A resposta de Jesus, porém, educada e plenamente de acordo com os costumes locais, deixava claro que Sua missão não dependia da agenda de seus pais terrestres. Foi assim em sua ida ao templo, aos 12 anos (Lc 2:49). Além disso, o tempo de Cristo para resolver problemas nem sempre é o nosso. Esse é o momento em que devemos ter fé submissa e esperar pacientemente Nele. Tendo o controle da situação, Ele agiu fazendo provisão abundante de vinho (cerca de 570 litros) e de melhor qualidade (v. 10). Não se esqueça: Ele sempre faz “infinitamente mais do que tudo o

que pedimos ou pensamos” (Ef 3:20).

As lições desse milagre vão além da falta do “vinho” da alegria no casamento, que pode ser restaurado por Ele. Em toda situação de escassez e crise em nossa vida, Ele está presente para socorrer. Ao nos submetermos a Seus planos, teremos oportunidades de ver Seus milagres suprimindo nossas necessidades.

Evangelho ornamentado

Ensine os escravos a [...] mostrarem que são inteiramente dignos de confiança, para que assim tornem atraente, em tudo, o ensino de Deus, nosso Salvador. Tito 2:9, 10, NVI

Cansadas de receber más notícias todos os dias, as pessoas precisam ouvir a maravilha do evangelho e a esperança que ele contém. Em meio a tantos atos de deslealdade, fraudes e desonestidade, elas desejam encontrar alguém que seja digno de confiança. Os cristãos têm as duas coisas: na palavra e no estilo de vida. Por meio desses dois recursos, eles podem apresentar a beleza inigualável do evangelho, seu amor e sua pureza, acima de todos os atrativos criados pelo mundo com o propósito de superá-lo no interesse das pessoas.

Infelizmente, há o risco de que alguns cristãos apaguem essa beleza pela imposição de critérios pessoais aos ensinamentos do Mestre, acrescentando a eles as próprias tradições e seus conceitos, à semelhança dos fariseus do tempo de Jesus (Lc 11:46). Que atração imaginamos existir num evangelho que seja apresentado à margem do amor, da graça e da misericórdia Daquele que é seu autor? O legalismo é extremamente prejudicial à fé e à salvação de alguém. Ao contrário de atrair ao evangelho, ele causa repulsa.

Isso nos leva à outra forma de eliminar a atratividade dos ensinamentos de Cristo: a incoerência entre a teoria e prática no estilo de vida. Paulo falou sobre isso a Tito, a propósito dos escravos. Russell Champlin lembra que, durante muito tempo, o cristianismo conviveu com a escravidão, “tentando apenas humanizar a prática”, até que “o amor cristão destruiu a citada instituição, mas isso precisou da passagem de muitos séculos” (*O Novo Testamento Interpretado*, v. 5, p. 630). Ao mesmo tempo, escravos também aceitavam a Cristo e se convertiam. Entretanto, antes dessa nova e transformadora-experiência, tinham muitas oportunidades de se comportar indignamente no exercício de suas atividades, e efetivamente o faziam: roubavam seus senhores, insurgiam-se contra eles, fraudavam

e causavam prejuízos.

O fato de que tivessem aceitado Jesus naturalmente requeria que o mau procedimento fosse abandonado. Isso, Paulo esclareceu, por uma razão forte: tornar “atraente, em tudo, o ensino de Deus, nosso Salvador”. As pessoas precisam disso. A palavra “contextualização”, tão usada entre nós, implica a necessidade de tornar o evangelho o mais relevante e atraente possível para os ouvintes. No entanto, acima de tudo o que for proposto nesse sentido, nada é mais poderoso do que o testemunho vivo.

O beijo da traição

Aquele a quem eu beijar, é esse; prendei-O. Mateus 26:48

No Getsêmani, depois de ter aberto em oração a alma angustiada diante do Pai, Jesus despertou os discípulos que dormiam, informando-os da aproximação da comitiva que iria prendê-Lo. O grupo estava armado como se fosse enfrentar uma quadrilha, e tinha Judas à frente, como seu guia e informante. O beijo dado na face do Mestre escancarou a podridão de seu caráter e, num instante, ele assumiu seu lugar de personagem extremamente desprezível na história cristã.

O que teria levado esse homem a trair o Messias? Judas não havia sido um discípulo qualquer. Ao incluí-lo entre os doze, Cristo viu nele qualidades que poderiam ser úteis à causa do evangelho. Teve as mesmas oportunidades que tiveram os demais discípulos. Tudo indica que ele era influente e tinha acesso facilitado entre as autoridades religiosas, tanto que esteve com elas se oferecendo para entregar o Mestre e, depois, explodindo de remorso, para devolver as moedas, fruto da traição. Além disso, Judas era um hábil especialista em finanças e conquistou a confiança dos discípulos, tornando-se o tesoureiro do grupo e valendo-se dessa condição para roubar (Jo 12:6). De ladrão para traidor, a distância não foi grande.

As ideias nacionalistas que nutria jamais se harmonizaram com a descrição feita por Jesus sobre o caráter do Seu reino. Em vez de renunciar a elas, ruminava secretamente sua oposição e críticas a Ele. De fato, nunca O aceitou. Jesus “confiou-lhe a obra de evangelista. Concedeu-lhe poder para curar os doentes e expulsar os demônios. Entretanto, Judas não chegou ao ponto de se entregar totalmente a Cristo” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 717). Exteriormente, mostrava-se leal à causa, mas interiormente não era fiel ao Senhor dela.

Sem rendição incondicional e completa a Jesus, não há caráter que possa ser transformado, fraquezas que possam ser vencidas, más

tendências que possam ser redirecionadas. Só existe um meio pelo qual podemos ser desviados do caminho do espírito crítico e insubmisso, autossuficiência, vaidade, hipocrisia, desonestidade, avareza e de interesse egoísta, que caracterizou Judas. Esse meio é o reconhecimento de nossa vulnerabilidade e a entrega sincera e diária do controle da vida a Ele, que conhece os verdadeiros motivos e intenções do coração.

Quanto você vale?

Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados [...], mas pelo precioso sangue, [...] o sangue de Cristo. 1
Pedro 1:18, 19

De vez em quando, circulam pela mídia notícias de leilões em que são colocados à venda objetos raros ou de pessoas famosas. Não faltam consumidores dispostos a investir altas quantias de dinheiro para resgatar esses objetos. Para eles, o evento é como um *hobby*. A revista *Forbes* (on-line) publicou uma lista com alguns dos objetos mais caros leiloados na história. Entre os itens estão:

- O quadro “Salvator Mundi”, de Leonardo da Vinci, vendido em 2017 por 450 milhões de dólares. Esse valor corresponde a “mais do que o dobro do preço de qualquer outra obra de arte já leiloadada”.
- A pedra de diamante bruto chamada “The Constellation”, encontrada em Botsuana, na África, vendida em 2016 por 63 milhões de dólares.
- Um terno de Narendra Modi, primeiro-ministro da Índia, vendido em 2015 por 40 milhões de dólares. Esse valor foi doado para uma ONG que mantém um projeto de limpeza do rio Ganges.
- Um vaso da dinastia Song, com quase 900 anos, vendido em 2017 por quase 38 milhões de dólares, após uma série de lances que durou 20 minutos.
- Um búfalo, chamado Horizon, vendido em 2016 por mais de 11 milhões de dólares. Trata-se do búfalo que tem os genes mais puros de sua espécie.

É claro que o real valor desses itens está muito aquém do preço pago por eles. Estou certo de que nenhum de nós estaria disposto a fazer investimento igual, mas esse valor foi definido pelo dinheiro que alguém se dispôs a investir. Deixando o âmbito material e pensando no ser humano, é oportuno perguntarmos: Quanto nós valemos? Em uma avaliação reducionista atribuída pelos desvios éticos em nossos dias, tem-se dito que “todo homem tem seu preço”. Nesse sentido, não

deveria ter preço, mas falando em termos espirituais, é verdade que todos temos um preço; e não é avaliado por coisas terrenas, “como prata ou ouro”, conforme disse o apóstolo Pedro.

O preço pelo qual fomos resgatados nos confere um valor que não nos é inerente, a não ser pelo cálculo feito à luz do inexplicável amor de Deus. Fomos remidos pelo sangue de Cristo, um valor definido pelo preço que Alguém esteve disposto a pagar. Não somos um “zero à esquerda”. Se o Senhor esteve disposto a investir em nós a vida de Seu único Filho, devemos nos avaliar à luz de Sua graça. E viver agradecidos.

Vida no Espírito

Será que vocês não sabem que o corpo de vocês é o templo do Espírito Santo, que vive em vocês e lhes foi dado por Deus? Vocês não pertencem a vocês mesmos, mas a Deus. 1 Coríntios 6:19, NTLH

Entre os problemas da comunidade cristã de Corinto havia o pensamento, alimentado por algumas pessoas, de que nada do que fizessem fisicamente afetava sua experiência espiritual. Nesse caso, o cristão estaria livre para se entregar à promiscuidade sexual. Entretanto, Paulo contestou esse conceito, afirmando que o corpo do cristão é dádiva divina, santuário no qual o Espírito Santo habita (v. 13-15, 18). Fomos comprados pelo sangue de Cristo (v. 20; 1Pe 1:18, 19) e já não somos de nós mesmos. Portanto, é nosso dever glorificá-Lo em todos os nossos atos, fechando as portas à entrada do pecado. Nosso corpo é Dele.

Escrevendo aos romanos (Rm 8:1-17), o apóstolo deixou claro que todos os cristãos possuem a presença do Espírito em si, conseqüentemente, sem Ele, não pode haver conversão, transformação e santificação. É o Espírito Santo que nos torna filhos de Deus e nos dá garantia dessa verdade (Rm 8:14, 16). O Espírito nos liberta do domínio do pecado, concede-nos paz, poder e vitória (Rm 8:2, 6, 11, 13).

No verso de hoje, Paulo se refere à experiência individual do cristão, porém ele havia feito o mesmo lembrete no contexto da vida em comunidade: “Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Co 3:16). Portanto, não há lugar para discordâncias, pois o resultado disso é trágico (v. 17).

Contudo, a permanência do Espírito em nós e entre nós não acontece sem luta. “Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam” (Gl 5:17, NVI). É a nossa carne ou a natureza humana depois do pecado que nos atrai para o mal. O pecado nos fragilizou. Nessa condição, a natureza carnal

toma posse da pessoa que vive separada de Jesus e do Espírito Santo, fazendo-a cair.

No entanto, o Espírito não observa passivamente a guerra entre nossas tendências carnis e espirituais. Ele “nos assiste em nossa fraqueza” (Rm 8:26), lutando pela posse de nosso coração. Se nessa luta deve haver perdedor, esse é a carne. Por meio da entrega e submissão aos Agentes celestiais, a vitória é certa. Agora mesmo podemos renovar essa entrega e, então, celebrar: “Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Co 15:57).

No caminho da graça

*Não me repulses da Tua presença, nem me retires o Teu Santo Espírito.
Salmo 51:11*

O romance *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski, conta a história de um estudante de direito muito pobre, chamado Ródion Raskólnikov. Mal conseguindo pagar as contas, ele resolveu matar uma idosa agiota, Aliena Ivánovna, a quem devia dinheiro e que humilhava seus clientes. Enquanto arquitetava seu plano, se enganava, dizendo que não deveria ser algo tão nocivo matar pessoas maldosas. De fato, acabou cometendo um duplo assassinato, porque também matou Lisavieta, a irmã mais nova da agiota, que aparecera inesperadamente no cenário do crime.

A partir de então, Raskólnikov passou a sofrer verdadeira tortura mental, esmagado pelo sentimento de culpa e pelas tensões dos interrogatórios. Sua dúvida era: Continuaria negando os crimes e sofrendo a culpa ou os confessaria e recomeçaria a viver? Incentivado por Sônia, mulher pela qual se apaixonou, o jovem confessou os crimes, foi condenado a oito anos de prisão na Sibéria e lá começou a tomar um rumo diferente na vida.

Muitas pessoas ainda vivem o dilema de justificar um pecado, negá-lo e sofrer terrivelmente, ou confessá-lo e abandoná-lo. Davi conheceu os dois lados dessa moeda e relatou sua experiência em dois salmos. No Salmo 51, ele abriu o coração em profundo arrependimento e tristeza, reconheceu haver ofendido a Deus com seu pecado e pediu perdão. No Salmo 32, o poeta narrou a penosa trajetória entre a tentativa de esconder o pecado e o alívio desfrutado com o perdão recebido de Deus.

No Salmo 51, ele trilhou com segurança o caminho da graça, ao suplicar absolvição da culpa, mas também expressar a sincera decisão de não mais pecar. Orou, pedindo que fosse admitido novamente ao lugar no qual havia, anteriormente, desfrutado a plenitude divina: “Não me repulses da Tua presença, nem me retires o Teu Santo

Espírito” (v. 11).

Para Davi, nada era mais aterrador do que a ideia de tentar viver longe de Deus. Ele sabia que, sem o Santo Espírito, nada seria. Ao pedir que Ele não lhe fosse retirado de sua vida, Davi indicava a certeza de que ainda O tinha trabalhando em seu favor, no seu coração, operando a regeneração e a santificação. Em nossos momentos escuros de abatimento pelo sentimento de culpa resultante do pecado, Deus não nos expulsa nem está longe de nós. Somente espera que nos voltemos para Ele.

Corações aquecidos

E disseram um ao outro: Porventura, não nos ardia o coração, quando Ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras? Lucas 24:32

Espero que você não tenha tido grandes decepções na vida, especialmente ao esperar muito de alguma pessoa. No entanto, caso isso tenha acontecido, será que consegue se lembrar da maior delas? A Bíblia relata a grande decepção que os discípulos tiveram quando viram Jesus ser crucificado. O que torna esse fato ainda mais impressionante é sabermos que eles foram repetidamente instruídos sobre o assunto. Cristo morreria, seria sepultado e ressuscitaria três dias depois.

Apesar de tudo o que tinham ouvido, dois discípulos seguiam pelo caminho de Emaús perdidos em seu mundo de tristeza, desapontamento e decepção, diante de tudo o que havia acontecido nos últimos dias. Quase posso ouvir o doloroso suspiro de frustração enquanto, talvez com a voz embargada, diziam ao “estranho” que deles se aproximou: “Nós esperávamos que fosse Ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam” (Lc 24:21). Em realidade, a decepção resultou das expectativas incorretas alimentadas por eles. Lembre-se: a redenção à qual se referiam tinha a conotação política da libertação do jugo romano, em que tinham apostado todas as esperanças.

Como foi possível eles não reconhecerem aquele “estranho” que, com sabedoria inigualável, iluminava a mente deles com a luz das Escrituras? Esse é o risco que também corremos quando nos deixamos subjugar pelas decepções que a vida nos traz. Perdemos muito, às vezes, não reconhecendo Aquele que Se aproxima de nós com o bálsamo da esperança. Cristo sempre vem a nós, a fim de que abramos o coração a Ele. Jesus não nos repele por causa de nossas dúvidas. Um gesto de repreensão de Sua parte, ao contrário de significar repulsa, apenas nos coloca no rumo certo para entender o desconhecido. Somente o fato de saber que Ele nos ouve deveria ser suficiente para

aliviar o coração, antes mesmo de obtermos a resposta.

Mais tarde, quando finalmente eles O reconheceram, lembraram-se do que sentiram enquanto O ouviam: “Não nos ardia o coração, quando Ele, pelo caminho, nos falava?” À voz do Salvador, o coração congelado pela dor começava a arder, fazendo brilhar a esperança. Todo seguidor de Cristo sabe muito bem o quanto a comunicação com Ele é preciosa; como o coração é iluminado e aquecido ao ouvir sobre Ele e Seu amor, quando a assustadora escuridão o envolve. Não troque essa experiência por nada no mundo.

Tempo de livramento

Não temais; aquietai-vos e vede o livramento do SENHOR que, hoje, vos fará; porque os egípcios, que hoje vedes, nunca mais tornareis a ver. Êxodo 14:13

Às vezes pagamos caro pela tentativa de resolver situações complicadas agindo sob o calor das emoções, especialmente negativas. Devemos utilizar todos os recursos disponíveis na solução de problemas, com a perspectiva de êxito; mas existem circunstâncias diante das quais tudo o que temos a fazer é esperar. Convém nos lembrarmos de que, conforme disse o próprio Deus, “na quietude e na confiança está o seu vigor” (Is 30:15, NVI).

Tão logo deixaram o Egito, os israelitas tiveram que enfrentar esse teste. Seguindo a ordem divina, eles acamparam em Pi-Hairote, perto do mar, e acabaram alcançados pelo exército egípcio. A situação era dificultada pelo cerco formado pelo mar, a montanha e o exército inimigo. Nada lhes restava, senão a expectativa de destruição ou a operação de um milagroso livramento. A incredulidade deles os fez visualizar o pior. E se abriram em lamentos, pensando que haviam sido preservados pelo sangue do cordeiro pascal apenas para que fossem sepultados no deserto.

A fé e a serena confiança de Moisés viram a infalibilidade do cuidado de Deus. Com palavras carregadas de consolo e ânimo, ele respondeu à murmuração, conforme registrado em nosso verso de hoje. O líder estava certo de que a perseguição empreendida pelos egípcios a Israel era parte do plano de Deus, tendo em vista a glorificação de Seu nome (Êx 14:4). Tinha fé sólida para acreditar em uma libertação, cuja forma era impossível imaginar. Era certo que o Senhor agiria. A incredulidade cria ou supervaloriza as dificuldades, impedindo-nos de ver a salvação divina. A fé eleva a alma acima das dificuldades, coloca-nos mais perto de Deus e nos habilita a permanecer destemidos, firmes e serenos, esperando Nele. Sem precipitações nem desespero.

Sempre que nos deparamos com grandes desafios e dificuldades

ameaçadoras é natural que o medo se imponha a nós. Entretanto, não devemos permitir que ele assuma o controle. O medo nos enerva, deixa ansiosos, mas deve ser vencido com fervente e confiante oração. O medo não deve abalar nossa fé e nossa confiança no Deus do impossível. Então, esperemos o que Ele nos dirá. Deus sabe como nos tirar do redemoinho que permite vir sobre nós.

Foi assim que o mar se abriu, e o povo passou livre. Assim o Senhor nos dirá o que fazer quando estivermos diante de nossos “mares.” E, conforme se diz, se eles não se abrirem, Deus até pode nos surpreender, fazendo-nos passar por sobre as águas.

Os notáveis de Deus

Os que forem sábios, pois, resplenderão com o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente. Daniel 12:3

Viagens turísticas às vezes incluem visitas a túmulos e monumentos de personagens notáveis da História, e a museus nos quais podem ser vistos objetos que pertenceram a eles. Muitos deles realizaram façanhas memoráveis; outros, porém, se destacaram por feitos negativos. Nos dois casos, nada mais ficou além dos restos mortais.

Nestes dias de fácil exposição midiática, muitos parecem dispostos a pagar todo e qualquer preço por um lugar sob os holofotes. O resultado é um desfile de “celebridades”, no mundo artístico, político, social e mesmo religioso, que nada têm a oferecer além de migalhas para satisfação popular. E não faltam louvor e exaltação a essas figuras. Considerando a fragilidade do material com que essas “celebridades” são constituídas, muitas parecem evaporar em pouco tempo, dando lugar a outras que seguem o mesmo caminho.

Contudo, há um grupo de pessoas autênticas, verdadeiramente célebres, cuja influência da vida e dos feitos não será passageira. Desse grupo, você e eu podemos fazer parte. Em Daniel 12, depois de haver descrito em detalhes a história do mundo, o profeta mostra o clímax da vitória do povo de Deus, sob a regência de Miguel, “o grande príncipe” (v. 1), nosso divino Salvador. Ali, Daniel apresentou os verdadeiros sábios e heróis, astros e estrelas do Universo de Deus: “Os que forem sábios, pois, resplenderão com o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente” (v. 3).

O julgamento, o reconhecimento e a recompensa do Céu não são de acordo com os padrões terrestres. A sabedoria dos sábios e heróis de Deus vai além do que é terreno. Eles são sábios nas coisas espirituais. Sábios para conhecer a própria condição pecaminosa, entender os riscos dessa condição, conhecer Cristo e recorrer a Ele, aceitando-O

como Salvador e Senhor. Inspirados por essa experiência, são sábios o suficiente para conduzir muitos “à justiça”, a mesma que lhes foi atribuída, tendo como base a fé exercida em Cristo Jesus. O sábio Salomão escreveu: “O fruto do justo é árvore da vida, e o que ganha almas é sábio” (Pv 11:30). Esses heróis não passarão. Entre os salvos, eles serão as estrelas refulgentes por toda a eternidade.

Pronto para vencer

Agora, pois, ó Deus, fortalece as minhas mãos. Neemias 6:9

Seria ótimo se nossas ações e intenções sempre recebessem a aprovação das pessoas. Esperar que isso aconteça, entretanto, é utopia, mesmo quando investimos o melhor que há em nós. Não faltarão pessoas dispostas a criticar, questionando nossos motivos mais puros, tentando desanimar ou mesmo combatendo em franca oposição. O pior mesmo é quando é aceso o chamado “fogo amigo”, expressão originada no ambiente militar e utilizada em guerras, quando um ataque ou bombardeio atinge aliados e até soldados do mesmo exército. Geralmente, essa anormalidade é causada por engano estratégico ou erro de interpretação. Atualmente, porém, a expressão também é utilizada como referência a casos de traição.

A desagradável surpresa ocasionada por esse tipo de “fogo” é justamente por que ele é “amigo”. Ninguém o espera, diferentemente do “fogo inimigo”. Esse já é esperado da parte de opositores. As melhores ações e intenções em favor do bem incomodam sempre os aliados do mal, que também sabem ser ativos e incendiários.

Neemias enfrentou o “fogo inimigo” ateadado por Sambalate, Tobias e Gesém, opositores na reconstrução do muro de Jerusalém. Eles fizeram tudo para fazê-lo desistir de seu propósito, utilizando inclusive mentiras e propondo um encontro “pacífico”. Neemias, porém, concentrava-se na importância e na excelência de seu trabalho, o que não lhe deixava tempo para dar ouvidos às artimanhas, muito menos se impressionar com elas. Era homem de fé, oração e propósito. Em sua interação com Deus, ele obteve sabedoria suficiente para saber distinguir a natureza das ameaças e se dedicar mais e mais ao “grande projeto” que foi chamado a executar.

Possuidor de caráter humilde, Neemias sabia que, para cumprir sua missão, dependia inteiramente de Deus. E orou: “Fortalece as minhas mãos.” É com esse sentimento que devemos viver e trabalhar. Em nossas lutas, podemos recorrer a Deus e achá-Lo. Por meio de

fervorosa oração, podemos receber graça, sabedoria e poder para silenciar adversários, neutralizar ameaças, apagar “fogos amigos” e “inimigos”. Mas a prece de Neemias é ainda mais pertinente em relação a nossas lutas espirituais particulares. Enquanto o inimigo maior insiste em nos desanimar, podemos recorrer a Deus e achar socorro “em ocasião oportuna” (Hb 4:16).

Dezembro

Dom Seg Ter Qua Qui Sex Sáb

1 2 3 4 5

6 7 8 9 10 11 12

13 14 15 16 17 18 19

20 21 22 23 24 25 26

27 28 29 30 31

Minha riqueza

Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e Sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas. Mateus 6:33, NVI

Às vésperas do fim do ano letivo, em 1974, eu estava com o pensamento no período de férias e na região onde iria colportar. Fui, então, surpreendido com uma proposta dos administradores do antigo Educandário Nordestino Adventista: permanecer trabalhando na instituição durante as férias, por causa de necessidades que deveriam ser atendidas na ausência de alguns professores. A proposta foi providencial. Durante aquele período, o colégio sediou um concílio pastoral da região administrativa que abrangia o território-compreendido entre Alagoas e Rio Grande do Norte. As secretárias também estariam presentes à reunião. Eu deveria facilitar o trabalho delas, e havia sido notificado disso, disponibilizando equipamentos do escritório para elaboração e impressão dos materiais que os pastores receberiam.

Foi nesse contexto que conheci mais de perto uma delas. Juntos, começamos a escrever uma história cuja oficialização hoje completa 45 anos. Dou graças a Deus por Lenice, minha esposa, por nossas filhas, Denise, Aline e Êvelyn, pelos genros e netos. Essa é minha fortuna. Não posso dizer que a história tenha mostrado um cenário sem nuvens durante todo o tempo. Muito mais por causa dos defeitos de minha natureza pecaminosa, aos quais ela sempre soube contrapor com oração, confiança em Deus, paciência e sabedoria.

A família também é seu tesouro maior na Terra. O melhor investimento que você pode fazer a fim de colher dividendos familiares em termos de felicidade, satisfação e realização pessoal é confiar em Deus. É Ele quem ajuda a harmonizar as arestas da humanidade de duas pessoas diferentes. É Ele quem nos dá sabedoria para dialogar, prontidão para aceitar, pedir perdão e perdoar. Ele é o refúgio da família contra os ataques do adversário. É Ele quem mantém a chama do amor que nos inspira a prosseguir até que a indesejável intrusa, a morte, coloque um ponto final na história.

Não nos faltam orientações e conselhos especializados a respeito de como preservar a família. Todos eles válidos, desde que Deus esteja antes e acima deles. “Busquem primeiro o Reino de Deus”, disse Jesus, “e todas essas coisas lhes serão acrescentadas.” Caso você ainda esteja na fase do sonho em formar um lar, busque ao Senhor, e Ele dirigirá seus planos. Se já o formou, não se esqueça Dele.

Unidos pelo amor

Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal. Romanos 12:10

A globalização abriu as portas do mundo, e a internet rompeu limites; mas, num paradoxo curioso, os relacionamentos nunca pareceram tão superficiais. As pessoas estão cada vez mais distantes. Faz algum tempo, vi uma fotografia engraçada. Se é montagem ou foi tirada de forma proposital, não sei. O fato é que ela chama a atenção para esse distúrbio social, retratando seis pessoas de uma família que teriam ido visitar a avó queixosa da solidão. Sentados na sala, todos os visitantes usavam seus smartphones sob o olhar da ainda solitária vovó. Estar ligado a alguém por quaisquer meios virtuais, mas relacionar-se pessoalmente sob a motivação do amor que se importa, se doa, compartilha, se solidariza e algo mais, é o que vale. Curtidas, cutucadas ou compartilhamentos virtuais, de fato, valem pouco.

Precisamos pensar na importância de estarmos mutuamente envolvidos e solidários. No livro *Firme Seus Valores*, Charles Swindoll aborda esse tema. Ele define a expressão “estar envolvido” como “ser participante, manter relacionamento próximo, estar incluído” (p. 26, 27). Isso quer dizer que precisamos nos importar com nosso semelhante. A solidão, a angústia, a tristeza, enfim, todas as dificuldades da vida serão mais facilmente suportadas e superadas se ele puder contar com nossa empatia. Ou, se nos dispusermos a ouvi-lo, não julgá-lo, ligar-nos emocionalmente ou apenas dizer, com palavras e ações: você não está só.

O apóstolo Paulo aconselhou: “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal. Outra versão diz: “Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal” (NVI). Isso implica sentimento de irmandade. Irmãos carnis se encontram, abraçam-se, sorriem e choram juntos, compartilham sentimentos. Deveria ser diferente com irmãos em Cristo? A Bíblia Viva apresenta o verso assim: “Não finjam apenas amar uns aos outros: amem realmente. [...] Amem-se uns aos outros com afeição fraternal” (v. 9, 10).

Contudo, muitos “irmãos”, de acordo com a comparação feita por Swindoll, comportam-se como porcos-espinhos numa noite de inverno. O frio os aproxima; porém, começam a se espetar, e eles se afastam novamente. Deus, por Sua vez, quer que nos envolvamos. “Levai as cargas uns dos outros” (Gl 6:2); “alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram” (Rm 12:15). O mundo e a igreja serão melhores à medida que cultivarmos a virtude da empatia.

No caminho do Reino

O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo, o Seu reino será reino eterno, e todos os domínios O servirão e Lhe obedecerão. Daniel 7:27

Há alguns anos, minha esposa e eu sobrevoamos parte de Nova York pela primeira vez enquanto aterrissávamos no aeroporto La Guardia. Olhando pela janela do avião, o céu nublado sobre aquele mar de edifícios fez brotar em mim um pouco de ansiedade, enquanto silenciosamente me perguntava: “Como vou sair dali amanhã, dirigindo um automóvel?” Contudo, a ansiedade foi dissipada quando, durante a calorosa recepção, nosso anfitrião brasileiro nos deu um mapa devidamente anotado com indicações desde a saída de sua casa até nosso próximo destino: a região do pioneirismo adventista naquele país.

Um mapa. Simples assim. Chame-a de mapa, GPS, lâmpada, bússola ou ainda outro símbolo, a Bíblia é esse guia que nos aponta, sem falhas, o destino de nossa jornada terrestre. Quem não é familiarizado com ela alimenta sombrias perspectivas com respeito ao futuro do mundo; mas nós conhecemos muito bem nosso destino. Sabemos que a história não vai ter como ponto final o caos enlouquecedor prevalecente.

O livro de Daniel é fundamental nesse processo iluminador, ao descrever a marcha transitória dos reinos do mundo. Assim como o livro do Apocalipse, o livro de Daniel descreve simbolicamente a investida do inimigo, tendo como aliada uma configuração de poderes políticos e religiosos contra o Altíssimo, Sua lei, Seu domínio e Sua autoridade. Somos aconselhados a estudar esses dois livros juntos a fim de entendermos melhor as indicações do GPS divino.

O Senhor, por Sua vez, intervirá sepultando os propósitos do adversário e estabelecendo Seu reino eterno. Nosso verso de hoje se refere ao desfecho das profecias. A Bíblia apresenta o Reino de Deus como algo abrangente e progressivo em nosso coração. Jesus disse: “O

Reino de Deus está entre vocês” (Lc 17:21, NVI). Ao mesmo tempo, Ele falou do ápice de Sua segunda vinda relacionando-a ao reino (Mt 6:10).

Certamente, ao aceitá-Lo como Salvador e Senhor, nos tornamos súditos de Seu reino de graça e passamos a viver na expectativa do estabelecimento do reino de glória, por ocasião de Sua segunda vinda. É a intervenção de Deus na marcha da história como Soberano de todas as coisas, para estabelecer Seu reino eterno de amor, justiça e paz. Vivemos impulsionados por essa esperança. Devemos orar: “Venha o Teu reino!” (Mt 6:10). Ele não vai demorar.

Justiça de verdade

Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos Céus. Mateus 5:20

O que teria levado Cristo a colocar diante de Seus ouvintes a meta de justiça maior que a dos escribas e fariseus? Quem, afinal, eram eles? Os fariseus eram uma classe de religiosos surgida dois séculos antes de Cristo, considerada a elite espiritual de Israel, que liderava um movimento cujo propósito era promover a vinda do Messias e encaminhar o povo a uma experiência de submissão total às Escrituras.

Apesar de todo esse protagonismo, eles tinham um sério problema. Embora seguissem estritamente a lei, acrescentavam a ela tradições que haviam recebido e criado. Para eles, o Antigo Testamento e as tradições expressavam a vontade de Deus. Os ensinamentos fundamentados nas tradições pendiam tanto para o legalismo quanto para a autojustificação. Assim, geravam extremismo e exigências pesadas e descabidas que resultavam em hipocrisia da parte deles mesmos. Coavam mosquitos e engoliam camelos (Mt 23:24). Eram orgulhosos, cobiçosos, vaidosos, avaros e hipócritas. O discurso não refletia a prática, embora fossem respeitados pelo povo.

A busca de justiça que tem como fundamento o esforço próprio em algum momento nos trairá, e a religiosidade apenas exibida exteriormente terá a resistência de uma bolha de sabão. Por isso, Jesus ignorou as tradições dos homens. Disse que, observando-as, os fariseus feriam a Palavra de Deus (Mt 15:3-6), e os denunciou: “Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim” (Mt 15:7). Infelizmente, eles ainda têm seguidores que vão pelo mesmo caminho de valorizar excessivamente as tradições e subestimar a fé na graça divina.

Os escribas, por sua vez, eram sacerdotes copistas da Torá, nos dias do Antigo Testamento. No tempo de Jesus, destacavam-se pelo conhecimento da lei, a cujo ensino e interpretação se dedicavam durante toda a vida. A eles, realmente, não faltavam dedicação ao

estudo das questões espirituais e instrução nelas.

Contudo, esse zelo religioso e o conhecimento doutrinário seriam as características da justiça que dá direito ao reino dos Céus? Evidentemente, não. Há uma justiça infinitamente superior à justiça humana: a que é atribuída por Cristo a cada pessoa que O aceita como Salvador e Senhor. Isso aqueles homens recusavam. Rejeitaram o Messias, ungido de Deus, e a graça por Ele oferecida. A justiça deles não é maior do que a disponibilizada a você e a mim ainda hoje.

Tempo de esperança

Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. 1 Tessalonicenses 4:16

Cinco dias antes de tomar posse como presidente dos Estados Unidos, John Kennedy descansava na casa de seu pai, numa praia da Flórida. Poderia estar acompanhado de algum assessor, discutindo planos de governo ou retocando o discurso de posse com a ajuda de algum redator. Escolheu, no entanto, outra companhia. Caminhando a seu lado em direção ao automóvel Lincoln estava o pastor Billy Graham. Em poucos minutos, enquanto se dirigiam a um campo de golfe, com um gesto reflexivo e sóbrio, o jovem presidente olhou para o evangelista e comentou: “Billy, por que não me falas da segunda vinda de Cristo? Não sei muito sobre esse assunto.”

À medida que o automóvel avançava lentamente pela estrada, o pregador apresentou ao amigo vários textos bíblicos que respondiam à pergunta. No entanto, Kennedy, primeiro presidente católico a chegar ao posto máximo da nação americana, tinha outra pergunta: “E o que a minha igreja ensina sobre a segunda vinda de Cristo?” (John White, *O Retorno*, p. 16).

Não sei os detalhes da resposta de Billy Graham. Mas, 46 meses depois, o cardeal Richard Cushing, diante das câmeras de televisão do mundo inteiro e ao lado do caixão no qual repousava o corpo do presidente assassinado, lia as palavras de Paulo dirigidas aos tessalonicenses (1Ts 4:13-18).

O texto, à semelhança de muitos outros, contém a grande esperança que tem fortalecido os cristãos ao longo dos séculos. É como o Sol que nasce no horizonte das expectativas cristãs trazendo uma alvorada que dissipa a longa noite do pecado. Assim como a igreja de Tessalônica, precisamos tê-la bem vívida em nosso coração. A certeza da vinda de Jesus não deve ser diluída na rotina diária. Nosso dia a dia é que deve transcorrer em função desse acontecimento. Ideais, projetos e sonhos

devem ser alimentados, elaborados e executados tendo no segundo advento o ponto de referência.

Assim como não podemos viver sem o ar, também não podemos viver sem esperança. Morremos quando morre a esperança dentro de nós. Então, vivamos aguardando “a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo” (Tt 2:13). O mundo não encontra em sistemas políticos nem em mudanças de filosofias a solução definitiva para seus problemas. Ela está apenas em Jesus. Graças a Deus, Ele virá!

Enquanto Ele não vem

E a si mesmo se purifica todo o que Nele tem esta esperança, assim como Ele é puro. 1 João 3:3

A vinda de Cristo foi profetizada por Enoque (Jd 14, 15). Jó a contemplou pela fé (Jó 19:25). Isaías predisse um dia de vitória para o povo de Deus no qual Ele “tragará a morte para sempre, e, assim, enxugará o SENHOR Deus as lágrimas de todos os rostos” (Is 25:8). Miquéias viu o estabelecimento do monte santo de Deus (Mq 4:1), assim como Zacarias falou do futuro reinado divino (Zc 14:9). Sofonias se referiu ao Dia do Senhor (Sf 2; 3:9-20), a Daniel foi mostrado o desfecho da história humana com a vinda de Cristo (Dn 2:34, 35, 44, 45). Para os discípulos, a vinda de Jesus não estava no rol de “fábulas engenhosamente inventadas” (2Pe 1:16).

Os primeiros cristãos tinham entusiasmo pela bendita esperança da vinda de Cristo. Entre eles, soava como falta de fé a atitude de não desejar com todo o ser a vinda do Senhor. Junto a isso estava a consciência de que a conduta deles deveria expressar a dignidade da vida futura, o que significa viver em preparo para aquele dia. Por isso, Paulo aconselhou: “A noite está terminando, e o dia vem chegando. Por isso paremos de fazer o que pertence à escuridão e peguemos as armas espirituais para lutar na luz. Vivamos decentemente, como pessoas que vivem na luz do dia. Nada de farras ou bebedeiras, nem imoralidade ou indecência, nem brigas ou ciúmes” (Rm 13:12, 13; NTLH).

Ao mencionar a expectativa de vermos Jesus e sermos afinal semelhantes a Ele, João indicou a necessidade de anteciparmos pela fé, em relacionamento com o Rei vindouro, essa experiência: “E a si mesmo se purifica todo o que Nele tem esta esperança, assim como Ele é puro” (1Jo 3:3). “Essa esperança está sempre acompanhada pela disposição de esperar, em suportar as circunstâncias mais difíceis que ameaçam a dedicação do crente a seu Senhor, e a crescer na graça santificadora de Deus” (Ángel Rodríguez, O Futuro, p. 157). Ela nos faz

acreditar no Espírito como agente de nossa transformação à semelhança de Cristo. Ou seja, enquanto Ele não vem, o mundo precisa vê-Lo em nós (Gl 2:20).

Não há outro caminho para obtermos a purificação a não ser o firme apego a Jesus. Mantenhamo-nos perto Dele, tendo nosso amor, os pensamentos e a vontade voltados para Ele. Enquanto Cristo não vem, nossa oração diária deve ser: “Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais branco que a neve” (Sl 51:7).

Pare e ouça

Seus pés eram como o bronze numa fornalha ardente e Sua voz como o som de muitas águas. Apocalipse 1:15, NVI

Muitos personagens da Bíblia foram abençoados com o privilégio de ouvir a voz de Deus. Entre eles, Daniel a descreveu “como o som de uma multidão” (Dn 10:6, NVI). Ezequiel a comparou ao “ruído de muitas águas” (Ez 43:2). As pessoas que assistiram ao batismo de Jesus ouviram a voz do Pai manifestando Sua alegria em Jesus, o “Filho amado”, dando assim testemunho da divindade de Cristo (Mt 17:5). Na estrada para Damasco, em perseguição aos cristãos, Paulo teve abatido seu orgulho e se rendeu à voz do Salvador (At 22:7).

Em Apocalipse 1, João descreveu a figura central de todo o espetáculo que foi descortinado em visão diante dele: o Cordeiro de Deus. Suas vestes, Sua cabeça, Seus cabelos, Seus olhos e Seus pés traziam as marcas do supremo sacerdócio, pureza, onisciência, poder e resistência contra os inimigos, próprias do Senhor. No fim da impressionante descrição, ele fez referência à voz de Cristo, “como o som de muitas águas”, à semelhança da comparação feita por Ezequiel.

Em seu exílio, o apóstolo estava habituado a ouvir o som imponente e majestoso das ondas do mar Egeu. Assim, tanto quanto sua linguagem humana podia expressar, pareceu-lhe o som da voz de Cristo. Imaginando que a voz Dele é inigualavelmente melodiosa, majestosa, potente e, ao mesmo tempo, suave e cheia de paz, podemos ouvi-la em tantas formas quantas Ele achar por bem nos falar e com variados propósitos: acalmando-nos, advertindo-nos, repreendendo-nos, animando-nos, chamando-nos para junto de Si. Aliás, não devemos nos esquecer da compaixão que transbordava ao proferir repreensões. Nessas ocasiões, “havia lágrimas em Sua voz [...]. Nunca tornava a verdade cruel, porém manifestava profunda ternura pela humanidade” (Ellen White, *Obreiros Evangélicos*, p. 117).

Muitas pessoas procuram ouvir a voz de Deus no barulho, entre relâmpagos, trovões, chamas de fogo, sons de trombeta e terremotos.

Mas, enquanto fugia de Acabe e Jezabel, Elias sentiu a presença de Deus no “murmúrio de uma brisa suave” (1Rs 19:12, NVI). Paulo disse que Ele falou e ainda fala “muitas vezes e de várias maneiras” (Hb 1:1). Inclusive por meio do silêncio. Fique atento! Há muitos tipos de vozes no mundo. Entretanto, nesse burburinho que tenta abafar a voz divina, hoje Ele tem algo a nos dizer.

Além da angústia

Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do Teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o Teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro. Daniel 12:1

Essa não é a única vez em que as Escrituras mencionam um “tempo de angústia” para a igreja e para as nações, antes do desfecho da história do mundo. Em Mateus 24, Jesus descreveu o cenário do mundo para aquela ocasião: “Haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido nem jamais haverá” (v. 21). E falou de guerras, terremotos, fomes, calamidades naturais, perseguição e ódio contra Seus discípulos. No Apocalipse, João relatou imagens de perseguições promovidas por uma confederação de poderes representados por uma besta que planeja a destruição de todos quantos não a adorarem. Também falou da taça da ira divina sendo derramada e pragas caindo sobre a Terra, entre outras ocorrências.

Em relação a esse quadro, lembro-me de ter atendido juvenis, jovens e adultos recém-convertidos com o desejo de aprender algo mais sobre o assunto. Mas não era difícil notar neles alguma tensão produzida pelo impacto decorrente do tom sensacionalista com que alguns pregadores o expunham. Às vezes, observa-se a tendência de se limitar ao mero trato com os números, datas, interpretação de símbolos e identificação dos personagens proféticos e seus atos. No entanto, existe algo mais a ser enfatizado.

Não há dúvida de que as profecias finais se cumprirão. Mas, empenhados no preparo para enfrentar a tormenta, podemos ser animados ao concentrarmos o olhar da fé e esperança na vitória final. Primeiramente, não estaremos desamparados. Pão e água nos estão garantidos (Is 33:16). A presença de Deus será real para nós, como sempre foi em meio às crises do passado. Ao profetizar o “tempo de angústia”, Daniel emoldurou suas palavras com a certeza de libertação

e vitória para os fiéis: “Será salvo o Teu povo” (Dn 12:1).

Em segundo lugar, a associação feita desse período com a noite de angústia de Jacó nos lembra de que a luta não é apenas com poderes e inimigos exteriores, mas também com nós mesmos, em busca da certeza de que as feridas que o pecado nos causou foram curadas. À semelhança daquele patriarca, passada a noite de angústia, “o Sol da justiça” brilhará para nós, declarando-nos vencedores. João viu os remidos cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro (Ap 15:2-4).

Pensemos além da angústia. É tempo de começarmos a ensaiar essa canção.

A mensagem de Naum

O SENHOR é bom, é fortaleza no dia da angústia e conhece os que Nele confiam. Naum 1:7

Além da sua cidade de origem, Elcos (Na 1:1), e de ter sido contemporâneo de Habacuque e Sofonias (século 7 a.C.), não há mais informações a respeito do profeta Naum, cujo nome significa “o consolador” ou “rico em conforto”. Sua missão consistiu em advertir Nínive, capital da Assíria, a respeito da destruição que se avizinhava, diante da tremenda crueldade e rebeldia de seus habitantes. Aproximadamente 100 anos antes, eles haviam se arrependido com a pregação de Jonas, sendo poupados da destruição, mas voltaram aos maus caminhos, distanciando-se ainda mais do Deus misericordioso, cheio de graça, incansável em trabalhar para salvá-los.

Por intermédio de Naum, o Senhor apresentou àquele povo a oportunidade de se arrepender, pois o castigo não poupava quem insistisse em permanecer no erro. Por outro lado, quem fosse fiel seria poupado, porque Ele “é bom, é fortaleza no dia da angústia e conhece os que Nele confiam”. Sua misericórdia estaria estendida a todo pecador como demonstração de Seu poder: “O SENHOR é muito paciente, mas o Seu poder é imenso” (Na 1:3, NVI). Ele é misericordioso, longânimo, “tardio em irar-Se” porque tem poder para ser assim. Não tolera o pecado, não o aprova. Mesmo assim, concede ao pecador oportunidade ampla de se redimir, mas “jamais inocenta o culpado” (Na 1:3).

O que nos deixa maravilhados, ao refletirmos sobre o caráter de Deus, é que mesmo o ato de punir é estranho para Ele: “O SENHOR Se levantará como fez no monte Perazim, e se irará, como no vale de Gibeão, para realizar Sua obra, a Sua obra estranha” (Is 28:21). Um Deus que personifica o amor, bondade, misericórdia e graça tem como Seu curso normal de ação abençoar, perdoar e salvar. Essa é Sua alegria! Destruir é um ato que vai contra Sua natureza, não é algo de que Se alegra. É algo estranho à bondade de Seu coração,

especialmente quando envolve Seu povo, como era o caso de Israel no tempo de Isaías. Enquanto misericórdia e bondade não encontram o limite da vontade humana, estará sempre agindo em nosso favor. No fim, o ser humano é o único responsável pela própria destruição.

“O SENHOR é bom, é fortaleza no dia da angústia e conhece os que Nele confiam” (Na 1:7). Em lugar de temor pela destruição, todo filho de Deus encontra em Sua graciosa bondade apenas razões para se alegrar e ter segurança, antecipando a felicidade eterna pela libertação que se aproxima.

Alegria sem limites

Achadas as Tuas palavras, logo as comi; as Tuas palavras me foram [...] alegria para o coração, pois pelo Teu nome sou chamado, ó SENHOR, Deus dos Exércitos. Jeremias 15:16

Posso garantir a você que escrever esta meditação foi uma experiência excepcionalmente rica! Redescobri o prazer de estar em contato com a Palavra de Deus durante quase 24 horas diárias. Especialmente na fase final, fui para a cama levando-a na mente. Não importava quantas vezes eu acordasse durante a noite, ela continuava no mesmo lugar. Pela manhã, levantava com a sensação de que apenas havia fechado os olhos e continuado meditando na Palavra. Se você imaginar que isso representou cansaço, garanto-lhe o contrário: foi uma grande bênção. Que maravilha é a Palavra!

Lembro-me de certa ocasião em que, depois de haver trabalhado durante a manhã, tive a ideia de aproveitar o pequeno espaço antes do almoço para olhar rapidamente o noticiário, o que não era feito havia alguns dias. A diferença de sentimentos foi gritante. Pareceu-me ter estado voando anteriormente sobre nuvens e, em seguida, aterrissado num lixão. Pensei: “Por que tantas vezes trocamos o tempo que deveríamos ocupar desfrutando plenamente o tesouro da Palavra por coisas inúteis?”

“Achadas as Tuas palavras, logo as comi; as Tuas palavras me foram [...] alegria para o coração”, exultou Jeremias, em meio à afronta de seus conterrâneos e o dever de lhes anunciar a Palavra que havia recebido de Deus. Na própria vida, ele havia experimentado a realidade prazerosa de tê-la encontrado; sabia de quem a tinha recebido. Por isso, era tão bem-vinda como o alimento é para o faminto (Mt 4:4). “Alegremente, [Jeremias] a recebeu, guardou-a na memória, digeriu-a na mente e a estimou no coração” (John Gill, *Exposition of the Entire Bible*, Jr 15:16).

Devemos ter em mente, porém, que a beleza e a força da Palavra não estão apenas nas profecias, doutrinas, ensinamentos éticos,

mandamentos, valores, aventuras heroicas, cânticos, poesia e tudo o mais que contém. Embora tudo isso seja importante, Cristo é o personagem central da Bíblia. Nada que seja entendido à parte Dele fará sentido. “São elas mesmas [as Escrituras] que testificam de Mim”, disse Jesus (Jo 5:39).

Renove no coração a alegria produzida pela Palavra. Simplesmente dedique tempo diário a ela. Mal posso imaginar a satisfação imensa que você terá ao redescobrir a bênção que vem de suas páginas.

Louvor perfeito

Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres vivos e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz. Apocalipse 5:11

Alguma vez você teve a curiosidade de saber quantos anjos existem? Sempre há quem procure calcular a quantidade deles tendo como base o significado das expressões numéricas mencionadas na Bíblia. Às vezes, especula-se sobre quantos são os anjos da guarda: Um para cada pessoa? Um para certa quantidade de pessoas? E não falta a confusão instigada pelo anjo inimigo, que oferece respostas por meio de instrumentos místicos à disposição dele para promover o engano.

Ao comentar o nosso verso de hoje, Russell Champlin informa que “o grego diz, literalmente, ‘dez milhares de dez milhares’, ou então ‘miríades de miríades’. O termo original significava ‘dez mil’, mas em combinações como a que temos, o seu sentido é número ilimitado’ [...]. No caso do presente versículo, ‘incontáveis milhares’ seria uma boa tradução. Tal uso do verbo expressa um número imenso, não definido” (*O Novo Testamento Interpretado*, v. 6, p. 458).

Ellen White escreveu que “milhares de milhares e milhões de milhões eram os mensageiros celestiais vistos pelo profeta Daniel. O apóstolo Paulo declarou serem ‘muitos milhares’ (Dn 7:10; Hb 12:22)” (*A Verdade Sobre os Anjos*, p. 10). Mais importante do que contá-los exatamente, é sabermos que eles estão a serviço do Altíssimo em nosso favor. Seguramente, você já viveu uma experiência, ouviu de outros que a vivenciaram, na qual o ministério protetor dos anjos se fez presente. “O anjo do SENHOR acampa-Se ao redor dos que O temem e os livra” (Sl 34:7). Além disso, há situações de livramento que somente conheceremos na eternidade.

Evidentemente, obtemos segurança em nossa caminhada, sabendo que não estamos sós, mas protegidos por esses agentes invisíveis. Não podemos ignorar outro aspecto da atividade deles: o louvor incessante a Deus. Isaías os viu cantando: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos

Exércitos; toda a Terra está cheia da Sua glória” (Is 6:3). No Céu, anjos celebram a conversão de “um pecador que se arrepende” (Lc 15:10).

Davi os incluiu em seu convite para bendizer ao Senhor por Sua misericórdia: “Bendizei ao SENHOR, todos os Seus anjos, valorosos em poder” (Sl 103:20). Louvor é o estilo de vida celestial. Devemos nos unir a eles nessa prática. João viu anjos celebrando em “grande voz” o Autor da redenção. Pela graça de Deus, participaremos desse coral!

Antídoto contra a frustração

Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Provérbios 3:5

Quanta frustração já foi acumulada na vida de muita gente por causa de planos elaborados e executados tendo como base o próprio entendimento! O forte desejo de conquista, prazer e satisfação pessoal cria um danoso sentimento de imediatismo que pode levar tudo a perder. Juntar os cacos de ideais desperdiçados e tentar recomeçar tudo nem sempre é fácil. Às vezes, esse trabalho é feito ao preço de muito sofrimento, isso quando não se revela inútil. Ninguém precisa desprezar a própria inteligência nem a liberdade para tomar decisões, mas não custa nada se submeter a Deus, buscar Sua vontade para o que se deseja.

Nosso coração “é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo?” (Jr 17:9). Por isso, temos o conselho: “Confia ao SENHOR as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos” (Pv 16:3), pois Ele tem pensamentos de paz para nós (Jr 29:11).

“Confia no SENHOR de todo o teu coração”, diz o sábio. Confie com absoluta certeza no poder, na sabedoria e bondade de Deus. Confie sem vacilar em Sua providência e em Suas promessas de ajuda em todas as áreas da vida. Confie inteiramente no Senhor, em todos os momentos, ao ser afligido ou tentado, na prosperidade e na carência, no pranto ou na alegria, se estiver doente ou desfrutar saúde. Confie unicamente no Senhor para provisão das bênçãos materiais e espirituais. Ele é a fonte de graça e poder para ajudar a superar suas lutas e trazer paz ao coração.

Não ignore as habilidades pelas quais Ele torna você distinto dos irracionais; mas não dependa delas. Estão manchadas e limitadas pelo pecado. Hoje, a dinâmica da vida é vista por nós como se estivéssemos usando telescópios embaçados, “como em espelho” nos dias de Paulo (1Co 13:12). Só Deus pode ver o fim desde o princípio e conhece os caminhos pelos quais nos conduz.

“Em qualquer situação, o Pai celestial observa com ternura cada um dos Seus filhos. Nenhuma lágrima é derramada sem que Deus saiba. Não há sorriso que Ele não perceba. Se acreditássemos plenamente nisso, todas as ansiedades indevidas desapareceriam. Nossa vida não seria cheia de decepções como agora, pois todas as coisas, grandes ou pequenas, seriam entregues nas mãos de Deus, e Ele não fica perplexo por múltiplas preocupações, nem subjugado por seu peso” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 86). Confie!

“Quem sou eu?”

Então, entrou o rei Davi na Casa do SENHOR, ficou perante Ele e disse: Quem sou eu, SENHOR Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas trazido até aqui? 2 Samuel 7:18

Construir o templo tinha sido um forte desejo abrigado no coração de Davi. Mas esse privilégio foi reservado por Deus a seu filho, Salomão. A razão disso: “Tu derramaste sangue em abundância e fizeste grandes guerras; não edificarás casa ao Meu nome” (2Cr 22:8-10). Entretanto, o Senhor afirmou ter outros planos para ele: “Mas a Minha misericórdia se não apartará dele [...]. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre” (2Sm 7:15, 16). Isso o coloca na condição de ascendente do Messias, Rei eterno sobre todos os povos.

Então encontramos Davi em prece no templo, meditando, com o coração derramando afeto, gratidão e reconhecimento a Deus. Certamente lembrou-se de um passado transbordante de bênçãos com que foi agraciado desde que foi escolhido, sendo ainda um jovem pastor de ovelhas, para reinar sobre Israel. Lembrou-se dos perigos dos quais havia sido livrado, das vezes em que teve de fugir das ameaças de Saul e se abrigar no providencial refúgio divino. Agora, maravilhado diante da condecoração que acabava de receber, abriu o coração: “Quem sou eu, SENHOR Deus?”

Uma lição a ser lembrada é que a negação de um privilégio ou bênção não significa que seremos privados da misericórdia do Pai. Tendo-O, bem como a Sua misericórdia, temos tudo. Com isso, outros privilégios e mais bênçãos cairão das mãos Dele sobre nós, de acordo com Seu amoroso plano e sabedoria. Nem sempre teremos que ser tudo, ter tudo ou fazer tudo o que queremos. Mas Ele sabe o que é melhor sermos, termos e fazermos. “Davi sabia que realizar a obra que em seu coração tinha decidido empreender seria uma honra para seu nome e traria glória ao seu governo; mas estava disposto a submeter sua vontade à vontade de Deus” (*Patriarcas e Profetas*, p. 712).

À parte do contexto dessa experiência, a pergunta de Davi nos lembra de pessoas que, perdidas no emaranhado da vida, procuram-se e procuram seu valor. Contudo, a cruz nos mostra quem somos e quanto valem. Somos filhos de Deus, avaliados pela vida de Deus em Seu Filho. É ao pé da cruz que nos vemos absolvidos por Seu castigo, dignificados por Sua humilhação, vivificados por Sua morte. Você acha que, depois de haver feito tanto, Ele negará algum outro bem a Seus filhos?

A recompensa

Mas eu Te verei, pois tenho vivido corretamente; e, quando acordar, a Tua presença me encherá de alegria. Salmo 17:15, NTLH

Em seu sofrimento, Jó expressou a força de sua confiança: “Verei a Deus. Eu O verei com meus próprios olhos” (Jó 19:26, 27, NVI). Estêvão, em seu martírio, “viu a glória de Deus” e testemunhou: “Vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé, à destra de Deus” (At 7:55, 56). Esperando a execução, Paulo era animado por uma certeza: “Agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto Juiz, me dará naquele Dia” (2Tm 4:8).

Depois de ter sido humilhado em um concílio no qual exaltou Cristo como seu supremo juiz, João Hus recebeu daqueles que o condenaram uma mitra de papel, ilustrada com caricaturas de demônios e a inscrição: “Coroa de hereges.” Hus afirmou: “O meu Senhor Jesus Cristo, por minha causa, levou uma coroa de espinhos. Por que não deveria eu, então, carregar esta leve coroa, por mais ignominiosa que seja? A verdade é que a levarei de bom grado.” Quando acenderam a fogueira, Hus começou a cantar com voz tão forte que se confundia com o estalar da lenha e o barulho da multidão.

Tendo trilhado o mesmo caminho e recebido a mesma sentença, Jerônimo de Praga foi cantando para o local de seu martírio. Ali, seus algozes tentaram acender o fogo por trás dele, que desafiou: “Venham e ateiem o fogo diante do meu rosto; se houvesse temido as chamas, não teria vindo a este lugar.” Enquanto as chamas crepitavam, ele novamente cantava, e orou: “A Ti, ó Cristo, entrego a minha vida em chamas” (John Foxe, *O Livro dos Mártires*, p. 161-169).

Esses e muitos outros cristãos em todos os tempos foram impulsionados pela fé no que acreditavam e na recompensa que os aguardava. Davi, perseguido por inimigos, não chegou a sofrer semelhantes atrocidades, embora tenha enfrentado por diversas vezes sofrimento e temor. Em nosso verso, ele revela o que pode ser sua preferência por dormir e acordar em paz todos os dias na presença de

Deus, acima de qualquer outra coisa na vida. A isso ele se referiu anteriormente: “Deito-me e pego no sono; acordo, porque o SENHOR me sustenta” (Sl 3:5). Contudo, também pode ser uma referência ao sono da morte, à ressurreição e à feliz contemplação da face de Deus. O que mais também poderíamos desejar?

Um dia, o sol da vida se esconderá no horizonte do tempo, mas renascerá anunciando a eterna alvorada. Então, veremos a face Daquele que nos sustentou em meio às mais duras provas da vida. Que glória será!

Defesa contra o mal

Pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais. Efésios 6:12, NVI

Nenhum exército planeja perder uma batalha. O mesmo é verdade com equipes de esportes coletivos, ao disputarem competições. A vitória é sempre o alvo maior, e o ataque ao adversário é fundamental para consegui-la. Entretanto, não pode haver descuido na defesa. Nas competições esportivas, o equilíbrio entre estratégias ofensivas e defensivas é o segredo de belas exposições e da conquista de vitórias.

Nós estamos envolvidos em um embate de proporções infinitamente maiores e mais significativas que os enfrentamentos esportivos. Maiores do que os mais intensos combates militares da História, mesmo que os exércitos envolvidos tenham o arsenal mais poderoso e destrutivo. Paulo foi claro: nossa luta é contra as forças espirituais do mal. Não importa o tipo nem o agente por meio do qual o ataque acontece. Por trás dele está um estrategista sutil, ardiloso e cruel, contra o qual não devemos transigir.

Tenho a impressão de que nesse embate nossa melhor estratégia é nos posicionarmos bem firmes na defesa. Assim parecem nos ensinar alguns textos bíblicos: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé” (1Pe 5:8, 9). “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4:7). As armas descritas por Paulo pressupõem defesa: armadura, couraça, calçado para os pés, escudo, capacete e espada, que também é arma de ataque.

Posicionar-nos na defesa não significa que devemos estar encurralados, assustados e temerosos, mas como atletas ou soldados confiantes, que executam ordens de um comandante vencedor. Esteja alerta! Quando sofrer um ataque, “faça como Jesus fez quando Satanás o tentou no deserto. Chame-o pelo nome. Arranque sua máscara. Denuncie seu disfarce [...]. Não importa o que acontecer, não flerte

com este anjo caído” (Bruce Wilkinson, *Vitória Sobre a Tentação*, p. 109).

Não se esqueça: nosso General e Técnico não está tentando vencer. Ele já venceu, justamente quando parecia ter sofrido a maior derrota. Com Sua morte, Jesus selou o destino das “forças espirituais do mal”. Com Sua ressurreição, celebrou a vitória sobre elas. Vitória que Ele partilha com todos aqueles que pela fé O aceitarem. Entre esses, você e eu.

Povo de Deus

Deus colocou todas as coisas debaixo de Seus pés e O designou cabeça de todas as coisas para a igreja, que é o Seu corpo. Efésios 1:22, 23, NVI

A igreja deve ser compreendida como algo muito além do ajuntamento de terra, cimento, ferro, madeira e tinta. Como templo, é um lugar no qual nos reunimos; mas, em essência, é uma comunidade, um grupo do qual somos parte. É uma *ekklēsia* que, em grego, originalmente significava uma reunião de cidadãos convocados em assembleias legislativas ou para outras finalidades. Na Bíblia, a palavra identifica a reunião de um grupo de pessoas que foram ligadas a Cristo depois de experimentarem arrependimento, aceitá-Lo como Salvador e Senhor e receberem o batismo.

Adoração, crescimento espiritual e fraternal, missão evangelizadora e fortalecimento mútuo são alguns dos propósitos da existência da igreja. Se é verdade que o firme alicerce da fé e prática cristãs é o relacionamento com Jesus, também é verdade que esse relacionamento se mostra sadio na medida em que somos levados a nos relacionarmos com os irmãos de fé. Ao descrever a experiência dos primeiros cristãos, Ellen White escreveu: “Alegravam-se na doce comunhão com os santos [...]. Em seu contato diário entre si, revelavam o amor que Cristo lhes ordenara” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 8, p. 241).

Na carta aos Efésios, Paulo deixou clara a ligação indissociável entre Cristo e a igreja. Na primeira parte da epístola (Ef 1-3), o apóstolo fala do plano divino de “fazer convergir em Cristo todas as coisas celestiais ou terrenas” (Ef 1:10, NVI), o que envolvia a inclusão de judeus e gentios como membros do corpo de Cristo. Na segunda parte (Ef 4-6), vê-se a nova vida que os caracterizaria, expressada no bom relacionamento entre eles. Assim, a igreja é um grupo ao qual pertencemos, no qual convivemos em amor e do qual Cristo, superior a todos os poderes celestiais e terrestres, acima de tudo e de todos, é a cabeça. Aliás, na mesma carta, além do simbolismo do corpo, a igreja é

apresentada como edifício, templo de Deus, cuja pedra fundamental é Cristo, (Ef 2:10, 21). Também é a esposa amada com amor supremo que O levou a Se entregar por ela (Ef 5:25).

Assim, igreja é uma comunidade pela qual flui o amor de Cristo ativo, perdoador, que aceita, inclui, solidariza-se, disposto a doar-se e servir. Sendo Cristo a cabeça da igreja, a vida desta é a vida Dele. Seus sentimentos são os Dele, assim como Dele é o amor difundido por ela. A igreja somos você e eu.

Sua bênção, Pai!

*O Deus eterno é o seu refúgio, e para segurá-lo estão os braços eternos.
Deuteronômio 33:27, NVI*

Houve um tempo em que as crianças eram instruídas a pedir a bênção aos pais, avós, tios e mesmo a pessoas idosas fora do círculo familiar. Então recebiam como resposta as palavras: “Deus te abençoe”; “Deus te faça feliz”, entre outras expressões. Embora ainda possa haver famílias que conservem a tradição, a maioria já não se preocupa com esse costume herdado da cultura judaica. Quando era oferecida pelo patriarca às vésperas de sua morte, a bênção tinha um valor ainda mais especial. Foi assim que Jacó reuniu os filhos e os abençoou (Gn 49).

Embora não fosse pai dos israelitas, Moisés também o fez, estando perto de morrer. Sua morte lhe havia sido anunciada pelo próprio Deus, que lhe deu orientações para serem transmitidas ao povo. O notável líder seguiu tudo à risca: reuniu as tribos e abençoou cada uma num tom diferente do de Jacó. O patriarca abençoou os filhos, ao mesmo tempo em que não omitiu suas fragilidades nem os maus atos praticados por eles. Moisés falou sob a perspectiva da graça divina. Assim, “Jacó nos apresenta o fracasso humano, fraquezas e pecado; Moisés nos mostra a fidelidade divina, a bondade e a benignidade. Jacó nos conta das ações humanas e o julgamento delas; Moisés nos revela os desígnios divinos e as puras bênçãos que deles emanam” (C. H. Mackintosh, *Estudos Sobre o Livro de Deuteronômio*, p. 358). É imensa a disposição que Deus tem para nos abençoar. Faz isso unicamente por graça, apesar de nós mesmos. Todas as bênçãos com que somos contemplados têm Nele sua fonte exclusiva.

Seguindo a ordem divina, Moisés se despediu abençoando as tribos. Orou mencionando cada uma, pedindo em favor de preservação da vida, concessão de vitória e prosperidade, capacidade espiritual, estabilidade, superioridade e poder, habilidades para guerrear e vencer inimigos, proteção e cuidado. Finalmente, disse: “Não há ninguém

como o Deus de Jesurum, que cavalga os céus para ajudá-lo, e cavalga as nuvens em Sua majestade! O Deus eterno é o seu refúgio, e para segurá-lo estão os braços eternos” (Dt 33:26, 27, NVI).

Jesurum significa “amado”, uma referência a Israel como povo de Deus. A palavra traduzida como refúgio significa “morada”, “habitação”, lugar em que nos sentimos livres, descansados, confortáveis, seguros e protegidos. O Senhor não apenas nos abençoa providenciando um ambiente assim. Ele mesmo é tudo isso e muito mais para nós, Seus filhos amados.

Livra-nos do mal

Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas. Também da soberba guarda o teu servo. Salmo 19:12, 13

No Salmo 19, Davi expressou sua contemplação meditativa sobre a grandeza de Deus manifestada nas obras da natureza (v. 1-6), bem como em Sua lei (v. 7-10). Nos versos 11 a 13, contemplou a si mesmo à luz dessa lei e, finalmente, orou para que, liberto do pecado, encontrasse agrado no Senhor.

Não é muito difícil uma pessoa se descobrir pecadora. Para isso, é suficiente olhar para a lei, padrão divino mediante o qual “vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3:20). Contudo, há pecados que cometemos sem que o saibamos, somente vistos por Aquele diante de cujos olhos todas as coisas estão bem evidentes. Exemplo disso foi o erro cometido por Pedro, na ocasião em que Jesus falava aos discípulos a respeito de Sua morte. Sem perceber que era usado pelo inimigo, o discípulo contestou o Mestre (Mt 16:22, 23). Há também erros ocultos que nem sempre reconhecemos em nós mesmos.

Erros ocultos ainda mais sérios são aqueles desconhecidos das pessoas, mas conhecidos por nós. Esses aplainam o caminho para grandes quedas. A transgressão aberta de qualquer mandamento da lei de Deus é condenável em um caráter cristão. Também são perigosos os pecados inconscientes. Não sendo vistos, podem crescer livremente, a menos que seu portador desperte para a luz que os ilumina, pelo trabalho do Espírito Santo.

Depois de ter orado em favor de perdão pelos erros desconhecidos, cometidos por ignorância, o salmista orou em favor de proteção contra os pecados conscientes e deliberados. Pediu que esses, na eventualidade de serem cometidos, não o vencessem; mas, que ele, transgressor, fosse restaurado ao favor divino. Outras versões bíblicas em vez da palavra “soberba” trazem a expressão “pecados intencionais”. A soberba foi o pecado de Lúcifer, assim como é o alicerce de todo pecado cometido conscientemente, inclusive levando o transgressor a

avaliar-se como não tendo pecado.

Assim como a Bíblia adverte o ímpio de que não continue no caminho pecaminoso rumo à perdição, também adverte o pecador perdoado e salvo de que não se desvie do bom caminho que o conduz à vida eterna. Nossa única segurança está em recorrermos ao trono da graça em busca de perdão, sabedoria e poder para resistir ao mal, em nome de Jesus.

Nunca sem um Intercessor

Portanto, Ele é capaz de salvar definitivamente aqueles que, por meio Dele, aproximam-se de Deus, pois vive sempre para interceder por eles. Hebreus 7:25, NVI

Tão completo, abrangente e inclusivo é o plano da redenção que, às vezes, surpreendo-me perguntando a mim mesmo: “O que exige maior dose de esforço: Permanecer no caminho que leva à perdição, rejeitando todos os apelos da graça, ou trocá-lo pela rota que conduz à vida eterna?” A primeira suposição significa ignorar toda a provisão feita pelo Céu e colocada gratuitamente à disposição do ser humano. A segunda implica aceitar pela fé. No entanto, há quem a rejeite, assim como há quem a avalie insuficiente, entendendo que precisa acrescentar algo a fim de tornar possível a própria salvação. Duplo engano.

Para desfrutarmos a alegria da salvação, precisamos aceitar tudo o que Deus realizou em Cristo na cruz. Ou nos imagináramos com direito a exigir algo mais além de Sua vida de obediência imaculada, Seus sofrimentos e morte em nosso favor? Contudo, o plano inclui mais: o ministério intercessor de Jesus. A salvação por Ele oferecida está intimamente ligada a Seu ministério de intercessão pelos pecadores, meio pelo qual são aplicados os méritos daquele sacrifício ao pecador arrependido. Nas palavras de Siegfried Schwantes, “Cristo veio nos salvar não em nossos pecados, mas de nossos pecados. O ideal que Deus nos propõe é de viver uma vida sem pecado. ‘Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo’ (1Jo 2:1). É a morte de Cristo que garante nossa justificação. Mas é Sua intercessão que torna possível nossa santificação” (*Hebreus*, p. 55).

Hoje temos junto a Deus um sacerdote superior a todos os que O simbolizaram no Antigo Testamento. Morreu, porém ressuscitou, pois é um sacerdote eterno, que “vive para interceder”, não como um suplicante humilhado ou advogado discursando inflamado na

tentativa de convencer jurados ou juízes. Intercede como vencedor, reivindicando, com o argumento de Seu sacrifício e da sepultura vazia, em favor de todos quantos “por meio Dele, aproximam-Se de Deus”. Desse modo, as acusações de Satanás já não têm o menor sentido na vida de uma pessoa banhada pelas águas da graça. Dúvida, temor e desespero são absolutamente injustificáveis.

“Ele pode salvar.” Esse é Seu ministério. Sua vida é nossa garantia, nossa segurança, pois vive para nós. E não há nenhum outro além Dele: “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1Tm 2:5).

Enriquecidos pela pobreza

Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, Se fez pobre por amor de vós, para que, pela Sua pobreza, vos tornásseis ricos. 2 Coríntios 8:9

Em meio à enfática defesa de seu ministério, Paulo não havia se esquecido das necessidades materiais da igreja de Jerusalém. Estando em Corinto, apelou aos cristãos locais para que contribuíssem com o atendimento a irmãos pobres daquela comunidade. As igrejas da Macedônia já haviam feito sua parte de modo digno de reconhecimento: “No meio da mais severa tribulação, a grande alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em rica generosidade. Pois eles, testemunho eu, na medida de suas posses, deram tudo quanto podiam, e até além do que podiam” (2Co 8:2, 3, NVI). Isso não era pouco, embora possivelmente os coríntios não fossem muito mais abastados que os macedônios. De fato, o índice de pobreza no Império Romano era alto. Mas, com a mesma disposição generosa concedida por Deus aos macedônios, os coríntios também poderiam contribuir.

O exemplo dos macedônios era altamente incentivador. Contudo, Paulo avançou em seu pensamento e apresentou um modelo de graça infinitamente mais generosa que beneficiou pecadores indigentes, em todos os tempos e lugares ao longo dos séculos: Cristo Jesus. Ele é o exemplo insuperável de entrega. Era rico na glória de Sua Divindade, mas voluntariamente escolheu assumir nossa natureza e sua pobreza total. Esvaziou-Se, nada retendo para Si, sujeitando-Se a viver como homem exposto às mesmas dificuldades que enfrentamos.

Isso Ele fez para que pudesse compartilhar conosco as riquezas da salvação e nos ajudar a encontrar o verdadeiro tesouro no Céu, acima de tudo o que possamos imaginar acumular na Terra. Cristo “Se fez pobre por amor de vós, para que, pela Sua pobreza, vos tornásseis ricos”, disse Paulo. É impossível avaliar as riquezas das quais Cristo abriu mão. A imaginação mais fértil, o raciocínio mais apurado, a mais bela poesia, a mais eloquente oratória, o texto mais profundo e

tocante, nada disso é suficiente para descrevê-las. Elas envolvem provisão para as necessidades temporais e eternas.

Por mais que nos aprofundemos no estudo a respeito de Cristo e de Sua graça, veremos que são muito mais profundos do que podemos alcançar com nosso entendimento. Diante de tudo que pudermos imaginar que Ele seja ou que esteja disposto a nos conceder, Ele é e está disposto a conceder muito mais. Essa é a riqueza que Sua pobreza nos possibilita. E tudo por causa da graça!

O esforço da entrega

*Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor.
Hebreus 12:14*

Há uma ideia, decorrente de uma visão distorcida da graça, que leva alguns cristãos a desenvolver uma experiência espiritual doentia. Essa ideia apresenta a vida cristã como uma experiência passiva, na qual as conquistas espirituais são concretizadas instantaneamente. De acordo com esse modo de pensar, quem aceita Cristo como Salvador pessoal experimenta as bênçãos da graça e entende estar dispensado de qualquer participação no próprio crescimento espiritual. Alguém já comparou essa ideia ao funcionamento de aeronaves com piloto automático, nas quais os passageiros se acomodam de olho no destino e tudo acontece sem a participação deles.

O conselho transmitido aos cristãos hebreus, entretanto, não se harmoniza com esse conceito. Há conquistas na vida cristã pelas quais devemos lutar. Em nosso texto, Paulo aponta duas delas: a paz com todos e a santidade. Como filhos do “Príncipe da paz” e súditos de Seu reino, tanto quanto possível devemos viver pacificamente com todas as pessoas (Rm 12:18), embora incansavelmente combativos contra o mal.

Ao lado disso, devemos buscar a santificação, sem a qual “ninguém verá o Senhor”, que é o mais alto objetivo da existência cristã. É significativo notar que o verso não menciona algo como “perfeição de santidade”, alcançada na Terra, mas santificação – um processo de crescimento, que se inicia no momento em que recebemos Cristo em nossa vida e nos tornamos inteiramente Dele.

Isso contraria outra ideia altamente destrutiva: a de que, se temos que ser ativos, devemos tomar o controle do processo. Esse pertence a Cristo. Nossa parte é manifestar inteira submissão, tomando decisões, fazendo escolhas, exercitando a fé. Fé e santificação andam de mãos dadas. A primeira é o alicerce, a segunda é a construção. Fé que não coloca o cristão no caminho da santificação é sem propósito;

santificação pretendida sem fé é mera religião de aparências.

Se pretendemos crescer espiritualmente, mais do que tudo precisamos estar em Cristo e Ele em nós. De acordo com Ian Thomas, “estar em Cristo, isso é redenção; mas Cristo estar em nós, isso é santificação! Estar em Cristo, isso nos torna aptos para o Céu; mas estar Cristo em nós, isso nos torna aptos para viver na Terra! Estar em Cristo altera a direção para onde vamos; mas Cristo estar em nós muda nosso propósito” (*Salvos Pela Vida de Cristo*, p. 18, 19). Precisamos continuamente dessa dependência.

Alerta máximo

Sabe, porém, isto: nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis. 2 Timóteo 3:1

Na série de conselhos dirigidos a Timóteo, Paulo não deixou de adverti-lo quanto ao ambiente em que ele exerceria seu ministério “nos últimos dias”. Tendo em mente que os cristãos daquela época já consideravam próxima a vinda de Cristo, o apóstolo mencionou a condição de frieza e apostasia em que estariam alguns religiosos: arrogantes, egoístas, desobedientes, ímpios, escravos dos prazeres, ingratos, insensíveis, irreconciliáveis, hipócritas, blasfemos, depravados, sem domínio próprio, cruéis e inimigos do bem (v. 2-5). Timóteo deveria ser cuidadoso em relação a esses, diante dos quais não poderia recuar no cumprimento do dever de apresentar fielmente a Palavra de Deus.

Contudo, a referência de Paulo também projeta uma visão do período em que vivemos. Não é necessário dizer muita coisa para descrevermos a natureza dos dias atuais. São tempos nos quais somam-se aos comportamentos indicados por Paulo outros sinais enumerados por Jesus Cristo aos discípulos (Mt 24). A recomendação do apóstolo para que Timóteo não convivesse com aqueles falsos religiosos, a fim de se proteger da influência deles, também é dirigida a nós. Precisamos nos afastar do mal e permanecer vigilantes (Mt 24:42).

Estamos perto do desfecho da história do mal e do pecado. Não há mais tempo para distrações. Conta-se que numa escola fundamental, duas alunas ocupavam-se em preparar uma lista de objetos pessoais que pretendiam levar para o que parecia ser um acampamento. No entanto, não se tratava disso. Elas haviam lido e ouvido sobre um tempo de tribulação antes da vinda de Cristo, e pensaram em se preparar para esse período. Se teriam que fugir para locais isolados, que nada lhes faltasse, pensavam. Era um gesto que mostrava a inocência delas, mas também revelava a fé que tinham na bendita

esperança. A ideia de preparo foi levada muito a sério.

Passados 12 anos, uma daquelas meninas, agora com 22 anos, estava cursando medicina. Aquela lista já não passava de uma vaga lembrança perdida entre tantas outras prioridades. Às vezes, ela dizia pensar: “Ele virá em breve!” Então, questionava: “Passaram-se 12 anos, nada aconteceu! Talvez não venha!” E concluía: “Tenho medo de nunca mais ouvir a voz me dizendo que Ele virá!” E quanto a nós? Damos importância suficientemente ao fato de que Ele virá? A voz dessa realidade não pode ser abafada em nosso coração.

Além da compreensão

Como são grandes as riquezas de Deus! Como são profundos o Seu conhecimento e a Sua sabedoria! Quem pode explicar as Suas decisões? Quem pode entender os Seus planos? Romanos 11:33; NTLH

Nós sabemos muito bem. Os dias mais escuros de nossa existência são dolorosos e quase humanamente insuportáveis, mas não são inúteis. As experiências que vivenciamos nos oferecem oportunidades para reflexão e aprendizado e abrem caminho para maiores bênçãos no fim da jornada. Você já pensou nas muitas lições que pôde aprender ou relembrar durante um longo período de recuperação de algum mal físico que o atingiu de surpresa? Um desses lembretes pode ser: Não tente entender todos os caminhos pelos quais Deus permite que você ande. Ninguém entenderá. E mais: Não se renda ao tormento de lutar com perguntas para as quais não terá respostas nesta vida. “Como ou por que vim parar nesta condição?” Talvez haja respostas; talvez, não. Se não houver, apenas confie, porque a fé é o alento espiritual do justo (Hc 2:4). Não murmure nem se queixe, conte as bênçãos, louve e agradeça, porque isso liberta. Espere, pois a esperança que temos “não nos decepciona” (Rm 5:5, NVI).

Com toda a sabedoria e inspiração com que foi abençoado, Paulo frequentemente falou de “mistérios” em seus escritos. Fez isso sempre se referindo às maravilhas da graça com que Deus nos sustenta em meio aos espinhos que permite que levemos conosco, com propósitos às vezes incompreensíveis (2Co 12:7-10). Em nosso verso de hoje, depois de mencionar a abrangência da graça de Deus, que abriga sob o senhorio Dele todos os povos, etnias e pecadores que a aceitarem, ele expressou a limitação de seu entendimento diante dessa maravilha. Então não lhe restou outra saída a não ser a que também devemos buscar diante de situações que estão além de nossa compreensão. Ou seja, acalmar-nos diante do desconhecido e tentar captar pela fé a imensidão do amor e da sabedoria do Pai.

Convém darmos uma longa trégua em nossa mente aos males que

nos afligem. Além das experiências que vivenciamos, ou em meio a elas, uma coisa deve ser o centro de nossa reflexão. John W. Peterson a expressou no refrão de um hino: “Mas um maior milagre me comove o ser; / Tão insondável é, não posso compreender: / Que o meu eterno Deus, em Seu grande amor / A mim salvasse, pobre pecador!” (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 198).

O que mais nos importa além disso? Pelo que nos oferece na eternidade, a graça supera todo revés no presente. Ao Deus sábio e infalível que a concede a nós seja “a glória eternamente! Amém” (Rm 11:36).

Um rei na casa do pão

E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti Me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade. Miquéias 5:2

O futuro avistado por Miquéias para Israel era desanimador. Cercada por tropas inimigas, Jerusalém veria seu rei ser maltratado e humilhado (Mq 5:1). No entanto, o triste cenário é repentinamente iluminado por um raio de esperança. Deus não havia abandonado Seu povo, e um novo Rei iria surgir (Mq 5:2).

Assim, o profeta teve um vislumbre do Rei-Salvador, o Messias prometido e aguardado pelos filhos de Deus desde que Adão havia perdido o paraíso edênico sob a promessa de que o Descendente da mulher viria para triunfar sobre o mal (Gn 3:15). O que nem líderes religiosos nem autoridades poderiam imaginar era que o Messias nasceria em um insignificante vilarejo de Judá, não em um ambiente da realeza de Jerusalém, conforme esperavam. Mas os propósitos do Altíssimo haviam determinado que este seria o lugar: Belém-Efrata, cujo significado é “casa de pão”.

A humildade do lugar escolhido para o nascimento de Jesus se ajusta muito bem à maneira pela qual, às vezes, Deus escolhe agir. Ele aprecia trabalhar por meio de coisas e pessoas simples, dignificando-as a partir de então. Por isso, ao longo dos tempos, Ele tem escolhido seres humanos diminutos por causa do pecado, e os tem habilitado a realizar maravilhas em Sua causa. Por Sua graça, pecadores indignos têm-se tornado gigantes espirituais. Ele, que é o “Pão da vida”, deseja fazer de nosso coração uma casa na qual possa renascer todos os dias, a fim de que aprendamos a amar e possamos crescer à semelhança Dele.

Digna de nota é a referência ao fato de que as origens do bebê nascido em Belém “são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.” Ali não ocorreu apenas o nascimento de um grande personagem histórico, benfeitor da humanidade. Belém foi a porta

através da qual Deus encarnado entrou na história da humanidade dando a vida para resgatá-la.

À semelhança do que acontecia com Israel nos dias de Miquéias, no que depender dos maioraís da Terra, o futuro da humanidade também é desanimador. Entretanto, um Libertador virá, não como bebê indefeso, mas como Rei vencedor. Então, estabelecerá Seu reino de justiça e paz. A longa noite do pecado e da morte terá fim. A sombra do mal será para sempre dissipada. Foi para isso que houve o primeiro Natal. Essa é a razão maior pela qual devemos celebrá-lo não somente em um dia do ano, mas a cada segundo da existência.

Nome sem igual

Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus. Mateus 1:21

O nome de Cristo tem sido fonte de inspiração para escritores, pregadores, compositores e cantores, que têm enaltecido o poder e atração irresistíveis que ele carrega. “Reis e reinos vão passar, mas existe algo nesse nome”, diz a letra original de uma belíssima canção composta por Bill e Gloria Gaither, conhecida em português pelo título “Cristo, algo existe em Ti”, que é cantada até hoje. O nome de Jesus abrande e ilumina com esperança o coração mais endurecido. Poderoso, tem resistido aos ataques de inimigos em suas tentativas de varrê-lo da face da Terra. Porém, ao contrário disso, um dia todos se curvarão diante desse Nome, reconhecendo-O como Rei eterno.

Nenhum outro é igual a Cristo. “Um nome que inspira devoção e o mais puro amor. O nome que Deus nos enviou como um presente [...]. Esse nome nos quer curar”, e, quem O invocar, “perdão alcançará”, cantam os Arautos do Rei a canção “O Nome Cristo”, composta por Jader Santos. Para o Novo Tom e para nós, na letra e música de Valdecir Lima e Lineu Soares da canção “Cristo”, Ele é o “lírio do vale, a rosa de Saron [...] o meigo e bom Pastor, o Pai da Eternidade [...] Ele é vida, verdade e salvação.”

O anjo contou a José a razão pela qual o bebê deveria ser chamado Jesus: “Ele salvará o Seu povo dos pecados deles” (Mt 1:21). Em hebraico, Jesus significa “o Senhor é salvação.” Isso envolve todas as formas de manifestação de Sua graça. Assim, leprosos chamaram Seu nome e foram curados. Pecadores clamaram e foram perdoados e salvos. Enlutados tiveram de volta seus mortos. Demônios foram postos em fuga, deixando livres os que lhes eram cativos. Em nome de Cristo, os apóstolos continuaram a trajetória de maravilhas, e o poder nele contido está a nosso dispor. Nele, pedimos, e o Pai nos atende. Nenhuma bênção nos será negada sempre que confiarmos em Seu nome.

Sempre haverá razão para cantarmos junto com os Arautos: “Há

poder em Teu nome, Jesus! / Há esperança em Teu nome, Jesus!”
(canção “Em Nome de Jesus”, de Jader Santos). Agora, imagine o momento em que você pronunciará esse Nome, olhando nos olhos de Seu Autor. Não apague essa imagem de sua mente. Ela lhe fará muito bem neste dia.

Troféus do sofrimento

Ele verá o fruto do penoso trabalho de Sua alma e ficará satisfeito. Isaías 53:11

Ao ler Isaías 53, você já sentiu ser esse capítulo um daqueles que devem ser lidos em atitude reverente, de adoração e gratidão? Esse é o sentimento que experimento ao lê-lo. Impossível não nos curvamos emudecidos diante dessa tocante descrição do incompreensível amor do Pai. A primeira realidade que nos é apresentada é tão terrível e repugnante quanto é o pecado para a Divindade. Ambos são inconciliáveis, e o pecado requer punição. Entretanto, a partir dessa verdade, sob a inspiração do Espírito Santo, o profeta registrou a expressão de outra realidade cheia de conforto: ao punir o pecado de Seu povo, Deus o fez na pessoa de Seu Filho, Jesus, o Messias prometido. De fato, Ele mesmo Se colocou em nosso lugar e recebeu o castigo que a nós era destinado.

Apesar de grandiosa, a boa-nova referida por Isaías aparentemente não entusiasmou os ouvintes incrédulos (Is 53:1). O protagonista dela “não tinha aparência nem formosura; olhamo-Lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse” (v. 2). Não tinha consigo a ostentação da realeza humana. Assim, foi rejeitado e desprezado pelos que eram Seus (Jo 1:11). Apesar disso, jamais deixamos de figurar em Seus planos. Havia uma missão de resgate a ser levada até o fim, e a preço incalculável.

Ninguém jamais entenderá as profundezas do sofrimento enfrentado por Jesus. “Tomou sobre Si as nossas enfermidades”, “foi transpassado por nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades”, “foi cortado da terra dos viventes” (Is 53:4-10). “As gotas de sangue que corriam de Sua fronte, Suas mãos e pés, as convulsões de agonia que sacudiam Seu corpo e a indescritível angústia que enchia Sua alma quando o Pai ocultou Dele a face falam ao ser humano, dizendo: ‘Foi por amor a você que o Filho de Deus consentiu em levar sobre Si esses odiosos crimes; por você, Ele rompeu o

domínio da morte, e abriu os portões do Paraíso e da vida imortal” (Ellen White, *História da Redenção*, p. 225).

Somos os troféus de Seu sacrifício. Toda corte celestial irrompeu em louvor assim que Jesus apresentou ao Pai as marcas desse sacrifício. Esse louvor se prolongará pela eternidade. Então Cristo verá nos remidos de todos os tempos, “o fruto do penoso trabalho de Sua alma e ficará satisfeito” (Is 53:11). Ali, pela graça do Senhor, estaremos você e eu. Fomos feitos para Ele.

Um cântico de alegria

Coroas o ano com a Tua bondade, as Tuas pegadas destilam fartura. Salmo 65:11

Estamos quase findando mais um ano. Quatro dias mais, e este ano se tornará passado. Há um ano, vivíamos as mesmas emoções e os mesmos sentimentos de agora, diante de tantos sonhos, expectativas e projetos que alimentávamos em nossa mente. Olhávamos pelo retrovisor do tempo os deslizos, obstáculos e curvas na estrada do ano anterior e acendíamos os faróis da esperança. Nada podíamos ver, mas podíamos crer, confiar, sonhar e avançar. O que vemos agora?

Frutificaram as sementes dos ideais que lançamos? Concretizaram-se os sonhos nos quais investimos intelecto, tempo, sentimentos, emoções e, talvez, dinheiro? Independentemente de quaisquer resultados colhidos, o importante é que a certeza de termos sido acompanhados pela bondade de Deus mantém a esperança e nos enche de paz. O que mais poderíamos desejar? Estamos nas mãos de um Pai empenhado em promover nosso bem em todas as circunstâncias que nos envolvam. “Um poder invisível está trabalhando continuamente para servir ao homem, para alimentá-lo e vesti-lo” e para tudo o mais (Ellen White, *Parábolas de Jesus*, p. 81).

No Salmo 65, Davi louva a Deus por Sua bondade manifestada, ao que parece, nas bênçãos de uma colheita farta. Ninguém pode afirmar não ter vivenciado a bondade divina, por meio da colheita de frutos que brotaram das sementes lançadas no início deste ano. Há realizações e conquistas a serem contabilizadas; ideais e sonhos realizados. Objetivos atingidos. E há bênçãos em forma de crescimento experimentado e lições aprendidas em meio a perdas momentâneas.

Até aqui chegamos amparados pelo mesmo poder que sustém os mundos em suas órbitas e mantém firmes as montanhas. A mesma luz que faz os poderes das trevas tremerem ilumina nosso caminho. A mesma voz que acalma tormentas transmite serenidade a nosso coração. Nosso Deus é o grande Eu Sou, o Alfa e o Ômega, Aquele que

nos alcançou no mais profundo nível da nossa pecaminosidade e nos dignificou. Um Deus que nos ama de uma eternidade a outra, passada e futura, e cujas misericórdias não têm fim. Ele responde a todos os nossos clamores, sempre além do que pensamos, desejamos ou pedimos, conhecendo o que é melhor para nós. Por onde passa, deixa fartura. Portanto, assim como na linguagem do salmista, os campos revestidos de rebanhos e os vales cobertos de trigo “exultam de alegria e cantam” (Sl 65:13), cantemos nós também. Temos razões para cantar.

Quando será?

Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o Filho, senão o Pai. Mateus 24:36

Durante um intervalo entre palestras de um congresso, fui abordado por um participante que me perguntou: “Pastor, como é possível sentirmos saudades de alguma coisa que nunca vimos?” Referia-se às tantas vezes em que nós dizemos estar sentindo “saudades do Céu”. Essa saudade, inclusive, é tema de muitos de nossos belos hinos, como “Saudade” (*Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 340) e “Além do Rio” (*ibid.*, nº 570). A ênfase é no anseio de que logo chegue o momento de vermos o Rei.

Com a expressão dessa saudade, tentamos traduzir nosso profundo anseio de que logo chegue o momento de vermos o Rei, conhecê-Lo assim como Ele é; experimentar Nele e junto a Ele a libertação de tudo o que nos faz sofrer no mundo e viver a glória de Sua presença para sempre.

“Tudo dentro de nós clama pela vida e pela permanência; no entanto, tudo que nos cerca nos faz lembrar da mortalidade” (Aiden Tozer, *Mais Perto de Deus*, p. 52, 53). Contudo, um dia voltaremos à eterna Fonte de nossa origem: o próprio Deus. Por isso, ansiosos pelo cumprimento da promessa feita por Jesus de nos levar para a casa do Pai, nós, à semelhança dos discípulos, perguntamos: “Quando será?” Não sabemos. Nem o Mestre revelou que soubesse. Paradoxo para Aquele que conhece todas as coisas? Evidentemente, não. A declaração não torna Jesus menos Deus do que sempre foi.

Ekkehardt Mueller opina: “A declaração foi feita durante o período em que esteve encarnado como ser humano, e é a partir dessa perspectiva que deve ser compreendida” (*Ministério*, jan/fev, 2012, p. 17). E o *Comentário Bíblico Adventista* afirma: “Como um homem na Terra, Cristo limitou voluntariamente Seu conhecimento e poder na medida da capacidade dos seres humanos” (v. 5, p. 538).

Contudo, o que mais nos importa do que saber simplesmente que

Ele virá? Isso é tudo. Nossas dores terão fim, as lágrimas serão enxugadas, o pecado não mais existirá. Mataremos a saudade de nossos queridos e a saudade (anseio) de Jesus. A morte morrerá!

Tudo nos diz que “Ele está vindo. Se será hoje, um dia ou dois, depois de amanhã, o que importa saber é que Ele volta; e vem para recolher os que já são Seus” (Jader Santos). Enquanto isso, continuemos esperando e nos preparando.

Esperar ou apressar?

Vivam de maneira santa e piedosa, esperando o dia de Deus e apressando a Sua vinda. 2 Pedro 3:11, 12, NVI

Assim como em nossos dias, também havia nos dias do apóstolo Pedro quem zombasse da vinda de Cristo. Os cristãos sob seus cuidados necessitavam de orientação, ânimo e certeza. Com plena segurança de que o Senhor não falhará, o apóstolo se apressou em aconselhá-los. Reafirmou a certeza no cumprimento da promessa divina e lhes expôs o estilo de vida que deveriam manter enquanto aguardassem a manifestação do Salvador: “Que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa, esperando o dia de Deus e apressando a Sua vinda” (2Pe 3:11, 12, NVI).

No entanto, algumas pessoas se perguntam: “Podemos apressar a vinda de Cristo? Deus não tem o controle absoluto da situação? Como poderíamos redirecionar, retardar ou adiantar a execução de Seus propósitos?” Inicialmente, será bom prestarmos atenção ao significado original das palavras “esperar” e “apressar” nesse verso. A primeira palavra, tradução do termo grego *prosdokao*, reflete uma “grande expectativa”, portanto ativa, prática, além do conhecimento meramente teórico de que algo vai acontecer. Ou seja, implica preparo, tendo em vista o desfecho do que é esperado. A segunda palavra é a tradução para o termo grego *speudō*, “continuamente apressando”; “veementemente desejando”, enquanto nos preparamos.

O próprio Jesus associou a espera ao envolvimento ativo na missão: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim” (Mt 24:14). “É privilégio de todo cristão, não só aguardar, mas mesmo apressar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ellen White, *Evangelismo*, p. 696).

Fazer-nos participantes da missão que prepara o mundo para esse glorioso acontecimento, no entanto, não significa dependência humana da parte de Deus. “É privilégio” a nós concedido. Ele tem nas mãos o curso da História e a missão. “A Majestade do Céu tem sob Sua

direção o destino das nações e os negócios de Sua igreja” (Ellen White, *Testemunhos Seletos*, v. 2, p. 352). Pode muito bem dirigi-las sem nossa ajuda. Anjos, por exemplo, poderiam concluir a missão de evangelizar o mundo. Contudo, o Senhor escolheu contar conosco, apesar de nós mesmos. Quanto a nós, não deveríamos nos omitir de trabalhar lado a lado com Aquele que graciosamente nos escolheu, a fim de compartilhar com todas as pessoas o plano da redenção para o ser humano.

A glória da graça

E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

Romanos 8:30

Estou tentando me lembrar do final feliz mais emocionante para uma grande história sobre a qual eu tenha lido, ouvido ou que tenha vivenciado. Pode ser que você tenha muitas na lembrança, mas se destaca para mim o momento em que a noiva surge esplendorosa conduzida pelo pai em direção ao noivo, que a espera no altar. Tendo realizado várias cerimônias de casamento, testemunhei a emoção de quem espera e de quem vai ao encontro. O brilho nos olhos, o sorriso e as lágrimas ao mesmo tempo. No rosto de um e do outro, a expressão da vontade de acelerar o ritmo da marcha nupcial. Certa vez, ouvi uma emocionada e sorridente noiva repetir em sussurro: “Acho que vou enfartar! Acho que vou enfartar!” Você consegue imaginar a intensidade desse momento?

No entanto, de uma coisa sei: todos os finais felizes de todas as histórias reunidos, por mais extraordinários que sejam, passam de mera sombra do apogeu glorioso da graça. O plano redentor de Deus, estabelecido desde antes da fundação do mundo (1Pe 1:20), está em andamento e será concretizado. Deus predestinou todos os seres humanos para salvação, a todos chamou por meio do convite do evangelho, justifica pela graça e glorificará os que aceitarem Seu convite. Esses reinarão com Ele pelos séculos da eternidade.

Desse modo, o cristão vive na certeza da salvação e na feliz expectativa da glorificação. “A glorificação é um ato mediante o qual Deus permite que os redimidos compartilhem de Sua radiante glória. Isso significará salvação em seu sentido mais amplo e final” (Hans LaRondelle, *O Que é Salvação*, p. 117). Para isso, Cristo veio, viveu, morreu e ressuscitou. Para isso, “a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens” (Tt 2:11). Com o pensamento na grandiosidade da graça, Paulo disse gloriar-se, bem como os demais

cristãos, “na esperança da glória de Deus” (Rm 5:2).

O pecado tem deixado sua marca na experiência humana e nos cenários mais belos da natureza. Entretanto, virá o dia em que seremos libertos de seus efeitos. Viveremos esta incrível realidade: “O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. [...] Desde o minúsculo átomo até o maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeita alegria, declaram que Deus é amor” (Ellen White, *O Grande Conflito*, p. 678). Estamos um ano mais perto dessa glória!

A última prece

Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus! Apocalipse 22:20

Seria demais imaginar que o inimigo de Deus assistiria indiferente ao extraordinário crescimento da igreja de Cristo no primeiro século. Assim, por meio da religião e do Estado, ele empreendeu a mais severa perseguição aos apóstolos e outros fiéis cristãos. Alguns depuseram a vida decapitados, outros foram devorados por feras nas arenas públicas ou queimados como tochas humanas nos jardins imperiais romanos.

João foi o último dos apóstolos a ser julgado e condenado por causa da fé que professava. Inicialmente, por ordem de Domiciano, ele foi sentenciado à morte em um caldeirão de óleo fervente. Diante da formalização da sentença, João declarou: “Meu Mestre Se submeteu pacientemente a tudo quanto Satanás e seus anjos puderam inventar para humilhá-Lo e torturá-Lo. Ele deu a vida para salvar o mundo. Considero uma honra ser permitido que eu sofra por Seu amor” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, p. 570). Impressionados pela força desse testemunho, seus algozes o tiraram do tacho, e ele sobreviveu sendo, posteriormente, exilado na solitária ilha de Patmos, no Mar Egeu.

Ali, João teve o privilégio de receber significativas visões a respeito da história da igreja ao longo dos tempos. Viu o Filho do Homem conduzindo-a em sua trajetória de pureza doutrinária, em suas lutas no enfrentamento de heresias e no combate a elas por meio da coragem de fiéis defensores da verdade. Sim, João contemplou o trono de Deus, ouviu o cântico dos remidos junto ao mar “como que de vidro” (Ap 15:2, 3), viu o Cordeiro, por cujo sangue derramado somos espiritualmente lavados, tornados mais alvos que a neve e também vencedores. Finalmente, viu o fim do pecado, de seu autor e de seus adeptos. Viu a morte para sempre vencida e o pranto eternamente erradicado. Foram-lhe mostradas a nova Terra, a nova ordem de amor, paz e justiça no reino que jamais passará.

Nessa direção, caminhamos pela graça divina. Nossas lutas pessoais decorrentes do pecado inerente a nós serão para sempre superadas. Ameaças às nossas boas intenções de fidelidade a Deus desaparecerão. Tropeços e quedas, nunca mais! O triunfo da graça é real! Seu Autor garantiu que não falhará em vir compartilhar conosco essa vitória: “Sim, venho em breve!” Logo chegaremos à glória! Assim como João, tendo o coração queimando em anseio de que isso não demore, nós oramos: “Amém! Vem, Senhor Jesus!”

Índice Bíblico

Gênesis

1:27	15 out.
2:15	1o maio / 28 jul.
2:24	13 maio
5:24	4 ago.
18:14	11 jul.
19:17	4 maio
21:33	23 maio
22:2	19 mar.
33:14	12 out.

Êxodo

3:6	29 set.
12:7	15 jun.

14:13	28 nov.
17:12	31 out.
19:9	27 jul.
20:1, 2	12 fev.
20:3	13 fev./14 jun.
20:12	10 maio
20:12-17	14 fev.
33:18	29 maio
Levítico	
19:18	25 maio
Números	
13:33	20 jan.
21:9	9 abr.
22:12	1o abr.
Deuteronômio	
4:9	27 fev.
8:5	10 jun.

23:14	28 ago.

31:7	3 abr.

33:27	17 dez.

34:1	20 mar.

Josué

1:9	29 out.

3:4	8 jul.

8:11	22 abr.

10:13	23 abr.

20:1-3	21 jan.

Juízes

4:14	1o out.

11:11	28 maio

Rute

4:14, 15	7 jun.

1 Samuel

7:12 20 ago.

12:3, 4 12 jun.

2 Samuel

5:24 17 jul.

7:18 13 dez.

9:7 26 fev.

12:13 3 out.

21:10 23 jun.

1 Reis

18:38 24 mar.

19:7 18 jun.

2 Reis

2:21 31 mar.

5:3 9 nov.

7:9 7 jul.

1 Crônicas

16:29 4 jan.

21:13	16 maio

2 Crônicas

21:20	5 jun.

Neemias

4:2	5 jul.

6:9	30 nov.

Ester

4:14	31 maio

Jó

2:10	1º jun.

19:25	3 set.

42:2	29 abr.

Salmos

8:4	6 abr.

17:15	14 dez.

18:35	22 ago.

19:12, 13	18 dez.

23:1	19 out.
23:6	20 out.
27:1	25 set.
27:14	6 mar.
30:5	2 abr.
34:8	18 nov.
36:9	23 jul.
46:10	25 fev.
51:11	26 nov.
52:8	20 jul.
55:6	12 mar.
65:11	27 dez.
77:10	27 mar.
84:5	17 out.
89:8	4 fev.
90:12	1o jan.
91:1, 2	8 set.

92:12	22 jul.
116:12	9 set.
118:24	5 maio
118:27	17 ago.
121:1, 2	7 out.
137:1-3	23 jan.
139:1, 2	5 fev.
139:7	6 fev.
139:23	7 fev.
144:12	10 ago.
145:5	24 maio
146:5	8 mar.
147:9	29 jul.

Provérbios

3:5	12 dez.
3:21	24 set.
17:17	7 abr.

19:11 27 set.

25:11 5 abr.

Eclesiastes

7:1 10 mar.

10:1 15 mar.

11:1 26 jun.

Cântico dos Cânticos

1:4 7 nov.

Isaías

6:5 20 maio

30:15 26 maio

40:31 11 fev.

42:3 13 ago.

43:25 13 jan.

45:5 8 jun.

45:15 14 mar.

49:16 4 jul.

53:11 26 dez.

55:11 25 out.

56:7 16 out.

61:1 5 nov.

Jeremias

8:22 7 maio

12:5 12 jan.

15:16 10 dez.

20:9 27 jun.

23:6 9 jul.

31:3 9 mar.

33:10, 11 15 jul.

35:6 5 set.

37:17 19 jun.

Lamentações

3:22, 23 22 jan.

3:26 30 jun.

3:39 5 ago.

Ezequiel

3:14 6 ago.

11:19 29 fev.

20:20 14 nov.

35:10 22 jun.

37:5 24 abr.

47:12 16 ago.

Daniel

3:16-18 11 ago.

6:1, 2 18 jan.

7:9, 10 22 out.

7:27 3 dez.

9:5 30 ago.

12:1 8 dez.

12:3 29 nov.

Oseias

6:6 24 jun.

10:12 1º set.

Joel

2:23 30 mar.

Obadias

1:3 10 nov.

Jonas

2:9 8 maio

Miqueias

5:2 24 dez.

7:3 6 jul.

7:19 17 jun.

Naum

1:7 9 dez.

Habacuque

2:1 26 jan.

Zacarias

2:5 15 set.

2:8 1o fev.

4:6 20 fev.

Mateus

1:21 25 dez.

4:5, 6 15 jan.

4:8, 9 16 jan.

5:3 13 abr.

5:4 14 abr.

5:5 15 abr.

5:6 16 abr.

5:7 17 abr.

5:8 18 abr.

5:9 19 abr.

5:10 20 abr.

5:13, 14 1o mar.

5:20 4 dez.

5:37	26 out.
5:38, 39	17 fev.
5:41	8 out.
5:48	13 jul.
6:9	9 ago.
6:14, 15	15 fev.
6:27	10 jan.
6:33	1o dez.
7:1	9 out.
7:12	3 mar.
7:24	14 maio
10:34	20 nov.
11:29	28 fev.
12:31	4 nov.
13:24, 25	29 jun.
14:13	2 set.
14:28	20 set.

15:28 24 ago.

20:26 26 mar.

22:11, 12 3 jul.

24:36 28 dez.

25:40 6 set.

26:38 1o nov.

26:48 23 nov.

28:20 19 jan.

Marcos

6:32 21 maio

8:34 5 jan.

9:5 20 jun.

9:8 15 nov.

9:45 25 ago.

10:51 28 jun.

12:38-40 14 out.

12:44 4 jun.

14:51, 52	2 jul.
15:21	11 mar.
15:39	26 jul.
16:6	12 abr.
Lucas	
6:38	26 ago.
8:5	6 nov.
8:50	22 maio
10:37	12 maio
15:7	27 out.
15:18	17 maio
15:20	18 maio
15:29	19 maio
18:1	11 out.
18:14	21 set.
19:9	21 out.
22:31, 32	21 jun.

23:53, 54	11 abr.
24:32	27 nov.
João	
1:12	16 nov.
1:16	10 set.
2:5	21 nov.
3:3	11 jun.
4:48	12 ago.
5:16	17 nov.
5:40	16 set.
6:48	27 jan.
6:68	2 maio
7:37	29 jan.
8:12	30 jan.
8:36	7 set.
9:1	4 mar.
10:9	28 jan.

10:10	2 fev.
10:11	31 jan.
12:21	22 set.
14:16	29 mar.
14:23	8 nov.
15:5	13 jun.
15:15	18 jul.
15:16	12 set.
16:33	25 mar.
17:15	1o ago.
17:24	26 abr.
18:38	16 fev.
20:27	11 maio
21:15	3 maio
21:20	8 jan.
Atos	
1:8	28 mar.

3:6	10 out.
4:12	17 set.
8:37	25 jun.
11:26	30 maio
12:11	2 out.
15:37-39	9 maio
16:25	21 abr.
20:35	8 abr.
24:16	23 out.
27:20	16 jun.
Romanos	
1:16	24 jan.
1:17	18 set.
3:25	10 abr.
5:20	6 jan.
6:1	4 out.
7:19	16 mar.

8:1 17 mar.

8:28 18 mar.

8:30 30 dez.

11:33 23 dez.

12:2 23 fev.

12:3 23 ago.

14:8 2 ago.

12:10 2 dez.

12:12 6 maio

1 Coríntios

2:2 14 set.

2:9 3 ago.

6:19 25 nov.

10:12 15 ago.

10:23 28 set.

10:31 1o jul.

12:26 30 abr.

15:10	6 out.
15:57	28 out.
15:58	2 nov.
2 Coríntios	
1:3, 4	21 jul.
1:20	30 out.
2:15, 16	17 jan.
3:3	30 set.
4:7	28 abr.
4:8, 9	29 ago.
5:14	19 set.
5:17	13 out.
5:20	18 ago.
8:9	20 dez.
11:27	31 jul.
12:7-9	19 fev.
Gálatas	

2:19, 20	4 set.

6:2	25 jan.

Efésios

1:13	13 nov.

1:22, 23,	16 dez.

2:13	21 ago.

3:1	21 fev.

4:26	25 abr.

5:1	14 jul.

6:12	15 dez.

Filipenses

1:6	12 jul.

2:3	22 mar.

2:9-11	9 jan.

3:8	24 fev.

3:13, 14	3 jan.

4:4	6 jun.

4:8 22 fev.

4:13 4 abr.

Colossenses

3:3 8 ago.

3:15 2 jan.

3:16 7 mar.

1 Tessalonicenses

4:16 5 dez.

5:19 3 nov.

1 Timóteo

1:15 14 ago.

4:7 30 jul.

6:8 13 mar.

2 Timóteo

1:12 7 ago.

2:8 11 nov.

2:11 23 set.

2:12	12 nov.

3:1	22 dez.

4:21	21 mar.

Tito

2:9, 10	22 nov.

Filemom

11	2 jun.

Hebreus

1:4	19 jul.

4:15	14 jan.

7:25	19 dez.

10:23	8 fev.

11:6	18 fev.

11:24, 25	31 ago.

11:33-35	9 fev.

11:35-38	10 fev.

12:1	24 jul.

12:2	25 jul.
12:14	21 dez.
12:15	11 set.
13:5	15 maio
13:17, 18	24 out.
Tiago	
1:5	13 set.
1:13	23 mar.
1:15	27 maio
4:5	26 set.
4:15	16 jul.
1 Pedro	
1:18, 19	24 nov.
2:10	5 out.
5:10	2 mar.
2 Pedro	
1:5-7	5 mar.

3:11	7 jan.

3:11, 12	29 dez.

1 João

3:2	19 ago.

3:3	6 dez.

3:20	10 jul.

4:8	3 fev.

5:4	27 abr.

3 João

2	27 ago.

Judas

24	11 jan.

Apocalipse

1:15	7 dez.

3:20	19 nov.

5:2	3 jun.

5:11	11 dez.

14:1 18 out.

14:12 9 jun.

22:20 31 dez.